UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

MIRIAN SILVA ROSSI

FRONTEIRAS DA PÁTRIA
dos campos sem vida aos campos de morte

São Paulo
2016

MIRIAN SILVA ROSSI

FRONTEIRAS DA PÁTRIA
dos campos sem vida aos campos de morte

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
do Departamento de História da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para obtenção do
grau de Doutora em Ciências.

Área de Concentração: História Social

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Tucci Carneiro

São Paulo

2016

A Eleonora e Americo

elos de uma longa cadeia que não tem começo e nem fim
in memoriam

Ao Claudio

com quem atravessei tantas fronteiras... Sempre, para sempre...

AGRADECIMENTOS

Trago dentro do meu coração, / Como num cofre que se não pode fechar de cheio, / Todos os lugares onde estive, / Todos os portos a que cheguei, / Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias, / Ou de tombadilhos, sonhando, / E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.

Passagem das Horas. Álvaro de Campos, 1916.

Em todos os lugares onde estive, ao longo dos anos em que me dediquei a colher os resíduos encobertos pelo tempo, conheci pessoas generosas aquém e além do Atlântico. Tantas, que mencioná-las todas seria correr o risco de omitir algumas. A todos, bibliotecários, museólogos, arquivistas, secretários, enfim, aos inúmeros e dedicados integrantes de museus, bibliotecas e arquivos, manifesto a minha profunda gratidão pelo atencioso acolhimento.

A Leonor Orlando, expresso os meus mais ternos e sinceros agradecimentos por ter me confiado a guarda das cartas de Americo Orlando, conservadas por três gerações de mulheres, que sopraram a centelha que daria vida a esta pesquisa. Preservo esse legado com todo o desvelo, até o dia de passá-lo às mãos de mais uma geração de guardiã.

À minha muito estimada orientadora e amiga, Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Tucci Carneiro, coordenadora do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER/USP), centro dedicado à preservação da história e da memória dos grupos étnicos presentes na sociedade brasileira, do qual me orgulho em fazer parte, manifesto a minha eterna gratidão por ter me dado o privilégio de seguir comigo nesse percurso, corrigindo os desvios e clareando os caminhos.

A Sylvia Duarte Dantas, Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e coordenadora do Grupo de Pesquisa Diálogos Interculturais (IEA/USP) e ao Prof. Dr. Elias Thomé Saliba, do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), meus sinceros agradecimentos por terem me honrado com a sua presença no meu Exame de Qualificação, contribuindo com profícuas e precisas observações.

Por fim, a minha gratidão e o meu carinho especial ao Cláudio, meu marido, meu ouvinte, meu leitor, meu interlocutor, sempre ao meu lado em todos os momentos, pelo interesse, participação e estímulo, e aos meus filhos, Cristina, Guilherme e Paula, elos amados de uma cadeia sem fim.

RESUMO

ROSSI, Mirian Silva. *Fronteiras da Pátria: dos campos sem vida aos campos de morte*. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.

O desenvolvimento desta pesquisa teve como plataforma inicial de reflexão o epistolário de Americo Orlando, nascido no Brasil três meses após a chegada de sua família, emigrada da Itália meridional em 1895. A série epistolar – de quase uma centena de cartas e cartões postais enviados do front italiano da Primeira Guerra Mundial – traz à luz dois dos maiores e mais traumáticos episódios que a humanidade já presenciou: a *Grande Imigração* e a *Grande Guerra* (1914-1918), que em um dado momento se cruzam em território brasileiro. A análise das questões que se referem à *Grande Imigração* concentra-se, sobretudo, na situação conjuntural e nos diversos aspectos que caracterizaram a imigração italiana meridional na capital de São Paulo, entre os séculos XIX e XX. A *Grande Guerra*, circunscrita aqui à guerra entre o Reino de Itália e o Império Austro-Húngaro, tem como foco de análise, não os aspectos militar, tático ou estratégico, político ou econômico, mas a dimensão e o alcance dessa tragédia mundial, que atingiu milhares de civis e militares. Neste contexto, destaca-se a convocação dos imigrantes italianos de além-mar, particularmente os residentes no Brasil. Considerando o duplo objeto de investigação, cuja essência, pela sua magnitude e complexidade, encontra-se no cruzamento das ciências sociais, privilegiou-se uma abordagem interdisciplinar, com o livre trânsito do conhecimento através dos saberes e a adoção de conceitos que envolvem diversas especialidades. Ressalte-se que o presente estudo, a despeito de ter como fonte cartas pessoais enviadas do front de guerra, não é pautado por uma história de vida ou uma história de guerra. O seu título, *Fronteiras da Pátria: dos campos sem vida aos campos de morte*, intenta indicar o percurso dos emigrantes do antigo Reino das Duas Sicílias, que atravessando inúmeras fronteiras, materiais e imateriais, deixaram para trás os campos sem vida da Itália do sul, em busca de uma nova pátria, onde reconstruíram as condições mínimas de existência, refizeram os seus laços, estabeleceram os seus vínculos, até os seus filhos serem chamados para os campos de morte da Primeira Guerra Mundial.

Palavras-chave: Epistolário; Guerra; Imigração; Itália; Memória; São Paulo

ABSTRACT

ROSSI, Mirian Silva. *Borders of Homeland: from the lifeless fields to the death camps*. PhD Thesis - Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences of University of São Paulo, 2016.

The development of this research had as initial platform for reflection the epistolary of Americo Orlando, born in Brazil three months after the arrival of his family, emigrated from southern Italy in 1895. The epistolary series – nearly a hundred letters and postcards sent by the Italian battle front during the World War I – brings to light two of the biggest and most traumatic episodes that mankind has ever witnessed: the *Great Immigration* and the *Great War* (1914-1918), which at a given time has crossed in Brazilian territory. The analysis of the issues relating the *Great Immigration* are mainly focuses on the conjuncture situation and on the various aspects that characterized the southern Italian immigration to the São Paulo's capital, between the 19th and 20th centuries. The *Great War*, limited here to the war between the Kingdom of Italy and the Austro-Hungarian Empire has, as focus of analysis, not the military, tactical or strategic, political or economic aspects, but the dimension and scope of this world tragedy, which has hit thousands of civilians and military. In this context, stand out the overseas Italian immigrants' recruitment, particularly the Brazilian residents. Considering the double object under research whose essence, by its magnitude and complexity is at the intersection of the social sciences, the emphasis is on an interdisciplinary approach with the free movement through knowledge, and the adoption of concepts involving several specialties. It should be stressed that the present study, in spite of having as a source personal letters sent from the front lines of war, it is not based on a life story or a story of war. Its title, *Borders of Homeland: from the lifeless fields to the death camps*, try to indicate the route of the emigrants of the former Kingdom of the Two Sicilies, who crossed many borders, material and immaterial, leaving behind the lifeless fields of southern Italy in search of a new homeland, where they rebuilt the minimum conditions of existence, redid their ties, established their linkages, until their sons be called to the death camps of the First World War.

Keywords: Epistolary; Immigration; Italian; Memory; São Paulo; War

RIASSUNTO

ROSSI, Mirian Silva. *Confini della Patria: dai campi senza vita ai campi di morte*. Tesi di Dottorato - Facoltà di Filosofia, Lettere e Scienze Umane della Università di São Paulo, 2016.

Lo sviluppo di questa ricerca ha avuto come piattaforma iniziale di riflessione l'epistolario di Amerigo Orlando, nato in Brasile tre mesi dopo l'arrivo della sua famiglia, emigrata dall'Italia meridionale nel 1895. La serie epistolare – quasi un centinaio di lettere e cartoline inviate dal fronte italiano della Prima Guerra Mondiale – mette in luce due degli episodi più grande e più traumatici che l'umanità abbia mai visto: la *Grande Immigrazione* e la *Grande Guerra* (1914-1918), che a un certo punto si intersecano in territorio brasiliano. L'analisi delle questioni relative alla *Grande Immigrazione* si concentra principalmente sulla situazione congiunturale e sui vari aspetti che hanno caratterizzato l'immigrazione dall'Italia meridionale verso la capitale di São Paulo, tra il 19° e 20° secolo. La *Grande Guerra*, limitata qui alla guerra tra il Regno d'Italia e l'Impero Austro-Ungarico, ha come punto di riferimento dell'analisi, non gli aspetti militari, tattici o strategici, politici o economici, ma la dimensione e la portata di quella tragedia mondiale, che ha colpito migliaia di civili e militari. In questo contesto, si spicca la convocazione degli immigranti italiani dall'estero, in particolare i residenti in Brasile. Considerando che il doppio oggetto di indagine la cui essenza, per la sua ampiezza e complessità, si trova nell'intersezione delle scienze sociali si è data la preferenza ad un approccio interdisciplinare, con la libera circolazione della conoscenza per mezzo del sapere, e l'adozione di concetti che coinvolgono varie specialità. Dovrebbe essere sottolineato che il presente studio, pur avendo come fonte lettere personali inviate dai fronti di guerra, non è basato su una storia di vita o una storia di guerra. Il suo titolo, *Confini della Patria: dai campi senza vita ai campi di morte*, intende indicare il percorso degli emigranti provenienti dall'ex Regno delle due Sicilie e che attraversando numerosi confini, materiali e immateriali, si sono lasciati alle spalle i campi senza vita dell'Italia del sud, in cerca di una nuova patria, dove hanno ricostruito le condizioni minime di esistenza, hanno rifatto i loro legami e stabilito i loro vincoli, fino a quando i loro figli sono chiamati ai campi di morte della Prima Guerra Mondiale.

Parole chiave: Epistolare; Guerra; Immigrazione; Italiano; Memoria; São Paulo

SIGLAS E ABREVIATURAS

ALESP	Assembleia Legislativa de São Paulo
ALSP	Archivio Ligure della Scrittura Popolare
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História
DNOG	Divisão Naval em Operações de Guerra
EMA	Estado Maior da Armada
FGV	Fundação Getulio Vargas
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FNUAP	Fundo das Nações Unidas para a População
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAE	Ministero degli Affari Esteri
MSIdGG	Museo Storico Italiano della Grande Guerra
SACOP	Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo

ICONOGRAFIA

1. L'Astico, giornale delle trincee. Zona di Guerra, Itália, 1918. Museo Storico della Guerra 1915 – 1918. Monte Grappa.....	20
2. Cartão Postal Ilustrado. 14 x 9 cm. Zona de Guerra, Itália, 1916. Acervo Scioli Orlando/SP.....	21
3. Brasões Scioli. Igreja Santa Maria Maggiore. Guardiagrele. Fotos de Mirian Rossi, 2005.....	38
4. In América. Folheto de Propaganda. Itália, s.d.. Arquivo Histórico Municipal de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul.....	94
5. Angelo Tommasi. <i>Gli Emigranti</i> . O.S.T. 4,33 x 2,62 cm. Roma, 1896. Galleria Nazionale di Arte Moderna.....	99
6. Filo di Lana. Fotógrafo não identificado. Roma, 2003. Complesso del Vittoriano.....	100
7. Immigrants being inspected. USA, 1904. Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. 20540.....	112
8. Hospedaria de Imigrantes. Fotógrafo não identificado. São Paulo, s.d.. Museu da Imigração do Estado de São Paulo.....	116
9. Estação da Hospedaria de Imigrantes. Fotógrafo não identificado. São Paulo, 1910. Relatório da Secretaria da Agricultura	116
10. Refeitório e Dormitório de Casal. Hospedaria de Imigrantes. Fotógrafo não identificado. São Paulo, 1906. Relatório da Secretaria da Agricultura.....	119
11. Agência Oficial de Colonização e Trabalho. Fotógrafo não identificado. São Paulo, 1910. Relatório da Secretaria da Agricultura,.....	124
12. Sede das Agências Telegráfica, Cambial e Postal. Fotógrafo não identificado. São Paulo, s. d.. Museu da Imigração do Estado de São Paulo.....	125
13. Degelo em Adamello Ortles-Cevedale. Fotos de Stefano Torrione. Itália, 2014. <i>National Geographic Italia</i>	163
14. Restos de soldados austríacos encontrados em alta cota. Itália. História Militar Online.....	164
15. Rio Isonzo. Itália. Fotos de Mirian Rossi, 2010.....	165
16. <i>Soldato</i> . Folheto. Propaganda de Guerra. Rovereto, s.d.. Museo Storico Italiano della Guerra.....	168
17. <i>Soldati!</i> Folheto. Propaganda de Guerra. Rovereto, s.d.. Museo Storico Italiano della Guerra.....	169

18. <i>Soldati Austro-Ungarici!</i> Folheto. Propaganda de Guerra. Rovereto, 1916. Museo Storico Italiano della Guerra.....	171
19. Refugiados em fuga durante a batalha de Caporetto. Fotografia não identificado. Arredores de Caporetto, 1917.....	180
20. Boletim Semanal da Guerra. São Paulo, 24 de Agosto de 1914. <i>O Estado de S. Paulo</i>	186
21. Il Re ha decretado la mobilitazione generale. São Paulo, 23 Maggio 1915. <i>Fanfulla</i>	188
22. Reservistas diante da Casa Martineli. São Paulo, 13 Giugno 1915. <i>Fanfulla</i>	191
23. Manifestação popular na partida dos reservistas. Estação da Luz. São Paulo, 2 Giugno 1915. <i>Fanfulla</i>	192
24. Um momento grave para o Brasil. Rio de Janeiro, 8 de Abril de 1917. <i>Correio da Manhã</i> . Anno XVI, nº 6.618.....	204
25. Missão Médica Brasileira [ao centro o Presidente Wenceslau Braz]. Rio de Janeiro, 1918. Bibliex. O Exército na História do Brasil.....	213
26. Placa comemorativa. <i>Hôpital Vaugirard</i> . Paris, 1998.....	214
27. Cartão de A. Orlando enviado a Giuseppe Orlando. Aieta, 19 de Março de 1917. Acervo Scioli Orlando/SP.....	242
28. Folha Militar de Americo Orlando. Chieti, 1895. Archivio di Stato di Chieti.....	243
29. Carta de A. Orlando enviada a sua mãe. Zona de Guerra, Itália. 13 de Agosto de 1917. Acervo Scioli Orlando/SP.....	254
30. Carta de A. Orlando enviada a sua mãe. Zona de Guerra. Itália, 13 Agosto de 1917. Acervo Scioli Orlando/SP.....	254
31. Trincheiras. Fotos de Mirian Rossi. Redipuglia, 2005.....	258
32. Resto de trincheira. Fotos de Mirian Rossi. Redipuglia, 2005. Museo all'aperto della Dolina del XV Bersaglieri.....	259
33. Máscara contra gás. Fotos de Mirian Rossi. Rovereto, 2005. Museo Storico Italiano della Guerra.....	259

SUMÁRIO

Nota da Autora	13
INTRODUÇÃO	15
I SEMENTES DE UMA DIÁSPORA	
1.1. A Guardiã da Majella	36
1.2. Biografia de um Reino	42
1.3. O Nascimento de uma Nação	57
1.4. Os Deserdados do Reino	72
II TRAVESSIA	
2.1. Tempo de Renascer	84
2.2. Terra em Fuga	92
2.3. Abraços Partidos	97
2.4. Mar Aberto	102
III ESPAÇOS CRUZADOS	
3.1. Nas Antessalas do Novo Mundo	110
3.2. Sendo Formosa, Carecia de Dote	129
3.3. Recriando Espaços, Refazendo Laços	138
3.4. De Imigrante a Cidadão	147
IV À BEIRA DO ABISMO	
4.1. O Trágico Verão Europeu	154
4.2. Quando o Piave Murmurou	160
4.3. Cicatrizes Incanceláveis	173

V	ECOS DA GUERRA	
5.1.	A Guerra em Palavras	184
5.2.	Laços de Sangue	187
5.3.	A Tragédia da Luz	199
5.4.	Relações em Conflito	202
VI	HOMENS À DERIVA	
6.1.	O Mergulho entre dois Mundos	218
6.2.	O Preço da Honra	226
6.3.	O Passado Desdobrado	240
6.4.	A Última Batalha.....	252
6.5.	O Ramo Perdido	257
	NOTAS CONCLUSIVAS	261
	REFERÊNCIAS	
	Fontes	266
	Bibliografia	279
	Iconografia	295
	Filmografia	296
	APÊNDICE I	297
	APÊNDICE II	320

Nota da Autora

As páginas que seguem... Guardei-as comigo por muitos anos.

Elas falam de vivências humanas: de sonhos, angústias, perdas, superações, lutas, sobrevivência e esperança. Falam das gentes do *Mezzogiorno* italiano, do seu universo ancestral, do tempo em que se dispersaram por mundos desconhecidos em direção a uma nova vida. Falam de lembranças de jovens que se lançaram em combates cruentos e cruéis, de homens que atravessaram um oceano para lutar por aquela que um dia fora a pátria-mãe. Falam de dimensões de sentidos; falam de sentimentos. De certa forma elas fazem parte da minha vida, mas, sobretudo, fazem parte da nossa história, porque toca de perto a humanidade. E “o que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana”¹, matéria primordial da história. Sem a existência humana não haveria história. Uma é condição da outra.

Assim como a vivência humana, a história é múltipla, heterogênea e contraditória. Este aspecto multifacetado, em permanente atividade, é para o historiador – o “tradutor da história” – um desafio à superação. Só depois do sedimento do tempo, quando se espreita cuidadosamente entre as infinitas camadas da substância assentada, algumas já cristalizadas, é que podemos entrever melhor a natureza dos acontecimentos.

É desses detritos sedimentados pelo tempo que estas páginas falam. Dos resíduos e fragmentos que ficaram imersos entre as camadas mais profundas: inertes, silenciosos, que não vêm à tona facilmente. Camadas e camadas de significados que se ligam a dois dos maiores e mais traumáticos eventos que a humanidade já presenciou: a *Grande Imigração* e a *Grande Guerra*. É sobre esses acontecimentos superlativos que eu me debruço, e vasculho, e procuro, e recolho o que posso, o que encontro, o que reconheço. De certo muita coisa ficou para trás: o que me passou despercebido, o que eu não identifiquei, o que resta escondido.

A minha colheita talvez seja modesta: algumas sementes, raízes partidas, ramos enredados nas veredas das migrações e da guerra, sonhos que se perderam nos compassos e descompassos entre tempo e espaço, vidas que se dispersaram no incessante movimento que impele a humanidade para diante: no passado e no presente, consciente ou inconscientemente, para o bem ou para o mal.

¹ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, pp. 17 e 19.

Vi atrás de mim aqueles que se foram, e à minha frente, aqueles que hão de vir. Olhei para trás e vi meu pai, e o pai dele, e todos os nossos pais, e na frente, meu filho, e o filho dele, e todos os nossos filhos. E os seus olhos eram os meus olhos. Como eu senti, assim sentiram eles, e teriam de sentir, como antes, como agora, como amanhã e para sempre. Então não tive medo, porque eu fazia parte de uma longa cadeia que não tinha começo e nem fim. E a mão do pai dele segurou a mão de meu pai, e a mão deste segurou a minha e, meu filho, ainda não nascido, segurou a minha mão direita, e todos, abaixo e acima da cadeia que se desdobrava desde o Tempo Que Foi, ao Tempo Que É e ao Tempo Que Virá, ergueram as mãos para mostrar as ligações. [...]. Eu era um deles, eles eram meus, estavam em mim e eu estava em todos eles.

Como era verde o meu vale. Richard Llewellyn, 1939

INTRODUÇÃO

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos das vozes que emudeceram? [...] Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa².

Walter Benjamin, 1940

Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1895.

O Vapor *Alacrità*³, que deixara o porto de Genova em um quente dia do verão mediterrâneo, chegava finalmente à cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil. Trazia a bordo 1.186 passageiros, entre eles, 1.103 emigrantes⁴.

Um tímido sol coloria levemente o horizonte carioca e a névoa fria dos primeiros dias de julho recebia os passageiros que, assim como outros viajantes antes deles, se extasiavam diante da deslumbrante paisagem tropical. A baía de Guanabara mostrava-se em toda a sua beleza, abrigada entre as suas enormes fortalezas naturais.

Nem todos os emigrantes, entretanto, tiveram a felicidade de desembarcar na tão sonhada América. Três deles encontraram nas águas do Atlântico a sua última morada. Como que para compensar esse infortúnio, no mesmo dia em que o *Alacrità* aproximava-se da costa brasileira, uma nova vida nascia a bordo: Irene Marina, filha dos emigrantes Camillo e Angela Di Giulio.

No Rio de Janeiro desembarcaram 1.059 passageiros, entre eles, 1.050 imigrantes com contrato de trabalho. Dos 127 restantes, em trânsito para São Paulo, 53 eram imigrantes, dos quais oito – dois casais com dois filhos cada um – foram encaminhados para a Hospedaria de Imigrantes, na Ilha das Flores, no dia 12 de julho. Uma das famílias deixou a Hospedaria no dia 17, e a outra no dia 24 do mesmo mês⁵.

² BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras escolhidas, vol. 1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 223.

³ O navio *Alacrità*, da *Zino Line*, fez a sua primeira viagem em 1894, naufragando no Atlântico Norte em 1921.

⁴ Diário de Bordo do Vapor *Alacrità*, 1895. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

⁵ Livro de Registro da Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores, 1895. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. A Hospedaria da Ilha das Flores funcionou entre 1883 e 1966. Hoje abriga o Comando da Tropa de Reforço do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha, integrando o município fluminense de São Gonçalo.

O *Alacrità* seguiu viagem com os demais passageiros, que desembarcaram no porto de Santos. Os 45 emigrantes remanescentes fizeram o restante do trajeto por trem, com destino à capital paulista, dando entrada na Hospedaria de Imigrantes de São Paulo em 19 de julho⁶. Entre os recém-chegados estavam Francesco Orlando, sua mulher Eleonora Scioli, grávida de mais de cinco meses, e seus filhos Giuseppe, de doze anos, Giovanni, de nove, e Tommaso Cesario, de oito, originários da cidade de Guardiagrele, província de Chieti, região do Abruzzo⁷, Itália meridional. Deixando a Hospedaria, a família se estabeleceu na capital, onde Francesco, auxiliado por Eleonora e por Giuseppe, o filho mais velho, deu continuidade à atividade que já exercia em sua cidade natal: o comércio de massas alimentícias.

Por muito tempo, isso era quase tudo o que eu sabia sobre a chegada ao Brasil da família de meu avô materno, Giovanni, além das lembranças nebulosas que os seus poucos nove anos puderam reter. A recordação mais recorrente, e a que mais gostava de contar aos netos, era a grande aventura que ele e os irmãos haviam vivenciado, ao atravessar o imenso oceano que separava a Itália do Brasil.

Giovanni se foi nos primeiros anos da minha adolescência, antes que chegasse meu tempo de questionamentos. Mesmo que eu tivesse conseguido, naqueles anos, despertar a sua memória adormecida, existem coisas que só compreendemos em certo tempo, não antes.

E um dia... Esse tempo chegou! Se entre os mistérios da vida há de fato um destino, ele soube, e me pôs frente a frente com um passado que para mim estava perdido no poço profundo das minhas raízes. Um passado que ressurgiu no meu presente, como uma luz filtrada no silêncio de histórias truncadas, pelas cartas de um filho à sua mãe, vindas do front italiano da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Esse acervo pessoal foi guardado por Eleonora, a mãe, vindo a ser talvez o seu maior legado para os que vieram depois dela. Com o mesmo cuidado, Almerinda, sua última filha, conservou-o por todos os anos em que viveu... E foram muitos! Leonor, sua sobrinha, filha de Giuseppe, o primeiro filho, recebeu esse precioso acervo enriquecido com as memórias da tia querida e, depois de tê-lo guardado por muito tempo, depositou-o em minhas mãos. Junto com as cartas vieram as lembranças – de uma e de outra. E a estas, somaram-se as minhas próprias, bisneta de Eleonora, neta de Giovanni, o quarto filho.

As recordações transmitidas oralmente, pelas mulheres que preservaram a série epistolar, ingressaram na minha vida com revelações, lacunas e contradições, revestindo a

⁶ Lista de passageiros do Vapor *Alacrità*, Hospedaria de Imigrantes, 1895. São Paulo: Memorial do Imigrante do Estado de São Paulo.

⁷ Os topônimos estrangeiros, por nem sempre admitirem transliteração, serão, tanto quanto possível, substituídos por formas vernáculas que entraram, ou possam entrar em uso corrente no português.

minha história de um significado especial. Certamente não foram colhidas ou pautadas sob a égide de uma determinada metodologia. No curso das gerações acompanharam a própria essência idiossincrática da memória: complexa, associativa, interpretativa, alimentada por lembranças em permanente mutação.

Para todos nós há uma zona de penumbra entre a história e a memória; entre o passado como um registro geral aberto a um exame, mais ou menos isento, e o passado como parte lembrada ou experiência de nossas vidas. Para os seres humanos individuais, essa zona se estende do ponto onde as tradições ou memórias familiares começam. [...] Sempre há essa terra de ninguém no tempo⁸.

Pouco a pouco fui desdobrando o passado. Temia manusear aquelas cartas descoradas, acostumadas ao recolhimento. Com cuidado, organizei cronologicamente folha por folha, e diante dos meus olhos foi se desenrolando uma narrativa permeada por angústias, incertezas, fé, esperança, sofrimento, medo. Naquelas pálidas páginas, que ressoavam uma voz que emudeceu, estavam impressos os mais íntimos sentimentos confidenciais a outra pessoa, não a mim. Esta constatação me inquieta. Teria eu o direito de lê-las ou mais, de transmiti-las? Mas, em não fazendo, eu não estaria sufocando os caminhos da lembrança? Não estaria, como lamentou o poeta, condenando-a a permanecer eternamente “presa no fundo da garganta qual uma rocha de gritos”⁹?

Um sentimento de apropriação indevida ainda persiste, mas aquietar-se à medida que vislumbro, nos significados dos relatos, o entendimento de que cada geração deve investir o legado que lhe coube, para aprofundar e enriquecer o acervo da memória, que funda a identidade e constitui a base sobre a qual se assenta a tradição.

Não se volta atrás no tempo... O historiador sabe-o. Mas quando, de um tempo remoto, após a morte das criaturas, o imaterial subsiste ainda na materialidade do documento, “lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais”¹⁰, ele se sente atraído para a utópica reconstrução do instante, que num abrir e fechar de olhos, se foi.

O acervo epistolar¹¹ a que este estudo se refere, foi escrito por Americo Orlando, o filho que Eleonora trouxera no ventre para nascer no Brasil. Ele reúne quase uma centena de cartas e cartões postais que chegavam com certa regularidade à Rua Amaral Gurgel nº 61, no

⁸ HOBBSAWM, Eric J.. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 10. Reproduzido por Le Livros.

⁹ UNGARETTI, Giuseppe. Tutto ho Perduto. In: *Il Dolore*. Milano: Mondadori, 2000. [Texto original: *arrestata in fondo alla gola, che una roccia di gridi*].

¹⁰ PROUST, Marcel. *Em Busca do Tempo Perdido*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, vol. 1, p. 53.

¹¹ Acervo Scioli Orlando/SP.

velho centro de São Paulo¹². As cartas em questão têm duplo significado: evocam a lembrança de alguém querido que pode ser encontrado na materialidade do papel, ao mesmo tempo em que são provas documentais da sua participação em um acontecimento coletivo extremamente trágico, mas memorável: a guerra. Nesse sentido, por sua própria força interior, o documento epistolar assume um caráter probatório, e se transforma em “objeto histórico” ¹³.

A maior parte dessa correspondência provém da zona de guerra. Algumas cartas foram enviadas de pequenas localidades onde Americo passava as suas licenças, e outras ainda, de hospitais militares nos quais ele esteve internado, por ter contraído malária nos campos de guerra. Por mais que se indague, por mais que se investigue, jamais saberemos quantas cartas foram escritas, quantas foram enviadas, quantas se perderam. A maioria foi endereçada a sua mãe, Eleonora Scioli, e as demais aos seus irmãos. Para Francesco, o pai, apenas saudações ao final de cada uma delas. Fazem parte dessa série uma carta de Eleonora – que possivelmente retornou ao seu endereço – e duas de Vito Di Cunto, meu bisavô materno, sogro de Giovanni, que após ter vivido por muitos anos em São Paulo retornou à sua cidade natal, Aieta, na província de Cosenza, onde viveu até a morte.

As narrativas de Americo surgem em um momento particular no tempo e no espaço, em um contexto de circunstâncias significativas, quando todo o seu repertório linguístico – que incluía o português, o italiano, o “ítalo-brasileiro” e, até mesmo, o dialeto abruzzese –, se concretizava no escrito como uma torrente de ideias que irrompiam do seu pensamento, superando muitas vezes a lentidão da mão. Escritas em uma linguagem simples, expressiva, vizinha da oralidade, muitas vezes inconclusa, as cartas são plenas de imagens e movimento, com frequentes anotações nas margens, denotando a urgência do registro feito em meio a sobressaltos, a situações de risco e a perigo iminente.

O que poderia ser entendido apenas como sintaxe insegura na sua escrita representa, na verdade, um processo de aculturação, com a fragmentação e a recomposição de elementos que o imigrante nem sempre era capaz de manipular segundo as regras de um mesmo código. Escritas em italiano para a mãe e para os irmãos mais velhos e em português para os irmãos mais novos, as cartas evidenciam, nos dois idiomas, os sinais do “ítalo-brasileiro”, que nasceu na capital paulista depois da chegada dos imigrantes italianos. Por conta dessa variedade linguístico/grafológica, de importante valor histórico, o texto original da correspondência de Americo sofreu pequenas interferências que se limitam minimamente à necessidade narrativa,

¹² Essa rua, no bairro da Consolação, constou pela primeira vez no mapa da cidade de 1890 com o nome de “Rua do Conselheiro Amaral Gurgel”. Em 1897 foi denominada “Rua Amaral Gurgel”, sendo assim oficializada em 1916.

¹³ GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 238.

com o intuito de facilitar a sua compreensão pelos leitores contemporâneos¹⁴. Procurou-se, entretanto, preservar a construção gramatical na tradução, de modo que o resultado fosse o mais próximo possível do original, levando-se em conta que a estrutura e a característica da língua têm influência predominante sobre o pensamento e se reflete nos vínculos comunicativos.

A correspondência expedida do front não representa um simples instrumento informativo, um diário, uma autobiografia ou mesmo o desejo do soldado em se perpetuar, forjando para si uma glória. A carta era o veículo de interlocução, de troca e de confidências, capaz de restabelecer a relação com a família, com os amigos, com um mundo de paz, atenuando a angústia da solidão. Significava, sobretudo, o principal testemunho da existência do missivista e a imperiosa necessidade de comunicação entre o soldado e a vida, frente ao espetáculo cotidiano da morte.

Essa escrita não deve ser vista como um fato isolado ou esporádico, mas como parte de um fenômeno que tem sua origem, talvez pela primeira vez em escala “mundial”, na Primeira Guerra. É ela que gera, solicita e agiganta a correspondência epistolar.

As estatísticas militares, no que concerne à Itália, oferecem números significativos. No período de 1915 a 1918, a correspondência trocada durante a guerra atingiu o considerável número de cerca de quatro bilhões de missivas, ao ritmo diário de dois a três milhões de unidades¹⁵. Só o número de cartões postais oscilou entre um milhão e 400 mil e dois milhões e 500 mil unidades diárias¹⁶. Este é um dado impressionante, se levarmos em conta que a Itália, país economicamente agrícola¹⁷, fortemente condicionado por regionalismos, tinha um precário desenvolvimento escolástico. O índice de analfabetismo atingia 75% da população chegando, no exército, a quase 50% dos mobilizados¹⁸. O que poderia ser uma barreira para a

¹⁴ Assim como as cartas de Americo, as demais citações em língua estrangeira foram traduzidas para o português, de forma livre, pela autora. Os textos originais, com até três linhas, são citados nas respectivas notas de rodapé. Não acompanha esta regra as narrativas que compõem “O Preço da Honra” cujos originais, pela peculiaridade da construção desse segmento, serão todos citados no Apêndice I, independente do número de linhas. Tanto estes quanto os demais, acima de três linhas, acompanhados do número de nota correspondente, integram o mesmo Apêndice, inserido no final deste trabalho.

¹⁵ Museo della Grande Guerra “Casa III Armata”. Fogliano Redipuglia, Italia.

¹⁶ Storia Postale Italiana - 1861-1961. 100 anni di “Posta e Società”. Disponível em: <<http://www.postae-societa.it/index.asp>>. Acesso em: 4 abr.2014.

¹⁷ Em 1911 estavam empregados na agricultura 58,2% dos homens e 58,8% das mulheres. Cf. Censimenti Popolazione d'Italia. Disponível em: <<http://www.tuttitalia.it/statistiche/censimenti-popolazione/>>. Acesso em: 20 maio 2013.

¹⁸ Museo della Grande Guerra “Casa III Armata”... op. cit.. Embora a língua oficial do Estado fosse o italiano não havia ainda, no momento da guerra, uma língua comum no país. Todos se exprimiam no seu próprio dialeto, inclusive o rei Vittorio Emanuele II, que se comunicava melhor em francês do que em italiano, e usava o dialeto piemontês entre amigos e familiares. Em 1861, os itálofonos eram uma minoria: 2.5% segundo De Mauro, e 9.5% de acordo com A. Castellani. Entre estes, a maior parte era de toscanos. Ainda

comunicação e para a contínua troca de cartas, feita até mesmo entre os próprios soldados – “o meu amigo Demetrio que se acha na 73^a Fanteria (Infantaria) me escreve todos os dias”, relata Americo¹⁹ – frente à incipiente escolaridade e aos recíprocos e incompreensíveis dialetos, fez nascer na trincheira um código mais extenso e geral de comunicação escrita e oral, que seria enriquecido por uma extraordinária produção de documentos: da fotografia ao cartão postal; dos diários aos cadernos de guerra; dos panfletos de propaganda aos jornais das trincheiras.

1. L' Astico, giornale delle trincee. Zona di Guerra, Itália, 1918.
Museo Storico della Guerra 1915 – 1918. Monte Grappa

A quase totalidade das cartas de Americo, que pela ação do tempo e pelo suceder das gerações estavam destinadas a se perder, encontra-se em razoável estado de conservação. Umaz trazem trechos ilegíveis, esmaecidos pela própria pátina do tempo; outras apresentam as bordas chamuscadas, o suficiente para que o ato (im)pensado tenha sido interrompido a tempo de guardar o passado para o futuro. Algumas ainda, certamente pela ação dos órgãos de censura do exército, estão parcialmente mutiladas: tesouras cortaram, e largas faixas de tinta esconderam palavras “suspeitas” as quais jamais saberemos.

A censura militar foi sempre a intermediária entre o missivista e o destinatário, estabelecendo uma evidente triangulação na correspondência, que frequentemente era aberta antes de chegar às mãos do destinatário:

na metade dos anos Cinquenta do século XX, 60% dos italianos falavam só o dialeto local. Cf: DE MAURO, Tullio. *Storia Linguistica dell'Italia Unita*. Roma-Bari: Laterza, 1963; CASTELANI, Arrigo. Quanti Erano gl'Italofoni nel 1861? In: *Studi Linguistici Italiani*. Friburgo (Switzerland): Edizioni Universitarie, 1960.

¹⁹ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta enviada por A. Orlando para seu irmão Luigino. Do front, 12 maio 1916.

Minha adorada mãe te faço saber que esta tua carta eu recebi aberta. Não diga nada de mal nas cartas porque o governo não me deixará recebê-las²⁰.

Querida mãe... Eu queria te dizer tantas coisas, mas não se pode escrever o que eu gostaria²¹.

Todos os envelopes e cartões postais fornecidos pelo exército trazem o carimbo: *Verificato per Censura. Genova Posta Estera*²².

2. Cartão Postal Ilustrado. 14 x 9 cm. Zona de Guerra, Itália, 1916.
Acervo Scioli Orlando/SP

Contaminadas pela censura, as cartas escritas na guerra requerem um esforço do pesquisador para deslindar a inextricável rede que se forma e se transforma no decorrer do relato, na tentativa de colher os vestígios, procurando as interferências, buscando as ligações. Nesse jogo interativo, paradoxalmente, o diálogo torna-se unilateral. Embora o documento preservado permita que os sujeitos se revezem, ocupando os mesmos papéis através do tempo, não somos os seus legítimos destinatários. O diálogo não foi estabelecido conosco. O narrador está lá, mas não responde as nossas dúvidas, não esclarece as suas ideias, intriga-nos com os seus silêncios. Nas fronteiras da lembrança existem zonas de sombras que obscurecem as evidências e interpõem o não dito.

²⁰ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta enviada por A. Orlando enviada para a sua mãe. Zona de Guerra, 18 dez.1915. [Texto original: *Mia adorata madre ti fo sapere che questa tua lettera ho ricevuto aperta. Non mandate (mandi) a dire cose di male alle lettere perché il governo non mi lo (le) farà ricevere*].

²¹ Ibidem, 3 abr.1916. [Texto original: *Carissima madre...Vorrei dirti tante cose ma non si posso (può) scrivere ciò che vorrei io*].

²² Ibidem. 2. Cartão postal ilustrado enviado por A. Orlando para sua mãe. Zona de Guerra, 7 jul.1916.

Chega mais perto e contempla as palavras. / Cada uma / tem mil faces
secretas sob a face neutra / e te pergunta, sem interesse pela resposta, / pobre
ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave? ²³

Nessa difícil interlocução, mais do que os acontecimentos, o que se retém é a sua representação, impregnada de lembranças impressas na memória viva de uma criatura morta, que permaneceram intocadas, congeladas antes que fossem estilhaçadas e turvadas pelo passar do tempo. Essas lembranças não falam apenas aos sentidos, ao pensamento, à imaginação. Falam à alma, falam ao coração. Como então reconstruir silêncios, tensões, angústias e emoções, se não se pode “traduzir corações”? Esta “é tarefa que está muito para lá do achar signos linguísticos equivalentes, para lá da descoberta inspirada de correspondências semânticas [...] que suscitem idênticas emoções, imagens e pensamentos” ²⁴.

Desse emaranhado de sentimentos e sensações, que se enroscam em curvas e desvios, eu puxo um fio para tecer esta pesquisa, e construir uma plataforma para a reflexão sobre dois dos maiores e mais traumáticos episódios que a humanidade já presenciou: a *Grande Imigração* e a *Grande Guerra*. Isoladamente, cada um deles teve seus próprios desdobramentos e suas características particulares. Em comum, ambos deixaram marcas profundas: destruíram vidas, desagregaram ramificações sociais, fragmentaram a coletividade.

A análise desses dois grandes eventos, que em um dado momento se cruzam em São Paulo, compreende, *grosso modo*, o período entre as duas décadas finais do século XIX e as duas primeiras do século XX. Essa periodização, entretanto, não cerceia rigidamente a pesquisa, uma vez que a análise proposta decorre da possibilidade de se empreender avanços e recuos, com o objetivo de estudar o mais amplamente possível, as múltiplas faces do objeto em pauta.

As questões que se referem à *Grande Imigração* concentram-se, sobretudo, na conjuntura e nos diversos aspectos que caracterizaram a diáspora italiana meridional que se dirigiu ao Estado de São Paulo no período citado. Embora esse fenômeno já tenha sido objeto de diversos estudos ²⁵ – seja pelo viés macroestrutural, seja pelos meandros das

²³ ANDRADE, Carlos Drumond de. Procura da Poesia. In: *A Rosa do Povo*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1991, p. 14.

²⁴ VIEIRA, Padre António. Apud ESPÍRITO SANTO, Arnaldo do; BEATO, João; PIMENTEL, Maria Cristina. Se os Corações se puderam traduzir...: as Confissões de Santo Agostinho, uma Experiência de Tradução, In: BORGES-DUARTE, Irene; HENRIQUES, Fernanda; DIAS, Isabel Matos (org.), *Heidegger, Linguagem e Tradução – Colóquio Internacional*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004, p. 190.

²⁵ Entre os trabalhos fundamentais sobre o tema ganham destaque entre os italianos os de Angelo Trento, Antonio Lazzarini, Chiara Evangelista, Emilio Franzina, Ercole Sori, Maria Rosaria Ostuni, Piero Brunello, Renzo Grosselli, Tereza Isenburg, Ugo Ascoli e Franco Cenni, italiano de nascimento e brasileiro

microestruturas – o tema, bastante instigante, que parece não se esgotar nunca, estimula sempre novos olhares, novos pressupostos e novas abordagens. Cada migração tem um perfil próprio e se inscreve na história de vida de nações, grupos, famílias e indivíduos, onde habita uma pluralidade, muitas vezes contraditória, de pensamentos e de sentimentos.

O fenômeno migratório é um processo extremamente complexo e multiforme, de interações e deslocamentos, que não se explicam simplesmente por relações de causalidade, como preconiza o tradicional binômio atração/repulsão. Embora esse modelo nos auxilie, em um primeiro momento, a delinear as linhas de força que tangenciam o tema, deixa sem resposta uma série de questões, como as múltiplas diversidades entre os países de origem e os países receptores – a presença, a ausência ou a influência de cada um –; as formas e as razões da emigração – forçada ou espontânea, legítima ou ilegítima –; e, particularmente, as diferenças entre os indivíduos e os grupos, que agem, reagem e interagem de maneira muito pessoal à ação dos agentes externos. Esses e outros fatores, que influenciam a relação do imigrante com a sociedade receptora, podem contribuir para que o processo de aculturação assumam um caráter positivo ou negativo frente à cultura dominante.

Na tentativa de aprofundar essas questões e compreender melhor certos aspectos ligados ao fenômeno em causa, que se encontram na origem da grande diáspora italiana, proponho lançarmos um olhar crítico sobre as raízes, as razões e as consequências dos episódios que antecederam e sucederam a grande emigração italiana.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois²⁶.

Os tempos de transformações – de incertezas, escolhas, renúncias – são, talvez, um dos mais dolorosos da experiência humana. Dificilmente se rompe com o passado sem deitar por terra o arcabouço da existência humana. Para analisar os fenômenos que ocorrem nesses períodos de mudanças é necessário conhecer o antes, o durante e o depois, porque o “novo”, semeado pelo “velho”, nunca será tão novo quanto pode parecer. Para compreendê-lo é necessário ir além de simplesmente nadar na superfície. É preciso mergulhar fundo para

por adoção. Entre os brasileiros, temos a contribuição de Bóris Fausto, José de Souza Martins, Mario Carelli, Michael M. Hall, Pasquale Perrone, Zuleika Alvim, Lucy Maffei Hutter, entre inúmeros outros historiadores, que se dedicam ao estudo dos fluxos migratórios, sob diversos pontos de vista.

²⁶ BENJAMIN, Walter. A Imagem de Proust. In: *Magia e Técnica, Arte e Política...* op. cit., p. 37.

apreender certas conexões de sentido, não visíveis sem que se agitem as águas. Explorar o passado, diz Vernant, “é descobrir o que se dissimula nas profundezas do ser”²⁷.

A *Grande Guerra* (1914-1918), aqui circunscrita ao combate entre o Reino de Itália e o Império Austro-Húngaro, tem como foco de atenção a dimensão e o alcance dessa tragédia mundial, que atingiu milhares de homens, mulheres e crianças de tantos povos. O front italiano começou a se formar próximo à tríplice fronteira entre Itália, Suíça e Áustria, percorrendo uma extensão de 600 quilômetros até a parte oriental da planície friulana onde se concentraram as mais cruentas batalhas, alcançando as colônias italianas de além-mar.

A mais de um século do início da Primeira Guerra Mundial a discussão sobre a sua gênese tem sido ininterrupta e a sua compreensão histórica ainda apresenta distorções. Não me proponho a dirimi-las. Qualquer historiador que se empenhe nessa tarefa, lembra Hobsbawm, mergulhará em “águas profundas e turbulentas”²⁸. O que se intenta neste segmento não é abordar a guerra do ponto de vista militar, tático ou estratégico, político ou econômico, pontuando as batalhas ganhas e perdidas, glorificando heróis ou enumerando um rol de líderes e comandantes. A parte nuclear deste segmento volta-se para a análise do impacto que esse confronto trouxe para o ambiente circundante e, mais do que isso, para aqueles que direta ou indiretamente vivenciaram essa história de horror. Neste sentido, a guerra importa mais pelo que significa: o limiar entre a vida e a morte, onde o *locus* transcende a concretude do espaço: um espaço de conflito, aqui entendido em todos os sentidos que a palavra comporta.

A Itália, em princípio neutra, declarou guerra ao Império dual em 23 de maio de 1915, e para engrossar as fileiras do seu exército chamou de volta, para lutar e morrer por ela, aqueles que anos antes tinham deixado a pátria-mãe com o único desejo de sobreviver. A colônia italiana de São Paulo, que já estava deixando para trás os anos difíceis que viveu, viu-se novamente diante da incerteza, da angústia e do temor de perder quem lhes era caro.

A partir daí os espaços se cruzam, o presente e o passado se confundem, e a longa ponte entre Itália e Brasil, um dia atravessada, se refaz. Muitos foram os filhos, os maridos, os irmãos, os pais, que fizeram o caminho de volta; uns retornaram, outros não.

O arrolamento dos imigrantes italianos e de seus filhos nascidos no Brasil, agravou ainda mais o quadro preocupante que já vinha se delineando no país, desde que a guerra entre o Império Austro-Húngaro e a Sérvia fora deflagrada, em 28 de julho de 1914. Não obstante a

²⁷ VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos: Estudos de Psicologia Histórica*. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 143.

²⁸ HOBBSAWM, Eric J.. *A Era dos Impérios...* op. cit., p. 271.

inequívoca relevância que a saída desses italianos representou para São Paulo, esse tema, até onde foi possível investigar, não foi objeto de estudo até o momento.

No acurado levantamento bibliográfico realizado, encontra-se apenas uma breve menção à participação dos imigrantes italianos do Brasil, na Primeira Guerra, em um relatório apresentado por Umberto Sala, em 1925, ao *Ministero degli Affari Esteri* (MAE)²⁹. Os demais estudos identificados tratam da posição do Brasil frente à guerra, enfocando os rumos tomados pela política brasileira e a cobertura do conflito pela imprensa nacional³⁰.

Em língua italiana conta-se um artigo de Emilio Franzina, que traça um panorama geral da presença dos imigrantes italianos do Brasil na batalha de 1916 – definida como *Strafexpedition*³¹ (expedição punitiva) – sob o ponto de vista da imprensa étnica brasileira, sua principal fonte de estudo. Ainda que não tratem especificamente dos ítalo-brasileiros na guerra, vale mencionar dois outros estudos: *La Guerra Grande. Storie di Gente Comune*, de Antonio Gibelle³², que aborda o conflito a partir da análise de cartas, cartões postais, diários, cadernos de guerra e memórias escritas por “gente comum”, e *La Storia (quase vera) del Milite Ignoto*, de Emilio Franzina³³, que constrói uma narrativa romanceada, contada por um militar já morto, lembrando *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, marco do romance machadiano. Ambos utilizam, como uma de suas fontes, e com objetivos diversos, o epistolário de Americo Orlando, disponibilizado por mim ao *Archivio Ligure della Scrittura Popolare* (ALSP), da Universidade de Genova.

É de se notar ainda, que com pouquíssimas exceções, a historiografia que se ocupa da Primeira Guerra, de uma maneira geral, reserva pouca atenção para o confronto ítalo-austriaco, considerado, até mesmo pelos próprios aliados, um front secundário. Entretanto, a entrada da Itália na guerra obrigou a Áustria a mudar a sua estratégia militar, o que facilitou o avanço da Rússia, fragilizando a linha defensiva do Império Habsburgo. Já nos últimos meses

²⁹ SALA, Umberto. *A Emigração Italiana no Brasil (1925)*. Tradução e Apresentação de João Fábio Bertonha. Maringá, Paraná: EDUEM, 2005, p. 127. (Coleção Documentos e História).

³⁰ VALLA, Victor V.. Subsídios para uma melhor compreensão do Brasil na Primeira Guerra Mundial. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, XV, 1976, pp. 29-45; VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: IBGE, 1990; COZZA, Dio Willy. A Participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, vol. 157, nº 390, jan-mar. de 1996, pp. 97-110; GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003; COMPAGNON, Olivier. *O Adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Tradução de Carlos Nougé. 1ª ed.. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

³¹ FRANZINA, Emilio. Un Fronte Oltreoceano: Italiani del Brasile e Italo Brasiliani durante il Primo Conflitto Mondiale (1914-1918). In: CORÀ, Vittori; POZZATO, Paolo (a cura di). *1916, la Strafexpedition: gli Altipiani Vicentini nella Tragedia della Grande Guerra*. vol. 26. Udine: Gaspari, 2003, pp. 226-247 (Collezione Storica).

³² GIBELLI, Antonio. *La Guerra Grande. Storie di Gente Comune*. Roma-Bari: Laterza, 2016.

³³ FRANZINA, Emilio. *La Storia (quase vera) del Milite Ignoto. Raccontata come un'Autobiografia*. Roma: Donzelli Editore, 2014 (Saggine, nº 242).

do conflito, a vitória da Itália na batalha de Vittorio Veneto e a consequente desintegração do exército austro-húngaro, contribuíram para que a guerra no front ocidental chegasse ao seu fim.

Ao lado do documento epistolar que deu origem a esta pesquisa, outras fontes de importância subsidiaram este estudo: diários, livros de memórias, biografias, leis, decretos, atos governamentais, relatórios e censos, além de um considerável número de produções historiográficas coevas ao período estudado.

Para a análise do movimento imigratório em São Paulo foram de grande valia as Leis e os Decretos Estaduais e Federais, assim como os Relatórios da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo (SACOP)³⁴, instituição que assumiu todas as atribuições da Sociedade Promotora de Imigração após a consolidação da República. Embora essa tipologia de fonte informe as diretrizes e as ações direcionadas para a estruturação do processo imigratório pelo poder normativo e oficial, no cruzamento com outros dados, oferece uma série de elementos que orientam a pesquisa.

Para uma maior compreensão do confronto entre o Reino de Itália e o Império Austro-Húngaro, as fontes de maior relevância foram colhidas nos acervos dos mais importantes museus de guerra, localizados na região onde ocorreram os combates. Esses museus conservam a memória da guerra através de fotografias, testemunhos escritos, correspondências e materiais bélicos de toda sorte. Próximo a cada um deles se abre o teatro da guerra: vales e montanhas semeados por restos de um complexo sistema de trincheiras e linhas de defesa, casamatas, hospitais de campo e fortificações, lembrando o trágico acontecimento que marcou profundamente esse território, a sua população, a sua paisagem e a sua história. Esse itinerário histórico-cultural percorre lugares particularmente significativos, onde se deram as mais importantes e violentas batalhas.

De interesse também, e que compõem um corpo informativo mais rico e diversificado, são os dados colhidos nos órgãos de imprensa, os primeiros a revelar para setores mais amplos da população o passo a passo da guerra europeia. Em um momento em que a figura do jornalista profissional era ainda incipiente, as análises e reflexões sobre o conflito europeu eram assumidas por personalidades representativas da intelectualidade paulistana. Entre os jornais de maior difusão foram pesquisados em profundidade o *Fanfulla*, o periódico mais importante da colônia italiana em São Paulo, o *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro e *O Estado de S. Paulo*, dirigido por Julio Mesquita, um dos pais do jornalismo moderno no

³⁴ A Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo (SACOP) foi criada pela Lei nº 15, de 11 nov.1891.

Brasil, que de agosto de 1914 até o final do conflito assinou semanalmente a coluna *Boletim da Guerra* ³⁵.

Como suporte à reflexão sobre esse *Corpus* documental, a consistente bibliografia na qual se apoia este estudo, mostrou-se de suma importância para aprofundar o tema. Vale dizer, que no âmbito da historiografia que de alguma forma contempla o objeto deste estudo, não existe interlocutor privilegiado a cujas hipóteses, análises ou conclusões se remetem este trabalho. Em igual medida, a pesquisa aqui desenvolvida não tem por objetivo resgatar temas ou agentes, e menos ainda, esgotar as questões por ela abordadas. Intenta antes, definir uma problemática a fim de melhor aquilatar o alcance dos eventos em pauta. Para efeito de ordem, clareza e rigor, a exposição dos subtemas respeita um critério cronológico documentando-se as questões desenvolvidas até o limite do possível.

Considerando o duplo objeto de estudo deste trabalho – a *Grande Imigração* e a *Grande Guerra* – eventos cuja essência, pela sua magnitude e complexidade, encontra-se no cruzamento das ciências sociais, privilegiou-se uma abordagem interdisciplinar. O livre trânsito do conhecimento através dos saberes, e a adoção de conceitos que envolvem diversas especialidades, seguem o caminho encetado pela primeira geração dos *Annales* – particularmente por Lucien Febvre, que abriu um leque de possibilidades do fazer historiográfico. Franqueando às fronteiras da história a negociação perpétua com novas alianças – entre disciplinas próximas e distantes – e o “empréstimo de noções, de métodos e de espírito” ³⁶, Febvre deu forma a questões que seriam sistematizadas mais a frente por diversos teóricos da interdisciplinaridade, tanto no campo epistemológico quanto no campo pedagógico³⁷.

A interdisciplinaridade permite a análise de situações globais, a troca contínua de experiências, o diálogo entre as disciplinas e a construção de interconexões, assinalando uma tentativa de busca do saber unificado e da unidade do objeto. Essa diretriz de pesquisa

³⁵ MESQUITA, Julio. *A Guerra (1914-1918)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. Quatro volumes.

³⁶ FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Tradução Leonor Martinho Simões e Gisela Monis. 11^a ed.. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 24-25.

³⁷ MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 11^a ed.. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2006; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. 11^a ed.. Campinas: Papirus, 2003; _____. *Práticas Interdisciplinares na Escola*. 2^a ed.. São Paulo: Cortez, 1993; _____. *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou Ideologia?* 2^a ed.. São Paulo: Cortez, 1993; _____. *Interdisciplinaridade: um Projeto em Parceria*. São Paulo: Edições Loyola, 1991; KLEIN, J. T. *Interdisciplinarity: History, Theory, and Practice*. Detroit: Wayne State University Press, 1990. GUSDORF, G.. *Passé, Present, Avenir de la Recherche Interdisciplinaire*. In: *Revue Internationale de Sciences Sociales*, Paris, vol. 29, n° 4, 627-648, 1977; JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e a Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

caracteriza-se pela integração das disciplinas em um mesmo projeto e requer tratamento teórico-metodológico específico: a construção de fundamentos a partir da interligação dos saberes, com o objetivo de investigar o desconhecido ou o não sabido. O pensar interdisciplinar, processo constante de elaboração do saber, parte do pressuposto de que nenhuma forma de conhecimento é em si exaustiva. Ao permear fronteiras geográficas, culturais, metodológicas e epistemológicas, e superar a fragmentação dos conteúdos, a interdisciplinaridade permite construir uma perspectiva crítica e reflexiva, avançando em novas direções.

Por esse viés, entre as diversas disciplinas que se alinham ao propósito deste estudo, a Sociologia e a Psicologia Intercultural, além da História, assumem papel de destaque por oferecerem instrumental que permite aprofundar a análise dos deslocamentos humanos e de suas múltiplas facetas.

No campo sociológico, os pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu³⁸, particularmente o seu conceito de *habitus*, alargam o entendimento sobre as práticas, os vínculos e as articulações entre indivíduos e grupos. Por seu lado, os estudos desenvolvidos pela Psicologia Intercultural, que se inserem no campo interdisciplinar dos estudos migratórios, desdobram-se em diversas vertentes³⁹, voltadas, sobretudo, para a comparação sistemática de variáveis psicológicas, sob condições socioculturais distintas, que influenciam o comportamento humano. Esta área da Psicologia é dirigida não só para a intervenção clínica, com o fim de assegurar o bem estar social e psíquico do imigrante, mas também para o campo da pesquisa, com o intuito de observar os fenômenos que se ligam às migrações em seus diversos contextos culturais.

A teoria do *habitus*, palavra de origem latina de tradição escolástica, tem uma longa história nas ciências humanas, mas foi com Bourdieu que o conceito adquiriu um sentido mais preciso⁴⁰. Para o autor, as estruturas do *habitus*, predispostas a funcionar como geratriz das práticas e das representações sociais, estão no princípio da percepção e da apreciação de toda experiência ulterior. Isto, entretanto, não quer dizer que elas funcionem como um mecanismo

³⁸ Pierre Bourdieu (1996b); (1996a); (1992); (1980); (1979); (1978); (1976); (1972); Bourdieu & Wacquant (1992); Bourdieu & Passeron (1975); Renato Ortiz (org.) (1983).

³⁹ J. Berry; Y. Poortinga, M. Segal & P. Dasen (1992); S. Bochner (1985); B. Carter & M. McGoldrick (1989); N. Chodorow (1989); S. D. Dantas (2002, 2012); D. Cuche (1999); S. D. Dantas & G. J. de Paiva (2004); L. Grinberg & R. Grinberg (1984); J. Phinney (1990); A. Portes & R. Rumbaut (1990); C. E. Sluzki (1979, 1997); C. Suárez-Orozco & M. Suárez-Orozco (1995).

⁴⁰ O conceito de *habitus* foi desenvolvido pela primeira vez por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron em *La Reproduction, Éléments pour une Théorie du Système d'Enseignement*. Paris: Ed. de Minuit, 1970. O livro foi traduzido para várias línguas, inclusive português. BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves Ed., 1975.

espontâneo ou autossuficiente, capaz de *per si* gerar a ação. Sustentado por um conjunto de “esquemas generativos”, o *habitus* se reporta a um sistema de classificação preexistente que, por sua vez, norteia as práticas do indivíduo ou do grupo que as interiorizou.

Enfatizando a dimensão de um aprendizado passado, o *habitus* tende a conformar, orientar e reproduzir a ação, sem que isto configure necessariamente uma operação consciente. Sendo resultado de um trabalho de interiorização, que não se confunde com natureza ou com razão universal, o *habitus* atua para que os produtos da história coletiva se reproduzam sob a forma de disposições duráveis⁴¹, mas não estáticas ou imutáveis, em todos os indivíduos submetidos aos mesmos condicionamentos e às mesmas condições materiais de existência. Enquanto sistema de disposições duráveis, o *habitus* opera como um regulador dessas práticas, que ele próprio engendra e estrutura, frente a situações e estímulos externos com os quais mantém uma relação dialética.

A noção de *habitus*, sistematizada por Bourdieu, mantém uma relação de proximidade com algumas premissas expressas pelos estudos da Psicologia Intercultural, que atribuem à *etnicidade* a capacidade de orientar as nossas escolhas, as nossas formas de pensar, de agir, de sentir e de se comportar, norteando o que comemos, como trabalhamos, como nos relacionamos, como celebramos nossas festas e nossos ritos, como nos sentimos perante a vida, a doença e a morte. Assim como o *habitus*, esses aspectos socioculturais, transmitidos de geração em geração e reforçados pela coletividade, envolvem processos conscientes e inconscientes, preenchendo uma profunda necessidade psicológica de identidade e continuidade histórica.

Essa convergência de pensamentos e conceitos entre disciplinas pode ser observada também em um discurso de Freud, que ao explicar o seu vínculo com o judaísmo, menciona algo medular, que emerge do interior do indivíduo, e que tem a ver com um aspecto essencial da coerência de um grupo. Utilizando uma única vez o termo *identidade*, Freud fala de “obscuras forças emocionais”, mais poderosas do que se poderia expressar por palavras, “e uma clara consciência de uma identidade interior” que não se baseava em raça ou religião, “mas em uma atitude comum a um grupo”⁴².

⁴¹ Para Bourdieu, a palavra *disposição* parece particularmente apropriada para exprimir o que recobre o conceito de *habitus* (definido como sistema de disposições). Em primeiro lugar por manifestar o *resultado de uma ação organizadora*, sentido próximo ao de palavras tais como estrutura. Por outro lado, o termo designa *uma maneira de ser, um estado habitual* (de espírito, e em particular do corpo) e, sobretudo, uma *predisposição*, uma *tendência*, uma *propensão* ou uma *inclinação*. Cf. BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une Théorie de la Pratique*. Genève: Liv. Droz, 1972, In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. (Grandes Cientistas Sociais), p. 61.

⁴² Apud GRINBERG, L. & GRINBERG, R.. *Psicoanálisis de la Migración y del Exilio*. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1984, p. 156.

Os objetivos análogos e a relação de proximidade, que sob alguns aspectos associam essas disciplinas, propiciam um diálogo mais fecundo, promovem uma pesquisa recíproca e solidária, e tornam possível a construção de interconexões, sem afastar, contudo, a indispensável autonomia e os pressupostos implícitos a cada campo.

Considerando que o foco deste trabalho não é estudar apenas o acontecimento, mas, sobretudo, a experiência e a vivência humana – que é a um só tempo física, biológica, psíquica, cultural, social e histórica –, o pluralismo epistemológico e a interligação dos saberes, contemplados pela interdisciplinaridade, enriquecem a análise e alcançam mais e melhor essa unidade complexa.

Delineadas algumas questões-chave, convém reforçar que esta pesquisa não tem a intenção de elaborar uma história de vida ou uma história de guerra. Este tema já foi abordado de certa maneira em um estudo anterior, que resultou no livro *Mia Cara Mamma: Lettere dal Fronte*, publicado na Itália⁴³, inaugurando a coleção Guardiagrele: La Memoria.

A despeito do realce que o epistolário de Americo possa assumir nessas linhas introdutórias – necessárias para que se conheça a origem e as características da fonte – a sua importância para este estudo reside na possibilidade de trazer elementos que contribuam para a reflexão sobre os deslocamentos humanos, os seus desdobramentos e as suas consequências. Conforme observa Meneses, a memória individual interessa às ciências sociais somente no âmbito da interação social, permitindo que a rememoração se produza de forma socialmente apreensível. “É este fenômeno da memória dividida (*sharing memories*) que tem relevância”. “A matéria bruta da memória individual”, diz Meneses, “pode permanecer latente, anos a fio, até que seja despertada por um interlocutor cujo papel não é meramente passivo”⁴⁴.

Se digo mais acima, que esta pesquisa será tecida por um fio que perpassa as narrativas de Americo, é porque o objeto que investigo roça de leve a palavra escrita, que a custo ressoa, como um tênue fio de voz que mal dá para escutar. É nesse quadro que a estrutura do trabalho encontra o seu lugar: no que foi deixado para trás, no que permaneceu oculto, no que foi silenciado. Como lembra Benjamin, “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”⁴⁵.

⁴³ ROSSI, Mirian Silva. *Mia Cara Mamma: Lettere dal Fronte*. vol. 1 della Collana Guardiagrele: La Memoria. Pescara, Italia: Linea Blu, 2007.

⁴⁴ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 34: 9-24, 1992, p. 14.

⁴⁵ BENJAMIN, Walter, Sobre o Conceito de História... op. cit., p. 223.

O amplo arco que une a *Grande Imigração* e a *Grande Guerra* pontua, de forma explícita e implícita, as cartas de Americo. Entretanto, a sua individualidade e a de sua família, mencionadas aqui e ali com o intuito de fortalecer e testemunhar os acontecimentos analisados, não faz deles os personagens centrais deste itinerário. Pela sua trajetória pessoal e pelo sentido das suas vidas, o papel que eles cumprem nesta pesquisa ultrapassa a esfera do individual e alcança o âmbito do coletivo. O que os particulariza é um rosto, um nome e uma história que se dá a conhecer, e que se assemelha à da imensa massa de anônimos, que se chamou imigrante, com a qual partilharam – na migração e na guerra – as mesmas angústias, as mesmas incertezas, a mesma fé, os mesmos temores, e quem sabe, as mesmas lembranças.

Com base nessas diretrizes, a pesquisa estruturou-se de forma a dar consistência e coesão às questões desenvolvidas, em seis capítulos: *Sementes de uma Diáspora*, *Travessia*, *Espaços Cruzados*, *À Beira do Abismo*, *Ecos da Guerra* e *Homens à Deriva*. Para se chegar às respostas, ou às hipóteses, é inevitável que determinados segmentos assumam uma forma descritiva, aparentemente dissociados dos demais. Referências históricas e contextuais são necessárias para que possamos acompanhar as análises subsequentes. Por outro lado, certos acontecimentos, encerrados na esfera do vivido e inscritos na narrativa, suscitam e requerem a busca, para além do texto, de analogias que expressem momentos cruciais, como o abandono da terra, o rompimento dos laços, a entrega da vida à morte.

Nem sempre, contudo, por mais perto que se chegue e se “contemple as palavras”, é possível acessar o mais íntimo sentido da narrativa. Narrar, diz Benjamin, é “intercambiar experiências”⁴⁶ entre quem vive, quem conta e quem ouve a narrativa. Neste círculo da vida, em constante transformação e renovação, encadeia-se o passado, o presente e o futuro, e se encontram as gerações, mortas e vivas, nas reminiscências que sobrevivem na essência indivisível do tempo.

Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígios⁴⁷.

O primeiro capítulo deste estudo, *Sementes de uma Diáspora*, investiga as raízes da emigração transoceânica da Itália meridional que, segundo indicam os dados coletados, tem uma ligação estreita com o movimento de unificação da Itália, de caráter expansionista e de

⁴⁶ BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica...* op. cit., p. 198.

⁴⁷ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 2ª ed., São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 269. (Os Pensadores).

anexações forçadas ao Reino da Sardenha-Piemonte. Para sustentar essa hipótese, a análise contrapõe as condições do Reino das Duas Sicílias, anexado em 1861, às do recém-nato Reino de Itália, destacando as perdas do primeiro em função dos ganhos do segundo. Como agravante dessa anexação, que acentuou o profundo abismo entre Norte e Sul, ressurgiu nas terras meridionais um fenômeno de resistência coletiva, que passou para a história com o nome de *brigantaggio*, assunto do último recorte deste capítulo, *Os Deserdados do Reino*.

Travessia aborda o impacto dos processos migratórios, as mudanças estruturais na família e no grupo, o restabelecimento das necessidades básicas de sobrevivência, o *stress* que acompanha os processos migratórios. Nesse contexto, o “ficar” torna-se uma nova categoria cultural, social e mental, que nasce com o “emigrar” do final do *Ottocento*. Em seguida são analisadas as consequências do desenraizamento, como a desorganização dos valores culturais, a destruição das ramificações sociais, a desestruturação da identidade. Esta parte destaca o sentimento de desamparo, como sendo o ponto crucial da reação frente à experiência traumática da emigração, finalizando com o grande êxodo e a tortuosa estrada da emigração: o abandono da terra, as perdas, a partida, o rompimento dos laços, as angústias da viagem marítima⁴⁸.

Espaços Cruzados volta-se para o momento definitivo da passagem de um mundo para o outro, quando a vida do migrante ficava suspensa, os ritmos interrompidos, a existência dividida: meio emigrante, meio imigrante, nem de fora nem de dentro, nem do Velho Mundo nem do Novo Mundo. Este era o momento em que as portas das Américas se abriam para um espaço desconhecido e as culturas se encontravam. Desse contato emerge um processo complexo, definido como *aculturação*, direcionando a pesquisa para a análise da trajetória dos imigrantes italianos frente a essa questão, e a forma como pavimentaram o seu novo caminho.

O capítulo seguinte – *À Beira do Abismo* – contextualiza brevemente o conflito mundial, que se inicia em 1914 com a declaração de guerra do Império Austro-Húngaro à Sérvia, destacando o papel representado pela Itália nesse cenário: a quebra da neutralidade e a sua entrada na guerra ao lado dos Aliados, em 1915; a formação do seu exército e do efetivo composto, que reuniu italianos da península e aqueles de além-mar, já contaminados por outras culturas; as consequências trazidas para a população civil pelo amplo e complexo sistema logístico; a propaganda de guerra; as diversas etnias em luta e a mortífera guerra de trincheiras.

⁴⁸ GRINBERG, L. & GRINBERG, R.. *Psicoanálisis de la Migración y del Exilio...* op. cit., p. 24.

Ecos da Guerra ressoa o longínquo conflito, que aporta em território brasileiro com manifestações significativas, atingindo os imigrantes das principais nações beligerantes e, com maior intensidade, a colônia italiana. A argumentação recupera esse momento a partir, principalmente, de minuciosa pesquisa realizada no *Fanfulla*, entre os anos de 1914 e 1918. Os dados coletados nesse periódico, associados a outras fontes, permitem aquilatar, ainda que com alguns limites, a dimensão que o evento alcançou no Estado de São Paulo e em alguns pontos do país. Nos quatro primeiros meses da guerra italiana, mais de seis mil reservistas e voluntários, muitos já nascidos no Brasil, partiram para a Itália, provocando um significativo déficit demográfico na capital paulista⁴⁹ demandando o uso de trens especiais e de inúmeros navios para o transporte dos futuros soldados. Com o objetivo de atenuar a grave situação pela qual passavam as famílias dos reservistas, gerada pela ausência de pais, filhos e maridos, a coletividade italiana participou maciçamente das iniciativas de ajuda e envio de medicamentos e vestuário para a Itália. Esse circuito solidário de apoio aos reservistas e seus familiares, contou com a participação de diversas associações de ajuda, de membros da colônia italiana e da sociedade paulista. O último segmento deste capítulo – *Relações em Conflito* – analisa as questões que levaram o Brasil a entrar na guerra contra a Alemanha e as consequências sofridas pelos imigrantes de origem alemã, em razão da extrema conduta assumida pelo seu país natal.

O último capítulo – *Homens à Deriva* – volta-se para a análise da experiência coletiva, traumática e intensa pela qual passaram os combatentes, testemunhas de um mundo em transformação, que precipitou a desintegração de um universo tradicional conhecido, abalou as próprias certezas e desenhou o contorno de uma nova “paisagem mental”. Sofrida, muitas vezes contraditória e conflitante, as narrativas contam uma história singular e, ao mesmo tempo, coletiva. Pelo seu expressivo número, essa escrita põe em cheque a ideia de que todo acontecimento de extrema violência cala a nossa voz e anestesia a nossa capacidade de expressão. *O Preço da Honra*, segundo segmento deste capítulo, constrói uma narrativa a partir de fragmentos dos testemunhos de guerra. Embora as experiências vividas e sentidas por cada um dos protagonistas, não sejam, como não poderiam ser, unívocas, estão ligadas a um mesmo evento, e fazem parte de uma mesma catástrofe. Guardadas as devidas individualidades, as experiências de guerra se refletem na escritura de forma bastante similar.

Os autores se diferenciam pela procedência geográfica e social, faixa etária e posição que ocupam no front, mas se aproximam pelo que têm em comum: os mesmos temores, a

⁴⁹ P. P.. A Capital Paulista. *O Estado de S. Paulo*, 25 jan.1916, p. 3; BANDEIRA, Moscoso. Os Progressos de S. Paulo. *Correio Paulistano*, 02 fev.1916, p. 3.

mesma dor e as mesmas privações, que assinalam em grande parte as memórias e os epistolários de onde foram extraídos os trechos selecionados para este segmento. As palavras são deles. Eu apenas entreteci alguns retalhos de existências: pensamentos, sentimentos, experiências.

I.

SEMENTES DE UMA DIÁSPORA

1.1. A Guardiã da Majella

Guardiagrele, a cidade de pedra, resplandecia na luminosidade de maio. Um vento fresco agitava as ervas sobre as calhas. Santa Maria Maggiore tinha por todas as gretas, da base ao frontão, algumas pequenas e delicadas plantas, flores violetas desabrochando em tal quantidade, que a antiquíssima Catedral surgia na atmosfera cerúlea toda coberta de flores marmóreas e de flores vivas⁵⁰.

Il trionfo della morte. Gabriele D'Annunzio, 1894

Encravada em um vale, nos contrafortes orientais da *Majella*⁵¹, encontra-se a milenar Guardiagrele, plena das belezas ancestrais, arcaicas e míticas que enriquecem a identidade cultural da Itália do Sul. Aos pés dos verdes bosques da “Montanha Mãe”, a cidade de Guardiagrele é vista como uma espécie de guardiã e portal de entrada desse imenso e rochoso anfiteatro natural, que domina a paisagem dos campos do Abruzzo. A pouca distância do núcleo antigo do pequeno burgo, a inscrição talhada na rocha guarda um quê de mistério e de encantamento, que envolve a montanha: *La Majella Madre vi guarda e vi benedice in eterno*⁵².

Vista de longe, especialmente do lado ocidental, Guardiagrele, como tantos outros antigos e pequenos burgos da Itália meridional, assemelha-se a um rebanho esbranquiçado descansando em um longo promontório, que recorta o horizonte com suas íngremes e irregulares cristas. Vista de perto, protegida ainda pela milenar muralha defensiva, é uma sequência de portas e janelas, pequenas e estreitas ruelas, telhados que às vezes quase se tocam, deixando apenas entrever uma nesga de céu por onde os raios de sol passam timidamente.

A parte superior da cidade é dominada pela igreja de Santa Maria Maggiore⁵³ e pela praça do mesmo nome. A elas se chega pela Via Roma, que atravessa todo o centro urbano, desde a Via San Giovanni – que começa na porta do mesmo nome – até o Torreão Orsini,

⁵⁰ D'ANNUNZIO, Gabriele. *Il Trionfo della Morte*. Dal Convento di S. M. Maggiore. Aprile del 1894. Libro secondo. La casa paterna II. Bookclassic, 2015. (Apêndice I).

⁵¹ Lê-se *Maiela*. O amplo e compacto maciço calcário da *Majella* – a “Montanha Mãe” –, situado na região do Abruzzo, a leste do Vale Peligna, é um dos pontos mais altos e mais importantes dos Apeninos. Desde 1991 faz parte do Patrimônio Mundial dos Parques Nacionais com o nome de *Parco Nazionale della Majella*.

⁵² “A *Majella Mãe* vos protege e vos abençoa por todo o sempre”.

⁵³ Fundada em 1200, a Igreja de Santa Maria Maggiore está inserida na lista dos monumentos mais importantes da Europa a serem preservados.

nome atribuído à torre longobarda remanescente, recordando a mais poderosa família que por muito tempo, no passado, dominou a cidade. Para os guardieses ela é apenas *Lu Terrúne*, símbolo afetivo da última testemunha da antiquíssima fortaleza que deu origem ao primeiro núcleo habitado da urbe⁵⁴.

A essência da milenar Guardiagrele, imortalizada por D'Annunzio como a “nobre cidade de pedra”⁵⁵, não está apenas nas ruas, nas casas, nos “arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras”⁵⁶, mas na memória que ficou inscrita no encadeamento das suas gerações. A verdadeira essência, que impregna a sua atmosfera, que a identifica e a faz particular, está contida nas seculares pisadas dos caminhantes e na presença oculta das silhuetas ancestrais, que se adivinha nos bancos das igrejas, nos recantos dos jardins, por trás de cada janela.

A igreja de Santa Maria Maggiore, centro da vida social e civil dos guardieses, impressiona não só pela sua monumentalidade, mas também pela intensa variação cromática dos grandes blocos de pedra da *Majella*, que não se encontram apenas na igreja, mas espalham-se pelos lugares – nas praças, nas ruínas, nos fragmentos. Em dias de festa, a atmosfera austera do seu interior sóbrio e harmonioso perfuma-se de flores, e se dobra ao som solene do órgão secular.

Nesse antigo templo, Eleonora e Francesco uniram-se em matrimônio no distante verão de 1880. Eles se conheciam desde muito pequenos, como de resto se conheciam todos os guardieses. Francesco descendia dos Orlando, Eleonora dos Scioli, sobrenome que, segundo documentos antigos, tem sua origem na família dita protopatrícia do romano Mucius Scevola, sobrenome que com o passar dos anos viria a se transformar em Scioli⁵⁷. No pórtico lateral sul da igreja de Santa Maria Maggiore encontram-se esculpidos três brasões da família, entre os quais o de Giulio Scioli⁵⁸, que a julgar pelo estilo de representação, é o mais antigo dos três⁵⁹.

⁵⁴ Evidências arqueológicas, como objetos em ferro e bronze encontrados na necrópole de Comino, em recentes escavações no entorno de Guardiagrele, indicam que a região já era habitada por volta do séc. IV a. C.. RUGGERI, Maria. *Genti e Culture dell'Abruzzo in Epoca Preromana – La Necropoli di Comino a Guardiagrele*. Roma: École Française de Rome, 2003.

⁵⁵ D'ANNUNZIO, Gabriele. *Il Trionfo della Morte...* op. cit..

⁵⁶ CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 15.

⁵⁷ RANIERI, Francesco Paolo. *Guardiagrele: Memorie e Monumenti Paesani*. Prima edizione raccolta ed ordinata da Ranuccio Ranieri. Lanciano, Chieti: Tipografia di Francesco Masciangelo, 1927, p. 39.

⁵⁸ Ibidem, pp. 20-21. Nos idos de 1572, Giulio Scioli comprou “duas quartas partes do feudo de Caprafico, que fazia divisa com as propriedades de Palombaro e Pennapiedimonte e com o feudo de Ugni, pelo preço de 1.200 ducados”. Esse feudo esteve sob o domínio da família Caprafico desde 1238, e sua extensão compreendia 4.000 *tomoli* de terreno (*tomoli*: unidade de superfície agrária de valor variável, ainda em uso em algumas zonas da Itália centro-meridional).

⁵⁹ Acervo Scioli Orlando/SP. Os três brasões dos Scioli fazem parte de um conjunto de trinta e dois brasões nobiliárquicos das antigas famílias de Guardiagrele.

3. Brasões Scioli. Igreja Santa Maria Maggiore Guardiaagrele. Fotos de Mirian Rossi, 2005

Tanto os Scioli quanto os Orlando, famílias de antiga tradição na cidade, onde mantinham pequenas propriedades, ligavam-se por relações de parentesco aos Jacovella, Ranieri, Di Martino, Vitacolonna, Bianco e Elisio. Vestígios desses sobrenomes estão presentes nos palácios remanescentes, nas manufaturas do ferro batido, cerâmica e cobre, atividades que perpetuam uma tradição amplamente difundida já no final do *Trecento*.

Na sociedade guardiese de meados do século XIX, de pequena ou nenhuma mobilidade, os filhos sucediam aos pais na profissão e na posição social. Os Orlando dedicavam-se ao ramo de massas alimentícias e os Scioli, aos trabalhos de ferro batido. Por um misterioso atavismo, a natureza dotara Eleonora e Francesco com a mesma essência da matéria-prima que os sustentava. Ela com a firmeza, ele com a coesão. Ela, como o ferro forjado, tenaz, forte, não se deixava dobrar facilmente. Já ele, como a massa sovada, flexível, maleável, condescendia.

Ambos situavam-se na escala social alguns degraus acima daquele em que se encontrava a maior parte dos guardieses, mas isto pouca diferença faria naqueles tristes anos em que se vivia. A crise agrária que grassava pelos campos, tocou de perto a vida dos cidadãos e dos pequenos proprietários. Logo, eles, assim como outros, seriam apenas mais uns dos elos de uma pesada corrente que os prendia no lugar, do qual por mais sacrifícios, por mais privações, por mais esforços que fizessem, não conseguiam sair. Bem cedo, ainda na infância, Eleonora e Francesco seriam enredados em um cerco intransponível, sob o estigma da miséria que campeava por todos os pequenos vilarejos italianos após a unificação da Itália. Pouco tiveram para dividir além dos filhos, os únicos bens que a cidade empobrecida lhes permitia ter.

Assim, nasceram Giuseppe, Ernesto, Giustino Nicola, Giovanni e Tommaso Cesario. Afortunados, destes cinco meninos perderam para a morte só um: Giustino Nicola, com

apenas sete dias de nascido, o que era quase nada frente a um cotidiano marcado por doenças, por uma alimentação cada vez mais escassa, deficitária e inadequada, e pela inevitabilidade da morte. Alguns anos depois do nascimento de Tommaso Cesario, no começo do inverno de 1894, Eleonora deu à luz uma menina. A tão esperada *bambina* foi batizada na Igreja de Santa Maria Maggiore no dia 25 de janeiro, seis dias após o seu nascimento, com o nome de Almerinda. Exatos oito meses depois, na manhã de 25 de setembro de 1894, Eleonora e Francesco enterravam aquela que foi a sua primeira filha: a última dos seus filhos nascidos em solo italiano.

Esse presente que não terminava nunca, que dia após dia desperdiçava a existência, parecendo ingressar em um tempo que arrastava o tempo, estava atrelado a um passado não muito distante, cujas ações arbitrárias caminharam no sentido de unir pela força, regiões que os séculos tinham tornado independentes. Cada uma tinha as suas próprias leis, suas próprias guerras, seus próprios triunfos. Subsistia ainda, na população, a crença de que o seu verdadeiro país era a terra que lhe dava o sustento, na qual nasciam os seus filhos, onde a língua mãe era aquela aprendida com os seus pais, onde o passar do tempo era marcado pelo nascer e morrer do sol, pelo suceder das estações e pelas linhas que enrugavam os rostos familiares.

Na Itália do *Ottocento* era este ainda o conceito de pátria, mais arraigado talvez no *Mezzogiorno*⁶⁰. Assim foi até 1861, quando o *Risorgimento*⁶¹ subjugou o Reino das Duas Sicílias⁶², e com ele, a guardiã da *Majella*.

⁶⁰ O termo *Mezzogiorno* (em português, *meio-dia*) indica, do ponto de vista social, cultural, econômico, geográfico, demográfico e político, a Itália meridional. Historicamente, o *Mezzogiorno* compreende o território do antigo Reino das Duas Sicílias (regiões do Abruzzo, Basilicata, Calábria, Campania, Molise, Puglia e Sicília), e uma parte meridional do Lácio (Cassino, Gaeta e Sora).

⁶¹ As primeiras manifestações revolucionárias, que dariam origem ao *Risorgimento* (renascimento ou reflorescimento), surgiram entre 1820 e 1830 e mais à frente se desdobraram em quatro movimentos: 1. *Primeira guerra de independência* (1848: Reino da Sardenha e Grão-Ducado da Toscana contra a Áustria, com a vitória desta última); 2. *Segunda guerra de independência* (1859: Piemonte e França contra Império Austríaco, terminando com a vitória dos primeiros e a aliança entre Piemonte e França). 3. *Expedição dos Mil* (1860: anexação do Reino das Duas Sicílias ao Reino de Itália); 4. *Terceira guerra de independência* (1866: Império Austríaco e Itália contra o Reino da Prússia, com a vitória ítalo-austríaca e a anexação do Vêneto). Há certa unanimidade em fixar em 20 de setembro de 1870 a data final do *Risorgimento*, com a tomada de Roma, que se torna capital do Reino de Itália. Contudo, a história do *Risorgimento* só termina com a anexação de Trento e Trieste, após o final da Grande Guerra, considerada pela Itália com a “*quarta guerra de independência*”.

⁶² Em 1860 o Reino das Duas Sicílias, constituído pelo Reino de Nápoles e pelo Reino da Sicília, estava dividido em 22 regiões, das quais, 15 no sul peninsular (*Reali Dominii al di qua del Faro*) e sete na ilha da Sicília (*Reali Dominii al di là del Faro*), em referência ao *Faro* (Farol) *di Messina*. Na península ficavam: *Provincia di Napoli* (Capital *Napoli*); *Terra di Lavoro* (Capital *Capua* e depois *Caserta*); *Principato Citeriore* (Capital *Salerno*); *Principato Ulteriore* (Capital *Avellino*); *Basilicata* (Capital *Potenza*); *Capitanata* (Capital *Foggia*); *Terra di Bari* (Capital *Bari*); *Terra d’Otranto* (Capital *Lecce*); *Calábria Citeriore* (Capital *Cosenza*); *Calábria Ulteriore Prima* (Capital *Reggio*); *Calábria Ulteriore Seconda* (Capital *Catanzaro*); *Molise* (Capital *Campobasso*); *Abruzzo Citeriore* (Capital *Chieti*); *Abruzzo Ulteriore*

Inspirado nas manifestações de 1848, que convulsionaram a Europa com uma onda revolucionária, o *Risorgimento* trazia no próprio significado do seu nome a esperança de fazer ressurgir unida, uma terra cativa de impérios estrangeiros. Ensejava o início de uma nova era, mas na verdade provocou uma cisão com antigas tradições, com os valores típicos da cultura campesina e com a alma religiosa do povo italiano, que era, provavelmente, o único elo comum entre toda a população.

Forjado nos gabinetes palacianos, o movimento foi obra de conluíus secretos, manobras de hábeis artífices, de intensos esforços diplomáticos, de acordos entre governos e nações, de conspirações, da manipulação de homens. Isto, entretanto, não significou uma convergência de pensamento. Pelo contrário. O *Risorgimento* sofreu uma série de fraturas internas, desdobrando-se em quatro projetos muito diversos e conflitantes entre si: *Republicano-Centralista* de Giuseppe Mazzini; *Republicano-Federal* de Carlo Cattaneo; *Monárquico-Federal* de Vincenzo Gioberti e *Monárquico-Centralista*, dos Savoia, o qual acabaria por prevalecer. Com o êxito desse projeto, de natureza expansionista e de anexações forçadas ao Reino da Sardenha-Piemonte, a unificação da Itália perderia grande parte dos ideais libertários e do espírito democrático que a engendrara.

Derrotados os projetos de Mazzini, Cattaneo e Gioberti, a liderança do movimento foi dividida entre os monarquistas do Piemonte, chefiados por Camilo di Cavour – que com o auxílio da França venceram os austríacos no Norte – e os “camisas vermelhas” comandados por Giuseppe Garibaldi, que conquistaram a Sicília e toda a parte meridional da Península⁶³, pondo fim ao maior e mais populoso reino da Itália: o Reino das Duas Sicílias⁶⁴.

Como resultado final, a unificação dividiu, debilitou e sufocou a ordem existente. Mantendo a instituição monárquica e centralizando o poder em uma única mão, o *Risorgimento* expandiu um reino e enterrou todos os outros. Fez o Estado, mas não criou a

Primo (Capital *Teramo*); *Abruzzo Ulteriore Secondo* (Capital *L'Aquila*). As capitais das províncias insulares tinham o mesmo nome das províncias: Palermo, Messina, Catania; Girgenti (Agrigento), Noto, Trapani e Caltanissetta. As denominações *Citeriore* e *Ulteriore* indicam respectivamente, a parte setentrional e meridional da região.

⁶³ A geografia física da Itália compreende três partes: a *parte continental*, situada no norte da Itália, na porção conhecida como “terra firme” (que corresponde, *grosso modo*, à parte formada pelo arco alpino, delimitada ao sul por uma linha imaginária que liga La Spezia a Rimini); a *parte peninsular*, que é atravessada pela cadeia dos Apeninos e é delimitada pelos mares Ligure, Tirreno, Jônico e Adriático e a *parte insular*, geralmente representada pelas duas maiores ilhas: Sicília e Sardenha, mas que compreende inúmeras outras.

⁶⁴ O Reino das duas Sicílias era o Estado italiano pré-unitário mais antigo e o mais extenso territorialmente (111.900 km²). Às vésperas da unificação o reino tinha mais de nove milhões de habitantes, o que representava quase um terço de toda a população da Itália. Além dele, somente o Reino da Sardenha e o Estado Pontifício eram completamente independentes.

Nação⁶⁵ ou, como diz uma conhecida frase que passou para a história: *Fatta l' Italia bisogna fare gli Italiani* ⁶⁶.

No *Mezzogiorno*, o renascimento anunciado teve amargas consequências. No seu descomedido caminho instalou-se a miséria, o descaso e o abandono. A paz da *Majella* foi profanada e a velha montanha-mãe foi testemunha impotente da violência que tomou conta das suas entranhas. Essa é uma história com raízes antigas, que se estendeu pelas montanhas e planícies do Sul e se espalhou por todo o Apenino centro-meridional. Uma história cujo eco ressoou incansavelmente pelos pobres vales, até morrer nos bosques que escondem o seu horizonte, sem que ninguém quisesse ouvi-la. Uma história que, de tanto tempo sufocada, irrompeu com força no curso do difícil nascimento de uma nação.

⁶⁵ Se por vezes “Nação” e “Estado” se confundem, conceitualmente, segundo vários autores que já se debruçaram sobre o tema, são distintos. Em termos gerais podemos dizer que “Estado” está ligado diretamente à organização política, social e jurídica, ocupando um território determinado, dirigido por um governo próprio e soberano, reconhecido tanto interna quanto externamente. Já, “Nação”, tem um caráter mais subjetivo, constituindo-se em um complexo de pessoas que têm em comum as mesmas tradições históricas, a mesma língua, a mesma cultura, a mesma origem e a consciência de pertencerem a uma unidade, independente da sua concretização em unidade política. Enquanto a “Nação” é capaz de catalisar o sentimento de um povo, o “Estado”, por meio dos seus mecanismos de execução, tem o poder de cercear a sua liberdade. Dessa forma podem existir, como sabemos: Nações sem Estado (Curdistão, a maior de todas), Estados plurinacionais (Reino Unido), Nações que compartilham um Estado (Flandres, Catalunha) e Estados que compartilham uma Nação (Espanha e França que compartilham o País Basco).

⁶⁶ Embora a frase “*Feita a Itália é preciso fazer os Italianos*” seja atribuída a Massimo D’Azeglio (1798-1866) por vários autores, Simonetta Soldani e Gabriele Turi observam, na Introdução de um amplo estudo sobre escola e cultura, que a mesma não foi pronunciada ou escrita dessa forma por D’Azeglio. Segundo esses autores, a frase, como passou para a História, foi cunhada em 1896 por Ferdinando Martini, expoente da esquerda histórica, na tentativa de “traduzir” o senso político de um trecho de *I miei ricordi*, de autoria de D’Azeglio. Para mais detalhes ver SOLDANI, Simonetta e TURI, Gabriele. *Fare gli Italiani. Scuola e Cultura nell’Italia Contemporanea*. Bolonha: Il Mulino, 2 vols; FOMENTI, Carlo. Siamo una Nazione, ma chi ha fatto l’Italia? In: *Corriere della Sera Archivio Storico*, 17 luglio 1993, p. 23, e D’AZEGLIO, Massimo, *I miei Ricordi*, due vols.. Firenze: G. Barbèra Editore, 1891. Disponível em: <http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/volume_8/t207.pdf>. Acesso em: 10 maio 2012.

1.2. Biografia de um Reino

A memória é filha do presente. Mas, como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto⁶⁷.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses, 1992

Para entendermos o significado mais profundo, a essência eu diria, dos episódios que levaram à grande diáspora meridional no período pós-unitário, não basta conhecê-los no momento em que se manifestaram. É necessário recuarmos um pouco no tempo. Um tempo que semeou miséria e abandono, em um campo que começava germinar e crescer.

Nesse momento plantou-se nas terras do antigo Reino das Duas Sicílias um futuro sombrio, dividiu-se uma nação entre Norte e Sul e ergueu-se uma fronteira de exclusão e desigualdade, que afastou um povo da sua própria pátria.

[...] No Norte os municípios tinham dado um impulso especial à história, enquanto no *Mezzogiorno* o reino dos Suevos, de Anjou, da Espanha e dos Bourbon, havia dado outro. De um lado a tradição de certa autonomia havia criado uma burguesia audaz e plena de iniciativa, e existia uma organização econômica similar àquela dos outros Estados da Europa, propícia ao desenvolvimento ulterior do capitalismo e da indústria. Do outro lado a administração paternalista da Espanha e dos Bourbon não havia criado nada: a burguesia não existia, a agricultura era primitiva e não bastava sequer para satisfazer o mercado local; nenhuma estrada, nenhum porto, nenhuma utilização da pouca água que a região, pela sua especial conformação geológica, possuía [...] ⁶⁸.

Para que o cenário descrito por Gramsci se torne compreensível, é necessário adotarmos uma abordagem mais sensível ao referencial do passado. É nele que vamos encontrar as razões e os vestígios da grande emigração italiana meridional, que dispersou pelo mundo milhares de cidadãos das províncias da Itália do Sul.

O Reino das Duas Sicílias começou a se formar no remoto ano de 1035, conservando a sua história, os seus costumes e a sua moeda por mais de oito séculos, no curso dos quais várias dinastias se sucederam⁶⁹. Com a ascensão da dinastia Bourbon⁷⁰ e o fim da dominação

⁶⁷ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, Cativa da Memória... op. cit., p. 14.

⁶⁸ GRAMSCI, Antonio. *La Questione Meridionale*. L'Áquila: REA Edizioni, 2011. E-Book, p. 6-7/114. (Apêndice I).

⁶⁹ A invasão dos normandos na Itália meridional, na segunda metade do século XI, pôs fim ao domínio árabe. Em 1194 o reino caiu sob o domínio da Dinastia Suábia, de Hohenstaufen, seguida pela Dinastia

exercida pela Espanha sobre a coroa napolitana, o Reino, até então uma monarquia hispano-italica, foi emancipado definitivamente, ganhando maior expressão. Um conjunto de reformas internas foi implantado, dando vida a novas forças sociais e culturais, que aproximaram o reino das transformações modernizadoras que estavam em curso em outras partes da Europa.

O processo de mudanças se intensificou com as gerações seguintes dos Bourbon nascidas em solo napolitano, mas foi com Ferdinando II que a dinastia entraria em plena maturidade. Em 1830, quando o Reino enfrentava inúmeras agitações libertárias, principalmente na Sicília, Ferdinando, então com 20 anos, ascendeu ao trono. Nos primeiros dias de seu reinado o monarca publicou um édito comprometendo-se a fazer uma administração justa e imparcial. Reorganizou a corte e o governo, saneou o balanço, reduziu os tributos, o débito externo e os gastos públicos.

Para minimizar os efeitos nocivos trazidos às plantações pelas terras pantanosas, e aumentar a área de cultivo, foram feitos constantes trabalhos de drenagem e saneamento. Muitas das reservas reais de caça foram abolidas e áreas florestais foram demarcadas nas terras do *Tavoliere di Puglia* e destinadas à agricultura⁷¹. O reinado de Ferdinando foi pontuado por uma série de realizações, com a construção de estradas, edifícios, indústrias, fábricas, hospitais, escolas, cátedras universitárias, abrigos para indigentes e órfãos, entre outros, dando um novo impulso à economia, à educação, à cultura e à saúde, mas ensejaram também revoltas violentas por parte dos proprietários de terras. O objetivo de Ferdinando II era o de manter uma indústria capaz de suprir a demanda interna, para limitar ao máximo as importações e a dependência externa, estimulando o desenvolvimento de setores estratégicos como as indústrias extrativa, química, têxtil, siderúrgica e naval.

Essa política governamental foi responsável por fomentar a nascente industrialização, e por transformar o reino meridional no estado pré-unitário com as melhores e mais sólidas condições financeiras, com a menor taxa de impostos e com o maior número de bens estatais e

Plantageneta ou Angevina, de Anjou (1266-1442), Aragonesa (1442-1503), Espanhola (1503-1707) e Austríaca, de Habsburgo (1707-1734). Em 1734 a Espanha recupera o reino, dando início à era bourbonica, com os reinados de: *Carlo de Bourbon* (Madri, 1716-1788) VII de Nápoles e V da Sicília (reinado: 1734-1759); *Ferdinando de Bourbon* (Nápoles, 1751-1825) IV de Nápoles e III da Sicília (reinado: 1759-1806 e 1759-1815); Invasão Napoleônica (*Giuseppe Bonaparte* – reinado: 1806-1808; *Joachim Murat* – reinado: 1808-1815). Retorno ao trono de *Ferdinando de Bourbon*, quando assume o número dinástico I do Reino das Duas Sicílias (reinado: 1815-1825); *Francesco de Bourbon* (Nápoles, 1777-1830) I das Duas Sicílias (reinado: 1825-1830); *Ferdinando de Bourbon* (Palermo, 1810-Caserta, 1859) II das Duas Sicílias (reinado: 1830-1859); *Francesco de Bourbon* (Nápoles, 1836-Arco, 1894), II das Duas Sicílias (reinado: 1859-1861).

⁷⁰ A dinastia Bourbon iniciou-se em 1735, com a ascensão de seu primeiro rei, Carlo VII de Nápoles e V da Sicília.

⁷¹ DE' SIVO, Giacinto. *Storia delle Due Sicilie: dal 1847 al 1861*. Roma: Tipografia Salviucci, 1863, vol. 1. E-Book.vol. 1, pos. 94 e 517/584.

eclesiásticos, superior ao de todos os outros Estados italianos. A renda pública estava entre as mais bem avaliadas da Europa, e a quantidade de moeda circulante era duas vezes superior à de todos os outros Estados juntos⁷².

[...] O Reino de Nápoles era, em 1859, não só o mais reputado da Itália pela sua solidez financeira – e disto é prova a evolução da renda – mas também aquele que, entre os maiores Estados, encontrava-se em melhores condições. Débito escasso; impostos baixos e bem equilibrados; grande simplicidade em todos os serviços fiscais e na tesouraria do Estado⁷³.

A base de todo ordenamento fiscal do Reino das Duas Sicílias compreendia uma estrutura funcional e bem organizada, que contrastava com a de outros estados italianos. Sobre esta questão é oportuno abrimos um parêntese para destacar o parecer do piemontês Vittorio Sacchi, nomeado Secretário Geral do Ministério das Finanças de Nápoles pelo rei de Itália, Vittorio Emanuele II, em 1 de abril de 1861⁷⁴:

O sistema de arrecadação do imposto fundiário, o primeiro e o mais importante dos recursos do Estado, era incontestavelmente o mais ágil, simples e seguro que, provavelmente, existia na Itália. [...]. À Tesouraria Geral afluíu toda a contabilidade, com uma ordem admirável. [...]. É de se ressaltar as mentes brilhantes. E quem quer que diga o contrário havia homens de grande instrução. As ciências econômicas, geralmente desconhecidas entre a classe dos funcionários públicos em outros lugares, eram aqui, de modo geral, professadas. Os conceitos simples e eficazes, a língua pura e elegante, afastavam a documentação burocrática daquela amálgama de palavras convencionais, que em outros lugares, impregnam as correspondências oficiais. Em uma palavra, nos diversos ramos da Administração das Finanças Napolitanas se encontrava tal capacidade, que honraria o Governo mais iluminado. [...] Os setores financeiros devem, portanto, permanecer funcionando como eram⁷⁵.

A sugestão do Secretário Vittorio Sacchi, para que se mantivessem os mecanismos financeiros do recém-anexado Reino das Duas Sicílias, “que honraria o Governo mais iluminado” não foi aceita por Cavour, a despeito de o ordenamento fiscal napolitano mostrar-

⁷² NITTI, Francesco Saverio (1903) e DE MASI, Domenico (2005). *Napoli e la Questione Meridionale: 1903-2005*. Napoli: Alfredo Guida Editore, 2004, p. 171.

⁷³ NITTI, Francesco Saverio. *Scritti sulla Questione Meridionale: Il Bilancio dello Stato dal 1862 al 1896-97. Nord e Sud*. Roma-Bari: Laterza, 1958, p. 470; Ver também do mesmo autor: *L'Italia all'Alba del Secolo XX*. Torino-Roma: Casa Editrice Nazionale Roux e Viarengo, 1901, p. 118. Disponível em: <<https://archive.org/stream/litaliaallalbad00nittgoog#page/n111/mode/2up>> Acesso em: 15 abr.2014. (Apêndice I).

⁷⁴ *Collezione delle leggi e de decreti emanati nelle provincie continentali dell'Italia Meridionale durante il Periodo della Luogotenenza*. Vol. 1. Da 7 nov.1860 a 30 apr.1861. Napoli: Tipografia Nazionale, 1861, p. 955.

⁷⁵ SACCHI, Vittorio. *Il Segretariato Generale delle Finanze di Napoli dal 1 Aprile al 31 Ottobre 1861*. Napoli: Stabilimento Tipografico delle Belle Arti, 1861, pp. 11-12. (Apêndice I).

se seguro, simples e eficaz, em oposição ao do Piemonte, muito mais oneroso e de difícil arrecadação. Fecho parênteses.

O consistente superávit da balança comercial, acumulado pelo Reino do Sul, propiciou investimentos em obras públicas, garantiu o financiamento das indústrias, e resultou no surgimento de outras iniciativas pioneiras na Itália e fora dela. Constituído por empresas de médio e pequeno porte, o setor produtivo foi liderado pelas indústrias siderúrgica e metalúrgica, pela indústria da construção, pela indústria têxtil – com a manufatura de seda, linho, algodão, lã e tecidos estampados – e pela indústria de alimentação, com a antiga tradição dos pastifícios e das mesas cobertas de *coccinelle* (massa feita à mão) secando ao sol na frente de todas as casas, como descreve Goethe na sua *Viagem à Itália* ⁷⁶.

A siderurgia e a metalurgia eram os setores mais especializados e de maior prestígio, responsáveis pela formação da mais importante frota mercantil do Mediterrâneo e pela difusão das estradas de ferro com a construção de novas linhas, como a *Nápoles-Caserta-Capua*, a *Nápoles-Torre Annunziata-Castellammare*, a *Torre Annunziata-Salerno*, a *Capua-Ceprano*, além da pioneira *Nápoles-Portici*, que pela primeira vez fez soar na Itália o apito de uma locomotiva anunciando a partida de um trem ⁷⁷.

A construção de estradas de ferro era a pedra de toque da estratégia político-econômica do governo de Ferdinando II, e às vésperas da anexação do Reino das Duas Sicílias ao Reino da Sardenha-Piemonte, no reinado de Francesco II, o último rei das Duas Sicílias, mantinha-se ativa:

Sendo nossa vontade que uma rede de ferrovias cubra as mais férteis e as mais industriosas regiões dos reais domínios aquém e além do *Faro*, a fim de melhorar sempre mais as condições econômicas da nossa população, favorecer o desenvolvimento progressivo da sua prosperidade, elevando-a ao nível de exigência do crescente movimento comercial ⁷⁸.

No plano financeiro destacavam-se a Bolsa de Valores de Nápoles, a mais importante de toda Itália, e o maior dos grandes bancos italianos: o *Banco das Duas Sicílias* – compreendendo o *Banco de Nápoles* e o *Banco de Sicília* – que por sua história secular, e a garantia de manter o valor nominal do ouro, pago à vista em moeda corrente, era prezado

⁷⁶ GOETHE, Johann Wolfgang von. *Viagem à Itália: 1786-1788*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.

⁷⁷ Para as principais ações e realizações do Reino das Duas Sicílias, durante os reinados dos Bourbon ver Apêndice II, no final deste trabalho. Além de auxiliar a corroborar algumas análises aqui desenvolvidas, poderão ser de alguma valia para quem se interessar pelo estudo do assunto em causa.

⁷⁸ FRANCESCO II delle Due Sicilie. *Collezione delle Leggi e de Decreti Reali del Regno delle Due Sicilie*. Napoli: Stamperia Reale, 1858. (Apêndice I).

internacionalmente⁷⁹. O funcionamento do Banco de Nápoles foi considerado pelo Secretário Geral do Ministério das Finanças de Nápoles, o piemontês Vittorio Sacchi, um “admirável mecanismo financeiro das Províncias Napolitanas”⁸⁰. Segundo Nitti, estudioso do tema meridionalista e da economia italiana, entre 1818 e 1861, o Banco de Nápoles, sobre uma media anual de 69 milhões de liras de antecipações e descontos, não perdeu mais do que 65 mil ao ano, menos do que o Banco da Inglaterra, menos do que o Banco da França, e menos talvez, do que qualquer grande banco do mundo⁸¹.

Às vésperas da unificação, o reino do Sul concentrava 56,3% dos trabalhadores rurais e 55,8% dos trabalhadores agrícolas especializados, empregando na indústria uma força de trabalho equivalente a 51% do total dos estados italianos, graças à construção naval, à indústria siderúrgica, têxtil, alimentar, extrativista e química, além das fábricas de papel, curtume, vidro, coral, entre outras⁸². A região com a mais alta porcentagem da população ativa ocupada na indústria era a Calábria, com 28,8%, seguida da Campania, com 23,2% e Sicília, com 23,1%⁸³.

Entre as diversas indústrias do Reino destacam-se três grandes empreendimentos: a *Real Colônia de San Leucio*, fundada no reinado de Ferdinando IV de Nápoles (III da Sicília); o *Polo Siderúrgico de Mongiana* e a maior fábrica de produção de locomotivas da Itália, a *Pietrarsa*, todos considerados exemplos extraordinários de arqueologia industrial⁸⁴.

A manufatura de *San Leucio*, especializada na tecedura da seda, foi um dos mais ambiciosos projetos do reino, pelo seu cunho inovador e avançado. De perfil institucional socioeconômico, esse complexo fabril ocupou o antigo feudo dos condes Acquaviva de Caserta. O centro industrial de tecelagem em seda era vinculado a uma comunidade produtiva,

⁷⁹ ZITARA, Nicola. La Gran Cuccagna dei Fratelli d'Italia. *Riv. Due Sicilie* 2, 2004. Apud RESSA, Giuseppe. Le Conseguenze dell'Annessione: Il Nuovo Sistema Bancario e il Bilancio Iniziale del Neo Stato Italiano. In: Brigantino – Il Portale del Sud. Disponível em: <<http://www.ilportaledelsud.org/mr50.htm>> Acesso em: 12 jan.2012.

⁸⁰ SACCHI, Vittorio. *Il Segretariato Generale delle Finanze di Napoli...* op. cit., p. 15. [Texto original: *mirabile meccanismo finanziario delle Provincie Napoletane.*]

⁸¹ NITTI, Francesco Saverio. *Scritti sulla Questione Meridionale...* op. cit., p. 483.

⁸² RESSA, Giuseppe. Il Sud e l'Unità d'Italia. In: Brigantino – Il Portale del Sud. Napoli e Palermo. Ottobre 2011. Disponível em: <<http://www.ilportaledelsud.org>> Acesso em: 27 nov.2012, p. 11.

⁸³ Come Eravamo nell'Italia del 1861. *Censimenti Italiani*. Disponível em: <<http://cinquantamila.corriere.it/>>. Acesso em: 17 jun.2014.

⁸⁴ GENTILE, Francesca. Memorie Borboniche in Terra di Calabria: le Reali Ferriere ed Officine di Mongiana, In: *Espacio, Tempo y Forma*, Serie VII, Hº del Arte, t. 20-21, 2007-2008, p. 161e 180. A *arqueologia industrial* investiga o espaço material e humano que envolve uma determinada sociedade, a partir de evidências materiais e imateriais, diretas ou indiretas, que se encontram na estrutura das unidades fabris, assim como as que se manifestam em outras faces desse universo, como as relações de trabalho, as relações interpessoais, étnicas ou de gênero, as estratégias de sobrevivência, de dominação, de resistência, as divisões religiosas, econômicas, espaciais e etc..

de base agrícola, estável e organizada, cujo “espírito e alma”⁸⁵ estavam na igualdade entre os seus membros, independente de sua condição profissional ou social. Com o rápido crescimento da comunidade, novas edificações foram erguidas para aprimorar o ciclo de trabalho da seda, incluindo casas para administradores, mestres, artesãos e suas famílias; igreja; hospital, e a primeira escola obrigatória da Itália, com ensino profissionalizante para homens, mulheres e crianças acima de seis anos. As casas da pequena vila, até hoje existentes, foram projetadas de acordo com as regras urbanísticas da época, e dotadas desde o início de água corrente e serviços de higiene. Eram simples, mas com acomodações indispensáveis para se viver adequadamente⁸⁶.

Idealizada como um modelo de justiça e igualdade para servir de exemplo a um projeto maior no futuro, a *Real Colônia* abolia a propriedade privada, o dote e o testamento, pregava a liberdade de escolha individual e a simplicidade no vestir, garantia a subsistência digna de toda família, a assistência aos anciãos, órfãos e enfermos, privilegiando a solidariedade, a fraternidade, a harmonia e o respeito. O código de *San Leucio*, sistematizado pelo próprio rei, baseava-se em três princípios: educação, considerada a origem da tranquilidade pública; a boa fé, a primeira virtude social, e o mérito, a única distinção entre os indivíduos. Esse tripé norteava o desenvolvimento de todo o trabalho, que estava estreitamente ligado à vida na colônia, dando oportunidades iguais para homens e mulheres, que recebiam prêmios pelo nível de excelência que alcançassem⁸⁷.

Apoiado nos fundamentos do cristianismo, que regiam o conjunto de leis, denominado *Pel buon governo della Popolazione*, o código regulamentava todos os aspectos da vida na comunidade, os direitos e os deveres dos colonos, legislando sobre conceitos como fidelidade, habitabilidade, salubridade, funcionalidade, e dispondo sobre princípios religiosos, jurídicos, sociais, educacionais e comportamentais em todas as manifestações individuais e coletivas.

Inspirado nas novas ideias filosóficas, sociais e econômicas, de raiz iluminista, o édito régio foi publicado em 1789, tendo sido considerado por muitos dos seus contemporâneos como o “documento do século”⁸⁸. A sua concepção antecipava em algumas décadas os regulamentos das “cidades-fábrica” que surgiram na Europa, sobretudo na Alemanha, a partir

⁸⁵ FERDINANDO IV. Re delle Sicilie. *Origine della Popolazione di S. Leucio: suoi Progressi fino al Giorno d'Oggi*. Napoli: Stamperia Reale, 1789, p. XXXI.

⁸⁶ Sobre a *Colônia di San Leucio* ver COLLETTA, Pietro. *Storia del Reame di Napoli* Bruxelles: Società Libreria Hauman e C., 1847, , vol. 1, p. 77 et seq. e PIEROTTI, Piero. *Imparare l'Ecstoria*. Milano: Franco Angeli, 1999, p.145 et seq..

⁸⁷ FERDINANDO IV. Re delle Sicilie. *Origine della Popolazione di S. Leucio...* op. cit, p. X.

⁸⁸ COLLETTA, Pietro. *Storia del Reame di Napoli*, vol. 1... op. cit, p. 77; PIEROTTI, Piero. *Imparare l'Ecstoria...* op. cit, p.147.

da segunda metade do século XIX, e se aproximava, em determinados pontos, das propostas formuladas poucos anos depois pelo “socialismo utópico”, como o *Falanstério* sonhado por Fourier⁸⁹, no que ele teve de menos excêntrico e visionário.

O *Polo Siderúrgico de Mongiana – Reali Ferriere ed Officine di Mongiana* – com elevado potencial produtivo, foi implantado também durante o reinado de Ferdinando IV, como parte integrante do complexo industrial e militar do Reino, para a produção de materiais e semimanufaturados ferrosos para refino *in loco* ou em *Pietrarsa*. Situado na Calábria, na província de Vibo Valentia, o complexo – ou o que restou dele – é a última testemunha de uma atividade de fundição iniciada na Calábria, no final da época fenícia. A sua concepção foi tributária das antigas organizações de ferreiros, de caráter nômade, que se deslocavam por todo o Reino, deixando em cada lugar a marca de seus trabalhos, até se fixarem, em 1771, na localidade de Stilo, em Reggio Calábria, a pouco mais de 30 quilômetros de Mongiana.

O sistema de fusão utilizado por esses artesãos itinerantes acarretava um grande desperdício de carvão vegetal e um alto grau de desmatamento – pela própria itinerância – comprometendo os bosques e arriscando a estabilidade hidro geológica da região. Com o objetivo de evitar danos ao meio ambiente, Ferdinando sancionou um decreto de tutela do patrimônio florestal, que transferia os antigos ferreiros de Stilo para o vale do rio Allaro, a fim de facilitar o transporte de minérios. Dos bosques extraía-se a madeira para combustível, respeitadas as fases e os períodos de reflorestamento, e dos rios, a força que acionava os motores hidráulicos. De natureza socioeconômica, o complexo manteve uma instituição para abrigar os filhos dos trabalhadores, e escolas técnicas para a formação dos jovens mais promissores. O centro habitado de Mongiana, que congregou toda a população que, direta ou indiretamente estava empregada na fábrica (trabalhadores em geral, operários, artesãos, administradores, além de uma guarnição militar bourbonica) mantém-se ainda hoje, apesar da inevitável degradação das habitações e do declínio da sua população. Em 1861, com a unificação da Itália, e o consequente abandono da unidade fabril, a população residente estava reduzida a 1.339 indivíduos⁹⁰.

Diferentemente das de *San Leucio*, e de outros centros coevos, as casas de Mongiana não observam nenhuma regularidade, ordenamento ou uniformidade na disposição. Esse

⁸⁹ François Marie Charles Fourier (1772-1837), ao lado de Henri de Saint-Simon (1760-1825) e Robert Owen (1771-1859), integrava o grupo dos chamados socialistas utópicos, que apresentaram críticas ao capitalismo industrial, que se desenvolvia na Europa na virada do século XVIII para o século XIX. O termo “socialismo utópico” deriva de uma categorização crítica de Karl Marx e Friedrich Engels, para se contrapor ao socialismo científico por eles desenvolvido.

⁹⁰ Censimenti Popolazione d'Italia... op. cit.. Acesso em: 30 jul.2014.

elemento dissonante nasce de uma nova realidade urbana, que responde mais às exigências produtivas do que habitacionais. O mesmo acontecia com o meio ambiente, caracterizado pela presença de cursos de água e de bosques cerrados, que mais do que uma natureza exuberante, oferecia os recursos necessários para aperfeiçoar a produção siderúrgica.

No reinado de Ferdinando II, foi fundado o *Real Opificio Borbonico di Pietrarsa*⁹¹, situado no Golfo de Nápoles, entre o mar e o Vesúvio. Concluído em 1847, o núcleo industrial mantinha diversos setores de construção e de apoio, incluindo uma biblioteca. Esse estabelecimento, o primeiro do gênero em toda a Itália a se ocupar da construção de locomotivas, empregava mais de mil pessoas e ocupava uma superfície de 34.000 m². Precedendo em 46 anos a fundação da *Breda*⁹² e em 59 anos a da *Fiat*⁹³, o complexo de *Pietrarsa* tornou-se o maior núcleo industrial metalmeccânico do Reino das Duas Sicílias e, ao menos até 1861, de toda a Itália. Do momento da sua construção até a unificação, *Pietrarsa* cresceu ininterruptamente, atingindo o ápice do seu desenvolvimento e da sua capacidade produtiva em 1853, compreendendo não só a construção de locomotivas, mas também de trilhos, maquinários, ferramentas, armas, caldeiras, motores a vapor, veículos para transporte, rolamentos, canhões, aço laminado e trefilado além de outros materiais.

Em 1843 foi agregada ao núcleo industrial uma escola tecnoprática, para a formação de maquinistas e foguistas, que contribuiu para impulsionar a navegação a vapor, ampliar as linhas ferroviárias e libertar o Reino das Duas Sicílias da supremacia industrial e tecnológica estrangeira⁹⁴. Em 10 de dezembro de 1847 as oficinas de *Pietrarsa* receberam a visita do Czar Nicolau I, que mostrou interesse e admiração pelo complexo, a ponto de ordenar ao seu engenheiro, Echappar, que reproduzisse a planta do estabelecimento e a organização do maquinário no complexo industrial de Kronstadt, em construção na Rússia⁹⁵.

O sistema produtivo do Reino contava ainda com as indústrias de laticínios, com o artesanato e com a possibilidade de usufruir ganhos comerciais com as inovações tecnológicas, superando deste modo os limites de uma economia baseada exclusivamente na agricultura que, na realidade, era a atividade prevalente no resto da Itália e em grande parte da

⁹¹ O *Real Opificio Borbonico di Pietrarsa* ocupou uma área conhecida como *Pietra Bianca*, região que teve seu nome mudado para *Pietrarsa* (pedra queimada), após uma erupção do Vesúvio, em 1631, que levou as lavas até aquele ponto da costa.

⁹² *Società Italiana Breda*, fundada em 1886, em Milão.

⁹³ Acrônimo de *Fábrica Italiana Automobilística de Turim*, fundada em 1899, em Turim.

⁹⁴ Para saber mais sobre as indústrias do Reino das Duas Sicílias, ver: MANGONE, Angelo. *L'Industria del Regno de Napoli: 1859-60*. Napoli: Fausto Fiorentino, 1976 e MARESCA, Giuseppe. *Era di Maggio. La Storia Stracciata*. Milano: Lampi di Stampa, 2012.

⁹⁵ Museo Nazionale Ferroviario di Pietrarsa. Disponível em: <http://www.museopietrarsa.it/>. Acesso em: 26 jul.2014.

Europa. Na Itália de 1861, 71,9% da população masculina e 66,5% da feminina trabalhavam na agricultura, enquanto apenas 13,2% de homens e 25,3% de mulheres, estavam empregados na indústria. Esses números vão sendo lentamente alterados ao longo das décadas, para chegar em 1911, a meio século da unificação, com uma ocupação no campo de 58,2% de homens e 58,8% de mulheres. Nesse mesmo ano, a indústria absorvia 23,5% da mão-de-obra masculina, e assinalava uma pequena queda da mão-de-obra feminina (24,2%) em relação à registrada em 1861 (25,3%) ⁹⁶.

Às vésperas da anexação das províncias meridionais ao novo Estado, em meio a um cenário conturbado pelas agitações liberais, o Reino das Duas Sicílias sofreu, talvez, o seu mais duro golpe, cujo peso seria relevante no rumo que a história do *Mezzogiorno* tomou. Em 22 de maio de 1859, aos 49 anos, após quase trinta anos de reinado e de uma lenta agonia, morreu o seu soberano, Ferdinando II, peça crucial no jogo do poder e nas alianças que estavam em curso para a unificação da Itália. A sua morte foi a “estupenda oportunidade” aguardada pelo Piemonte, para extirpar de vez as sementes que germinavam no Sul:

[...] O imperador dos Franceses disse: o voto do povo será respeitado, mas é preciso aproveitar o momento. Problemas e vitupérios para nós se deixarmos passar e fugir esta estupenda oportunidade! [...] Uma união entre Nápoles e Piemonte não é possível, e nem mesmo desejável. [...] É preciso acabar com a dinastia dos Bourbon. [...] A França não pode entrar em guerra contra Nápoles, mas pode muito bem nos ajudar [...] ⁹⁷.

Ferdinando II foi sucedido por seu filho Francesco II, de 23 anos, a quem coube a difícil missão de defender as Duas Sicílias da invasão arquitetada pelo Piemonte. Sobre esse monarca, assim se refere o embaixador piemontês em Nápoles:

Francesco é jovem, sem experiência, mas não é idiota como costumam dizer, fala muito bem sobre tudo, com certa propriedade e com muito bom senso [...] de caráter muito débil e muito tímido, constantemente cercado por uma camarilha extremamente retrógrada e reacionária, que impede que a verdade chegue a ele⁹⁸.

⁹⁶ Come Eravamo nell'Italia del 1861. *Censimenti Italiani...* op. cit.. Acesso em: 17 jun.2014.

⁹⁷ Carta de Giuseppe La Farina a Lilippo Bartolomeo, de Messina, expedida de Turim em 16 jun. 1859. In: FRANCHI, Ausonio (a cura di). *Epistolário di Giuseppe La Farina*. Tomo II. Milano: E. Treves & C. Editori, 1869, p. 181. (Apêndice I).

⁹⁸ Despacho do embaixador piemontês, em Nápoles, a Cavour, em 30 de janeiro de 1860 (original em francês). *Carteggi di C. Cavour*. vol. 1, p. 12. Apud RESSA, Giuseppe. In: Brigantino - Il Portale del Sud..., op. cit., p. 59.

A despeito da pouca experiência e do curto reinado, Francesco II de Bourbon encetou várias reformas internas. Concedeu maior autonomia às cidades do reino, ampliou a rede ferroviária, diminuiu o imposto territorial, reduziu as taxas alfandegárias, abriu casas de câmbio na Calábria e em Chieti, chegando inclusive a anunciar a promulgação de uma constituição. Na tentativa de amenizar as consequências de uma carestia que estava em curso, ordenou a compra de trigo no estrangeiro para revenda a baixo custo para a população, dando de graça àqueles mais necessitados.

Na política externa, entretanto, o jovem monarca não foi tão hábil quanto na política interna. A posição isolacionista sustentada por seu pai – assumida em grande parte pela contínua ingerência diplomática da Inglaterra e da França nas questões internas do reino – e a sua postura de independência e neutralidade continuaram, de início, imutáveis. Mais a frente, o rei atenuaria as suas convicções. Essa ação tardia, contudo, em nada contribuiu para sustar ou reverter a situação, que se agravava a cada dia, principalmente na Sicília, pela clara intervenção do Piemonte:

[...] Eu repito o que sempre disse: a insurreição popular é indispensável para a saúde da Itália. [...] O programa aprovado por todos consiste na ditadura do rei Vittorio Emanuele durante a guerra, ressalvado à Sicília proclamar a fusão ou a federação, segundo melhor critério. Eu creio que estas últimas vitórias das armas ítalo-francesas, e a sublevação da Romanha e do Marche devem enfraquecer bastante o governo bourbonico, tornando possível a insurreição na Sicília e na Calábria [...] ⁹⁹.

As mercadorias, das quais se falava, são fuzis e munições. Veja se há alguém que queira se encarregar de trazê-las. Aja com o máximo sigilo, e sem pressa: ainda aguardo resposta sobre o lugar, no qual se deverá desembarcar; porque nas cartas que vinham da Sicília, se dizia que não queriam mais do que armas para fazer um movimento¹⁰⁰.

Insuflada pelos mentores da unificação, a Sicília, o ponto fraco do reino do Sul, se movia, mas não no sentido pretendido pelos piemonteses. A Sicília se movia em direção à sua própria independência¹⁰¹. Com a ilha sublevada e armada, os artífices do Piemonte entraram em ação, com a total colaboração de Garibaldi, enredado e manipulado nos conluíolos secretos dos gabinetes palacianos:

⁹⁹ Carta de Giuseppe La Farina a Filippo Bartolomeo, expedida de Turim em 28 jun. 1859. In: FRANCHI, Ausonio (a cura di). *Epistolário di Giuseppe La Farina...* op. cit., p. 183. (Apêndice I).

¹⁰⁰ Carta de Giuseppe La Farina a Giuseppe Vergara, expedida de Turim em 4 abr.1860. Ibidem p. 309. (Apêndice I).

¹⁰¹ CANEPA, Antonio. *La Sicilia ai Siciliani*, 1944. Apud MISURACA, Fara e GRASSO, Alfonso. Il Banditismo Sociale nell'ex Reame Siculo-Partenopeo. In: Brigantino – Il Portale del Sud. Disponível em: <<http://www.ilportaledelsud.org/banditismo.htm>>. Acesso em: 4 nov.2012.

É verdade que Garibaldi esteve aqui; é verdade que agiu inteiramente de acordo conosco, e que terá uma parte principal nessa grande empresa para a qual nos preparamos. As coisas de resto andam muitíssimo bem; [...] Mais dois ou três meses, e a Europa verá se somos bons em alguma coisa. [...] ¹⁰².

A despeito de a correspondência de Giuseppe La Farina¹⁰³, que teve participação direta e ativa no processo de unificação da Itália, trazer evidências irrefutáveis de que a expedição dos *Mil* foi fruto de uma longa e meticulosa preparação, Vittorio Emanuele II enviou uma carta ao rei das Duas Sicílias, em 15 de abril de 1860, com uma proposta que não condizia com os verdadeiros planos da casa de Savoia que, como disse La Farina em carta a Lilippo Bartolomeo, pretendia “acabar com a dinastia dos Bourbon”, uma vez que “a união entre Nápoles e Piemonte não era possível, e nem mesmo desejável:”

Majestade, meu caríssimo primo!

Nós chegamos a uma época na qual a Itália deve dividir-se em dois Estados poderosos, um setentrional e outro meridional, os quais, com a adoção de *uma política compatível*, terão por tarefa dar a sua colaboração à grande ideia, que predomina hoje na Península, *a ideia unitária*. Unamos caro primo, os nossos esforços por uma nobre causa; unamos os nossos respectivos estados com vínculos de *amizade real*, dos quais nascerá, certamente, a grandeza da nossa pátria. [...] Dissipe as suspeitas de seu povo, e *uma eterna aliança será sedimentada* entre as duas potências da Península, para garantir que a nossa pátria possa existir. Espero com ansiedade uma resposta satisfatória por meio do mesmo correio confidencial, que é encarregado de remeter-vos a presente¹⁰⁴.

Menos de um mês depois do envio dessa fraterna e ludibriosa carta, as verdadeiras intenções de Vittorio Emanuele ficariam evidentes.

Em 11 de maio de 1860, dois vapores de bandeira sarda, o *Piemonte* e o *Lombardo*, entraram no porto de Marsala, na parte ocidental da ilha, trazendo a bordo os “camisas vermelhas”. “Era um belíssimo dia, o sol brilhava e o mar estava liso como óleo [...]”, registrou em seu diário, o comandante Winnington-Ingram, do navio inglês *Argus* ¹⁰⁵.

¹⁰² Carta de Giuseppe La Farina a Giuseppe Clementi. Turim, s.d. (c. 10 jan.1859). FRANCHI, Ausonio (a cura di). *Epistolário di Giuseppe La Farina...* op. cit., p. 110. (Apêndice I).

¹⁰³ Giuseppe La Farina: político e historiador (Messina 1815 – Turim 1863). Republicano, participou das revoltas de 1837 e 1848, na Sicília, exilando-se na França e depois em Turim (1856). Foi colaborador de Cavour e enviado para a Sicília em 1860, com o objetivo de promover a sua anexação ao Piemonte. Eleito deputado em 1860, passou para a oposição depois da morte de Cavour (6 jun.1861). *Treccani.it. Enciclopedia Italiana*. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-la-farina/>>. Acesso em:13 jul.2015.

¹⁰⁴ SAN POL, Stefano. *Quaresimale del Contemporaneo dinanzi la Corte di Torino*. 5ª Edizione. Prato: Tip. Giachetti Figlio E.C., 1868, p. 318. Original from Harvard University. (Apêndice I).

¹⁰⁵ Apud TREVILYAN, Raleigh. *Principi sotto il Vulcano. Storia e Leggenda di una Dinastia di Gattopardi Anglosiciliani dai Borboni a Mussolini*. Milano: BUR Biblioteca Univ. Rizzoli, 2001, p. 160 (Collana Superbur Saggi).

A *Expedição dos Mil*, liderada por Garibaldi e protegida pela presença da esquadra naval britânica, com a “cooperação manifesta dos vapores ingleses *Intrepid* e *Argus*”¹⁰⁶, desembarcou rapidamente, encontrando uma marinha pouco combativa e um reino rebelado. Com o apoio do Piemonte, da Inglaterra, dos latifundiários sicilianos, seguidos fielmente pelos seus *picciotti*¹⁰⁷, e dos oficiais bourbonicos corrompidos e convertidos à causa da unificação, Garibaldi invadiu a Sicília e, em 14 de maio, em Salemi, declarou extinta a dinastia bourbonica, se autoproclamando ditador da maior ilha do Mediterrâneo em nome de Vittorio Emanuele II. Na qualidade de comandante em chefe das forças nacionais na Sicília, Garibaldi emitiu, no espaço de apenas seis meses – de 14 de maio a 26 de novembro de 1860 – trezentos e quarenta decretos¹⁰⁸.

Inexplicavelmente, e a historiografia mais recente abre essa discussão, não houve bloqueio naval à invasão garibaldina por parte da potente marinha de guerra das Duas Sicílias, a “mais importante de todas as marinhas de outros estados italianos juntos”¹⁰⁹, a terceira da Europa, atrás apenas das marinhas da França e da Inglaterra. Tampouco houve qualquer intervenção da diplomacia europeia contra a política inescrupulosa do Piemonte, em relação à invasão e à devastação da Sicília, que violava o código de ética internacional.

[...] Mais de um quarto da cidade (de Palermo) converteu-se em um monte de ruínas: os conventos e as igrejas de *Santa Caterina*, dos *Angeli*, da *Martorana*, e das *Grazie*, os magníficos e esplêndidos palácios *Carini*, *De Riso*, etc.. O quarteirão inteiro de *Porta di Castro* não é mais do que pedras e cinzas. [...]. Em alguns pontos não há mais traços das antigas vias; e daqueles escombros disformes exala um repugnante odor cadavérico¹¹⁰.

Nas semanas que se seguiram, o número de homens às ordens de Garibaldi já chegava a quase 3.500, graças às promessas de terras e à contribuição dos nobres sicilianos e seu séquito de *picciotti*. Em agosto “começaram a desembarcar na Sicília numerosos navios provenientes de Genova e Livorno, carregados de armas e de ‘voluntários’ ”¹¹¹, que eram, na

¹⁰⁶ Em pronunciamento na Câmara dos Comuns da Inglaterra o deputado Sir Osborne acusou as embarcações inglesas de terem favorecido o desembarque de Garibaldi em Marsala. Cf. *Cronaca degli Avvenimenti di Sicilia da Aprile 1860 a Marzo 1861: Estrata da Documenti*, Italia, 1963, p. 80.

¹⁰⁷ *Picciotti*: jovens sicilianos envolvidos com a criminalidade, com bandos de mercenários e até mesmo com organizações mafiosas.

¹⁰⁸ *Raccolta degli Atti del Governo Dittatoriale e Prodittatoriale in Sicilia, 1860*. (Ed. Officiale). Palermo: Stabilimento Tipografico di Francesco Lao, 1861.

¹⁰⁹ NITTI, Francesco Saverio (1903); Domenico De Masi (2005). *Napoli e la Questione Meridionale...* op. cit., p. 50.

¹¹⁰ Carta de Giuseppe La Farina a Cavour, expedida de Palermo, Sicília, em de 10 jun.1860. FRANCHI, Ausonio (a cura di). *Epistolário di Giuseppe La Farina...* op. cit., p. 324. (Apêndice I).

¹¹¹ Cf. circolare n° 40, “*Giornale Militare del Piemonte*”, 12 ago.1861, In: RESSA, Giuseppe. *Il Sud e l’Unità d’Italia...* op. cit., p. 91.

verdade, soldados piemonteses postos oficialmente na reserva ou desertores anistiados. Com esse reforço, a expedição garibaldina passaria de *Mil* para dezenas de *Mil*.

Com 14.000 homens e muitíssimas barcas para fazer rapidamente o desembarque¹¹², Garibaldi estava prestes a atravessar o estreito que separa a ilha da Sicília da península. Com as fileiras dos *Mil* engrossadas, uma resistência desestabilizada e uma “tácita colaboração” da marinha bourbonica, os “camisas vermelhas” cruzaram o então chamado *Faro di Messina* em direção ao continente. A marcha para Nápoles não foi dificultada. Garibaldi escreve em suas memórias, que o desembarque “não poderia ter sido feito com uma marinha completamente hostil”¹¹³.

Em 6 de setembro, Francesco II, politicamente imobilizado e diplomaticamente isolado, transferiu o Governo do Reino para Gaeta, na tentativa de preservar a capital de danos humanos e materiais. Saudando os ministros no momento da partida, dirige a um deles palavras proféticas: “Vós sonhastes com a Itália e Vittorio Emanuele, mas lamentavelmente, sereis infelizes”¹¹⁴.

Um dia depois da partida de Francesco II e de sua corte, Garibaldi entrou no semideserto Palácio Real de Nápoles, ocupou o trono e formou imediatamente um governo ditatorial. Como primeiro ato, cedeu ao Piemonte a poderosa frota militar meridional, composta por cerca de cem navios, dos quais 32 a vapor, e 786 canhões. O ouro da Tesouraria do Estado, patrimônio do reino meridional, equivalente atualmente a mais de 1 bilhão e 670 milhões de euros, bem como os bens pessoais que Francesco II havia deixado na capital, depositados no Banco de Nápoles, cujo valor corresponderia hoje a cerca de 150 milhões de euros, foram declarados “bens nacionais”¹¹⁵.

Em nome da unificação em torno do Piemonte, tudo foi sequestrado: trono, pátria, tesouros, afetos e centenas de anos de uma história singular, rica e multiforme.

Em 8 de novembro de 1860, dois meses depois da entrada de Garibaldi em Nápoles, e a seis meses do seu desembarque no porto de Marsala, Vittorio Emanuele II, rei da Sardenha, tomava posse do Palácio Real da capital do Reino das Duas Sicílias. Garibaldi, o primeiro a aclamar o monarca sabaudo como rei da Itália, não colheria os frutos da sua conquista. O seu republicanismo, sempre temido por Vittorio Emanuele e Cavour, o separava definitivamente da causa do Piemonte. As leis, decretos, disposições e nomeações efetuadas durante o seu

¹¹² Carta de Giuseppe Natoli a Giuseppe La Farina, expedida de Palermo, Sicília, em 2 ago.1860. FRANCHI. Ausonio (a cura di). *Epistolário di Giuseppe La Farina...* op. cit., p. 388.

¹¹³ RESSA, Giuseppe. *Il Sud e l'Unità d'Italia...* op. cit., p. 103. Acesso em: 27 nov.2012.

¹¹⁴ Ibidem, p. 107.

¹¹⁵ Ibidem, p. 111.

governo foram revogadas, o seu pedido para a integração de seus homens ao exército regular nacional não foi concedido e o seu pleito para ocupar o posto de lugar-tenente do rei nos territórios das Duas Sicílias, com plenos poderes por um ano, foi recusado. Pesaroso, Garibaldi desabafa com o almirante Persano: “*Ecco, Persano, [...] dos homens se faz como se faz com as laranjas; espreme-se o suco até a última gota, e se joga a casca lá em um canto [...]*”¹¹⁶.

Em 9 de novembro, o “herói de dois mundos”, a bordo do navio *Washington*, deixou Nápoles em direção à pequena ilha de Caprera, na costa da Sardenha. A esquadra britânica o homenageou com uma salva de tiros. Os navios de bandeira sarda, atracados no porto, permaneceram em silêncio.

Em Gaeta, o exército meridional sob o comando do rei Francesco II, resistia tenazmente ao fogo cerrado do exército piemontês, comandado pelo general Enrico Cialdini. O assédio tornava-se cada vez mais intenso, atingindo inclusive alvos civis como igrejas, hospitais e residências, com o propósito de debilitar o ânimo das tropas bourbonicas e facilitar a rendição da cidade. A ajuda às tropas piemontesas em terra veio da frota naval sarda, mas também de oficiais dissidentes do exército bourbonico, que se uniram ao exército adversário. Entre eles estava o Major Giacomo Guarinelli, profundo conhecedor da fortaleza de Gaeta, e plenamente capaz de dirigir a artilharia piemontesa para o alvo principal. A traição dos oficiais bourbonicos, assim como a violência do Reino da Sardenha contra a população meridional, foi denunciada pelo rei Francesco II em proclama emitido no mesmo dia da posse do trono de Nápoles por Vittorio Emanuele: 8 de novembro de 1860, dia da Imaculada Conceição, protetora do Exército e do Reino:

[...] Deixei cair no desprezo as calúnias, olhei com desdenho as traições [...]. Mas quando vejo os meus súditos, que tanto amo, cativos da anarquia e da dominação estrangeira [...] o meu coração napolitano bate indignado no meu peito [...]. Eu sou napolitano, nasci entre vocês, não respirei outro ar, não vi outro país, não conheço outro solo que não o solo natal. Todos os meus afetos estão no Reino; os vossos costumes são os meus costumes, a vossa língua é a minha língua, as vossas nobres aspirações são as minhas aspirações. [...] O mundo é testemunha: para não derramar vosso sangue, preferi arriscar a minha coroa. Os traidores, pagos pelo inimigo estrangeiro, sentavam-se ao lado dos meus fiéis no meu conselho; na sinceridade do meu coração, eu não podia acreditar em traição. [...]. Em meio à contínua conspiração, não fiz verter uma gota de sangue, e me acusaram de fraqueza. [...] Acreditei em boa fé, que o rei do Piemonte, que se dizia meu irmão, meu amigo, que protestava contra Garibaldi, que negociava comigo uma aliança

¹¹⁶ PERSANO, Carlo Pellion di. *La Presa di Ancona, Diario Privato Politico – Militare*. Pordenone: Edizioni Studio Tesi, 1990, p. 346. [Texto original: *Ecco Persano, (...) degli uomini si fa come degli aranci; spremutone il sugo sino all'ultima goccia, se ne getta la buccia là in un canto.*]

pelo verdadeiro interesse da Itália, não romperia todos os pactos e não violaria todas as leis para invadir meu Estado, em plena paz, sem motivo, sem declaração de guerra. Se estas são as minhas faltas, prefiro as minhas desventuras aos triunfos dos meus adversários [...] ¹¹⁷.

A dissolução completa do reino meridional se consolidaria com a capitulação de Gaeta, em 13 de fevereiro de 1861, após 102 dias de assédio sob os mais violentos bombardeamentos jamais experimentados em solo italiano, conforme relata a *Gazzetta di Genova* em uma correspondência de Gaeta:

Todas as vias estão entulhadas por destroços e escombros das casas danificadas por balas de canhão e pela explosão das bombas, de tal forma que mal se pode caminhar. Vê-se aqui e ali macas abandonadas que acabaram de levar cadáveres despedaçados ou, melhor dizendo, pedaços de corpos humanos recolhidos no meio de tantas ruínas¹¹⁸.

Cinco dias depois, em 18 de fevereiro, os soldados sobreviventes enterravam os restos dos mortos e Gaeta, aniquilada, sepultava as vítimas da febre tifoide, que grassava na cidade devastada.

Assim morreu o Reino das Duas Sicílias.

¹¹⁷ ZINI, Luigi. *Storia d'Italia dal 1850 al 1866 continuata da quella di Giuseppe La Farina*, vol. 2. Milano: Casa Editrice Italiana di M. Guigoni, 1869, pp. 730-733; BUTTÀ, Giuseppe. *Un Viaggio da Boccadifalco a Gaeta: Memorie della Rivoluzione 1860-1861*. Brindisi: Edizioni Trabant, 2010. E-Book – pos. 347-349/402. (Apêndice I).

¹¹⁸ *Il Primo Giorno del Parlamento*. Disponível em: <<http://cinquantamila.corriere.it/>>. Acesso em: 17 jun.2014. (Apêndice I).

1.3. O Nascimento de uma Nação

Eu não posso me convencer como no mesmo reino, sob as mesmas leis, deve haver a cidade de Milão e a cidade de Nápoles; a província de Como e a Basilicata. Procurei em vão em outros países civilizados contrastes tão profundos: não consegui encontrar. E porque devem ainda durar? Não falamos a mesma língua? Não somos por acaso a mesma gente? ¹¹⁹

Francesco Saverio Nitti, 1903

A Casa de Savoia, em torno da qual se formou o Reino de Itália, detinha, na alta Idade Média, o título nobiliárquico de conde. No início do século XV, elevados à condição de duques, os Savoia continuaram a governar o mesmo território, então Ducado de Savoia, estendendo os seus domínios pelo atual departamento francês da Savoia, da Alta Savoia e dos Alpes Marítimos, além de outras possessões italianas no Vale d'Aosta e em grande parte do Piemonte. Por ser uma região de fronteira, grande parte da história do Ducado foi marcada por ocupações e disputas entre várias potências, até que o Duque de Savoia recuperou as suas possessões originais, e recebeu, por acordos estabelecidos pelo Tratado de Londres, o título de rei da Sardenha, objetivo antiquíssimo, perseguido pelos duques através dos séculos¹²⁰. Em 14 de março de 1861, o Reino da Sardenha se transformaria no Reino de Itália, com a outorga a Vittorio Emanuele II e a seus sucessores, do título de rei da Itália¹²¹.

Tudo mudou, para que tudo permanecesse como estava¹²².

E foi assim que o Piemonte, sob o domínio da dinastia Savoia-Carignano, um pequeno Estado de origem feudal, de língua-mãe francesa, unido politicamente à ilha da Sardenha – que lhe conferiu a realeza –, capitaneou uma unificação arbitrária, pautada por anexações

¹¹⁹ Trecho extraído da Dedicatória de Nitti a Giustino Fortunato, In: NITTI, Francesco Saverio (1903) e DE MASI, Domenico (2005), *Napoli e la Questione Meridionale...* op. cit., p. 10. (Apêndice I).

¹²⁰ Vincenzo Gioberti (1801-1852), em 1851, assim descreve os Savoia, na pessoa de Carlo Alberto, pai de Vittorio Emanuele II e primeiro rei da dinastia Savoia-Carignano: Carlo Alberto não tinha um verdadeiro conceito da nacionalidade comum: visava a expansão dos seus domínios, segundo a habitual ambição dos reis e a velha prática da Casa Savoia, do que redimir a península. [Texto original: *Carlo Alberto non aveva un vero concetto della nazionalità comune: mirava ad accrescere i suoi domini, secondo la volgare ambizione dei re e la vecchia pratica di casa Savoia, che a redimere la penisola*. DE MARCO, Carmine. *Revisione della Storia dell'Unità d'Italia*, Milano: MAY- C Publishing, 2011. E-Book, pos. 267 et seq/7293.

¹²¹ 17 Marzo 1861: Il Primo Giorno dell'Italia. Disponível em: <<http://cinquantamila.corriere.it/>>. Acesso em: 17 jun.2014.

¹²² Recorrência à fala do personagem Tancredi Falconeri, na sagaz interpretação de LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. *Il Gattopardo*. (ed. revista). Milano: Le Comete / Feltrinelli Editore, 2002, p. 50.

forçadas e pela falta de conciliação paritária entre os diversos Estados, forjando uma “nova Itália”, menos talvez, com o nobre desejo de unificá-la e mais com o objetivo de expandir o seu domínio.

Com a Unificação, a casa de Savoia poderia se não resolver, ao menos minorar a gravíssima crise financeira que a arruinava, da qual só poderia sair com a “falência ou unindo as finanças piemontesas às de um estado maior” ¹²³. Em julho de 1850, o próprio Cavour já demonstrava preocupação com a situação econômica do reino sardo:

Eu sei como outros que, continuando no caminho que temos seguido por dois anos, nós iremos rapidamente à falência, e que continuando a aumentar os impostos, depois de pouquíssimos anos estaremos na impossibilidade de contrair novos empréstimos e de cumprir os antigos¹²⁴.

Os anos que se seguiram acentuaram ainda mais o déficit tributário dos Savoia, contrastando com as finanças do Reino das Duas Sicílias, que em 1859 desfrutava de condições superiores às do Piemonte “onde os impostos tinham alcançado limites elevadíssimos [...], com um enorme débito público, sobre o qual pairava o espectro da falência” ¹²⁵.

O “enorme débito público” do Piemonte, a que Nitti se refere era, em 1 de janeiro de 1861, de £ 1.159.970.595,43, mais do que o dobro do débito público do Reino das Duas Sicílias, calculado em £ 550.000.000¹²⁶. Entre a falência e a união das suas finanças às de um estado maior, o Piemonte escolheu não só um estado maior, mas o maior de todos os Estados.

Começou assim o desmonte do reino meridional, que precipitou a crise agrária, acentuou a pobreza, gerou conflitos sangrentos e culminou com um êxodo sem precedentes.

No momento da anexação do Reino do Sul, o seu território se estendia por 111.900 km², o que representava mais do que o dobro da superfície ocupada pelo Reino da Sardenha, que era de aproximadamente 54 mil km². O maior reino da Itália em extensão territorial tinha também a maior população: 6.649.669 na península e 2.408.521 na ilha da Sicília, totalizando 9.058.190, que representavam 40,86% da população total da Itália¹²⁷.

¹²³ DE MARCO, Carmine. *Revisione della Storia dell'Unità d'Italia...* op. cit., pos. 3307/7293.

¹²⁴ CAVOUR, Camillo Benso di, MASSARI, Giuseppe, BIFFOLI, Raffaelo. *Discorsi Parlamentari del Conte Camillo di Cavour*, vol. 1. Torino: Parlamento. Camera dei Deputati, 1863, p. 496. (Apêndice I).

¹²⁵ NITTI, Francesco Saverio. *Scritti sulla Questione Meridionale...* op. cit., p. 470. [Texto original: *dove le imposte avevano raggiunto limiti elevatissimi (...), con un debito pubblico enorme, su cui pendeva lo spettro del fallimento*].

¹²⁶ Dados extraídos do *Annuario del Débito pubblico Nazionale Italiano*, Torino, 1860, In: *Opera Parlamentaria del Conte di Cavour*, vol. 1. Livorno: Enrico Razzauti Editore, 1862. E-Book, pos. 204/884.

¹²⁷ *Censimenti Popolazione d'Italia...* op. cit.. Acesso em: 20 maio 2013.

Entre as cidades, Nápoles era a maior entre todas e assim continuaria por mais seis décadas, quando Milão assumiu a liderança. A partir da década de 1930 será Roma a ocupar o segundo lugar, entre as mais populosas cidades italianas¹²⁸.

Censo Populacional da Itália em 1861 ¹²⁹		
Regiões Italianas	População	%
Reino das Duas Sicílias (peninsular) ¹³⁰	6.649.669	30,00
Lombardia	3.160.481	14,25
Piemonte	2.758.500	12,45
Sicília	2.408.521	10,86
Emilia-Romanha	2.100.055	9,46
Toscana	1.920.407	8,65
Marche	891.925	4,02
Ligúria	829.138	3,73
Sardenha	609.015	2,75
Úmbria	442.417	2,00
Lácio	320.449	1,44
Vale d'Aosta	85.900	0,39
Total para a Itália	22.176.477	100,00

Não era a supremacia numérica, entretanto, o que mais separava o Norte do Sul. Fatores geográficos, históricos e culturais tornavam esses dois polos distintos entre si, a começar pela conformação orográfica e climática da Itália, que naturalmente orientava as bases das suas atividades econômicas, definindo as estratégias, apontando os acessos e sinalizando os obstáculos que se interpunham no caminho do desenvolvimento de cada um.

A Itália setentrional é, em boa parte, ocupada pela *Planície Padana*¹³¹, a mais vasta planície da Europa meridional, formada pela bacia hidrográfica do rio Pó, o maior rio da Itália. Compreendendo o seu vale e o seu delta, que se estende por 47.820 km², a planície alcança partes das regiões do Piemonte, Lombardia, Emilia-Romanha e Vêneto. Isto garantia ao Norte uma maior extensão de terras cultiváveis e permitia melhores condições de distribuição de água, pela irrigação não só do Pó e de seus afluentes, mas também do Ádige, Brenta, Piave, Tagliamento e do baixo curso do rio Romanha. Além disso, a situação geográfica privilegiada aproximava essa região da Europa e das principais vias de comunicação, facilitando o acesso aos mercados centro-europeus.

O Sul, ao contrário, frequentemente assolado por terremotos, prevalentemente montanhoso e colinar, encontra sua altitude mais suave no território de *Tavoliere di Puglia*,

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ Censimenti Popolazione d'Italia... op. cit.. Acesso em: 20 maio 2013. Tabela elaborada pela autora.

¹³⁰ A parte peninsular do Reino das Duas Sicílias compreendia as regiões do Abruzzo, Basilicata, Calábria, Campania, Molise, Puglia e parte do Lácio (Gaeta, Cassino e Sora).

¹³¹ Mais propriamente, *planície padano-veneto-romagnola*. A região irrigada pelo Pó tornou-se a principal área industrial da Itália, e está submetida ao controle de um magistrado especial: o *Magistrato delle Acque*.

que por séculos foi terra de pastagem para rebanhos, tornando-se cultivável só recentemente. Embora seja a segunda maior planície da Itália, o *Tavoliere* ocupa uma superfície de 4.810 km², o equivalente a apenas 10% da *Planície Padana*. A região meridional, embora cercada pelas águas do Tirreno, do Jônico e do Adriático é, em relação à região setentrional, mais árida, pela escassez de chuvas e pela ausência de geleiras que possam alimentar os rios e as torrentes, para que carreguem a energia capaz de se transformar em força motriz para fecundar a terra. Na Sicília, os rios de natureza torrencial têm níveis abundantes no inverno, mas ficam praticamente secos no verão. Os cursos d'água, muitas vezes, em vez de beneficiar, prejudicavam o solo, apoderavam-se do terreno cultivado, inundavam os pântanos e propagavam a malária. Distante dos grandes centros europeus, o Sul recolhia-se na sua grande capital, nos seus pequenos vales formados pelas elevações dos Apeninos – mais abruptas em direção ao *Gran Sasso* – nas suas seculares províncias quase impenetráveis e nas suas antigas tradições.

Não obstante as conjunturas naturais, tão assimétricas entre Norte e Sul, terem reservado condições menos favoráveis para a região meridional, o homem procurou vida onde foi possível: nas partes mais estéreis e montanhosas do *Mezzogiorno*, nos trabalhos mais rudes, com uma tenacidade inacreditável.

Até 1860 o reino meridional havia construído um patrimônio sólido e alavancara iniciativas precursoras na Itália, no campo da infraestrutura, da indústria e dos serviços, e embora não se possa dizer que fosse um grande polo industrial, as primeiras tentativas de industrialização sinalizavam condições promissoras de desenvolvimento. À parte a primazia das Duas Sicílias em alguns setores, o reino caminhava *pari passu* com os demais Estados italianos: nem mais lento, nem mais rápido; nem mais atrasado, nem mais desenvolvido. Apenas no mesmo ritmo da Itália pré-unitária:

A Lombardia, agora tão orgulhosa das suas indústrias, não tinha mais do que agricultura; o Piemonte era um estado agrícola e parcimonioso, ao menos nos hábitos de seus cidadãos. A Itália central, a Itália meridional e a Sicília estavam em condições de desenvolvimento econômico modesto. Províncias inteiras, regiões inteiras eram praticamente fechadas a uma civilização¹³².

O setor primário foi, durante muito tempo, o sustentáculo da economia do país e, em algumas regiões, a única fonte de trabalho e de riqueza. Os dados censitários, coletados no primeiro ano de vida do Reino de Itália, demonstram que a região setentrional era

¹³² NITTI, Francesco Saverio. *Nord e Sud*. Torino-Roma: Casa Editrice Nazionale Roux e Viarengo, 1900, p. 2. (Apêndice I).

prevalentemente agrária, empregando no setor o maior percentual da mão-de-obra ativa: 90% no Valle d'Aosta; 81,8% no Friuli Venezia Giulia e 81,1% no Piemonte e Úmbria¹³³. Em contrapartida, ao contrário do que a historiografia oficial faz crer a Calábria aparece, no mesmo censo, como “a região com o mais alto percentual da população ativa ocupada na indústria”, seguida pela Campania e pela Sicília, como visto anteriormente¹³⁴.

Apesar de 1861 e, sobretudo, do período subsequente ter trazido um profundo deslocamento na ordem socioeconômica do *Mezzogiorno*, que viu os seus recursos se esvaírem pelos muitos canais criados pelas leis piemontesas, a região da Calábria, onde se concentrava a maior parte das indústrias siderúrgicas, manteve o seu primado por mais quatro décadas, até cedê-lo para a Lombardia e para a Ligúria, que passaram a deter, em 1901, as mais altas porcentagens da população empregada no setor secundário: 31,7% e 28,2%, respectivamente¹³⁵. Em um processo de inversão, a maior parte da mão de obra empregada no setor primário, antes no Norte, passa para o Sul, que em 1901 ocupava 78,5% da população ativa na agricultura do Abruzzo e Molise, embora o Valle d'Aosta, limitado a leste e ao sul pelo Piemonte, ainda mantivesse a primazia no setor, com um total de 82,4% da mão de obra no campo, condição que permaneceria até pelo menos 1911, quando apresenta uma porcentagem ligeiramente menor: 76,9% ¹³⁶.

Três décadas após a unificação da Itália o mecanismo de desenvolvimento-subdesenvolvimento já estava instaurado, acentuando rapidamente o enorme descompasso econômico e social entre o Norte e o Sul. Nitti observa que, além de distribuir fundos de desenvolvimento majoritariamente na zona setentrional, o governo instituiu, particularmente depois de 1887, um regime alfandegário que favorecia a Ligúria, o Piemonte e a Lombardia¹³⁷. Por muitos anos, dois terços dos italianos trabalharam em benefício dessas regiões, sobretudo da Lombardia, aprofundando ainda mais a lacuna entre os dois polos, mantendo o sul como um “feudo político”, na opinião de Nitti¹³⁸ ou uma “colônia de exploração”, como aponta Gramsci¹³⁹.

Isto se verifica pela pressão tributária que incidia sobre a região meridional, que fazia com que as províncias do sul pagassem mais impostos ao Estado do que as províncias do

¹³³ Come Eravamo nell'Italia del 1861. *Censimenti Italiani...* op. cit.. Acesso em: 17 jun.2014.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ Ibidem. Acesso em: 19 jun.2014.

¹³⁶ Come Eravamo nell'Italia del 1861. *Censimenti Italiani...* op. cit.. Acesso em: 19 jun.2014.

¹³⁷ NITTI, Francesco Saverio, *L'Italia all'Alba del Secolo XX...* op. cit., p. 117 e 124.

¹³⁸ Ibidem, p. 108, 117, 120 e 124.

¹³⁹ GRAMSCI, Antonio. *La Questione Meridionale...* op. cit., pp. 21-22/114.

norte. Potenza, por exemplo, na Basilicata, pagava mais do que Udine, no Friuli Venezia Giulia; Bari, na Puglia, contribuía mais do que Alessandria, no Piemonte; Campobasso, capital da pequena Molise, pagava mais do que Arezzo, na Toscana e assim sucessivamente. A distorção era tanta que Padua, no Vêneto, “pagava pouco mais do que a miserável província de Catanzaro”, capital da Calábria¹⁴⁰.

O desequilíbrio de forças que se estabeleceu entre o Norte e o Sul e a forma como foi feita a unificação dos Estados italianos, além de não trazer benefícios igualitários para todo o país contribuiu, em grande medida, para que o desenvolvimento da Itália setentrional fosse feito com os sacrifícios da Itália do Sul, em todos os setores, incluindo o da educação. Da mesma forma que o novo Estado arruinou a economia e negligenciou as condições de vida da população do *Mezzogiorno*, descuroou também das suas escolas e da sua instrução, fator crucial para a emancipação das classes trabalhadoras. Manter o povo na ignorância é uma velha fórmula para se obter uma notável massa de manobra, e uma reserva de mão-de-obra a baixo custo.

A instrução pública, que até 1859 era gratuita¹⁴¹, foi reformulada em 1861 pela Lei Casati¹⁴², que promoveu uma extensa reforma do sistema escolástico – da administração à articulação programática e didática. De viés fortemente centralizado e hierarquizado, a lei tinha como objetivo principal formar a consciência civil e o sentimento nacional, mas, também, neutralizar o poder das congregações e do clero, que até então tinham o monopólio da instrução.

Dez anos após a unificação, 67,2% dos italianos não sabiam ler e escrever, segundo o censo populacional do Reino de Itália¹⁴³. Nas províncias do Sul encontravam-se os piores índices de analfabetismo. Os números por mil habitantes estavam assim distribuídos: Abruzzo e Molise 868, Campania 824, Puglia 865, Basilicata 898, Calábria 898, Sicília 872, Sardenha 881, contra 500 no Piemonte, 528 na Lombardia, 622 na Ligúria, 698 no Vêneto, e 754 na

¹⁴⁰ NITTI, Francesco Saverio (1903); DE MASI, Domenico (2005). *Napoli e la Questione Meridionale...* op. cit., p. 84. Além do imposto fundiário (taxa-base) foram instituídos entre outros: imposto pessoal; taxa sobre sucessões; sobre doações, empréstimo e dotes; emancipações e adoções; taxa sobre pensões; taxa sanitária; taxa sobre a produção industrial; sobre a sociedade industrial; sobre pesos e medidas; taxa sobre a caça e a agricultura; imposto sobre falências; sobre exportação de palha, feno e aveia; imposto sobre o consumo de carne, peles, aguardente, cerveja, etc.. Após a unificação da Itália, a alíquota por hectare, nas províncias de Nápoles e Caserta, era de 9,60 liras contra a média nacional de 3,33 liras. Cf. NITTI, Francesco Saverio. *Scritti sulla Questione Meridionale...* op. cit., p. 77.

¹⁴¹ SAINT-JORIOZ, Conde Alessandro Bianco di. *Il Brigantaggio alla Frontiera Pontificia dal 1860 al 1863: Studio Storico – Politico – Statistico – Morale – Militare*. Milano: G. Daelli e C. Editori, 1864, p. 385.

¹⁴² *Legge Casati*, n° 3725, 13 nov.1859. A Lei Casati entrou em vigor em 1860 no Reino da Sardenha, e consequentemente em toda a Itália após a unificação, e leva o nome do Ministro da Instrução Pública, Gabrio Casati.

¹⁴³ Come Eravamo nell'Italia del 1861. *Censimenti Italiani...* op. cit.. Acesso em: 5 set.2014.

Emilia¹⁴⁴. A partir de 1876 o Estado interveio com algumas leis para a criação de mais escolas e melhores salários para os professores, mas ao invés de corrigir as distorções, aprofundou-as ainda mais, ao privilegiar o desenvolvimento escolástico nas regiões centro-setentrionais e mantendo um estado de imobilidade no *Mezzogiorno*, que só lentamente e muito tardiamente, conheceria os primeiros benefícios da alfabetização. Basta dizer que no ano de 1908, Potenza, na Basilicata, contava com 712 escolas e Perúgia, na Úmbria, com 1.595. Apesar de em 1916 esses números terem aumentado em Potenza, que passou a ter 1.200 escolas, a distância que a separava de Perúgia estava longe de diminuir. Em relação a 1908, o número de escolas em Perúgia aumentou cerca de 247%, resultando em um total de 3.949 escolas, para uma população maior do que a de Potenza de apenas um terço¹⁴⁵.

As enormes discrepâncias entre Norte e Sul resultaram, em 1911, em taxas altíssimas de analfabetismo na Basilicata e na Calábria: 65% e 70%, respectivamente, enquanto que no Piemonte e na Lombardia o índice de analfabetismo ficou perto de 12% ¹⁴⁶. Em 1926, entre as 126 cidades da região da Basilicata, só quatro possuíam edifício escolástico, e a única escola elementar existente na província de Matera, projetada em 1912, só foi finalizada em 1929¹⁴⁷.

Mais para frente, de 1 de janeiro de 1952 a 1 de janeiro de 1953, foram destinadas para a região setentrional 971 salas de aula, e 239 para as províncias meridionais, à exceção da Basilicata que, a despeito de apresentar um crítico déficit de instrução, não recebeu nem ao menos uma¹⁴⁸. Um caso isolado ilustra o colapso da escolaridade e da condição de vida na região meridional, no espaço de duas gerações. O pai de Francesco Orlando, Tommaso Orlando, nascido em 7 de fevereiro de 1820, tinha uma condição de vida privilegiada para a época: possuía pequenas propriedades em Guardiagrele e era alfabetizado, o que se comprova pela sua assinatura e pelos dados registrados na certidão de nascimento de Francesco. Este, por sua vez, nascido em 7 de abril de 1856, contando portanto quatro anos à época da anexação do Reino das Duas Sicílias e que, supostamente, deveria ter sido mais escolarizado

¹⁴⁴ ARCOMANO, Arturo. *Scuola e Società nel Mezzogiorno*. Bologna: Clueb Edizioni, 2013, p. 21.

¹⁴⁵ STOLFI, Giuseppe. *La Basilicata senza scuole*. Torino: Ed. Gobetti, 1922, p. 23. Apud ARCOMANO, Arturo, *Scuola e Società nel Mezzogiorno...* op. cit., p. 23.

¹⁴⁶ VECCHI, Giovanni. Il Benessere dell'Italia Liberale (1861-1913). *Dipartimento di Economia e Istituzioni. Università di Roma 'Tor Vergata'* p. 10. Disponível em: <<http://docplayer.it/14703109-II-benessere-dell-italia-liberale-1861-1913.html>>. Acesso 29 nov.2014.

¹⁴⁷ ZANOTTI-BIANCO, Umberto. *La Basilicata: Inchiesta sulle Condizioni dell'Infanzia in Italia promossa dalla Unione Italiana di Assistenza all'Infanzia*. Roma: Collezione Meridionale, 1926, p. 251; NITTI, Francesco Saverio. Scuola e Cultura a Matera dall'800 ad oggi. In: *Società*, n° IV, ago. 1956, pp. 697-698. Apud ARCOMANO, Arturo. *Scuola e Società nel Mezzogiorno...* op. cit., p. 26.

¹⁴⁸ ARCOMANO, Arturo. *Scuola e Società nel Mezzogiorno...* op. cit., p. 17.

do que o seu pai, teve uma alfabetização bastante deficitária, assim como os seus filhos, Giuseppe, Ernesto, Giovanni e Tommaso Cesario, nascidos na Itália na década de 1880.

Esse amargo retrocesso foi mais um ônus que o *Risorgimento* imporia ao Sul da Itália.

Tão traumática quanto a passagem de um universo de representações para outro, foi a imposição do novo regime, centralizado e burocratizado, supostamente “liberal”, que prometia, depois do caos, uma sequência infinita de bens que nunca chegaram ao *Mezzogiorno*. Após a unificação, a sociedade meridional foi incorporada ao sistema estatal piemontês, onde as leis econômicas, tributárias e até mesmo as de natureza social beneficiavam o Norte, quase sempre em detrimento do Sul, que suportava uma alta carga tributária em troca de vantagens muito menores¹⁴⁹. O estabelecimento do aparato governamental foi acompanhado da presença de corporações e funcionários piemonteses que invadiram o *Mezzogiorno*, sem que isso se traduzisse em um desenvolvimento endógeno, precipitando o Sul a um estado de crescente pobreza. O descontentamento nas províncias meridionais era generalizado, e foi objeto de uma carta, *confidencialíssima*, de Constantino Nigra¹⁵⁰, para Cavour, expedida de Nápoles:

[...] Quando aqui viemos, encontramos o país irritado e insatisfeito [...] Se nós tivéssemos entrado imediatamente em confronto com a população, teríamos naufragado rápida e inevitavelmente [...]. Não podeis fazer uma ideia exata das reais e extraordinárias dificuldades contra as quais temos que lutar [...] me destes uma pesada cruz para carregar [...] deixarei Nápoles transformada em uma verdadeira província italiana, não no espírito da população (para isto se requer um pouco de tempo), mas na forma da administração. Os perigos, entretanto, não passaram completamente. Pensais que temos uma infinidade de soldados bourbonicos dispersos, sem ocupação, sem alimento. Temos os *briganti*, que na primavera ocuparão os montes. Temos o clero inimigo; os garibaldinos descontentes, irritados, famintos [...]. Os oficiais napolitanos de terra e de mar encolerizados, insatisfeitos, mal recebidos pelos nossos. [...] Os operários dos arsenais e das ferrovias inquietos. O imenso número dos munícipes ofendidos nos seus interesses [...]. O senhor me pede milagre. E será milagre certamente se eu não naufragar¹⁵¹.

Muitas das medidas adotadas pelo novo governo trouxeram consequências nefastas para a região. O primeiro decreto da Itália centralizada aboliu mais de trezentas barreiras alfandegárias existentes entre os estados pré-unitários, sem que se oferecesse nenhuma

¹⁴⁹ NITTI, Francesco Saverio (1903); DE MASI, Domenico (2005). *Napoli e la Questione Meridionale...* op. cit., p. 16.

¹⁵⁰ Constantino Nigra (Turim 11/6/1828 – 1/7/1907). Secretário Geral do Governador das províncias meridionais.

¹⁵¹ *Nigra Scrive a Cavour “Attento ai Meridionali”, 17 Marzo 1861*. Disponível em: <<http://cinquantamila.corriere.it/>>. Acesso em: 18 jun.2014. (Apêndice I).

compensação. O efeito foi devastador para as economias periféricas, repercutindo negativamente sobre a produção industrial meridional, que anteriormente desfrutava de um sistema protecionista. A exportação de produtos agrícolas, que sempre fora controlada pelos Bourbon, agravou ainda mais as condições de vida da população. Sobre a Itália meridional, que tinha um baixo imposto fundiário, quase não tinha imposto sobre circulação e nenhum imposto sobre a riqueza mobiliária¹⁵², abateu-se um sistema fiscal insustentável, além do gigantesco débito público piemontês acumulado durante a gestão de Cavour.

Em razão de uma onerosa política de expansão territorial, o Piemonte apresentava, em 1861, um déficit na Balança Comercial de £ 84.972.630, que ultrapassava o dobro do saldo positivo do Reino das Duas Sicílias: £ 40.768.374¹⁵³, cuja reserva em ouro, que garantia a moeda circulante, equivalia no momento da unificação, a 2/3 da circulação monetária dos antigos estados italianos¹⁵⁴:

Circulação monetária dos antigos Estados italianos em 1860 ¹⁵⁵		
Estados	Ativos	%
Reino das Duas Sicílias	443.281.655	66,27
Estado Pontifício e Legações	90.726.142	13,56
Grão Ducado da Toscana	85.263.102	12,75
Reino da Sardenha (Piemonte)	27.096.268	4,05
Vêneto	12.761.333	1,91
Lombardia	8.132.691	1,21
Grão Ducado de Parma e Piacenza	1.209.135	0,18
Ducado de Modena	456.152	0,07
Total	668.926.478	100

Para o *Mezzogiorno*, 1861 representou um divisor de águas na sua economia, na sua política, na sua cultura, na sua história e nas suas tradições. O estado unificado interrompeu drasticamente um processo, destruindo em pouco tempo a autonomia conquistada pelo reino meridional, e tudo o mais que estava em curso, começando com o rápido colapso das indústrias e o fechamento de um grande número de fábricas do vale do Irno¹⁵⁶, deixando milhares de operários desocupados.

Os *Arsenais de Nápoles*, orgulho da indústria metal mecânica meridional, que empregava 1.600 funcionários, entrou em lenta decadência. Em Nápoles desapareciam as

¹⁵² NITTI, Francesco Saverio (1903); DE MASI, Domenico (2005). *Napoli e la questione meridionale...* op. cit., p. 58.

¹⁵³ FIORENTINO, Gaetano, Cominciò con Garibaldi lo Sfascio della nostra Economia, In: *Il Sud Quotidiano*, 24/1/1998, p. 3. Disponível em: <http://www.adsic.it/storia/Cominciò_con_Garibaldi_lo_sfascio; htm>. Acesso em: 22 fev.2012.

¹⁵⁴ NITTI, Francesco Saverio. *L'Italia all'Alba del secolo XX...* op. cit., p. 138.

¹⁵⁵ Idem. Tabela elaborada pela autora.

¹⁵⁶ O Vale do Irno situa-se nas províncias de Salerno e Avelino, na região da Campania, e é atravessado pelo rio do mesmo nome, que desemboca no Golfo de Salerno.

fábricas de tecidos de lã; em Otranto as de cobertores; em Gallipoli as de musselina; em San Leucio a rara beleza das tapeçarias de seda.

Nesse roldão, salvou-se a indústria extrativa do enxofre.

O complexo industrial de *Pietrarsa*, o empreendimento tecnologicamente mais avançado no confronto com outros Estados pré-unitários, que em duas décadas de existência havia alcançado um desenvolvimento pujante, teve seu caminho interrompido pela unificação, que assinalou o início de seu lento, mas inexorável declínio¹⁵⁷. A maior fábrica metalmeccânica da Itália tinha, em junho de 1860, 1.125 funcionários, entre eles 850 operários fixos e 200 temporários, fornecendo materiais de todos os tipos às ferrovias do reino, a um custo de produção “igual ou pouco maior do que o das indústrias estrangeiras¹⁵⁸”, mas com a vantagem de receber isenção dos tributos que se pagava no exterior¹⁵⁹.

Em 1861, uma avaliação encomendada pelo governo de Turim, sobre a atividade e a rentabilidade do estabelecimento, desaconselhava a gestão estatal, e propunha a sua venda ou até mesmo a sua demolição¹⁶⁰. *Pietrarsa* foi então cedida à empresa *Bozza*, que adotou uma dura política de corte de gastos e um drástico redimensionamento estrutural, com a extinção da escola técnica, o aumento da jornada de trabalho e inúmeras demissões, gerando descontentamento, greves, reivindicações e ações de protesto por parte dos operários, que culminaram, em 6 de agosto de 1863, em um violento confronto com a Guarda Nacional, a Infantaria e a Polícia, deixando sete operários mortos e vinte gravemente feridos. Após esse acontecimento a *Bozza* decidiu romper o contrato, e o estabelecimento passou para as mãos da *Società Nazionale di Industrie Meccaniche*, que não obstante o relativo sucesso na produção de locomotivas nos primeiros anos chegou a 1875 com uma força de trabalho reduzida a cem operários¹⁶¹.

O mesmo aconteceria com a maior fábrica de armas do Reino das Duas Sicílias, a *Real Fábrica de Armas*, estabelecida em Torre Annunziata, que surge aos pés do Vesúvio, onde Goethe almoçou a beira do golfo de Nápoles, em 13 de março de 1787, admirando a

¹⁵⁷ Depois de anos de abandono e de diversas administrações, *Pietrarsa* recuperou ao menos a sua condição histórica, assumindo um dos lugares símbolo da história das ferrovias italianas, tornando-se sede do Museo Nazionale Ferroviario di Pietrarsa.

¹⁵⁸ GIORDANO, Felice. *Industria del Ferro in Italia: Relazione dell'Ingegnere Felice Giordano per la Commissione delle Ferriere istituita dal Ministero di Marina*. Torino: Tipografia Cotta e Capellino, 1864, p. 102.

¹⁵⁹ DE' SIVO, Giacinto. *Storia delle due Sicilie dal 1847 al 1861*. Roma: Tipografia Salviucci, 1864, vol. 2, p. 288.

¹⁶⁰ Avaliação realizada pelo engenheiro Sebastiano Grandis. Museo Nazionale Ferroviario di Pietrarsa... op. cit., p. 19.

¹⁶¹ Museo Nazionale Ferroviario di Pietrarsa... op. cit., p. 21.

“encantadora vista de *Castellammare* e de *Sorrento*”¹⁶². Após a unificação, a centenária *Real Fábrica de Armas* foi progressivamente transformada em indústria de explosivos, até ser definitivamente fechada, seguindo o mesmo destino que tiveram outras grandes e importantes instituições meridionais.

A promissora manufatura de seda de *San Leucio* foi abandonada à própria sorte após a unificação da Itália. Da sua história resta como testemunho o monumental complexo arquitetônico que abrigou a colônia, que atualmente hospeda o Museu Mundial da Seda, e as delicadas peças tecidas pelos seus artesãos, que ainda hoje guarnecem os ambientes mais clássicos e refinados do mundo¹⁶³.

O *Polo Siderúrgico de Mongiana*, que em 1860 havia alcançado o mais alto grau da sua produção, foi posto em segundo plano pelo governo sabaudo após a anexação do Reino das Duas Sicílias, entrando em um declínio progressivo. Em consequência da situação crítica que se instalou, o complexo de Mongiana foi palco de uma revolta liderada pelos trabalhadores, que invadiram a sede da Guarda Nacional, pisotearam a bandeira tricolor, e se reuniram em uma grande manifestação, protagonizada em parte por mulheres que carregavam faixas com as flores-de-lis, símbolo da dinastia bourbonica. O escudo dos Savoia, colocado na casa do governador, foi destruído, e a massa popular levou em procissão a estátua do último rei das Duas Sicílias, Francesco II de Bourbon, depositando-a no lugar que anteriormente ela ocupava. Em 1875 o polo siderúrgico foi arrematado em leilão pelo ex-garibaldino Achille Fezzari por um valor insignificante. Em 1881, depois de retirar o que lhe interessava, e vender o que sobrara, Fezzari encerrou definitivamente as atividades da siderúrgica¹⁶⁴.

O *Mezzogiorno* é tristemente pontuado por casos análogos. As províncias do antigo Reino das Duas Sicílias exibem ainda um enorme patrimônio arquitetônico, exemplos da arqueologia industrial. Uma parte foi ou está sendo restaurada, outra se encontra em estado de degradação e abandono e outra ainda, exerce outras funções que não as originais, mas todas permitem entrever o que foram no passado e o que poderiam ter sido no presente. Por mais que a Itália unificada tenha sufocado a história e a memória do Sul, por mais que tenha arruinado a sua economia, os vestígios materiais que ainda persistem, são testemunhos que não se calam.

¹⁶² GOETHE, Johann Wolfgang von. *Viagem à Itália...* op. cit., pp. 173 e 175.

¹⁶³ Os trabalhos realizados na colônia de San Leucio podem ser encontrados no Vaticano, nos Palácios Quirinal e Chigi, no Salão Oval da Casa Branca e no Palácio de Buckingham. Atualmente, o complexo de San Leucio, totalmente restaurado, em conjunto com a *Reggia di Caserta* e o *Acquedotto Carolino*, são reconhecidos como Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

¹⁶⁴ Após anos de completo abandono, o complexo de Mongiana foi restaurado e restituído ao burgo. O edifício que abrigou a Fábrica de Armas faz parte agora do *Ecomuseo delle Ferriere e Fonderie di Calabria*.

As finanças do Reino das Duas Sicílias, provavelmente a área de maior atração para a dinastia dos Savoia, não ficaria à margem do processo de pulverização dos bens meridionais. O governo de Turim enfraqueceu a confiança da população em instituições antigas como o *Banco das Duas Sicílias* e transferiu para o Piemonte todo o tesouro conservado na Casa da Moeda de Nápoles, uma das mais antigas da Europa, “a primeira [...] deste gênero depois de Viena e Londres”¹⁶⁵, que desaparecia, assim como tantas outras renomadas instituições do Sul, no imenso e profundo abismo cavado pela unificação. A grave situação que se instalou no *Mezzogiorno* emitiu sinais de alerta e mostrou a urgência de se criar condições favoráveis para a recuperação e para o desenvolvimento das províncias meridionais:

Riqueza e miséria são dois conceitos essencialmente relativos. Incorreremos em erro se hoje quisermos afirmar que somos mais pobres do que em 1860, mas evidentemente somos mais miseráveis, muito mais miseráveis se postos em confronto com nossos irmãos do norte. Esta dolorosa constatação intensifica o nosso sofrimento psicológico e torna intolerável o atual estado de coisas. Na verdade, é inconcebível que com o mesmo regime, com o mesmo governo, os ricos estejam em uma parte e os pobres na outra; e se assim é, nós não podemos fazer senão exclamar: *assim não pode continuar*, porque enquanto uns enriquecem, outros empobrecem¹⁶⁶.

O ordenamento unitário debilitou a economia do *Mezzogiorno*, e “deprimiu mais particularmente a economia da cidade de Nápoles”¹⁶⁷. Somente a quase meio século da unificação o Parlamento italiano aprovaria uma lei para promover o reflorescimento econômico da cidade, que não incidiria de forma ampla e duradoura sobre os seus males, pelo seu cunho setorial e limitado. O que chama a atenção nessa lei não é propriamente o seu conteúdo, mas o título que a introduz: “Disposições para o ressurgimento econômico da cidade de Nápoles”¹⁶⁸. Esse enunciado, por si, permite inferir o que a historiografia oficial escamoteia: a existência de um polo econômico no Sul pré-unitário, não deixando margem à outra interpretação, uma vez que nada ressurge do que nunca existiu, nada renasce do que nunca veio à luz, nada refloresce do que nunca desabrochou.

¹⁶⁵ FIORENTINO, Gaetano. Cominciò con Garibaldi lo Sfascio della nostra Economia... op. cit., p. 3.

¹⁶⁶ Trecho da proposta do conselheiro Camillo Boscia de Messina (Sicília), feita em 1905, extraído dos Atti del Consiglio Comunale di Messina, In: PASQUALE, Dario de. *L'Italia delle due Velocità o l'Unità Imperfetta*. Disponível em: <<http://dariodepasquale.wordpress.com/2011/04/06/litalia-delle-due-velocita-o-lunita-imperfetta/>>. Acesso em: 21 jun.2014. (Apêndice I).

¹⁶⁷ NITTI, Francesco Saverio (1903); DE MASI, Domenico (2005). *Napoli e la Questione Meridionale...* op. cit., p. 114.

¹⁶⁸ Legge n° 351, de 8 jul.1904. *Provvedimenti per il Risorgimento Economico della città di Napoli*. Disponível em: <http://www.edizionieuropee.it/data/html/56/zn95_02_001.html#_ftn1> Acesso em: 21 jun.2014.

O passar de quase cinco décadas de esquecimento esgotou a energia da cidade e Nápoles, a maior e a mais importante cidade italiana, uma das primeiras da Europa, definhava a olhos vistos às margens do Tirreno, levando com ela todas as províncias do Sul. A capital política e econômica do vasto Reino das Duas Sicílias, que por muitos séculos foi uma “grande cidade de consumo, o grande mercado de um país fechado” ¹⁶⁹, recebia a maior parte dos seus recursos de todo o *Mezzogiorno*, que por sua vez usufruía das vantagens que a cidade oferecia. Agonizando uma, agonizava o outro. No polo oposto, Turim, que às vésperas da unificação era menos rica do que Nápoles prosperava e Milão, que era uma cidade de “segunda classe” ¹⁷⁰, tornou-se o centro da vida italiana.

No campo, as consequências do *Risorgimento* se fizeram sentir mais agudamente. A introdução de novas técnicas na agricultura e na indústria causou um enorme desequilíbrio entre os setores produtivos, entre as camadas sociais e entre as áreas territoriais, provocando o desaparecimento de antigas profissões e criando um grande excedente de mão-de-obra na sociedade rural, que não se restringia apenas, ou exclusivamente, ao trabalho de agricultura. Em meados do *Ottocento*, durante as estações ociosas do calendário agrícola, muitos camponeses se dedicavam a outras ocupações produtivas e a diversos ofícios, como pedreiros, fiandeiro e tecelões de fibras têxteis, cardadores de lã, ceramistas, fabricantes de ferramentas, carpinteiros, lenhadores, curtidores, sapateiros, alfaiates, barbeiros, etc., que os levava a se deslocar para além dos limites dos seus vilarejos¹⁷¹. O trabalho localizado e estável era privilégio de pequenos proprietários e, notadamente, dos nobres latifundiários e dos proprietários de terras, vorazes e oportunistas, cujo propósito sempre fora o de subtrair o máximo possível do trabalho do camponês. Pelo apoio ao movimento de unificação, esses dois últimos foram recompensados com a venda, a baixo custo, das terras de domínio público e daquelas pertencentes ao poder eclesiástico que correspondiam, respectivamente, a 25% e 40% das terras cultiváveis. O confisco dos bens da igreja agravou ainda mais a crise rural, uma vez que o uso das terras do clero tinha, para o homem do campo, um valor mais justo do que as terras da nobreza, além de não terem prazos para vencer¹⁷².

¹⁶⁹ NITTI, Francesco Saverio (1903); DE MASI, Domenico (2005). *Napoli e la Questione Meridionale...* op. cit., p. 48.

¹⁷⁰ Ibidem, pp. 11-12.

¹⁷¹ BEVILAQUA, Piero. Società Rurale e Emigrazione. In: BEVILAQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (a cura di). *Storia dell'Emigrazione Italiana*. Roma: Donzelli, 2001, pp. 96-97.

¹⁷² RESSA, Giuseppe. Il Sud e l'Unità d'Italia... op. cit., p. 180.

A venda dos bens patrimoniais do *Mezzogiorno* significou para o balanço do novo estado italiano um aporte de mais de 600 milhões de liras¹⁷³, apartando ainda mais o Norte do Sul. A todos esses problemas somou-se a obrigatoriedade de um longo serviço militar, condição inexistente até 1860 no Reino das Duas Sicílias, cujo exército era formado por profissionais. Essa imposição, que afastava o jovem de casa por um período de três a cinco anos¹⁷⁴, pesou muito sobre as famílias mais pobres, que ficavam sem a ajuda dos braços jovens de seus filhos. Esta foi, provavelmente, a primeira tentativa do governo de aplacar as tensões geradas pelo excesso de mão-de-obra. A segunda seria a grande emigração transoceânica, fenômeno de proporções absolutamente desconhecidas antes da unificação¹⁷⁵.

Os camponeses, os pastores e os braceiros, que acreditavam que a nova ordem traria a tão esperada redistribuição das terras e lhes reconheceria enfim o direito à liberdade, viram os seus sonhos desmoronarem. Foram privados não só da terra, mas também do secular *Uso Cívico*¹⁷⁶, que havia sido salvaguardado até mesmo durante o governo napoleônico pela lei que aboliu o feudalismo¹⁷⁷.

Dessa forma, o quadro preparado e pré-anunciado, de um Sul atrasado e um Norte desenvolvido, se ajustava enfim ao discurso do Piemonte. A desconstrução de uma realidade, que com o passar dos anos foi compulsoriamente agonizando, deu lugar a uma pseudoverdade, que de tanto tempo repetida parecia ter sempre existido, cristalizando um passado condenado a não passar.

A manutenção do controle da terra nas mãos de uma elite latifundiária, as esperanças frustradas, as cada vez mais duras condições de trabalho, somadas à política impositiva do novo regime de governo, foram responsáveis por uma situação de instabilidade social, econômica e política de grandes proporções, que se prolongou por muito tempo. Os altos tributos que incidiam sobre os bens industriais – que significou para o Sul o fechamento dos

¹⁷³ ARCOMANO, Arturo. *Scuola e Società nel Mezzogiorno...* op. cit., p. 21.

¹⁷⁴ BUONASORTE, Nicla. La Società Italiana e l'Emigrazione all'Epoca di Ellis Island, In: *La Merica! Da Genova a Ellis Island: il Viaggio per Mare negli Anni dell'Emigrazione Italiana*. Catalogo della Mostra. Mu.Ma – Istituzione Musei del Mare e della Navigazione. Genova:SAGEP, 2008, p. 63.

¹⁷⁵ A única migração conhecida na Itália até aquele momento era a migração sazonal, a transumância, em razão das difíceis condições naturais da Península Itálica, submetida a fatores climáticos bastante severos, que dificultavam o cultivo, em particular, nas zonas montanhosas.

¹⁷⁶ O *Uso Cívico* foi instituído na alta idade média, no Reino das Duas Sicílias, com base no princípio *ubi feuda, ibi demania* (onde há bens feudais, há terras livres), e tutelado por juristas do Reino como forma de equilibrar a preponderância e, frequentemente, a prepotência do baronato. Esse direito salvaguardava o trabalho do camponês, e impedia que ele fosse privado dos meios de sobrevivência, dando-lhe o direito de, gratuitamente, pasturar os animais, pegar lenha, colher fungos e produtos dos bosques, utilizar água de fontes e poços, construir refúgios, plantar e cultivar em terras livres. Este direito foi reconfirmado no Reino das Duas Sicílias com as leis sobre *demanio* e *usos cívicos* de 20 set.1836.

¹⁷⁷ Legge n° 130, 2 ago. 1806. No Reino da Sicília O feudalismo foi extinto em 1812, pelo rei Ferdinando III da Sicília, mas na prática, por conta de fortíssima resistência do baronato, isto só se concretizou em 1838.

mercados externos —, sobre a terra, sobre a agricultura de subsistência e, até mesmo, sobre os animais domésticos, tiraram as reses do campo, o alimento da terra, e trouxeram à tona sentimentos sufocados por longo tempo, na forma de uma revolta que passou para a história com o nome de *brigantaggio*.

1.4. Os Deserdados do Reino

[...] é o grito de uma alma encalhada numa praia escura, a procura de luz... Não! Não procuro refúgio! Sou um braceiro, um homem que maneja a picareta e a pá, e o que eu quero é uma via de saída para exprimir o que sei dizer, aos de fora do trabalho... Não existem palavras adequadas para descrever os sofrimentos da minha vida. Não, nenhuma palavra... Libertai-me! Libertai-me! [...] ¹⁷⁸.

Pascal D' Angelo

Desde tempos remotos, a história, os mitos e as lendas sobre grupos de homens fora do alcance da lei e das autoridades, que habitam as montanhas, os bosques e as florestas, circulam ao redor do mundo e sofrem variações e mutabilidade, que acompanham as mudanças estruturais das sociedades. Do ponto de vista social esse movimento assume denominações, características e conotações diversas em cada lugar, ganhando significado histórico perante as ordens econômicas, políticas e sociais, às quais desafia, pelo simples fato de existir. Como fenômeno de massa e expressão de resistência coletiva, as ações desses homens só podem ser compreendidas no âmbito do poder ou do controle dos governos e, no caso do campo, dos senhores da terra.

Nesse contexto, os grupos recebem apoio daqueles que sofrem fortes desigualdades sociais, e não raro, de setores que desfrutam de posições privilegiadas no ordenamento econômico, político e social. Na Sicília, diz Braudel, as façanhas dos bandoleiros eram cantadas pelos *urvi*, bardos cegos e errantes, que se faziam acompanhar pelo som de uma espécie de pequeno violino e de uma multidão que os rodeava debaixo das árvores do passeio ¹⁷⁹.

Entre as sociedades baseadas na economia agrícola e pastoril o fenômeno adquire caráter universal, não como consequência de uma possível difusão cultural, mas pela similaridade de situações que surgem no seio das sociedades camponesas ainda em fase de transição dos modos de produção e organização do trabalho ¹⁸⁰.

¹⁷⁸ Trecho extraído da autobiografia de Pascal D'Angelo, trabalhador braçal abruzzese, que emigrou de sua cidade natal, Introdacqua, em L'Aquila, para os Estados Unidos. D'ANGELO, Pascal, *Son of Italy*. L'Aquila: Qualevita, 2003, p. 8.

¹⁷⁹ BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*. vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 108.

¹⁸⁰ HOBBSBAWM, Eric. J.. *Bandidos*. Barcelona: Crítica, 2001, p. 34.

Na grande maioria dos casos registrados, segundo analisa Hobsbawm ¹⁸¹, os integrantes do banditismo social não escolhem esse modo de vida por terem cometido ações criminosas, mas por questões de honra, perseguições das autoridades por suposto ato contra a lei ou porque foram vítimas do que ele e os seus semelhantes consideram uma injustiça. No geral, o bandido social não mata senão em defesa própria ou por justa vingança, não abandona a sua comunidade e é ajudado, admirado e apoiado por ela. Se sobrevive, reincorpora-se ao seu ambiente tradicional e, se morre, morre pela luta ou pela traição.

Na Itália, esse fenômeno, presente desde a Roma antiga, ficou conhecido com o nome de *brigantaggio*¹⁸². Na historiografia oficial italiana o movimento é definido com poucos matizes, sendo identificado como um mal endêmico enraizado no *Mezzogiorno*, sinônimo de criminalidade, desordem e banditismo. O *brigantaggio*, entretanto, não deve ser visto como monopólio da região meridional, uma vez que se encontrava bastante difundido em vários estados italianos, pré e pós-unitários.

Na Romanha, ainda hoje, permanece viva a figura de Stefano Pelloni, *Il Passatore* ¹⁸³, um dos mais ferrenhos e perigosos *briganti* da região, cuja história deu origem a um filme estrelado por Rossano Brazzi, no papel do *brigante* ¹⁸⁴. Nas lendas e tradições populares do Lago de Como e de Plesio em particular, na região da Lombardia, o personagem mais representado e recordado é Giacomo Carciocchi, o *Carcini*, líder de um bando de revoltosos que se denominavam *Armata Cattolica*. No Reino da Sardenha, segundo contam as crônicas populares, dois dos mais famosos *briganti* tornaram-se lendários: Giuseppe Mayno, mais conhecido como *Mayno della Spinetta*, que sobreviveu no imaginário coletivo como herói e defensor dos camponeses e dos pobres, contra as perseguições do exército napoleônico, e Giovanni Tolu, cuja biografia foi escrita por Enrico Costa, um dos expoentes do romance histórico sardo¹⁸⁵.

De acordo com Giuseppe Massari, relator de uma comissão instituída para investigar o *brigantaggio* nas províncias do sul, o grau de intensidade do movimento pode ser medido pela menor ou maior harmonia que reina nas cidades: onde há grande harmonia o fenômeno não

¹⁸¹ Ibidem, p. 59 et seq.

¹⁸² O termo *Brigantaggio* é dicionarizado como um fenômeno difuso, sobretudo em fase de desequilíbrio social e político, que reúne, sob a autoridade de um comandante, bandos de fora-da-lei (*briganti*) que, à mão armada, atentam contra pessoas e propriedades. *Treccani.it l'Enciclopedia Italiana...* op. cit.. Acesso em: 17 nov.2013.

¹⁸³ *Giornale di Roma*, nº 67, 22 mar.1851.

¹⁸⁴ COLETI, Duilio (Direção). *Il Passatore*. Longa-metragem. Itália, 1947.

¹⁸⁵ COSTA, Enrico. *Giovanni Tolu: Storia di un Bandito narrata da lui medesimo preceduta da Cenni Storici sui Banditi del Logudoro*, vol. 1 e 2. Sassari: Giuseppe Dessi Editore, 1897.

existe ou é pouco substancial e, onde a harmonia é escassa ou floresce a discórdia, o *brigantaggio* sobrevive¹⁸⁶. Desse parecer, tendo em vista o objetivo da comissão, pode-se reter que o movimento subsistiu no *Mezzogiorno* em razão da discórdia e da falta de harmonia. O mais provável, entretanto, é que nas províncias do sul o movimento se sustentou pela série de consequências nefastas advindas da anexação forçada do Reino das Duas Sicílias que, como vimos nos segmentos precedentes, expropriou a população local do seu sustento e da sua dignidade, impelindo grande parte dela a deixar a sua pátria, em direção a lugares desconhecidos.

No *Mezzogiorno* do século XIX, o *brigantaggio*, mais do que uma ação de bandidos, foi um consistente movimento sócio-político, que marcou indelevelmente dois momentos particulares da sua história, ambos associados à invasão e à ocupação do reino meridional.

O primeiro grande movimento de resistência dos *briganti* surge em princípios do *Ottocento*, durante a campanha de Napoleão Bonaparte na Itália, com o domínio do reino de Nápoles, intensificando-se no breve reinado de Joachim Murat¹⁸⁷. As manifestações populares que ocorreram nesse período estavam ligadas, principalmente, à insatisfação dos camponeses em relação ao poder e à opressão dos senhores e das autoridades, e ao enfrentamento das tropas estrangeiras sediadas nas terras do Sul, em defesa da religião católica e da monarquia bourbonica.

Durante o decênio da ocupação francesa os *briganti* foram brutalmente reprimidos pelo exército napoleônico, sobretudo na Basilicata e na Calábria, regiões que concentraram a maior resistência. Quanto maior era o rigor dos invasores, maior era o número de *briganti*, que foram vítimas de punições severas, julgamentos sumários, prisões injustas, assassinatos torpes, decapitações, forca, apedrejamento e empalação. Quando as prisões estavam superlotadas, mandavam os acusados para Campiano, para Fenestrelle, para a França ou simplesmente os trucidavam¹⁸⁸.

O exército de Napoleão proclamava anistia, mas quando os revoltosos se apresentavam, eram mortos. Pietro Colletta relata que no vale de Morano, na Calábria, havia

¹⁸⁶ MASSARI, Giuseppe (Relatore), *Il Brigantaggio nelle Province Napoletane: Commissione d'Inchiesta Parlamentare sul Brigantaggio*. Milano: Fratelli Ferrario, 1863, p. 46. Os resultados obtidos por essa investigação, e a análise do que foi apurado, foram lidos em plenário em maio de 1863, nos dias três e quatro, pelo relator, deputado Massari.

¹⁸⁷ Napoleão Bonaparte invadiu a Itália no outono de 1792 e em 1799 o Reino de Nápoles caiu em poder dos franceses. Joseph Bonaparte, irmão de Napoleão, foi nomeado rei de Nápoles, reinando de 1806 a 1808. Nomeado rei de Espanha, foi sucedido no trono por Joachim Murat, cunhado de Napoleão.

¹⁸⁸ DE' SIVO, Giacinto. *Storia delle Due Sicilie...* op. cit., vol. 1, pos. 52/584; *Correspondance de Napoléon I^{er}* ... op. cit., pp. 28, 204, 410 e 506.

visto muitos cadáveres e, que um dia antes, uma multidão de “anistiados” (assim os chamavam os franceses) tinha sido fuzilada pelos guardas¹⁸⁹.

Por ordem dos generais franceses André Masséna e Jean Maximilien Lamarque, as cidades lucanas de Lagonero, Lauria, Maritea e Viggiano, foram saqueadas e os revoltosos fuzilados sem processo. Em Lauria, cerca de mil pessoas foram trucidadas, no maior e mais sangrento massacre perpetrado na região lucana. Durante o reinado de Joachim Murat, o método violento, cruel e desumano de repressão ao *brigantaggio* lucano, conduzido pelo coronel francês Charles Antoine Manhès, é recordado por Pietro Colleta, na sua *Storia del Reame di Napoli* ¹⁹⁰.

Na primavera de 1861, quando o ideal de uma Itália unida inflamava os ânimos liberais e sepultava o sonho da terra para o campesinato, o *brigantaggio* retornou com força, organizando-se em todo o *Mezzogiorno* como um fenômeno compósito e aguerrido, que envolveu não só o campo, mas também outros segmentos da sociedade, na forma de uma revolta social, religiosa e política, que uniu clérigos, legitimistas e aqueles que partilhavam a marginalização, a miséria e o abandono, que suportavam a prepotência, as injustiças e a opressão, que professavam a mesma fé e que tinham dentro de si a coragem de quem não tem mais esperança.

A principal causa que distingue o primeiro movimento deste segundo, e explica de certa maneira a intensidade deste último é, sobretudo, a fome. Os diversos estudos sobre o tema, as pesquisas sobre as condições de vida da população campesina, as páginas dos escritores meridionais, os textos de tradição oral, apontam a indigência e a carência alimentar como sendo a causa fundamental do êxodo rural e da erosão da sociedade tradicional ¹⁹¹. A insuficiência dos meios e os próprios limites e dificuldades da vida rural impunham uma existência extremamente simples, mas digna, até que chegassem os piemonteses. Curiosamente, quem chancela essa observação é o Conde Alessandro Bianco di Saint-Jorioz, piemontês de Barge e capitão do *Corpo di Stato Maggiore Generale*:

1860 encontrou este povo de 1859 vestido, calçado, com trabalho e reservas econômicas. O camponês possuía dinheiro. Ele comprava e vendia animais; pagava os aluguéis em dia; com pouco alimentava satisfatoriamente toda a família, vivendo feliz com a sua condição material. Agora é o oposto¹⁹².

¹⁸⁹ COLLETTA, Pietro. *Storia del Reame di Napoli...* op. cit., vol. 1, p. 258.

¹⁹⁰ Ibidem, pp. 291-292.

¹⁹¹ TETI, Vito. Emigrazione, Alimentazione, Culture Popolari. In: BEVILAQUA, Piero, et tal (a cura di). *Storia dell'Emigrazione Italiana...* op. cit, p. 575.

¹⁹² SAINT-JORIOZ, Conde Alessandro Bianco di. *Il Brigantaggio alla Frontiera Pontificia...* op. cit., p. 385.

Estas palavras, escritas em 1864 por um oficial piemontês, não deixam de ser intrigantes, uma vez que a estratégia sabauda era a de atribuir ao Reino das Duas Sicílias tudo o que havia de mais negativo em termos econômico, social e cultural, a fim de legitimar a sua anexação ao Reino da Sardenha-Piemonte. A carestia era um dado histórico permanente, mas após a unificação, o pouco de que dispunham os camponeses foi escasseando dia após dia. Nos anos que se seguiram à anexação do reino do Sul ao Reino de Itália, a miséria tornou-se uma realidade insuportável e soprou a fagulha que iria sublevar o *Mezzogiorno*.

Expressão de um profundo desequilíbrio socioeconômico, o *brigantaggio* insurgiu-se contra as falsas promessas do novo reino e contra a imposição de uma visão de mundo estranha às suas próprias convicções. Propagou-se no vácuo da desordem e da instabilidade política trazida pela unificação, quando o princípio da autoridade foi abalado, os vínculos sociais se afrouxaram e as questões intrínsecas à segurança e à tranquilidade foram desprezadas. Nas sombras dessa anomia cresceu o abatimento moral, perderam-se as heranças do passado e as esperanças do futuro.

Tidos como criminosos pelas autoridades, os *briganti* eram vistos pela sociedade campesina como heróis, vingadores e justiceiros, dignos de admiração, ajuda e apoio. É essa relação, entre o camponês e o rebelde, que confere significado ao banditismo social e o difere do banditismo comum. Esses homens, que desafiam o poder, a lei e o controle dos recursos, escreve Hobsbawm, desafiam simultaneamente a ordem econômica, social e política¹⁹³.

Apresentando contornos múltiplos e heterogêneos, o movimento cresceu na Basilicata, na Calábria, no Abruzzo, na Campania e na Puglia, alastrando-se pelos vilarejos mais distantes das grandes vias de comunicação, semeando as áreas mais pobres, mais remotas e mais montanhosas da Itália do Sul. Só no primeiro quinquênio, de 1861 a 1865, período conhecido como o “grande *brigantaggio*”, o fenômeno envolveu 1.400 centros habitados, agregando cerca de quarenta bandos a cavalo. Contra eles, havia um exército de cem mil soldados, o equivalente a 10 divisões em campanha e quase o dobro de militares das guardas nacionais¹⁹⁴.

Das velhas montanhas dos Apeninos meridionais descia o exército silencioso dos *briganti*. Privados de uma unidade de ação, os combatentes não tinham propriamente uma “cultura militar”, que os fizessem se enquadrar em formações paramilitares, e nem ao menos a capacidade de coordenar as ações sob um comando único. Protegidos pela topografia acidentada e labiríntica dos bosques, ajudados por pastores e moradores locais, que

¹⁹³ HOBBSAWM, Eric. J.. *Bandidos...* op. cit., p. 33.

¹⁹⁴ MARTUCCI, Roberto. *L'Invenzione dell'Italia Unità. 1855-1864*. Firenze: Sansoni, 1999, p. 314.

abandonados por todos viviam uma existência miserável, os bandos de *briganti* se multiplicavam. A eles iam se juntando cidadãos de todas as condições sociais: homens simples perseguidos pelos grandes senhores, aos quais se recusaram a entregar as mulheres da família; membros do clero, descontentes pelo confisco de suas terras; ex-garibaldinos desiludidos com o desenrolar dos acontecimentos; soldados fiéis ao rei Francesco II de Bourbon, que se recusaram a integrar o novo exército italiano; ex-funcionários do antigo reino, impedidos de retomarem os seus postos; jovens que fugiam do serviço militar obrigatório e do consequente fuzilamento e, sobretudo, camponeses, pastores e lavradores, para quem não era difícil deixar a enxada na terra cansada e sem vida e seguir os rebeldes.

As necessidades de subsistência, de defesa pessoal e capacidade ofensiva dos grupos aumentavam a cada dia. Pela campanha, os *briganti* requisitavam cavalos, armas e todo auxílio possível dos pastores e dos pobres camponeses que, insatisfeitos, traziam no coração a amargura, e na mente a rebelião. Em breve, os revoltosos seriam aclamados como os novos libertadores, tendo à frente o bando do lendário “comandante” lucano Carmine Crocco, cujo exército atingiu o surpreendente número de quatro mil indivíduos¹⁹⁵.

As primeiras vitórias dos *briganti* alarmaram os governantes e engrossaram as fileiras rebeldes, que ocuparam sucessivamente vários vilarejos. Em alguns povoados as insígnias bourbonicas chegaram a ser restauradas pela população, mas a súbita intervenção do exército nacional impediu que a revolta se propagasse. As represálias que se seguiram foram as mesmas infringidas a outras localidades insurgentes e superavam em crueldade e barbárie as ações dos *briganti*: prisão e fuzilamento dos suspeitos e dos inocentes, sem processo, sem distinção. A intensidade dessa resistência fez com que o governo central fizesse uso dos mais duros instrumentos de repressão. Os estudos da frenologia forense, as teorias criminológicas e os paradigmas discriminatórios elaborados por Cesare Lombroso, condicionaram as investigações e os processos penais, levando à morte inúmeros inocentes. Diante do crescente avanço dos *briganti*, o rei Vittorio Emanuele II decretou estado de sítio, em agosto 1862. Deste modo, a autoridade militar passava a ser superior à civil, fazendo com que o conflito recrudescesse.

Com uma medida extrema o novo governo impediu que se importasse dos povoados vizinhos quaisquer mantimentos para os trabalhadores do campo, limitando a quantidade mínima diária de víveres para alimentar a sua família. Os camponeses, os braceiros e os

¹⁹⁵ CROCCO, Carmine Donatelli. *Biografia di un Brigante*. In: Brigantino – Il Portale del Sud. 2005. Disponível em: <<http://www.ilportaledelsud.org>>. Acesso em: 22 abr.2012; PROTO, Mario (a cura di). *Carmine Crocco: Come divenni Brigante*. (Autobiografia). Disponível em: <<http://www.brigantaggio.net/Brigantaggio/Briganti/Crocco.pdf>>. Acesso em: 22 abr.2012.

pastores foram proibidos de utilizar os recursos que os bosques ofereciam, como lenha, fungos, frutos, pequenas plantações, água de fontes e de poços dos bosques de *Dragonara*, *Sant'Agata*, *Selvanera*, *Gargano*, *Santa Maria*, *Motta*, *Pietra*, *Volturara*, *Voltorino*, *San Marco La Catola*, *Celenza*, *Carlentino*, *Biccari*, *Vetruscelle* e *Caserotte*¹⁹⁶. Quem não cumprisse essas ordens seria tratado como *briganti* e, como tal, fuzilado.

Vedando-se o acesso aos bosques, condenava-se o campesinato à morte.

As ações arbitrárias, as execuções sumárias, o sistema de violência, massacres e derramamento de sangue, impostos pelo governo de Turim, não foram denunciados só pelos simpatizantes bourbonicos, mas também por liberais conscientes. A onda de protestos internos e externos levou o Parlamento nacional a discutir as condições do campo da Itália meridional em uma reunião reservada. Em 22 de dezembro de 1862 foi instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito¹⁹⁷, que no final de Janeiro de 1863 seguiu em direção às províncias do *Mezzogiorno*, interrogando militares, prefeitos, empregados e gente do povo.

O quadro final não deixava dúvida: a realidade social do Sul era dramática! A responsabilidade do governo de Turim, entretanto, aparece diluída em contornos imprecisos, suavizada em um discurso voltado mais para a análise do problema do Sul, do que para a denúncia dos malfeitos da nova classe dirigente. Na investigação da “deformidade moral” do *brigantaggio* e da relação deste com as classes populares, o clero e os simpatizantes bourbonicos, o relatório parlamentar produz um parecer, no mínimo, paradoxal:

Aonde as leis não são feitas no interesse de todos, e não são imparcialmente executadas para e contra todos, as infrações às leis tornam-se consuetudinárias, e pretexto, não de desonra, mas de vaidade e de glória. Aonde o manto da lei não se estende igualmente sobre todos, quem surgir para lacerá-lo, ao invés de infâmia consegue aos olhos das multidões prestígio e admiração¹⁹⁸.

Dois anos após a anexação do Reino das Duas Sicílias ao Reino de Itália, as leis que não beneficiavam todos e que não eram executadas de maneira imparcial, eram as leis do Piemonte. As mesmas leis que cavaram o abismo entre o Norte e o Sul. As mesmas leis que, logo após a unificação, deixaram uma “infinidade de soldados bourbonicos dispersos, sem ocupação, sem alimento”; “garibaldinos descontentes, irritados, famintos”; “operários dos

¹⁹⁶ DE MARCO, Carmine. *Revisione della Storia dell'Unità d'Italia...* op. cit., pos. 5590/7293.

¹⁹⁷ Commissione d'Inchiesta sul Brigantaggio, 29 nov.1862 – 23 jul.1863, faldoni-buste 2 – 42. Archivio Storico della Camera dei Deputati. Parlamento Italiano. Disponível em: <<http://archivio.camera.it/>>. Acesso em: 18 jun.2013; MASSARI, Giuseppe. (Relatore). *Il Brigantaggio nelle Province Napoletane...* op. cit..

¹⁹⁸ MASSARI, Giuseppe (Relatore). *Il Brigantaggio nelle Province Napoletane...* op. cit., p. 31. (Apêndice I).

arsenais e das ferrovias inquietos”; um “imenso número dos munícipes ofendidos nos seus interesses”; “oficiais napolitanos de terra e de mar encolerizados, insatisfeitos”, mal recebidos pelos piemonteses¹⁹⁹. As mesmas leis que confiscaram as terras da igreja e incitaram a inimizade do clero, cujo manto não se estendia igualmente sobre todos.

Na avaliação do fenômeno que se disseminava pelas terras do antigo Reino das Duas Sicílias, a Comissão detectou o *brigantaggio* como o sintoma e a miséria que grassava nos campos como o mal. Contra o sintoma, o poder central do rei piemontês Vittorio Emanuele II instituiu um verdadeiro estado de guerra; quanto ao mal, ele não conseguiu deter.

Na luta entre *briganti* e forças piemontesas, o *Mezzogiorno* foi palco de uma guerra fratricida, com assassinatos, saques, massacres e outras formas de violência vergonhosa, perpetradas pelos dois lados. Com os laços sociais e naturais enfraquecidos, não existia parentesco, amizade, afeto, que impedisse a denúncia, a vingança, a traição, a acusação e as mentiras. Sob o comando do general Pinelli²⁰⁰ e depois do general Cialdini, as regiões do Abruzzo, Molise, Basilicata e Calábria, foram postas a ferro e fogo. Casas, vilas e aldeias foram destruídas, fazendas e plantações arruinadas, populações inteiras arrancadas de suas casas e inúmeros vilarejos incendiados junto com seus habitantes. Os velhos eram torturados, as crianças massacradas, as mulheres violentadas e queimadas vivas.

O novo exército italiano saqueou, destruiu e incendiou mais de cinquenta povoados, alguns dos quais não puderam ser reconstruídos. Pontelandolfo e Casalduni, na província de Benevento são lembrados como símbolos de uma tragédia que atingiu a população civil dos dois vilarejos, em represália ao extermínio de um pelotão do exército italiano, capturado pelo bando do *brigante* Cosimo Giordano²⁰¹. No amanhecer do dia 14 de agosto de 1861 as tropas piemontesas saquearam e incendiaram os dois pequenos burgos, surpreendendo alguns moradores que ainda dormiam e que, em chamas, foram fuzilados. As mulheres, não obstante as ordens para serem poupadas, foram violentadas e as que resistiram foram fuziladas.

Em 15 de agosto de 1863 foi promulgada a lei especial contra o *brigantaggio*, proposta por Giuseppe Pica, de l'Aquila, que aboliu muitas das disposições constitucionais, declarando em estado de *brigantaggio* todas as províncias do *Mezzogiorno*, com exceção de Teramo, Reggio Calábria e Nápoles. Aos tribunais militares de guerra eram levados não só o

¹⁹⁹ Carta de Constantino Nigra endereçada a Cavour, em 17 mar.1861, cujo teor foi citado no segmento precedente.

²⁰⁰ Ferdinando Augusto Pinelli (1810 – 1865).

²⁰¹ Além de Pontelandolfo e Casalduni, entre os vilarejos que foram saqueados e queimados, junto com a população que não conseguiu fugir, estão Venosa, pátria do poeta Horácio, Monteverde, San Marco, Rignano, Spinelli, Carbonara, Montefalcione, Auletta, Cotronei.

suposto *briganti*, mas também seus cônjuges, parentes e suspeitos de colaboração. A *Lei Pica* foi a carta branca para que as tropas piemontesas e as milícias voluntárias promovessem uma verdadeira caça aos integrantes dos bandos, disseminando um sistema generalizado de terror, com a perseguição indiscriminada de civis supostamente envolvidos, prisões em massa, execuções sumárias, cadáveres insepultos por vários dias. As execuções públicas e a exibição dos justicados eram práticas correntes, empregadas como advertência e instrumento de propaganda da guerra conduzida pelo exército nacional na repressão da revolta meridional.

O balanço final da campanha piemontesa contra o *brigantaggio*, que começou como uma revolta e se transformou em uma guerra cruenta, foi dramático! Denunciado nas tribunas parlamentares pela sua intensidade e pelos atos de barbárie, a sua dimensão, até hoje, dificilmente poderá ser quantificada. Na XII Conferência perante a Corte de Turim, Stefano San Pol, dirigindo-se a Vittorio Emanuele II, denunciou os atos de carnificina que devastaram as Duas Sicílias e comoveram a Europa, citando as “memoráveis palavras” de Napoleão III: “o governo dos Bourbon não cometeu em cem anos os erros e os horrores, que cometeram os agentes do governo de Vossa Majestade em um ano”²⁰². Estima-se que o número de mortos nesse confronto chegou a dezenas de milhares entre *briganti* e algumas centenas entre os militares italianos. Giacinto De Sivo, com base em dados consultados nos jornais da época, considerou que só no ano de 1861, 47.700 pessoas foram encarceradas e 15.665 fuziladas²⁰³. Uma série de dados compilados por vários pesquisadores foi estudada em profundidade pelo historiador Roberto Martucci, que assinala “uma cifra mínima de 20.075 e uma máxima de 73.875 fuzilados e mortos de várias maneiras”²⁰⁴, o que equivale dizer, um número muito superior à soma das baixas²⁰⁵ de todas as guerras do *Risorgimento*.

A chama do *brigantaggio* só perderia o seu ardor em 1870, com o fim oficial da repressão e da extinção das zonas militares no *Mezzogiorno*. Restaram, contudo, alguns focos agonizantes no Abruzzo, na Calábria e na Basilicata, que foram facilmente debelados com a ação de uma milícia comum. Ironicamente, a violenta repressão aos rebeldes do *Mezzogiorno*, por parte do novo Estado italiano, foi a única guerra realmente vencida pelas forças piemontesas. Nas três guerras de independência, em 1848, 1859 e 1866, os resultados

²⁰² SAN POL, Stefano. *Quaresimale del Contemporaneo dinanzi la Corte di Torino...* op. cit., pp. 140-141. [Texto original: *il governo dei Borboni non ha commesso in cent'anni gli errori e gli orrori, che han commesso gli agenti del governo di Vostra Maestà in un anno.*]

²⁰³ DE MARCO, Carmine. *Revisione della Storia dell'Unità d'Italia...* op. cit., pos. 5590/7293.

²⁰⁴ MARTUCCI, Roberto. *L'Invenzione dell'Italia Unita...* op. cit., p. 314.

²⁰⁵ Do ponto de vista militar o termo “baixa” compreende o número total de soldados mortos, feridos, aprisionados ou desaparecidos.

positivos foram conseguidos mais por uma série de circunstâncias favoráveis, do que propriamente por competência militar ou mérito próprio.

Os *briganti* passaram para a história, a dos “vencedores”, como bandos de malfeitores que devastavam a campanha, extorquiam a população e, armados, opunham-se às forças policiais enviadas à região para restaurar a ordem pública. A historiografia mais recente procura interpretar o fenômeno sob outros ângulos. Embora a resistência antiunitária da população meridional seja o aspecto mais evidente, ela não foi mais do que uma imensa gota d’água que extravasou o desalento, o sofrimento, a desesperança e as injustiças por tanto tempo reprimidas. Sozinha, a resistência à unificação não explica a intensidade, a duração e a dimensão social e territorial que o movimento assumiu.

No imaginário popular tomou corpo a lenda que fazia dos *briganti* heróis e mártires, justiceiros implacáveis que, com a sua força e a sua coragem, lutaram para livrar o povo da opressão e das injustiças.

Heróis, justiceiros, malfeitores, bandidos? Quem eram eles afinal?

É provável que tenham sido um pouco de tudo o que se disse e se diz sobre eles. Os rebelados das Duas Sicílias foram, sobretudo, mais do que simples protagonistas de um triste episódio, que deixou marcas profundas e duradoras no *Mezzogiorno*. Ao seu modo, eles abriram os desvãos de um mundo permeado por iniquidades, descaso, misticismo e tradições, revelaram a alma de sua gente simples, sem privilégios, sem façanhas outras que não a luta árdua pela própria sobrevivência, pela justiça e pela liberdade. Defenderam as suas casas, o seu pão, a sua gente. Desnudaram a miséria, expuseram a coragem e denunciaram a enorme desilusão com as últimas esperanças que lhes prometeram²⁰⁶.

²⁰⁶ Para uma perspectiva histórica do *Brigantaggio* no antigo Reino das Duas Sicílias, sugere-se a consulta de: ALBONICO, Aldo. *La Mobilitazione Legittimista contro il Regno d'Italia: la Spagna e il Brigantaggio Meridionale Postunitario*. Milano: Giuffrè, 1979; MOLFESE, Franco. *Storia del Brigantaggio dopo l'Unità*. Milano: Feltrinelli, 1979; AGNOLI, Francesco Mario. *La Conquista del Sud e il Generale Spagnolo José Borges*. San Giuliano Milanese, Milano: Di Giovanni, 1993; ALIANELLO, Carlo. *La Conquista del Sud. Il Risorgimento nell'Italia Meridionale*. Milano: Rusconi, 1994; VILLARI, Pasquale. *Il Brigantaggio*, In: *Le Lettere Meridionali*. Disponível em: <<http://bepi1949.altervista.org/villari/brigantaggio.html>> Acesso em: 10 out.2012; CLEMENTE, Giuseppe (org), *Il Brigantaggio in Capitanata, Fonti Documentarie e Anagrafe, (1801-1864)*. Istituto per la Storia del Risorgimento Italiano, Archivio Guido Izzi s. r. l. Roma, 1999; GUZZARDI, Giancarlo di. *Montagne e Briganti*. Disponível em: <<http://gguzzardi.interfree.it/briganti.htm>>. Acesso em: 15 nov.2012; RAUZINO, Teresa Maria (org). *La Memoria Dimenticata*. Disponível em: <<http://www.mondimedievali.net/Microstorie/briganti.htm>> Acesso em: 21 nov.2012; SCHENA, Roberto. I Padri del Risorgimento così Antimeridionali, In: *La Padania*, 14 nov.2000; SAN POL, Stefano, *Quaresimale del Contemporaneo dinanzi la Corte di Torino...* op. cit.; MAFFEI, Count. *Brigand Life in Italy: A History of Bourbonist Reaction*, vol. 2. London: Hurst and Blackett, Publishers, 1865. RESSA, Giuseppe. *Il Sud e l'Unità d'Italia...* op. cit.; CROCCO, Carmine Donatelli. *Biografia di un briganti...* op. cit.. Ainda no âmbito do fenômeno do banditismo social não podemos deixar de lembrar o amplo estudo de HOBBSBAWM, Eric J., *Bandidos...* op. cit.. No escopo

O terror, a destruição e a violência que tomaram conta das terras do sul no período pós-unitário, só fizeram acentuar o sofrimento, o desespero e a fome. Os dias passavam, as estações se sucediam umas às outras, os anos se acumulavam, e a miséria cristalizava-se num cerco imutável, parecendo assumir a mesma natureza do sol, da chuva, do vento.

Perdiam-se assim no tempo os anos em que na campanha, à época da colheita do grão, um canto de agradecimento, dulcíssimo, tocante, que cantava a amizade, o amor e a vida, enchia o ar de alegria. Quando o sol ia alto e o suor descia pelos rostos cansados, uma voz de mulher iniciava o canto e logo depois, um coro de vozes, de todos os camponeses, elevando-se gradualmente até soar forte e vibrante, fazia do canto um rito e do rito uma prece²⁰⁷.

Em luto, a campanha se calou.

Quando nada mais parecia restar, quando o que se tinha para escolher era morrer de joelhos ou morrer em pé, abriu-se uma longa estrada e por ela seguiriam, um depois do outro, os deserdados do reino, levando para terras *assai luntane* as suas vidas sofridas, os seus corpos cansados, os seus corações feridos, a sua força e o seu destino.

metodológico da análise, o estudo põe em evidência os conceitos de bandido, rebelde e revolucionário, trazendo ao final uma extensa bibliografia comentada.

²⁰⁷ CARAMANICO, Delia. Il Canto nella Tradizione Popolare della nostra Gente, In: Lorena Martelli. *Guardiagrele*. Pescara: Multimedia Editore, 1998.

II.

TRAVESSIA

2.1. Tempo de Renascer

Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida ²⁰⁸.

O Ateneu. Raul Pompeia, 1888.

Lugares abandonados, casas que se fecham para sempre, relações que se esvaziam, vozes que se calam, afetos que se perdem. Os vínculos, as recordações, os sonhos, a própria identidade... Tudo muda!

A erosão do mundo antigo, que emudeceu o doce canto da sega e enlutou as províncias meridionais, mergulhando-as em uma miséria sem fim, abriu as portas para a longa travessia de milhões de homens, mulheres e crianças, que fizeram da partida o seu viver. Atravessar essas portas era muito mais do que simplesmente ir embora. Significava deixar e levar feridas, sabendo que uma parte de si ficaria para trás e que jamais seria reintegrada ao todo na forma como era no princípio.

Para empreender essa travessia – de dentro para fora, de um lado para outro – o emigrante teria que enfrentar e ultrapassar uma série de situações, que não se manifestam apenas no momento da partida do lugar de origem ou na chegada ao lugar desconhecido, mas perpassam o processo e/imigratório desde o seu início. As expectativas que cercam a decisão de um indivíduo ou um grupo a emigrar, são motivadas por fatores externos que, por sua vez, exercem substancial influência sobre as condições internas. As consequências decorrentes desse ato demandam um “espaço potencial”, que representa o lugar e o tempo de transição entre o “país-objeto materno e o novo mundo externo”. A não criação desse espaço acarreta uma ruptura na relação de continuidade do entorno e do *self*, expondo o indivíduo a estados de desorganização, que exigem uma reorganização ulterior²⁰⁹.

Ficar e partir são dois lados da mesma viagem.

Os que ficam, de certa forma migram com os que vão; os que vão, ficam com quem não parte. Os que partem cultivam o desejo de voltar e, os que ficam, a esperança de um dia

²⁰⁸ POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Rio de Janeiro, 1888, Disponível em: <http://objdigitalbn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/o_ateneu.pdf>. Acesso em: 03 jul.2015.

²⁰⁹ GRINBERG, L. & GRINBERG, R.. *Psicoanálisis de la Migración y del Exilio...* op. cit., pp. 25- 26.

partir. O “ficar” torna-se uma nova categoria cultural, social e mental, que nasce com o “emigrar” do final do *Ottocento*²¹⁰.

Inevitavelmente, os dois lados trarão as marcas do percurso migratório, que sobreviverão no lugar abandonado e no lugar encontrado. O impacto das mudanças estruturais na família e no grupo será sentido por ambos, que terão que preencher os espaços dos ausentes, gerando muitas vezes um aumento de expectativas e sobrecarga de funções depositadas naqueles que estão mais próximos. Durante um considerável período de tempo a rede social – a dos que foram e a dos que ficaram – tenderá a ser menor, se comparada à anterior. “Terá menor densidade e um repertório mais estreito de funções; será menos multidimensional, recíproca e intensa”²¹¹.

Para os que partem, restabelecer uma nova rede social é, sem dúvida, mais complexo do que para os que ficam. Estes continuam no seu lugar de origem, falando a mesma língua, em um espaço social, cultural, econômico e político que lhes é familiar, ainda que esse lugar tenha sido dilacerado. Quem fica também passa pela experiência do rompimento e pela sensação de projetar-se em uma distância intransponível. Embora tenham também que elaborar perdas, restaurar vínculos, recompor funções e lidar com os mais variados sentimentos, os que ficam não estarão expostos às demais tensões que experimentam aqueles que emigram. Para estes, os esforços para reorganizar as necessidades básicas de sobrevivência, reconstituir rapidamente uma nova rede social e adaptar-se ao novo ambiente, provavelmente agudizem as crises e os conflitos, pela impossibilidade de se ter um tempo para aceitar as perdas e elaborar o “luto pessoal”²¹². Isto leva, com frequência, a múltiplas perturbações somáticas, psicossomáticas e interpessoais, em graus variados, que nem sempre dependem da motivação, das habilidades e dos recursos pessoais do imigrante.

No caso de processos migratórios mais traumáticos, de longa duração, os indivíduos expostos às mesmas circunstâncias tendem a criar fortes ligações entre si, ao ponto de formarem uma rede quase tão forte quanto a que deixaram no país de origem, como no caso dos refugiados judeus, que conseguindo escapar das perseguições dos nazistas, foram obrigados a fazer uma longa peregrinação a bordo dos navios, antes de encontrarem um país que os aceitasse. O itinerário de angústia que partilharam na longa travessia uniu-os de tal

²¹⁰ TETI, Vito. *Il Senso dei Luoghi: Memória e Storia dei Paesi Abbandonati*. Roma: Donzelli Editore, 2004, p. 46.

²¹¹ SLUZKI, Carlos. *A Rede Social na Prática Sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p. 91.

²¹² Ibidem, p. 87.

forma, que induziu a historiografia a tratá-los por *irmãos de bordo* (*schiffbrudern*) e *irmãs de bordo* (*schiffschwwestern*)²¹³.

A situação de *stress* que acompanha o processo migratório faz com que indivíduos com capacidade potencial para se reorganizar em pouco tempo, tendam a superar a crise e tirar proveito dessa experiência. Por outro lado, indivíduos que, por sua própria predisposição ou pelas condições da sua migração, tenham sofrido em demasia pela experiência traumática ou pela crise que viveram ou estão vivendo, terão maiores dificuldades e probabilidades de vir a sofrer patologias físicas ou psíquicas²¹⁴. Isto, contudo, não significa dizer que exista um tipo de personalidade específica que condicione a tendência migratória. O que pode haver é uma maior ou menor predisposição a migrar, vinculada a múltiplas situações e circunstâncias e à constituição e história de cada indivíduo.

Em termos gerais, a tendência migratória poderia ser classificada em duas grandes categorias de indivíduos: aqueles que se apegam a pessoas e a lugares conhecidos, e aqueles que estão sempre abertos a novas experiências, situações estimulantes e novas relações. Para dar conta dessas duas categorias, e da oposição que ambas encerram, Balint²¹⁵ cunhou dois termos: *ocnofilia* e *filobatismo*²¹⁶.

Os *ocnofílicos* se caracterizam pelo enorme apego a objetos, pessoas, lugares, ao seguro e ao estável, e têm dificuldades em lidar com espaços vazios, dominar ou superar sentimentos de perdas e solidão. Dificilmente abandonam o seu lugar de origem, salvo em circunstâncias limites. Por outro lado, os *filobáticos* evitam todo tipo de amarras, são independentes, não são materialistas e se apartam facilmente dos objetos. Apresentam uma capacidade potencial de lidar com experiências novas, com o diverso e com o desconhecido, integrando-se a um novo contexto sem ser um elemento perturbado ou perturbador. São mais propensos a emigrar, buscando situações que impliquem certo risco e permitam enfrentar e vencer o perigo.

Enquanto a confiança do ocnófilo para lidar com os acontecimentos externos é depositada na materialidade dos objetos que o rodeiam, na segurança e na dependência, o filobata confia nos seus próprios recursos pessoais, tem prazer frente à imprevisibilidade e tudo aquilo que envolva medo, risco e emoção. Raramente essas modalidades se apresentam

²¹³ SLUZKI, Carlos. Migration and Family Conflict. In: *Family Process*, vol. 18, Issue 4, pp. 379-390, December, 1979.

²¹⁴ GRINBERG, L. & GRINBERG, R.. *Psicoanálisis de la Migración y del Exílio...* op. cit., p. 27.

²¹⁵ BALINT, Michael. *Thrills and Regressions*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1959.

²¹⁶ Etimologicamente os termos *ocnofilia* e *filobatismo* vêm do grego e significam, respectivamente: “aferrar-se, segurar com força” e “andar na ponta dos pés (como acrobata)”.

em estado puro e, idealmente, devem ser complementares para que possam atuar em um ou em outro sentido, conforme as circunstâncias. Isoladamente, nenhuma delas constitui índice de saúde mental e as atitudes extremas, em qualquer categoria, configuram uma patologia²¹⁷.

O trauma que acompanha os deslocamentos humanos pode ser seguido de reações nem sempre ruidosas e aparentes, mas de efeitos profundos e duradouros. Não se refere apenas a um fato isolado e único, mas também a situações que se prolongam por períodos mais ou menos longos, seguindo o migrante por onde ele andar²¹⁸. Seus filhos – testemunhas do seu testemunho – tendem a sofrer o impacto de um trauma secundário. Representando o elo de continuidade entre o passado e o futuro, entre o ontem e o amanhã, as crianças enfrentarão o desafio de crescerem em um mundo extremamente complexo e ambíguo, em meio a reorganizações sociais, culturais e psicológicas que pavimentam todo caminho migratório.

Os deslocamentos mudam a antiga ordem, tornam-se motor de dissolução da comunidade tradicional, afetam o senso de pertencimento e abalam o sentimento de identidade. Mesmo aqueles que ficaram, e que tinham a sensação de estar parados, se deslocam, obrigados a lidar com a fragmentação de um universo conhecido e a recomposição de um mundo novo. Os que ficam e os que vão, tornam-se outros em relação ao que eram.

Ao mesmo tempo em que a mudança para um novo país requer um maior suporte pessoal e social, essa transição representa um rompimento com os vínculos anteriores. Isso significa não só perder as conexões familiares, mas também tudo o que se relaciona com o lugar abandonado: a memória da terra, os afetos, os sabores, a própria identidade. É como levar dentro de si uma história estagnada, abruptamente silenciada, dolorosamente desenraizada.

“Não ter raízes significa não ter no mundo um lugar reconhecido e garantido pelos outros”²¹⁹. O enraizamento, diz Simone Weil, é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro²²⁰. O desenraizamento, ao contrário, é talvez a maior dor, das dores da alma humana. Desorganiza os valores culturais, destrói as ramificações sociais, dilacera um universo afetivo, desagrega uma visão de mundo, desestrutura a identidade, rouba

²¹⁷ GRINBERG, L. & GRINBERG, R.. *Psicoanálisis de la Migración y del Exílio...* op. cit., p. 34.

²¹⁸ Ibidem, p. 23-24.

²¹⁹ ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo: Totalitarismo, o Paroxismo do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1979, p. 244.

²²⁰ WEIL, Simone. *A Condição Operária e outros Estudos sobre a Opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 347, Apud BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 175.

do indivíduo a terra-alma, a paisagem familiar e acolhedora, despedaça a sua história e subtrai-lhe a pátria: a terra da sua vida, a terra dos seus mortos.

Por um caminho muitas vezes longo e tortuoso, o imigrante segue em busca de um solo fecundo para deitar as múltiplas raízes que lhe foram arrancadas. Procura uma terra que faça renascer as suas tradições, as suas lembranças, a sua fé, a sua esperança. Anseia por uma nova pátria que lhe permita construir uma nova vida, reelaborar um novo conceito de identidade, refazer o seu vínculo afetivo, cicatrizar as suas feridas.

Não é simples, tampouco fácil, perscrutar as causas e os desdobramentos das grandes diásporas. A sua dinâmica é potencialmente traumática, em extensão, intensidade e gravidade variáveis, e “talvez não termine nunca, como nunca se perde o acento da língua materna” ²²¹. Além disso, a influência de fatores externos, que fogem ao controle do migrante, afeta profundamente a realidade da sua própria existência.

León e Rebecca Grinberg, que investigaram em profundidade os fenômenos que envolvem as migrações humanas, assinalam que a “maior agressão que se pode infligir a um ser humano é reduzi-lo à situação de desamparo que, em seu grau mais extremado, leva ao aniquilamento” ²²². O sentimento de desamparo é o ponto crucial da reação frente à experiência traumática da emigração, e se liga, originalmente, ao modelo do trauma do nascimento pela perda da mãe protetora.

No que concerne à grande emigração italiana, que marcou a virada do século XIX para o século XX, o que salta aos olhos em um primeiro momento, por qualquer viés que se estude esse amplo universo de representações, são duas das mais dolorosas experiências da condição humana que, sozinhas, carregam todo o sentido e significado da força que moveu para além-mar milhões de pessoas: *miséria e abandono* ²²³.

nos vales dos Alpes e dos Apeninos, e também nas planícies, especialmente da Itália meridional, e até mesmo em algumas províncias, entre as melhores cultivadas da Alta Itália, surgem tugúrios ²²⁴, onde, em um cômodo enegrecido pela fuligem, sem ar e sem luz, vivem juntos homens, aves, cabras e porcos. Essas habitações miseráveis se contam em centenas de milhares [...] ²²⁵.

²²¹ GRINBERG, L. & GRINBERG, R.. *Psicoanálisis de la Migración y del Exilio*... op. cit., p. 92.

²²² Ibidem, p. 184.

²²³ As condições do mundo agrário, na Itália do *Ottocento*, foi objeto de uma investigação parlamentar, a *Inchiesta Jacini*, assim chamada por ter sido presidida por Stefano Jacini (1826-1891), Ministro dos Trabalhos Públicos. JACINI, Stefano. *Atti della Giunta per la Inchiesta Agraria e sulle Condizioni della Classe Agricola*. 15 vol. Roma: Forzani e C. Tipografi del Senato, 1884.

²²⁴ Tugúrio: habitação ou ambiente minúsculo, espécie de cabana, de aspecto miserável e degradado.

²²⁵ Trecho do relatório final do inquérito Jacini. Apud STELLA, Gian Antonio, *Odissee: Italiani sulle Rotte del Sogno e del Dolore*. Milano: Rizzoli, 2004, p. 24. (Apêndice I).

Da Sicília ao Vêneto, passando por aquela que se tornaria a bela Úmbria, a situação se assemelhava: habitações exíguas, escuras, insalubres, sem as mínimas condições de higiene. Nesse espaço ideal para a proliferação de epidemias e enfermidades, conviviam, no mesmo cômodo, deitados sobre a mesma palha no solo de argila, famílias inteiras: homens, mulheres, crianças e animais, que às vezes valiam mais do que os próprios filhos. Perder as poucas reses significava perder a própria sobrevivência.

Em 1859, Sir James Hudson, ministro do Reino Unido em Turim, e protagonista da diplomacia europeia no período do *Risorgimento*, assim relata o estado em que se encontrava o Piemonte e a alta Itália, em despacho a Lord Malmesbury, Secretário do Exterior:

Turim, 19 de janeiro de 1859. Eu não sou daqueles que creem em uma revolução geral e imediata da Itália. Sete anos de má vindima, de má colheita de grãos e de fibra para seda, de altos tributos, reduziram os italianos do Norte a não ter mais do que pele sobre osso. Todos os viajantes devem notar as misérias do camponês, os cavalos extenuados, os campos devastados [...] ²²⁶.

A mesma situação de desnutrição da população campestre se repetia na Lombardia e no baixo vale do Pó, com a difusão da temível pelagra, conhecida como a doença dos três D: dermatite, diarreia e demência, pelo alto e exclusivo consumo de milho, que saciava a fome mais do que qualquer outro grão. Em 1887, as vítimas desse mal chegaram a 3.063 nas regiões setentrionais, 361 nas regiões centrais e quatro nas regiões meridionais. Em 1910, as regiões setentrionais registraram 973 mortos, as regiões centrais 189 e as meridionais 11 ²²⁷.

Agravando mais ainda esse quadro, dois milhões e meio de hectares de terras de uso comunitário, o equivalente à superfície da Calábria e Basilicata, foram tomados dos camponeses e vendidos à nova burguesia. Em 1881, vinte anos após a unificação, somente a metade dos 30 milhões de hectares da área destinada à agricultura eram cultiváveis. O ganho não superava os 11 quintais de grão por hectare, contra os 15 da França e os 23 da Alemanha. Cerca de 75% da população era analfabeta, e a mortalidade infantil era elevadíssima. Em 4.701 cidades, entre as 8.258 do reino, os camponeses viviam nos estábulos com os animais e, em 1178 cidades, o pão e o trigo eram considerados um luxo, sendo consumido só pelos doentes ou nos dias festivos²²⁸.

²²⁶ Apud DE MARCO, Carmine. *Revisione della Storia dell'Unità d'Italia...* op. cit., pos. 2049-2111/7293 e pos. 2296/7293. (Apêndice I).

²²⁷ Ibidem, pos. 2581/7293.

²²⁸ PACELLI, Mario. *Cattivi Esempi*. Sellerio, 2001. Apud RESSA, Giuseppe. *Il Sud e l'Unità d'Italia...* op. cit., p. 181.

Por muito tempo o camponês não reagiu às condições miseráveis em que vivia. Os longos anos de servidão debilitaram o seu ânimo, vilipendiaram a sua dignidade, degradaram de tal forma a sua vida, que ele mal sentia o peso das correntes. Os níveis de deterioração da condição do trabalho e da pobreza assumiram, no social, uma dimensão assustadora. O sentimento de desamparo surge, talvez pela primeira vez, nos anos que precedem a unificação da Itália. Inserido no bojo das chamadas revoluções de 1848, de caráter libertário, e de tendências nacionalistas e socialistas, o movimento unificador nasceu de um *Risorgimento* “socialmente e geograficamente assimétrico, militarmente débil, politicamente contraditório”²²⁹ e eu acrescentaria, idealmente controverso.

Os movimentos revolucionários de 48, que marcaram a chamada *Primavera dos Povos*, foram vistos por Marx como:

[...] pequenas fraturas e fissuras na crosta seca da sociedade europeia. Contudo, elas denunciaram o abismo. Sob a superfície aparentemente sólida, elas revelaram oceanos de matéria líquida, aguardando apenas a expansão para transformar em fragmentos, continentes de rocha dura. [...] Em nossos dias, tudo parece estar impregnado do seu contrário²³⁰.

O abismo denunciado por Marx não foi suficiente para que o processo de unificação da Itália interrompesse ou desviasse o rumo arquitetado. O longo caminho percorrido na busca dos objetivos da Casa de Savoia, com a anexação de regiões tão diferentes entre si, demandou altos custos materiais, mas, sobretudo humanos. Ao decretar o fim de um reino pela força, e o nascimento de um estado pela lei, o *Risorgimento* obstou a formação de uma consciência nacional e esvaziou a confiança em uma nova ordem.

Naqueles dias, tudo estava “impregnado do seu contrário.” O que parecia unidade era fragmento. O que supunha expansão era retração. O que previa liberdade eram opressões esmagadoras. O que prometia igualdade eram distorções insuportáveis. O que anunciava uma nação fortaleceu a percepção de não pertencer mais a lugar nenhum.

O desamparo pela perda da “mãe protetora” foi potencializado pela miséria, com a perda da “mãe nutriz.” Se o abandono gera sentimentos de angústia, isolamento, medo, desespero, a miséria é capaz de adoentar o corpo, a mente e a alma, solapando a força para

²²⁹ BERTONE, Giorgio. Nota alla Nuova Edizione. In: DE AMICIS, Edmondo, *Sull'Oceano*. Emilia, Italia: Diabasis, 2005, p.19.

²³⁰ MARX, Karl. Speech at the Anniversary of the *People's Paper*. Londres, 14/04/1856, In: *The Marx-Engels Selected Works*, vol. 1, p. 500. Moscou: Progress Publishers, 1969. Publicado pela primeira vez em 19 abr.1856, no jornal cartista londrino *The People's Paper*. (Apêndice I).

lutar. O abatimento físico e moral, decorrente dessa dupla perda levaram ao enfraquecimento e, possivelmente, até mesmo ao rompimento dos vínculos afetivos com a terra-mãe.

O esgarçamento dos laços maternos abriu espaço para que aqueles, que vivenciavam talvez os mais difíceis anos de suas vidas, deixassem para trás “certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” ²³¹. Juntando ao resto das forças que lhes sobraram, a coragem e a esperança, tomaram nas mãos as rédeas do seu próprio destino, e partiram ²³².

²³¹ WEIL, Simone. *A Condição Operária...* op. cit., p. 175.

²³² Em 1900 a emigração italiana atingiu a cifra de oito milhões de indivíduos, dos quais cinco milhões provinham do antigo Reino das Duas Sicílias (desses, 3,4 milhões foram para além-mar), o que significa a expatriação de mais de 35% da população do Sul. No decênio sucessivo, 1901-1910, partiram mais de 350.000 pessoas ao ano, número que aumenta nos anos sucessivos. Só em 1913, ano da mais forte emigração, deixaram a Itália em direção às Américas, 560.000 pessoas, às quais se devem acrescentar 313.000 partidas para países europeus. Em 1918 a Itália era elevada ao primeiro lugar, entre todos os países, em número de imigrantes na América. RESSA, Giuseppe. *Il Sud e l'Unità d'Italia...* op. cit., p. 217.

2.2. Terra em Fuga

Não é grande, não é pesada a valise do emigrante... Tem um pouco de terra da minha aldeia para que eu não fique só na viagem... Uma muda de roupa, um pão, uma fruta, e isto é tudo. Mas o coração não, não o levo: na valise não cabe. Sente muita pena de partir, para além-mar não quer ir. Ele fica fiel como um cão, na terra que não me dá pão: um pequeno campo, mais e mais distante... Mas o trem corre: não mais se vê ²³³.

Gianni Rodari, 2007

O denso nevoeiro da madrugada envolvia tudo em um manto etéreo. Um rumor de vozes acompanhava as silhuetas que se delineavam na bruma matinal e se moviam pelas estreitas ruas da velha aldeia, rasgando lentamente aquele tênue véu. O sol as encontrou a meio caminho da saída do vilarejo, onde a maioria dos familiares e amigos lhes daria o último adeus. As palavras comovidas enchiam os olhos de lágrimas, as mãos trêmulas se procuravam, e se uniam, invocando as bênçãos do céu para que os protegesse no caminho ao desconhecido. Olhares úmidos tentavam reter as imagens, as lembranças, um pedaço de suas vidas que deixavam para trás. Depois de algum tempo as mãos se soltaram, os abraços amoleceram, e eles se foram sem mais se voltar, levando as economias costuradas na cintura, e nas costas cansadas, o peso das velhas malas surradas e dos seus fardos pardos, que encerravam os restos das suas vidas gastas.

O grande êxodo começara!

Por longos trechos de caminhos ermos, a pé, em velhas carroças, no lombo de animais, em filas de comboios, em trens apinhados, em intermináveis dias no porto de partida, milhares de homens, mulheres e crianças seguiam o som da América, que se fazia ouvir por toda a Itália. Vozes de esperança, alento, vida! Um convite ao desconhecido. Um chamamento irresistível, que seduzia aqueles que não tinham mais nada a perder.

América! Mas onde ficava a *Merica*? Ah! A *Merica* era muito distante, mas tinha grandes campos para serem cultivados, cidades para serem construídas, riquezas para serem divididas. Tinha uma terra de prata chamada Argentina e outra de solo vermelho e rico, coberto de café, chamada Brasil.

²³³ RODARI, Gianni. Il Treno dell'Emigrante. In: *I Cinque Libri: Storie Fantastiche, Favole, Filastrocche*. Torino: Einaud, 2007, p. 124. (Apêndice I).

Nos recantos mais longínquos, mais pobres e mais esquecidos da velha Itália, sonhava-se com a América, como se sonhava, na Idade Média, com os míticos mundos novos: o *País da Cucanha* e o *País de Bengodi* ²³⁴. Lugares imaginários, onde o dinheiro nascia em árvores, as montanhas eram cobertas de *parmigiano* e rios de leite corriam sobre um leito de ricota ²³⁵. Essa grandiosa utopia camponesa encontrou campo para florescer nas decantadas imagens que os primeiros viajantes do século XVI traçaram das terras descobertas no Novo Mundo, imortalizadas na obra de Bruegel, *Paese della Cuccagna*, atualmente no acervo da *Alte Pinakothek* de Munique, Alemanha.

Entre os emigrantes do *Ottocento*, as imagens fantasiosas de fartura e de uma natureza inexaurível, foram alimentadas pela propaganda migratória, que não deixou de enaltecer as riquezas de um mundo que estava às portas do século XX ²³⁶.

No imaginário daquela gente simples, permeado ainda por uma cultura impregnada por ritos milenares, superstições e religiosidade, a América era uma presença conspícua. Tudo se enfrentava para conseguir o dinheiro para a viagem: trabalhos massacrantes; drásticas economias; dívidas que provavelmente jamais seriam pagas. Vendia-se o pouco que restava, empenhava-se o ouro da família, o mobiliário da mãe, o enxoval da irmã²³⁷. Não se passava uma semana sem que se tivessem notícias de que alguém partia para os portos italianos com destino à América. Os números para a região do Abruzzo e Molise, entre 1876 e 1925, chegam a 1.050.000, frente a uma população regional para o mesmo período de 1.500.000 habitantes²³⁸.

As companhias de navegação, as que mais se beneficiaram do grande movimento populacional, distribuíam material publicitário que mostrava as maravilhas da travessia oceânica em naves coloridas, eficientes e impecavelmente limpas, cruzando um mar de calmaria.

²³⁴ O *País de Bengodi*, contração do país de *Berlinzone*, é um lugar imaginário descrito na novela de BOCCACCIO, Giovanni. *Calandrino e l'Elitropia. Decameron*.

²³⁵ COCCHIARA, Giuseppe. *Il Paese di Cucagna e altri Studi di Folklore*. Torino: Ed. Boringhieri, 1980; CAMPORESI, Piero. *Il Paese della Fame*. Bologna: Il Mulino, 1985; GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o Cotidiano e as Ideias de um Moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp. 163-170.

²³⁶ Em 1881, a então província de São Paulo, empenhada em divulgar as suas benesses, promoveu um concurso concedendo um prêmio ao autor do melhor tratado descritivo sobre São Paulo, que contivesse uma “exposição fiel e franca” dos “recursos e das garantias”, das “vantagens e facilidades” com os quais o estrangeiro que desejasse emigrar para a província paulistana poderia e deveria contar. O trabalho aprovado seria traduzido para o italiano e o alemão e distribuído “nos pontos mais convenientes nos diversos países”, o que indica a preferência inicial por essas duas nacionalidades. Lei Provincial nº 40, de 21/02/1881.

²³⁷ SILVERII, Plinio (org), *L'Americ 'Annallà. Microstorie di un Paese d'Abruzzo*. Chieti, 1989. In: FELICE, Costantino; PEPE, Adolfo; PONZIANI, Luigi. *Storia dell'Abruzzo 5: Il Novecento*. Roma-Bari: Gius. Laterza, 1999, p. 19.

²³⁸ *Ibidem*, p. 3.

Os folhetos de propaganda que faziam referência ao Brasil exaltavam o clima tropical, as oportunidades oferecidas pelo país, a abundância de víveres, as riquezas minerais, acenando com a possibilidade de realizar o sonho de reconstruir uma nova vida com a família, e de ter até o seu próprio castelo²³⁹.

Os agentes de emigração, a serviço dos empreendedores, ofereciam a viagem pré-paga e a garantia de um emprego seguro. O subagente encarregava-se de difundir a ideia migratória, engrandecendo-a, e criando um clima de expectativa e curiosidade. O agente, uma nova figura que nasce com a emigração, é assim descrito por Hobsbawm:

4. In América. Folheto de Propaganda. Itália, s.d.. Arquivo Histórico Municipal de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul

Tais indivíduos faziam seus lucros acumulando gado humano nas mãos das companhias de navegação ansiosas para encher seus navios, para enviá-los às autoridades públicas e companhias de estradas de ferro interessadas em povoar seus territórios vazios, para proprietários de minas, donos de siderúrgicas e outros empregadores de trabalho primário que necessitavam de braços. Os agentes eram pagos pelos empregadores, e pelos centavos de homens e mulheres que talvez fossem forçados a atravessar metade de um continente estranho antes de embarcar para cruzar o Atlântico²⁴⁰.

A história das migrações é repleta de tristes episódios que dão suporte a essa representação, mas como todo conceito, para que não se transforme em preconceito, não deve ser generalizado. Para que se evite condenar *a priori*, é preciso analisar o papel que os

²³⁹ 4. Panfleto de Propaganda de Imigração. Itália (propriedade da historiadora Assunta De Paris). In: Arquivo Histórico Municipal de Bento Gonçalves. Disponível em: <http://www.bentogoncalves.rs.gov.br/cidade/historia-da-imigracao>. Acesso em: 10 mar.2016. [Texto original. *In América. Terre in Brasile per gli Italiani. Navi in partenza tutte le settimane dal Porto di Genova. Venite a costruire i vostri sogni con la famiglia. Un paese di opportunità. Clima tropicale vito in abbondanza. Ricchezze minerali. In Brasile potete avere il vostro castello. Il governo dà terre ed utensili a tutti.*]

²⁴⁰ HOBBSAWM, Eric J.. *A Era do Capital 1848-1875*. 3^a ed., tradução de Luciano Costa Neto, p. 208. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B46vjRI8hGuVzIEanBQNm9TNzg/edit>>. Acesso em: 2 maio 2015.

intermediários tiveram nos movimentos migratórios e na relação com os emigrantes, no curso da estruturação desse fenômeno, cujas transformações não cabem aqui discutir²⁴¹.

Para os que lutavam para sobreviver, o agente era aquele que primeiro lhes estendeu a mão, que lhes acenou com um destino promissor, acendendo a esperança que nutria os seus corações sofridos. Ofereceu- lhes o sonho no qual logo embarcariam, aumentando a cada dia o intenso fluxo migratório dos povos, que se movia em todas as direções, cruzando todas as fronteiras.

E no caminho desse sonho, as famílias iam se separando:

[...] subitamente, uma opressiva sensação de desconforto e de angústia tomou conta de mim, assim que senti que estava prestes a deixar a minha mãe. ‘Deus lhe abençoe’ ela estava dizendo, esforçando-se por sorrir através das lágrimas que corriam pelas suas faces. Eu me pus a soluçar. Os demais, que deviam embarcar no mesmo navio, partiram na mesma hora, deixando na estação uma cena de confusão, lamentos e gritos indescritíveis... Ouvei meu pai me chamando para subir a bordo. Um último beijo de minha mãe. Todo o resto se esvaneceu em meio à bruma das minhas lágrimas [...] ²⁴².

Nas estações ferroviárias crescia a cada dia o número de emigrantes, que com seus parcos e pobres pertences tentavam embarcar a todo custo naquela viagem da esperança. Os vagões lotavam rapidamente; os trens partiam, deixando espalhados pela estação o desespero e a frustração de quem ficava para trás.

Em Mogliano Veneto crescia de tal modo o número de famílias retornadas, que as autoridades, e os próprios proprietários rurais, vendo as suas terras serem abandonadas, criaram mais postos de trabalho para absorver toda aquela gente. Na fração de Marcon foi aberta uma via, com o sugestivo nome de *Strada dell’America*, hoje Via Monte Grappa, na tentativa de minimizar a crítica situação dos que não conseguiram partir. Os grandes e pequenos proprietários, as grandes e pequenas indústrias agrícolas, os comerciantes, e quem mais pudesse, fizeram o possível para empregar os desocupados, sem sucesso. A situação se agravava a cada dia. Os pagamentos eram baixos e insuficientes, a alimentação era escassa e deficitária, as terras de extrema miséria²⁴³.

Eleonora e Francesco resistiram o mais que puderam àquele chamamento de além-mar. Mas, na manhã de 25 de setembro de 1894, ao lado da pequena urna onde dormiria para sempre a sua *bambina*, todas as suas forças se esvaíram. Em breve eles se juntariam aos

²⁴¹ Para esse assunto ver: MARTELLINI, Amoreno. Il Commercio dell’Emigrazione: Intermediari e Agenti. In: BEVILAQUA, Piero, et al (a cura di). *Storia dell’Emigrazione Italiana...* op. cit., 2001.

²⁴² D’ANGELO, Pascal. *Son of Italy...* op. cit., p. 67. (Apêndice I).

²⁴³ VENTURINI, Giuseppe. *Mogliano nel Tempo: da Borgo a Città*. Mogliano Veneto: Grafiche Piesse, 1989.

milhares de italianos que deixavam na terra em que nasceram uma história escrita por gerações. Gente sofrida, que largava para trás a sua morada, seu canto, seu chão, suportando o calor, o frio, a chuva e a fadiga, levando no peito a dor de abandonar e o peso do abandono.

No início de 1895, Francesco e Eleonora começaram a se preparar para a mais longa e mais sofrida viagem de suas vidas. Desfizeram-se de bens gravados por impostos, venderam tudo o que tinham, levaram tudo o que podiam, e junto com seus filhos – Giuseppe, Ernesto, Giovanni, Tommaso e mais um por nascer, partiram. Abandonaram a terra de seus antepassados, a única que conheciam, para trilhar a difícil e tortuosa estrada da emigração, que os levaria enfim ao porto de partida. Genova! A última fronteira que atravessariam antes de adentrar um espaço até então desconhecido. Vasto, abissal, assustador, fascinante: o oceano.

2.3. Abraços Partidos

Envolveu-me em seus braços e soluçando apertou-me contra si. Aprisionado no escuro daquele estreito abraço, fechei os olhos e chorei. Choramos os dois, imóveis sobre os degraus, e ela me beijava e rebeijava os lábios. Senti as suas lágrimas mornas escorrendo em meu rosto. “Voltarei logo”, lhe disse soluçando. “Voltarei logo.” Mas não foi assim. Os temores de minha mãe prenunciavam a verdade. Não retornei mais. Estreitou-me mais uma vez entre os seus braços, como se quisesse me adormentar em seu peito. E tornou a beijar-me. Assim permanecemos, longamente, até que sobre nós desceu uma grande paz²⁴⁴.

Pascal D’Angelo

Encimando a vertente ocidental dos Apeninos, à beira do Mediterrâneo, situa-se a bela cidade de Genova, cuja vocação marítima outorgou-lhe papel relevante ao longo da história. Entre 1876 e 1901, Genova se transformaria no maior e no mais importante porto marítimo da Itália, responsável por 61% do total nacional de emigrantes. Essa prevalência ligou-a inexoravelmente ao maior êxodo da história italiana, e fez dela, nas últimas décadas do *Ottocento*, o principal centro de confluência de emigrantes que, cruzando montanhas e atravessando vales, em longas peregrinações, chegavam dos mais remotos recônditos da Itália.

No curso de quase um século, contado a partir dos anos 30 do *Ottocento*, embarcaram no porto de Genova cerca de quatro milhões de emigrantes, com um fluxo que atingiu a sua máxima intensidade – dois milhões – no último quartel do século XIX ²⁴⁵. Com o crescimento da emigração meridional, nos primeiros anos do *Novecento*, seria Nápoles a embarcar a maioria dos emigrantes. A partir de 1905, os portos de Palermo e de Messina partilhariam com os primeiros o grande fenômeno migratório.

Os grandes e os pequenos armadores, que enfrentavam uma grave crise por conta da concorrência da frota mercantil inglesa no comércio de grãos do Mar Negro e do Mediterrâneo oriental, viram na emigração a solução para os seus problemas. O número de

²⁴⁴ D’ANGELO, Pascal. *Son of Italy...* op. cit., p. 64. (Apêndice I).

²⁴⁵ GIBELLI, Antonio. Dal Porto al Mondo con De Amicis. In: DE AMICIS, Edmondo. *Sull’Oceano...* op. cit., p. 9.

companhias de navegação aumentava a cada dia e, pode-se dizer que em Genova, por um período relativamente longo, “viveu-se de emigração”²⁴⁶.

Isto evidenciou a necessidade de uma estrutura de serviço para passageiros nas proximidades da Estação Ferroviária de *Porta Principe*, o que foi concretizado entre 1884 e 1890, com a construção da primeira Estação Marítima do porto de Genova, com sala de espera, sala médica e posto de polícia. Logo, a demanda crescente mostrou que esse espaço não seria suficiente para acolher todos os emigrantes. Espalhados pelos arredores, homens, mulheres e crianças esperavam o momento do embarque expostos a pessoas inescrupulosas.

Na falta de uma fiscalização adequada, a convivência entre agentes e subagentes de emigração pressionava o emigrante a chegar ao porto cinco ou seis dias antes da partida, com o intuito de permitir que proprietários de pensões e de albergues explorassem a sua boa fé. Certamente o agente se valia do estabelecido na lei que regulamentava o contrato de emigração, que atribuía a responsabilidade da espera para embarque, única e exclusivamente às companhias de navegação, de seus agentes e dos mediadores da companhia que operavam nas diversas regiões²⁴⁷. Não obstante uma cópia do contrato ficasse em poder do emigrante, certamente ele ignorava os dispositivos legais, já que a maioria mal sabia assinar o próprio nome. Quantos, na sua ingenuidade, foram enganados e espoliados dos seus poucos recursos, conseguidos a duras penas! Olhos atentos se apiedaram das tristes cenas que viam:

Um dia [...] pus-me a observar os emigrantes e me detive precisamente na pracinha da estação ferroviária da praça *Principe*, invadida por mais de duas mil daquelas pobres criaturas. O espetáculo era comovente, e, por muitas razões, repugnante. Uma turba de gente suspeita – mensageiros dos albergues, subagentes de emigração verdadeiros ou improvisados – se movia entre aquele exército da miséria, levando consigo a toda força as famílias daqueles desgraçados para destinos ignorados. Eu não entendia nada, mas sei bem que aquele espetáculo não me agradava²⁴⁸.

Pouco a pouco, muitos emigrantes começaram a recusar a sistemática imposição dos albergueiros e dos agentes, preferindo permanecer acampados a céu aberto, sujeitos às intempéries, sem nenhuma proteção. Mal acomodados sobre seus pertences, lá ficavam por

²⁴⁶ CAMPODONICO, Pierangelo, Percorso della Mostra, In: *La Merica! Da Genova a Ellis Island...* op. cit., p. 10.

²⁴⁷ Legge n° 5866, 30 dez.1888, conhecida como Lei Crispi (por ter sido aprovada durante o primeiro mandato do primeiro-ministro Francesco Crispi – 1887 a 1891). Disponível em: <<http://www.terzaclasse.it/documenti/doc016.htm>>. Acesso em: 20 maio 2012.

²⁴⁸ Relato de Pietro Maldotti, sacerdote scalabriniano, presente em Genova para assistir a partida dos emigrantes. CAMPODONICO, Pierangelo. Percorso della Mostra. In: *La Merica! Da Genova a Ellis Island...* op. cit., p. 11. (Apêndice I).

dias, esperando que a nave estivesse pronta para acolhê-los. O contato tão próximo com a terra talvez lhes trouxesse o conforto de ainda pertencerem a algum lugar.

5. Angelo Tommasi. *Gli Emigranti*. O.S.T. 4,33 x 2,62 cm. Roma, 1896.
Galleria Nazionale di Arte Moderna

Em um porto ainda desprovido de uma estrutura adequada para receber um número cada vez mais expressivo de passageiros, a Estação Marítima acabaria por ser o lugar onde se realizaria todo o procedimento de viagem. Lá se fazia a esterilização das bagagens, o controle dos passaportes, do título de viagem e a avaliação médica, provavelmente a parte mais temida pelo emigrante. A boa saúde física e mental era condição essencial tanto para a viagem, quanto para a entrada no porto de destino. Temia-se, mais que tudo, as doenças epidêmicas que pelas próprias condições insalubres da terceira classe se difundiam rapidamente a bordo, o que não passou despercebido a Edmondo De Amicis, escritor e professor italiano, que em 1884 atravessou o Atlântico em uma nave repleta de emigrantes²⁴⁹:

[...] espreitando-se o dormitório viam-se na meia luz, corpos sobre corpos...
e vinha de lá um concerto de lamentos, de estertores e de tosses, que dava ímpetos de desembarcar [...]

²⁴⁹ DE AMICIS, Edmondo. *Sull'Oceano*. A cura di Giorgio Bertone. Prefazione di Antonio Gibelli. Reggio Emilia: Diabasis, 2005. De Amicis embarcou no porto de Genova, em 16 mar.1884, no navio *Nord America (II)*, (rebatizado como *Galileo*, por De Amicis, em seu *Sull'Oceano*), quando este pertencia à *Società Matteo Bruzzo*. Em abril do mesmo ano o *Nord America (II)* passou para a companhia *La Veloce*, que dominaria as linhas de navegação para a América do Sul. O objetivo de De Amicis, ao embarcar em uma nave que transportava para a América meridional 1.600 passageiros, sendo a maior parte deles emigrantes, era ver de perto o crescente fenômeno migratório.

[...] em ondas, subia ao convés um cheiro fétido de dar dó, considerando que vinha de criatura humana, e de dar medo só de pensar o que aconteceria se houvesse a bordo um surto de doença contagiosa²⁵⁰.

Uma vez cumpridos os procedimentos regulares, os emigrantes colocavam-se em fila e subiam a bordo, “com o coração trêmulo, e com uma forte sensação de um mau presságio” ²⁵¹. Este era um momento carregado de muita emoção, evocado nas narrativas autobiográficas dos imigrantes. O momento em que se acenava para aqueles que ficavam no porto. Três sons intermitentes, penetrantes, enrouquecidos, que pareciam um lamento vindo das gargantas profundas do mar, anunciavam que a nave se punha lentamente em movimento. Era a hora crucial e assustadora de deixar a *terraferma*; o instante final do adeus.

Os vínculos, que estavam prestes a se romper, materializavam-se na fragilidade de fios de lã que cortavam o espaço entre o mar e a terra, seguros de um lado pelos trêmulos dedos dos que partiam, e do outro, pelas mãos dos que ficavam. Os corpos se projetavam nas amuradas da embarcação, os braços se esticavam a mais não poder, na tentativa de prolongar ao máximo aquele último momento de pertencimento, até que os frágeis fios, inevitavelmente, se esgarçavam e se rompiam. Um lado ficava na terra, o outro lado no mar²⁵².

6. Filo di Lana. Fotografia não identificado. Roma, 2003.
Complesso del Vittoriano

²⁵⁰ DE AMICIS, Edmondo. *Sull'Oceano...* op. cit., p. 137. (Apêndice I).

²⁵¹ D'ANGELO, Pascal. *Son of Italy...* op. cit., p. 68. [Texto original: *col cuore tremante e con un senso di grande, cattivo presagio.*]

²⁵² STOLFI, Emanuele (a cura di). Tante Patrie una Patria: L'Identità Italiana nel Mondo attraverso l'Emigrazione, In: *Italiani nel Mondo*, Catalogo della Mostra. Milano: Mondadori, 2003, p. 56.

Os que partiam e os que ficavam, talvez não se dessem conta naquele momento, mas as pontas daqueles fios partidos nunca mais se juntariam na forma como era antes. Por mais que se tentasse uni-las não passariam nunca de toscos nós.

Prontos para embarcar no vapor *Alacrità*, Eleonora, Francesco e os quatro meninos receberam o último abraço e o último adeus dos familiares que os acompanhavam. Em solo italiano ficaria para sempre uma dolorosa saudade, que os seguiria por toda a vida. Saudade do lugar onde nasceram, da única terra que conheceram, dos filhos que perderam, que não mais receberiam em seus túmulos uma prece, uma flor, uma lágrima de seus pais.

Na Estação Marítima eles seguiram o protocolo. Passaram pela esterilização das bagagens, pelo controle dos passaportes e dos bilhetes, dirigindo-se para a avaliação médica. Francesco e Eleonora pensavam já ter enfrentado tudo o que poderiam suportar. O destino, entretanto, cobrou-lhes mais um alto tributo: Ernesto não teve permissão para embarcar. Um profundo ferimento na perna, consequência de uma queda que tivera dias antes da partida, não lhe garantiu o que todo emigrante temia não receber: o *nullaosta* ²⁵³.

A família, aturdida, suplicou, implorou, mas em vão... Em desespero, Eleonora quis voltar, mas voltar para onde, se o que lhe restava agora era um frágil fio de continuidade entre o lugar da partida e o lugar da chegada? Voltar para o quê, se o seu presente era apenas um passado inacabado?

Imobilizados, sem ação, atravessados por uma dor imensa, todos emudeceram. As lágrimas, que Eleonora pensou não mais precisar chorar, desciam pelo seu rosto e traziam um sabor amargo à sua boca. Uma dor sem fim a invadiu. Essa dor... Ela já sentira. Conhecía bem esse sofrimento, que vem como uma onda, que enfraquece os joelhos, que cega os olhos, que transforma a vida da gente para sempre. Giovanna, irmã de Eleonora, abraçava-se a ela, e as lágrimas das duas se misturavam. Sem saída, Eleonora deixou Ernesto sob os cuidados de sua irmã, com a promessa de que voltaria para buscá-lo.

Mas não foi assim!

²⁵³ *Nada consta*. Declaração emitida pelas autoridades portuárias, que atestava que o indivíduo não apresentava nenhum impedimento físico, mental ou comportamental, estando apto a emigrar.

2.4. Mar Aberto

O Mediterrâneo nem sequer é um *mar*, antes é um “complexo de mares”, de mares peçados de ilhas, cortados por penínsulas, cercados por costas rendilhadas; a sua vida está ligada à terra, a sua poesia é predominantemente rústica, os seus marinheiros são camponeses nas horas vagas; é o mar dos olivais e das vinhas, tanto como dos esguios barcos a remos ou dos redondos navios dos mercadores...²⁵⁴

Fernand Braudel

O som das vozes dos que estavam no porto chegava aos ouvidos dos passageiros em trêmulos sussurros trazidos pela brisa. Os lenços brancos, agitados ao vento, foram pouco a pouco se recolhendo. Genova foi ficando mais e mais distante, até desaparecer completamente da vista dos passageiros do *Alacrità* que, lentamente, cortava a imensidão do profundo azul mediterrâneo.

Aos olhos dos emigrantes, os grandes vapores assemelhavam-se às grandes montanhas²⁵⁵ que atravessam a Itália, protegendo os seus vales distantes. Para De Amicis, as naves eram uma espécie de burgo rodeado por uma muralha defensiva²⁵⁶, o que não deixa de ser uma imagem bastante expressiva. Nessa “cidade flutuante” reproduziam-se as características dos inúmeros vilarejos italianos, como um espelho do mundo que os emigrantes tinham acabado de deixar. Na primeira e na segunda classe, representando os privilégios da aristocracia e da burguesia, os mais abastados gozavam de conforto, ar, luz, higiene, privacidade. Na terceira classe, degraus abaixo, comprimida em espaços angustiantes – tão baixos que obrigavam muitos a caminhar dobrados – sem ventilação, fracamente iluminados, sem higiene apropriada, úmidos e promíscuos, ficava a massa ignara e ignorada: os emigrantes.

[...] Imaginem-se dois andares abaixo da cobertura, como dois vastíssimos mezaninos, iluminados por uma luz de adega, e em cada um deles, três conjuntos de beliches dispostos um ao lado do outro, contornando as paredes

²⁵⁴ BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*, vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p.22.

²⁵⁵ Memórias de Raimondo Parutto, conservadas no *Archivio Diaristico Nazionale*, Pieve S. Stefano, Arezzo. [Texto original: *non so nianche lora precisa si senti tre grandi urlì che era laviso de la partensa e così comincio pian piano a moveri che non pareva un Vapore somigliava ivece una montagna*.] (não sei nem mesmo a hora precisa se ouviu três grandes uivos que era o aviso da partida e assim começou lentamente a se mover que não parecia um Vapor assemelhava invés uma montanha). GIBELLI, Antonio. *Storie Migranti*, In: *La Merica! Da Genova a Ellis Island...* op. cit., p. 36.

²⁵⁶ DE AMICIS, Edmondo. *Sull'Oceano...* op. cit., p. 74.

e o meio, e cerca de quatrocentas pessoas, entre mulheres e crianças lactantes e não lactantes, a uma temperatura de trinta e dois graus. Na cama mais baixa do beliche, dormia uma mulher grávida com uma criança de dois anos; sobre ela uma velha de setenta anos e sobre esta uma jovem na flor da idade [...]. Descendo-se lá à noite, viam-se [...] pedaços de xales, de vestidos e de saias de todas as cores [...] como bandeiras do exército infinito da miséria: e no chão um confuso amontoado de botinas, de tamancos, de chinelos, de cordões, de sapatinhos, de meias [...] ²⁵⁷.

A euforia da partida logo daria lugar a sentimentos tumultuados. As mulheres, estreitando seus filhos junto ao peito rompiam em prantos; os jovens, que antes riam agora se calavam; os homens, antes impassíveis, passavam as mãos sobre os olhos e um grande abatimento tomava conta de todos. A coragem e a esperança que os conduzira até ali parecia esvair-se completamente, fazendo renascer dúvidas, inquietudes e todas as amarguras que acompanharam os últimos dias das suas vidas em solo materno. As naves que partiam para o Novo Mundo não levavam apenas homens, mulheres e crianças, seus fardos e seus baús. Levavam, sobretudo, dores e amores, sonhos e angústias, medos e esperanças, sentimentos e ressentimentos.

Dias e dias se passavam, uns serenos, outros agitados. Os olhares vagavam perscrutando o horizonte vazio, sempre igual: mar e céu, céu e mar, azuis se confundindo e se fundindo. A tediosa monotonia enleava o pensamento e crescia a sensação de se estar mergulhando em um mundo sem fim. Perdia-se a noção do espaço, do tempo, da própria vida. O calor sufocava, o mar ondeante nauseava, a sombra de um naufrágio atemorizava. As noites escuras faziam aflorar pensamentos melancólicos e inquietantes. Raros eram os momentos capazes de quebrar aquele marasmo, como as pequenas e coloridas embarcações dos vendedores de laranjas, que se aproximavam das naves quando estas cruzavam o estreito de Gibraltar²⁵⁸.

Em meio àquela erma vastidão, a vida seguia seu curso. A bordo se nascia, se morria e se sepultava naquele imenso cemitério sem lápides, sem fronteiras, sem preconceitos.

Durante a viagem de navio meu bebê ficou febril, uma febre sempre muito alta, velei-a dia e noite, sem saber o que fazer. Uma noite a ouvi gemer, suave frio, tremia; procurei aquecê-la e mantê-la junto a mim, mas de repente parou de tremer. Estava morta. Morta. [...] Arrancaram-na dos meus braços, enfaixaram-na apertado, apertado, da cabeça aos pés e lhe puseram uma grande pedra no pescoço; à noite, às duas da noite, com aquelas ondas tão negras, desceram-na lentamente ao mar. Eu gritava, gritava, não queria separar-me dela, queria me afogar com ela [...] Eu não queria que a minha menina tão pequenina acabasse naquele mar tão frio, tão escuro, certamente

²⁵⁷ Ibidem, p. 138. (Apêndice I).

²⁵⁸ D'ANGELO, Pascal. *Son of Italy...* op. cit., p. 69.

devorada pelos peixes. Queria ser sepultada com ela, para protegê-la, defendê-la, para que não a devorassem. Não queria deixá-la só, pobre criança, mas me puxaram para trás enquanto a jogavam para baixo. Aquele baque na água, não posso esquecê-lo²⁵⁹.

Tudo o que de mais relevante acontecia naquele território flutuante era registrado nos *Giornali Nautici*: os dados sobre a rota, a posição do navio, sua velocidade, as condições meteorológicas, mercadorias que entravam, mercadorias que saíam, emergências sanitárias, estruturas de funcionamento, as condições dos passageiros, quem nascia, quem morria, enfim, o que se passava no coração da nave. Esses diários de bordo, conservados em arquivos, permitem que se conheça um lado da história das travessias migrantes, testemunhadas e escritas por aqueles que as comandavam²⁶⁰.

O outro lado da história, o que se passava no coração dos homens, os *Giornali Nautici* não registram, nem poderiam. Caberia a outros fazê-lo. Mas, os protagonistas desse evento de tão grandes proporções, os emigrantes, deixaram poucos testemunhos que nos contassem o que de fato significou atravessar pela primeira vez um imenso oceano, com destino a lugares tão distantes e desconhecidos. Muitas vozes se calaram, anestesiadas talvez pelo sofrimento. Outras falaram, mas palavras se vão ao vento e se perdem no passar das gerações.

Algumas mãos, entretanto, as que sabiam escrever ou mal escrever, deixaram registros que chegaram até nós. Os relatos daqueles que vivenciaram ou daqueles que observaram de perto os acontecimentos – a despeito da individualidade e subjetividade das narrativas – permitem conhecer um pouco do que foi viver esse interregno sem fronteiras, entre o céu e o mar, entre o tempo que foi e o futuro que estava por vir.

Vistos por um viés interno – as narrativas dos legítimos protagonistas – ou por uma perspectiva externa como a de Edmondo De Amicis, os relatos sobre a travessia marítima nos levam para mais perto dos caminhos da emigração. Embora De Amicis se encontrasse imerso no mesmo microcosmo humano, não vivenciou a ruptura, que só quem emigra pode compreender. Alojado na primeira classe – menos por uma condição social, e mais por um privilégio cultural – não partilhou com o emigrante as agonias da terceira classe. Foi o cronista-viajante, o homem de letras, o *voyeur* que espreitava um mundo que desconhecia e ao qual não pertencia. Um mundo que, aos seus olhos, era feito de “fome e coragem de todas as províncias e de todas as profissões, e também, de muitos miseráveis sem profissão, de

²⁵⁹ Apud STELLA, Gian Antonio. *Odissee...* op. cit., p. 22.

²⁶⁰ O Archivio di Stato di Genova conserva cerca de doze mil *Giornali Nautici* de veleiros e navios que fizeram escala em Genova entre os séculos XIX e XX. Cf. GIBELLI, Antonio. *Dal Porto al Mondo...* op. cit., p. 9.

aspirantes a empregos indeterminados, que vão em busca de fortuna com os olhos vendados e as mãos caídas²⁶¹.

Em meio a um labirinto interminável de vãos escuros, de curvas e de escadas estreitas e sombrias, que se perdiam na penumbra, de recessos profundos e úmidos, os passageiros da terceira classe se moviam e as famílias se separavam: os homens e os meninos maiores de sete anos de um lado, as mulheres e as crianças de outro.

As mulheres, pálidas e despenteadas, dirigiam-se à porta do dormitório, oscilando e se agarrando aqui e ali. [...] dava pena ver aquelas mulheres descendo com dificuldade aquelas escadas íngremes, caminhando às cegas para aqueles dormitórios grandes e baixos (...) e muitas indo e vindo ao acaso, olhando com inquietude todas as desconhecidas companheiras de viagem, aflitas como elas, confusas também com aquela multidão e aquela desordem. [...] ²⁶².

Para escapar do ambiente sufocante da terceira classe, da falta de ar puro, da semiescuridão que fazia do dia, noite, os emigrantes subiam ao convés descoberto e aos poucos iam se conhecendo uns aos outros, aproximando-se pelo que tinham em comum: a mesma província de origem, a mesma profissão, os mesmos assuntos. As famílias se reuniam e cada grupo escolhia um lugar que, pelo tradicional direito consuetudinário, era respeitado por todos.

Se o tempo estivesse agradável, passavam ali a maior parte do dia, entretendo-se com ingênuos passatempos. Em certos momentos alguém gritava: “Vejam os peixes!” “Onde, onde?”

Todos nós corríamos para o lado indicado, olhando alegremente, lá embaixo, as evoluções dos brilhantes golfinhos que nadavam em torno do navio. Seguíamos por muitíssimo tempo os seus movimentos e, graças ao espetáculo oferecido por aquelas magníficas criaturas, esquecíamos por muitas horas o medo daquele imenso oceano²⁶³.

Era também no convés que os passageiros da terceira classe frequentemente faziam as refeições, com o prato sobre os joelhos, quase sempre acorados ao longo do parapeito, habituados que eram a descansar sobre a terra. Embora nem sempre a comida fosse de boa qualidade, para a maioria dos emigrantes era, talvez, o melhor da viagem. Muitos na verdade,

²⁶¹ DE AMICIS, Edmondo. *Sull'Oceano...* op. cit., p. 72. [Texto Original: *fame e coraggio di tutte le provincie e di tutte professione, ed anche molti affamati senza professione, di quelli aspiranti ad impieghi indeterminati, che vanno alla caccia della fortuna con gli occhi bendati e con le mani ciondoloni*].

²⁶² Ibidem. pp. 62 e 66. (Apêndice I).

²⁶³ D'ANGELO, Pascal. *Son of Italy...* op. cit., p. 70. (Apêndice I).

que emigravam para não morrer de fome, encontravam uma alimentação que compreendia farináceos, legumes, grãos, carne, peixe, queijo, azeite de oliva²⁶⁴, o que, certamente, era muito mais do que muitos jamais haviam consumido. O problema era a péssima distribuição, e a forma precária de consumo.

Saíam da cozinha com as gamelas abarrotadas de sopa entre as mãos, para comer em paz nos seus lugares: alguns, fazendo prodígios de equilíbrio, conseguiam; outros, pisando em falso, caíam com a cara na gamela, espalhando caldo e pasta por toda a parte [...] ²⁶⁵.

No convés, olhando pela única “janela” que tinham para o mar, os jovens se descobriam e se olhavam. Os homens, talvez lembrando os domingos na praça do vilarejo, caminhavam absortos com as mãos nos bolsos. As mulheres alimentavam os seus filhos, remendavam seus panos, lavavam as fraldas em raras gotas de água, angustiavam-se pelo tanto de coisas que não tinham e pelos espaços tão exíguos onde mal podiam se mexer. Os menores e os mais escondidos cantos eram ocupados, pois “a gente pobre se adapta a todos os vãos, como a água” ²⁶⁶.

Os dias chuvosos e frios eram os mais difíceis de atravessar. Se já era impossível ficar a céu aberto era intolerável permanecer nos dormitórios da terceira classe, os ambientes mais críticos das naves, onde se manifestavam as doenças e onde se contam o maior número de vítimas²⁶⁷. Sob o olhar do higienista Vittorio Cantù, “a sensação de aversão repugnante, que se tem descendo em uma estiva onde tenham dormido os emigrantes é tal que, uma única vez experimentada, não se esquece mais”²⁶⁸.

O número de emigrantes era sempre superior ao que a lei permitia e só seria regulamentado em 1907 ²⁶⁹. A higiene era bastante precária e para os mais de mil passageiros,

²⁶⁴ Acervo Vecchia/SP. *Tabella dei Viveri Secondo Il Regolamento della Marina Mercantile*. Relação dos alimentos servidos na terceira classe do vapor *Pó*, constante no verso do bilhete de embarque do emigrante Luigi Vecchia e sua família, que partiram em 30 jan.1888 com destino a Santos..

²⁶⁵ DE AMICIS, Edmondo. *Sull'Oceano...* op. cit., p. 66. (Apêndice I).

²⁶⁶ Ibidem, p. 77. [Texto original: *poiché la povera gente si adatta a tutti i vani come l'acqua.*]

²⁶⁷ A partir de 1895, a presença de um médico a bordo tornou-se obrigatória. O *Alacrità*, que zarpou exatamente nesse ano, comandado pelo capitão Enrico Noberasco, levou a bordo o Dr. Carlo Pertusio, o que pode ter contribuído para o baixo número de óbitos (três). Cf. Diário de Bordo e lista de passageiros do Vapor *Alacrità*... op. cit..

²⁶⁸ L'Igiene a Bordo dei Piroscafi addetti al Trasporto degli Emigranti. In: *Rivista d'Igiene e Sanità Pubblica*, nº 17, 1895, p. 687. Apud CAROSIO, Giani. Navi da Emigranti, In: *La Merica! Da Genova a Ellis Island...* op. cit., p. 81. [Texto Original: *L'impressione di disgustosa ripugnanza che si riceve scendendo in una stiva ove hanno dormito degli emigranti è tale che, provata anche una volta sola, non si dimentica più*].

²⁶⁹ Decreto nº 1.458, de 10 abr.1907. Regulamenta as condições das empresas marítimas que faziam o transporte de imigrantes para São Paulo.

que em média ocupavam a terceira classe das naves, não havia sequer um banho²⁷⁰. Era na chuva ou na água do mar que se banhavam e lavavam as poucas vestes que carregavam consigo para o dormitório. Todo o resto ficava nas bagagens que, no geral, permaneciam fechadas até o desembarque. Mas, a “gente pobre” se adaptava e suportava o insuportável calor, respirava o ar sequestrado pelos nauseantes odores humanos e partilhava o que tinha e o que não tinha.

Ninguém que tivesse observado de perto aquele microcosmo, que tinha em seu centro a dolorosa desagregação da vida humana, poderia ficar indiferente. Edmondo De Amicis, o homem culto, o observador arguto, que viajava na primeira classe do *Nord America*, a nave que *insaccava miseria*, escreveu:

E refazendo rapidamente aquela viagem de vinte e dois dias, parecia que na verdade eu havia vivido em um mundo a parte, o qual, reproduzindo em menor dimensão os acontecimentos e as paixões do universo, tivesse ajudado e clareado o meu julgamento a respeito do homem e da vida. Muita tristeza, muita violência, muita culpa; mas, sobretudo, miséria e dor²⁷¹.

Um dos poucos momentos de verdadeira alegria que a travessia para a América desconhecida oferecia, era aquele em que as naves cruzavam a imaginária e misteriosa linha do Equador, que para aquelas mentes simples, era uma incógnita. Muitos duvidavam de que a terra fosse redonda e constatavam agora, com seus próprios olhos, que estavam certos: ela era plana! Os poucos que acreditavam na sua esfericidade imaginavam que, passado o Equador, o navio começaria a descer e a “girar em volta do globo, como uma formiga em torno de uma bola”²⁷².

Atravessar o Equador era uma festa para todos, que brindavam com o vinho distribuído especialmente para aquele momento²⁷³. Chapéus, copos, lenços e bracinhos de bebês se agitavam no ar. O convés era tomado pelos passageiros, que se apinhavam contra as amuradas não deixando entrever sequer um palmo de chão. Se esse momento pudesse ser visto de cima, daria a impressão de que a multidão pairava no ar, com os rostos coloridos pela chuva de fogos de artifício que caía sobre a calmaria do mar.

A passagem daquela linha invisível, que abraça o universo, separava definitivamente dois mundos: o Velho Mundo que se distanciava e o Novo Mundo que estava cada vez mais perto. Para aqueles que a cruzaram, nada mais seria igual.

²⁷⁰ DE AMICIS, Edmondo. *Sull'Oceano...* op. cit., p. 137.

²⁷¹ Ibidem, p. 61 e 234. (Apêndice I).

²⁷² Ibidem, p. 145.

²⁷³ Acervo Vecchia/SP. *Tabella dei Viveri...* op. cit...

Se o que aproximava os grupos de emigrantes no início da travessia era o que eles tinham em comum, após tantos dias convivendo tão próximo e tão intimamente, partilhando as mesmas angústias, dificuldades e inquietações, era bem possível que esse círculo de conhecimento se ampliasse e, até mesmo, extrapolasse os antagonismos, os preconceitos e as diferenças regionais que marcavam e que até hoje marcam a Itália.

Deixando o mar aberto, que por tantos dias fora o seu chão, o vapor *Alacrità* entrava em águas brasileiras²⁷⁴. Os passageiros, ansiosos, disputavam um lugar junto à amurada, estreitando os olhos, procurando a *terraferma*. Conforme o navio se aproximava do porto, começaram a vislumbrar uma extensa linha que recortava o céu e se refletia no mar. Enfim! A tão sonhada *Merica*!

Um tímido sol coloria levemente o horizonte carioca e a névoa fria, dos primeiros dias de julho, recebia os passageiros que, assim como outros viajantes antes deles, se extasiavam diante da deslumbrante paisagem tropical. A baía de Guanabara mostrava-se em toda a sua beleza, abrigada entre as suas enormes fortalezas naturais.

Como uma saudação de boas vindas, um sopro da primeira brisa da América agitou levemente a bandeira do *Alacrità* que, depois da longa travessia, entregava aos cuidados do Novo Mundo os filhos de terceira classe, que a nova Itália desamparou.

²⁷⁴ O vapor *Alacrità* entrou no porto do Rio de Janeiro em 8 jul.1895, procedente de Genova. Cf. Diário de Bordo e lista de passageiros... op. cit..

III.

ESPAÇOS CRUZADOS

3.1. Nas Antessalas do Novo Mundo

O imigrante chegou ao Novo Mundo com poucos pertences, mas trazendo dentro de si um patrimônio singular. Esse bem pessoal, simples, despretensioso, foi amealhado em outro lugar, em outra cultura, em outro tempo. Ao país que lhe abriu a porta – muitas vezes estreita demais – ofereceu esse legado como um presente de viagem: o seu bem e o seu mal. E o país que o recebia convidou-o a entrar e compartilhar com ele as suas benesses e as suas sanções: o seu bem e o seu mal. Cada um deu o que tinha para dar.

Aqueles que acabavam de vencer o temido oceano, cansados, atônitos e perdidos, que enfim alcançavam o Novo Mundo, tiveram que aguardar na “antessala” a permissão para entrar na América. Até lá, as suas vidas ficavam suspensas, os ritmos interrompidos, a existência dividida: meio emigrante, meio imigrante, nem de fora nem de dentro, nem do Velho Mundo nem do Novo Mundo. Chamava-se, esta “antessala”, Hospedaria de Imigrantes, a primeira das muitas fronteiras a serem ultrapassadas no Novo Mundo, antes que o imigrante pudesse recuperar plenamente a sua existência. De início, as unidades de alojamento não deixaram de ser uma variação dos antigos lazaretos, destinados ao recebimento de cargas e passageiros que eventualmente pudessem ser transmissores de doenças contagiosas e necessitassem ficar em quarentena²⁷⁵. A chegada diária de um grande fluxo de pessoas nos portos do Novo Mundo, após semanas em naves que não ofereciam sequer as mínimas condições de higiene, foi inevitavelmente acompanhada por moléstias incubadas ou disseminadas nas longas rotas transatlânticas ou, pior ainda, por epidemias que grassaram ou foram trazidas nos navios migrantes.

Com o aumento da imigração, várias foram as tentativas de se estabelecer estruturas arquitetônicas adequadas ao confinamento de milhares de pessoas, visando, sobretudo, questões de natureza profilática e saneadora. Todavia, os poucos conhecimentos médico-sanitários da época e a superpopulação da maioria das hospedarias, em nada contribuíram para diminuir as tristes estatísticas que a história das imigrações registrou.

Presentes nos países que estavam no ponto final daquele que foi considerado o maior êxodo da história, ganham destaque, pelo grande número de imigrantes que receberam: *Ellis Island*, em Nova York, *Pier 21*, em Halifax, no Canadá, a *Hospedaria da Ilha das Flores*, no

²⁷⁵ SEGAWA, Hugo. Arquiteturas de Hospedarias de Imigrantes. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 30: 23-42, 1989.

Rio de Janeiro, a *Hospedaria de Imigrantes de São Paulo* e o *Hotel de Inmigrantes*, em Buenos Aires, cada qual com infraestrutura e condutas próprias. Em comum, tinham o objetivo de garantir a mão-de-obra, em detrimento às vezes do próprio indivíduo. Todas deram abrigo aos recém-chegados, mas não se sabe quantas acolheram as diferenças, deram refúgio às angústias e ampararam o sofrimento.

A passagem de um mundo para o outro é sempre carregada de estranhamento, incompreensão, conflito e práticas indecifráveis. Dificilmente os indivíduos que se dirigiram ao Novo Mundo saíam ilesos dessa travessia. Mas, em *Ellis Island*, uma pequena ilha situada na foz do rio Hudson, no porto de Nova York, o imigrante experimentaria, talvez mais do que em qualquer outra hospedaria, o incomensurável significado dessas palavras:

- O que querem de nós?
- De nós quem, senhora?
- De todos os que vêm do velho mundo.
- Senhora, precisamos saber se são bons para entrar no Novo Mundo.
- E vocês, quem são? Pensam que são Deus? Quem são vocês para decidir se somos bons ou não somos bons para entrar nesse Novo Mundo? São talvez o Padre Eterno que podem dispor do destino dos homens?
- Senhora, se quiser entrar nos estados do Novo Mundo, deve aceitar as suas regras. Se recusar, será repatriada.

Com essas palavras, que ganham força no expressivo dialeto siciliano, Fortunata Mancuso interpela um inspetor de imigração de *Ellis Island*. O diálogo se passa no filme *Nuovomondo*, dirigido por Emanuele Crialese²⁷⁶, que conta a história de um pastor siciliano, Salvatore Mancuso, viúvo, que no início do século XX embarcou para a América do Norte com os seus dois filhos e a sua mãe, Fortunata, uma espécie de curandeira em seu vilarejo de origem. Em *Ellis Island* o encontro e o confronto entre uma cultura tradicional, antiquíssima, e a cultura da América positivista, das certezas científicas, se revelam profundamente traumáticos. Fortunata não aceita passivamente as humilhantes provas de higiene, física e mental, os banhos à base de produtos desinfetantes, os vários e confusos testes de avaliação psicológica e cognitiva. Altivamente, escolhe voltar ao seu velho mundo.

Embora ficcional, as questões históricas, antropológicas, sociológicas e psicológicas que permeiam o filme, magistralmente abordadas por Crialese, são as mesmas que perpassaram as vidas dos milhões de imigrantes italianos que chegaram a *Ellis Island*, vindos de um mundo oposto ao mundo das regras, do controle, da classificação. Um mundo de gente

²⁷⁶ CRIALESE, Emanuele (Direção). *Nuovomondo*. Longa-metragem. Itália/França: Studio Punto e Vírgula / 01 Ufficio Stampa, 2006. Rodado em sua maior parte em siciliano (o falar siciliano é muito distinto do italiano típico, ao ponto de ser considerado um idioma à parte), o filme de Crialese foi merecedor de inúmeros prêmios, destacando-se *Il Leone d'Argento Rivelazione*, na Mostra Internacional de arte cinematográfica de Veneza, em 2006.

simples, pobre e analfabeta, como os *cafoni* de *Fontamara*²⁷⁷, que viviam em condições ingratas, mas não vergonhosas.

Assim que desembarcavam, os recém-chegados eram dispostos em fila e caminhavam por binários que faziam curvas em ângulos retos. Dessa forma, era possível a um inspetor, estrategicamente posicionado, observá-los de frente e de lado, analisando o comportamento, o andar, a postura, a aparência e todo tipo de anomalia expressiva. Qualquer sinal que sugerisse a existência de alguma doença ou deficiência ou que chamasse a atenção do examinador, era marcado na roupa do imigrante com um código em giz²⁷⁸.

O olhar implacável de quem não enxergava as diferenças culturais, não aquilatava a dor do desenraizamento, não avaliava as condições físicas e emocionais decorrentes da longa e difícil travessia, certamente não compreendia o medo e a angústia de não ser aceito, diante dos rigorosos critérios de qualificação para entrar na América. A excentricidade no vestir, a extrema gentileza, a impaciência, a imprudência, o nervosismo, o sorrir ou rir de maneira excessiva, sinalizava, para os inspetores que faziam a triagem, “deficiência mental.” Por outro lado, o falar baixo, a voz trêmula, a perplexidade, o choro, a dificuldade de raciocinar ou os movimentos lentos, eram considerados sinais de “psicose

7. Immigrants being inspected. USA, 1904. Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. 20540

²⁷⁷ SILONE, Ignazio. *Fontamara*. Milano: Mondadori; Medusa, 1949. *Fontamara* narra a história de um vilarejo da *Marsica*, escolhido como símbolo do universo camponês. O termo *cafone* é usado por Silone para designar o camponês pobre e analfabeto, e não tem qualquer sentido depreciativo na Itália meridional. Entretanto, no centro e no norte da Itália, a palavra assume valor ofensivo quando, depois da unificação, inicia-se um processo de incompreensão entre a Itália do Norte, que olha com desprezo a Itália do Sul.

²⁷⁸ Os códigos utilizados pela inspetoria de imigração de *Ellis Island*, para identificar anomalias suspeitas, eram indicados por letras: **B** (back: costas); **C** (conjunctivitis: conjuntivite); **CT** (trachoma: tracoma); **E** (eyes: olhos); **F** (face: rosto); **FT** (feet: pés); **G** (goiter: bócio); **H** (heart: coração); **K** (hernia: hérnia); **L** (lameness: claudicação); **N** (neck: pescoço); **P** (physical and lungs: pulmões e respiração); **PG** (pregnancy: gravidez); **S** (senility: senilidade); **SC** (scalp favus: infecções do couro cabeludo); **SI** (special inquiry: investigação especial); **X** (suspected mental defect: suspeita de deficiência mental); **X (circulado)** (definite signs of mental defect: sinais evidentes de deficiência mental). ROCCHI, Giovanna. The Inspection Process: La Selezione degli Emigranti a Ellis Island. In: *La Merica! Da Genova a Ellis Island...* op. cit., p. 115.

depressiva”²⁷⁹. As perguntas, feitas por meio de intérpretes, frequentemente não encontravam respostas no pensamento do imigrante, não propriamente por uma recusa, mas por uma privação. As palavras, se articuladas, refluíam de um mundo distante, impregnado por simbolismos, crenças e superstições, permeado por relações interpessoais, por códigos não escritos, por outra dimensão do tempo.

Ellis Island era recordada pelos milhões de imigrantes que ali desembarcaram, como a *Ilha das Lágrimas*. Além de seu processo de inspeção e de seleção ter sido dos mais rigorosos²⁸⁰, a partir de 1891, com a revisão do Ato de Imigração de 1882, passou-se a admitir somente imigrantes considerados adequados para se tornarem cidadãos americanos, incluindo apenas os alfabetizados, os que tivessem boa saúde e que contassem com recursos próprios para se manter²⁸¹. Os que se distanciavam desses parâmetros eram enviados ao lugar de origem, no mesmo navio em que haviam chegado. De cada cem pessoas que desembarcaram em *Ellis Island*, uma ou duas eram impedidas de permanecer na América. Pode parecer pouco, mas esse número, ao final de cada mês, ultrapassava mil pessoas²⁸², o que certamente resultou em decisões cruciais. A *Ilha das Lágrimas* separou irmãos, filhos, pais, avós, e muitos podem ter sido mandados de volta para o lugar de onde haviam partido, simplesmente porque não foram capazes de entender o que se queria deles.

No Brasil, os principais portos de entrada de imigrantes ficavam no Rio de Janeiro, capital do Império e posteriormente da República, e em Santos, no Estado de São Paulo. Os imigrantes que entravam pelo Rio de Janeiro eram, no geral, contratados pelo Governo Central. Depois de registrados pela Agência de Imigração eram encaminhados para a Hospedaria da Ilha das Flores, na baía de Guanabara, a primeira que surge, ainda no período monárquico, como um centro de convergência de imigrantes que entravam no país. A permanência nesse alojamento, o único financiado e reconhecido pelo Governo Central, durava o tempo preciso para o despacho aduaneiro e desinfecção das bagagens, indicação ou escolha do destino e espera do transporte, só podendo exceder de oito dias por motivos extraordinários, a juízo da diretoria do Serviço de Povoamento. Em caso de doença passageira os recém-chegados eram recolhidos à enfermaria da Ilha ou enviados para hospitais do Rio de

²⁷⁹ Ibidem, p. 116.

²⁸⁰ Ver: RAATMA, Lucia. *Ellis Island*. Minneapolis (MN): Compass Point Books, 2002; GIBELLI, Antonio. *Storie Migranti...* op. cit., pp. 36-47 e ROCCHI, Giovanna. *The Inspection Process...* op. cit. In: *La Merica! Da Genova a Ellis Island...* op. cit., pp. 108-121.

²⁸¹ Immigration Act. Sess. II Chap. 551; 26 Stat. 1084. 51st Congress. United States of America, March 3, 1891; Relatório da SACOP... op. cit., 1900, p. 105.

²⁸² RAATMA, Lucia. *Ellis Island...* op. cit., p. 25.

Janeiro, quando afetados por moléstias contagiosas ou infecciosas²⁸³. Os imigrantes desembarcados no porto do Rio de Janeiro tinham como destino, majoritariamente, o norte fluminense e o Vale do Paraíba, localizado entre o leste paulista e o oeste carioca, onde o cultivo do café estava em expansão.

Com o deslocamento do eixo cafeeiro dessas regiões para São Paulo, particularmente no decênio de 1880-1890, é na direção desse Estado que seguirá grande parte dos imigrantes que entravam majoritariamente pelo porto de Santos e, em menor número, pela Estrada de Ferro Central, vindos do desembarque no porto do Rio de Janeiro. Apesar de o porto de Santos ser uma das principais portas de entrada de imigrantes no país, a cidade não possuía um alojamento específico para acolher os recém-chegados no período de maior fluxo emigratório para o Estado de São Paulo. Embora se registrem algumas iniciativas nesse sentido, as mesmas não se concretizaram ao longo dos anos. Somente em 1912, quando o fluxo imigratório já começava a diminuir, seria iniciada a construção de uma hospedaria, que jamais cumpriria essa função. Por essa razão, a maior força de trabalho embarcava nos trens que saíam do próprio porto em direção à capital paulista. O caminho gasto e batido, por tantos anos, pelo andar compassado das mulas dos tropeiros era agora cortado pelos trilhos por onde deslizava a locomotiva. A densa e enegrecida fumaça soprada pelos comboios fundia-se com o nevoeiro das montanhas e desbotava a exuberante paisagem atlântica da Serra do Mar.

Cultivado no solo fértil do Oeste Paulista, o café, simbolizado pela terra “roxa”²⁸⁴, definiu um modelo econômico alicerçado no latifúndio e na monocultura²⁸⁵, espraiou a malha ferroviária e com a mão-de-obra imigrante fechou o vértice de um triângulo a partir do qual São Paulo entraria em um processo de desenvolvimento irreversível. No centro desse triângulo ganham peso os grandes cafeicultores paulistas, que por seu poder econômico e influência política, tiveram papel relevante na organização e no financiamento das estruturas que deram suporte à atividade cafeeira, como a própria ferrovia, cujos traçados seguiam a direção das grandes fazendas de café²⁸⁶. Após a proclamação da República, com a

²⁸³ Decreto Federal nº 9.081, 3 nov.1911, Artigos 232 e 233.

²⁸⁴ Essa região foi uma das duas principais áreas produtoras de café entre o final do século XIX e o começo do século XX. O Oeste Paulista está compreendido numa porção territorial entre a margem sul do rio Tietê e a margem norte do rio Paranapanema. Seu solo, bastante fértil, é caracterizado pela cor vermelho-arroxeadada, resultado da decomposição de rochas basálticas de origem vulcânica, particularmente indicada para o cultivo do café. A denominação, terra “roxa”, como esse tipo de solo ficou conhecido, é debitada aos imigrantes italianos, que a chamavam de terra *rossa* (vermelha).

²⁸⁵ CARONE, Edgard. *A República Velha: Instituições e Classes Sociais*. 2ª ed.. São Paulo: Difel, 1972, p. 40 et seq.

²⁸⁶ HOLLOWAY, T. H.. *Imigrantes para o Café: Café e Sociedade em São Paulo (1886-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984; GRANDI, Guilherme. *Café e Expansão Ferroviária: a Companhia E.F. Rio Claro, 1880-1903*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

descentralização dos serviços de imigração e colonização da União para as unidades da Federação²⁸⁷, São Paulo, com a ativa participação da iniciativa privada, seria o único Estado com recursos próprios e suficientes para manter a subvenção que sustentou a corrente imigratória²⁸⁸. Se por um lado essa política de subsídios favorece a organização de uma estrutura produtiva, por outro, a outorga de benefícios remetia a uma forma de domínio, onde a “política de favores” reforçava a ideologia do poder paternalista e senhorial, poder este, que substituíra a antiga base de sustentação econômica – a escravidão – pela imigração.

A cerca que protege também aprisiona.

As levas de imigrantes que se dirigiram para São Paulo são praticamente coevas ao ocaso da monarquia e da escravidão. Com esta última, os primeiros imigrantes viveriam tempos paralelos nas fazendas de café, não sem certo conflito. Por essa época, a *Imperial Cidade de São Paulo*²⁸⁹ dispunha apenas de um alojamento no bairro do Bom Retiro²⁹⁰. Embora o governo provincial tenha aberto créditos para o melhoramento da hospedaria, criando mais cargos para o serviço de imigração²⁹¹, as suas exíguas dimensões, com capacidade para alojar no máximo quinhentas pessoas, logo se mostraria insuficiente. A crescente entrada de imigrantes, estimulada pelo aumento dos benefícios, que incluíam, entre outros, indenização de passagens, formação de núcleos coloniais e criação de escolas primárias e agrícolas em cada núcleo²⁹², demandava um espaço maior e mais adequado.

A construção de uma nova hospedaria na Capital, capaz de concentrar a força de trabalho imigrante em um único espaço, se fazia cada vez mais premente. Para a concretização desse projeto, a gestão da iniciativa privada junto ao governo provincial e aos interesses regionais foi definitiva. Em 1885, a ALESP autorizou a venda do edifício do bairro do Bom Retiro e a compra de outro, “nas proximidades das estações das estradas de ferro do

²⁸⁷ A Constituição de 1891, em seu artigo 64, homologa a posição do governo republicano, anteriormente sinalizada, de transferir o domínio das terras devolutas para as unidades da Federação. Dessa forma, os governos estaduais passaram a ter maior liberdade nas decisões que diziam respeito à imigração e à colonização.

²⁸⁸ A introdução de imigrantes nos Estados, inclusive em São Paulo, assim como a fundação de núcleos coloniais, poderiam ser feitas também em conta ou subsídio parcial do Governo Central.

²⁸⁹ Esse título, outorgado por D. Pedro I em 1823, foi mantido até o final do Império.

²⁹⁰ Lei nº 108, 25 abr.1880 e Lei nº 36, 21 dez.1881. A Lei nº 123, 16 jul.1881 organiza e amplia o disposto nas leis nº 108 e nº 36. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP).

²⁹¹ Lei nº 64, 02 abr.1883 e Lei nº 28, 29 mar.1884. ALESP.

²⁹² Lei nº 28, 29 mar.1884. Esta lei revogou as leis anteriores, nº 108, nº 36 e nº 123, e as disposições em contrário. ALESP.

Norte e Inglesa”²⁹³. Pouco mais de um ano depois, em junho de 1886 teve início a construção do novo alojamento, de acordo com o projeto de Matheus Häussler.

8. Hospedaria de Imigrantes. Fotografia não identificado. São Paulo, s.d..
Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Inaugurada em 1888, às vésperas da proclamação da República, a Hospedaria de Imigrantes de São Paulo foi a única, entre as grandes “portas da América”, a ser construída distante do porto de entrada, para atender aos interesses dos fazendeiros. Um ramal especial interligava a Hospedaria à estação do Brás, para facilitar o desembarque dos imigrantes vindos do porto de Santos.

9. Estação da Hospedaria de Imigrantes. Fotografia não identificado.
São Paulo, 1910. Relatório da Secretaria da Agricultura

²⁹³ Lei nº 56, 21 mar.1885. ALESP. A Estrada de Ferro do Norte ligava São Paulo ao Rio de Janeiro. Em 1890, a ferrovia foi encampada pelo governo central e, junto com a Estrada de Ferro D. Pedro II, a pioneira das linhas férreas brasileiras, passaria a se chamar Estrada de Ferro Central do Brasil.

Beneficiada pela localização estratégica do chamado “corredor de exportação”, que ligava a fazenda à ferrovia, e esta ao porto, a nova hospedaria tornou-se o ponto fulcral do programa de imigração de São Paulo. Com capacidade para abrigar quatro mil pessoas, o grande complexo arquitetônico ocupou quase um quarteirão no final da Rua Visconde de Parnaíba, ao lado da estação Brás, da São Paulo Railway.

Sem binários, sem olhos inquisidores a examinar os recém-chegados, a exemplo de *Ellis Island*, a nova hospedaria agregou diversos órgãos de apoio ao sistema imigratório, estimulando o crescimento do bairro do Brás, que concentrou boa parte da mão-de-obra imigrante na industrialização nascente. Facilitando a articulação com as regiões produtoras de café no interior do Estado, a hospedaria de São Paulo se transformou em uma espécie de “bolsa de trabalho”, onde a oferta e a procura se encontravam. Essa relação, entretanto, não seria feita diretamente entre contratante e contratado e nem sem certas dificuldades.

A barreira da língua, que exigia um intérprete para a negociação, e a premência de mão-de-obra na lavoura cafeeira, levou ao surgimento de intermediários e especuladores, que se valiam da necessidade do fazendeiro e da ingenuidade do imigrante, para auferir as suas vantagens. Com o tempo algumas medidas oficiais foram tomadas, no sentido de normatizar a contratação da mão-de-obra e reprimir a atuação dos oportunistas. Nesse sentido, o Estado determinou que os subsídios fossem destinados somente aos imigrantes com contratos elaborados por agentes, especialmente designados para esse fim, nomeados pela diretoria da Hospedaria ²⁹⁴.

A imigração em larga escala para São Paulo contou com um sistema que combinava a ação do governo estadual com a de particulares, na forma de sociedades e companhias coloniais nacionais e estrangeiras que mantinham contratos com o governo, o qual estabelecia as regras para a introdução de imigrantes no Estado. Assim nasceu, em dois de julho de 1886, a Sociedade Promotora de Imigração ²⁹⁵, formada por grandes cafeicultores paulistas, liderados pelo presidente da província, Antônio de Queiroz Telles, Conde de Parnaíba²⁹⁶.

A Sociedade Promotora assumiu a administração da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo, encampando todas as atividades ligadas ao processo imigratório: localização, contratação, transporte, alojamento e colocação do imigrante nas fazendas paulistas, mediante

²⁹⁴ Decreto Estadual nº 376, Artigo 9º, 21 jul.1896. ALESP.

²⁹⁵ Com a consolidação da República, todas as atribuições da Sociedade Promotora de Imigração passaram para a esfera da SACOP... op. cit..

²⁹⁶ Antônio de Queiroz Telles (1831-1888), segundo barão, visconde com grandeza e primeiro e único conde de Parnaíba (pela grafia original, *Parnahyba*), título outorgado em dezembro de 1887, por D. Pedro II. Queiroz Telles atuou como cafeicultor, advogado e político.

uma subvenção anual do governo estadual para ressarcimento das despesas contraídas. Tida como uma empresa privada que atendia aos interesses dos grandes fazendeiros paulistas, a Sociedade Promotora atuou sem qualquer lucro ou vantagem pecuniária ou a favor de um segmento restrito, tornando-se, segundo Holloway, “uma extensão do ramo executivo, um aparelho administrativo especial, estabelecido em circunstâncias críticas, para servir a um propósito extraordinário”²⁹⁷. Adotando um *modus operandi* extremamente eficiente e produtivo, que sobreviveria à sua própria dissolvência²⁹⁸, a Sociedade Promotora foi contratada pelo governo provincial, já em 1888, para “a introdução de cem mil imigrantes de procedência europeia, açoriana e canarina”²⁹⁹, que seriam acolhidos na recém-inaugurada Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

Nessa espécie de estação de passagem, que abriria definitivamente as portas do Novo Mundo para o trabalhador estrangeiro, um universo diversificado de origem, idioma e cultura se encontrava e convivía. As diferenças e as individualidades partilhavam o mesmo espaço, a mesma mesa, as mesmas regras e, quem sabe, as mesmas angústias e dúvidas: o que lhes estaria reservado para além daquelas portas?

A Hospedaria de São Paulo foi concebida e equipada para o recebimento e encaminhamento do imigrante, prioritariamente para as zonas produtoras de café no interior do Estado. Aos recém-chegados era concedido, pelo prazo de seis dias – prorrogáveis quando necessários –, alojamento, alimentação, serviços de lavanderia para lavagem de roupas de uso pessoal, assistência médica e farmacêutica, com atendimento na própria enfermaria ou nos hospitais da capital subvencionados ou pertencentes ao Estado³⁰⁰. Assim que fossem contratados, os imigrantes eram transportados para as fazendas e as suas bagagens, após serem higienizadas, seguiam por trem o mesmo destino de seus donos.

Nos primeiros anos de existência da Hospedaria nem todos os serviços oferecidos entraram em pleno funcionamento e, mesmo aqueles que se efetivaram, nem sempre se mostraram eficientes para atender a cada vez mais numerosa corrente imigratória³⁰¹. As ações nesse sentido foram sendo estruturadas *pari passu* à entrada de imigrantes, obedecendo

²⁹⁷ HOLLOWAY, T. H.. *Imigrantes para o Café...* op. cit., p. 67.

²⁹⁸ A Sociedade Promotora foi dissolvida em 31 dez.1895.

²⁹⁹ Lei Provincial nº 1, 3 fev.1888. Artigo 1º. ALESP.

³⁰⁰ Lei Estadual nº 1.045-C, 27 dez.1906. ALESP.

³⁰¹ Em 1888 o número de entradas de imigrantes chegou a 92.086, contra 9.536 em 1886 e 32.274 em 1887. Os maiores picos foram registrados em 1891 e 1895: 108.736 e 114.769, respectivamente. Relatório da SACOP... op. cit., 1898, p. 46.

principalmente, às altas e baixas do café, fonte principal da receita do Estado, como a reforma dos dormitórios, refeitório, cozinha e outras dependências, realizada somente em 1906 ³⁰².

10. Refeitório e Dormitório de Casal. Hospedaria de Imigrantes. Fotografia não identificado. São Paulo, 1906. Relatório da Secretaria da Agricultura

A oscilação no número de imigrantes introduzidos anualmente no Estado de São Paulo pode ser acompanhada pela própria legislação sobre o tema³⁰³. Em época de maior cotação do café, o governo autorizava a contratação suplementar, muitas vezes em caráter de urgência. Por outro lado, a situação econômica desfavorável sustinha embarques no estrangeiro, além de desestimular a corrente imigratória, pela incerteza gerada em decorrência da queda do valor do produto. Outro fator que afetava os fluxos imigratórios, de tempos em tempos, eram as epidemias, como o surto de cólera que se disseminou pelos portos da Europa em 1893, acarretando a suspensão dos embarques entre novembro de 1893 e junho de 1894. Poucos anos depois, entre agosto de 1899 e janeiro de 1900, a peste bubônica que atingiu Portugal e a cidade de Santos, interrompeu a imigração procedente da Península Ibérica, transferindo-se o desembarque dos imigrantes de outras nacionalidades, que não espanhola e portuguesa, para o porto do Rio de Janeiro, durante o período em que grassou a epidemia em Santos ³⁰⁴.

Em 1895, ano em que a família de Francesco Orlando chegou à capital paulista, foi registrado o maior fluxo de entradas, em virtude da alta do café no ano anterior. Neste ano, vindos de vários portos da Europa e da América do Sul, setenta e quatro vapores atracaram no porto de Santos, trazendo 95.087 imigrantes. Pela Estrada de Ferro Central chegaram mais 19.682, perfazendo um total de 114.769 imigrantes subsidiados, entre os quais 84.722 italianos, 14.185 portugueses, 13.989 espanhóis, 1.120 austríacos e 753 de outras

³⁰² Imagens reproduzidas do Relatório da SACOP, 1910, 1906.

³⁰³ Ver Bibliografia: Legislação Brasileira.

³⁰⁴ Relatório da SACOP... op. cit., 1894, p. 36; 1899, p. 76.

nacionalidades, conforme registra o relatório da SACOP³⁰⁵. Além dos imigrantes subsidiados, chegaram nesse ano mais 25.229 espontâneos, atingindo um total de 139.998 entradas³⁰⁶.

No período de 1827, quando teve início as primeiras tentativas de encaminhamento da imigração para São Paulo, a 1895, com efetiva expressão a partir de 1887, o Estado de São Paulo introduziu 626.046 imigrantes, dos quais, 443.697 italianos, que lideraram as correntes imigratórias para o Estado de São Paulo até 1905, quando foram ultrapassados pelos espanhóis³⁰⁷.

A perda da liderança dos italianos pode ser atribuída a uma combinação de fatores. No início do século XX, a baixa cotação do café no mercado internacional gerou uma crise sem precedentes. Os prejuízos, que levaram muitos fazendeiros à falência, fatalmente acarretaram consequências danosas para os trabalhadores agrícolas e, mais particularmente, para os imigrantes italianos, que eram a maioria. Em decorrência da difícil situação no campo, vários relatórios foram levados ao conhecimento do Governo italiano que, em 26 de março de 1902, proibiu a emigração para o Brasil com passagem gratuita, mediante uma resolução, conhecida como Decreto Prinetti, nome do então Ministro do Exterior da Itália³⁰⁸. Essa medida não configurou propriamente um decreto, mas uma suspensão da concessão de licenças de alguns navios que faziam o transporte gratuito de emigrantes, aprovada pelo senador Luigi Bodio, Comissário Geral da Emigração, em 26 de março de 1902³⁰⁹. A determinação do governo italiano desencadeou uma polêmica na imprensa étnica, que se estendeu até a Primeira Guerra Mundial e, até mesmo além. A versão apresentada pelo relator Adolfo Rossi foi vista como uma solução meramente sancionatória, tendo sido considerada, sobretudo, parcial por uns, e totalmente falsa por outros³¹⁰. O fato é que, com essa medida, o Brasil, sendo o único país que subsidiava a imigração em larga escala, ficou em pé de igualdade com as outras nações. Para o emigrante que não dispunha de meios para arcar com as despesas do seu deslocamento, a perda desse benefício significou, provavelmente, postergar ou abandonar o seu projeto de emigrar.

³⁰⁵ Ibidem, 1895, pp. 37-38.

³⁰⁶ A entrada de 139.998 imigrantes em 1895 foi registrada no Relatório da SACOP..., op.cit., 1900, p. 106. Outros dados, compilados pelo cônsul alemão no Rio de Janeiro, em 1895, indicam um total de 149.745 entradas, das quais 106.525 eram de italianos. *Berichte der K.u.K. Oesterr-Ungar. Konsularämter über Jahr, 1901*. Apud ALVIM, Zuleika, M. F.. *Brava Gente! Os Italianos em São Paulo 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 119.

³⁰⁷ Relatório da SACOP... op. cit., 1898, p. 46 e 1905, p. 113.

³⁰⁸ Giulio Prinetti (1851-1908).

³⁰⁹ ROSSI, Luigi. *Relazione sui Servizi dell'Emigrazione per l'Anno 1900/1909, Presentata al Ministero degli Affari Esteri*. Roma: Tip. Bertero, 1910, p. 14. Apud ALVIM, Zuleika M. F.. *Brava Gente...* op. cit., p. 53.

³¹⁰ TRENTO, Angelo. *La Costruzione di un'Identità Coletiva: Storia del Giornalismo in Língua Italiana in Brasile*. Viterbo: Sette Città, 2011, 35. (Archivio Storico dell'Emigrazione Italiana. Quaderni 06).

O Decreto Prinetti, por si só, não interferiu no movimento imigratório como um todo, uma vez que, desde 1898, a própria crise cafeeira, pela baixa simultânea da cotação e da taxa de câmbio, já vinha provocando alteração no número de entrada de imigrantes, não só de italianos, mas de todas as demais nacionalidades, assim como não interrompeu a vinda de imigrantes espontâneos, os quais assumiam os seus próprios custos de viagem³¹¹. Entre 1900 e 1904, as entradas de imigrantes sofreram uma queda de 58,74%, em relação ao período anterior, de 1895 a 1899. O maior declínio foi verificado entre as nacionalidades não identificadas, que apresentaram uma queda substancial: 82,28%. Entre os imigrantes identificados pela nacionalidade, a entrada de austríacos foi a que mais caiu, seguida pela dos espanhóis, dos italianos e dos portugueses, que sofreram a menor queda, não obstante o expressivo índice de 34,42%.

Imigrantes entrados no Estado de São Paulo, segundo a nacionalidade ³¹²						
Período	Nacionalidades					Total
	Italianos	Espanhóis	Portugueses	Austríacos	Diversos	
1895/1899	219.333	44.678	28.259	8.841	114.142	415.253
1900/1904	111.039	18.842	18.530	2.663	20.221	171.295
Queda	108.294	25.836	9.729	6.178	93.921	243.958
Queda em %	49,37	57,82	34,42	69,87	82,28	58,74

Com algumas nuances, a política de imigração para São Paulo, até 1900, foi clara³¹³. Para quem quisesse usufruir das vantagens que a lei oferecia, que garantia o subsídio do governo para as passagens marítimas de terceira classe e demais benefícios, o único fator condicionante era que fossem, comprovadamente, trabalhadores rurais, o que na prática nem sempre se confirmou³¹⁴. Muitos, que em seus países de origem exerciam outras ocupações, declaravam-se agricultores com o intuito de serem admitidos e usufruir dos benefícios oferecidos. Isto, além de onerar o Estado, obrigava a uma seleção mais criteriosa por parte dos agentes, dificultando uma avaliação detalhada do mosaico profissional que se estabeleceu nas cidades, além de comprometer de certa forma o processo produtivo e a colonização das zonas rurais. Não raro, esses imigrantes se recusavam a ir para as lavouras ou as abandonavam na

³¹¹ Relatório da SACOP... op. cit., 1898, p. 45; 1899, p. 75.

³¹² Tabela elaborada pela autora, a partir de dados extraídos do Repertório Estatístico do Brasil: Quadros Retrospectivo nº 1, In: *Séries Estatísticas Retrospectivas*. (Separata Anuário Estatístico do Brasil, Ano V, 1939/1940). Rio de Janeiro: IBGE-CNI, 1986, v 1, p. 17 e do Relatório da SACOP... op. cit., 1899, p. 80.

³¹³ O Decreto nº 834, 15 out.1900, traz alguma flexibilização na política de introdução de imigrantes.

³¹⁴ Lei Provincial nº 28, 29 mar.1884; Lei Provincial nº 14, 11 fev.1885; Decreto Estadual nº 376, Artigo 4º, 21 jul.1896; Decreto Estadual nº 673, 09 set.1899; Decreto Estadual nº 823, 20 set.1900; Relatório da SACOP... op. cit., 1895.

primeira oportunidade, induzindo, conseqüentemente, o crescimento da população nos centros urbanos e a evasão de trabalhadores no campo.

Esta questão pode ter levado, em 1895, à regulamentação das competências dos comissários mantidos pelo governo paulista nos portos de embarque de emigrantes, que tinham como destino o Estado de São Paulo. A eles caberia, entre outras providências, fiscalizar, nos portos situados dentro da sua respectiva zona de ação, os contratos de introdução de imigrantes aos quais era concedido o subsídio da passagem. Os comissários deveriam conferir e visar listas, passaportes e demais documentos, atestando a sua exatidão³¹⁵. Pretendia-se com isso evitar o embarque daqueles que não se enquadrassem nas cláusulas contratuais.

Pouco a pouco, as normas se tornaram mais abrangentes, passando-se a admitir não só famílias constituídas, mas também solteiros e colaterais até o grau de primos e imigrantes que já tivessem estado no país e quisessem voltar para a lavoura, com vistas à colonização e fixação em solo brasileiro³¹⁶. Além de uma maior diversidade de nacionalidades e procedências, outras categorias passaram a ser aceitas. Desta forma, jornaleiros, operários, artistas e imigrantes espontâneos de qualquer profissão, partilhariam os mesmos benefícios com os trabalhadores rurais subvencionados, desde que seguissem todos os trâmites legais³¹⁷.

Com o objetivo de acelerar o movimento imigratório e atender aos pedidos dos fazendeiros, que se ressentiam da falta de mão-de-obra, o governo tomou algumas providências, no sentido de rever as disposições contratuais. Para aumentar o número de entradas e tornar o processo de admissão dos imigrantes mais eficiente, o governo concedeu um aumento de subvenção para os introdutores, consentiu em pagar a passagem dos imigrantes solteiros ou os que já tivessem estado no Brasil, admitiu maior flexibilidade no modo de constituição familiar e reduziu a fiscalização na Hospedaria, abrandando os critérios seletivos³¹⁸.

No correr de 1900 foram adotadas algumas modificações na legislação, que aprovou o regime de livre introdução de imigrantes – sem contrato – facultando esse direito a qualquer companhia de navegação ou armador, que dispusesse de vapores em condições

³¹⁵ Decreto Estadual nº 299-A, 16 ago.1895.

³¹⁶ Decreto Estadual nº 834, 15 out.1900.

³¹⁷ Lei Estadual nº 194, 28 ago.1893; Decreto Estadual nº 827, 29 set.1900; Decreto Estadual nº 834, 15 out.1900; Lei Estadual nº 1.045-C, 27 dez.1906.

³¹⁸ Relatório da SACOP... op. cit., 1900, p. 103.

satisfatórias³¹⁹. Essas providências se mostraram positivas já no ano de 1901. O considerável aumento de entradas ampliou o número de imigrantes solteiros e não agricultores e, pela primeira vez, a introdução de mil imigrantes japoneses³²⁰.

Em 1907 foram normatizados os critérios de segurança, lotação, higiene, ventilação, qualidade da alimentação, dimensões e uso das camas, e outras providências. Os navios que faziam o transporte de imigrantes para São Paulo ficaram sujeitos à observância criteriosa dessa regulamentação. Para os vapores que transportassem mais de quinhentos imigrantes foi determinada a presença de, pelo menos, um médico, um enfermeiro e uma enfermeira, a fim de prestarem assistência médica gratuita durante a viagem³²¹.

No estudo da legislação que trata da imigração para o Estado de São Paulo, e dos regulamentos da Hospedaria, o que se nota é que a estrutura organizada *a priori* sofreu diversas modificações ao longo do processo imigratório. As arestas iam sendo aparadas à medida que apareciam, simultaneamente ao crescimento da indústria cafeeira e, paralelamente, à própria imigração. Leis, decretos, artigos, parágrafos e cláusulas eram modificados, substituídos, removidos, revogados; iam, voltavam, se repetiam, desapareciam. Por outro lado, pela quantidade de leis e decretos sobre o assunto, e pelos relatórios anuais da SACOP, observa-se um grande esforço por parte das autoridades em normatizar o vultoso empreendimento que foi a imigração para São Paulo.

Até 1900 haviam sido fundados em São Paulo cento e onze núcleos coloniais – embriões de inúmeros municípios paulistas –, e o Estado havia despendido a quantia de Rs 34.500:000\$000, com a introdução de imigrantes, ressaltando-se que, desse valor, Rs 6.159:918\$980 foram investidos somente no ano de 1895. Em contrapartida, apenas no ano de 1900, a exportação, capitaneada pela produção cafeeira, ultrapassou os Rs 246.000:000\$000³²².

³¹⁹ Lei nº 673, 09 set.1899; Decreto nº 823, 20 set.1900. Entre as primeiras companhias marítimas que se dispuseram a fazer esse serviço, registram-se: *Navigazione Generale, La Veloce, Cantabrica, Messageries Maritimes, Transports Maritimes, Royal Mail Steam Packet Co., Lloyd de Bremen, Ligure Brasileira, A. Fiorita & Companhia, José Antunes dos Santos, Roso Lagoa, Gastaldi & Comp., Giuseppe Zino, Dufour & Bruzzo, Hijos Marchesi & Dalman*, conforme Relatórios da SACOP... op. cit., 1900, pp. 120-121; 1901, p. 134.

³²⁰ Decreto nº 855, 07 dez.1900. ALESP. As demais nacionalidades introduzidas por esse decreto foram: italianos, austríacos, espanhóis, portugueses, alemães, belgas, suecos e dinamarqueses.

³²¹ Decreto nº 1.458, 10 abr.1907... op. cit.

³²² Relatório da SACOP... op. cit., 1900, p. 108; idem, 1920, p. 39. A título de esclarecimento, o padrão monetário da época, que vigorou até 1942, era o réis. Como podemos observar pelos valores citados, a notação monetária de réis (Rs) é peculiar. A leitura que fazemos, por exemplo, do valor de Rs 246.000:000\$000 é: duzentos e quarenta e seis mil contos de réis, onde um conto de réis é igual a um milhão de réis. Se mudarmos a notação monetária, transformando um conto de réis ao seu equivalente (um milhão de réis) teremos Rs 246.000.000.000 (duzentos e quarenta e seis bilhões de réis). Como parâmetro

11. Agência Oficial de Colonização e Trabalho. Fotografia não identificada. São Paulo, 1910. Relatório da Secretaria da Agricultura

A bem articulada estrutura física e logística não se limitou apenas à Hospedaria. No final de 1905 foi autorizada por lei a criação de mais dois órgãos de apoio à imigração: a *Inspetoria de Imigração do Porto de Santos*, destinada ao recebimento, fiscalização e encaminhamento dos imigrantes aos seus destinos, e a *Agência Oficial de Colonização e Trabalho*³²³, localizada em um pavilhão externo ao edifício principal da Hospedaria, mas dela fazendo parte.

A finalidade da agência era centralizar o processo de contratação, além de facilitar aos imigrantes e trabalhadores em geral a colocação em serviços mais adequados às suas aptidões, informando-lhes sobre a oferta de empregos, os respectivos salários e as condições de trabalho. Àqueles que pretendiam estabelecer-se por conta própria na lavoura do Estado, a agência indicava os lotes de terra destinados à venda, arrendamento ou parceria, disponíveis nos núcleos coloniais ou fora deles. Para maior eficiência no desempenho das suas funções, a agência contava com agentes-corretores de trabalho e terras, no interior e no exterior, com o

para aquilatar os valores em réis, Holloway elaborou uma tabela de valores do câmbio médio anual (Dólar / Mil-Réis) compreendendo os anos de 1880 a 1940. Para o ano de 1900 esse autor indica um câmbio de US\$ 0,19. Fazendo a conversão nesses termos temos: US\$ 0,19 / Rs 1\$000 - ou US\$ 1,00 / Rs 5\$263. Por conseguinte, Rs 246.000:000\$000 correspondia, em 1900, a US\$ 46.741.402,24. A tabela cambial pode ser encontrada em HOLLOWAY, T.H., *Imigrantes para o Café...* op. cit., p. 268.

³²³ A Lei Estadual nº 984, 29 dez.1905 em seu Artigo 39, autorizava a criação da Inspetoria de Imigração de Santos e a Agência Oficial de Colonização e Trabalho, criada pelo Decreto nº 1.355, 10 abr.1906. Em 1909 a Agência foi anexada à Hospedaria de Imigrantes, sendo as respectivas consignações reunidas em um só orçamento, conforme Decreto nº 1.728, 27 abr.1909.

intuito de angariar mão-de-obra tanto para a lavoura quanto para outros serviços, bem como para a procura ou oferta de terras públicas ou particulares³²⁴.

Em 1907, novos serviços foram agregados a esse órgão, com as *Agências Telegráfica, Câmbial e Postal*, que se tornariam um dos pontos chave do processo imigratório³²⁵. Cartas, telegramas, ofícios, bilhetes impressos e manuscritos, expedidos com porte simples ou registrado, circulavam entre a capital e as inúmeras cidades do exterior, na tentativa de restabelecer um fio de continuidade com um passado que o imigrante deixara para trás.

12. Sede das Agências Telegráfica, Cambial e Postal. Fotografia não identificado.
São Paulo, s.d.. Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Essa rede de comunicação formada pelos imigrantes, a despeito da pouca familiaridade com a escrita por parte de muitos deles, gerou um considerável acervo, que até recentemente esteve sob a custódia da antiga Hospedaria de Imigrantes, hoje Museu da Imigração do Estado de São Paulo³²⁶.

As mensagens, que iam e vinham, procuravam recompor uma história interrompida entre os que partiram e os que ficaram, na tentativa de amenizar a saudade, diminuir a distância, aproximar a separação. A correspondência que atravessava o oceano levava para além-mar toda sorte de pensamentos e sentimentos que a alma humana, às vezes, mal

³²⁴ Decreto Estadual nº 1.355, 10 abr.1906.

³²⁵ A Agência Cambial foi criada pelo Decreto Estadual nº 1.482, 15 jun.1907.

³²⁶ Essa documentação encontra-se atualmente no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

consegue carregar. Pequenos “fragmentos do diálogo entre dois mundos”, como observou De Amicis, com a sua valiosa acuidade perceptiva:

E mais que tudo, me chamavam a atenção os sacos do correio, acumulados em um canto [...]. Porque dentro deles estavam os fragmentos do diálogo entre dois mundos: quem sabe quantas cartas de mulheres que, pela terceira ou quarta vez, pediam dolorosamente notícias do filho ou do marido, que não apareciam há anos; e súplicas para que voltassem ou as chamassem para encontrá-los; pedidos de socorro, notícias de doenças e de mortes; retratos de crianças que os pais não mais reconheceriam, chamados desolados de noivas e mentiras impudentes de esposas infiéis [...] ³²⁷.

Desse acervo destacam-se as *Cartas de Chamada*³²⁸, de caráter formal (documentos oficiais) ou informal (manuscritos privados), que contribuíram para aumentar o fluxo migratório, na medida em que o imigrante, já estabelecido, incentivava a vinda de familiares ou de amigos³²⁹. Apenas no ano de 1900, 2.038 imigrantes foram chamados por seus parentes, estabelecidos na lavoura do Estado de São Paulo ³³⁰, testemunhando que as condições em que se encontravam os colonos eram no mínimo satisfatórias. A segunda modalidade de correspondência eram as cartas registradas, as quais levavam regularmente uma parte dos ganhos do imigrante para os familiares que haviam ficado na pátria-mãe.

O que é essencial notar, a respeito das cartas registradas, é que os imigrantes italianos, por mais que tivessem uma vida difícil, permeada por sacrifícios e privações, conseguiram amearhar recursos materiais suficientes para manter a sua subsistência e a dos que deles dependiam no país de origem. Para a Itália, diz Blando³³¹, cada imigrante representava “com a sua ausência, um consumidor a menos e, com as suas remessas, um produtor a mais.” As altas cifras enviadas à Itália, pelos imigrantes dispersos pelo mundo, tiveram um impacto significativo na economia italiana, contribuindo para o desenvolvimento da nação e permitindo ao país fazer frente ao balanço do Estado.

As estimativas mais recentes e acuradas, efetuadas com método matemático-estatístico avaliam, em milhões de liras, que de 131,874 no valor corrente em 1902, as remessas

³²⁷ DE AMICIS, Edmondo. *Sull'Oceano...* op. cit., p. 210. (Apêndice I).

³²⁸ As “cartas de chamada” foram estudadas por CROCI, Federico em O chamado das Cartas: Migrações, Cultura e Identidade nas Cartas de Chamada dos Italianos no Brasil, In: *Locus: Revista de História*. Juiz de Fora. Vol. 14, nº 2, 13-39, 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/art-01-o-chamado-das-cartas.pdf>>. Acesso em: 4 jul.2013.

³²⁹ A partir de 1900, com a extinção da Inspetoria de Terras, Colonização e Imigração, todos os registros e estatísticas do movimento migratório, assim como o serviço de chamadas de imigrantes, e a correspondência relativa a reclamações consulares concernentes ao assunto, passaram para a custódia da Hospedaria. Cf. Relatório da SACOP... op. cit., 1900.

³³⁰ Relatório da SACOP... op. cit., 1901.

³³¹ BLANDO, Corrado. “Problemi Emigratori”. *Fanfulla*, 19 maio 1947. Apud TRENTO, Angelo. *La Costruzione di un'Identità Collettiva...* op. cit., p. 111.

enviadas pelos imigrantes italianos alcançaram, em 1913, 716,513, com uma média anual no primeiro quadriênio do período considerado, de 251,315; no segundo, de 461,060 e no terceiro, de 630,450, totalizando 5.371,298 no espaço de doze anos³³². Como indicativo da distribuição geográfica dessas remessas, Massullo elabora um quadro parcial registrando que, entre 1905 e 1913, as mais altas cifras foram enviadas para o *Mezzogiorno* (60,58%) com a Sicília, Campania e Calábria ocupando os três primeiros lugares. O restante distribuiu-se entre Itália setentrional (28,58%) e Itália central (10,84%). Entre 1914 e 1918, no período da Grande Guerra, os quatro primeiros postos permaneceram na região meridional: Campania (19%), Sicília (18%), Abruzzo e Molise (14,5%) e Calábria (14%), mantendo-se essa tendência também no pós-guerra, entre 1919 e 1925 ³³³.

Embora a Hospedaria de Imigrantes tenha chegado a ser um complexo de grandes proporções, reforçando e aperfeiçoando ao longo dos anos o seu *modus operandi*, não deixou de apresentar deficiências ou cometer arbitrariedades. Não obstante isso, fala em seu favor a forma como conduziu o processo imigratório em São Paulo, que se afastava de rígidos critérios de seleção, como os adotadas em *Ellis Island*. Na análise da legislação que trata do tema, não se encontram normas que limitassem ou impedissem a entrada do indivíduo doente, impossibilitado de seguir viagem para o destino final. Pelo contrário. O imigrante era acolhido na Hospedaria, e mesmo vencido o prazo previsto pela legislação estadual, era-lhe garantido alojamento, alimentação e tratamento médico, pelo tempo que a enfermidade perdurasse³³⁴. Da mesma forma, aqueles que burlavam as exigências da lei, declarando-se agricultor, quando na verdade não eram, não sofriam processo de expulsão, apesar do transtorno que pudessem gerar para o sistema produtivo³³⁵. As famílias não eram separadas, com a expatriação de um dos membros ou dos maiores de sessenta anos³³⁶. Ao contrário. Para a Sociedade Promotora de Imigração, “o fato de transportar consigo todos os que lhe pertencem pelo sangue e pelo coração” exercia uma influência extraordinária sobre o moral do imigrante³³⁷.

³³² Entre 1902 e 1913 as remessas anuais, em milhões de liras, corresponderam a: 1902 (131,874); 1903 (238,951); 1904 (286,970); 1905 (347,464); 1906 (421,264); 1907 (550,000); 1908 (466,014); 1909 (406,961); 1910 (580,483); 1911 (581,852); 1912 (642,952); 1913 (716,513).

³³³ MASSULLO, Gino. Economia delle Rimesse. In: BEVILAQUA, Piero, et tal (a cura di). *Storia dell'Emigrazione Italiana...* op. cit, p. 163 et seq... O serviço de coleta, tutela e transmissão no Reino, das remessas dos imigrantes era feito não só pelo *Banco de Nápoles*, mas também por canais informais de transferência de valores.

³³⁴ Decreto Estadual nº 1.458, Artigo 95, 10 abr.1907.

³³⁵ SACOP... op. cit., 1895, p. 41 et seq.

³³⁶ Lei Estadual nº 1045-C, Artigo 2º, 27 dez.1906; Decreto Estadual nº 1.458, Artigo 3º, 10 abr.1907.

³³⁷ BEIGUELMAN, Paula. A Grande Imigração em São Paulo I. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 3, 1968, p. 115.

Nenhuma lei ou decreto indica que, aqueles que não sabiam ler ou os que não tivessem recursos próprios para se manter, até conseguirem uma colocação, seriam rejeitados. Só se repatriava como um direito, por conta do Estado, viúvas e órfãos de imigrantes introduzidos no Estado por contratos, cujo falecimento tivesse ocorrido dentro de dezoito meses após a sua chegada, assim como imigrantes que tivessem contraído alguma enfermidade ou sofrido algum tipo de acidente, que os incapacitassem para o trabalho e os impossibilitassem de prover a sua própria subsistência³³⁸. A esses imigrantes concedia-se a permanência na Hospedaria até o despacho das suas petições. Em igual medida, os repatriados por conta dos respectivos consulados, ficavam alojados até o dia da partida de seus vapores do porto de Santos. A todos aqueles que tinham as suas solicitações atendidas, segundo a legislação, eram fornecidas passagens gratuitas para o porto mais próximo ao lugar de destino, além de um auxílio monetário, que variava segundo o número de pessoas da mesma família e o percurso a fazer³³⁹. Em 1901, para citar um exemplo, foram repatriados 71 imigrantes, constituindo 23 famílias – 16 italianas, seis húngaras e uma espanhola –, das quais 14 por falecimento e nove por invalidez do chefe de família. Entre o valor das passagens e o auxílio pecuniário, variando entre Rs 100\$000 a Rs 200\$000 por família, a importância total dos auxílios pagos durante o ano chegou a Rs 2:650\$000³⁴⁰.

É possível que essas condutas tenham de certa forma, abrandado as difíceis condições de quem chegava a terras estranhas, depois de dolorosas separações e intermináveis dias de travessia pelo oceano, sofrendo novas privações, novas adversidades, perdidos em línguas que não podiam entender.

Hoje, a antiga Hospedaria de Imigrantes de São Paulo, a exemplo de quase todas as suas congêneres, é guardiã dos vestígios deixados pela presença de seus antigos ocupantes. Nesse lócus de reminiscências onde gravita a memória, vivem ainda testemunhos de um tempo marcado pela dor, mas também pela esperança. Uma época que definiu as diretrizes do crescimento do Estado, moldou nosso modo de vida e compôs o rico mosaico cultural que caracteriza a cidade de São Paulo.

³³⁸ Decreto Estadual nº 37, 16 mar.1892. ALESP.

³³⁹ Idem; Decreto Estadual nº 463, 19 jul.1897; Decreto Estadual nº 494, 30 abr.1897; Decreto Estadual nº 1.458, Artigos 116 e 117, 10 abr.1907. SACOP... op. cit., 1898, pp. 53-54.

³⁴⁰ SACOP... op. cit., 1901, p. 140.

3.2. Sendo Formosa, Carecia de Dote

Teu imenso progresso, na verdade, / A mente, Pauliceia me fascina; / Mas de ti quando pobre e pequenina / Jamais há de ter fim minha saudade. / Quando era inda a beldade, / Sem dote, que isolada na colina, / Branquejava no meio da campina / Passei em teu regaço a mocidade³⁴¹.

Pauliceia, Francisco Assis Bueno

Na primeira metade do século XIX a Imperial Cidade de São Paulo, capital da província, sede de uma Academia de Direito que fomentou um núcleo de atividades intelectuais e políticas, repousava no seu secular torpor, como que estacionária às margens alagadiças do Tamanduateí e do Anhangabaú. Contida pelos antigos limites, a cidade era protegida pela imensa e escarpada muralha da Serra do Mar, que se curvava “em desmedido anfiteatro, alteando as paisagens admiráveis [...] feito dilatado muro de arrimo sustentando as formações sedimentárias do interior”³⁴².

Nessa cidade tranquila, de funcionários públicos, estudantes e tropeiros, os empreendimentos modestos caracterizavam-se, sobretudo, pela prestação de serviços, com a instalação de pequenas marcenarias, olarias, ourivesarias, sapatarias, carpintarias e selarias. O secular triângulo central apenas começava a transbordar para os bairros da Luz, Brás e Campos Elíseos. As ruas, irregulares, mal calçadas e precariamente iluminadas, não passavam de noventa e cinco³⁴³.

As edificações baixas, de arquitetura uniforme e estrutura de taipa, branqueadas a tabatinga, aguadas na palidez do rosa e do amarelo palha, contrastavam com os casarões revestidos de azulejos, de telhados vermelhos e largos beirais e com as rótulas gradeadas, tingidas de verde gaio ou amarelo-gema, protetoras do “amor, cúmplice do mexerico, doce confidente dos sentimentos líricos”³⁴⁴.

Aqui e ali despontavam as torres quadradas das igrejas barrocas, grandes monólitos de barro socado. Não muito distante, erguiam-se os altos e avermelhados muros que cercavam as

³⁴¹ BUENO, Francisco Assis. *Pauliceia*. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX: Memórias, Depoimentos, Evocações*. São Paulo: Ateliê Editorial/Unesp/Imprensa Oficial, 1998, p. 151.

³⁴² CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Companhia de Canudos)*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 25.

³⁴³ P. P.. A Capital Paulista, *O Estado de S. Paulo*, 25 jan.1911, p. 3.

³⁴⁴ AMARAL, Edmundo. *Rótulas e Mantilhas*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1932. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0354.htm>> Acesso em: 25 maio 2013.

grandes chácaras das redondezas. Nas vias públicas, contam as crônicas, lamacentas e mal cuidadas, reinava o silêncio. De dia, a longos espaços, ouvia-se o pregão de um quitandeiro, o chiar monótono dos pesados e morosos carros de bois e o tilintar da campainha de uma tropa de cargueiros. A quietude da noite só era quebrada pelas notas chorosas de uma serenata ou pela ladainha de um cortejo fúnebre, cortando a escuridão com a luz das lanternas e dos círios.

Somente a partir de meados da década de setenta³⁴⁵ novas forças seriam geradas, e começariam a crescer sobre o arcabouço de herança colonial. A gênese das transformações ocorridas em São Paulo liga-se, em primeiro lugar, à situação geográfica da capital paulista, que ocupa a confluência natural dos caminhos que comunicam o interior ao litoral. Mais tarde, essa situação privilegiada seria potencializada pela presença da ferrovia, que rompia enfim com o inexpugnável paredão da Serra do Mar, tornando a cidade um entreposto obrigatório para o trânsito de mercadorias como a cana-de-açúcar e especialmente o café, o grande, senão o maior responsável pela irrupção desenvolvimentista que tomou conta da cidade.

O centro da urbe paulistana vivia em meio às construções e demolições, na tentativa de alargar os limites traçados pelo antigo burgo. A taipa cedeu lugar ao tijolo, as ruas foram regularizadas, as calçadas ampliadas, ornamentadas com árvores perfiladas entre os postes, que sustentavam os fios telegráficos. A iluminação trocou a negritude do azeite de mamona e do querosene pela luz do gás e depois, pela luz tremulante das lâmpadas elétricas. Com a construção das primeiras represas na serra da Cantareira, em 1883, completou-se o serviço de abastecimento de águas e do sistema de esgotos, para servir uma população em constante crescimento, que se espalhava por uma área antes deserta e abandonada, tentando acompanhar o fluxo intenso das mudanças.

Sobre os escombros de um passado não muito distante, que parecia não ter mais serventia, construía-se a “cidade moderna”, alimentando-se irreversivelmente o progresso. Nem mesmo o “anjo da história”, evocado por Walter Benjamin, com o olhar atônito voltado para o passado, paralisado pela tempestade que soprava do Paraíso, poderia “despertar os mortos e recompor o que foi feito em pedaços”³⁴⁶.

³⁴⁵ Em meados da década de setenta, o então presidente da província, João Teodoro Xavier de Matos (1828-1878) iniciou uma série de reformas, que além de embelezar a cidade, daria as condições para que ela se expandisse para além do núcleo central, com obras de drenagem e saneamento, alargamento e abertura de novas vias, novo calçamento nas ruas centrais, etc.. Entre 1899 a 1911, o Conselheiro Antônio da Silva Prado (1840-1929) ex-ministro do Império e primeiro prefeito de São Paulo, daria continuidade às obras empreendidas pelo seu antecessor, mudando definitivamente a paisagem urbana da Capital.

³⁴⁶ BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História... op. cit., p. 226. Benjamin refere-se a uma pequena e enigmática aquarela sobre papel, *Angelus Novus*, de Paul Klee, de 1920, que ficou por um tempo em suas mãos. Atualmente a obra faz parte do acervo do Museu de Israel, em Jerusalém. Em sua nona tese do

Enquanto a cidade se remodelava num ritmo autófago, reconstruindo-se constantemente sobre si mesma, seus moradores viam desaparecer sob os seus pés as pedras miúdas do calçamento, os muros sobre os quais se debruçavam as madressilvas, as igrejas onde rezavam as suas preces, rendiam homenagens ao seu santo padroeiro, abrigavam-se na sua fé. As mesmas igrejas construídas com taipa de qualidade especial, petrificadas pelo tempo, que Carl von Koseritz achava difícil de serem demolidas³⁴⁷.

Os símbolos inevitáveis do progresso pontuavam a cidade, e o céu do planalto paulista começava a se turvar pela fumaça expelida pelas chaminés das primeiras fábricas. Do pátio em frente à igreja do Carmo e do novo viaduto construído por Jules Martin no antigo morro do Chá, já se avistavam os populosos bairros fabris do Bom Retiro, Luz, Brás e Mooca, onde se desenhavam as vilas operárias e as casas modestas. Em sete de maio do novo século, a *Light*³⁴⁸, como ficaria conhecida, rasgou o centro da via pública, pondo em circulação o primeiro bonde elétrico, que imprimiu uma nova organização espacial na cidade.

Junto com os bondes de tração animal e com algumas linhas a vapor, que serviam aos distantes bairros de Santo Amaro e Cantareira, o “polvo canadense”³⁴⁹ estendia seus tentáculos entre o centro da cidade e os bairros. O bonde tornava-se – assim como as ferrovias nas várzeas – um fator de indução da ocupação espacial da cidade, alavancando o dinamismo do comércio, da indústria, dos serviços, das atividades domésticas e do encontro entre pessoas.

Em pouco tempo o processo de concentração de capitais se intensificou e São Paulo, fulcro econômico da vida do Estado, transformou-se com maior rapidez. A cidade foi crescendo, descendo a planície, atravessando o vale, subindo a encosta, sem saber bem que direção seguir, tomada de assalto pelo vigoroso crescimento. Todo um quadro de influências europeias, particularmente as francesas, foi conservado e de certa maneira intensificado com o incremento da navegação marítima, que muito contribuiu para implementar o comércio de artigos europeus. E assim, a antiga São Paulo de Piratininga foi ganhando uma feição europeia, com ruas e avenidas arborizadas com plátanos, o Vale do Anhangabaú urbanizado “à francesa”, e o Jardim da Luz remodelado “à inglesa”, com a sua imponente aleia de árvores seculares.

ensaio Sobre o Conceito de História, Benjamin assim descreve o anjo de Klee: “parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. [...]”.

³⁴⁷ KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins: Edusp, 1972, p. 244.

³⁴⁸ Empresa canadense *The São Paulo Tramway, Light & Power Co.*.

³⁴⁹ AMERICANO, Jorge. *São Paulo nesse Tempo (1915-1935)*. São Paulo: Melhoramentos, 1962, p. 27.

Paradoxalmente cresceram os anseios nacionalistas e a valorização do nosso meio, da nossa terra e da nossa gente. Essa dicotomia marcaria o contraste entre dois Brasis: o Brasil cosmopolita, voltado para o exterior e receptivo às suas influências e o Brasil do interior, vazado na pureza original de suas velhas raízes, “nas serras onde moureja o homem abaçanado pelo sol, nos sertões onde o sertanejo vestido de couro vaqueja [...], onde bate compassado o monjolo, [...] onde florescem os cafezais [...] ³⁵⁰”.

O surto progressista projetou-se em todos os níveis da sociedade numa reação em cadeia. O aumento populacional acentuou o processo de urbanização, que se fendia em duas vias: a exclusão e a inserção. No bojo da ideologia segregacionista que caracteriza a cidade moderna, a elite se afastou da zona central, confinando a massa proletária nas vilas operárias. A mutação do espaço público, o avanço do espaço privado, as transformações de ordem política, econômica, social, cultural, demográfica e física, alteraram profundamente as funções e os espaços da cidade, gerando novas oportunidades. Cronistas, viajantes, memorialistas e intelectuais, todos partilhavam o mesmo estado de espírito, exaltando o rápido progresso alcançado não só pela capital, mas por todo o Estado³⁵¹.

Nos primeiros anos do século XX, São Paulo apresentava-se para o viajante como uma “cidade que até mesmo a civilizada Europa não se envergonharia de possuir” ³⁵². Sobre o seu povo, assim se manifestou Bertarelli: o “abraço brasileiro [...] é a mais evidente expressão dessa afetuosidade: não se contentam de apertar a mão; abraçam com um amoroso bater da palma nas costas; [...] não são cortesões, mas exuberantemente cortesões” ³⁵³. Essas características se projetariam vinte e seis anos depois, no “homem cordial”, expressão tomada de Ribeiro Couto por Sérgio Buarque de Holanda, que deu fundamento sociológico a esse

³⁵⁰ LOBATO Monteiro. A propósito de Wasth Rodrigues. *O Estado de S. Paulo*, 9 jan.1916.

³⁵¹ FREITAS, Affonso A. de. *Tradições e Reminiscências Paulistas*. 3ª ed.. São Paulo: Governo do Estado, 1978. (Coleção paulística. Vol. 9); BRUNO, Ernani Silva. *Memória da Cidade de São Paulo: Depoimentos de Moradores e Visitantes – 1553-1958*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1981; _____. *Imagens da Formação do Brasil*. São Paulo: Editora Cultrix, 1962; _____. *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, vol. 2 e 3. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953; KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil...* op.cit.; LEÃO, Carneiro. São Paulo em 1920. *Correio Paulistano*, 10 mar.1920, p. 2 e 11 mar.1920, p. 2; LOBATO, José B. R. Monteiro. A Criação do Estilo. In: *O Estado de S. Paulo*, 6 jan.1917, p. 5; SERVA, Mario Pinto. A Metrópole Paulista. In: *O Estado de S. Paulo*, 4 jul.1919, pp. 3 e 4; SOBRINHO, Cesar. A Grandeza de São Paulo I, II e III. *Correio Paulistano*, 27 abr.1920, p. 1, 4 maio 1920, p. 6, 8 maio 1920, p. 3; _____. A Riqueza de S. Paulo. *Correio Paulistano*, 25 set.1920, p. 2; O Professor Bertarelli e suas Impressões sobre São Paulo. In: *O Estado de S. Paulo*, 7 out.1910, p. 3; P. P.. A Capital Paulista. In: *O Estado de S. Paulo*, 25 jan.1911, p. 3; _____. A Capital Paulista. In: *O Estado de S. Paulo*, 25 jan.1916, p. 3; _____. A Metrópole Paulista. *O Estado de S. Paulo*, 25 jan.1919, p. 3.

³⁵² DOMVILLE-FIFE, Charles W. *The United States of Brazil with a Chapter on the Republic of Uruguay*. Apud BRUNO, Ernani Silva. *Memória da Cidade de São Paulo...* op. cit., 1981, p. 148.

³⁵³ O Professor Bertarelli e suas impressões sobre São Paulo... op. cit., 7 out.1910, p. 3.

“traço definido do caráter brasileiro”, expressão legítima “de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” ³⁵⁴.

As instâncias da cidade moderna – o fenômeno urbano, o crescimento populacional, industrial e financeiro, a dinâmica da nova paisagem – permeavam as várias imagens da urbe paulistana, revestindo-as muitas vezes da dimensão do mito, que tende a escamotear os conflitos e as contradições, em nome de uma imagem moderna e funcional. Esse momento singular na vida da cidade insere-se em um amplo universo, onde símbolos, crenças, representações, sistemas de ideias e de organização, mesmo vazados no entusiasmo laudatório, permitem apreender os fenômenos. São Paulo avança, mas carrega consigo um tributo do passado. Não do passado exaltado nas crônicas, nem do passado de traços provincianos, que praticamente desaparece à medida que o espaço urbano se modifica, mas do passado entranhado nas estruturas, como a reprodução de um legado sociocultural adaptado a circunstâncias mutáveis. Um passado que permanece e atua, ao mesmo tempo, como força modeladora e impulso repressor das metamorfoses.

Terminava assim, “o ciclo dos trovadores para começar o dos industriais” ³⁵⁵, levando consigo os dias silenciosos, que se arrastavam mansos como os “pés descalços das escravas” ³⁵⁶; despregava-se das janelas a poesia encerrada “no espreitar de uns olhos negros” ³⁵⁷; recolhiam-se as mantilhas de renda que em amplas dobras escondiam as silhuetas femininas; silenciavam-se os “dobres de sino de Misericórdia, que cheirava a cravo da Índia, rapé e a Água de Córdoba” ³⁵⁸; demoliam-se os chafarizes com as suas carrancas de pedra, que foram “o tanque, a fonte, a piscina, o ponto de amor, o saco de brigas, o lugar das intrigas, de toda a sorte de tropeiros, escravos, lavadeiras, aguadeiros, quitandeiras e moleques” ³⁵⁹ e São Paulo, sendo formosa, ganhava enfim o seu dote³⁶⁰.

Vencida a tortuosidade da Serra do Mar, os trilhos das locomotivas rasgavam os campos de Piratininga, levando ao porto de Santos o precioso dote da formosa cidade, que só

³⁵⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 23^a ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 106 et seq..

³⁵⁵ NOGUEIRA, J. L. de Almeida. *A Academia de São Paulo. Tradições e Reminiscências*. São Paulo: Saraiva, 1977, p. 268.

³⁵⁶ BARROS, Maria Paes de. *No Tempo de Dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 37.

³⁵⁷ ALVES, A. F. de Castro. Impressões de São Paulo em carta para a Bahia. In: PEIXOTO, Afrânio. *Castro Alves: O Poeta e o Poema*. São Paulo-Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 82. Disponível em: www.brasiliana.com.br/. Acesso em: 24 out.12.

³⁵⁸ AMARAL, Edmundo. *Rótulas e Mantilhas...* op. cit..

³⁵⁹ Idem.

³⁶⁰ A expressão “formosa sem dote” é atribuída a Gomes Freire de Andrade (1685? – 1763), conde de Bobadela, Governador e Capitão-General da Capitania de São Paulo, ao se referir à povoação de São Paulo em carta de 1738, dirigida ao rei de Portugal.

fazia se multiplicar nas fazendas paulistas. Os vagões desciam com o café e subiam com aqueles que iriam ajudar a mudar a história de São Paulo: os imigrantes.

A introdução de imigrantes no Estado se deu lentamente, com a vinda do primeiro grupo no final da segunda década do século XIX. Partindo do porto de Bremen, a bordo da galera holandesa *Maria*, 227 colonos alemães chegaram ao Rio de Janeiro, com destino ao porto de Santos. Aí desembarcado, o grupo subiu a pé pela Serra do Mar e adentrou a pacata vila de São Paulo num dia de dezembro do remoto ano de 1827. As gentes paulistas olhavam com desconfiança aquelas pessoas estranhas, abatidas e extenuadas. A esses colonos estava destinada a faixa de terras devolutas que ia do Ribeirão Vermelho à Serra do Mar, nos sertões de Santo Amaro, nas imediações da capital ao sul, região que ainda guarda heranças dos pioneiros³⁶¹.

Anos mais tarde, em 1840, o senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro introduziu, em sistema de parceria, noventa famílias portuguesas com destino à fazenda Ibicaba, no município de Limeira, que em pouco tempo se dispersaram, remanescendo apenas alguns de seus membros³⁶². Em 1847, em uma tentativa de canalizar a política imperial de povoamento para os interesses da grande lavoura, o senador instalou, também em regime de parceria, e na mesma fazenda Ibicaba, a colônia “Senador Vergueiro”, desta feita, com a vinda de quatrocentos imigrantes provenientes da Alemanha, em uma experiência que pôs lado a lado o trabalho servil e o trabalho livre³⁶³. Embora esse projeto, assim como o anterior, não tenha obtido sucesso, essas iniciativas põem em evidência a perspicaz visão política do senador, que já antevia a futura e inevitável abolição da escravidão.

Os anos que se seguiram, apesar da criação de alguns núcleos coloniais, registraram números irrelevantes de entradas de estrangeiros. São Paulo só conheceria o que se convencionou chamar de “grande imigração”, a partir de 1887, com a introdução de 32.274 imigrantes³⁶⁴. Sessenta anos separavam esse grupo dos primeiros imigrantes alemães, que aqui chegaram no tempo dos trovadores, das baetas, dos becos escuros de Piratininga, dos vastos campos cobertos por mata virgem que se desdobravam para o interior, ávidos por se povoar.

³⁶¹ TIRAPELI, Percival; SILVA, Manoel Nunes da. *São Paulo, Artes e Etnias*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007, p. 227.

³⁶² Anais da Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo, sessão de 15 fev.1855. Discurso de abertura, pelo presidente da Província de São Paulo, Dr. José Antonio Saraiva. Apud BEIGUELMAN, Paula. *A Grande Imigração em São Paulo I...* op. cit., p. 99.

³⁶³ CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Liv. Martins Editora; Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 1975, p. 206.

³⁶⁴ Relatório da SACOP... op. cit., 1898, p. 46.

Saído do vale “circundado de altas montanhas cobertas por rica vegetação”³⁶⁵, onde corre majestoso o Paraíba, o café encontraria nos férteis campos paulistas solo mais generoso e menos íngreme do que as altas montanhas que rodeavam o vale. Na planície deitou suas raízes, se espalhou, cresceu e mudou a história de um estado, de países, de pessoas.

Da Hospedaria de Imigrantes ou das próprias estações ferroviárias, os imigrantes dispersavam-se pelas fazendas, pelos núcleos coloniais ou se deixavam ficar no centro da capital, misturando-se à massa anônima que deu vida à cidade. Nem sempre, contudo, é possível rastreamos os seus passos, suas pequenas conquistas, suas grandes dores. À parte o aparato institucional e burocrático, que cadastra e controla, as pessoas comuns não têm registro, não mostram a sua face, não desnudam os seus corações. Poucas vezes o imigrante teve a oportunidade de expressar seus sentimentos, a não ser alguns poucos que, desafiando a escrita, sem mesmo dominá-la completamente, traçaram uma profusão de palavras nas cartas que viajaram para além-mar a bordo das naves migrantes.

A intensa transformação que São Paulo experimentou nesse período envolveu todos os níveis da sociedade, acolhendo e, de certa maneira, propiciando o contato e o encontro de diferentes universos culturais. Em uma década, a presença dos imigrantes, em praticamente todos os setores produtivos e de serviços, contribuiu para quase quadruplicar a população paulistana, que entraria no novo século com um total de 239.820 habitantes³⁶⁶. Entre 1881 e 1917 foi despendido pelo Tesouro de São Paulo o valor de Rs 67.853:541\$646 com a imigração subsidiada. No período de 1887 a 1888, os gastos chegaram a Rs 2.573:059\$560 e só no ano de 1895 foram investidos Rs 6.159:918\$980³⁶⁷ com a entrada de 114.769 imigrantes.

Do Norte e do Sul da Itália, cruzou o Atlântico a maior das correntes imigratórias que se dirigiram ao Estado de São Paulo, não só pela sua superioridade numérica, mas também pela longa duração do fenômeno e da diversidade de proveniências territorial e social. Entre 1874 – quando o italiano começou de fato, a aparecer nas estatísticas – e 1898, São Paulo, com um território quase tão extenso quanto o da Itália, recebeu 71% de italianos do total de imigrantes que aqui chegaram³⁶⁸. Assim dizem as porcentagens, as estatísticas e os números,

³⁶⁵ SAINT HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo* (1822). SP: Cia. Editora Nacional, 1932, p. 34. Disponível em: < www.brasiliana.com.br>. Acesso em: 20 nov.2012.

³⁶⁶ Repertório Estatístico do Brasil... op. cit., p. 7.

³⁶⁷ Relatório da SACOP... op. cit., 1920, p. 39.

³⁶⁸ Nesse período entraram no Estado de São Paulo 798.231 imigrantes, dos quais 566.812 italianos, 83.977 portugueses, 90.527 espanhóis, 17.178 austríacos e 39.737 de outras nacionalidades. Relatório da SACOP... op. cit., 1898, pp. 46-47.

que em um espaço de dez anos cresceram 4.475%: de 2.058 imigrantes em 1878 a 92.086 em 1888 ³⁶⁹.

O êxodo em massa não foi reprimido pela classe dirigente italiana, que via com certo alívio uma emigração que constituía, nas palavras de Sonnino³⁷⁰, uma “válvula de escape para a paz social” ³⁷¹. Do desinteresse das autoridades italianas pelos seus cidadãos, são testemunho as palavras de Martinho Prado Jr.:

A Sociedade Promotora de Imigração obteve, por meio do seu agente na Itália, permissão para trazer a São Paulo, imigrantes sob certas garantias, [...] e com assentimento expresse do governo [...] abriram-se as portas da Itália para São Paulo, determinando-se até os lugares de onde podiam nossos agentes retirar gente³⁷².

Enquanto a população da América crescia, a Itália perdia para o mundo gerações de conacionais. Em 1901, o prefeito de Molterno, na Lucania, expressando a saudação da cidade ao chefe do governo que vinha visitá-lo, proferiu: “Saúdo-o em nome de oito mil concidadãos, três mil dos quais residem na América, enquanto os outros cinco mil preparam-se para segui-los” ³⁷³.

Longe de seus pequenos vilarejos, os imigrantes italianos, oriundos de diferentes províncias, nunca estiveram tão próximos quanto em São Paulo. Embora sob o manto da recém-unificada Itália, eles não traziam ainda na alma o maior elemento de coesão de um povo: uma matriz nacional comum. A unificação italiana era ainda um conceito abstrato, que pouco significado tinha para a maioria da população, cuja consciência de pertencer a um grupo não ia muito além dos estreitos limites do burgo que habitavam. Em São Paulo partilhariam, talvez pela primeira vez, uma história em comum, que seria elaborada coletivamente.

O lugar onde esse encontro étnico e cultural se deu, não era apenas um espaço físico em estruturação, mas um espaço de sentidos, significados e representações. Esse espaço foi dilatado e modificado pelo lugar que o imigrante trouxe consigo: um lugar que atuava fora do

³⁶⁹ Relatório da SACOP... op. cit., 1895, p. 39.

³⁷⁰ Sidney Giorgio Sonnino (1847-1922). Primeiro Ministro da Itália (1906 e 1909-1910).

³⁷¹ Apud TRENTO, Angelo. *Do outro Lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel; Instituto Italiano di Cultura di S. Paolo; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988, p. 32.

³⁷² Discurso de Martinho da Silva Prado Jr. na Assembleia Legislativa Provincial, em 17 de janeiro de 1888. Apud BEIGUELMAN, Paula. *A Grande Imigração em São Paulo I*... op. cit., pp. 115-116.

³⁷³ RESSA, Giuseppe. *Il Sud e l'Unità d'Italia*... op. cit., p. 217. [Texto original: *La saluto in nome di ottomila concittadini, tremila dei quali risiedono in America, mentre gli altri cinquemila si preparano a seguirli.*]

lugar. Desse modo, o novo mundo deixava de ser totalmente novo, para ser também antigo, à medida que passou a acolher o lugar de cada imigrante: a sua história, as suas memórias.

A harmonia e o equilíbrio entre esses dois mundos – o novo e o velho – seria essencial para a reorganização e consolidação do sentimento de identidade e para a integração do imigrante no país de adoção, porque o “lugar é o nosso corpo, a nossa vida, os nossos encontros, os nossos vínculos” ³⁷⁴.

³⁷⁴ TETI, Vito. *Il Senso dei Luoghi...* op. cit., p. 20.

3.3. Recriando Espaços, Refazendo Laços

Os que veem a diversidade das culturas tendem a minimizar ou a ocultar a unidade humana; os que veem a unidade humana tendem a considerar como secundária a diversidade das culturas³⁷⁵.

Edgar Morin

Quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação³⁷⁶.

Ecléa Bosi

Entre todas as experiências pelas quais passa o indivíduo no processo de e/imigração, talvez a mais dolorosa seja o esgarçamento dos laços que o sustinham no lugar materno. Os fios se apartam, rompem e se desfazem. Essa fratura da rede social de apoio significa não só deixar para trás família, amigos, companheiros, o meio em que se vivia, mas toda a história de uma vida, que deverá ser reconstruída, reelaborada e refeita sobre feridas. Essa reconstrução envolve o encontro de universos distintos, que podem entrar em colisão quando as culturas se defrontam.

O conceito de cultura, amplamente estudado e utilizado pelas ciências sociais, tem gerado várias e até mesmo, contraditórias visões sobre a sua natureza. O que devemos reter é que a cultura não é inata. Tampouco é um legado imutável que passa de geração para geração, no seio de uma determinada sociedade. A cultura é uma produção histórica, que comporta uma infinidade de elementos que regulam a ação humana, seja individual, seja coletiva. O complexo conjunto de códigos e padrões acumulados, transmitidos e conservados, que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida, compreende um processo em permanente construção, desconstrução e reconstrução. Esses elementos imprimem em cada cultura uma marca específica, uma característica particular, uma forma singular de ver e de entender o mundo, unindo uma sociedade às suas tradições, aos seus ancestrais e à sua história. É pela cultura que o homem se afirma plenamente como ser humano.

Essa diversidade cultural enriquece a humanidade, mas pode levar muitas vezes a embates, discórdias e antagonismos, gerando situações conflitantes entre elementos de uma mesma natureza: a natureza humana. Quando a humanidade se dispersou pelo mundo

³⁷⁵ MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro...* op. cit., p. 57.

³⁷⁶ BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória...* op. cit., pp. 175-176.

conservou as características fundamentais e comuns a todo ser humano, não ocorrendo, até onde se sabe, nenhuma cisão que pudesse atribuir características diversas a determinados grupos. A ciência já desmistificou a ideia da diferença biológica, universalizou os argumentos capazes de abolir todas as velhas teorias raciais, mas o que se vê é que o embasamento científico parece não ter muita força no campo da ideologia e das mentalidades.

Para dar conta da alteridade, sobrevive ainda no senso comum uma espécie de realidade simbólica, que se identifica com fatores cognitivos como as características físicas, morfológicas e culturais, que continuamente reelaboradas, geram estereótipos, discriminação, racismo e intolerância, cristalizando-se no imaginário das sociedades como verdadeiros. Essas questões ganham força quando um grupo étnico minoritário se insere em uma sociedade majoritária, tendendo a atuar em dois sentidos: permitir que esse grupo se movimente livremente (*Melting Pot*) ou forçá-lo a se integrar à sociedade dominante (*Pressure Cooker*)³⁷⁷.

Quando as culturas se encontram desencadeia-se um processo complexo, que se desenvolve em múltiplos níveis e em ritmos temporais diferentes. Influenciado pela diversidade de questões que emergem desse contato, esse processo, definido como *aculturação*³⁷⁸, pode assumir um caráter positivo ou negativo. Há que se ressaltar, contudo, que, por mais afirmativo que seja o processo de aculturação, a interação entre um grupo minoritário e a sociedade dominante não se faz, no geral, sem certa oposição e confronto, assim como não afasta sentimentos de hostilidade, que muitas vezes afetam as relações entre os grupos.

Dos estudos que sugerem uma tipologia de variáveis, que compõem o processo de *aculturação*, destaca-se o de Berry, que aponta como elementos-chave, quatro formas que se apresentam na relação com os padrões culturais da sociedade dominante: “*desculturação*” (*deculturation*), *rejeição*, *integração* e *assimilação*, que são mediadas por diversos fatores.

Por “*desculturação*” o autor entende a não identificação tanto com a própria cultura quanto com a cultura estrangeira, o que pode levar a uma *marginalização*. À *rejeição* correspondem a negação da cultura da sociedade dominante e a manutenção da própria

³⁷⁷ DEBIAGGI, Sylvia D.. *Changing Gender Roles: Brazilian Immigrant Families in the U.S.*, N.Y.: LFB Scholarly Publishing LLC. 2002, p. 28.

³⁷⁸ O primeiro estudo relevante sobre *aculturação* foi realizado por Redfield, Linton e Herskovits, em 1936, que assim definiram o conceito: “A aculturação compreende os fenômenos que resultam do primeiro contato contínuo entre grupos de indivíduos de diferentes culturas. [...] A partir desta definição, a aculturação se distingue de mudança de cultura, a qual não é mais do que um aspecto, e de assimilação, que é por vezes, uma fase da aculturação [...]”. Apud BERRY, J. at all. *Cross-Cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 271.

identidade cultural. Esta forma de aculturação, segundo Berry, tende à segregação, e ambas, “*desculturação*” e *rejeição*, são vistas como relações negativas frente aos padrões culturais da sociedade receptora. A terceira forma, *integração*, mantém a identidade cultural de origem buscando simultaneamente, associá-la à cultura dominante. Já, a *assimilação*, para o autor, leva a renúncia da identidade cultural própria e se aproxima dos padrões culturais da sociedade dominante. Ao contrário das duas primeiras formas, as duas últimas são consideradas relações positivas³⁷⁹.

Na forma como é posto por Berry pode parecer que o conceito de *assimilação* carregue um conteúdo condicionante: para lograr uma coisa, deve-se abrir mão de outra. O próprio significado do verbo assimilar, “tornar semelhante ou igual”, o que estende o seu sentido para “converter pessoas ou coisas em substância própria”, faz supor uma ação unilateral, homogênea e linear, que leva o grupo dominante a absorver passivamente o grupo minoritário, sem que haja uma contrapartida. Não é neste sentido, contudo, que se desenvolve o estudo de Berry.

Se desvestido dos pressupostos de preeminência da sociedade majoritária e de uma visão unidimensional e revestido de um caráter analítico mais complexo, que contemple a reciprocidade entre a sociedade receptora e os grupos imigrantes, o conceito de *assimilação* é útil e aceitável para o estudo das estratégias de aculturação³⁸⁰. Para tanto, há que se transcender o seu significado dicionarizado e considerá-lo como um processo social inconsciente, sem causalidade nem contradição, que ocorre à margem de qualquer intenção, frente a uma miríade de escolhas e ações, individuais e coletivas, que levam a um movimento de mão dupla ou mesmo múltipla. Vista por este prisma, a *assimilação*, mais do que a etapa final é o processo. Um processo que não é ordenado nem pelo espaço nem pelo tempo, invisível, gradual, heterogêneo, multidimensional e intergeracional, que talvez não termine nunca.

As formas de aculturação, tanto as negativas quanto as positivas, são viabilizadas e mediadas pelo contato, que traz em si a ideia de uma relação de frequência, de proximidade, de influência e de interação entre grupos sociais ou étnicos distintos. Seu caráter dinâmico, recíproco e contínuo, abrangente e idiossincrático, compromete toda a sociedade. Por ser um fenômeno bilateral ou mesmo multilateral, no caso dos países de imigração como o Brasil, o contato está em constante transformação, e mantém com a aculturação uma relação de

³⁷⁹ BERRY, J. et al. *Cross-Cultural Psychology...* op. cit.; DEBIAGGI, Sylvia D.. *Changing Gender Roles...* op. cit., p. 27.

³⁸⁰ BRUBAKER, Rogers. The Return of Assimilation? Changing Perspectives on Immigration and its Sequels in France, Germany and the United States. In: *Ethnic and Racial Studies*, vol. XXIV, nº 4, 531-548, 2001.

causalidade: é causa enquanto deflagrador do processo de aculturação e é efeito enquanto resultado de um conjunto de ações em constante metamorfose.

O contato intercultural, pelo seu alto teor de complexidade, encerra diversas facetas: oposição e aceitação, rejeição e acolhimento, desigualdade e semelhança, intransigência e tolerância, marginalização e integração, conflito e harmonia. Esse quadro multiforme tem como pano de fundo a *assimilação*, que sub-repticiamente se instala, e caminha *pari passu* ao caminhar do imigrante. Uns andam a passo largo, outros a passo lento. Mas todos, à medida que avançam, levam e deixam características particulares, acolhidas, transformadas ou desprezadas pelos atores envolvidos, em maior ou menor grau.

Esse incessante movimento se insere em espaços de comunicação, permeados por referenciais quase sempre desconhecidos, com os quais, necessariamente, o imigrante terá que interagir: outra realidade social, outro idioma, outros códigos, outros padrões, outros costumes. Todo o entorno é novo, e põe à prova tanto a estabilidade emocional e psíquica, quanto o próprio sentimento de identidade e de pertencimento, indispensáveis para a integração do imigrante em um novo país.

Nesse contexto multiforme, de perdas e ganhos, que inevitavelmente perpassa os deslocamentos humanos, os imigrantes que se dirigiram ao Brasil, entre o final do século XIX e princípio do século XX, teriam que pavimentar um novo caminho, recriando espaços e refazendo laços.

As grandes correntes imigratórias que aqui chegaram nesse período, encontraram um país que convivia com diversas etnias e diferentes culturas, praticamente desde o seu descobrimento. Com elas, os recém-chegados compartilhariam o mesmo tempo e o mesmo espaço. A coexistência dessa multiplicidade de nacionalidades delineou um cenário mais complexo, formando um grande mosaico de diversidades.

É bem provável que esse encontro multiétnico tenha gerado tensões entre os grupos estrangeiros e entre estes e o grupo majoritário, visto que, em um processo de imigração maciça, a comunidade autóctone sofre o impacto da chegada de elementos estranhos em seu meio. A presença do imigrante traz mudanças estruturais na sociedade receptora, representando uma ameaça à sua identidade cultural, ao seu idioma, às suas crenças e aos seus valores. Isto, no geral, não chega a abalar o processo de integração ou a desestabilizar o sistema. É comum nesses casos manter uma *dualidade cultural* ou sob outro ponto de vista,

uma *aculturação seletiva*³⁸¹. Quando em contato com os representantes da sociedade dominante, o imigrante conforma-se às suas regras e valores, retomando os seus próprios costumes e normas quando está em seu meio de origem³⁸².

No caso dos imigrantes italianos havia ainda uma particularidade a mais. Separados por seculares divisões regionais na sua terra natal e expressando-se nos seus próprios dialetos, o que dificultava a compreensão e a difusão da língua italiana, eles não partilhavam, ainda, um sentimento comum de nacionalidade. Isto criava uma divisão interna, que se desdobrava em “subetnias”, fragilizando a noção de unidade e de valores comuns, com a sobrevivência de antagonismos, rivalidades regionais e posturas preconceituosas.

A despeito disto, ou justamente por isto, esses imigrantes formaram o elemento mais adaptável frente a todos os outros grupos étnicos que chegaram ao Brasil no mesmo período. Diversos foram os fatores que contribuíram para que o processo de aculturação dos italianos se desenrolasse de forma satisfatória. Um deles foi o empenho da imprensa em língua italiana, que começou a surgir na capital de São Paulo a partir de 1870 – com crescimento contínuo nas décadas seguintes³⁸³ – que tomou para si a tarefa de salvaguardar o espírito de coletividade, de patriotismo e amor pela pátria italiana, difundindo a sua língua, sua cultura e sua memória, que as divisões regionais por tanto tempo sufocara. Esta postura resultou em um amplo esforço para construir e reforçar uma consciência nacional entre os imigrantes.

O papel de mediador da imprensa étnica no processo de integração do imigrante à sociedade de acolhimento é amplamente assinalado pela historiografia³⁸⁴. Contudo, a ideia de uma pátria-nação, desconhecida pela maior parte dos italianos, dificilmente alcançaria todos os imigrantes, particularmente aqueles que viviam no campo e que tinham um baixo ou nenhum grau de escolaridade, o que limitava ou mesmo impedia o seu acesso à leitura. Este era o caso, por exemplo, dos imigrantes italianos que se dirigiram para a lavoura cafeeira,

³⁸¹ PORTES, Alejandro. For the Second Generation, one Step at a Time. In: JACOBY, Tamar (org.) *Reinventing the Melting Pot. The New Immigrants and what it means to be American*. New York: Basic Books, 2004, 155-166.

³⁸² WACHTEL, Nathan. A Aculturação, 113-129. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre *História: Novos Problemas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves. 1988, p. 119.

³⁸³ TRENTO, Angelo. *La Costruzione di un'Identità Colletiva...* op. cit., p. 10. Entre 1870 e 1940 existiam 500 publicações em língua italiana no Brasil, sendo quase 300 em São Paulo. As primeiras publicações operárias em São Paulo eram italianas: *Il Messaggero*, de Bertolotti, em 1891, *Gli Schiavi Bianchi* em 1892, dirigido por Galileo Botti, e *La Giustizia*, em 1893. Deste ano é também a fundação do *Fanfulla*, que viria a ser a maior publicação em língua italiana, em São Paulo. Cf: Imprensa Imigrante em São Paulo. Exposição de 14 nov. a 20 dez.2009. Memorial do Imigrante. Trento registra para o Brasil, mais de 800 títulos de jornais em língua italiana: 25% entre 1890 e 1899, 51% de 1900 a 1919 e 18% de 1920 a 1939.

³⁸⁴ Ibidem, p. 21 et seq.

procedentes dos territórios ainda sob o domínio do Império Austro-Húngaro³⁸⁵, que proibia a criação de escolas em língua italiana.

Embora os fatores exógenos, respeitados os seus limites de alcance, tenham contribuído para despertar uma consciência nacional entre os imigrantes italianos, fala mais alto os fatores endógenos ainda que, na prática, seja quase impossível separar as forças externas das forças internas, que no geral, operam simultaneamente.

Um dos primeiros elementos que deve ser levado em conta liga-se à origem latina e à religião professada, comuns aos italianos e brasileiros. A diferença religiosa entre povos, antes como agora, tende a catalisar sentimentos de exclusão, dificultando a integração do imigrante no novo país. Não raro, quando a xenofobia não pode encontrar na alteridade argumentos defensáveis, encontra na identidade religiosa. Quando o estrangeiro e o nacional partilham a mesma crença, como no caso dos italianos no contexto sul-americano, o nível de preconceito e intolerância tende a ser baixo se comparado ao alto grau de rejeição que sofreram aqueles que se dirigiram para outros destinos, particularmente os irlandeses que emigraram para os Estados Unidos da América, a partir de 1830. Adeptos do protestantismo, os americanos viam no catolicismo irlandês uma ameaça ao liberalismo e à democracia americana³⁸⁶.

A esses fatores positivos somava-se ainda a proximidade entre os italianos, propiciada pela imigração em massa e pela necessidade, que cada imigrante tem, de refazer rapidamente a sua rede social, recuperar os seus papéis sociais e assegurar um suporte durante o longo processo de adaptação e de integração entre o mundo interno e o mundo externo. Neste caso, determinadas características comuns, sustentadas por esquemas geracionais, evidenciadas e reforçadas no microcosmo paulistano frente às estratégias de aculturação, podem ter atuado, consciente ou inconscientemente, como desencadeadoras de um processo capaz de preencher a profunda necessidade psicológica de identidade e continuidade histórica, inerentes à condição de existência de todo imigrante.

A conjunção desses fatores pode ter favorecido, e mesmo acelerado, a afirmação de uma identidade étnica³⁸⁷, crucial para a autoconsciência e bem estar psicológico do imigrante.

³⁸⁵ Como o Trentino, Tirol meridional, Trieste e Ístria, que só seriam incorporados ao Reino de Itália após a Primeira Guerra Mundial.

³⁸⁶ ZOLBERG, Aristide R.; WOON, Long Litt. Why Islam is like Spanish: Cultural Incorporation in Europe and the United States. In: *Politics & Society*, vol. XXVII, nº 1, 5-38; IGNATIEV, Noel. *How the Irish became White*. New York: Routledge Kegan Paul, 1995.

³⁸⁷ A *identidade étnica* se manifesta e se afirma de modo relevante na relação com outra cultura. A definição desse conceito é tratada de maneiras diversas em diferentes abordagens. Phinney, por exemplo, revisou mais de 36 jornais que se dedicam a pesquisas sobre o tema, em várias áreas do conhecimento e, seguido

Essa linha de raciocínio apoia-se nas diretrizes formuladas pelos estudos da Psicologia Cultural e, principalmente, no conceito de *habitus*, sistematizado por Pierre Bourdieu. Como visto anteriormente, as estruturas do *habitus* atuam para que os produtos da história coletiva se reproduzam sob a forma de disposições duráveis em todos os indivíduos submetidos aos mesmos condicionamentos e às mesmas condições materiais de existência, frente a situações e estímulos externos, com os quais mantém uma relação dialética.

A presença de mecanismos sub-reptícios, capazes de assegurar uma capacidade quase biológica do “corpo social” se reproduzir como um “segundo sistema de hereditariedade”, tende a assegurar a perpetuação das estruturas sociais ou das relações de ordem, que formam a “ordem social”, mediante a transmissão consciente ou inconsciente do capital acumulado³⁸⁸.

De posse dessas premissas, orientemos o nosso olhar para os imigrantes italianos que se dirigiram em massa para o Estado de São Paulo entre o final do século XIX e começo do século XX. O elo de coesão entre eles era a mesma necessidade psicológica de identidade e continuidade histórica, as mesmas condições de existência e os mesmos condicionamentos. Como sinaliza Bourdieu, a sociologia trata como idênticos todos os indivíduos biológicos que, sendo produto das mesmas condições objetivas, são suporte dos mesmos *habitus*. Dessa forma, a classe social, enquanto sistema de relações objetivas, não deve estabelecer relação com o indivíduo ou ‘classe’ enquanto *população*, mas sim com o *habitus* de classe, enquanto sistema de disposições parcialmente comum a todos os produtos das mesmas estruturas³⁸⁹.

Se entre os imigrantes italianos as diversidades regionais os afastavam, se a convicção de pertencerem a uma única nação os dividia, a miséria e o abandono os aproximavam. A imensa maioria deles, senão a totalidade, partilhou a mesma penúria, as mesmas injustiças e iniquidades, a mesma dor de deixar para trás a família, os amigos e o solo materno. Sendo eles, portanto, “produtos das mesmas condições objetivas”, eram “suportes dos mesmos *habitus*”.

Desta forma, frente aos processos de emigração, imigração e aculturação, o *habitus*, predisposto a funcionar como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações, mobilizou certos mecanismos, tributários de um mesmo esquema de percepção e concepção. Esses mecanismos atuaram como uma espécie de gatilho para a

por Berry, aponta, como teoria mais influente, a Teoria da Identidade Social, proposta por Henri Tajfel, que enfatiza o senso de pertencimento como fator positivo para o autoconceito. PHINNEY, J.. Ethnic Identity in Adolescents and Adults: Review of Research. In: *Psychological Bulletin*, 1990, vol. 108 n° 3, 499-514; BERRY, J, at. al.. *Cross-cultural Psychology ... op. cit.*, p. 303.

³⁸⁸ BOURDIEU, Pierre. *Travaux et Projets...* op. cit., pp. 39-40.

³⁸⁹ Ibidem. *Esquisse d’une Théorie de la Pratique...* op. cit., p. 79.

autoconscientização de uma identidade étnica que, arrisco dizer, surge mais rapidamente em solo brasileiro do que na própria Itália, a qual por muito tempo teve que lidar com divisões regionais, culturais e de classe.

Pouco a pouco, a noção de fazer parte de uma coletividade despertou nos imigrantes vênnetos, lombardos, calabreses, napolitanos, sicilianos, abruzzeses e tantos outros grupos regionais que aqui aportaram, um sentimento de pertencimento e a consciência de serem italianos. Essas condições seriam essenciais não só para forjar uma história coletiva e manter a consciência da própria identidade, mas também para a integração positiva e participativa do imigrante no novo país.

Essa nascente identidade étnica foi sendo fortalecida por várias iniciativas de se construir na capital paulista uma unidade cultural, social e linguística, por meio da criação de associações religiosas, culturais e mutualistas, centros recreativos e esportivos³⁹⁰, hospitais, espaços institucionais e escolas. Estas últimas representavam, na visão da imprensa étnica, “um dos mais belos capítulos da história do patriotismo italiano no exterior”³⁹¹. Essas ações contribuíram para que os elos que ligavam os imigrantes ao país de origem, fragmentados pela emigração, fossem restabelecidos.

A partir de maio de 1915, com a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, o sentimento nacional se afirmou ainda mais, investido de forte patriotismo. Com a partida de reservistas e voluntários, que embarcavam diariamente para a Itália atendendo a chamada às armas, a coletividade italiana participou maciçamente das iniciativas de ajuda, coleta de fundos e envio de medicamentos e vestuário para a Itália – como as promovidas pelo Comitê Pró-Pátria, pela Sociedade Dante Alighieri e pela Cruz Vermelha.

Com a progressiva integração da comunidade italiana, a urbe paulistana viveria um processo de verdadeira simbiose entre as duas culturas, cuja expressão mais significativa foi, provavelmente, constituída pela linguagem. A necessidade imperiosa de comunicação entre os imigrantes, e entre estes e os nacionais, fez nascer um código oral informal, rico em fonemas bilinguísticos, habilmente recriado em textos irreverentes pelo “pueta, barbieri e giornalisti” Juó Bananére³⁹², cuja cadência marcou indelevelmente o modo de falar do paulistano:

³⁹⁰ A proliferação de associações italianas no Brasil é numericamente registrada por Trento: 98 em 1896, 277 em 1908 e 192 em 1923. TRENTO, Angelo. In: Brasile. In: BEVILAQUA, Piero, et tal (a cura di). *Storia dell'Emigrazione Italiana...* op. cit., p.13.

³⁹¹ Le Scuole Italiane all'Estero. *Fanfulla*, 3 set.1897. Apud TRENTO, Angelo. *La Costruzione di un'Identità Colletiva*. op. cit., p. 25. [Texto original: *uno dei più beli capitoli della storia del patriottismo italiano all'estero.*]

³⁹² Pseudônimo de Alexandre Marcondes Machado (1892-1933).

O chi sodades che io tegno / D'aquillo gustoso tempigno, / Ch'io stava o tempo intirigno / Bringando c'oas mulecada. / Che brutta insgugliambaçó, / Che troça, che bringadêra, / Imbaxo das bananêra, / Na sombra dus bambuzá³⁹³.

Seus “poemas”, quase sempre parafraseados, refletem a forma como os italianos recém-imigrados, introduzidos em um universo linguístico desconhecido, mas não totalmente desigual, tentavam se fazer entender. O som cadenciado das palavras se ouvia por toda a cidade de São Paulo, ao tempo da grande imigração italiana. As “deformações da sintaxe e da prosódia, aqui italianização da língua nacional, ali nacionalização da italiana” ³⁹⁴, são testemunhos do encontro condescendente de idiomas irmãos e do acolhimento mútuo que uniria italianos e brasileiros pelas próximas gerações, até que não mais se soubesse quem fora um e quem fora outro.

³⁹³ BANANÉRE, Juó. *La Divina Incenca* (reprodução integral da primeira ed. de 1915). São Paulo: Ed. 34, 2001, p. 33. Primeiros versos de *Os meus otto anno* (paródia do poema de Casimiro de Abreu, *Meus oito anos*).

³⁹⁴ MACHADO, Antônio de Alcântara, In: BANANÉRE, Juó.. *La Divina Incenca...* op. cit., p. XIX.

3.4. De Imigrante a Cidadão

No movimento emigratório, continuidade e mudança, tradição e inovação, conservação e transformação convivem, coexistem, se encontram e contribuem para a construção de uma "nova ordem", no que diz respeito à origem que, no entanto, real ou imaginária, verdadeira ou falsa, continua a ser um inevitável ponto de referência e de “retorno”³⁹⁵.

Vito Teti

Vencidas as condições materiais de vida, muitas vezes extremamente precárias, que pautaram a existência da maioria dos estrangeiros nos primeiros tempos, o imigrante foi dia-a-dia construindo o seu caminho, saindo “da esfera em que o restringem tradicionalmente, o estatuto e a condição que lhe são atribuídos”³⁹⁶, conquistando novos espaços, ganhando a estima e o reconhecimento dos nacionais. Muitos romperam os limites que os colocavam nos degraus inferiores da hierarquia social, ocuparam outros extratos da sociedade e recuperaram o direito a uma existência plena.

A presença cada vez mais numerosa dos estrangeiros, particularmente dos italianos, nas camadas mais privilegiadas da sociedade paulistana, pode ser notada nas letras, no jornalismo, na política, no esporte, na indústria, na ciência e nas artes. Nestas últimas, a influência do imigrante é marcadamente visível não só no âmbito da produção, mas também, no campo da formação profissional do artista e nos processos de mediação, fruição e consumo da obra de arte³⁹⁷.

Na estrutura ocupacional do país os italianos se destacaram em praticamente todos os setores da economia. No setor secundário, os mais avultados capitais empregados nas empresas fabris, recenseadas em 1920, estavam nas mãos desses imigrantes, que detinham cerca de 42% da soma total aplicada pelas diversas colônias. A eles correspondia igualmente

³⁹⁵ TETI, Vito. *Emigrazione, Alimentazione, Culture Popolari...* op. cit., p. 577. (Apêndice I)

³⁹⁶ SAYAD, Abdelmaleh. *Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. Prefácio Pierre Bourdieu. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998, p. 14.

³⁹⁷ ROSSI, Mirian Silva. *Organização do Campo Artístico Paulistano: 1890-1920*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, FFLC, USP, 2001.

as maiores parcelas, não só do valor da produção anual (40,7%), mas também da força motriz (38%) e do número de operários (40,2%) ³⁹⁸.

Entre os Estados da Federação, São Paulo foi o que concentrou o maior número das empresas administradas por italianos: 1.446 estabelecimentos, com Rs 35.273:500\$000 de capital, 8.487 operários e um valor de produção anual de Rs 72.077:851\$000 ³⁹⁹. Frente ao total nacional, as empresas fabris gerenciadas por italianos equivaliam a 68%, e o capital empregado no Estado de São Paulo compreendia 66% do total do capital aplicado no Brasil por todos os demais industriais da colônia italiana⁴⁰⁰.

As atividades do setor terciário foram sendo ampliadas com a vinda de muitas famílias que se retiravam das fazendas em direção às cidades, a fim de se estabelecerem por conta própria. Esse êxodo rural foi fator determinante para que o Estado mantivesse permanentemente a imigração subsidiada, pela necessidade de substituir a mão-de-obra na zona cafeeira⁴⁰¹.

No setor primário, dados relevantes indicam a ascensão de uma parcela de imigrantes, a maioria vinda do colonato. Segundo levantamento de 1923, em 158 municípios paulistas produtores de café, arrolados para cobrança de impostos, das 32.486 propriedades agrícolas – com 793.537.604 cafeeiros formados – 13.197, contando com 236.382.301 cafeeiros, pertenciam a estrangeiros, o que representa 40,6% das fazendas e cerca de 30% dos cafeeiros formados. Desses números, 9.759 propriedades, com 141.344.301 cafeeiros, eram de italianos⁴⁰², o que corresponde a 74% das fazendas e 60% dos cafeeiros, do total das propriedades agrícolas em mãos de estrangeiros. Em alguns municípios, os estrangeiros proprietários de cafeeiros eram maioria: em Itápolis registraram-se 77,4% do total de cafeeiros coletados; em Santa Adélia 75,1%; em Itajobi 69,3%; em Monte Azul 68,2%; em Taquaritinga 63%; em Penápolis 59,3%; em Tambaú 59,2% e em Rio das Pedras 55,8% ⁴⁰³.

Ressalte-se que nessa estatística não foram computados os cafeeiros novos, ainda não tributáveis, tampouco as eventuais propriedades de filhos de estrangeiros nascidos no Brasil,

³⁹⁸ Recenseamento do Brasil de 1920. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio: Diretoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro: Tip. da Estatística, 1927, p. 70.

³⁹⁹ Ocupavam o 2º lugar os industriais portugueses, o 3º os industriais alemães, o 4º os industriais espanhóis, o 5º os industriais sírios, seguindo-se os de outras nacionalidades, em situação mais modesta no conjunto das indústrias. Recenseamento do Brasil de 1920... op. cit., p. 71.

⁴⁰⁰ Para todo o Brasil foram recenseados 2.119 estabelecimentos, com um capital empregado de 53.161:142\$000. Recenseamento do Brasil de 1920... op. cit., p. 70.

⁴⁰¹ Relatório da SACOP... op. cit., 1900, pp. 110-111 e 1920, p. 40.

⁴⁰² Relatório da SACOP... op. cit., 1923, p. 114 et seq.. As demais propriedades eram assim distribuídas segundo as nacionalidades: Portugueses: 1.336 com 29.978.232 cafeeiros; Espanhóis: 1.137 com 20.527.783 cafeeiros; Alemães: 642 com 22.220.641 cafeeiros; Diversos: 323 com 22.311.344.

⁴⁰³ Idem.

que de acordo com o princípio do *jus soli* figuravam como brasileiros e que já vinham se estabelecendo por conta própria na região agrícola ou nas cidades.

Esses novos nacionais formavam a segunda geração de imigrantes que, sem abandonar a cultura de seus pais, foram aos poucos incorporando a do novo país, fortalecendo, em graus variados, o processo de *integração*, de caráter bidimensional e recíproco entre a sociedade receptora e a imigrante. Pontualmente pode-se observar, nesta segunda geração, uma maior aproximação com a cultura brasileira, principalmente através da língua. Não deixa de ser sintomático, que as cartas de Americo Orlando endereçadas aos seus irmãos mais novos, Luigi e Almerinda, nascidos, como ele, no Brasil, tenham sido todas escritas em português, enquanto que para os irmãos mais velhos, nascidos na Itália, eram escritas em italiano.

Nota-se também que muitos, pelo intenso contato intercultural que a cidade propiciava, voltaram-se para uma socialização externa ao grupo de origem, criando laços com brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades. Essa interação resultou, muitas vezes, em ligações profundas, como no caso de Giuseppe, o filho mais velho de Eleonora e Francesco, que contraiu matrimônio com Antonia Lopez, de origem espanhola, para quem Americo escreveria a primeira de suas quase cem cartas.

A *assimilação*, nos moldes já vistos, se evidenciaria de forma mais significativa com o nascer da terceira geração, para a qual os lugares e a cultura de origem não serão mais a única fonte de identificação. É ela que mais facilmente romperia com a endogamia, criando uma ligação profunda entre as duas culturas. Exemplo disso são os seis filhos (três homens e três mulheres) de Giovanni Orlando e Maria Josepha Di Cunto – uma italiana, que como ele chegara criança ao Brasil – que se casaram entre as décadas de 1940 e 1950 com brasileiros, nenhum dos quais de origem italiana. Para os bisnetos de Francesco e Eleonora, a Itália e o idioma peninsular ficavam mais e mais distantes. Sobreviviam ainda no peculiar falar dos *noni*, nos costumes e nas antigas tradições regionais, que se perpetuariam nas festas ao santo padroeiro, nas comemorações natalícias e nas reuniões dominicais de família.

Os casamentos interétnicos estavam longe de ser uma exceção. A proporção das uniões de italianos na cidade de São Paulo era assim distribuída em 1927: 62,2% com paulistas; 13,6% com outras nacionalidades e 24,2% com italianos⁴⁰⁴, tendência que se acentuaria com o passar dos anos. Entre 1934 e 1939 os casamentos entre italianos e brasileiras representavam 71,3%, superando qualquer união entre brasileiros e outros estrangeiros. A mesma propensão verifica-se entre as italianas: 60,8% delas, em igual

⁴⁰⁴ Anuário Demográfico do Estado de São Paulo de 1927. Apud CENNI, Franco. *Italianos no Brasil...* op. cit., p. 236.

período, casaram-se com brasileiros⁴⁰⁵. Com o crescimento dessas uniões, a proporção dos casamentos endogâmicos cairia para 14,5% ⁴⁰⁶, indicando que o processo de aculturação entre os italianos, no geral, deu-se de forma positiva.

O longo caminho percorrido pelos imigrantes em direção a uma vida plena não se fez, contudo, sem muita luta, sofrimento e superação. Para Eleonora e Francesco esse percurso não seria diferente. Dia a dia, passo a passo, eles se dedicaram a reconstruir o sentido da vida e as coisas mais comuns: as relações afetivas, o trabalho, a moradia, a família. Os primeiros meses no novo país foram, sem dúvida, os mais difíceis. Pouco tempo eles tiveram para elaborar as perdas, refazer os vínculos, reorganizar as relações sociais, culturais e psicológicas e se adaptar às mudanças, frente ao novo e ao desconhecido.

Na vida não há pausas.

Em 31 de outubro de 1895, menos de quatro meses da chegada da família ao Brasil, nasceu Americo, assim chamado em homenagem ao novo continente que os acolhia. Eleonora se apegou a ele tão fortemente, e ele a ela, como se esse nascimento representasse o renascimento das suas lembranças: o último elo de uma cadeia partida.

Os anos se passaram, a vida seguiu o seu curso e a família cresceu. Em 13 de julho de 1898, nasceu Luigi, e em 22 de fevereiro de 1902 veio ao mundo uma menina, que recebeu o mesmo nome da primeira, morta na Itália: Almerinda. Esses anos só não conseguiram atenuar uma ausência. Eleonora não retornou para buscar Ernesto. A morte se antecipara a ela⁴⁰⁷.

Estabelecidos na capital paulista, em um contexto urbano em constante transformação, Francesco e Eleonora trabalharam, criaram seus filhos, deram-lhes educação e profissão, a despeito de todas as dificuldades e obstáculos que se interpunham. Por volta de 1907, pela primeira vez desde que chegara ao Brasil, Eleonora voltou a Guardiagrele, levando consigo Americo, Luigi e Almerinda, então com doze, nove e cinco anos respectivamente.

As viagens de visita, ainda que não visem o retorno, representam um confronto, um reencontro com o abandonado e, sobretudo, o receio do desencontro. Esses fatores podem dar lugar a sentimentos complexos e variados, que pressupõem a reorganização de valores e vínculos, a recuperação e a comprovação de perdas, a ilusão de que nada mudou e a esperança de que os que ficaram perdoem aqueles que os abandonaram e que ainda os querem bem.

⁴⁰⁵ CENNI, Franco. *Italianos no Brasil...* op. cit., p. 236.

⁴⁰⁶ Idem.

⁴⁰⁷ Das pesquisas realizadas nos arquivos de Guardiagrele não foi possível localizar informações precisas sobre a sua morte.

Quando Eleonora decidiu viajar para Guardiagrele, pensou ter deixado atrás de si uma porta aberta. Entretanto, o que encontrou foi um muro intransponível. Era como se o abandono da terra lhe negasse o direito de desejar o que ficara para trás, como tristemente escreveu o poeta:

Assim dizem / que após dez anos / tudo mudou lá / dizem / que a avenida
está sem árvores / e eu não sou alguém para pôr em dúvida. / Por acaso eu
não estou sem árvores / e sem memória dessas árvores / que segundo dizem /
já não mais estão⁴⁰⁸ ?

O que ela fora buscar na cidade onde nasceu lhe pertencia por direito: parte de um imóvel deixado em herança por seu pai. O muro intransponível foi erguido por sua irmã, que ocupava o imóvel, e se opôs fortemente à venda. As relações familiares estremeceram, os laços se romperam⁴⁰⁹.

Em Guardiagrele, que agora lhe parecia estranha, que lhe provocava um sentimento de não pertencimento, Eleonora precisou trabalhar por mais de um ano, até ter dinheiro suficiente para pagar a passagem de volta ao Brasil. As crianças, alheias à situação, fizeram amizades, frequentaram a escola e se acostumaram à nova vida na terra de seus pais. Em sua segunda carta, a primeira enviada da Itália para a sua mãe, Americo dá notícias de Guardiagrele, trazendo lembranças do tempo em que passaram lá. Um tempo que Eleonora queria esquecer, mas que acalentou o sonho de seu filho de um dia regressar:

Querida mãe... Faço-te saber que sua mãe Maria Luigia morreu há um ano em Miglianico e as suas outras irmãs estão mortas também... Todos os meus primos fraternos vieram a Guardiagrele para irem à guerra e assim em Guardiagrele não há nenhum dos homens só mulheres. Os irmãos do papai estão todos bem. Filomena Marone, Carmena Santi, Carmena Baptista e muitos outros, mandam-lhe muitas lembranças... Todos os amigos de Luigino meu irmão mandam-lhe saudações, e também as amigas de Almerinda a saúdam...⁴¹⁰.

Quando deixou Guardiagrele, para nunca mais voltar, Eleonora soube que lá só ficaram os seus mortos e as árvores que não existiam mais.

De volta ao Brasil, ela enterrou o passado. As lembranças, todavia, guardou-as consigo. A oscilação entre dois mundos, que até então perpassara o processo de integração no

⁴⁰⁸ BENEDETTI, Mario, *Eso dicen*, 1995. Disponível em: <<https://www.poeticous.com/mario-benedetti/eso-dicen? locale=es>> Acesso em: 20 jul.2015. (Apêndice I).

⁴⁰⁹ A única pessoa com quem Eleonora continuou a manter contato foi com a sua irmã Giovanna, que cuidara de Ernesto.

⁴¹⁰ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada para a sua mãe. Guardiagrele, 13 ago.1915. (Apêndice I).

novo país, foi se atenuando, e o sentimento de pertencer a um universo já conhecido se fortaleceu. Eleonora e Francesco sentiram-se, cada vez mais, parte do novo país e, este, foi se tornando o seu lugar, a sua vida, os seus vínculos, a pátria dos seus descendentes.

Passados quase vinte anos, desde que o *Alacritá* aportara em Santos, a capital paulista vivia os anos de maior florescimento de sua *Belle Époque*. A presença dos imigrantes deu um novo tom à vida social da cidade, com a introdução de novos hábitos, novos relacionamentos familiares e novos tipos de festividades, reforçados pelos valores étnicos, éticos e estéticos, que a envolveram em uma metamorfose própria.

No ocidente, vivia-se um tempo de euforia. A *joie de vivre* caracterizava a vida cotidiana, até que as velhas “fissuras na crosta seca da sociedade europeia” se dilataram, transformando profundamente a estrutura e o escopo do poder. O mundo se pôs novamente em movimento, mergulhando em uma guerra que não era para mudar nada, mas mudou tudo!

Aos dezenove anos, a vida de Americo Orlando parecia já estar traçada. Dividia suas atividades entre o trabalho, como tipógrafo do jornal *Fanfulla*, o estudo, a família e o lazer, até que o destino marcou-lhe um encontro e ele, voluntariamente, aceitou.

IV.

À BEIRA DO ABISMO

4.1. O Trágico Verão Europeu

Estes vão para as guerras inclementes, / Os absurdos heróis
sanguinolentos, / Alvorçados, tontos e sedentos / Do clamor
e dos ecos estridentes⁴¹¹.

Grandeza Oculta. Cruz e Sousa, 1905

Sarajevo, 28 de junho de 1914, 10 horas da manhã.

Um automóvel conversível percorre lentamente o cais Appel, ao longo das águas barrentas e escuras do rio Miljacka. Do seu interior acenam para a multidão o herdeiro do trono austro-húngaro e comandante-em-chefe do exército austríaco, arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa Sofia, duquesa de Hohenberg, que visitavam Sarajevo com a missão de reforçar os laços com a Bósnia-Erzegovina, recentemente anexada à Áustria, após décadas de ocupação militar.

Era um morno e ensolarado domingo de verão, e a cidade estava em festa! 28 de junho corresponde a 15 de junho no calendário Juliano, dia de São Vito, data em que se celebra a épica batalha de *Kôsovo Poljê* ou *Campo dos Melros*⁴¹², de 1389, quando as forças unificadas dos reinos cristãos eslavos, lideradas pela Sérvia, foram derrotadas pelas tropas do Império Otomano, que dominou a região dos Balcãs pelos cinco séculos seguintes, dando início a um longo avassalamento do seu povo.

A batalha de *Campo dos Melros* pôs fim ao Império medieval da Sérvia, mas permaneceu indelével no imaginário de seu povo. Travada em Kosovo, considerado o berço da nação Sérvia, a sua memória conserva ainda hoje a força da sua identidade, intensificando o sentimento de patriotismo e nacionalismo.

Carregado de significados para os sérvios, esse era um dia ideal para uma ação clamorosa contra o poder da Áustria, cuja hegemonia crescia nos Balcãs. Um dia que o estudante Gavrilo Princip, súdito austríaco de nacionalidade servo-bósnia e membro da sociedade secreta *Mão Negra*, uma das facções da *Mlada Bosna (Jovem Bósnia)*⁴¹³ tornaria memorável, ao dar o primeiro passo rumo ao abismo no qual a Europa e o mundo

⁴¹¹ CRUZ E SOUSA, João da. *Grandeza Oculta*, Últimos Sonetos (obra póstuma) In: JUNKES, Lauro. *Obra Completa* (org.). Jaraguá do Sul: Avenida, 2008, 2 v

⁴¹² *Kosovo* (do pássaro “kos”: melro). *Polje* (campo).

⁴¹³ A “Jovem Bósnia” surgiu na Bósnia e Herzegovina antes da Primeira Guerra Mundial, reunindo bósnios, bósnios-croatas e sérvios-bósnios, que se opunham violentamente à dominação do Império Austro-Húngaro e à união dos eslavos do sul com a Sérvia. As duas organizações mais notáveis sob a bandeira da *Mlada Bosna* foram *Mão Negra* e *Narodna Odbrana*.

mergulhariam por quatro longos e dolorosos anos, naquela que entraria para os anais da humanidade com o nome de *Grande Guerra*.

Ao atingir mortalmente o casal real, o gesto extremado de Gavrilo Princip golpeou a própria monarquia dual, enfraquecendo os vínculos reais e simbólicos que uniam as diversas partes do Império. A Europa, que parecia estar aguardando apenas um sinal para retomar as questões que as intermináveis guerras revolucionárias e napoleônicas haviam deixado inacabadas, se pôs em movimento, dando início à primeira guerra de massa da história, que se transformaria no arquétipo da “guerra moderna”.

Às vésperas do atentado em Sarajevo, no verão de 1914, a região dos Balcãs, histórica encruzilhada de diferentes povos, culturas e religiões, foi palco de dois conflitos militares – as guerras balcânicas –, cujo ponto chave foi o enfraquecimento e o declínio do Império Otomano e a vitória da Sérvia na segunda Guerra Balcânica, que se tornou uma potência regional dos Balcãs.

O resultado imediato, político e nacional da vitória da Sérvia deixou o velho Império Austro-Húngaro em alerta. Com a constituição do Império Alemão e a consolidação do Reino de Itália, em 1870, até então zonas sob a influência austríaca, a monarquia dual passou a exercer o seu poder apenas na complexa e instável região dos Balcãs. Uma Sérvia forte, que tinha ao seu lado a Rússia, como ela eslava e ortodoxa, poderia minar a unidade do domínio dos Habsburgo. A declaração do príncipe Schwarzenberg⁴¹⁴ à delegação húngara, em setembro de 1912, expressa bem o pensamento político dominante: “um crescimento territorial da Sérvia representa um perigo imediato para a Áustria, e a Monarquia deverá impedi-lo”⁴¹⁵.

A reação do Império Austro-Húngaro ao atentado que levou à morte o futuro imperador do Império austro-húngaro e sua esposa Sofia, veio na forma de um ultimato para a Sérvia, produzindo uma profunda impressão nos círculos políticos, por fugir às normas diplomáticas e comprometer a independência e soberania da Sérvia.

O clamor de Viena era compreensível. Entretanto, essa era uma crise que poderia ter sido resolvida pela diplomacia europeia, se não houvesse outros fatores envolvidos. O cenário que se desenhava sinalizava que as severas demandas austro-húngaras haviam sido articuladas com o intuito de criar um *casus belli*.

⁴¹⁴ Felix Prinz zu Schwarzenberg (1800-1852), estadista austríaco responsável pela restauração do Império Habsburgo, transformando-o em uma potência europeia após as revoluções de 1848.

⁴¹⁵ GAYDA, Virginio. *L'Austria di Francesco Giuseppe: (La Crisi di un Impero)*. Torino: Fratelli Bocca Editori, 1915, p. 107.

As grandes potências se aproximavam perigosamente da beira do abismo e, em pouco tempo, se precipitaram em direção a ele. Em 28 de julho de 1914, exatamente um mês depois da tragédia de Sarajevo, a Áustria e a Sérvia entraram oficialmente em guerra e arrastaram com elas as grandes potências, colocando, um contra o outro, os dois grupos da política internacional da Europa: a Tríplice Aliança, que unia a Alemanha, Áustria-Hungria e Itália, e a Tríplice Entente, formada pela França, Grã Bretanha e Rússia que, com a entrada de outros países no bloco, tomaria o nome de “Aliados”.

Vários interesses comandaram essa marcha insana. Dos que marcharam, nenhum era inocente. Do ocidente ao oriente, entrando pelos mares e rasgando os ares, a guerra caminhava “com o seu imenso cortejo de calamidades!”⁴¹⁶.

Nos primeiros dias de agosto de 1914, a Alemanha deu início a sua mobilização, cruzando a linha que a separava do ducado de Luxemburgo, que até o final do conflito ficaria ocupado pelos exércitos do *Kaiser*, para em seguida investir contra a inviolabilidade da Bélgica, exigindo passagem para as suas esmagadoras e aguerridas divisões, em marcha acelerada a caminho da França.

Estava dado o tom da guerra!

A violação da neutralidade perpétua do reino belga, garantida pelo tratado de 1839⁴¹⁷, anteciparia a entrada da Inglaterra no conflito. O equilíbrio, que por tantos anos manteve a paz, estava definitivamente rompido e, no coração da Europa, abriu-se uma enorme trincheira.

No espaço de dois anos França, Império Britânico, Rússia, Itália, Sérvia, Montenegro e Romênia, estavam em luta contra a Áustria-Hungria, Alemanha, Turquia e Bulgária. Permaneceram neutros Dinamarca, Noruega, Suécia, Suíça, Holanda, Bélgica, Albânia e Espanha. Até o final de 1917, mais sete países haviam aderido aos Aliados, entre eles Grécia, Portugal, Brasil e Estados Unidos. O objetivo imediato deste último era interromper a campanha da guerra submarina alemã, salvaguardar os pagamentos dos empréstimos de guerra, dos quais os Aliados eram os grandes devedores, e, principalmente, defender o território americano, ameaçado pelo conteúdo do telegrama Zimmermann⁴¹⁸.

⁴¹⁶ MESQUITA, Julio. *A Guerra. (1914-1918)*... op. cit., p. 270.

⁴¹⁷ O Tratado de Londres de 1839, ou Convenção de 1839, assinado em 19 abr.1839 pelo Reino Unido, Áustria, França, Prússia e Império Russo, deu a independência à Bélgica, então parte dos Países Baixos. As cinco potências, visando o seu próprio interesse, reconheciam a perpétua neutralidade do novo reino, formado pelas províncias valonas e flamengas. Por essa neutralidade, condição essencial do equilíbrio europeu, todos os signatários deveriam coletivamente se responsabilizar.

⁴¹⁸ O telegrama Zimmermann, despachado em 16 de janeiro de 1917 pelo ministro do Exterior do Império Alemão, Arthur Zimmermann, para o embaixador alemão no México, foi interceptado e decodificado pelos britânicos. O telegrama continha uma proposta do kaiser Guilherme II ao governo mexicano, oferecendo

A Itália, membro da Tríplice Aliança, declarou-se neutra já no início do conflito, em 3 de agosto de 1914, uma vez que o pacto que a unia à Alemanha e à Áustria-Hungria tinha caráter eminentemente defensivo, com a finalidade de manter o *status quo* territorial. Essa neutralidade, contudo, tinha um preço: as *terre irredente* ⁴¹⁹, que a dinastia dos Habsburgo relutava em pagar.

Completar a unidade territorial era uma questão cara para a Itália. A libertação das *terre irredente* do domínio estrangeiro marcou toda a história dos territórios do Trentino-Alto Ádige, do Friuli Venezia Giulia e de grande parte da Dalmácia. Desde 1866, com o final da guerra austro-prussiana ou *terceira guerra de independência italiana* – por ter resultado na anexação do Vêneto ao Reino de Itália ⁴²⁰ –, o *irredentismo* tornou-se parte essencial da história nacional, identificando-se com o grave problema dos limites entre a Itália e a Áustria. Essa fronteira, histórica e natural, delineada pelos imponentes paredões dos Alpes tornara-se, por ações diplomáticas, e em detrimento italiano, uma linha mutilada em uma parte e aberta em outra, fazendo com que determinados trechos fossem indefensáveis.

A questão fronteiriça, além de gerar intensas manifestações na política interna, tornou-se o centro da política adriática e balcânica da Itália, e das suas relações com a Áustria-Hungria e com a Tríplice Aliança. A eclosão do conflito europeu faria renascer, na Itália, a esperança de retificar definitivamente os seus limites com a Áustria.

Para alcançar os seus objetivos, o governo italiano jogou perigosamente em dois campos, aguardando o momento certo para dar a sua última cartada. Ao mesmo tempo em que negociava com a dinastia dual a neutralidade compensada, mantinha, desde setembro de 1914, um acordo secreto com os Aliados, que seria assinado em 26 de abril de 1915 em Londres. Esse tratado, conhecido como “Pacto de Londres”, garantia, em caso de vitória, o reconhecimento do domínio da Itália sobre as áreas de nacionalidade italiana, subjugadas ao Império Austro-Húngaro, a cessão da África Alemã e os direitos no mar Adriático.

A recusa sistemática da Áustria em ceder o Trentino e o Trieste, incrustado entre o Golfo e a zona colinar, as irrecusáveis ofertas de crédito e de territórios por parte dos Aliados

ajuda financeira substancial, prometendo a posse dos estados americanos do Texas, Arizona e Novo México, em troca de uma aliança com a Alemanha contra os Estados Unidos da América.

⁴¹⁹ Os termos *terre irredente* (terras “irredentas”, não resgatadas) e *irredentismo* estão ligados a um movimento político de caráter nacionalista, que surge na Itália depois de 1866, com o objetivo de completar sua unidade territorial e libertar os grupos de etnia italiana, reivindicando as terras sob o domínio do Império Austro-Húngaro. Utilizada pela primeira vez pelo político Matteo Renato Imbriani, em 1877, essas expressões foram absorvidas por outras línguas, na forma italiana.

⁴²⁰ A guerra entre a Áustria e a Prússia fez parte dos esforços de unificação da Alemanha. Aliada à Itália, a Prússia obteve uma decisiva vitória contra o Império austríaco, dando aos italianos a oportunidade de conquistar o Vêneto, até então sob domínio da Áustria. No dia 3 de outubro de 1866 foi selada a Paz de Viena, entre a Itália e a Áustria, marcando a passagem do Vêneto à Itália.

e a aspiração italiana de completar a sua unificação e obter o controle do Adriático, poriam por terra as intensas negociações conduzidas pelo príncipe alemão von Bülow em nome da monarquia dual⁴²¹.

Em 4 de maio de 1915, a Itália proclamou a retomada da sua inteira liberdade de ação, declarando anulado e sem efeito o seu tratado de aliança com a Áustria-Hungria, alegando que a ação arbitrária contra a Sérvia, primeiro pela Áustria e depois pela Alemanha, caracterizava uma violação do artigo VII do Tratado da Tríplice Aliança⁴²². Após quase dez meses de neutralidade a Itália entrou em estado de guerra contra a Áustria-Hungria ao lado dos Aliados, e interrompeu as relações diplomáticas com a Alemanha.

Na disputa nascida no coração da velha Europa, que mobilizou cerca de 70 milhões de soldados, foram envolvidos direta ou indiretamente, dezenas de países e possessões coloniais, muitos dos quais, distantes do eixo geoestratégico europeu, espalhados pela Ásia, pelas Américas e pelos domínios na África e no Pacífico. Segundo um dos mais recentes estudos sobre a Primeira Guerra Mundial, estima-se que nos quatro anos de conflito o número de mortos, entre militares e civis, atingiu 20 milhões de indivíduos. O número de feridos, desaparecidos e prisioneiros, chegou aos 30 milhões, dos quais, sete milhões ficaram mutilados⁴²³. Só nas violentas batalhas do Somme e de Verdun, na França, no ano de 1916, tombaram em campo um milhão e 700 mil homens⁴²⁴.

A Primeira Guerra foi, sobretudo, uma guerra material, pelo acelerado desenvolvimento do arsenal tecnológico, pelo extermínio em massa, pela dimensão continental, pelos sinais iminentes de grande violência e pela dimensão de crueldade nos combates. Loucamente desencadeada, desesperadamente longa, absurdamente conduzida, a guerra devastou territórios e monumentos, dizimou populações, dilacerou corações, solapou a paz das montanhas, dos vales e das planícies e precipitou no horror a história de todo o século, deixando impressas feridas difíceis de cicatrizar.

⁴²¹ Bernhard Heinrich Karl Martin von Bülow (1849-1929). Chanceler da Alemanha (1900-1909). Entre 18 dez.1914 e 24 maio 1915, o chanceler exerceu uma ação diplomática (Missão von Bülow) junto a Roma, com o objetivo de persuadir a Itália a não intervir no conflito mundial.

⁴²² Il testo del “Libro Verde” italiano: I documenti diplomatici dei negoziati austro-italiani. (Documento assinado pelo ministro do Exterior Sidney Sonnino). *Fanfulla*, 15 jun.1915, p. 3.

⁴²³ CLARK, Christopher. *Sleepwalkers: How Europe went to War in 1914*. Great Britain: Penguin Books, 2012. A Itália, citando aqui os dados mais relevantes, registrou nos três anos de guerra: 650.000 mortos, 984.000 feridos, 21.220 cegos de um olho, 1.940 cegos dos dois olhos, 25.716 tuberculosos, 19.600 neuropsíquicos, 74.620 aleijados, 4.600 alienados, 5.440 mutilados, 120 privados das duas mãos, 12.000 inválidos, 3.260 mudos, 6.740 surdos e 100.000 vítimas da malária. Cf. CADEDDU, Lorenzo. *La Leggenda del Soldato Sconosciuto all’Altare de Patria*. Udine: Paolo Gaspari Editore, 2005.

⁴²⁴ Somme e Verdun perderam cerca de 800.000 alemães, 500.000 franceses e 400.000 ingleses. Cf. DE LUCCHI, Gianluca. *La Prima Guerra Mondiale...* op. cit., p. 46.

No rastro dessa barbárie o mundo assistiria ainda às atrocidades de um genocídio, ao colapso de quatro impérios e à mudança radical do mapa geopolítico da Europa e do Oriente Médio. No coração do Velho Mundo, paradigma da civilização ocidental, plantou-se o desencanto. Entre vencedores e vencidos, saíram aniquiladas a razão e a moral. Como se tudo isso não bastasse, o devastador conflito, além de sinalizar o crepúsculo de uma civilização ao destruir o alicerce da sua prosperidade, deixou como legado para as futuras gerações, as bases prontas para o totalitarismo, para outra guerra e para outro genocídio, de dimensões maiores e mais violentas do que os primeiros.

4.2. Quando o Piave Murmurou

O Piave murmurava, / calmo e plácido à passagem/ dos primeiros infantes, em vinte e quatro de maio./ O exército marchava / para alcançar a fronteira,/ para fazer contra o inimigo uma barreira... / Mudos passaram aquela noite os infantes: / silenciar era preciso, e ir adiante! / Ouviu-se entretanto das amadas margens / sussurrado e tênue o clamor das ondas. / Era um pressagio doce e lisonjeiro / o Piave murmurou: / “Não passa o estrangeiro! [...]”⁴²⁵.

Canzone del Piave. Giovanni Gaeta, 1918

Domingo de Pentecostes. Roma, *Palazzo Venezia*, 23 de maio de 1915, 11h30 da manhã. Após intensas negociações entre os governos do Reino de Itália e do Império Austro-Húngaro, o ministro do Exterior, Sidney Sonnino, anunciou a posição da Itália frente à última oferta austro-húngara:

[...] O Governo do Rei, firmemente decidido a assegurar com todos os meios a sua disposição, a defesa dos direitos e dos interesses italianos, não descuidará do seu dever de tomar quaisquer medidas contra qualquer ameaça presente e futura, que venha a ser imposta pelos acontecimentos, a fim de realizar as aspirações nacionais. S. M. o Rei declara que a Itália se considera em estado de guerra com a Áustria-Hungria a partir de amanhã [...] ⁴²⁶.

O décimo dia depois do dia da Ascensão de Jesus é uma das datas mais importantes do calendário cristão, ligada histórica e simbolicamente ao festival da colheita e da oferta dos primeiros grãos apanhados na sega. Para os italianos, entretanto, 23 de maio de 1915 não seria de celebração. Ironicamente, essa data festiva ficaria indelevelmente marcada na história da Itália como o início de uma violenta e dolorosa devastação. A foice, que se lançava contra as espigas, cortando do solo a cevada e o trigo, a partir desse dia transformou-se em armas que ceifaram vidas, colheram mortes e ofertaram dor.

Nesse ameno dia primaveril, o escritor triestino Italo Svévo⁴²⁷ deixou a sua casa na campanha, e caminhou ao longo do rochoso Carso, em meio a uma natureza rica e paisagem variada, embrenhando-se pelas férteis planícies isontinas, onde os camponeses trabalhavam a

⁴²⁵ GAETA, Ermete Giovanni. *La Canzone del Piave*, 1918. Esta é uma das mais célebres canções patrióticas da Itália, conhecida também como *Leggenda del Piave*. (Apêndice I).

⁴²⁶ SCHAUMANN, Walter; SCHUBERT, Peter. *Isonzo: là dove morirono*. Bassano Del Grappa: Guedina & Tassoti Editori, 1990, p. 11. (Apêndice I).

⁴²⁷ Aron Hector Schmitz (1861-1928), escritor e dramaturgo italiano, mais conhecido pelo seu pseudônimo Italo Svévo. Depois da guerra, e da passagem de Trieste para o domínio italiano, mudou seu nome para Ettore Schmitz.

terra nos campos de batatas⁴²⁸. Em breve, esses campos férteis seriam irremediavelmente assolados, e a população das *terre irredente* enfrentaria obstáculos irredutíveis na custosa via da libertação.

Desde o final de março os regimentos alpinos italianos⁴²⁹ vigiavam a fronteira. O governo austro-húngaro, temendo um iminente ataque da Itália, guarneceu fortemente o Trentino, o vale do Isonzo, e diversos pontos da Istria e da Dalmácia onde seria possível um desembarque. Em Pola, grandes submarinos enviados pela Alemanha ameaçavam a segurança dos navios que se encontravam nos portos italianos do Adriático⁴³⁰. Em terra, a mão de ferro da Áustria abafava impiedosamente as incoercíveis manifestações de *irredentismo*, agravando cada vez mais a situação da população italiana:

[...] O que dizer-lhe desta minha desgraçada Trieste? Meu amigo, se você a tivesse visto seis meses atrás na sua extraordinária opulência, se você a visse agora com a miséria, a carestia, o terror, você também choraria como nós choramos... Ela está muda, triste, prostrada. [...] Desocupados de todas as partes, gente que pede esmola em cada canto. Faltam víveres, farinha, o pão preto é horrível, intragável; e tudo caro, caríssimo [...]. Tudo isto são coisas que suportaríamos com coragem e com força pela pátria, mas por uma pátria imposta é um pouco demais; e não tem nada que nos conforte senão... A esperança⁴³¹.

Aquele triste domingo de fim de maio, que levava com ele as últimas flores e o resto de paz das derradeiras semanas da primavera europeia, seria para a Itália e para os territórios além e aquém da fronteira entre o Reino de Itália e o Império Austro-Húngaro, um divisor de águas; um tempo sombrio carregado de incertezas.

Decretada a mobilização geral do exército italiano⁴³², foram declaradas em estado de resistência todas as fortalezas e, em estado de assédio, todos os territórios de fronteira, assim como as ilhas e as cidades da costa do Adriático⁴³³. O território neutro entre o Reino de Itália

428 SCHAUMANN, Walter; SCHUBERT. Peter, *Isonzo: là dove morirono...* op. cit., p. 11.

429 Tropas especiais de montanha, criadas pelo general Giuseppe Perrucchetti (1839-1916).

430 I preparativi di difesa Austriaca nel Trentino, nell'Istria e nella Dalmazia, *Fanfulla*, 1 abr.1915, p. 1; Preparativi austriaci contro l'Italia, *Fanfulla*, 9 abr.1915, p. 2.

431 I dolori e le ansie di Trieste: una lettera sfuggita alla censura austriaca. *Fanfulla*, 3 abr.1915, p. 2. Trecho de carta de um italiano de Trieste enviada a seu amigo de Sassari, que correndo o risco de ser punido pelo Império Austro-Húngaro, expõe toda a sua angústia e esperança na libertação de Trieste. (Apêndice I).

432 A mobilização militar compreende um complexo de operações, mediante as quais um exército se completa de homens, animais, equipamentos e materiais, se reagrupa em grandes unidades de guerra – divisão, corpos de armada e armada – e se recolhe na zona territorial onde devem se iniciar as operações militares.

433 *Fanfulla*, 23 maio 1915, p. 2; *Correio da Manhã: 1910 a 1919*. Rio de Janeiro, ed. nº 5933 de 24 maio 1915. In: Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_02&PagFis=32386>. Acesso em: 1 jul.2015.

e o Império Austro-Húngaro foi sinalizado pela Ponte Caffaro, que se situa entre as províncias de Brescia e do Trentino, onde os rios Chiese e Caffaro encontram o lago d'Idro⁴³⁴.

Quase dez meses haviam se passado desde o início da conflagração europeia. Em 24 de maio, um dia depois da declaração de guerra do Reino de Itália contra o Império Austro-Húngaro, o maior exército que os italianos jamais haviam visto em campo, punha-se em marcha⁴³⁵. Apesar das assustadoras lacunas e da deficiência de armas e de meios adequados, milhões de soldados atravessaram a fronteira italo-austriaca com a missão de reconquistar até o último vilarejo onde o elemento étnico, a cultura e a língua falada fossem predominantemente italianos.

A Primeira Guerra Mundial ganhava assim um novo front que seria, como os demais, palco de violentos e duros combates.

A frente de batalha italiana começou a se formar próximo à fronteira da Suíça, no Passo de Stelvio, percorrendo uma extensão de 600 quilômetros até a parte oriental da planície friulana, compreendendo as regiões do Trentino-Alto Ádige, Vêneto e Friuli-Venezia Giulia. A incrível diversidade topográfica desse território levou os exércitos italiano e austro-húngaro a se enfrentarem não só nas planícies, nas colinas e nos altiplanos, mas também nas montanhas alpinas, a mais de 3.000 metros de altura, desafiando o rigor do clima, as rudes características do solo e os difíceis obstáculos do ambiente hostil. Nas altas montanhas do arco alpino, onde moram as neves eternas, travou-se a *Guerra Bianca*⁴³⁶.

A impermeabilidade do terreno e as implacáveis condições climáticas dificultavam imensamente a vida dos soldados, que tiveram que enfrentar um inimigo mais desumano, mais implacável e mais terrível do que o próprio adversário: a indomável natureza. Os ventos, fortíssimos, assolavam as alturas com tormentas assustadoras. As baixíssimas temperaturas, que nos invernos mais rigorosos, chegaram a registrar 35° C abaixo de zero, enrijeciam as tropas, deixando regimentos inteiros completamente isolados, congelados pelo frio e devastados pela fome. A densa neve impedia ações bélicas de maior fôlego, dificultando o transporte dos víveres e das pesadíssimas cargas de materiais de artilharia, que eram levados montanha acima no lombo de animais ou nas costas dos soldados. Por meses a vida nas

⁴³⁴ Nessa ponte as forças garibaldinas e austríacas se enfrentaram em 25 jun.1866, na chamada *terceira guerra de independência*.

⁴³⁵ A Itália mobilizou 5.673.000 militares: 4.200.000 destinados à zona de guerra, 673.000 aos serviços internos e 800.000 isentos por razões produtivas. ISNENGHI, M.; ROCHAT, G.. *La Grande Guerra: 1914-1918*. Firenze: La Nuova Italia, 2000.

⁴³⁶ A parte mais ocidental do front italiano foi particularizada como *Guerra Bianca* (Guerra Branca), em razão das ações bélicas terem se desenrolado em cenários de alta cota, no grupo montanhoso Adamello-Presanella, Ortles-Cevedale e Marmolada.

trincheiras se resumiu a abrigar-se nos labirintos de galerias escuras e estreitas e em barracas cobertas por metros de neve que, com o degelo, desmoronavam, arrastando pelas encostas tudo o que encontrava pela frente. Estima-se que no front alpino, para ambos os exércitos, dois terços dos mortos foram vítimas dos elementos naturais, e só um terço morreu pela ação militar direta.

É incompreensível para qualquer um, que mesmo enfrentando todos esses obstáculos, suportando todos os sacrifícios para conquistar praticamente nada, os alpinos resistissem até o fim. Era como se cada cume, cada geleira, cada rocha, assumisse para eles um valor simbólico, um desafio absoluto, quase irrenunciável.

Por mais de um século as geleiras alpinas protegeram os seus segredos e conservaram a memória da vida militar em alta cota. Com o processo de degelo que elas vêm sofrendo⁴³⁷, revelam agora os traços mortais da Guerra Branca. Volta e meia surgem objetos pessoais, diários, fotografias, cartas e cartões, restos de armamentos, de canhões e de bombas, cobertos pela ferrugem⁴³⁸.

13. Degelo em Adamello Ortles-Cevedale. Fotos de Stefano Torrione. Itália, 2014. *National Geographic Italia*

Das neves eternas vieram à luz lembranças de amores e de amigos, que o passado congelou: a “carta endereçada à Maria”, que o soldado, colhido inesperadamente pela morte não pode enviar, e o poema ao “amigo dos meus longos dias”, escrito nas páginas do diário de

⁴³⁷ O processo de degelo nos Alpes tem sido tão rápido, que a demarcação fronteiriça entre Itália e Suíça poderá ser deslocada em até centenas de metros. POPHAM, Peter. “Melting Snow prompts Border Change between Switzerland and Italy, In: *The Independent*, United Kingdom, 24 March 2009. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/europe/melting-snow-prompts-border-change-between-switzerland-and-italy-1653181.html>> Acesso em: 12 set.2012.

⁴³⁸ La Guerra Bianca: vivere e morire sul fronte alpino della Prima Guerra Mondiale. In: *National Geographic Italia*, Marzo 2014. Disponível em: <http://www.nationalgeographic.it/dalgiornale/sommari/2014/03/04/foto/national_geographic_italia_marzo_2014-2035194/1/>. Acesso em: 20 abr.2014.

um soldado austríaco⁴³⁹, que os amigos jamais puderam ler. Os mais trágicos testemunhos desse passado distante, exumados dos altos picos das geleiras, são os mais de oitenta corpos de soldados mumificados, alguns praticamente intatos, como se tivessem sido repentinamente cobertos por um grande manto de gelo, e outros, terrivelmente desfigurados, dilacerados, mutilados, que vêm emergindo do seu sepulcro branco, frio e secular, como a nos lembrar, insistentemente, dos horrores da guerra⁴⁴⁰.

14. Restos de soldados austríacos encontrados em alta cota.
Itália. História Militar Online

Ao sul das encostas montanhosas, onde os Pré-Alpes Giulianos encontram a planície friulana, estendia-se a parte mais oriental da linha de batalha italiana, ladeada a leste pelo rio Isonzo, um dos mais belos rios da Europa. “Abaixo da planície, o Isonzo acende uma linha de luz. Parece que naquela veia sinuosa um artista extraordinário mergulhou o seu pincel para decorar o céu com aquelas nuvens admiráveis”⁴⁴¹.

Nascido Soča, o seu nome esloveno, o Isonzo nasce nas encostas dos Alpes Giulianos, a 1.100 metros de altitude, nas proximidades das grandes muralhas do Passo de Moistrocca, na parte mais setentrional da Eslovênia. Guardado pelos paredões do Vale Trenta, que lhe molda o leito, o Isonzo, como outros inúmeros rios e lagos da cadeia alpina, é resultado das

⁴³⁹ História Militar Online. Disponível em: < <http://historiamilitaronline.com.br/2015/07/08/geleiras-derretem-no-norte-da-italia-e-revelam-corpos-de-soldados-da-primeira-guerra-mundial/>> Acesso em: 18 ago.2015.

⁴⁴⁰ Os restos desses soldados foram encontrados em 2004 por Maurizio Vicenzi, guia alpinista e diretor do Museu de Guerra de Peio, no Trento, nas proximidades de San Matteo, a 3.700 m, local de uma das batalhas em maior altitude. In: Corpo de soldado da Primeira Guerra é encontrado em montanha na Itália. BBC Brasil, 25 ago.2010. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/08/100824_soldadoprimeiraguerrafn.shtml>. Acesso em: 25 set.2012.

⁴⁴¹ SALSA, Carlo. *Trincee. Confidenze di un Fante*. Milano: Ugo Mursia Editore, 1995, p. 172. (Coll. Testimonianze). [Texto Original: *In fondo alla pianura, l'Isonzo accende una riga di luce. Pare che in quella vena serpentina un fantastico artista abbia intinto il pennello per decorare il cielo di quelle novole bizzarre.*]

precipitações de abundantes chuvas e copiosas neves, que durante o ano inundam as planícies aos pés das montanhas. Passando ao largo da natureza viva da média e da alta montanha, o Isonzo percorre lentamente as localidades de Kobarid e Bovec, na Eslovênia. Bordejando as encostas do Carso entra em território italiano, atravessa Gorizia e alcança a sua foz no golfo de Trieste, próximo a Aquilea.

15. Rio Isonzo. Itália. Fotos de Mirian Rossi, 2010

Situado hoje entre a Itália e a Eslovênia, à época da Primeira Guerra o curso tortuoso do Isonzo encontrava-se inteiramente em território do Império Austro-Húngaro, abrindo um estreito corredor entre o norte da Itália e a Europa central que, se ultrapassado, poderia levar ao coração da Áustria. Essa posição estratégica transformou o rio de águas cristalinas no mais importante front italiano.

Quando a paz deu lugar à guerra, os ritmos de vida foram bruscamente alterados.

De uma parte à outra, o amplo e complexo sistema logístico militar se estendeu por grandes porções de terreno, sequestrando vias de comunicação, bosques, campos, cidades e aldeias, implantando comandos, hospitais, presídios militares, cemitérios e depósitos, que concentravam todo tipo de artefatos de guerra disponíveis.

As casas próximas às regiões patrulhadas foram invadidas por tropas austríacas, desalojando, sem aviso, os seus moradores. O escritor Italo Svevo, de volta de seu passeio pelos campos do vale do Isonzo, já no ocaso do dia, relata que encontrou a casa que havia deixado pela manhã, ocupada por um “pelotão de soldados de odor selvagem”⁴⁴². Com a evacuação, a maior parte dos habitantes das cidades e dos lugarejos próximos aos limites de

⁴⁴² SCHAUMANN, Walter; SCHUBERT, Peter, *Isonzo: là dove morirono...* op. cit., p. 11. [Texto original: *plotone di soldati dall'odore di selvatico.*]

ambos os fronts, não só foi expropriada de suas moradias, como deslocada para lugares jamais vistos:

Aquele fatal 24 de maio com a dramática evacuação do *paese*⁴⁴³ foi uma hora de grande consternação para a nossa população. A carroça da família carregada com os poucos pertences partiu em direção ao desconhecido, na confiança de poder voltar, segundo as promessas, depois de algumas semanas. Ao invés disso foram mais de três longos anos de exílio [...] dispersando-se por toda parte, mesmo fora da Província; acolhidos geralmente com benevolência, mas às vezes olhados com desconfiança, como gente suspeita e simpatizante dos austríacos⁴⁴⁴.

Do lado austríaco, além de Trieste, o êxodo atingiu particularmente Gorizia, Istria e as regiões do Carso e dos montes Collio. Em marcha em direção ao leste, os refugiados austríacos seguiam por um doloroso e caótico caminho, que os levaria a grandes acampamentos no interior do Império, sem condições higiênicas e sanitárias, onde se morria de fome e de desespero. Nos territórios ocupados pelo exército italiano, os habitantes dos povoados próximos à zona de operações foram transferidos para outras cidades e para velhas aldeias perdidas na Itália meridional. Os campos se esvaziaram dos braços jovens e fortes e a enxada, acostumada a preparar a terra para abrigar a semente que iria gerar vida, iria agora escavar trincheiras, abrir covas, bater a terra que sepultaria as vidas desperdiçadas.

Às centenas de milhares de jovens italianos foi dada a missão de combaterem outros jovens, tão jovens quanto eles que, de um dia para o outro, se tornaram seus inimigos. Fadados a não viver o futuro, esses jovens seriam a principal matéria prima da máquina de guerra, que moldaria o seu temperamento para a renúncia, o seu coração para o sofrimento e a sua alma para a morte.

[...] Em tudo o que diz respeito à organização militar, é necessário contar com uma particularidade da natureza humana; o exército ativo conta com o elemento jovem, pois é isso que assegura a vitória. O soldado jovem resiste melhor e com maior vontade a tudo o que a guerra tem de terrível e penoso; quando se é jovem renuncia-se facilmente à vida: a consciência do presente, sem muitas lembranças do passado, mais facilmente lhe acende o ânimo e o generoso entusiasmo que no momento do perigo é indispensável para resistir à ação destruidora das armas modernas [...] ⁴⁴⁵.

⁴⁴³ No ordenamento da República Italiana *paese* corresponde, neste caso, a um centro habitado de proporções limitadas (vilarejo ou burgo), de usos e costumes particulares.

⁴⁴⁴ TOLDO, Mons. Antonio. *Valdastico, Ieri e Oggi*. Batalha T. 1984, pp. 184-185. Apud BATTISTELLO, Silvana. *Profughi nella Grande Guerra*. Valdagno (Vicenza): Edizioni Gino Rossato, 2007, pp. 49-50. (Apêndice I).

⁴⁴⁵ Mobilitazione generale: come la nazione si muove per la guerra, *Fanfulla*, 2 maio 1915, pp. 3-4. (Apêndice I).

Eles vinham de toda parte... Da Itália peninsular e de além-mar, da cidade e do campo, dos vales e das montanhas. Em cada rosto, um olhar curioso e tímido. Em cada gesto, a vivacidade inquieta da juventude. Mal chegados, eram enviados aos seus distritos e, após um curto período de instrução, eram incorporados aos respectivos batalhões.

Recebemos dez semanas de instrução militar; nesse período sofremos uma transformação mais radical do que em dez anos de escola. Aprendemos que um botão bem polido é mais importante do que quatro livros de Schopenhauer. No princípio, surpreendidos, depois amargurados e, finalmente, indiferentes, reconhecemos que o espírito não era o essencial, mas sim a escova de limpeza; não o pensamento, mas o “sistema”; não a liberdade, mas o exercício. Foi com entusiasmo e boa vontade que nos tornamos soldados; mas fizeram tudo para que perdêssemos ambos⁴⁴⁶.

Um clamor de milhares de vozes invadia as Casernas assim que eles entravam, destoando da rígida e austera disciplina militar. Logo, aquela massa humana seria transformada pela eficiente “fábrica de soldados”⁴⁴⁷. Em dois ou três meses de treinamento para aprender a matar, aqueles jovens, com suas roupas civis de tantos matizes, irrequietos, alegres e rumorosos, se tornariam todos de uma só cor e quietos, muito mais quietos. Com a estrela militar brilhando na lapela, receberiam o seu primeiro fuzil, com o orgulho de quem recebe um prêmio. Marchariam com o passo cadenciado, empunhariam a sua arma como se nunca tivessem feito outra coisa na vida e atravessariam as cidades rumo ao front, com a convicção de que salvariam a Pátria.

Para transformar esses jovens, que vinham prevalentemente de um mundo no qual exerciam as mais diversas ocupações – menos a das armas –, em soldados, não bastava submetê-los a um breve treinamento e vesti-los de verde-oliva. Dentro de cada farda havia um indivíduo, a maioria imaturo, inábil e inseguro. A falta de proteção adequada e a violência dos combates impostos pela guerra, tornavam o recruta vulnerável não só fisicamente, mas também psicologicamente, deixando-o em condições de esmorecer e se aterrorizar frente a ataques e bombardeios que não deixavam saídas.

Era preciso convencê-los de que a guerra era uma manifestação nobre da experiência humana, e uma ocasião para mostrar força e virtude. Esses valores, físico e moral, correspondiam na guerra à disposição para continuar lutando incansavelmente, matando e morrendo se preciso fosse, pela “glória da nação.” As palavras certas, o argumento

⁴⁴⁶ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front*. Porto Alegre: L&PM, 2011, p. 25.

⁴⁴⁷ CAPUA, Vincenzo. *Lettere italiane*. In: *Fanfulla*, 15 mar.1915, p. 3.

apropriado, a linguagem clara, deveriam atingir a mente do soldado como um projétil disparado de longe, e lá permanecer.

O grande aliado para alcançar esse objetivo foi uma das novas armas dessa guerra: a propaganda⁴⁴⁸, posta em campo para reforçar a motivação, revigorar os ânimos, incutir coragem e fomentar o ódio contra o inimigo⁴⁴⁹.

16. *Soldato*. Folheto. Propaganda de Guerra. Rovereto, s.d..
Museo Storico Italiano della Guerra

Caso as palavras, por si, não alcançassem os objetivos esperados, outros mecanismos entravam em cena para impelir o soldado à luta: a oferta de ganhos materiais, que prometiam honra e admiração, mas, que na verdade, desumanizavam o inimigo e aviltavam a condição humana⁴⁵⁰.

⁴⁴⁸ O sentido político atual do termo propaganda, aplicada para influenciar a opinião pública, data da Primeira Guerra Mundial.

⁴⁴⁹ 16. *Soldato*. Folheto. Propaganda de Guerra. In: MONDINI, Marco (org.) *Parole come Armi: la Propaganda verso il Nemico nell'Italia della Grande Guerra*. Catalogo della Mostra, MSIdGG, Rovereto, Italia, 2009, p. 19, Fondo Propaganda 1.1, b.2, fasc .5. [Soldado; os austro-alemães sabem que não podem vencê-lo lealmente; tentam agora com a mentira e com as mais baixas calúnias torná-lo vil . Pela tua casa, por tudo o que há de mais caro ao mundo, responda com a ponta da baioneta: 'DAQUI NÃO SE PASSA'.]

⁴⁵⁰ 17. *Soldati!* Folheto. Propaganda de Guerra. Ibidem, p. 18, Fondo Propaganda 1.1, b.2, fasc .5.

SOLDATI!

Volete farvi onore e guadagnare un pò di soldi?
Domandate di recarvi in pattuglia.

Per ogni soldato nemico che voi prenderete prigioniero il vostro capitano vi pagherà lire venti, per ogni graduato lire trenta e per ogni ufficiale lire sessanta.

Ma avanzate con prudenza, come a caccia, strisciando bene a terra e cercate di circondare le pattuglie nemiche uccidendo chi le comanda. Vedrete che tutti gli altri si daranno prigionieri. E voi perderete le trenta e le sessante lire del comandante ma guadagnerete con poca fatica tante volte venti lire per quanti soldati avrete preso.

Eppoi avrete il gusto di farvi vedere svelti e arditi dai compagni, tutti vi ammireranno!

È un altro vantaggio ancora: contro pochi uomini che marcino bene l'artiglieria nemica non conclude nulla, non spara nemmeno.

A caccia degli austriaci dunque!

17. *Soldati!* Folheto. Propaganda de Guerra. Rovereto, s.d..
Museo Storico Italiano della Guerra

A palavra, usada como arma, cruzava os ares em dezenas de milhares de pequenos folhetos lançados pelos aviões de guerra, e como granadas sem pólvora espalhava-se pelas trincheiras, impelindo o soldado a lutar, a mostrar coragem e a desvalorizar o inimigo, dando forma à correspondência dos combatentes, como mostram alguns trechos extraídos das cartas de Amerigo, que seguindo à risca as regras do exército, revelam uma escrita convencional e esquemática, camuflando os aspectos mais violentos da experiência de guerra com palavras que carregam um humor de gosto duvidoso, denotando um acentuado tom de vanglória:

Caríssimo e amado irmão... tivemos uma grandiosa vitória sobre o inimigo, ocupando duas importantes trincheiras em *Selz* e *Monte Cosich*. O inimigo foi completamente destruído por nós, capturamos cerca de trezentos prisioneiros, duas metralhadoras, um lança bombas e grande quantidade de munições. Durante três dias consecutivos o inimigo contra-atacou, mas sempre falhou, e nós sempre os rechaçamos. O primeiro dia em que ocupamos a famosa trincheira na colina di *Selz*, o inimigo nos deu um grande contra-ataque com poderosas tropas, mas nós, italianos, não tivemos medo, e lhes fizemos fogo com os nossos fuzis, e com a nossa famosa artilharia os rechaçamos com grandes perdas cerca de mil austríacos mortos e feridos. Com sangue frio sob os tiros da artilharia inimiga eu não abandonei nunca o meu posto na *feritoia*⁴⁵¹ e fiz cerca de 8 horas de fogo contra os austríacos e talvez desta vez eu tenha matado uns cinquenta austríacos, com meu fuzil... Pena que não pude matar nem ao menos um

⁴⁵¹ Pequena abertura em muralhas de fortalezas e nas trincheiras, com o objetivo de disparar contra o inimigo mantendo-se protegido.

austriaco com a baioneta desta vez, porque quando fizemos a investida eles todos fugiram da posição que havíamos conquistado...⁴⁵².

Querida irmã... Esta noite tivemos um forte contrattacco (contra-ataque) nemigo (inimigo) no qual queriam a custo penetrar nas nossas trinsceras, (trincheiras), foram rebatidos sempre por nós com os nossos fuzis e bombas a mão que lhes tiramos (atiramos) e a nossa maravilhosa artilharia fazia fogo de todos os lados e (eles) foram batidos com grandes perdas.... Obtivemos a vitória sem nenhum ferido enquanto os austríacos, centenas de mortos jaziam por terra. A nossa esquerda de *Monfalcone* os nossos valorosos compagneiros (companheiros) defenderam uma nossa trinscera (trincheira) que os austríacos com grandes forças, que nem formigas, estavam avançando para ocupá-la... Aqui a nós é um divertimento ver os austríacos pular pelos ares em pedaços dos nossos golpes de canhão que arrebetam nas suas trinsceiras (trincheiras)...⁴⁵³.

O tom jocoso e confiante dos primeiros meses de guerra iria desaparecer nos meses subsequentes, para dar lugar a uma escrita mais aflita, mais sofrida, que chega ao limite do desespero e emerge quase sempre das entrelinhas.

Condicionada pela propaganda, a epistolografia popular de guerra não ficou isenta de preconceitos e estereótipos, o que não ficava restrito à escrita de Amerigo. Outros exemplos podem ser citados, como alguns trechos das cartas analisadas por Gibelli: “se a senhora visse – escrevia um soldado à sua mãe – que divertimento quando se vê algum austríaco levantar a cabeça na sua trincheira todos nós fazemos fogo contra ele.” Outro dizia: “Veja como eu tive a bela sorte de conseguir atirar em um *zuccone* ⁴⁵⁴ e vê-lo cair por terra na própria trincheira” ⁴⁵⁵.

A propaganda e a censura foram as armas com as quais os exércitos garantiam o controle sistemático dos meios de comunicação, mantinham a unidade ideológica e doutrinária, asseguravam o domínio entre as suas fileiras e minavam a coesão do adversário, por métodos de persuasão e por sua ação manipuladora. Foi na Primeira Guerra que os Estados divisaram a importância da propaganda como instrumento de guerra, capaz de construir um elo entre a frente de combate e o mundo externo. O discurso propagandístico enaltecia as virtudes dos exércitos nacionais, legitimava aos olhos do mundo os horrores da guerra, exercia o controle da opinião pública para aceitar a inexorabilidade da guerra e os

⁴⁵² Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada a seu irmão Giuseppe. Zona de Guerra, 2 abr.1916. (Apêndice I).

⁴⁵³ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada a sua irmã Almerinda. Do campo de Batalha, 15 maio 1916.

⁴⁵⁴ *Zuccone*: pessoa pouco inteligente, pouco perspicaz. Usado de forma pejorativa para se referir aos austríacos.

⁴⁵⁵ GIBELLI, Antonio. *L' Officina della Guerra. La Grande Guerra e le Trasformazioni del Mondo Mentale*. Torino: Ed. Boringhieri, 2007, p. 58.

sacrifícios que ela impunha, demonizava e desqualificava o inimigo, ao mesmo tempo em que eliminava a noção de culpa ou responsabilidade por parte dos dirigentes governamentais.

A propaganda contra o adversário atuou no sentido de desmoralizá-lo, tirando-lhe a dignidade e o valor ou insuflando-o à deserção e à insubordinação. Essa tática encontrou terreno fértil na própria conformação do Império Austro-Húngaro, que se via não só como herdeiro do vasto território que se estendia até os confins da Rússia, do Mar Adriático e dos Cárpatos, mas principalmente das doutrinas referentes ao papel a ser desempenhado no mundo. Constituído por interesses diplomáticos, anexações mais ou menos forçadas, e por uma diversidade de etnias, religiões e idiomas, o precário equilíbrio do império levava os seus soldados, muitas vezes, a enfrentar os seus próprios irmãos de sangue. Os italianos valeram-se desse caráter multiétnico para disseminar a suspeição e induzir a discórdia entre os diversos grupos, unidos apenas, e até certo ponto, pela lealdade à dinastia dos Habsburgo⁴⁵⁶.

18. *Soldati Austro-Ungarici* Folheto. Propaganda de Guerra. Rovereto, 1916.
Museo Storico Italiano della Guerra

A questão da etnicidade, trazida para a guerra pela propaganda, representou um elemento novo na cena política europeia, levando muitos soldados do exército austríaco a se sentirem cada vez mais “húngaros”, “poloneses”, “tchecos”, “sérvios”, “croatas”, “romenos”,

⁴⁵⁶ 18. *Soldati Austro-Ungarici* Folheto. Propaganda de Guerra. MONDINI, Marco (org.). *Parole come Armi*:... op. cit., p. 22, Fondo Propaganda 1.1, b.1, fasc .4. (Apêndice I).

“eslovenos” ⁴⁵⁷, o que contribuiu para dar forma ao processo de dissolução do Império Áustro-Húngaro, com a constituição de novos e pequenos Estados nacionais no coração da Europa.

Esse caldeirão humano, que misturava elementos distintos, e muitas vezes antagônicos entre si, não era uma particularidade exclusiva da monarquia dos Habsburgo, mas uma característica geral da guerra, provavelmente de todas as guerras, seja pela presença de minorias étnicas submetidas às grandes potências, seja pelas alianças entre países rivais, movidas por interesses comuns.

Na própria Itália, a despeito dos seus mais de cinquenta anos de unificação, subsistiam ainda, como vimos, regionalismos arraigados, que fragilizavam o sentimento de identidade nacional e fragmentavam a língua em inúmeros dialetos. Ao reunir em suas brigadas tropas vindas de diversas partes do país, o exército italiano teve que lidar com uma variedade linguística que dificultava a comunicação entre os soldados, exigindo muitas vezes a intermediação de um oficial para que as operações fossem executadas.

Esse efetivo compósito foi substancialmente engrossado pelos emigrantes que um dia se dispersaram pelo mundo, e por seus filhos, nascidos em outros solos, que inevitavelmente traziam consigo fragmentos de outras culturas ou mesmo uma nova identidade cultural. Ao lado dos primeiros infantes, que em 24 de maio marcharam em direção à fronteira austro-húngara, acompanhando o murmúrio calmo e plácido do Piave, esses conacionais de além-mar viram as águas do rio sagrado⁴⁵⁸ maculadas de sangue, e a beleza das suas margens expugnada e profanada por devastadoras batalhas, que levaram italianos e austro-húngaros a uma situação limite do confronto étnico, irmanando-os em um trágico destino de sofrimento e morte.

⁴⁵⁷ Segundo a estatística oficial do Império Austro-Húngaro para 1910, a população da monarquia dual, estimada em 52 milhões de habitantes, era formada em sua maioria por alemães e húngaros e outros diversos grupos étnicos fundamentais nessa proporção: alemães (23,4%); húngaros ou magiares (19,6%); tchecos (12,5%); poloneses (9,7%); croatas e sérvios (8,5%); ruteno ou ucranianos (7,8%); romenos (6,3%); eslovacos (3,8%); eslovenos (2,4%); italianos (1,5%); outros (4,5%). *Parole come Armi...* op. cit., p. 51.

⁴⁵⁸ O Piave é considerado pelos italianos um rio sagrado – *Fiume Sacro alla Patria* – porque nas suas margens resistiu-se com êxito aos ataques das tropas austríacas, na última batalha da Primeira Guerra Mundial.

4.3. Cicatrizes Incanceláveis

Mas numa noite triste / se falou de traição, / e o Piave ouvia a ira e o desalento... / Ah, quanta gente viu descer, deixar o teto, / porque o inimigo irrompeu em Caporetto! / Refugiados por todos os lados! Dos montes distantes / a multidão afluía às suas pontes! / Ouvia-se então, das violadas margens, / lento e triste o sussurrar das ondas: / como um soluço, naquele outono negro, / o Piave murmurou: / “Retorna o estrangeiro!”⁴⁵⁹.

Canzone del Piave. Giovanni Gaeta, 1918

Em decorrência da comunicação deficitária entre os regimentos e dos avanços mal organizados, o front italiano estagnou-se na guerra de trincheiras, a mais mortífera da guerra, que não seria concluída rapidamente. Embora já conhecida na antiguidade, a guerra de trincheiras concretizou-se efetivamente na Primeira Guerra, marcando a sua segunda fase, que se caracterizou por ser a mais sangrenta, a mais violenta e a mais desumana.

A trincheira, um fosso estreito e profundo, escavado na linha do front com enorme desgaste para as tropas, era um ambiente frio, úmido, inundado por águas estagnadas e infestado de ratos, pulgas e piolhos. Nela os soldados se deslocavam, abrigavam-se dos golpes inimigos e se preparavam para atravessar a “terra de ninguém”, onde qualquer proteção cessava. Nessas profundas cicatrizes cortadas no solo pantanoso, nas cavernas ou no gelo das montanhas, os soldados viveriam intensos momentos de sobressalto e tensão: a espera angustiante do ataque iminente, os combates corpo a corpo durante os ataques adversários ou, pior ainda, as mortais *shrapnel*⁴⁶⁰, que explodiam no ar arremessando projéteis, com efeitos devastadores para as linhas abrigadas nas trincheiras.

Separados dos adversários “por uma selva de arame farpado, lama e crateras batidas pelo fogo”⁴⁶¹, enterrados em estreitos túneis interconectados, os soldados experimentaram as piores e as mais degradantes condições humanas de sobrevivência em um campo de batalha.

Ali eles lutavam, comiam, dormiam e velavam os mortos.

Dos nevados picos alpinos às enlameadas planícies friulanas, ao longo das montanhas e dos vales, dos lagos e das torrentes, dos pântanos e dos rios, das planícies e dos planaltos, a

⁴⁵⁹ GAETA, Ermete Giovanni... op. cit.. (Apêndice I).

⁴⁶⁰ Espécie de obus, semelhante a um morteiro comprido, que recebeu o nome do seu idealizador, Major General Henry Shrapnel (1761-1842), oficial de artilharia inglês.

⁴⁶¹ MESSENGER, Charles. *A Guerra de Trincheiras*. Rio de Janeiro: Renes, 1978. Apud MESQUITA, Julio *A Guerra (1914-1918)*... op. cit., p. 49.

paisagem se transformava em melancólica e desoladora devastação. A terra rasgada, maltratada, arrasada, perdia pouco a pouco o aspecto de paz. Os campos feneciam, as árvores feridas se retorciam, a enxada cortava fundo o solo em todas as direções, e “até as próprias ruínas pereceram” ⁴⁶². A batalha corria pelos campos como uma caça gigantesca, e parecia que o homem jamais voltaria para esses lugares, senão para lutar.

A colossal operação de guerra da Itália foi comandada pelo General Luigi Cadorna⁴⁶³, considerado um homem de punho de ferro e brutal concepção de disciplina. Sua rígida formação militar e suas ideias, consideradas anacrônicas, receberam inúmeras críticas e contribuíram para que diversos planos de ataque falhassem sistematicamente. O seu caráter inflexível e altivo induziram-no a assumir uma conduta de guerra absolutamente autoritária, tanto com o governo de Roma quanto com os soldados, pelos quais tinha escassa consideração. Mas, apesar da conduta despótica e dos equívocos cometidos na condução da guerra, demonstrou ser um organizador insuperável.

Quando os combates começaram, Cadorna tinha à disposição 400 mil homens nas planícies do Vêneto e do Friuli, contra 110 mil soldados austro-húngaros, que espelhavam a heterogeneidade do Império: dois por cento eram italianos, e somente um quarto falava a língua alemã. Essa formação compósita era superada pelo forte sentimento anti-italiano, especialmente entre aqueles de origem austríaca e eslava. Como observou o Marechal de Campo Hindenburg⁴⁶⁴, as tropas austro-húngaras “combatiam os russos com a cabeça, mas atacavam os italianos com o coração” ⁴⁶⁵.

A Itália carregou para aquela que os patriotas chamaram de a “quarta guerra de independência”, as diferenças provinciais que a unificação não conseguira abrandar. Com um exército formado em sua grande maioria por operários, camponeses e trabalhadores braçais, quase todos iletrados, com pouquíssima consciência política e com uma vaga ideia do que significava identidade nacional, lançou-se no conflito não só para ampliar as suas fronteiras, mas para forjar, definitivamente, a nação.

⁴⁶² *Etiam periere ruinae*. Locução latina usada por Lucano em seu poema épico (*Pharsalia*, IX. 969), que narra a desolação de Julio César ao olhar para as ruínas de Troia.

⁴⁶³ Luigi Cadorna (Pallanza, Piemonte 1850 – Bordighera, Ligúria 1928). General do exército italiano e Chefe do Comando Supremo, de 1914 a nov.1917.

⁴⁶⁴ Paul von Hindenburg (2 out.1847 – 2 ago.1934)

⁴⁶⁵ Apud THOMPSON, Mark. *La Guerra Bianca. Vita e Morte sul Fronte Italiano 1915-1919*. Milano: Il Saggiatore, 2009, p. 93.

A nós soldados diziam sempre que a guerra foi feita porque devíamos recuperar Trento e Trieste, não para conquistar outra coisa. Foi nos dito na verdade que era terra italiana. Mas nós não sabíamos de nada mais e então não discutíamos. Limitávamo-nos a obedecer às ordens⁴⁶⁶.

Para edificar essa história a Itália escreveu páginas dramáticas, que conspurcaram as margens do rio das águas claras e cristalinas e cobriram de sangue a nudez das rochas cársticas.

E se mata assim, a frio, porque tudo aquilo que não alcança a esfera da nossa vida parece que não existe, porque o cérebro se recusa a imaginar e a construir, se não for induzido por qualquer coisa que venha de fora para ele. Se eu soubesse qualquer coisa daquele infeliz, se eu o escutasse falar uma vez, se eu lesse as cartas que ele trazia amassadas junto ao coração, só então me daria conta de estar cometendo um delito matando-o assim⁴⁶⁷.

E se morria assim, aumentando vertiginosamente as perdas que essa guerra infligiu. Os postos médicos, instalados atrás das primeiras linhas pouco podiam fazer. A estrutura precária, e a falta de um teleférico ou ambulância, fazia com que o transporte dos feridos ao hospital mais próximo fosse feito por macas, causando frequentemente a morte do soldado. Como tudo mais, as condições cirúrgicas no campo eram críticas. A esterilização dos instrumentos e demais materiais médicos era quase sempre uma ilusão. A contaminação das feridas com a terra e com pedaços da indumentária, a falta de antibióticos, que só entrariam em uso no entre guerras, expunham os feridos ao terrível risco da gangrena e, por vezes, nem mesmo a amputação representava uma via de salvação⁴⁶⁸.

Em um ano de combate o exército italiano havia perdido 250 mil homens entre mortos e feridos, e se encontrava praticamente na mesma posição que havia ocupado no início das investidas. A propaganda e a censura enfatizavam as grandes vitórias, o notável número de prisioneiros capturados, mas os soldados que retornavam do front descreviam episódios dramáticos. O otimismo difuso da imprensa interventista se dissolveu rapidamente e o luto das famílias tornou-se a regra. O mergulho cego na barbárie, as vidas inutilmente perdidas, as falsas promessas, as difíceis privações, os esforços sobre-humanos, que pareciam inúteis, abalaram a moral e as condições psicológicas dos combatentes, que se deterioravam a olhos vistos.

⁴⁶⁶ BULTRINI, Nicola. *L'Ultimo Fante: La Grande Guerra sul Carso nelle Memorie di Carlo Orelli*. Contemporanea (Collana diretta da Marino Manielli). Brescia: Nordpress, 2004, p. 20. (Relato do Soldado Carlo Orelli). (Apêndice I).

⁴⁶⁷ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit. p. 111. (Apêndice I).

⁴⁶⁸ Museo Difuso del Grappa dal Brenta al Piave.

Os que marcharam com a convicção de que libertariam os povos oprimidos, e de que dariam à pátria o seu sangue e a sua própria vida, foram, desde o início do conflito, recebidos com desconfiança pela população friulana e isontina. Enviados ao front após um treinamento sumário, mal equipados, tratados com extrema dureza, os soldados italianos morriam ou desapareciam aos milhares⁴⁶⁹.

Os violentos combates, entretanto, não eram os únicos responsáveis. A Itália mobilizou o mesmo número de soldados que o Reino Unido, mas o número de condenados à morte, na Itália, foi três vezes maior. “Nenhum outro exército puniu com o extermínio unidades inteiras, repetidamente, fuzilando homens escolhidos ao acaso”⁴⁷⁰. Esse brutal rigor voltou-se também para os soldados capturados pelo exército inimigo no curso da guerra. Até o fim do conflito, de 600.000 combatentes italianos que caíram prisioneiros, mais de 100.000 morreriam de tuberculose e de fome nos campos de concentração. Enquanto os prisioneiros franceses, ingleses, e mesmo russos eram supridos de víveres por seus próprios governos, respeitando os acordos internacionais que estabeleciam normas relativas ao tratamento de prisioneiros, a Itália negava sistematicamente a assistência aos seus soldados:

[...] os nossos soldados são deixados a morrer de fome como por uma destruição sistemática: nenhuma ajuda da pátria, que parece ter renegado esses desafortunados combatentes, feitos prisioneiros após as primeiras e heroicas ofensivas no Carso por uma fatalidade que só quem não viveu a guerra pode se recusar a compreender. Muitos foram capturados feridos no campo; todos são vítimas do dever cumprido ou da mentalidade obscura de certos generais⁴⁷¹.

A perversa face da guerra atemorizava os jovens que se lançaram nessa trágica disputa. Os soldados estavam exaustos e desmoralizados pelos sucessivos fracassos e pelas condições de risco elevado. Batalha após batalha, massacre após massacre punham por terra as previsões otimistas de uma guerra de posições de curta duração. A confiança das tropas estava abalada, e o otimismo deu lugar à frustração por não ter alcançado praticamente nenhum dos objetivos.

Com exceção dos mortos, todos estavam com medo.

⁴⁶⁹ Os dados para a Itália registram 650.000 mortos, (dos quais 100.000 morreram nos campos de concentração); 50.000 no pós-guerra, por causas bélicas; 950.000 feridos; 600.000 prisioneiros e desaparecidos; 452.000 inválidos. MSIdGG, Rovereto, Itália.

⁴⁷⁰ THOMPSON, Mark. *La Guerra Bianca...* op. cit., p. 18.

⁴⁷¹ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 229. (Apêndice I).

A guerra continuaria se arrastando no front isontino, não fosse por um ataque deflagrado por uma nova tecnologia, entre tantas que a Grande Guerra trouxe: a bomba química. Ao amanhecer do dia 29 de junho de 1916, um leve vento soprou nas posições austro-húngaras levantando uma enorme nuvem branca, que se espalhou sobre as trincheiras italianas. O gás composto de cloro e fósforo atingiu as brigadas que se encontravam no Monte San Michele, matando dois mil soldados, e intoxicando cinco mil. Em certo momento o vento mudou de direção, e uma parte da nuvem voltou-se para as trincheiras austro-húngaras, provocando intoxicação e morte de mais de 1.500 soldados da monarquia dual.

Nenhum avanço, nenhum confronto, nenhuma conquista. Só a morte pela morte.

O comando do exército continuou a receber fortes críticas de militares e de políticos que reprovavam as táticas obsoletas e muitas vezes irrealistas de Cadorna, que não surtiavam resultados satisfatórios no campo de batalha, levando à morte milhares de soldados. Um de seus maiores opositores era o coronel Giulio Douhet, oficial do Corpo de Armada Cárnia, que acusava Cadorna de tratar os soldados como se fosse “matéria prima”, não se importando com as incontáveis perdas humanas⁴⁷². O chefe do Comando Supremo respondia às críticas intensificando a censura e infligindo penas cada vez mais severas àqueles que manifestassem opiniões negativas ou pessimistas sobre o desenrolar da guerra.

O crescente desespero entre os soldados, que viam seus companheiros morrerem de maneira vã, deu origem a vários registros de memórias da guerra, entre os quais, e um dos mais sensíveis, os do tenente de Infantaria Carlo Salsa:

Aquilo que avilta, que desmoraliza, que abate, é morrer assim, inutilmente, sem razão. Oh, não se morre pela pátria, assim: se morre pela estupidez de certas ordens e pela covardia de certos comandantes. [...]

Um coronel, desnortado pela carnificina, começou a se opor às ordens que se repetiam como um refrão: Avante a todo custo! Foi destituído, com a justificativa de que, não nutrindo confiança no êxito do ataque, não podia infundi-la nos comandados⁴⁷³.

Os primeiros meses do inverno de 1917, um dos mais frios de todo o século, foram marcados por acontecimentos que mudariam os rumos da Grande Guerra. Com a gradativa saída da Rússia da guerra, em decorrência dos graves problemas internos, diversos territórios ficaram livres para a mobilização das tropas alemãs, reacendendo uma chama de otimismo

⁴⁷² Giulio Douhet em carta endereçada ao ministro para *Rapporti con l'Esercito*, Leonida Bissolati. ROCCA, Gianni. *Cadorna: il Generalissimo di Caporetto*. Milano: Mondadori, 2004, p. 179.

⁴⁷³ SALSA, Carlo. *Trincee: Confidenze di un Fante...* op. cit., pp. 62-63. (Apêndice I).

no comando de guerra germânico e na população austríaca e alemã, que vislumbraram a vitória.

Sentindo-se fortalecida, a Alemanha iniciou uma guerra submarina ilimitada. Essa decisão levou o presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson a declarar guerra à Alemanha, o que foi fundamental para a Tríplice Entente. Nos anos de neutralidade, graças à exportação aos países aliados, os americanos haviam acumulado uma sólida economia, estando em posição de colocar em campo novas armas e novas forças. Com a entrada dos americanos na guerra o conflito assumiu, realmente, a forma de uma guerra mundial.

Na Itália, entretanto, os ventos não soprariam a favor. Com a chegada do outono, Cadorna estava persuadido de que nos próximos meses de 1917, com a chegada do inverno, não haveria nenhuma operação de grande porte no front isontino, à exceção de alguns combates de pouca importância. O general estava seguro de que, se houvesse um ataque, ele não seria deflagrado antes da primavera de 1918, quando os italianos tentariam pela enésima vez, entrar finalmente em Trieste, o grande objetivo de Cadorna.

Essa certeza prenunciava um desastre. Subestimando as informações passadas pelos desertores austro-húngaros, de que havia uma grande concentração de homens e de armas entre as zonas de Plezzo e Tolmino, ambas em território austro-húngaro, os oficiais italianos criaram as condições ideais para que os adversários planejassem um ataque.

Às duas horas da madrugada de 24 de outubro de 1917, no alto do vale do Isonzo, numa madrugada chuvosa, irrompeu o inferno. As linhas italianas entre Plezzo e Tolmino começaram a ser bombardeadas com uma intensidade e uma precisão sem precedentes. Os canhões austro-germânicos apontavam para as linhas de comunicações, para o observatório e para as posições da artilharia. As granadas caíam incessantemente, destruindo grande parte da estrutura italiana. O fogo inimigo iluminava a fosca escuridão da madrugada, e um gás mortal exterminou em poucas horas milhares de soldados da Brigada Friuli, a linha de frente italiana.

Iniciava-se a “Rota de Caporetto”, a décima segunda batalha do Isonzo.

Nessa pequena cidade do alto Isonzo, abriu-se uma das cicatrizes mais contundentes da guerra entre o Reino de Itália e o Império Austro-Húngaro.

Os batalhões austro-germânicos começaram a subir em direção a Caporetto⁴⁷⁴ e, antes de o sol se por, entravam na pequena cidade, com dois mil prisioneiros italianos, rompendo a linha italiana. Acostumados ao imobilismo das trincheiras, os soldados, desorientados,

⁴⁷⁴ A escolha do vilarejo de Caporetto pelo exército austro-germânico deveu-se à sua localização, que ficava distante das linhas da planície do Isonzo. Ainda que situada às margens desse rio, Caporetto ficava ao norte da planície, em região bem mais elevada. Situada à época em território esloveno, a localidade de Caporetto recebeu o nome de Kobarid, após a dissolução do Império Austro-Húngaro.

abandonaram caoticamente todo o Friuli, a parte oriental do Vêneto e do front trentino. Sucessivamente, cerca de um milhão de homens sem comando, praticamente todo o front italiano oriental, começou a recuar em direção ao rio Tagliamento, sem conseguir deter o avanço austro-germânico. Diante do perigo de serem cercados, os regimentos, em fuga desenfreada, retiraram-se para aquém do Piave, a última linha de defesa. Com um golpe de sorte para a Itália, o comando alemão decidiu consolidar a sua posição na Cárnia, dando fôlego para que as tropas italianas se posicionassem e estabelecessem um novo front às margens do rio sagrado.

Nesse doloroso episódio as populações friulana e veneta protagonizaram momentos de intensa dramaticidade, numa fuga desesperada e desordenada de mais de 600.000 civis, acarretando a separação de muitos núcleos familiares. O mau tempo colaborou para que se formassem filas intermináveis de passos arrastados de mulheres, crianças e idosos extenuados e resignados, de carroças entulhadas de fardos enormes, que mal podiam ser puxadas nas estradas lamacentas, retardando ainda mais a fuga.

A estrada, agora, estava abarrotada de refugiados [...] arrastando nas carroças de boi e nas mulas, velhos, mulheres e crianças, e os poucos bens domésticos que puderam salvar das casas repentinamente abandonadas ao inimigo. Os agricultores, apartados das suas terras, eram como náufragos. Ninguém chorava, mas os seus olhos contemplavam o vazio. Era o comboio da dor. As carroças, lentas, pareciam um cortejo fúnebre⁴⁷⁵.

Aqueles que não conseguiram abandonar a zona invadida, deixados à própria sorte, ficaram continuamente expostos a abusos e à violência, assistindo impotentes aos episódios de depredação no Friuli e no Vêneto, aos roubos e saques no campo, ao colapso da produção industrial e à substituição do comércio pelo mercado negro.

A condição dos refugiados era tão ou mais vulnerável. Expropriados bruscamente de suas casas, afastados do ambiente no qual sempre viveram, privados do seu parco patrimônio, que constituía a sua riqueza, eram muitas vezes mal recebidos pela população dos locais de destino. Entre um *paese* e outro, mesmo sendo de uma mesma província, havia uma série de particularidades que os distanciavam, fazendo com que o habitante de um vilarejo fosse considerado estrangeiro pelo habitante de outro. Esse “estranhamento”, se assim podemos chamar, devia-se ao isolamento e à falta de comunicação entre eles, o que, ressalte-se, não ocorria apenas nas zonas próximas ao front, mas em toda a Itália.

⁴⁷⁵ LUSSU, Emilio. *Un Anno sull'Altipiano*. Introduzione di Mario Rigoni Stern. Torino: Einaudi, 2014, p. 21. (1ª ed., Saggi, 1945). (Apêndice I).

19. Refugiados em fuga durante a batalha de Caporetto. Fotografia não identificado. Arredores de Caporetto, 1917

Como uma grande metáfora, Caporetto simbolizou todos os erros táticos e estratégicos dos comandantes. A dramática derrota, que por pouco não levou à completa capitulação da Itália, mudou tudo: a natureza do conflito, a liderança da guerra e, em profundidade, mudou a percepção da opinião pública e intelectual pela forma brutal com que havia sido até então conduzida⁴⁷⁶.

Para os refugiados, as amargas consequências desse episódio perduraram pelo tempo que durou a guerra e se estenderam até 1919, quando eles começaram a reentrar nos seus vilarejos de origem. Alguns não retornaram e, os que o fizeram, encontraram o caos. A desorganização era tal, que demandou não só a total reconstrução dos *paesi*, mas também das numerosas famílias desagregadas, que não reconheciam sequer o rastro das suas próprias raízes.

Para o exército italiano, a derrota de Caporetto, com a consequente recessão do Isonzo ao Piave foi devastadora: 300 mil homens entre mortos, feridos, desaparecidos e capturados, 350 mil soldados privados de comando, milhares de armas pesadas abandonadas e 14 mil quilômetros quadrados cedidos à Áustria-Hungria, em números oficiais. O exército italiano ficou com apenas 700 mil homens, sendo que a metade, por fazer parte da Primeira Armada,

⁴⁷⁶ Embora o topônimo Caporetto tenha desaparecido dos mapas, sua memória sobrevive no imaginário coletivo. De uso corrente na língua italiana é usada para se referir a eventos funestos, como sinônimo de desastre, derrota, catástrofe.

não integrou o front do Piave. As graves perdas obrigaram o Comando Supremo a convocar a classe de 99: os jovens nascidos em 1899, com apenas 18 anos.

Após um breve treinamento, os novos soldados foram posicionados ao longo do Piave, e isolados daqueles que haviam sobrevivido a Caporetto, para que não fossem influenciados pelo sentimento de derrotismo, que naqueles dias reinava nas fileiras do exército e em grande parte da população italiana. Apesar de a situação ser extremamente dramática, Cadorna procurou escamotear a verdade com boletins otimistas, sempre se isentando de qualquer responsabilidade. A sua carreira, entretanto, seria definitivamente encerrada quando, em 28 de outubro de 1917, um novo boletim, assinado por ele, foi divulgado em toda a Itália:

A falta de resistência dos regimentos da II Armada, (que) vilmente se retiraram sem combater ou infamemente se entregaram ao inimigo, permitiu que as forças armadas austro-germânicas rompessem a nossa ala esquerda do front Ciulia⁴⁷⁷.

Assumiu o seu posto o general Armando Diaz, cuja tática de comando era completamente diversa da do seu antecessor. A sua tendência de hábil mediador dissipou o clima de terror imposto por Cadorna, e infundiu confiança nos soldados em um momento chave, que pedia não ações ofensivas, mas simplesmente resistência e coragem para afastar uma derrota definitiva. Com esse espírito, e com a cooperação dos Aliados⁴⁷⁸, formou-se a nova frente do Piave e apesar das condições serem ainda precárias, a resistência italiana mostrou-se surpreendentemente sólida.

Exatamente um ano depois da derrota de Caporetto, teve início a última das tragédias que a Itália vivenciaria na Primeira Guerra Mundial. No final de outubro de 1918, com o rompimento definitivo da linha do Piave, as tropas italianas entraram em Vittorio Veneto, impondo aos austríacos uma derrota tão terrível quanto a de Caporetto fora para os italianos.

A Áustria, vencida, assistiu à retirada caótica das suas tropas e ao fim do seu império.

A Itália, vitoriosa, chegava ao fim da guerra, lembrando os piores pesadelos do Isonzo.

Em 3 de novembro o exército italiano entrava em Trento e desembarcava em Trieste. Nesse mesmo dia o Império Austro-Húngaro e o general Armando Diaz, em nome dos Aliados, assinavam o Armistício de Villa Giusti, em Pádua, que pôs fim à guerra entre a Itália

⁴⁷⁷ LABANCA, Nicola. *Caporetto: Storia di una Disfatta*. Firenze: Giunti, 1997, p. 38. [Texto original: *La mancata resistenza di reparti della II Armata, vilmente ritirati senza combattere o ignominiosamente arresi al nemico, ha permesso alle forze armate austro-germaniche di rompere la nostra ala sinistra sulla fronte Giulia.*]

⁴⁷⁸ Integraram a recomposição do front, cinquenta e uma divisões italianas, três britânicas, duas francesas, uma checoslovaca e um regimento americano.

e a Áustria-Hungria na frente italiana. Na frente ocidental o fim das hostilidades foi oficialmente decretado com o Armistício de Compiègne, assinado pelos Aliados e pelo Império Alemão em 11 de novembro de 1918, na “undécima hora do undécimo dia do undécimo mês” ⁴⁷⁹.

Da guerra a Itália levou os dois grandes símbolos do *irredentismo*: Trento e Trieste, mas dela saiu prostrada, dilacerada por uma profunda crise econômica, militar, política e social, que em pouco tempo a levaria ao Fascismo. A um custo imensurável, material e, sobretudo, humano, a conquista das *terre irredente* encerrava o último ato da trágica epopeia *Risorgimentale*.

⁴⁷⁹ Apesar de esta data ter marcado o fim da guerra, as hostilidades continuaram em outras regiões, especialmente entre partes do antigo Império Otomano e do Império Russo.

V.

ECOS DA GUERRA

5.1. A Guerra em Palavras

Há nesta guerra muitos fatos ocultos, que nem em ecos encobertos chegam às colunas dos jornais [...]⁴⁸⁰.

Julio Mesquita

As notícias desencontradas e vagas sobre a guerra, que chegavam ao Brasil por telegramas e jornais, mais ocultavam do que informavam. Isto é compreensível, uma vez que em tempos de guerra, quando os segredos militares não podem e não devem ser divulgados, há que se observar um novo código para que o inimigo não se apodere de informações que possam colocar a nação em perigo.

Todos os países envolvidos no conflito tomaram as suas precauções para manter em sigilo as táticas e as estratégias de combate. Em Roma, o governo italiano adotou medidas de segurança, que incluíam a abertura da correspondência fechada e dos pacotes postais de origem privada, na eventualidade de conterem notícias militares; proibição de reuniões públicas; controle sobre a introdução e venda de armas e materiais explosivos e permissão para porte de arma; censura eventual de espetáculos públicos, cartões postais ilustrados, cartas, franquia sobre envelopes especiais endereçados ao exército e à marinha; suspensão, modificação e limitação do telégrafo, do telefone e do serviço radiofônico interno e externo e restrição ao correspondente de guerra, italiano ou estrangeiro, de seguir as tropas nos campos de batalha ou permanecer próximo às linhas do front. A imprensa italiana foi proibida de divulgar notícias sobre feridos, mortos, prisioneiros e operações militares, sob pena de sofrer graves sanções caso transgredisse essas deliberações⁴⁸¹.

Os porta-vozes desse evento colossal – os correspondentes de guerra, as agências de imprensa e os veículos de comunicação – tinham como tarefa projetar para o público interno e externo a versão oficial do que acontecia no front, escamoteando o que pudesse ser negativo para a nação e enaltecendo o que era positivo, com o objetivo de elevar o moral do país.

Na guerra, sobretudo na guerra, não se revelam fraquezas.

⁴⁸⁰ MESQUITA, Julio. *A Guerra (1914-1918)*... op. cit..

⁴⁸¹ Le misure interne adottate dal governo. *Fanfulla*, 25 maio 1915, p. 3.

No Brasil, as lacunas, os silêncios, as informações truncadas enviadas pelas agências de notícias⁴⁸² e pelos jornais europeus, dificultavam o trabalho dos articulistas que atuavam nos órgãos de comunicação, particularmente nos jornais *O Estado de S. Paulo* e o *Correio Paulistano*, os maiores periódicos da capital.

A imprensa étnica, que representava os principais países beligerantes, foi a que mais se dedicou à cobertura da guerra europeia, com destaque para o jornal *Fanfulla*, o maior porta-voz das notícias da guerra entre a Itália e a Áustria-Hungria. Nem sempre isento, muitas vezes tendencioso, superando os mesmos obstáculos que os demais periódicos, o *Fanfulla* era o único jornal de São Paulo que chegava nas trincheiras. Contudo, as disparidades entre o que se lia e o que se vivia nos campos de batalha frustravam os soldados. Não foram poucas as cartas em que Americo pedia à sua mãe que lhe mandasse o jornal *O Estado de S. Paulo*, que provavelmente traria notícias menos contaminadas pela censura e pela paixão, sem que tenha recebido um só exemplar:

[...] Querida mãe te faço saber que não recebi o jornal “O Estado de S. Paulo”, nem menos um. É verdade que não me deixarão recebê-lo, mas não faz mal, se me mandares em vez um jornal *Fanfulla* ficarei contentíssimo, este jornal tenho certeza que me deixarão receber ⁴⁸³.

A despeito da dificuldade de receber as informações que se arrastavam e muitas vezes se perdiam na travessia marítima, da precariedade dos serviços telegráficos da época e da forte censura sofrida pela imprensa em geral, os jornais paulistanos trouxeram o cotidiano da guerra para o outro lado do Atlântico, assumindo o desafio de decodificar, informar e explicar aos seus leitores, os complexos, violentos e terríveis episódios que tomavam conta de quase toda a Europa. As possíveis imprecisões ou incorreções eram sufocadas pelo frescor das sensações, pelo entusiasmo ou pela comoção de noticiar o fato no “calor dos acontecimentos”.

Nesse contexto, surpreendem os Boletins de Julio Mesquita, publicados todas as segundas feiras, desde o início do conflito até o seu final⁴⁸⁴. Em suas análises, quase premonitórias, ele prevê a Revolução Russa, a derrota da Alemanha, o surgimento do nazismo e a Segunda Guerra, quando diz: “este conflito não termina agora” ⁴⁸⁵. Seus artigos são

⁴⁸² As informações internacionais eram enviadas quase que exclusivamente pelas agências de imprensa Reuters, de Londres e Havas de Paris, fundadas respectivamente em 1851 e 1835.

⁴⁸³ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada para a sua mãe. Zona de Guerra, 5 abr.1916. [Texto original: *Cara madre ti fo sapere che non ho ricevuto il giornale ‘Lo Stato di S. Paulo’, nemo uno. È vero che non me lo faranno ricevere ma non farà niente, anzi se mi mandate un giornale la ‘Fanfulla’ sono contentissimo. Questo giornale sono sicuro che me lo faranno ricevere.*]

⁴⁸⁴ MESQUITA, Julio. *A Guerra (1914-1918)*... op, cit..

⁴⁸⁵ Ibidem, p. 13.

perpassados por referências históricas, culturais, geográficas e até mesmo por temas pouco abordados, como a propaganda. A sua visão global do conflito e o olhar distante da guerra, permitiam-lhe expressar, com maior acuidade, comentários e convicções sobre as atrocidades do conflito, dirigindo o foco de observação para o ponto crucial da tragédia, consciente de estar assistindo a um evento inédito no mundo.

O palco do conflito – cada batalha, cada manobra, cada conquista – era minuciosamente descrito pelos órgãos de imprensa. Analisado, comentado, ilustrado por cartas geográficas muitas vezes traçadas à mão, os registros conduziam o leitor pelos caminhos da guerra.

20. Boletim Semanal da Guerra. São Paulo, 24 de Agosto de 1914.
O Estado de S. Paulo

Quem escrevia, e quem lia as notícias, não sabia o fim dessa história “cheia de som e fúria”⁴⁸⁶. Ignorava quais e quantos capítulos ela teria ainda, não imaginava quando e como ela terminaria. Por mais de quatro longos anos, escritor e leitor acompanharam juntos, passo a passo, dia-a-dia, palavra por palavra, com espanto e pavor, um drama humano cuja trama não fora escrita *a priori*. No desenrolar desse drama, uns orquestravam no recôndito dos bastidores, onde não chegavam os sons ensurdecedores dos canhões, das bombas, das metralhadoras, esquecendo-se muitas vezes do papel que deveriam representar nesse triste flagelo. Outros, milhares e milhares de coadjuvantes anônimos, sem preparo, sem ensaio, pisavam o ardente prosaetrio europeu e sem nem mesmo se darem conta, eram violentamente tirados de cena.

486 MESQUITA, Julio. *A Guerra (1914-1918)*... op. cit., p. 17.

5.2. Laços de Sangue

Sentei-me sem perguntas à beira da terra, / e ouvi narrarem-se casualmente os que passavam. / Tenho a garganta amarga e os olhos doloridos: / deixai-me esquecer o tempo, / inclinar nas mãos a testa desencantada, / de mim mesma desaparecer, / que o clamor dos homens gloriosos cortou-me o coração de lado a lado⁴⁸⁷.

Os Homens Gloriosos, Cecília Meireles, 1945

Com a eclosão da Grande Guerra, a intensa anormalidade da situação mundial manifestou-se no Brasil em três frentes capitais: a crise de trabalho, o encarecimento dos gêneros de primeira necessidade e a diminuição da corrente imigratória, que se avolumara nos dois últimos anos que precederam a guerra. A esta conjuntura, por si só preocupante, somava-se uma questão externa: a imigração sazonal na Argentina. Essa imigração, composta em sua maioria por italianos, entrava a cada ano no país vizinho entre os meses de setembro e dezembro, na época da colheita, e retornava à Itália tão logo o trabalho terminasse. Com a instabilidade gerada pela guerra, essa corrente imigratória seria forçosamente, se não suspensa, reduzida ao mínimo, e as condições da Argentina se agravariam ainda mais. Não podendo contar com trabalhadores de outros países europeus, era muito provável que os fazendeiros argentinos recorressem aos imigrantes do Brasil, como já ocorrera anteriormente, em 1911, quando o governo italiano proibiu a emigração para a região do Prata por graves problemas sanitários⁴⁸⁸. Se isto de fato se confirmasse, criaria uma crise sem precedentes, com consequências nefastas para a lavoura brasileira.

O quadro crítico que se delineava agravou-se ainda mais com a convocação dos estrangeiros estabelecidos no país, em idade de cumprir o serviço militar. Nos primeiros meses do conflito, os súditos das principais nações envolvidas – França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Bélgica, Rússia e Sérvia⁴⁸⁹ – se apresentaram voluntariamente ou foram convocados pelos respectivos consulados. Entretanto, foi a partir de 1915, com a mobilização geral do exército italiano, decretada em 23 de maio, que a situação tomou corpo.

⁴⁸⁷ MEIRELES, Cecília. *Os Homens Gloriosos*. In: *Mar Absoluto e outros Poemas*. Porto Alegre: Liv. do Globo, 1945, p. 162.

⁴⁸⁸ Echi. *Fanfulla*, 11 jun.1915, p. 2.

⁴⁸⁹ Nos Consulados, *Correio Paulistano*, 11 ago.1914, p. 1; *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., ed. n° 5643 de 7 ago.1914.

FANFULLA

Re ha decretato la mobilitazione generale I primi atti di ostilità nelle frontiere coll'Austria

Il Consiglio Comunale e il popolo di Roma fanno un'imponente manifestazione al Sovrano - L'Ambasciatore italiano
fischiato, ingiuriato, e percosso a Berlino - La Rumenia si prepara ad entrare in guerra
La Grecia abbandonerà la neutralità

Telegrammi dall'Italia

(I telegrammi contrassegnati con asterisco sono stati pubblicati ieri nella
edizione del pomeriggio).

Tutto il popolo di Roma intorno al Re

Il sindaco di Roma presenta le dimissioni perché va alla guerra
e il Consiglio le respinge. Su proposta del Sindaco tutti
i Consiglieri e una immensa folla vanno ad acclamare
il Re al Quirinale.

LA SEDUTA DEL CONSIGLIO

ROMA, 22. — Roma ha fatto ieri sera una manifestazione imponente come quella che accendeva nel 1912 l'esercito liberatore.

Il Sindaco, senatore don Prospero Colonna aveva convocato d'urgenza il Consiglio Comunale per le ore 9 pomeridiane.

Il Consiglio a quell'ora era affollato di cittadini. Le sale dei palazzi capitolini erano piene di rappresentanti, nella piazza una mobilitazione finissima. Si notavano le Società garibaldine, i rotari, club sportivi, Società di M. S. con bandiere.

I palazzi Capitolini erano imbandierati. Alle 5 nell'aula v'erano già quasi tutti i Consiglieri. La parte riservata al pubblico era gremita di valletti e le guardie capoline erano in grande numero.

Presiedente del Senato, era appena poco prima pronunciato l'Inno a Roma e alla guerra che aveva sollevato tutti i consiglieri e che era più conosciuto sommariamente dalla città senza per i cronisti pubblicati del giornale. Il Sindaco principe Prospero Colonna entrò nell'aula delle adunanze Consiglieri alle 5 e 10 minuti.

Egli fu ricevuto da un applauso calorosissimo di tutti i consiglieri e del pubblico.

Apriti la seduta il Sindaco pronunciò un vibrante discorso.

Egli cominciò dicendo: «Dalla riunione di Roma all'Italia il Campidoglio non vide mai una assemblea più solenne di questa. Il popolo volge i suoi sguardi su Roma e tra dalle sue mura le folla... nei destini della patria nella rivendicazione dei suoi diritti.

Il primo anniversario dell'anima italiana era si rinnova e trova nel Sacro suolo della Città Eterna la più solenne consacrazione. Roma, attenta del Campidoglio ai piedi del monumento del Gran Re le Legioni vittoriose. Viva l'Italia. Viva il Re! (Lunghi entusiasmi applausi, ovazioni).

Il Principe Colonna spiega che avendo ottenuto di poter riprendere il suo posto nella fila del nastro come ufficiale di cavalleria potrà subito per il campo. Presenta per ciò le dimissioni dalla carica di Sindaco (Voci: no, no, applausi).

Il capo della maggioranza Apolloni e il capo della minoranza prog. Tencati, prendono subito la parola per invitare il Consiglio a respingere le dimissioni. Essi dicono che Don Prospero Colonna deve andare al campo investito dalla carica di Sindaco della capitale e che Roma e più che mai orgogliosa e fiera di essere da lui rappresentata.

Il Consiglio ai unanimi di voti, fra applausi generali, respinge le dimissioni.

Il Sindaco ringrazia e propone che il Consiglio vada al Quirinale a portare al Re l'Italia il saluto augurale di Roma.

La proposta è approvata fra acclamazioni e il Sindaco si alza e invita i consiglieri e il pubblico a seguirlo.

IL CORTEO — IN PIAZZA VENEZIA — AL QUIRINALE

Si forma rapidamente il corteo. Precedono i vigili municipali in alta tenuta, poi un drappello di valletti capitolini il cui capo regge la bandiera di Roma. Dietro la bandiera vengono il Sindaco, Don Prospero Colonna, gli assessori, i funzionari capitolini, le associazioni dei rotari con le bandiere e una folla imponente.

Il corteo si avvia verso Piazza Venezia. Durante il percorso la folla si unisce ai dimostranti. La manifestazione diventa colossale.

La grande campana del Campidoglio comincia a suonare, e suonerà sino alla fine della manifestazione.

Alle finestre delle case vengono esposte bandiere. La gente acclamava e taceva al saluto.

Il corteo per ordine del Sindaco si dirige a Piazza Venezia.

Poco davanti al palazzo dell'Ambasciatore d'Austria presso il Vaticano. Di-

nanzi al portone monta le guardie un picchetto di carabinieri. Ma i dimostranti non fanno alcuna manifestazione ostile: lasciano un grande, benpensante solo grido: Viva l'Italia!

Diminui al monumento di Vittorio Emanuele II le bandiere si inchinano. La folla canta l'Inno di Mameli. E il corteo per via Nazionale va alla Reggia.

La piazza del Quirinale era già affollata quando vi giunge il corteo. I balconi del palazzo della Consulta sono pieni.

Alle 9 e 25 arriva nella piazza la bandiera di Roma, circondata dalla bandiera di Trento e Trieste, dalla Francia, dalla Jugoslavia, dalla Russia, dal Belgio, dalla Serbia e del Montenegro.

La folla enorme prorompe in una acclamazione immensa al Re.

Immediatamente appaiono sul poggiolo che sta sopra il portone del Quirinale due staffieri che stendono nella folla un tappeto rosso. E subito dopo appaiono il Re e la Regina col principe Ereditario Umberto, e le principesse Jelka e Mafalda.

Nella stessa momento viene inalzata sul poggiolo la bandiera tricolore.

L'entusiasmo della folla si afferma in grido formidabile: «Viva il Re, Viva la Regina, Viva l'Italia!». Le bandiere vengono fatte sventolare e la folla agita i cappelli e i fazzoletti. Dalle finestre della Consulta continua di persone fanno eco alla dimostrazione.

Il momento è indimenticabile. Il Re risponde agli applausi facendo il saluto militare, la Regina e le Principesse si inchinano, il Principe Ereditario batte le mani e agita il berretto di marinaio.

IL SINDACO E LA GIUNTA DI ROMA DAL RE

PER LA GRANDEZZA DEL PAESE!

Intanto il Sindaco e gli Assessori con la bandiera di Roma sono entrati nel palazzo reale.

Il Re li riceve nel salone nobile e dice al Sindaco: «Mi avete portato dal Campidoglio tutto il popolo di Roma?»

«Per la vostra grandezza Sire!», risponde il Sindaco Don Prospero Colonna, e il Re, pronto replica: «Per la grandezza del paese!».

Alcune parole con gli Assessori. Ma fuori la folla acclamava e il Re deve presentarsi di nuovo al balcone. Ma vuole che si presentino con lui il Sindaco e gli Assessori.

La bandiera di Roma viene issata sul balcone. Quando il Re si presenta con

VITTORIO EMANUELE III

alla destra il Sindaco di Roma l'acclamazione della folla raggiunge di forza. Il Sindaco di Roma profitta di una di quelle pause di silenzio che avevano nelle grandi manifestazioni e stendendo la destra grida: «Viva il Re!».

Il Re con voce forte immediatamente risponde: «Viva l'Italia!».

La folla fa suo il grido del Re. L'ovazione è immensa e dura un quarto d'ora. Poi viene cantato l'Inno di Mameli.

Il Re che si è ritirato è costretto a presentarsi di nuovo mentre le bandiere di Trento e Trieste, portate a vanti dalle altre, sventolano sotto il balcone della Regina.

Poi i manifestanti si avviano a Palazzo Margherita per fare una dimostrazione alla Regina Madre.

Giunta dinanzi al palazzo la folla applaude lungamente la Regina Margherita.

Sul balcone del palazzo viene issata la bandiera tricolore e subito dopo appare Margherita. La folla fa una ovazione interminabile. La Regina risponde agitando il fazzoletto.

L'imponentissima manifestazione termina senza alcun incidente.

Gli austriaci tagliano presso l'Indie le comunicazioni telegrafiche e ferroviarie

ROMA, 22. (.) I GIORNALI RICEVONO DA UDINE LA SEGUENTE SENSAZIONALE NOTIZIA: L'AUTORITA' MILITARE AUSTRACA, ADDETTA AL CONFINE, SI E' IMPADRONITA DELLE VALLIGIE POSTALI ITALIANE, HA

La mobilitazione italiana è stata decretata

PARIGI 22. — Il Re d'Italia ha firmato il decreto che ordina la mobilitazione generale dell'esercito italiano.

UNA DIMOSTRAZIONE OSTILE ALL'AMBASCIATORE D'ITALIA A BERLINO

LE SCUDE DEL CANCELLIERE

AMSTERDAM, 22. (.) — Giungo notizia da Berlino che quest'oggi verso il Veb. Com. Riccardo Bolatti ambasciatore d'Italia a Berlino, lasciava l'Ambasciatore, fu fatto segno ad una manifestazione ostile da parte di numerosa folla raccolta nella vicinanza della sede italiana.

Il Cancelliere di Germania ha pre-

scritto una lettera esprimendo vivo dispiacere per il fatto e presentando la propria scusa.

Reichsmann Holweg, Cancelliere, ha inviato un aiutante di campo a manifestare i medesimi sentimenti.

Il popolo di Roma ha accolto con profonda indignazione tale notizia. Si temono gravi dimostrazioni.

Il Segretario del Consolato Italiano a Vienna

linciato dalla folla

PARIGI, 22. (.) E' GIUNTO QUI UN TELEGRAMMA SECONDO IL QUALE IL SEGRETARIO DEL CONSOLATO ITALIANO A VIENNA FU FATTO SEGNO A UNA MANIFESTAZIONE OSTILE DA PARTE DELLA FOLLA.

I DIMOSTRANTI AGGREDIRONO IL SEGRETARIO DEL CONSOLATO PRODUCENDOGLI GRAVISSIME FERITE.

IN SEGUITO A TALI FERITE IL SEGRETARIO CESSO' DI VIVERE.

Questo gravissimo telegramma, ricevuto dai giornali di Rio, non ci è stato ancora confermato.

Il Consolato d'Italia a Vienna aveva come cancelliere il signor Zamoni. Ignoriamo se sia costui o altro funzionario la vittima dell'attacco attentato.

N. d. R.

L'ESODO DEI TEDESCHI DA VENEZIA — UN DEPUTATO AUSTRACO ACCOMPAGNATO ALLA FRONTIERA.

ROMA, 22. (.) Si ha da Venezia: In questi giorni è assolutamente cresciuto l'esodo degli austro-tedeschi residenti in questa città o di passaggio.

Le autorità di polizia hanno proceduto all'arresto di parecchi decine di austriaci e tedeschi, dietro denuncia dell'austriaco militare, che ha buone ragioni per ritenersi spia militare dei boi imperi.

Il deputato austriaco Kanawky, mandato di salvacredito, è stato invitato a passare la frontiera.

IL GENERALE JOFFRE A CADORNA — IL SALUTO ALL'ESERCITO ITALIANO.

PARIGI: Il "Matin" pubblica che il generale Joffre, in visita in un telegramma al Capo dello Stato Maggiore Italiano, generale Cadorna, inviando affettuosi saluti al valoroso esercito italiano.

PEPPINO GARIBOLDI al comando di un reggimento?

BUENOS AIRES, 22. (.) Un telegramma del giorno assicura che a Peppino Garibaldi sarà affidato il comando del 112. reggimento di fanteria.

COMBATTIMENTO ALLA FRONTIERA PRESSO UDINE?

BUENOS AIRES, 22. (.) La "Nacion" riferisce da Roma che alla frontiera in provincia di Udine i forti austriaci aprirono il fuoco d'artiglieria contro le posizioni italiane.

UN SENATORE CHE SI ARRUELA NELLA CROCE ROSSA

ROMA, 22. (.) Il sen. Negriardi, dietro sua domanda, è stato iscritto nei quadri della Croce Rossa.

LA NOTIZIA DELL'ITALIA POTENZE

BUENOS AIRES, 22. (.) La "Nacion" ha da Roma che il Governo italiano ha diretto a tutte le Potenze una nota per spiegare le ragioni che inducono l'Italia a far guerra all'Austria.

La Nota è circostanziata e dimostra la continua e sistematica opera di soppressione del carattere italiano sopra popolazione italiana soggetta all'impero

Os países beligerantes, que em tempos de paz eram tolerantes com os seus cidadãos residentes no exterior cobravam agora, dos que não haviam renunciado à sua cidadania, o cumprimento do seu dever para com a pátria. Isto se aplicava igualmente aos jovens nascidos no Brasil, que embora fossem brasileiros, pelo princípio do *jus solis* – direito de solo⁴⁹⁰ – eram ao mesmo tempo, súditos da pátria de seus pais, de acordo com o princípio do *jus sanguinis* – direito de sangue. Por conta dessa dupla cidadania, a convocação dos italianos, que formavam a maior colônia estrangeira do país, gerou grande preocupação não só dos setores político e econômico, mas, sobretudo, dos pais. Muitos deles recorreram ao Ministério das Relações Exteriores para que os seus filhos, que se encontravam na Europa para estudo, lazer ou trabalho, fossem repatriados e os que estivessem no Brasil fossem impedidos de seguir para a guerra, sem obter sucesso. Nem mesmo o decreto que instituiu as regras gerais de neutralidade do Brasil, em caso de guerra entre as potências estrangeiras, foi capaz de sustar a repatriação dos cidadãos estrangeiros, nascidos ou não em solo brasileiro, apesar de o seu artigo segundo não permitir aos países beligerantes “promover no Brasil o alistamento dos seus nacionais, de cidadãos brasileiros ou de naturais de outros países para servirem nas suas forças de terra e mar”⁴⁹¹.

Com a convocação dos italianos, atuantes em vários segmentos da sociedade, tanto na cidade quanto no campo, o tema da dupla cidadania entrou em debate também nas páginas dos jornais. O *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, estimava uma emigração, só do Estado de São Paulo, de mais de 50 mil italianos, número que não ficava muito longe da média de outros periódicos da capital Federal e de São Paulo⁴⁹². O deputado paulista Marcolino Barreto juntou-se às vozes que chamavam a atenção para os graves problemas que a partida dos italianos e dos jovens ítalo-brasileiros traria para o país. A sua projeção, acompanhando de perto o mesmo número estimado pelo *Correio da Manhã*, era de que não menos de 50 mil italianos residentes no Estado de São Paulo seriam arrolados, privando bruscamente o país de seus melhores colaboradores na indústria e, principalmente, na agricultura, o que se refletiria

⁴⁹⁰ A instituição do conceito do *jus solis* é princípio de base da nossa nacionalidade e matéria constitucional no Direito brasileiro, regulamentada pelo artigo 12 da Constituição Federal. O direito de solo prevalece no continente sul-americano e foi adotado também por outros países de imigração, entre eles Estados Unidos, Canadá e Austrália, como estratégia para criar vínculos permanentes de colonização.

⁴⁹¹ Decreto nº 11.037 de 4 ago.1914. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11037-4-agosto-1914-575458-publicacaooriginal-98652-pe.html>>. Acesso em: 20 set.2015. Este decreto foi complementado pelos decretos nº 11.093, de 24 ago.1914 e nº 11.141, de 9 set.1914.

⁴⁹² *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., ed. nº 5936, 27 maio 1915 e nº 5940, 31 maio 1915; Echi. *Fanfulla*, 11 jun.1915, p. 2.

negativamente sobre a economia da nação⁴⁹³. Embora a saída dos reservistas de origem italiana tenha provocado um importante déficit demográfico na capital paulista⁴⁹⁴, acentuando ainda mais a depressão que o serviço imigratório no Estado já havia sofrido em 1914⁴⁹⁵, não há dados suficientes que confirmem que o “êxodo italiano” tenha atingido tão altas cifras.

Com a entrada da Itália na guerra, o Consulado de São Paulo deu início ao arrolamento dos reservistas, intimando a apresentação imediata dos “italianos por nascimento e paternidade” para serem registrados, examinados e, se considerados aptos, repatriados. Finalizando a chamada às armas, a nota convocatória advertia:

Cada italiano faça o seu dever neste momento solene no qual se decide o destino da Pátria, quando se deve combater pela sua grandeza, para receber o prêmio dos valorosos. Aos insubmissos, aos desertores, após esta chamada caberão as penas estabelecidas pela lei, a eles se voltará o julgamento dos conacionais, e das autoridades será negada qualquer assistência no futuro. S. Paulo, 12 de julho de 1915. O R. Consul Geral, A. Dall’Aste Brandolin⁴⁹⁶.

Os jovens, no seu ingênuo idealismo, atenderam em massa a essa convocação.

O Consulado Italiano custeava as despesas de transporte, após a apresentação do reservista ou voluntário para consulta médica e apresentação de documento comprobatório de identidade. Essas normas, entretanto, nem sempre foram observadas pelo próprio Consulado, que não poucas vezes aceitou a inscrição de jovens com nomes e documentos falsos, menores de idade e filhos de italianos naturalizados, que não tinham o consentimento dos pais ou a obrigatoriedade do alistamento. Vincenzo Sacchitello, por exemplo, naturalizado brasileiro, precisou fazer uma petição ao Ministério das Relações Exteriores para impedir a partida de seu filho Antonio Sacchitello, de 20 anos incompletos que, embora tivesse sido dispensado pelo exército italiano, se inscreveu sem o consentimento dos pais, sendo aceito pelo Consulado. O mesmo se deu com três jovens de 17 anos: David Gonçalves, que embarcou no *Principe di Udine* com o nome falso de Mario Notari; Salvatore Carbonelli, nascido no Brasil, que embarcou no *Regina d’Italia*, com o nome de Francesco Gentile e Umberto Giraldi, cujo irmão, Salvatore, já se encontrava na Itália. Embora apelando para as autoridades competentes, nem todos os pais conseguiram que os seus filhos fossem repatriados.

⁴⁹³ L’esodo degli italiani. La partenza dei richiamati e la sua ripercussione in Brasile, *Fanfulla*, 28 maio 1915, p. 5.

⁴⁹⁴ P. P.. A Capital Paulista... op. cit., p. 3; BANDEIRA, Moscoso. Os progressos de S. Paulo... op. cit., p. 3.

⁴⁹⁵ No decorrer de 1915, o número de emigrantes (26.183), superou o de imigrantes (20.937). Relatório da SACOP... op. cit., 1916, p. 150.

⁴⁹⁶ São Paulo. *Fanfulla*, 18 jul.1915, p. 3. (Apêndice I).

O Consulado foi alvo ainda de vários protestos e demissões de médicos pela decisão arbitrária de arrolar reservistas que, segundo os resultados dos exames médicos, apresentavam doenças contagiosas, o que poderia colocar em risco a sua vida e a dos demais combatentes.

O grande fluxo de inscritos e de convocados superlotava invariavelmente o Consulado Italiano e os locais de distribuição de bilhetes, como o escritório da Casa Martinelli. Os reservistas inscritos para embarque no *Regina Elena*, que deveria deixar o porto de Santos em 16 de junho de 1915, chegavam a quase mil, o que excedia, em muito, os lugares disponíveis nos trens e no navio. Além de essa multidão comprometer a circulação no centro da capital, principalmente na Rua 15 de Novembro, onde se localizava a Casa Martinelli, causava transtorno para os reservistas que já haviam abandonado os seus empregos e para os que vinham do interior, que teriam despesas extras na cidade, até que tivessem autorização de partir, o que poderia levar dias⁴⁹⁷.

22. Reservistas diante da Casa Martinelli. São Paulo
13 Giugno 1915. *Fanfulla*

Dois dias após a entrada da Itália na guerra o primeiro grupo de reservistas a deixar a capital paulista, composto por trezentos e cinquenta jovens residentes na capital e no interior do Estado, aguardava os trens especiais que os levariam a Santos, para o embarque no *Duca di Genova*, a nave que daria início ao transporte dos reservistas italianos até os portos da Itália⁴⁹⁸. Nas primeiras horas da manhã, as plataformas da estação da Luz, situada no distrito do Bom Retiro, na capital de São Paulo, foram tomadas por uma multidão. Os jovens convocados, unidos em torno de bandeiras tricolores improvisadas, cercados por familiares, amigos e um grande número de conacionais, aguardavam ansiosamente o momento do embarque, num misto de animação e nervosismo.

⁴⁹⁷ *Fanfulla*, 13 jun.1915.

⁴⁹⁸ Destinado principalmente às rotas de migração, o *Duca di Genova*, inaugurado em 18 out.1908, compunha com o *Duca d'Aosta* e o *Duca degli Abruzzi* a série de três navios da “classe ducal”. Entre maio e setembro de 1915, mais doze navios fariam a travessia entre o Brasil e a Itália ao longo do conflito europeu, levando para a guerra não só os reservistas brasileiros, mas também argentinos e uruguaios de origem italiana, embarcados nos portos de Buenos Aires e de Montevideu: *Principessa Mafalda*, *Regina Elena*, *Principe Umberto*, *Regina d'Italia*, *Cavour*, *Re Vittorio*, *Tommaso di Savoia*, *Lombarda*, *Cordova*, *Toscana*, *Luisiana* e *Indiana*.

Antes do horário previsto para a partida do primeiro trem o número de pessoas na estação já chegava a dez mil⁴⁹⁹. Na vasta marquise da Luz, espremida contra os muros que circundavam a estação, a colônia italiana estava em peso representada por todas as classes sociais, que aclamavam os futuros soldados com gritos de “viva a Itália.” A multidão tomava conta de grande parte do binário, e se espalhava em direção à Rua Florêncio de Abreu. Na plataforma da ponte da Rua Brigadeiro Tobias, o som da banda *Ettore Fieramosca*, que tocava marchas militares e hinos patrióticos, ressoava

23. Manifestação popular na partida dos reservistas Estação da Luz. São Paulo, 2 giugno 1915. *Fanfulla*

para além da estação, juntando-se aos aplausos fragorosos. Os funcionários da São Paulo Railway se viram impotentes diante daquela massa que só fazia crescer, invadindo todos os recintos, até mesmo os lugares que se supunham inacessíveis: plataformas, galerias, balaustradas, viadutos, sala de espera, escadas e até mesmo o leito da ferrovia fora tomado pela multidão, tornando difícil, senão impossível, as manobras dos trens que partiam e que chegavam. Alguns, para obter um posto privilegiado, subiam nos vagões, escalavam os muros, e tudo o mais que pudesse oferecer-lhes um ponto de vista ou um ponto de apoio. Em certo momento os responsáveis pelo embarque se viram na impossibilidade de conter aquele povo todo, e abriram as cancelas, dando livre acesso às plataformas.

Quando o trem especial entrou na estação foi acompanhado por um prolongado bater de palmas. Envolvidos pela emoção, os reservistas abraçaram os familiares, os amigos, os conhecidos e, em seguida dirigiram-se aos respectivos vagões. Rapidamente espalhou-se o rumor de que todos aqueles que quisessem acompanhar os reservistas até Santos poderiam fazê-lo. Em pouco tempo os dez vagões ficaram lotados, obrigando a junção de mais dois, para acomodar os reservistas que não haviam ainda embarcado.

A locomotiva, levando na parte anterior uma bandeira italiana, emitiu um longo e prolongado assobio e a imensa massa de populares, que lotava todos os cantos da estação, irrompeu em um vibrante aplauso, enquanto o comboio seguia lentamente em direção à

⁴⁹⁹ La entusiastica dimostrazione di ieri ai riservisti in partenza, *Fanfulla*, 27 maio 1915, p. 4.

estação do Brás. Perfiladas às margens da ferrovia, longas filas de conacionais agitavam lenços coloridos, aos gritos emocionados de “viva.” Da Luz a Santos, em todas as estações do percurso, especialmente naquelas dos subúrbios até o Alto da Serra, onde o trem não parava, multidões lotavam os binários aclamando entusiasticamente os reservistas que, com olhos úmidos, retribuíam as saudações.

Chegando à estação de Santos, o grupo paulista foi, mais uma vez, calorosamente aplaudido. Todos os reservistas traziam preso em um anel uma roseta de fita com as três cores da Itália, e se sensibilizaram com as demonstrações de simpatia. Acompanhados de parentes e amigos, e seguidos pela multidão, os jovens percorreram as ruas e as praças centrais, na direção dos consulados das nações aliadas⁵⁰⁰, para em seguida se concentrarem nas docas.

Deixando o porto de Santos, o *Duca di Genova* seguiu para o Rio de Janeiro, onde seriam embarcados os reservistas desse Estado. Às duas horas da tarde um imponente cortejo começou a se formar na Praça da República, liderado pela coletividade italiana e seguido por grandes grupos de brasileiros, franceses e ingleses. Ao som da música e aos gritos de “viva a Itália” e “viva a França” a comitiva se dirigiu para a Praça Mauá, onde uma multidão já estava à espera. As mulheres italianas, com a emblemática roseta tricolor no peito agitavam flores e lenços das cores nacionais. A entusiástica manifestação, acompanhada por mais de cinco mil pessoas⁵⁰¹, atravessou a Avenida Rio Branco sob o aplauso de brasileiros e estrangeiros.

A bordo do navio, os reservistas embarcados em São Paulo e no Rio de Janeiro foram saudados pelas autoridades italianas e pelos jornalistas. Ao cair da tarde, o som da sirene anunciou a partida. Deixando lentamente a Baía de Guanabara, o *Duca di Genova* iniciou a sua rota, levando para a Itália os primeiros reservistas residentes no Brasil, muitos dos quais pisariam pela primeira vez a terra de seus pais.

A comoção desse momento não dava ainda a dimensão do que a guerra representaria para os imigrantes italianos. O passado, relativamente recente, encoberto apenas pelo véu de lembranças adormecidas, voltava à tona: separação, abandono, perda... Mais uma vez era preciso partir... Mais uma vez não havia saída... Onde quer que houvesse sangue italiano a mão da pátria o alcançaria. A guerra atravessava o Atlântico e enredava homens e mulheres de todas as idades e, de maneira mais contundente, os jovens, que compunham um percentual altíssimo dos arrolados.

Para atenuar as dificuldades das famílias que dependiam dos reservistas, a coletividade italiana de São Paulo empenhou todos os esforços possíveis no sentido de prover assistência

⁵⁰⁰ L'arrivo a Santos. *Fanfulla*, 27 maio 1915, p. 5.

⁵⁰¹ La partenza dei riservisti da Rio. *Fanfulla*, 28 maio 1915, p. 2.

aos mais necessitados. Nessa tarefa irmanaram-se pessoas físicas e jurídicas, que atuavam em diversos segmentos da sociedade paulista, incluindo não apenas a colônia italiana, mas também os nacionais e outras coletividades étnicas, que contribuíram não só com as subscrições para angariar recursos, mas também na promoção e organização de inúmeros eventos beneficentes como concertos, quermesses, espetáculos teatrais e musicais, exposições de arte e leilões. A esse grupo juntaram-se a Sociedade Dante Alighieri, Cruz Vermelha Italiana, Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Liga Lombarda, Sociedade Galileo Galilei, a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Leale Obserdank, empresa Fratelli Puglisi Carnone e, sobretudo, o Comitê Italiano Pró-Pátria, criado com o apoio do governo italiano especialmente para esse fim⁵⁰².

Presidido pelo cônsul Giulio Ricciardi, e contando com a participação de conhecidas personalidades da colônia italiana, que ocupavam altos cargos em diversos setores da capital, o Comitê instalou-se na sede da Sociedade Dante Alighieri, no primeiro andar do nº 11 da Travessa da Sé, com o apoio do presidente dessa Sociedade, Gaetano Peppe, que logo seria convocado pelo exército italiano e deixaria o seu cargo tanto na comissão, quanto na presidência da Dante Alighieri.

Como primeira providência, e como base do programa, foi instituída uma comissão de assistência às famílias dos reservistas que ficaram sem meios para o seu sustento. Para tanto, organizou-se um serviço de subscrições permanente e mensal, procedendo-se a uma longa investigação com a finalidade de se estabelecer as reais condições de cada família. Esse trabalho exigiu muito empenho e prudência da comissão, uma vez que, de início, não havia dados suficientes para avaliar o total que poderia ser arrecadado, nem mesmo o número de famílias que deveriam receber o subsídio. Frente a essas incertezas, a comissão deu prioridade às famílias daqueles que já haviam seguido para a guerra, e que deles dependiam financeiramente, e aos reservistas do interior do Estado, que se encontravam absolutamente sem meios de se manter, providenciando alojamento e refeições até o dia de seu embarque.

A subsequente formação de subcomitês nos bairros paulistanos e no interior do Estado e a contribuição de membros da colônia, pobres ou ricos, foram fundamentais para a concretização da árdua tarefa da comissão. Grandes indústrias e bancos italianos, como as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, a Fábrica de Tecidos G. Giorgi, o Cotonifício Rodolfo Crespi e o Banco Francês e Italiano da América do Sul, representado por Vincenzo Frontini, empreenderam esforços para amenizar a difícil situação dos convocados e de suas

⁵⁰² Ibidem, 28 maio 1915, p. 6; 3 jun.1915, p. 4; 3 jun.1915, p. 6; 6 jun.1915, p. 4.

famílias. O Banco Francês e Italiano forneceu passagens de segunda classe aos seus empregados e garantiram aos convocados parte dos seus salários e o seu posto de trabalho, pelo tempo que durasse a guerra⁵⁰³. Essas mesmas condições foram concedidas aos empregados das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo.

No campo, algumas iniciativas, como a do fazendeiro Carlos Leôncio Magalhães, administrador e delegado da Indústria Agrícola e Pastoril d'Oeste de São Paulo, além de permitir que as famílias dos colonos convocados continuassem a ocupar a casa em que moravam, garantiram o trabalho do chefe da família quando do seu retorno⁵⁰⁴.

A esse circuito solidário juntou-se o recém-criado Comitê Feminino de São Paulo, formado por mulheres de diversas classes sociais. Instalado no mesmo endereço do Comitê Pró-Pátria – na Travessa da Sé, nº 11 – o comitê era presidido pela Sra. Vincenzina Puglisi⁵⁰⁵.

Essas mulheres, que estavam à beira de perder tudo o que lhes era mais caro: seus filhos, seus maridos, seus irmãos, uniram-se e se prepararam para enfrentar o difícil porvir, atuando em todos os organismos de mobilização civil que a guerra fomentou, seja como organizadoras, seja como coadjuvantes. Juntas, dedicaram-se a ações que pudessem assegurar o bem estar dos reservistas e de suas famílias e, de modo especial, dos seus filhos. Com essa finalidade o Comitê criou um projeto de manutenção e educação em institutos de ensino, que pudesse acolher os filhos dos repatriados pelo período da guerra, além de lançar a campanha “gota de leite para os filhos dos nossos reservistas”, difundida nas cerca de cem escolas italianas⁵⁰⁶.

A essas mulheres, predestinadas à reprodução biológica da descendência, ao cuidado com a casa, com a alimentação e com a educação dos filhos; a quem cabia a custódia das relações sociais e das memórias da família; que tinham escassa participação nas atividades públicas e econômicas; a quem era negado um lugar na vida oficial do país, e que no momento em que menos forças tinham, mais fortes se faziam, foi entregue a missão de manter ativo o centro vital da sociedade. Em silêncio laborioso, abnegado, resignado elas, as mulheres, cuidaram da casa, da família, tricotaram, costuraram, ocuparam-se da correspondência daqueles que não sabiam escrever – redigindo a carta para o filho, para o marido, para o irmão, enviando-a ao front, recebendo e encaminhando a resposta ao

⁵⁰³ Idem.

⁵⁰⁴ Ibidem. 29 maio 1915, p. 3.

⁵⁰⁵ Ibidem. 17 set. 1915, p. 4

⁵⁰⁶ Ibidem. 14 ago.1916, p. 4. Campanha proposta pela Sra. Silvia Abbene Dejean. [Texto original: *goccia di latte ai fanciulli dei nostri richiamati*].

destinatário – e substituíram a mão-de-obra masculina no campo, na cidade, onde fosse possível, onde fosse necessário.

Com a estação invernal na Europa se aproximando, o Comitê Feminino de São Paulo ampliou o trabalho que já vinha sendo desenvolvido em prol dos reservistas e de suas famílias, lançando uma campanha para a arrecadação de fundos e de matérias-primas destinadas à confecção de vestuário para os militares que estavam no front. Essa iniciativa logo se multiplicaria nos subcomitês dos bairros paulistanos e do interior. Praticamente todas as mulheres italianas, inclusive as alunas das escolas de ensino médio, dedicaram-se à manufatura de malhas, luvas, passa-montanha, meias, cachecóis, e tudo o mais que pudesse aquecer o soldado no rigoroso inverno dos Alpes italianos.

A matéria-prima, como lã, couro e flanela, utilizada para a confecção das peças de vestuário, assim como agasalhos industrializados, eram doados por diversos estabelecimentos fabris e comerciais ou comprados pelo Comitê com o fundo arrecadado pelas subscrições.

A lã apropriada para suportar as severas temperaturas do norte da Itália, nem sempre encontrada na capital paulista, que desfrutava de um clima mais ameno, era muitas vezes importada da Argentina. Além da matéria-prima, o Comitê Feminino fornecia os moldes, os esquemas de trabalho e as instruções para o tratamento do couro e para a confecção do vestuário. As cores eram padronizadas, com o objetivo de deixar o soldado o menos visível possível. As peças que protegiam a cabeça, como passa-montanha e boinas eram confeccionadas em cor branca, para confundir-se com a neve, que nas trincheiras, nas montanhas e por todo o front se estendia como um manto. As demais, que tinham o objetivo de agasalhar e ficavam encobertas pelo uniforme, eram executadas em tons de cinza⁵⁰⁷.

Cada peça doada pelo Comitê era acompanhada por um pequeno bilhete com votos de boa sorte, de esperança e de vitória. Dezenas de cartas chegavam diariamente ao Comitê Feminino agradecendo o envio do vestuário e o afeto transmitido. Uma delas em especial, embora longa, mas paradigmática, merece transcrição. Escrita pelo jovem tenente Ugo Bedogni, e endereçada a Ida Comenale, o seu teor é significativo da gratidão e do espírito expressos nas demais:

Irmã distante. Ontem os meus soldados receberam um pacote doado pelo Comitê Pró-Pátria; cada presente trazia um gentil bilhetinho de saudação que as suas pequenas mãos, ou as igualmente pequenas das suas amigas, escreveram para eles. Em um volume estava junto o seu nome e o seu endereço, e eu pensei em escrever-lhe para agradecer diretamente. Desagrada-lhe, irmã distante? Desagrada-lhe que eu a trate por você? Não a

⁵⁰⁷ *Fanfulla*, 17 set.1915, p. 4; 18 set.1915, p. 4; 19 set. 1915, p. 2; 20 set.1915, p. 2.

conheço; talvez não a venha conhecer jamais, e o seu ato gentilíssimo para com os meus soldados, que eu amo como irmãos, faz sim que eu sinta por você muito afeto e muita gratidão. São tão bons os meus soldados, se você soubesse! Estão sujos agora, depois de um ano de guerra, têm a barba comprida, o rosto enegrecido, a vestimenta da cor da terra; mas nos olhos têm a bondosa ingenuidade da criança e dos fortes. Eles não sabem odiar, combatem por dias inteiros, curvados sobre seus canhões, com os olhos ardentes, matam e se fazem matar, mas, em seguida, à noite, quando é tarde, pensam nos companheiros mortos, nas suas famílias e nas do inimigo! E que coragem eles têm! Sinta-se orgulhosa, você que mesmo distante conserva no seu coração a imagem da nossa belíssima e Santa Itália e o afeto pelos seus filhos, seus irmãos, que por ela sabem superar as montanhas, os canhões, as neves, que por ela sabem oferecer sorrindo a jovem vida! Se vier um dia à Itália, venha visitar o lugar da nossa guerra! Só então compreenderá como eles foram dignos da sua glória! Irmã distante, se não lhe desagradou que eu lhe tenha escrito, deixe-me saber e eu lhe serei muito grato. Se você soubesse que prazer dá aos nossos corações, endurecidos por tantos espetáculos dolorosos, pensar no que está distante, que é bom, que é sonho. Adeus irmã, responda-me se for possível, e quando a sua saudação chegar novamente aqui, quem sabe eu consiga recebê-la. A cada dia a morte nos toca.⁵⁰⁸.

Com o arrastar da guerra, que não acenava com a paz, os recursos para atender às necessidades de todas as famílias subscritas iam se esgotando, apesar dos esforços dos comitês e da colônia italiana. As mais penalizadas eram as famílias com filhos pequenos, que por exigir a presença da mãe, impossibilitavam-na de buscar trabalho fora de casa.

Conforme a guerra avançava na Europa, os dias se faziam cada vez mais difíceis. A única coisa que parecia confortar pais, esposas, filhos e irmãos era a chegada das tão aguardadas cartas que o soldado mandava do front. O que se temia, o que mais angustiava, era não receber carta nenhuma, ou pior, receber a carta com o timbre do Consulado Italiano, transmitindo informações do Real Ministério da Guerra.

Embora a imprensa em geral estivesse proibida de divulgar notícias sobre mortos, feridos, prisioneiros e desaparecidos, o *Fanfulla*, talvez resguardado pela distância, publicava diariamente listas e listas de combatentes feridos ou mortos em campo. Para cada família que sofrera uma perda era enviada uma nota de pesar, como a endereçada a Angiolo Dendi, residente na capital paulista, comunicando a morte de seu filho Aurelio Dendi, em outubro de 1915⁵⁰⁹:

⁵⁰⁸ *Fanfulla*, 26 maio 1916, p. 4. (Apêndice I).

⁵⁰⁹ Aurélio Dendi nasceu em Livorno, em 1895, de onde imigrou com a família no Brasil, em 1898. Embarcou para a guerra em 1 jun.1915, no *Principessa Mafalda*. Deixou em São Paulo a mulher, a suíça Olga Braker, e uma filha de pouco mais de um ano. *Fanfulla*, 19 jun.1916, p. 4.

Senhor Angiolo Dendi – Avenida Tiradentes nº156 – S. Paulo. Com grande pesar participo-lhe que, segundo me informa o Prefeito de Livorno em sua nota do dia 6 de maio, seu filho Aurelio Dendi morreu em consequência de ferimento reportado no combate de 28 de outubro em San Michele. Que lhe sirva de conforto o pensamento de que o bravo soldado deu a vida por uma pátria maior. Por favor, aceite a mais profunda manifestação de simpatia. p.p. R. Consul Geral, Il R. Vice Consul Ugo Sola⁵¹⁰.

Essa nota burocrática dá notícia da morte, mas não da vida, do sofrimento, das privações, do vazio que se implantou na alma do soldado nos campos de guerra. Essa simples nota, mensageira do infortúnio que se abateu sobre a família Dendi, desencadearia no ano seguinte, a sua completa ruína. O amor que Angiolo Dendi tinha pelo filho morto transferiu-se inteiramente para a neta, como uma obsessão. Amava tanto a pequena Derna, que passou a disputá-la com a nora, viúva de Aurelio. Quando esta se casou novamente e manifestou o desejo de se mudar para outra cidade, Angiolo, em um momento de total privação dos sentidos, desferiu-lhe vários tiros, matando aquela que sempre chamara de filha⁵¹¹.

Ao longo da guerra, centenas de famílias italianas receberiam o mesmo comunicado que fora endereçado a Angiolo Dendi, despedaçando para sempre os núcleos familiares. Entre mortos e desaparecidos ou “aqueles que se imolam pela Pátria”, na expressão eufemística da imprensa italiana, as maiores vítimas foram os jovens nascidos entre 1890 e 1900, que tinham entre 17 e 25 anos, e os nascidos na década anterior, alguns dos quais eram veteranos da guerra ítalo-turca (1911-1912), conhecida na Itália também por campanha da Líbia.

Pela “maior glória da Itália” e pela “grandeza de uma pátria maior”, uma parte significativa dessa geração deixou as suas vidas no “campo de honra”, abrindo uma profunda lacuna, soterrada de dor, que o tempo jamais seria capaz de fechar.

⁵¹⁰ *Fanfulla*, 19 jun.1916, p. 4. (Apêndice I).

⁵¹¹ L’emozionante delitto. *Fanfulla*, 4 out.1917, p. 4.

5.3. A Tragédia da Luz

Como ficaram meus dias, e as flores claras que pensava! /
Nuvens brandas, construindo mundos, / como se apagaram de
repente! / Antes o murmúrio da dor, esse murmúrio triste e
simples / de lágrima interminável, com sua centelha ardente e
eterna⁵¹².

Os Homens Gloriosos. Cecília Meireles. 1945

O dia 24 de maio de 1915 representou um divisor de águas para a coletividade italiana de São Paulo. Só nos quatro primeiros meses que sucederam a entrada da Itália na guerra, partiram para o front cerca de 6.500 reservistas italianos⁵¹³. Nos anos que se seguiram, suas famílias viveriam dias de incerteza e ansiedade, à espera de notícias.

Por meses e meses a estação da Luz foi centro de inúmeras manifestações de carinho, de solidariedade, de orgulho, mescladas de tristeza e de dor, que envolveram toda a colônia italiana. Após a partida do *Duca di Genova*, em 26 de maio de 1915, que levou os primeiros reservistas para a Itália, saíram de Santos, no espaço de um mês, os vapores *Principessa Mafalda*, *Regina Helena*, *Lombarda*, *Cordova* e *Principe Umberto*, com mais cinco grupos de recrutas da colônia italiana de São Paulo.

No primeiro domingo de julho de 1915, o sétimo grupo de reservistas, o maior de todos os que já haviam partido de São Paulo, saiu da Luz em um trem especial às 6h30 da manhã com destino a Santos, onde embarcaram nos navios *Regina d'Italia* e *Cavour*.

Para saudar e homenagear os recrutas, a coletividade italiana convidou-os a participar de um cortejo organizado pelo corpo da Banda Musical *XI Bersaglieri* e da Banda *Internazionale* de Vila Mariana, com a presença do diretor e do presidente do *Circolo Brecchia di Porta Pia*. Marcada para ter início às 5h00, a programação previa uma salva de tiros com 21 disparos, enquanto a banda tocava o *Toque de Alvorada*. Às 5h30 o cortejo saiu da sede da Banda Musical, na Rua dos Italianos, seguindo pela antiga Rua do Bom Retiro. Às 6h00 a comitiva partiria em direção à Luz pela Rua José Paulino.

Os que não acompanharam o cortejo se dirigiram bem cedo para a estação, para acomodarem a bagagem e escolherem o melhor lugar para aguardar o momento do embarque.

⁵¹² MEIRELES, Cecília. *Os Homens Gloriosos*, op. cit., 152.

⁵¹³ Conforme levantamento de dados extraídos do jornal *Fanfulla*, que reproduzia as listas dos convocados pelo Consulado Italiano.

O dia mal amanhecia e a temperatura invernal estava amena naquele começo de manhã. O belo edifício da Luz fervilhava de gente. Dos trens, que chegavam de todas as direções, vindos do centro e dos bairros, desciam grupos alegres de amigos e parentes, que levavam os últimos abraços àqueles que partiam.

Em minutos, o pátio, ladeado por um íngreme corredor que conduzia às plataformas da estação, conhecido como “rampa”, e pelas cancelas, que seriam abertas ao público às 6h15, foi completamente tomado pela multidão. Muitas mulheres, quase todas familiares de reservistas, levando no peito a roseta tricolor, distribuíam pequenas lembranças acompanhadas das mais calorosas manifestações de carinho.

Fora da estação, a multidão continuava a crescer. Às 5h30 o aspecto que a Rua José Paulino oferecia, era grandioso e imponente! Centenas de bandeiras agitavam-se para todos os lados, em todos os sentidos, e os primeiros aplausos se fizeram ouvir. Em princípio, as manifestações eram isoladas, mas, quando começaram a chegar alguns garibaldinos, trajando a tradicional camisa vermelha, a multidão explodiu em vibrantes aplausos entremeados de vivas à Itália, ao Rei, ao Exército e à Marinha. Quando as primeiras notas da Marcha Real e do Hino de Garibaldi se fizeram ouvir, todos os presentes, de dentro e de fora da estação, cantaram em coro agitando lenços e bandeirolas. O entusiasmo geral aumentava e todos, comovidos, expressaram sentimentos de amor à pátria italiana, demonstrando uma sincera gratidão aos jovens que se preparavam para partir.

Às 5h45 a estação estava apinhada de gente, dificultando a movimentação. O cortejo, que acompanhava as bandas *XI Bersaglieri* e *Internazionale*, apontou na Rua José Paulino e seguiu em direção à estação, juntando-se ao imenso grupo que ocupava todos os cantos da estação e se comprimia nas ruas e nas calçadas. Uma das cancelas foi aberta para que as bandas musicais pudessem passar, e a multidão acreditou que fosse chegada a hora de entrar definitivamente na estação. Como uma grande onda humana, centenas de pessoas se deixaram levar para aquele ponto, invadindo o espaço reservado para embarque e desembarque de bagagens, onde ainda estavam alguns baús e valises dos reservistas.

Como nada, nem ninguém, é capaz de deter uma onda, os gritos de “Pare!” “Pare!” não foram ouvidos. Um cordão da Guarda Civil barrava o acesso à rampa, mas a multidão engrossava a cada segundo, espremendo-se contra as paredes e contra os que se encontravam na frente. Súbito, homens, mulheres, jovens, idosos e crianças se engolfaram nas valises e baús dos reservistas, que não tinham ainda conseguido embarcar. Como os que estavam mais atrás ignoravam o obstáculo, foram instados a avançar. Com uma rapidez fulminante, em uma fração de segundos, uma corrente humana, cega, impetuosa, inconsciente do perigo, se

precipitou para frente, até que alguém caiu, sem conseguir se levantar. Os braços que se ergueram foram impotentes para conter aquela avalanche, e a avalanche passou, esmagando os infelizes que estavam no chão. Os gritos de ajuda foram sufocados por gritos de dor, que logo se transformaram em gritos de desespero:

— Meu filho! Onde está meu filho? E meu marido? E meu irmão?

Ninguém soube responder.

O primeiro a cair foi um idoso, depois dele, um jovem. Cinco foram os mortos, por asfixia e compressão do tórax e do abdome e dezenas, os feridos, entre homens, mulheres e crianças⁵¹⁴. A multidão não se deu conta do tamanho da desgraça. Os gritos de horror, de desespero, de socorro, dispersaram-se em meio ao som da música e da rumorosa e imensa massa humana.

Às 6h30, como previsto, o trem especial partiu lentamente, saudado com o mesmo entusiasmo das vezes anteriores. Nas plataformas e ao longo da linha férrea, a multidão se aglomerava alheia à terrível tragédia que golpeou a colônia italiana, lançando-a no mais profundo luto.

Em um dado momento, a lentíssima e compacta marcha repentinamente parou. Milhares de mãos se ergueram, fazendo sinal para voltar atrás. Ninguém perguntou o porquê; ninguém protestou; não se alçou um só grito; não se ouviu sequer um murmúrio. Sentindo no ar o espectro de uma desgraça, todos obedeceram em silêncio e, na mais perfeita ordem, retornaram. A música parou, as bandeiras se recolheram. De longe se ouvia o som estridente das sirenes das ambulâncias, produzindo uma sensação exasperante de impotência e pavor.

A solene e arrebatadora demonstração patriótica, que levou à estação da Luz milhares de pessoas, que em muito superava as que assistiram às partidas precedentes, transformou-se em uma tragédia que provocou novas razões para o pranto e para a dor. Da alegria esfuziante passou-se quase que instantaneamente, a um silêncio sepulcral.

⁵¹⁴ *Fanfulla*, 5 jul.1915, pp. 5-6

5.4. Relações em Conflito

Para onde tudo vai, para onde tudo voa, / Sumido,
confundido, esborado, à toa, / No caos tremendo e nu dos
tempos a rolar⁵¹⁵? Que Nirvana genial há de engolir tudo isto.

Alucinação. Cruz e Sousa

Ao longo do ano de 1914, com a guerra já assolando a Europa, São Paulo enfrentou uma queda substancial nas estatísticas da imigração⁵¹⁶. Não obstante esse decréscimo, o Estado recebeu na sua Hospedaria durante esse período, imigrantes de trinta nacionalidades⁵¹⁷, algumas já estabelecidas em décadas passadas, e outras que aqui pisavam pela primeira vez. Essa multiplicidade étnica formava um abrangente mosaico, que se espalhou pelos Estados da Federação, unindo em um mesmo solo os filhos das Américas, da Europa e da Ásia, que os anos ensinaram a conviver. A guerra, entretanto, que carrega com ela as sombras do infortúnio, em pouco tempo engendrou antagonismos e fomentou o ódio de uns contra outros.

Poucos dias após o início da conflagração mundial o Brasil declarou-se neutro, alinhando-se à posição dos Estados Unidos e, como este, assim permaneceu nos três primeiros anos da guerra. Com o objetivo de resguardar a posição assumida pela nação brasileira, regulamentar os procedimentos a serem observados – com relação aos navios de guerra e aos navios mercantes dos países beligerantes – e salvaguardar o intercâmbio comercial com a Europa, o presidente Hermes da Fonseca emitiu um decreto⁵¹⁸ definindo regras estritas de conduta. O primeiro artigo do decreto federal determinava que os residentes no Brasil, nacionais ou estrangeiros, deveriam abster-se de qualquer participação ou auxílio em favor dos beligerantes, assim como prevenir algum ato que pudesse ser considerado hostil a uma das potências em guerra. Essas normas, entretanto, não obstaram o apoio, a um ou a outro

⁵¹⁵ CRUZ E SOUSA, João da. *Alucinação...* op. cit..

⁵¹⁶ A imigração espanhola, que vinha crescendo vertiginosamente, teve, em 1914, um decréscimo de 15.263 imigrantes em relação à do ano anterior: 30.166. A portuguesa, que em 1913 havia chegado a 37.056, foi estimada em 11.697 entradas, e a imigração italiana diminuiu cerca de 50%, em relação aos anos de 1912 e 1913. Cf. Relatório da SACOP... op. cit., 1914, pp. 151-152.

⁵¹⁷ No ano de 1914 deram entrada na Hospedaria de Imigrantes de São Paulo cidadãos das seguintes nacionalidades: espanhola, italiana, portuguesa, japonesa, alemã, austríaca, turca, russa, suíça, grega, húngara, francesa, belga, argentina, dinamarquesa, holandesa, uruguaia, colombiana, sueca, indiana, inglesa, norte-americana, venezuelana, cubana, romena, albanesa, búlgara, chilena, mexicana e sérvia. Cf. Relatório da SACOP... op. cit., 1914, p. 163.

⁵¹⁸ Decreto nº 11.037, 4 ago.1914... op. cit..

bloco, por parte de praticamente todos os segmentos sociais, assim como não foram capazes de impedir as manifestações de agressividade mútua, dividindo as opiniões que se confrontavam com um dilema: nas mãos de quem estaria o futuro da humanidade?

A afirmação da neutralidade do Brasil tinha como prioridade manter intato o comércio do principal produto agrícola do país: o café, base da economia brasileira. Como este não era um produto essencial em tempos de guerra, a sua exportação e as correspondentes rendas alfandegárias auferidas, sofreram uma importante queda. A proibição da Inglaterra da importação do grão, para dar lugar no compartimento de carga a produtos de primeira necessidade foi acentuada, ainda mais, após o início da guerra submarina irrestrita, deflagrada pela Alemanha em 1917. Para os países que assumiram a isenção no conflito, o mais crítico era terem as suas cargas apreendidas e danificadas, os seus navios impedidos de transitarem livremente e atracarem em alguns portos europeus e, sobretudo, o naufrágio e a morte de tripulantes e passageiros dos navios torpedeados pelos submarinos alemães.

O primeiro episódio, que abalaria as relações entre o Brasil e o Império Alemão, ocorreu em maio de 1916, quando o navio *Rio Branco*, da frota mercantil brasileira, que deixara Gutenberg, na Suécia, com um importante carregamento de máquinas industriais, foi posto a pique por um submarino alemão a oeste da Ilha Coquet, na Inglaterra. O Ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, declarou na ocasião que o país, como potência neutra, agiria de acordo com as normas para salvaguardar os seus direitos. Com o endurecimento das relações Brasil e Alemanha alguns meses depois o ministro, defensor da neutralidade, de sobrenome e ascendência alemã, sofrendo forte pressão por uma parcela da imprensa e da opinião pública, entregou ao presidente da República, em caráter irrevogável, a sua carta de exoneração da pasta do Exterior⁵¹⁹.

Em 5 de abril do ano seguinte, o navio *Paraná*, o maior cargueiro sul-americano, considerado o melhor vapor da Companhia de Comércio e Navegação, navegava da Madeira ao porto francês de Le Havre carregado de açúcar e café, quando, encontrando-se a 10 milhas de Barfleur, entre o Canal da Mancha e o litoral da França, foi atingido inesperadamente por um torpedo a bombordo, na altura do compartimento de máquinas, causando a morte do quarto maquinista e de dois foguistas, ferindo grande parte da tripulação. Essa agressão foi considerada desarrazoada, uma vez que o cargueiro brasileiro navegava à noite, em águas neutras, e trazia a sua nacionalidade nitidamente anunciada pelas luzes coloridas e o pavilhão nacional pintado nos bordos e estendido no mastro, de acordo com as exigências de sua

⁵¹⁹ *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., ed. n° 6644, 4 maio 1917, et seq...

condição de país neutro. Após o ataque, o submarino alemão emergiu e disparou cinco tiros de canhão contra o navio já parado, certamente com a intenção de afundá-lo rapidamente. A pronta intervenção de um torpedeiro francês conseguiu recolher os naufragos, e em menos de cinco minutos o *Paraná* submergiu⁵²⁰.

Correio da Manhã

RIO DE JANEIRO — DOMINGO, 8 DE ABRIL DE 1917

UM MOMENTO GRAVE PARA O BRASIL

Além de torpedeado, o "Paraná" foi alvejado com cinco tiros de canhão, diz um telegramma recebido hontem! Succedem-se as manifestações de protesto contra o atentado

A responsabilidade do governo

O governo agarda as últimas informações relativas ao torpedeamento do *Paraná* para, com perfeita calma, decidir se deve, ou não, declarar guerra ao Brasil. Entretanto, não sendo desenvolvido o caso, não se permite o mais ligeiro vislumbre de dúvida, que o vapor brasileiro, ao ser atacado, não tenha sido vítima de um torpedeiro francês, e não de um submarino alemão.

Em nota enviada ao Brasil, o ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declara que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declara que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declara que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia.

O "meeting" dos ministros

O torpedeamento e as classes marinhas

Paralelamente ao torpedeamento do *Paraná*, o ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o vapor brasileiro foi alvejado com cinco tiros de canhão. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia.

O ministro da Marinha chega do exterior

O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior.

bre os motivos da morte do governo no desastre da noite de sábado, o ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia.

bre os motivos da morte do governo no desastre da noite de sábado, o ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia.

bre os motivos da morte do governo no desastre da noite de sábado, o ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia.

bre os motivos da morte do governo no desastre da noite de sábado, o ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia.

OS ACONTECIMENTOS DO DIA

A opinião pública e o governo

Os jornais da República não se contentam com a simples notícia do torpedeamento do *Paraná*, mas fazem uma análise crítica do governo. Os jornais da República não se contentam com a simples notícia do torpedeamento do *Paraná*, mas fazem uma análise crítica do governo.

O torpedeamento e as classes marinhas

Paralelamente ao torpedeamento do *Paraná*, o ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o vapor brasileiro foi alvejado com cinco tiros de canhão. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia.

O ministro da Marinha chega do exterior

O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior.

O torpedeamento e as classes marinhas

Paralelamente ao torpedeamento do *Paraná*, o ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o vapor brasileiro foi alvejado com cinco tiros de canhão. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia.

O ministro da Marinha chega do exterior

O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior.

A opinião pública e o governo

Os jornais da República não se contentam com a simples notícia do torpedeamento do *Paraná*, mas fazem uma análise crítica do governo. Os jornais da República não se contentam com a simples notícia do torpedeamento do *Paraná*, mas fazem uma análise crítica do governo.

O torpedeamento e as classes marinhas

Paralelamente ao torpedeamento do *Paraná*, o ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o vapor brasileiro foi alvejado com cinco tiros de canhão. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia.

O ministro da Marinha chega do exterior

O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior.

O torpedeamento e as classes marinhas

Paralelamente ao torpedeamento do *Paraná*, o ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o vapor brasileiro foi alvejado com cinco tiros de canhão. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia.

O ministro da Marinha chega do exterior

O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior.

A opinião pública e o governo

Os jornais da República não se contentam com a simples notícia do torpedeamento do *Paraná*, mas fazem uma análise crítica do governo. Os jornais da República não se contentam com a simples notícia do torpedeamento do *Paraná*, mas fazem uma análise crítica do governo.

O torpedeamento e as classes marinhas

Paralelamente ao torpedeamento do *Paraná*, o ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o vapor brasileiro foi alvejado com cinco tiros de canhão. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia.

O ministro da Marinha chega do exterior

O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior.

O torpedeamento e as classes marinhas

Paralelamente ao torpedeamento do *Paraná*, o ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o vapor brasileiro foi alvejado com cinco tiros de canhão. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, declarou que o *Paraná* foi torpedeado por um submarino alemão, e não por um torpedeiro francês, como se dizia.

O ministro da Marinha chega do exterior

O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior. O ministro da Marinha, Sr. Lopo de Almeida, chegou ao Brasil, vindo do exterior.

Assim que a notícia chegou ao Brasil, uma onda de protestos e um clima de hostilidade disseminaram-se pelo país, pondo em xeque a neutralidade brasileira. Em 11 de abril de 1917, com a conclusão das formalidades do inquérito, realizado em Cherburgo por um dos secretários da legação brasileira, o governo federal comunicou ao representante do Reich no Rio de Janeiro, Adolf Pauli (1860-1947), o rompimento das relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha. A neutralidade entretanto foi mantida, embora as ruas clamassem por uma reação mais afirmativa do governo.

As manifestações populares, em princípio pacíficas, ganharam vulto e passaram a investir indiscriminadamente contra estabelecimentos de propriedade de alemães e de seus descendentes. As ocorrências mais graves tiveram lugar em Porto Alegre, onde se registraram violentos atos de vandalismo contra mais de duas centenas de casas alemãs, com o apedrejamento às instalações dos jornais *O Diário*, *Deustsch Zeitung* e *Neu Deustsch Zeitung*. Após rumores de que um sócio do *Turner Bund* havia rasgado e incendiado o pavilhão nacional, os ânimos se inflamaram mais ainda, tomando uma dimensão incontrolável. Os manifestantes, aos gritos de “viva o Brasil” e “morte à Alemanha”, encaminharam-se para o centro da cidade em bondes apinhados, de carro ou a pé, e quando passavam em frente ao *Grande Hotel Schmidt* foram atingidos repentinamente por vários tiros, disparados pelo proprietário do hotel, seu filho e mais um vizinho, deixando três brasileiros feridos. Em represália, os populares apedrejaram o hotel e, no dia seguinte, fizeram o mesmo com os edifícios das empresas *Bromberg & Comp.*, *Fraeb & Comp.*, *Lucksinger & Comp.* e com o imóvel ocupado até recentemente pelo consulado alemão. Não satisfeitos, os manifestantes atearam fogo ao *Grande Hotel*, que ficou praticamente reduzido a cinzas. Vencendo a resistência policial, um grupo mais exaltado seguiu nessa marcha alucinada, incendiando o edifício *Bromberg & Comp.*, onde funcionavam o consulado da Noruega e o palacete assobradado de propriedade da *Sociedade Germânica*, oferecendo um horrível espetáculo jamais visto na capital gaúcha. Em poucos minutos as chamas, empurradas pelo vento, se alastraram para outros edifícios do centro da cidade, alcançando estabelecimentos de propriedade não só de outros estrangeiros, mas também de brasileiros. Nessa insana destruição, comandada pela intolerância, um bombeiro morreu, três sofreram graves ferimentos, centenas de pessoas ficaram desalojadas e desempregadas e Porto Alegre amargou uma dor e um prejuízo incomensuráveis⁵²¹.

⁵²¹ *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., edições nº 6617, 7 abr.1917 a nº 6633, 23 abr.1917.

Nas semanas e meses que se seguiram ao naufrágio do *Paraná*, ocorreram novos ataques dos submarinos alemães contra navios brasileiros desarmados. Em 20 de maio, o navio *Tijuca* foi torpedeado a estibordo quando passava a cinco milhas a sudoeste do farol de Pierres Noires, a pouca distância da enseada de Brest, na França. Esse episódio contribuiria para que o governo brasileiro revogasse o decreto que estabelecia a neutralidade do Brasil na guerra entre Estados Unidos e o Império Alemão⁵²², dando permissão aos navios de guerra norte-americanos para o uso dos portos brasileiros além de outras pequenas vantagens. Dessa forma, o Brasil manifestava solidariedade à nação norte-americana que, em decorrência da política de guerra submarina comandada pela Alemanha, abandonara a sua posição neutra em 6 de abril de 1917. Seguindo igual postura, em 28 de junho desse mesmo ano, o Presidente da República, Venceslau Brás, assinou a revogação de todos os decretos que determinavam a neutralidade do Brasil na guerra de França, Rússia, Inglaterra, Japão, Portugal e Itália, contra o Império Alemão⁵²³.

Dois meses depois da investida contra o *Tijuca*, em 26 de julho, o próximo navio brasileiro a sofrer as consequências da guerra submarina alemã seria o *Lapa*. De propriedade do Lloyd Brasileiro, o navio foi torpedeado no golfo de Cádiz, na Espanha, quando seguia viagem do Rio de Janeiro para Marselha com um carregamento de café e frutas. Toda tripulação foi salva, e desembarcou em Sanlúcar de Barrameda, na província de Málaga⁵²⁴. Em 18 de outubro, mais um navio mercante brasileiro, o *Macau*, que se dirigia aos portos franceses com uma carga de café e de cereais, foi bombardeado no golfo de Biscaia, entre a costa da Espanha e a costa sudoeste da França. Conforme notícias enviadas de Londres e de Madri, o comandante e o contramestre haviam sido presos e os vinte e quatro tripulantes, resgatados por um torpedeiro espanhol, seguiram para Vigo e foram repatriados com a assistência do Consulado brasileiro nessa cidade⁵²⁵.

O ataque ao *Macau* foi a gota d'água que precipitaria acontecimentos mantidos à distância durante muito tempo. A política de neutralidade do Brasil mantinha a esperança de que o afastamento geográfico permitisse enfrentar o conflito mundial sem que o país tivesse que atravessar a devastação da guerra. Entretanto, em face dos reiterados episódios de agressão e do aumento da pressão popular contra a Alemanha, o governo brasileiro rompeu

⁵²² Decreto nº 12.458, de 25 abr.1917 e Decreto nº 3.266, 1 jul.1917. Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/_decret/1910-1919/decreto-3266-1-junho-1917-572739-norma-pl.html>. Acesso em: 1 out.2015.

⁵²³ Decreto nº 12.533, 28 jun.1917. Senado Federal. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=35509&norma=51186>>. Acesso em: 3 out.2015.

⁵²⁴ *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., ed. nº 6663, 23 maio 1917.

⁵²⁵ *Fanfulla*, 26 out.1917, p. 1; 28 out.1917, p. 2 et seq..

definitivamente a neutralidade e sancionou a resolução legislativa que, em seu Artigo Único, declarava:

Fica reconhecido e proclamado o estado de guerra iniciado pelo Império Alemão contra o Brasil, e autorizado o Presidente da República a adotar as providências constantes da mensagem de 25 de outubro corrente e tomar todas as medidas de defesa, nacional e segurança pública que julgar necessárias, abrindo os créditos precisos ou realizando as operações do crédito que forem convenientes para esse fim; revogadas as disposições em contrário. Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1917, 96º da Independência e 29º da República⁵²⁶.

No Congresso, “as galerias estavam repletas de acadêmicos e representantes das classes populares” ⁵²⁷. Tão logo a redação final do projeto foi lida em plenário, o requerimento foi deferido sob uma prolongada salva de palmas. Em seguida, uma densa massa de populares e de estudantes dirigiu-se ao Palácio do Catete⁵²⁸ empunhando a bandeira brasileira e as bandeiras das principais nações que integravam o bloco dos Aliados⁵²⁹, ao qual o Brasil se juntou. Declarado o rompimento da neutralidade o governo brasileiro, não obstante as limitadas possibilidades militares, adotou medidas para o fortalecimento e organização do Exército e da Marinha, promovendo a abertura dos nossos portos às unidades aliadas e o patrulhamento do Atlântico Sul pela esquadra brasileira, em apoio ao esforço de guerra.

Menos de um mês depois da proclamação de estado de guerra contra a Alemanha, o Governo Federal declarou em estado de sítio, para fins constitucionais, as regiões do território nacional que assim o exigissem, como medida essencial para assegurar os interesses da defesa nacional e proteger a ordem pública, tornando sem efeito os contratos e operações celebrados com súditos inimigos – individualmente ou em sociedade – para fornecimentos e obras públicas de qualquer natureza, assim como todas as transações que, a juízo do governo, fossem consideradas lesivas aos interesses nacionais. Entre outras medidas de fiscalização, controle e cerceamento de direitos, o Poder Executivo poderia ainda:

- sequestrar títulos, bens, valores e créditos, sob pena, em caso de recusa ou omissão, de pagamento de multa, que poderia exceder a quantia correspondente a 50% do valor não declarado;

⁵²⁶ Decreto nº 3.361, 26 out.1917. Senado Federal. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=64641&norma=80548>>. Acesso em: 31 ago.2015.

⁵²⁷ *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., ed. nº 6820, 27 out.1917.

⁵²⁸ O Palácio do Catete, no município do Rio de Janeiro, foi oficialmente sede do poder executivo brasileiro de 1897 a 1960, quando o governo central foi transferido para a recém-inaugurada cidade de Brasília.

⁵²⁹ *Fanfulla*, 27 out.1917, p. 2.

- proibir as relações comerciais entre nacionais e estrangeiros, residentes no Brasil, com cidadãos inimigos residentes no exterior;
- reter as exportações para o estrangeiro de mercadorias e bens de qualquer espécie, assim como processos de naturalização dos súditos das nações inimigas;
- restringir ou suspender, no interesse da defesa nacional, os direitos pertencentes a súditos inimigos em matéria de propriedade industrial, enquanto durasse o estado de guerra;
- internar em campos de concentração ou em lugares não destinados às prisões comuns, aqueles que se mostrassem contrários ou suspeitos à causa do Brasil⁵³⁰.

Essa mudança de rumo incidiu fortemente sobre as atividades, as ações e a vida dos estrangeiros procedentes das nações adversárias, principalmente os alemães, que desde o início da guerra já vinham sendo hostilizados e acusados de engendrar um plano de germanização do sul do país. Entre as medidas de exceção, cujo caráter transitório decorria da natureza dos motivos que as determinaram, o governo sancionou uma disposição permanente: a regulamentação das escolas em língua estrangeira, que tornava obrigatório o ensino da língua portuguesa. O propósito dessa medida era alcançar os núcleos encravados em território brasileiro, com foco desnacionalizante, que impedia a sua completa integração no organismo da sociedade e que, nesse momento, passaram a ser vistos como uma ameaça à nação. Complementando essa decisão, ficou proibida a publicação e a circulação de jornais e revistas em língua alemã, assim como a inserção de notícias ou informações de caráter militar em periódicos de língua portuguesa, que pudessem comprometer a segurança pública e os procedimentos assumidos pelo país em virtude dos acontecimentos.

Poucos dias depois da declaração de guerra à Alemanha, mais dois navios brasileiros – o *Acary* e o *Guayba* – foram torpedeados pelos alemães em águas internacionais, deflagrando uma onda de protestos no Rio de Janeiro, com a invasão e apedrejamento de inúmeros estabelecimentos e casas comerciais de propriedade de membros da colônia alemã.

O momento, cada vez mais crítico, colocava a nação frente a uma situação sem paralelo na sua história, levando-a a tratar como inimigos os imigrantes alemães, cujos ascendentes aportaram um dia em solo brasileiro, descerraram as matas virgens, construíram uma nova vida e contribuíram para o desenvolvimento do país. Os primeiros deles, já vimos, adentraram a vila de São Paulo no distante ano de 1827. Nos difíceis tempos em que se vivia, as ações arbitrárias desencadeadas pelo Império Alemão, de constante hostilidade e franca beligerância contra países declaradamente neutros, abateram-se sobre os descendentes desses

⁵³⁰ Lei nº 3.393, de 16 nov.1917. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3393-16-novembro-1917-572815-publicacaooriginal-96124-pl.html>>. Acesso em: 28 set.2015.

pioneiros, muitos nascidos no Brasil, infligindo-lhes um doloroso tributo que, justo ou não, todos os cidadãos de origem alemã iriam pagar.

Considere-se como exemplos o caso do ministro Lauro Müller⁵³¹, natural de Santa Catarina, que sofreu violentas e implacáveis manifestações de desconfiança em virtude da sua ascendência germânica⁵³² ou ainda, os ataques no centro do Rio de Janeiro e de Porto Alegre a estabelecimentos comerciais, de propriedade de alemães e de brasileiros deles descendentes. Esses fatos tornaram-se corriqueiros, ao ponto de diversos cidadãos se apresentarem às autoridades competentes munidos de suas certidões de nascimento, para comprovar a nacionalidade brasileira⁵³³.

Era de se esperar, que no ano em que o Brasil entrou na guerra, o número de filhos de imigrantes alemães nascidos em solo brasileiro fosse significativo, tendo em vista que muitas décadas haviam se passado desde que os primeiros deles chegaram ao país. Ressalte-se ainda, que essa geração de brasileiros, assim como os imigrantes que mantinham a nacionalidade alemã, não estava totalmente integrada na sociedade, uma vez que, como já sinalizado, a *assimilação* dos imigrantes só se evidenciaria de forma mais expressiva com o nascer da terceira geração.

Essas observações são perceptíveis no recenseamento dos alemães residentes no Paraná, realizado em 31 de outubro de 1917⁵³⁴, logo após a declaração de guerra do Brasil ao Império Alemão. Ainda que não cubram todo o território nacional, os dados coletados abrangem uma localidade de grande concentração de imigrantes alemães. O censo paranaense, realizado pela Repartição Central da Polícia do Estado do Paraná adotava, com algumas modificações, medidas de vigilância e controle postas em prática pela Polícia do Distrito Federal. O recenseamento, conduzido pelas Delegacias de Polícia do Estado, compreendia o registro obrigatório de todos os súditos alemães residentes no Estado. Entre os vários quesitos arrolados⁵³⁵, o censo aponta que 71,50% dos declarantes eram de nacionalidade alemã e 28,50% de nacionalidade brasileira; entre os seus cônjuges, o número de alemães e brasileiros

⁵³¹ Lauro Müller (1863-1926) era neto de Johann Müller, que chegou ao Brasil no primeiro grupo de imigrantes alemães, fixando-se com a família na colônia de São Pedro de Alcântara, em 1829.

⁵³² *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., ed. n° 6651, 11 maio 1917, p. 1.

⁵³³ Ibidem. Ed. n° 6830, 6 maio 1917, p. 1.

⁵³⁴ BALHANA, Altiva Pilatti e WESTPHALEN, Cecília Maria. O Censo dos Alemães do Paraná em 1917. In: *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas (Anuário de História da América Latina)*, vol. 13, Issue 1, Pages 404–419, December 1976. Disponível em: <<http://www.degruyter.com/downloadpdf/j/jbla.1976.13.issue-1/jbla-1976-0126/jbla-1976-0126.xml>>. Acesso em: 17 out. 2015.

⁵³⁵ O censo compreendia o registro de nomes e prenomes; nomes e prenomes dos pais; local e data de nascimento; domicílio atual e anterior; profissão; estado civil; nome da esposa(o) e filhos; idade da esposa(o) e filhos; nacionalidade da esposa(o) e filhos, seguidos por observações pertinentes.

se igualava: 45% ⁵³⁶, indicando que, a exemplo dos italianos, os casamentos interétnicos eram frequentes. Entre os seus filhos, os brasileiros descendentes e/ou naturalizados, constituíam a expressiva maioria: 88,75% contra 11,25% de alemães. Essa superioridade numérica, no entanto, seria de pouca valia para distinguir uns dos outros, uma vez que a xenofobia não pede documento para se instalar e o ódio não requer certidão para voltar o seu olhar acusador contra o *outro*, particularmente em tempos de guerra.

Dos países sul-americanos – à exceção do Uruguai, que chegou a romper a neutralidade, mas sem uma declaração formal de guerra à Alemanha – o Brasil foi o único a participar do conflito. Coadjuvante no cenário geopolítico internacional, o país não era, naquele momento, mais do que uma jovem nação, sem tradição bélica, com menos de cem anos de independência e mal saído da mudança institucional que substituiu o regime imperial pelo republicano. Entrava na guerra com o forte apoio da opinião pública e da imprensa, peça crucial na repercussão dos acontecimentos, dando um importante passo estratégico em direção a um futuro político-diplomático, ao aliar-se às potências que enfrentavam os países liderados pelo Império Alemão. De quebra, o país punha à prova o seu papel de líder no continente sul-americano.

Como primeira colaboração aos Aliados, o Brasil cedeu à França trinta navios do Lloyd Brasileiro, mediante algumas condições que visavam proteger o comércio internacional dos produtos brasileiros ⁵³⁷. A maior contribuição brasileira, contudo, seria firmada na *Conferência Interaliada*, reunida em Paris entre 20 de novembro e 3 de dezembro de 1917. Nessa ocasião, o Brasil, representado pelo ministro Olinto de Magalhães ⁵³⁸, avaliando os seus recursos e as necessidades apresentadas pelas nações beligerantes, assumiu o compromisso de criar uma divisão naval de operações de guerra e uma missão médica especial, de caráter militar, que atuaria na França, além do envio de um grupo de aviadores da Marinha e do Exército para treinamento e participação em futuras missões.

A Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG) operaria em conjunto com as unidades navais da Inglaterra, França e Estados Unidos, no circuito Dacar, São Vicente, Arquipélago de Cabo Verde e Gibraltar, sob o comando do Contra-Almirante Pedro Max Fernando de Frontin. A DNOG foi a única divisão naval latino-americana e a maior força

⁵³⁶ As demais nacionalidades dos cônjuges eram assim distribuídas: austríaca, 6,00%; italiana, 1,20%; polonesa, 1,20%; russa, 0,50%; sueca, 0,50%; suíça, 0,50%.

⁵³⁷ Decreto nº 12.733, 3 dez.1917. Disponível em: <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:1917-12-03;12733>>. Acesso em: 9 out.2015.

⁵³⁸ Olinto Máximo de Magalhães (1867-1948). Médico, Diplomata, Ministro das Relações Exteriores (1898-1902) e Deputado Federal por MG (1921-1926). Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). FGV CPDOC; *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., ed. nº 6856, 2 dez.1917, p. 1.

militar brasileira atuante no hemisfério norte. Composta pelos cruzadores *Bahia* e *Rio Grande do Sul*, os contratorpedeiros *Pihauy*, *Rio Grande do Norte*, *Parahyba* e *Santa Catarina*, o auxiliar *Belmonte* e o rebocador de alto mar *Laurindo Pitta*, a flotilha, levando 1502 tripulantes, deixou o arquipélago de Fernando de Noronha em 1 de agosto de 1918, com destino a Freetown, em Serra Leoa, realizando o primeiro esforço naval brasileiro em águas internacionais. Em 6 de setembro de 1918, logo após a entrada dos navios no porto de Dacar, no Senegal, onde a divisão permaneceu por alguns dias para descanso e reparos, irrompeu entre os membros da tripulação, uma violenta epidemia de influenza – conhecida como Gripe Espanhola – atingindo particularmente os que trabalhavam com o carvão, cujo calor foi potencializado pelo escaldante clima de Dacar, deixando mais de noventa por cento do efetivo de alguns navios em estado de prostração, como relata o Capitão-Tenente Orlando Marcondes Machado, imediato do cruzador Capitânia, em *A nossa hecatombe em Dacar*:

Emudeceram-se os tambores e as cornetas. Paralisou-se a movimentação de tudo a bordo. Parou a ventilação; apagou-se a luz; acabou-se a água destilada; apagou-se o fogo das cozinhas. O tratamento de cerca de 300 homens oficiais e praças durante alguns dias ficou a cargo de dez ou doze abnegados heróis. Os primeiros homens mortos foram enterrados em caixões. Os demais atados em pedaços de tábuas. Alguns tiveram suas pálpebras cerradas; outros não tiveram quem lhes prestasse esta homenagem. Os cadáveres eram entregues a uma lancha francesa que fazia este serviço recebendo os mortos aliados nos diversos navios⁵³⁹.

Os doentes caíam ardendo em febre, cobertos de suor emplastado com moinho de carvão, sem ter nem sequer quem os auxiliasse a tomar banho e mudar de roupa, pois os poucos válidos que lhes poderiam assistir nisso diminuía de hora em hora, de minuto a minuto... Foi então um gemer, um delírio, um pedir de água, um esperar por socorro, verdadeiramente consternador⁵⁴⁰.

A epidemia, que se alastraria pelo globo entre 1918 e 1919, muito em função da massiva movimentação de militares e civis durante o conflito mundial e das precárias condições de higiene da época, atingiu todos os navios que estavam no porto, e a própria cidade de Dacar, afligida também pela malária. Em 11 de outubro, um telegrama do Almirante Frontin ao Estado Maior da Armada (EMA) comunicava que a epidemia estava

⁵³⁹ MACHADO, Orlando Marcondes. *A nossa Hecatombe em Dacar*. Apud BENTO, Cel. Claudio Moreira. O centenário da 1ª Guerra Mundial e a participação do Brasil com o seu Exército e Marinha. In: *O Guararapes – Federação das Academias de História Militar terrestre do Brasil*, ano 2014, nº 31 – FAHIMTB AHIMTB/Resende, Jul.. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/OGUARARAPES31_2014.pdf>. Acesso em: 9 out.2015. (Missão Médica - <http://www.ahimtb.org.br/ahimtb/EBMB1GM.htm>).

⁵⁴⁰ ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. Desventuras em Série. In: *Revista de História.com.br*, ed. nº 37, out. 2008. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/desventuras-em-serie>>. Acesso em: 9 out.2015.

controlada, mas ainda grassava a malária. No cemitério de Dacar foram sepultados 156 tripulantes da divisão. A morte iria colher mais vidas em decorrência das complicações da gripe, até mesmo depois do retorno da divisão ao Brasil.

Com um único navio em condições de operar – o contratorpedeiro *Pihauy* – a tripulação, reforçada pelos marujos e oficiais ainda sadios das outras embarcações e com o auxílio de um segundo – o *Parahyba* –, a DNOG deixou Dacar para patrulhar as águas em torno do arquipélago de Cabo Verde, chegando a Gibraltar na véspera do armistício, em 10 de novembro de 1918. Convidada a participar das festividades pela paz, foi-lhe confiada a missão de levar a bandeira brasileira às nações amigas. Após passar pela Inglaterra, França, Portugal e Itália, a divisão, com o *Bahia* à frente, entrou no porto do Rio de Janeiro, em 9 de junho de 1919⁵⁴¹.

Decorridos dez anos da tragédia que se abateu sobre a DNOG, o Ministério das Relações Exteriores foi autorizado pelo Governo Federal a repatriar os restos mortais dos brasileiros, vitimados pela Gripe Espanhola durante as operações naval e médica, cujos despojos seriam abrigados em um mausoléu, adquirido por iniciativa particular, no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro⁵⁴².

O segundo compromisso assumido pelo Brasil na *Conferência Interaliada*, a Missão Médica Brasileira, foi criada com o intuito de auxiliar o serviço de saúde dos Aliados⁵⁴³, que após quase quatro anos de uma guerra devastadora, viam os seus recursos se esgotarem. Chefiada por Nabuco de Gouveia, comissionado no posto de Coronel de Exército⁵⁴⁴, a missão foi enviada à França para operar sob o comando único dos exércitos aliados, com o objetivo de manter um hospital temporário na zona de guerra, com capacidade para 500 leitos ou mais, se assim o governo brasileiro julgasse necessário. A missão, encarregada de fazer a guarda e

⁵⁴¹ ARAÚJO, Johny Santana, A Guerra que vai acabar com Todas as Guerras: o Brasil na Primeira Grande Guerra – a Mobilização da Sociedade e o Engajamento da Marinha – 1917-1918. In: *História: Debates e Tendências*, vol. 14, nº 2, jul.2014, pp. 318-333; BENTO, Cel. Claudio Moreira, O Centenário da 1ª Guerra Mundial... op. cit.; *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., ed. nº 7030, 27 maio 1918, p. 1.

⁵⁴² Decreto nº 18.372, de 28 ago. 1928. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-18372-28-agosto-1928-521833-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Esse decreto, registrado pelo Tribunal de Contas, foi revigorado posteriormente, uma vez que não tivera a devida distribuição ao Tesouro Nacional. Cf. Decreto nº 20.0070, de 18 maio 1931. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20007-18-maio-1931-512824-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 9 out. 2015.

⁵⁴³ Decreto nº 13.092 de 10 jul.1918. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-13092-10-julho-1918-518316-republicacao-95659-pe.html>>. Acesso em: 27 out. 2015; *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., ed. nº 7074, 10 jul.1918, et seq...

⁵⁴⁴ José Thomaz Nabuco de Gouveia (1872-1940). Deputado Federal RS (1907-1926), embaixador brasileiro no Uruguai (1924-1926), embaixador brasileiro no Peru (1937), livre-docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e diretor da Maternidade do Rio de Janeiro. Dicionário da Elite Política Republicana... op. cit..

vigilância das dependências do hospital, compunha-se de serviço clínico e anexos, farmácia, enfermaria, laboratório, intendência, secretaria e serviços gerais, além de um contingente de mais de uma centena de civis e militares de diversas patentes, que se juntariam à *Força Aérea Real* ⁵⁴⁵. Aquele que não tivesse o posto correspondente no Exército ou na Armada, seria nele comissionado, ficando sujeito às regras da disciplina militar.

25. Missão Médica Brasileira. [ao centro o Presidente Wenceslau Braz]
Rio de Janeiro, 1918. Bibliex. O Exército na História do Brasil

A Missão Médica deixou o porto do Rio de Janeiro em 18 de agosto de 1918, a bordo do paquete *La Plata*, chegando a Paris no dia 24 de setembro. Tão logo se apresentou ao alto comando francês foi separada em dois grupos: uma parte foi enviada para as cidades do interior como apoio ao esforço do serviço militar francês no enfrentamento da epidemia de gripe, e a outra ficou em Paris, trabalhando na reforma e remodelação de um antigo convento da Ordem de São Caetano (Clérigos Regulares ou Teatinos)⁵⁴⁶, localizado na *Rue Vaugirard* onde, em pouco mais de um mês, se estabeleceu o Hospital Brasileiro, que dispunha de salas de cirurgias, enfermarias, curativos, instalações de radiologia, fisioterapia, salão de leitura para os doentes, sala de banhos e duchas, hidroterapia, rouparia, refeitório, uma moderna cozinha a vapor e uma lavanderia com capacidade para esterilização de roupas, atestando a competência clínica e administrativa da Missão Médica Brasileira.

⁵⁴⁵ A Força Aérea Real (RAF – *Royal Air Force*) criada em 1 abr.1918, no Reino Unido, durante a Primeira Guerra Mundial, é a força aérea mais antiga do mundo.

⁵⁴⁶ Ordem fundada no século XVI pelo bispo Teatino (de Theate = Chiete, Itália) João Pedro Carafa.

Embora a proposta inicial tivesse um caráter temporário, o hospital continuou operando no pós-guerra, atendendo não só os combatentes, mas também a população civil atingida pela guerra e pela Gripe Espanhola, que vitimou também membros da equipe médica brasileira. Com o término oficial da Missão Médica, em 19 de fevereiro de 1919, o governo brasileiro iniciou, em meados desse mesmo ano, o processo de doação do hospital, com todos os equipamentos e instalações, à Faculdade de Medicina de Paris. Incorporado em 1921 à Universidade de Paris, o agora *Hôpital Vaugirard*, faz parte dos *Hospitals Universitaires de Paris Oeste*. Do seu passado militar, o centro médico ainda guarda, gravados na entrada de algumas salas, os nomes de médicos brasileiros que se dedicaram a aliviar o sofrimento daqueles que enfrentaram a guerra e a epidemia de gripe, contribuindo para que o apoio logístico às tropas da frente de combate não fosse descontinuado⁵⁴⁷.

Quem hoje andar pelos vastos jardins do antigo convento, entre a *Rue de Vaugirard* e a *Rue Vaugelas*, encontrará uma placa comemorativa com os dizeres: “Aqui ficava o hospital franco-brasileiro de feridos de guerra, criado e mantido pela colônia brasileira de Paris como contribuição à causa aliada. 1914-1918. Placa inaugurada por ocasião do LXXX aniversário da presença na França da Missão Médica Especial Brasileira”⁵⁴⁸.

26. Placa comemorativa. *Hôpital Vaugirard*. Paris, 1998

⁵⁴⁷ DELAVIERRE, P.. *L'Hôpital de Vaugirard: des Origines à nos Jours*. Disponível em: <<http://www.biusante.parisdescartes.fr/sfhm/hsm/HSMx1978x012x002/HSMx1978x012x002x0153.pdf>>. Acesso em: 9 out.2015; SILVA, Carlos Edson Martins da. A Missão Médica Especial Brasileira de Caráter Militar na Primeira Guerra Mundial. In: *Revista Navigator*. vol. 10, nº 20, 2014. Disponível em: <http://revistanavigator.com.br/revista20/art/N20_art2.pdf>; BENTO, Cel. Claudio Moreira, O centenário da 1ª Guerra Mundial... op. cit.; *Correio da Manhã*: 1910 a 1919... op. cit., ed. nº 7149, 23 set.1918, pp. 1- 3; ed. nº 7150, 24 set.1918, p. 1.

⁵⁴⁸ Placa comemorativa, Hospital de Vaugirard. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plaque_Jardin_de_1%27H%C3%B4pital_de_Vaugirard_Paris_15.jpg>. Acesso 9 out.2015. (Apêndice I).

Depois de mais de quatro anos de guerra, os canhões silenciaram, as metralhadoras se recolheram e o “cortejo de calamidades” deixou atrás de si um rastro de destruição. Em breve começaria o longo e difícil trabalho de reconstrução das nações, dos povos e da paz.

Embora tardia e limitada, a participação do Brasil na guerra garantiu a sua presença nas negociações que se abriram em 18 de janeiro de 1919, em Paris, quando o país acabara de perder o seu presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919). Eleito para o seu segundo mandato em março de 1918, Rodrigues Alves não chegou a tomar posse na presidência da República, vindo a falecer em 16 de janeiro de 1919, em decorrência de complicações causadas pela Gripe Espanhola.

Na vigência do governo interino do vice-presidente Delfim Moreira⁵⁴⁹, o ministro das Relações Exteriores, Domício da Gama, até então representante brasileiro em Washington, foi o responsável por encaminhar as tratativas para a participação do Brasil nas conferências preliminares da paz. O primeiro nome a ser cogitado para chefiar a delegação brasileira foi o do senador Ruy Barbosa, figura notória e unanimemente respeitada dentro e fora do país, convidado oficialmente pelo presidente Rodrigues Alves⁵⁵⁰. A despeito dos apelos dos seus pares e das manifestações públicas de apoio, o senador declinou do convite, expressando em carta endereçada ao vice-presidente em exercício, datada de 9 de dezembro de 1918, a sua decisão:

Depois de refletir maduramente sobre o convite que me distinguiu o ilustre Sr. presidente da República e, com ele, V. Exa., para o lugar de chefe da embaixada brasileira à próxima Conferência da Paz, vejo-me obrigado a declinar desta insigníssima honra, a maior a que hoje poderia eu aspirar, por motivos de todo em todo superiores a minha vontade. Entre esses motivos, dos quais, nesta data, dou conta em minha carta de resposta à do Exmo. Sr. conselheiro Rodrigues Alves, bastará indicar aqui, para me justificar perante V. Exa., o que, sobre todos, atua no meu espírito como decisivo. O apelo do governo a mim pronunciou-se sobremaneira tarde, não me deixando espaço nem para chegar àquele congresso senão já em meio dos seus trabalhos, nem para buscar e juntar os elementos de caráter positivo sobre as questões de ordem técnica e prática, em que se envolvam os nossos interesses – elementos que em todos os outros países, se estão coligindo, há anos, para esta ocasião, dos quais, entre nós, até hoje, absolutamente não se curou, e a cujo granjeio eu, agora, designado quase às vésperas da partida não teria tempo, sequer, de dar começo. [...] ⁵⁵¹.

⁵⁴⁹ Delfim Moreira da Costa Ribeiro (1868-1920) assumiu a presidência durante o afastamento e consequente morte de Rodrigues Alves, até que fossem convocadas novas eleições.

⁵⁵⁰ *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., edições nº 7223 de 6 dez.1918; nº 7225 de 8 dez.1918. A ed. nº 7229 do *Correio da Manhã* traz, na sua primeira página, a transcrição completa da carta que Ruy Barbosa enviou ao presidente Rodrigues Alves.

⁵⁵¹ *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., edições nº 7227 de 10 dez.1918, p. 2.

Em vista disso, o senador paraibano Eptácio Pessoa⁵⁵² foi nomeado para chefiar a delegação brasileira na Conferência da Paz, que partiu do Rio de Janeiro a bordo do vapor *Curvello*, em 2 de janeiro de 1919, com destino ao porto de Havre, onde chegou em 27 de janeiro, recepcionada pelo cônsul geral do Brasil e demais autoridades⁵⁵³.

Classificado como potência de “interesses limitados”, o que restringia também o número de delegados e a sua participação nas sessões e comissões, o Brasil contou com o apoio dos Estados Unidos para obter os resultados que mais de perto interessavam ao país: a restituição, pela Alemanha, do depósito de 125 milhões de marcos e respectivos juros, resultantes da venda do café do Estado de São Paulo, retidos pelos alemães na casa Bleischroder de Hamburgo no início do conflito, e a incorporação ao Lloyd Brasileiro dos navios alemães apreendidos em portos brasileiros durante a guerra⁵⁵⁴.

Apesar de compor o grupo das potências que tiveram papel restrito no esforço de guerra, o Brasil foi bem sucedido no seu pleito, participando como país membro da criação da Liga das Nações, um dos pontos do amplo Tratado de Versalhes⁵⁵⁵, celebrado em 28 de junho, no mesmo dia e mês em que, cinco anos antes, a tragédia de Sarajevo acendera o rastilho que convulsionou o mundo.

⁵⁵² Eptácio Lindolfo da Silva Pessoa (1865-1942). Indicado como candidato a presidente, em disputa com Ruy Barbosa, quando representava o Brasil na Conferência de Paz, foi eleito em 13 abr.1919, estando ainda na França. Tomou posse em 28 jul. 1919, governando até 1922.

⁵⁵³ *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., edições nº 7251 de 3 jan.1919 e nº 7277 de 29 jan.1919, p. 3.

⁵⁵⁴ *Correio da Manhã: 1910 a 1919...* op. cit., ed. nº 7416 de 19 jun.1919.

⁵⁵⁵ Embora o *Tratado de Versalhes* (28 jun.1919) seja comumente conhecido como o mais importante acordo de paz entre as potências beligerantes, ele refere-se apenas à paz entre os Aliados e a Alemanha. A guerra não acabaria ao mesmo tempo para todos os países envolvidos, tanto que o primeiro tratado a ser acordado, *Tratado de Brest-Litovsk*, foi assinado antes do final da guerra, em 3 de março de 1918, entre os bolcheviques e os impérios centrais. Entre os demais tratados de paz destacam-se: *Tratado de Saint-Germain-en-Laye* (10 set.1919) firmado entre os Aliados e a Áustria, forçando o reconhecimento pelos austríacos, da independência da Hungria, da Iugoslávia, da Polônia e da Tchecoslováquia; *Tratado de Neuilly-sur-Seine* (27 nov.1919) entre Aliados e Bulgária, que ficou obrigada a restituir todos os territórios de etnia não búlgara, conquistados desde a Primeira Guerra Balcânica (1912); *Tratado de Trianon* (4 jun.1920) entre Aliados e Hungria, que foi transformada em uma república independente, com a perda de mais de dois terços de seu território original de 1914; *Tratado de Sèvres* (10 ago.1920) entre Aliados e Império Otomano, e *Tratado de Lausanne* (24 jul.1923), considerado mais como uma consequência da guerra e não propriamente um acordo que selou diretamente o fim da Primeira Guerra Mundial. Assinado em Lausanne, na Suíça, o tratado reconheceu internacionalmente a nova República da Turquia, como sucessora do extinto Império Otomano.

VI.

HOMENS À DERIVA

6.1. O Mergulho entre dois Mundos

O aterrador espetáculo da batalha se apresenta diante dos nossos olhos! O estrondo dos canhões, a explosão das bombas, se confunde com os gritos lancinantes dos feridos, com os últimos gemidos agonizantes dos moribundos! Minha mente é como um moinho, não sou capaz de pensar, nem de formar uma ideia⁵⁵⁶.

Fioravanti Gottardi

“No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável” ⁵⁵⁷. Assim Walter Benjamin refere-se aos soldados que, em 1918, deixavam os campos de batalha.

Se assim foi, como então conciliar o silêncio, o “declínio da experiência”, com os testemunhos que nasceram nas trincheiras em dezenas de milhares, se falarmos de cartas ou às centenas, se nos limitarmos às memórias do front, que refletem a urgência em assinalar uma experiência histórica, individual e coletiva?

A tese benjaminiana, de que o acontecimento de extrema violência cala a nossa voz e anestesia a nossa capacidade de expressão, ganhou especial sentido ao longo do tempo ao se associar à literatura da *Shoah*, que levaria Adorno a sentenciar: “escrever poesia depois de Auschwitz é bárbaro” ⁵⁵⁸. Nessa frase Adorno faz alusão, não propriamente ao silêncio, mas à tensão dialética entre cultura e barbárie, ao receio de que o mal se transfigurasse em princípio de fruição estética, ao imperativo de se representar acontecimentos traumáticos e a impossibilidade de fazê-lo. No entanto, entre os próprios sobreviventes do Holocausto, a necessidade de liberação interior, de contar “aos outros”, de tornar “os outros” partícipes da história, alcançou o “caráter de impulso imediato e violento” ⁵⁵⁹.

O absoluto da desumanidade, que reduz as pessoas a farrapos humanos, violentamente revelado pela guerra, provoca uma fratura irreparável no universo de representações até então familiar, dando lugar a um mundo transfigurado pelo rompimento de conexões de sentido com o passado. Esse deslocamento precipita a imersão da experiência individual e coletiva em

⁵⁵⁶ GOTTARDI, Fioravante. *Memórias*. MSIdGG, Rovereto, Italia. (Apêndice I).

⁵⁵⁷ BENJAMIN, Walter. O Narrador... op. cit., p. 198.

⁵⁵⁸ ADORNO, Theodor W.. *Prismas: La crítica de la Cultura y la Sociedad*. Tradução de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Ariel, 1962, p.14. Colección Zetein-Estudios y Ensaïos 4.

⁵⁵⁹ LEVI, Primo. *É isto um Homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 8.

uma dimensão não explorada, cruel e singular, que abala o sentido de integralidade, de segurança e de harmonia do ser, redefinindo os parâmetros da sua existência.

O mergulho fora de um mundo conhecido em um completamente diferente não pode ser descrito. Simplesmente não existem palavras ou imagens apropriadas para representar a sensação de ter desbordado um canal que fora firme por décadas, de ter sido catapultado em um destino imponderável. Não existem expressões que traduzam a realidade desta pausa entre duas ordens universais – o esvanecimento de tudo o que foi importante ontem e novas forças históricas invocadas. Naquelas claras noites insones do verão nós nos tornamos um “campo de batalha de duas épocas” ⁵⁶⁰.

Entre aqueles que passaram por experiências violentas, que podiam ser sentidas, mas nem sempre descritas, não foram poucos os que enfrentaram o impasse entre silenciar e narrar. Gertrude Bäumer, autora da citação acima, advoga o silêncio, pela ausência de analogias capazes de descrever o indefinível interregno entre dois mundos.

Primo Levi rompeu o silêncio quando as marcas do mal absoluto estavam ainda à flor da pele. Antes que a sua memória se evaporasse e as portas do passado se fechassem, Levi escreveu *É isto um Homem?* ⁵⁶¹, publicado pela primeira vez em 1947, menos de dois anos após o final da Segunda Guerra Mundial. O caráter fragmentário da narrativa e a sucessão sem lógica dos capítulos, considerados pelo autor como “defeitos estruturais”, correspondem, na verdade, à destruição psicológica e física e à desorientação diante de acontecimentos trágicos para os quais não havia explicação.

Ruth Klüger, ao contrário de Levi, compôs *Paisagens da Memória* ⁵⁶² quase meio século depois do final da guerra, já nos idos da sua maturidade. Apesar da distância temporal, a autora não perdeu os contornos do que foi vivido e nos traz uma narrativa densa, perscrutando cuidadosamente cada ferida, cada lacuna, cada lembrança, cada camada de significados. É Ruth quem sugere que o poema, como forma determinada de crítica à vida, poderia ajudar-nos na difícil tarefa de compreender o incompreensível.

Seria então a linguagem poética a chave da hermenêutica que daria acesso ao mais íntimo sentido da narrativa? Ungaretti indica que sim. A sua experiência, como soldado do exército italiano na Primeira Guerra, trouxe para a alma do poeta um universo de imagens e

⁵⁶⁰ BÄUMER, Gertrude. In: LEED, Eric J. *Terra di Nessuno: Esperienza Bellica e Identità Personale nella Prima Guerra Mondiale*. Bologna: Il Mulino, 1985, p. 6 (ed. or. *No Man's Land: Combat & Identity in World*. New York: Cambridge University Press, 1979, p. 40. (Apêndice I).

⁵⁶¹ LEVI, Primo. *É isto um homem?* op. cit..

⁵⁶² KLÜGER, Ruth. *Paisagens da Memória: Autobiografia de uma Sobrevivente do Holocausto*. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Ed. 34, 2005.

sensações. Sua linguagem, “toda elipses e alusões” ⁵⁶³, resgatou das trincheiras o silêncio e o rumor, o medo e a esperança, a melancolia e a revolta, a vida e a morte, que se unem em versos breves: “Como esta pedra / de S. Michele / tão fria / tão dura / tão seca / tão inerte / tão totalmente exânime. / Como esta pedra / é o meu pranto que não se vê / A morte se desconta vivendo”⁵⁶⁴.

Essas considerações encerram evidências de que o silêncio não está necessariamente associado ao trauma, que o horror extremo não se situa forçosamente na ordem do irrepresentável e que a capacidade de tornar a experiência vivida comunicável tenha sido anulada. Onde, então, encontrar a “mudez”, o “declínio da experiência” depois da guerra, a que se refere Walter Benjamin? Diante dos bilhões de cartas e das centenas de livros de memórias que surgiram durante e após o conflito mundial, convém relativizarmos a tese benjaminiana, no que se refere ao contexto da Primeira Guerra. “Um passado que permanece mudo”, observa Michael Pollak, “é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação” ⁵⁶⁵. Houve sim o silêncio, mas houve também o testemunho.

Os que calaram, talvez não quisessem lembrar; e os que narraram, possivelmente não podiam esquecer.

Para ficarmos no contexto italiano, em meio à desmedida massa de “iletrados” de origem popular, profundamente enraizada na cultura oral, o ímpeto de contar, de compartilhar com os outros uma experiência jamais vivida foi tão forte, que transpôs fronteiras históricas, dando um golpe contundente na cultura dialetal. Com meios e resultados nem sempre adequados, com a coragem de reproduzir livremente os sons pronunciados, numa luta contínua com as palavras, a escrita da “gente comum” ⁵⁶⁶, construída por linhas febris e atrofiadas, como um esforço de tradução da oralidade, é testemunha de uma intensa transformação de dentro e de fora de si.

⁵⁶³ BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno: Ensaios de Crítica Literária e Ideológica*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003 (Coleção Espírito Crítico), p. 348.

⁵⁶⁴ UNGARETTI, Giuseppe. Sono una Creatura. Valloncello Cima Quattro il 5 agosto 1916. In: *L'Allegria (1914-1919)*. Edizione di riferimento: PICCIONI, Leone (a cura di) *Vita d'un Uomo, Tutte le Poesie*. Milano: Mondadori, 1969, p. 37. [Texto original: *Come questa pietra / del S. Michele / così fredda / così dura / così prosciugata / così refrattaria / così totalmente disanimata / Come questa pietra / è il mio pianto che non si vede / La morte si sconta vivendo.*]

⁵⁶⁵ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 11.

⁵⁶⁶ Paradigmático dessa escrita é o recente e amplo estudo de Antonio Gibelli, que se apoia na escritura de guerra conservada em diversos arquivos italianos, como o Arquivo Ligure della Scrittura Popolare (ALSP) e o Archivio Diaristico Nazionale di Pieve Santo Stefano. GIBELLI, Antonio. *La Guerra Grande...* op. cit..

Devastados pelas ruínas internas e externas, os soldados que viveram o pesadelo da Primeira Guerra deixaram traços sofridos em sua escrita, descrevendo um mundo que surgia diante dos seus olhos pela primeira vez. Não propriamente o mundo ameaçado pela guerra, mas aquele que consumia assustadoramente a sua existência, que confundia o seu modo de viver e de pensar, que aniquilava a sua própria identidade.

O inferno das batalhas encontra espaço nas narrativas, muitas vezes como uma realidade não dita, mas é o sentimento de perda irreparável de tudo e de todos, que se intensifica com o passar dos meses, turvando dia a dia o horizonte.

Nas linhas e entrelinhas das narrativas entrevemos as mais árduas experiências pelas quais passaram aqueles que viveram e aqueles que morreram nessa guerra: a degradação da existência, a vida e a morte nas trincheiras alagadas, enlameadas e geladas, a capacidade de resistir e de continuar combatendo. Quando chegava o momento do ataque, armados de fuzis, baionetas e granadas, os soldados, imóveis nas trincheiras, com o coração aos pulos, esperavam inquietos a ordem para ultrapassar o parapeito dos muros de terra e se lançar na crua paisagem de arame farpado e árvores calcinadas, em direção à “terra de ninguém.” Sem nenhuma proteção, debaixo dos tiros da artilharia e das metralhadoras inimigas, corriam aos trancos e barrancos, rastejando e procurando abrigo nas crateras abertas pelas explosões das minas, deixando atrás de si mortos e feridos.

Frequentemente os canhões bombardeavam por dias as posições a serem conquistadas, sem que se quebrasse qualquer resistência. Sons, odores, cores, impregnavam os sentidos: o barulho ensurdecedor das metralhadoras, a explosão das bombas, o odor nauseante dos cadáveres insepultos e dos gases tóxicos das armas químicas, a luz intensa e ofuscante dos sinalizadores, amarguravam a alma, dando a impressão de que esse horror não terminaria nunca. No verão, no inverno, em qualquer estação, a cada hora do dia, a cada hora da noite, com qualquer tempo, os combatentes permaneciam em linha por um longo e angustiante período, expostos a um contínuo e extremo desgaste físico e mental, ameaçando a sobrevivência psíquica e o equilíbrio emocional.

Cabe aqui a tese de Christopher Lasch: “Sob assédio, o *eu* se contrai num núcleo defensivo, em guarda diante da adversidade. O equilíbrio emocional exige um *eu* mínimo, não o *eu* soberano do passado” ⁵⁶⁷. Para sobreviver na guerra, o homem torna-se outro em relação ao que era. A percepção de um mundo distinto, distante de casa, incomunicável, desconhecido para os de fora, mantém em suspensão a vida pregressa, abrindo um parêntese que encerra um

⁵⁶⁷ LASCH, Christopher. *O Mínimo Eu: Sobrevivência Psíquica em Tempos Díficeis*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 9.

hiato incomensurável entre duas dimensões existenciais e o esfacelamento da concepção identitária original.

O caráter extremo das provações no campo de batalha, a intransponível distância da vida, a proximidade da morte, a pressão moral, disciplinar e psicológica, não deixavam nenhuma via de saída. No “campo de batalha de duas épocas” lutaram, incessantemente, conflitos externos e internos, deixando os homens à deriva, e o mundo na escuridão.

Arrastados impetuosamente para o vórtice de um turbilhão, milhões de indivíduos foram violentamente impulsionados para o epicentro desse redemoinho, que convulsionou os ritmos da vida, deixando tudo fora do lugar. Nas palavras de Rilke, ao entrar na guerra, os homens e as nações afastaram-se do tempo e vivenciaram um momento no qual o passado ficava para trás, o futuro hesitava e o presente se apoiava em nada⁵⁶⁸.

Como forma de se sentir vivo, de abrandar a angústia, de aplacar o sofrimento e não submergir nessa voragem que loucamente os enredava, muitos contaram as suas grandes e pequenas experiências nas cartas e nas memórias, duas faces de uma mesma guerra, que se integram pelos traços particulares que as caracterizam e as diferenciam. Em certa medida essas narrativas são independentes, mas, pelo que têm em comum, podem ser costuradas umas às outras, entrelaçadas em um único fio, ou melhor, em uma única trama, tecendo um mosaico de angústias, temores, esperança, desesperança, sofrimento e fé, onde “a recordação é a trama e o esquecimento a urdidura” ⁵⁶⁹. No cerne dessas narrativas encontra-se a precariedade da vida, que os brevíssimos versos de Ungaretti comparam a folhas do outono: “si sta come / d'autunno / sugli alberi / le foglie” ⁵⁷⁰. Como as frágeis folhas outonais, que as árvores abandonam ao vento, a vida do soldado, em eterna tensão, era inesperadamente levada pela morte.

Na busca da subjetividade dessas vidas indefesas, que decaem, perecem e se transformam, frente ao massacre físico e psicológico, alguns fios não podem ser tecidos até o fim, outros se emaranham e, por vezes, desorientam a trama.

No curso da guerra, o fluxo da vida e da história, que se supunha contínuo, se alterou, compelindo-nos a colher nos batimentos arrítmicos do transitório, a essência desse drama humano. Não se procure, portanto, nas narrativas, a verdade dos fatos, porque a memória, “enquanto processo subordinado à dinâmica social” não permite a “ideia de construção do

⁵⁶⁸ RILKE, Rainer Maria. *Wartime Letters* (1914-1921). Translated by M. D. Herter Norton. New York: W. W. Norton & Company, 1964, p. 22.

⁵⁶⁹ BENJAMIN, Walter. *A Imagem de Proust...* op. cit., p. 37.

⁵⁷⁰ UNGARETTI, Giuseppe. *Soldati, Bosco di Courton, luglio 1918*. In: *L'Allegria (1914-1919)*... op. cit, p. 37. [*se está como / no outono / nas árvores / as folhas.*]

passado”⁵⁷¹. Para desenredar os escuros e tortuosos meandros dos acontecimentos é preciso analisá-los com “a mente e o coração”. Os fatos, por si só, não bastam, assim como não basta só a vivência. “Quem só tem vivências – diz Ruth Klüger – sem se preocupar com rimas e pensamentos, corre o risco de perder a razão”⁵⁷².

As cartas escritas durante a guerra obedecem a uma linguagem convencional e predeterminada, imposta pela propaganda e pela censura, imprimindo uma substancial uniformidade na forma de escrever. A palavra necessária, a que se queria dizer, morria antes de ser escrita. Afirmava-se: “cara mãe não duvide de que até agora eu gozo de uma saúde magnífica, sempre contente e alegre, e sempre com coragem de ser soldado italiano até a vitória das nossas armas”⁵⁷³, enquanto o que estava preso, sufocado na garganta, negava a palavra escrita.

Conforme observou o filólogo austríaco Leo Sptizer, que durante a Primeira Guerra foi incumbido da tarefa de controlar e censurar o conteúdo das cartas dos italianos prisioneiros do Império Austro-Húngaro, a forma homogênea dessa escritura fazia com que as correspondências se assemelhassem entre elas “como gotas d’água”⁵⁷⁴.

Embora não seja objetivo deste estudo levar adiante uma análise sistemática e formal da epistolografia de guerra, é de se notar que os traços que se encontram nas cartas dos combatentes raramente revelam episódios mais extremos e violentos, mantendo quase sempre um caráter convencional, repetitivo e esquemático no uso das palavras⁵⁷⁵. A correspondência do front não era e nem poderia ser, clara e direta, porque respondia à necessidade de dizer pouco ou nada sobre a guerra em si, encobrendo as experiências mais cruéis e mais dramáticas.

As palavras ditas ou escritas dos combatentes são, portanto, decodificadas, interpretadas também à luz dos silêncios conscientemente ou não. Mas às palavras não ditas [...] são justapostas, substituídas, adicionadas outras palavras, outros discursos, outras imagens⁵⁷⁶.

⁵⁷¹ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A História, Cativa da Memória...* op. cit., p. 11.

⁵⁷² KLÜGER, Ruth. *Paisagens da Memória...* op. cit., p. 116.

⁵⁷³ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada para a sua mãe. Zona di Guerra, 5 abr.1916. [Texto original: *cara madre non dubitate (dubiti) che io finora godo magnifica salute e sempre contento e allegro, e sempre con coraggio di essere soldato italiano fino la vittoria delle nostri armi.*]

⁵⁷⁴ SPITZER, Leo. *Lettere di Prigionieri di Guerra Italiani, 1915-1918*. Torino: Ed. Boringhieri, 1976, p. 7.

⁵⁷⁵ A característica da escrita de guerra pode ser observada nos epistolários conservados em arquivos e museus consultados na Itália e, particularmente, nas cartas de Americo Orlando.

⁵⁷⁶ GIBELLI, Antonio. *L' Officina della Guerra...* op. cit., p. 50. [Texto original: *Le parole dette o scritte dai combattenti vanno quindi, decodificate, interpretate anche alla luce dei silenzi consapevoli o meno. Ma alle parole non dette [...] vanno accostati, sostituiti, aggiunti altre parole, altri discorsi, altre immagini.*]

Em igual medida, a realidade não dita traduzia o esforço e a preocupação do soldado em garantir a tranquilidade da família, não relatando as privações, o sofrimento e o desalento que, inevitavelmente, se deixavam adivinhar nas entrelinhas. Para os que estavam na guerra, a casa era o único refúgio, o único laço com um universo afetivo, frente à experiência angustiante de um mundo que se desintegrava diante dos seus olhos. A família e as lembranças de um tempo de paz representavam um porto seguro, capaz de preservar a sobrevivência da própria identidade e da sanidade mental, constantemente em assédio.

A necessidade, quase obsessiva, de escrever – “não faço outra coisa que escrever a cada dois ou três dias”⁵⁷⁷; “querida *mamma* faz mais de 40 dias que eu não tenho notícias suas... Enquanto eu escrevo todo santo dia”⁵⁷⁸ – expressava o temor de ser esquecido e abandonado por todos, a necessidade desesperada de se comunicar com os familiares e amigos e o receio de que a carta não fosse expedida, recebida ou se perdesse. Mesmo sabendo que a distância – principalmente para aqueles que vinham de além-mar –, a morosidade do serviço postal, o controle da censura e o grande fluxo diário de cartas e cartões postais, poderiam interferir ou retardar o recebimento da correspondência, a falta de notícias da família, por dias ou meses, aumentava a angústia e fazia crescer a sensação de se estar isolado do resto do mundo, jogado no meio do inferno, sentindo desfazer-se no tempo e no espaço o fio de continuidade da sua própria existência.

Certamente os obstáculos, fortuitos ou impostos, que se interpunham na troca de cartas, foram responsáveis pelas lacunas que se observam na correspondência entre os que estavam no front e os que estavam distantes, trazendo aflição e sofrimento para ambos:

Adorada *mamma*, debes imaginar que grande alegria e contentamento tive ao receber uma carta tua, e sempre quando a leio me parece que falo com você;.. É verdade que chorei durante quatro meses por não ter notícia tua. Agora é diferente estou sempre alegre por saber que você está bem de saúde assim como os meus queridos irmãos e pai, assim te asseguro que eu estou bem de saúde com todo o coração e espero que Deus me dê a graça de retornar vitorioso aos teus queridos braços o mais breve possível⁵⁷⁹.

Meu amadíssimo filho. Não sei com que palavras devo manifestar o grande pesar que tive de saber que desde que você partiu não recebeu ainda uma notícia nossa filho abençoado. Eu te escrevi quem sabe quantas cartas... Não descanso nem de noite e nem de dia pensando sempre em você, meu filho querido. Como diz que nós nos esquecemos de você, queria te fazer ficar

⁵⁷⁷ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada para a sua mãe. Zona di Guerra, 2 jan. 1916. Original “*non fo altro di scrivere ogni due ou tre giorni*”.

⁵⁷⁸ Ibidem, 8 fev. 1916. [Texto original: *cara madre già sono più di 40 giorni che non so tue notizie... Inquanto io scrivo tutti i santi giorni.*]

⁵⁷⁹ Ibidem, 20 dez. 1915 (Apêndice I).

invisível para ouvir que o teu nome está sempre nos meus lábios assim como nos dos teus irmãos e da tua querida irmã. Noite e dia nós falamos sempre de você e rezo para Nossa Senhora da Penha que logo me deve dar a graça de te trazer de volta para os meus braços. Querido filho... espero que você receba logo logo esta carta para te consolar. Assim como você nós nos consolamos aqui quando recebemos as tuas queridas cartas. Querido filho... a tua última (carta) me fez chorar e chorei no primeiro dia do ano, para nós foi um dia triste. Todos nós choramos, porque as tuas palavras nos afligiram demais... Filho querido te estreito e te beijo forte forte dando-lhe a S.B, e te abraçando novamente junto ao meu peito [...] ⁵⁸⁰.

Ao contrário da epistolografia do front, que se obrigou a ser contida, apesar de ter deixado nas entrelinhas e nos silêncios, resíduos de significados, a memorialística registrada no curso dos acontecimentos ou décadas depois, extravasa os mais íntimos sentimentos, as mais lancinantes dores, as mais absurdas e inacreditáveis experiências, contando o que os mortos deram, além da vida.

⁵⁸⁰ Ibidem, Carta de Eleonora Scioli enviada para A. Orlando. 4 jan.1916. (Apêndice I).

6.2. O Preço da Honra

Para estudar o nosso soldado, eu o segui de perto: procurei-o nos vários setores do nosso front; procurei passar, ao lado dele, na primeira linha, e nas enervantes horas de espera e naquelas operações homéricas; marquei nos meus cadernos até as mais simples frases que colhia dos seus lábios; procurei enfim viver a sua vida, melhor, a sua alma, os seus sofrimentos, as suas provas, as suas lágrimas, os seus espasmos ⁵⁸¹.

Padre Agostino Gemelli

Os soldados se preparam, os contêineres, repletos dos mais diversos artefatos de guerra, são fechados e as provisões são separadas para os dias de marcha. Sob a monótona indiferença do céu “caminhões passam sem trégua, produzindo um surdo rumor na sua pressa, como um cortejo de cemitério: todos correm para o mesmo ponto, todos para a mesma via, gravada como uma veia exangue na planície amarelada” ⁵⁸². “O Estado Maior da Divisão, em automóveis e a cavalo, se move... Veem-se oficiais envoltos em cintos brilhantes e esporas armadas, carregados de mapas topográficos e de binóculos, correrem com ar preocupado, seguidos de dois carabineiros a cavalo. Aqui e ali, alguns capacetes brilhantes da cavalaria” ⁵⁸³.

As tropas se põem em movimento e atravessam a fronteira, protegidas pelo crepúsculo vespertino. As sombras avançam lentamente, diluem os contornos da paisagem e se derramam hesitantes sobre o tormento dos campos. A explosão de uma mina lhes dá os primeiros feridos e o primeiro morto. “A mina, alguns tiros, alguns reticulados⁵⁸⁴ em formação, os feridos e o morto, abalam o Estado Maior, que acreditava ter sustentado uma grande batalha. O Comando, exausto, deu ordens para suspender o ‘avanço’. Os soldados, novos na guerra, confusos, atordoados, voltaram para as trincheiras à procura dos oficiais e os oficiais corriam

⁵⁸¹ GEMELLI, Agostino. *Il nostro Soldato. Saggi di Psicologia Militare*. Milano: Treves, 1917, pp. 7-8. Agostino Gemelli (Milão, 1878 – Milão, 1959) era padre da ordem franciscana dos *Frati Minori* e serviu no front da Primeira Guerra como médico e sacerdote, criando um laboratório psicofisiológico junto ao comando supremo do exército, onde realizou estudos sobre a psicologia dos soldados. (Apêndice I).

⁵⁸² SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 21. (Apêndice I).

⁵⁸³ FRESCURA, Attilio. *Diario di un Imboscato*. 3ª ed., Maggio 1921. Brindisi: Edizioni Trabanti, 2015. E-Book, p. 23. pos. 158/354. (Apêndice I).

⁵⁸⁴ Do ponto de vista militar, *reticulados* são barreiras de arame farpado, compostas por duas ou três cercas emaranhadas com os fios de arame passando pelo centro e posicionadas na frente das trincheiras, para evitar que o inimigo as ultrapasse facilmente.

freneticamente em busca das unidades militares, onde acontecera uma balbúrdia fantástica” 585.

Encobertos pela farda verde-oliva, que não distinguia uns dos outros, os infantes se agrupavam como frágeis rebanhos inconscientes a caminho do matadouro. Em pouco tempo a guerra imprimiria nesses rostos a mesma marca de sofrimento, que apagaria os sinais individuais. A única expressão eloquente seria o silêncio. “Não tínhamos ainda uma noção precisa daquilo que nos esperava: tínhamos vivido até aqui a vida medíocre de todos, entre um ímpeto e um bocejo, entre uma ilusão e um conto de fadas, entre um desejo em gestação e uma súbita postura reprimida por um veemente soco na mesa pela autoridade paterna. Tínhamos ainda a alma plena de romantismo e de literatura, das coisas dos bons tempos, contadas pelos avós ou remexidas nos livros empoeirados do sótão” 586.

Com um treinamento deficitário, praticamente sem nenhuma familiaridade com as armas, originários em grande parte do campo, com baixo ou nenhum grau de instrução, os jovens soldados de infantaria eram introduzidos nas táticas de manobras e de armamento pelos capitães dos batalhões, da forma mais elementar: “— nós somos o partido branco e devemos apontar naquela colina onde, como se sabe, deve chegar o partido negro... Prestem atenção! Quando eu soar o apito vocês se colocam em ordem espaçada, avançando um por um à frente... Caminhem encurvados para evitar se mostrar... Portanto, atentos ao apito e caminhem devagar, porque eu devo estar sempre à frente da tropa... Quando ouvirem dois apitos parem, joguem-se no chão e abram fogo! Estamos prontos? Então, avance!... Cada tiro deve ser um homem morto! Agora prestem atenção: faremos um pequeno assalto, à baioneta! Vão devagar porque eu devo estar sempre à frente da tropa!... Ao meu brado de: à baioneta! respondam com um forte grito: Savoia!...” 587.

Acomodados em barracas até que fossem definitivamente deslocados para os respectivos pelotões, os recrutas aguardavam, disputando o exíguo espaço na palha úmida, comprimidos uns contra os outros durante horas intermináveis. Os dias de inércia, de paralização das ações, enleavam o pensamento e ameaçavam congelar o espírito. “A inércia nos faz pensar e nos envolve em uma atmosfera tediosa de desânimo. O céu invernal goteja incessantemente pela calha os seus fios de chuva, e derrama na planície densas massas de neve”. As casas, próximas às primeiras linhas, estavam todas fechadas e desabitadas, parecendo “que uma rapina de bárbaros caçara os habitantes e saqueara tudo”. Os que

585 FRESCURA, Attilio. *Diario di um Imboscato...* op. cit., p. 23/354. (Apêndice I).

586 SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 26. (Apêndice I).

587 FRESCURA, Attilio. *Diario di um Imboscato...* op. cit., p. 25/354. (Apêndice I).

retornavam do front pelas estradas pantanosas, formavam intermináveis caravanas, como uma comunidade de ciganos. Marchavam em silêncio, sob o persistente e cadenciado som metálico das balas, ao longo de fileiras de árvores flageladas, arrastando os passos pesados de lama, arqueados pelo peso impiedoso da chuva, das armas e da bagagem sobrecarregada, com uma expressão de enorme fadiga. “Passam sem alçar o olhar, como bois de carga exauridos pelo jugo”⁵⁸⁸ na direção do Carso. “Os nomes assustadores de Podgora, do Sabotino, do Monte San Michele, do Sei Busi, de todo o rochoso Carso, vermelho de lama e de sangue, nos martelam na alma... e o instinto, já pressentindo o perigo, nos projeta numa fúria desesperada de medo. Isonzo ou Salonica ou o inferno... Não resta dúvida: é o inferno...”⁵⁸⁹.

“Encurvados pela árdua subida... Cobertos de suor, de poeira, cansados e sonolentos, os mais fracos, os menos resistentes, os mais velhos, caíam pesadamente no chão ou faziam o ritual passo lateral, deixando-se ficar às margens da estrada. Em vão os comandantes de companhia e os oficiais de pelotão estimulavam, persuadiam, ameaçavam. Os pobres homens, extenuados, não tinham sequer força para responder, para protestar. Paravam, caíam, permaneciam no chão, enquanto o batalhão lentamente passava e desaparecia no horizonte transitório, sombrio, deserto”⁵⁹⁰. “Cada palmo de terra nos recordava um combate ou a sepultura de um companheiro morto. Não havíamos feito outra coisa que conquistar trincheiras, trincheiras e trincheiras”⁵⁹¹. “A sensação do desconhecido, da perda, da solidão cega e exacerbada pela escuridão implacável, me invade o coração... O solo está semeado de mortos que, pouco a pouco, se desfazem na lama”⁵⁹² que cobre os campos, as galerias, os obscuros corredores labirínticos das trincheiras, impregnando homens e coisas. “Na passagem inferior os soldados precisam permanecer agachados na lama para não serem alvejados... Não se pode mover. Este fosso no qual estamos está abarrotado de corpos esmagados, de pernas entorpecidas, de rifles, de caixas de munições amontoadas, de imundice espalhada”. “A minha mão cai sobre alguma coisa viscosa, de relevo informe... Retiro-a subitamente, com um calafrio que me congela os rins, que me repuxa a boca”. “É preciso ter estômago diante dos mortos: verás, amanhã, à luz do sol. Embaixo destes pequenos sacos, tem uma ossatura de um húngaro, presa na lama. O que devo fazer? Removê-la? Impossível. Durmo sobre ela”⁵⁹³, como se velasse um companheiro que nunca mais acordará. “Dia após dia, vou me habituando

⁵⁸⁸ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 27. (Apêndice I).

⁵⁸⁹ FRESCURA, Attilio. *Diario di um Imboscato...* op. cit., p. 110/354. (Apêndice I).

⁵⁹⁰ RIGILLO, Michele. *La mia Guerra in Vallarsa e sul Pasubio*. MSIdGG, Rovereto, Itália. (Apêndice I).

⁵⁹¹ LUSSU, Emilio. *Un Anno sull'Altipiano...* op. cit., p. 13. (Apêndice I).

⁵⁹² SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 50. (Apêndice I).

⁵⁹³ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., pp. 48, 57 e 65. (Apêndice I).

a esta promiscuidade, mas sinto que para não sofrer, para resistir, devo criar uma nova pele”⁵⁹⁴.

Um dos lados da trincheira estava repleto de “mortos que se misturavam em um confuso emaranhado: procuro com dificuldade os traços de figuras humanas uma a uma. São quase todos, cadáveres de soldados austríacos: muitos – enrijecidos por uma pátina gordurosa – estão estendidos no lamaçal, no mesmo sentido, na mesma posição, como sardinhas; advinha-se algumas cabeças alinhadas ao longo da borda, outras que balançam, outras que não se distinguem se não pelos tufo de cabelos empastados. Talvez tenham sido apanhados por uma rajada de metralhadoras enquanto fugiam a descoberto, e caíram assim, simultaneamente, como as estacas de uma cerca derrubada por um golpe de vento. As mãos, consumidas e descarnadas como luvas abandonadas, estendem-se em um gesto extremo, em uma inútil tentativa de agarrar-se à vida... Uma onda fétida me repugna... entrevejo cinco ou seis mortos, que fixam atônitos o profundo buraco aberto no meio deles: só um erguia a face lívida, levando ao céu o massacre desnudado”⁵⁹⁵.

Os ataques se repetem todos os dias, todas as horas, contra as mesmas posições. O ensurdecido martelar da artilharia e o contínuo crepitar das metralhadoras ressoa nos vales distantes, “como se a morte estivesse batendo os dentes de frio”⁵⁹⁶. “O ar estremece sob os tiros e se insinua, repentinamente, numa expectativa mal reprimida em nossas veias, em nossas mãos, em nossos olhos, um esperar mais vigilante, uma consciência mais intensa do nosso ser, um estranho aguçamento dos sentidos... Tenho a impressão de que o ar, sacudido, vibrante, como asas silenciosas, salta sobre nós”⁵⁹⁷. “O estrondo dos canhões, os tiros das metralhadoras e dos fuzis, apagam todos os pensamentos. Mais não se pensa só se ouve”⁵⁹⁸. “No turbilhão de uma explosão, um meteoro de sangue é projetado no ar. Um tronco humano cai pesadamente sobre os sacos de nossas trincheiras e permanece suspenso no parapeito como um monumento macabro. Toda a terra parece oscilar, sacudida pela dilaceração”⁵⁹⁹. “Pensei naqueles que, não muito longe, nas trincheiras, sob a chuva, perdidos na noite fria e escura, morriam. Pensei naqueles que vivem sepultados na terra grassenta e úmida, toda

⁵⁹⁴ CARANDINI, Nicolò. *Il Lungo Ritorno: Lettere della Grande Guerra*. A cura di Oddone Longo ed Elisa Majnoni. Udine: Paolo Gaspari Editore, 2005, p. 33. (Apêndice I).

⁵⁹⁵ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 65. (Apêndice I).

⁵⁹⁶ SCHNEEBERGER, Hans. *La Montagna che Esplode*. A cura di Paolo Pozzato. Monfalcone: Paolo Gaspari Editore, 2003, p. 15. (Apêndice I).

⁵⁹⁷ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front...* op. cit., p. 49.

⁵⁹⁸ GUADAGNINI, Francesco. *Memórias*. MSIdGG, Rovereto, Itália. (Apêndice I).

⁵⁹⁹ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 117. (Apêndice I).

vermelha, com os pés na lama... sem poderem mudar a roupa encharcada, atormentados pelos piolhos”⁶⁰⁰.

Em meio a esse caos ensurdecedor, uma leve brisa soprou uma nuvem esverdeada “terrível, que nos queima vivos e nos cega”⁶⁰¹, que invadiu a atmosfera, espalhando-se por todos os cantos e provocando uma violenta náusea. Respirando a morte, os soldados, aterrorizados, cambaleantes, os olhos esbugalhados, “apertavam o pescoço e cravavam nele as unhas. O sangue escorria profusamente dos feridos, que tropeçavam uns nos outros. Os que caíam não conseguiam se levantar por causa do pânico dos homens que vinham atrás. Acabaram formando uma pilha de mortos nas trincheiras”⁶⁰². Como um manto sombrio e esfumaçado, o gás encobriu a morte asfixiante dos soldados.

“Encurvados, como velhos mendigos debaixo dos sacos, / Joelhos trôpegos, tossindo como bruxas, blasfemávamos através do lamaçal, / Até que a luz ofuscante de um foguete nos fez retroceder / E na direção do nosso campo distante iniciamos a difícil caminhada. / Homens marchavam adormecidos. Muitos perderam as suas botas, / Mancavam, calçados de sangue. Todos seguiam prostrados, todos cegos; / Embriagados pela fadiga, surdos até mesmo aos sibilos / Das *Five-Nines*⁶⁰³... que caem atrás de nós // Gás! Gás! Rápido rapazes! — Num êxtase perturbador / Ajustam as grosseiras máscaras a tempo. Mas alguém ainda estava gritando e tropeçando, / E se debatendo como um homem em chamas ou calcinado... / Através das enevoadas lentes das máscaras, turvadas por uma densa luz esverdeada, / Como sob o verde do mar, eu o vi se afogando // Em todos os meus sonhos, diante da minha visão perdida, / Ele mergulhou em mim sorvendo o ar, asfixiando, afogando. / Se em algum sonho sufocante, você também pudesse passar / Por detrás da carroça em que o atiramos, / E observar os olhos brancos contorcendo em sua face / Seu rosto pendente, como um diabo doente de pecar / Se você pudesse ouvir, a cada solavanco, o sangue, / Vir borbulhando na espuma dos pulmões corrompidos / Trágico como o câncer, amargo como o fel / Infames, feridas incuráveis em línguas inocentes / Meu amigo, você não contaria, com tão elevado

⁶⁰⁰ FRESCURA, Attilio. *Diario di um Imboscato...* op. cit., p. 142/354. (Apêndice I).

⁶⁰¹ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada para sua mãe. Zona di Guerra, 12 jul. 1916. (Apêndice I).

⁶⁰² ARTHUR, Max (org); em associação com o Museu Imperial de Guerra. *Vozes Esquecidas da Primeira Guerra Mundial...* op. cit., pp. 111-112. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, (Relato do Soldado W. A. Quinton)

⁶⁰³ *Five-Nines*: bombas de gás alemãs de calibre 5.9.

entusiasmo idealista / Para as crianças que anseiam por alguma desesperada glória / A velha mentira: *Dulce et decorum est Pro patria mori*”⁶⁰⁴.

Avançando os cinquenta metros que separavam os exércitos adversários – a terra de ninguém – em direção à barreira de arame farpado do campo inimigo, podia-se “ver corpos de soldados presos nela... mortos ou muito feridos. Não havia uma brecha sequer. Nossa artilharia não conseguiu romper a barreira de arame, mesmo lançando bombas de oito quilos contra ela. O artefato caía em certo ponto e, em vez de abrir um rombo grande o bastante para as tropas atravessarem, apenas formava grandes massas de arame embolado, o que tornava o obstáculo ainda pior...”⁶⁰⁵ Alguns infantes “saltam as cercas de arame farpado, caindo, levantando-se, aparecem no cume, desaparecem; os outros seguem ofegantes, colidiam-se, escorregavam... Permanecemos assim, muitos homens amontoados, olhando de um lado e de outro para o cume em disputa, do qual cada um tem uma parte e a defende com os dentes, disputando-a ferozmente com o inimigo, incapaz de realizar qualquer progresso, mas profundamente obstinado a impedir o do adversário”⁶⁰⁶. “Os alpinos começaram a ação a partir do front superior, mas mal haviam tentado sair em fila, para a passagem entre os sacos de areia do bastião de rocha. que circunda o cume como uma coroa titânica, ficaram na mira de tiros solitários que vinham de uma torre de vigia, isolada entre as pedras. A cada disparo um alpino tombava entre os nossos reticulados. Uns sobre os outros, todos caíram naquela garganta que, em pouco tempo, foi embarricada pela pilha humana”⁶⁰⁷.

“As balas vinham como a tempestade, sibilando entorno das orelhas. Os meus companheiros de divisão, um ferido de um lado, um do outro, caíam no chão, gritavam, choravam, suspiravam, pediam socorro e não se podia fazer nada. Era de partir o coração de compaixão vê-los sofrer assim e não poder ajudar... Os mortos e os feridos estavam uns perto dos outros, um sem perna, um sem braço, um com a cabeça dilacerada, outros com o ventre, que perdiam até as vísceras. Era algo que não se pode nem mesmo descrever”⁶⁰⁸. “E nesse cataclismo, um pobre tenente corre, cai, levanta-se, refugia-se nas covas recém-abertas, salta em uma passarela com a força dos braços, avança engatinhando aterrorizado, não de medo... não pela preocupação de encontrar abrigo, mas única e imperiosamente pelo anseio de seguir

⁶⁰⁴ OWEN, Wilfred (1893-1918). *Dulce et Decorum est*. O título faz referência aos versos de Horácio, em *Odes*, e se completa na frase final: *Dulce et decorum est pro patria mori* (Doce e honrado é morrer pela Pátria). O poema foi escrito em outubro de 1917, quando o poeta se recuperava de um ferimento de guerra no Craiglockhart Hospital. Owen morreu em combate uma semana antes do armistício. (Apêndice I).

⁶⁰⁵ ARTHUR, Max (org.). *Vozes Esquecidas da Primeira Guerra Mundial...* op. cit., pp. 138-139. (Relato do Sargento Charles Lippett)

⁶⁰⁶ MARECONI, P.. *Il Battaglione Monte Berico*. MSIdGG, Rovereto, Itália. (Apêndice I).

⁶⁰⁷ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 177. (Apêndice I).

⁶⁰⁸ PAOLI, Angelo. *Memorie*. MSIdGG, Rovereto, Itália. (Apêndice I).

em frente, de alcançar a qualquer custo um lugar de paz de espírito, que é o seu posto na trincheira, perto de sua arma, ombro a ombro com seus homens, agarrado à sua modesta e imperiosa tarefa” ⁶⁰⁹.

O front é um “redemoinho sinistro. Quando se está em águas calmas, ainda longe de seu centro, já se lhe sente a força do desejo intenso que nos arrasta, lenta e implacavelmente, sem encontrar muita resistência. Mas a terra e o ar nos dão as forças defensivas: principalmente a terra”. “Vivo na trincheira, nas montanhas de pedra, durmo ao ar livre e nas cavernas. Por colchão tenho a palha ou a terra fresca” ⁶¹⁰. “Para nenhum homem a terra é tão importante quanto para um soldado. Quando ele se comprime contra ela demoradamente, com violência, quando nela enterra profundamente o rosto e os membros, na angústia mortal do fogo, ela é o seu único amigo, seu irmão, sua mãe. Nela ele abafa o seu pavor e grita no seu silêncio e na sua segurança; ela o acolhe e o libera para mais dez segundos de corrida e de vida, e volta a abrigá-lo: às vezes, para sempre!” ⁶¹¹.

Os homens vigiam aqui e ali, dispersos no lamaçal, na solidão, nas ruínas. As sombras do crepúsculo aos poucos se adensam e começam a transbordar as colinas, apagando as últimas luzes, “como uma multidão silenciosa de mil faces invisíveis. A tormenta se aplaca de repente, mas na calma fluente, antes escassa, depois copiosa como um aguaceiro, retoma o gotejar intolerável de todas as horas noturnas. Na maré de lama e de desolação um sobrevivente começou a sair do buraco e andar às cegas”. Outro, jorrando sangue pela boca a cada palavra, implorava: — “Senhor tenente, se conseguir sair em licença, vá dar este beijo por mim, para a minha *mamma*. E por um tempo permaneceu “entre meus braços com os olhos ainda vivos, que me repetiam aquela última prece” ⁶¹². “Sob a pele, a vida não palpita mais: foi sendo expulsa do corpo. A morte avança de dentro para fora e já domina os olhos... Se ele ao menos abrisse a boca e gritasse! Mas chora apenas, com a cabeça virada para o lado; não diz nada; agora, tudo ficou para trás. “Está só, com a sua pequena vida de dezenove anos, e chora porque ela o abandona” ⁶¹³.

No terreno circundante espalham-se despojos humanos – “metade vivo, metade liquefeito” –, capacetes esburacados, fuzis, chapéus plumados dos *bersaglieri* e um sem número de cartões postais dispersos por toda parte. Mais além, entre os mortos insepultos

⁶⁰⁹ CARANDINI, Nicolò. *Il Lungo Ritorno...* op. cit., p. 56.. (Apêndice I).

⁶¹⁰ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada a sua mãe. Mira, 5 set. 1916. (Apêndice I)

⁶¹¹ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front...* op. cit., p. 50.

⁶¹² SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 73 e 202. (Apêndice I).

⁶¹³ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front...* op. cit., pp. 19 e 32.

jazem os vivos, sepultados “nas covas repletas de infantes: minúsculas bolhas de vida naquele cemitério sem nome” ⁶¹⁴.

“Que triste pesar causam os mortos! Ontem vi vinte e seis alinhados em um pequeno espaço, antes do posto médico. Ficaram expostos por cerca de um dia. Veio uma chuva torrencial, que lavou o rosto, as mãos endurecidas, o sangue, a poeira, todos os resíduos de tantos meses nas trincheiras, como um ato de remissão dos seus pecados. Foram sepultados durante a noite em duas grandes valas, sobre as quais surgem agora cruzeiros brancos. Quando passo por lá, meu coração dá um salto. Ah! Nunca mais esquecerei aquelas vinte e seis faces brancas, aqueles corpos rígidos, submersos na chuva. E, sobretudo, não esquecerei de uma caixa de *gallette* ⁶¹⁵, ensanguentada, que recebeu piedosamente os restos de um pobre soldado, feito literalmente em pedaços por uma granada que o atingiu em cheio” ⁶¹⁶.

A morte, sempre presente, ia, vinha, tocava um, alcançava outro, carregando as almas caídas. A chuva lenta, opaca, infinita, banhava as impurezas dos mortos, inundava as trincheiras, e escorria feito um riacho pelo parapeito e pelas encostas da barreira de sacos de areia, que caíam uns sobre os outros se desfazendo no chão. Tudo se dissolve e se desagrega. A terra encharcada “é uma massa que pinga, úmida e oleosa, formando poças amareladas nas quais se desenham espirais vermelhas de sangue, em que os mortos, os feridos e os sobreviventes afundam-se pouco a pouco... Monótona, a chuva cai por sobre as nossas cabeças, sobre as dos mortos, sobre o corpo do pequeno recruta, com um ferimento que é grande demais para o seu quadril; cai na cova, cai nos nossos corações” ⁶¹⁷.

“Não podíamos dormir, e cada minuto era como uma hora. O terreno à nossa frente estava cheio de soldados mortos... Nossas trincheiras, com pouco mais de dois metros de profundidade, estavam cobertas com um lençol d’água com cerca de cento e vinte centímetros. Movimentávamo-nos ou nos arrastávamos lentamente através da marga lamacenta ou de um lamaçal amarelado... Quando a noite chegou e pudemos sair dali, levamos quase uma hora para escalar as paredes. Alguns dos nossos companheiros voltaram a escorregar para dentro das trincheiras e se afogaram. Não conseguimos sequer vê-los, mas alguns de nós chegamos a pisar os seus corpos depois” ⁶¹⁸.

⁶¹⁴ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., pp. 67-68. (Apêndice I).

⁶¹⁵ Tipo de pão-biscoito de longa conservação usado por marinheiros e militares.

⁶¹⁶ RIGILLO, Michele. *La mia Guerra in Vallarsa...* op. cit.. (Apêndice I).

⁶¹⁷ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front...* op. cit., pp. 64 e 216.

⁶¹⁸ ARTHUR, Max (org.). *Vozes Esquecidas da Primeira Guerra Mundial...* op. cit., p. 68. (Relato do Fuzileiro Henry Williamson).

“Parece que o fermento da juventude foi flagelado e disperso por uma rajada de inverno nestes homens tristes, que sabem, que esperam, sem esperança... Coisas que fazem chorar” ⁶¹⁹. As farpas inertes do arame que os cercavam pareciam chamá-los para a noite perpétua, para o sonho impossível do colo materno, para o fim. Até quando “suportarei os sofrimentos que me circundam? Quantas vezes tenho pedido a morte a Deus, mas Ele nunca me quis dar. Tenho arriscado dezenas de vezes, oferecendo-me voluntariamente à perigosa missão de ir com tesouras na mão cortar as barreiras de arame farpado, para abrir passagem para as nossas tropas saltarem sobre o inimigo. Milhares de balas me assobiavam nos ouvidos, e eu ficaria feliz se algumas delas me atingissem, mas Deus não quer que eu morra, quer ainda deixar-me sofrer a minha vida... O pensamento que me cercava era o de por fim à minha vida com as minhas próprias mãos” ⁶²⁰.

Na planície do Isonzo, toda incrustada de pântanos inundados por águas estagnadas, a chuva atraía uma infindável nuvem de insetos, que se espalhava no ar, e chegava às linhas de frente, levada pelo vento. “Não há nada mais triste do que a chuva nas trincheiras. Nada mais triste do que este escoamento interminável de solidão e silêncio. Nada que se assemelhe à lividez destes crepúsculos, ao frio destas distâncias, à cor desta melancolia. A vala na qual estamos assemelha-se a uma piroga encalhada em um oceano de lama. Os soldados se curvam embaixo das tendas portáteis e das cobertas encharcadas, como jangadas construídas de sacos ou de sucatas, fustigados pela chuva, amontoados uns aos outros, com o pé imerso no lamaçal, como estátuas de terracota ainda não desenterradas. O mau tempo acalma o ritmo da guerra, mas nos faz, ao mesmo tempo, morrer de desgosto” ⁶²¹. “Nossas mãos são terra, nossos corpos, lodo, e nossos olhos, poças de lama. Já não sabemos mais se estamos vivos” ⁶²².

Mergulhados na eterna e violenta existência entre o humano e o animal, onde se moviam os vivos, os soldados eram incessantemente emboscados pela morte. Em um momento estavam de pé; em outro, como por encanto, transformavam-se em um “tronco decapitado, que permanecia por um instante imóvel antes de tombar”... “Todos sentem que há alguma coisa no ar, e em todos existe um presságio que os deixam tristes como condenados à espera da morte”⁶²³. “Sussurra-se, espera-se o que deve vir para romper esta lenta consumição

⁶¹⁹ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., pp. 41- 42 . (Apêndice I).

⁶²⁰ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada a sua irmã Almerinda. Zona de Guerra, 3 jun.1917.

⁶²¹ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 95. (Apêndice I).

⁶²² REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front...* op. cit., p. 217.

⁶²³ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., pp. 80, 81 e 187. (Apêndice I).

sem fim” ⁶²⁴. A guerra introduz o doloroso aprendizado da agonia. “Pela primeira vez, naquela tristíssima situação, experimentei um sentimento de profundo cansaço, não apenas físico; de desânimo. Os gritos dos feridos, o estertor dos moribundos, o sangue que escorria na lama... Recordo um soldado austríaco que comprimia as mãos sobre o ventre dilacerado para conter as vísceras: um espetáculo penoso e horrendo...” ⁶²⁵.

“Estamos sós em um imenso cemitério devastado pelo cataclismo. Há no ar uma sensação de umidade e de decomposição, de mofo e de inverno. Vago entre os sobreviventes; parece-me que o crânio range em minhas mãos se fecho os olhos”. “Este sofrimento... é um dos tormentos intoleráveis da nossa miséria, como a sede que nos inflama o cérebro, como o odor dos cadáveres, como a imundice da lama, como a aflição do sono que nos faz às vezes, durante a noite, pender a cabeça de repente sobre o peito. A noite pendura os fios das campânulas mortuárias na melancolia que invade os nossos corações nesta hora imensa” ⁶²⁶.

Entocados em cavernas como animais, os feridos, impossibilitados de serem transferidos para as enfermarias, se protegem do fogo insano dos últimos dias. “Ao lado deles estava agachado o que restava da divisão de heróis que, em quinze dias de combates, continuaram rechaçando o inimigo impetuoso: homens simples, angustiados e silenciosos, com os rostos emoldurados pela barba, pálidos e atormentados. Uma crosta de terra acinzentada aderiu-se à pele e à divisa. Profundamente abatidos e incapazes de emoções, aqueles homens cansados tinham os olhos fixos no chão” ⁶²⁷. “Somos fugitivos. Fugimos de nós mesmos e de nossas vidas. Tínhamos dezoito anos, estávamos começando a amar a vida e o mundo, e fomos obrigados a atirar neles e destruí-los. A primeira bomba, a primeira granada, explodiu em nossos corações” ⁶²⁸.

As trevas vão encobrindo o dia e os bombardeamentos não cessam. Até mesmo os mortos, amontoados por todos os lugares, em campo aberto, clamam por repouso. Mas quem se atreveria a recolhê-los? Não se saía à noite das trincheiras, sem ficar à mercê das explosões contínuas. Recolhidos, com suas vidas resumidas ao mínimo, não mais o riso sem reservas, o prazer pelas pequenas coisas, a pureza da alegria juvenil, os soldados escrevem: “Zona de Guerra, 30 de janeiro de 1916. Querida *mamma*. Tens razão cara mãe (em dizer) que nas primeiras fotografias eu estava sempre com a fisionomia alegre. Agora já não estou mais feliz

⁶²⁴ CARANDINI, Nicolò. *Il Lungo Ritorno...* op. cit., p. 55. (Apêndice I).

⁶²⁵ FOSSATI, Felice. *Diario di Guerra: dalla Libia all'Isonzo 1913 - 1919*. A cura di Massimiliano Magli. Contemporanea (Collana diretta da Marino Manuelli). Brescia: Nordpress, 2003, pp. 49-50. (Apêndice I).

⁶²⁶ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., pp. 91 e 103. (Apêndice I).

⁶²⁷ WISSHAUPT, Ernst. *Memorie*. MSIdGG, Rovereto, Italia. (Apêndice I).

⁶²⁸ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front...* op. cit., p. 75.

como antes. Choro sempre por estar longe e de medo de nunca mais tornar a te ver. Agora já são sete meses que Deus me deu a graça de estar ainda vivo, apesar dos milhares de perigos que já passei, e não sei quantos ainda deverei passar se a guerra não acabar. Imagine como estou triste. Desculpe-me querida mãe de lhe dizer que eu não estou feliz, porque não sei se te deixarão receber esta carta. O governo não permite que eu escreva que estou descontente, e depois não quero que penses que eu estou sofrendo...”⁶²⁹.

Em longas cartas ou breves mensagens escritas nos cartões postais ilustrados⁶³⁰, franqueados pelo exército, os soldados estabeleciam um diálogo íntimo com os familiares distantes, enfrentando uma verdadeira acrobacia caligráfica, que os obrigava a pensar cada palavra, cada sentimento, deixando-os escorrer pela mente para depois registrá-los no papel. Com qualquer tempo, sempre que possível, mas particularmente ao cair da noite, como um afago da mãe antes de dormir, os soldados escreviam, liam e reliam ansiosamente as cartas recebidas, quase como uma necessidade irrenunciável. “Essa era a hora na qual o inverno do coração se enchia de gente que vinha de longe: a hora das recepções e das visitas. E tem a *mamma* que chega com os olhos brilhantes, pobrezinha, porque ela tem aquela eterna mania de achar que sempre acontecerá alguma desgraça, que se sofre na trincheira, e que enquanto ele estiver lá nunca estará bem. E tem o *papà* que, finalmente, parou de resmungar, e parece estar um pouco acanhado por ter que lidar com aquele filho que cresceu repentinamente, e se tornou homem”⁶³¹.

“Esta manhã começou o dilúvio. As cotas, atrás de nós, se puseram a rugir como animais ferozes aprisionados em gaiolas. Por todo o Carso elevou-se este clamor aterrorizador, que ressoou profundamente como em uma enorme cavidade da terra. Diante de nós, o deserto começou a emitir uma longa e entediante fumaça, quase como se as feridas abertas filtrassem, evaporando a alma desta terra amaldiçoada. Pouco a pouco as colunas se branqueiam, se retorcem, se fundem, se inflam em avalanchas, cobrindo o céu de espuma. Além da linha austríaca não há mais que uma cortina de remoinho, desfraldada contra o

⁶²⁹ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada a sua mãe. Zona di Guerra, 30 jan.1916. (Apêndice I).

⁶³⁰ Os cartões postais ilustrados, veiculados no front, abriram um campo de trabalho para muitas tipografias, assim como para diversos artistas, como os conhecidos Michele Cascella, Giorgio De Chirico e Carlo Carrà, para citar apenas alguns. Exemplos desses cartões podem ser vistos em CATI, Italo. *Cara Mamma ti scrivo. Le Cartoline dei Soldati della Grande Guerra*. Udine: Paolo Gaspari Editore, 2006, e no catálogo da mostra *L'Arma della Persuasione: Parole ed Immagini di Propaganda nella Grande Guerra*, a cura di Maria Masau Dan e Donatella Porceda. Gorizia: Edizioni della Laguna & Cooperativa Mitt, 1991.

⁶³¹ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., pp. 113-114. (Apêndice I).

horizonte.” As granadas explodem por toda a parte, e as “escavações que cinzelam o solo fazem pensar em uma cidade abandonada de uma dinastia de trogloditas” ⁶³².

Ao anoitecer o bombardeio começou com maior violência, como se fogos de artifício fossem arremessados com ímpeto, incendiando a atmosfera. A explosão lançou pelos ares uma nuvem imensa de fogo, “os tanques de óleo se incendiaram... e a névoa de outono se misturou com a luz intensa das chamas. Parecia um inferno” ⁶³³. “Olho na nossa frente, na direção Sul... bem acima em relação a nós, surge uma brigada fulgurante. Como a ponta de um ferro em brasa, cintila através da noite. Acende-se, se apaga e se acende novamente, por três vezes: é o lança-chamas. Não se vê silhuetas humanas e nenhum som chega até nós... o artefato ao nosso lado dispara o seu quarto tiro. Um grito dilacerante” ⁶³⁴. “Uma claridade indistinta, avermelhada, espalha-se no horizonte, de um extremo a outro. Ela parece estar em movimento contínuo, atravessada pelos clarões que irrompem das bocas das baterias. Foguetes luminosos elevam-se ao céu... explodem e caem numa chuva de estrelas verdes, vermelhas e brancas. O trovejar dos canhões aumenta até transformar-se em um único ribombar surdo, que logo se divide em explosões sucessivas. As metralhadoras crepitam. Acima de nós, o ar está cheio de petardos invisíveis, de assobios, sibilos e sussurros” ⁶³⁵.

“De Borcola a Vallarsa era um ininterrupto suceder-se de clarões difusos, explosões e chamas no céu, provocados pelas *shrapnel*. Em seguida, uma fumaça cinzenta cobriu lentamente toda a cadeia, que de vez em quando era rasgada por um fulgor. Parecia que toda a montanha se consumia em chamas. As 22 (horas) o inferno se acalmou, e apenas a luz intensa de um sinalizador continuou a martirizar aquela zona” ⁶³⁶, iluminando a noite em vultos esparsos “como pobres almas penadas” ⁶³⁷. “Depois da primeira angústia me veio ao coração uma estranha sensação de embriaguez, o sonho do fim da guerra de posições e o começo da batalha manobrada na planície. É esta ilusão que eleva os espíritos” ⁶³⁸.

Os vivos tiravam forças de onde não tinham e carregavam os mortos. “Em uma noite muito fria, praticamente nossa companhia inteira, inclusive o próprio capitão, participava de um grupo especial de sepultamento de um grande número de soldados... Saímos rastejando das trincheiras com cuidado, em pequenos grupos, e sepultamos os corpos jogando-os em

⁶³² SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 216. (Apêndice I).

⁶³³ ARTHUR, Max (org). *Vozes Esquecidas da Primeira Guerra Mundial...* op. cit., p. 60. (Relato do Sargento Richard Tobin).

⁶³⁴ SCHNEEBERGER, Hans. *La Montagna che Esplode...* op. cit., p. 53. . (Apêndice I).

⁶³⁵ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front...* op. cit., pp. 52 -53.

⁶³⁶ LAICH, Francesco. *Memoria Autobiografica*. MSIdGG, Rovereto, Italia. (Apêndice I).

⁶³⁷ SCHNEEBERGER, Hans. *La Montagna che Esplode...* op. cit., p. 86. (Apêndice I).

⁶³⁸ CARANDINI, Nicolò. *Il Lungo Ritorno...* op. cit., p. 58.

buracos naturais ou abertos pelas bombas⁶³⁹. Não era um serviço agradável, e às vezes os membros se soltavam dos cadáveres... Os corpos foram postos o mais fundo possível nesses buracos, e cobertos com uma leve camada de terra que era deslocada ou removida com pás de trincheira... O trabalho era lento, cansativo e difícil” ⁶⁴⁰. “No ar sente-se um odor intenso e atroz de cadáver, que se agarra na garganta e nos tira o fôlego. Os sepultados e os insepultos exalam as chamas da sua podridão, que germina na terra sobre a qual me ajoelho” ⁶⁴¹. Por toda parte se via uma contínua “semeadura de cruzes, algumas anônimas, outras com nomes desconhecidos rabiscados a lápis em madeira corroída, outras manifestando pesar com simples palavras de afeto, e outras veladas por um invólucro de granada cheio de água da chuva, onde algumas flores murchas balançam em uma agonia sem fim” ⁶⁴².

Chegou o Natal, “com as habituais e escassas rações. Deram-nos meia caneca de cerveja amarga. Um dia muito triste, com o pensamento voltado para casa, para os meus caros distantes e, sem dúvida, lamentando o meu destino” ⁶⁴³. Nas semanas que antecederam a data natalícia as tempestades de neve chegaram ao seu ápice. “Em poucos minutos trincheiras e galerias de comunicação foram niveladas acima dos abrigos apoiados nas rochas. A neve atingiu, em um curto espaço de tempo, a altura de metros, sufocando o fogo das estufas e obstruindo continuamente a entrada dos próprios abrigos. Uma companhia de escavadores, que deveria substituir a uma das pioneiras, deslocada do Dente do Pasubio, perdeu-se no meio da tempestade” ⁶⁴⁴. “Não se distinguia nada além de vigas, pedaços de papel com piche e vários escombros que saíam dos blocos de neve enlameados, assemelhando-se a um mar tempestuoso subitamente congelado. O trabalho de resgate foi penoso e quase sem sucesso. Uma longa barraca, refúgio de jovens e velhos que conduziam os cavalos de carga, não ainda obrigados às armas, mas militarizados, havia desaparecido e fora encontrada no fundo do vale, tarde demais para salvar os duzentos infelizes... As centenas de mortos foram enterradas na mesma neve que pouco antes fora o seu carrasco” ⁶⁴⁵.

⁶³⁹ Durante a guerra na Itália, os mortos eram enterrados no lugar onde haviam tombado ou não muito longe. Com o fim da guerra, a obra do *Comissariato per la cura e Onoranze alle Salme dei Caduti*, reuniu os restos mortais em cemitérios militares. Alguns, a pedido das famílias, foram transportados para a cidade de origem.

⁶⁴⁰ ARTHUR, Max (org). *Vozes Esquecidas da Primeira Guerra Mundial...* op. cit., p. 143. (Relato do Tenente George Craike)

⁶⁴¹ FRESCURA, Attilio. *Diario di um Imboscato...* op. cit., p. 114/354. (Apêndice I).

⁶⁴² SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 43. (Apêndice I).

⁶⁴³ FOSSATI, Felice. *Diario di Guerra: dalla Libia al'Isonzo 1913 - 1919...* op. cit., p. 66. (Apêndice I).

⁶⁴⁴ WISSHAUPT, Ernst. *Memorie...* op. cit.. (Apêndice I).

⁶⁴⁵ LAICH, Francesco. *Memoria Autobiografica...* op. cit.. (Apêndice I).

A peregrinação sem trégua de trincheira em trincheira, de combate em combate, de ruína em ruína, apagava as recordações da vida pregressa, embaralhava o passado, fazia os dias se confundirem com a noite. “Desde que estamos aqui, nossa vida antiga nos foi cortada, sem que tenhamos contribuído para isto. Muitas vezes, procuramos um motivo, uma explicação, mas não conseguimos achá-los. Justamente para nós, que temos vinte anos, as coisas são particularmente confusas... A guerra foi um dilúvio que nos arrastou” ⁶⁴⁶. “Olhamos o céu distante, as casas afastadas que brilham de luzes à noite, com uma angústia indescritível. A fome nos arranha as entranhas, mas talvez não seja a fome que mais nos faz sofrer: é esta exclusão do mundo, esta clausura indeterminada, esta enorme necessidade de viver, que se debate cegamente em nós, e que nos parece deva, um dia, escancarar-nos na cabeça um vazio de loucura”⁶⁴⁷. “E, à noite, assustados ao despertar de um sonho, subjugados pelo encantamento de visões que nos cercam, compreendemos como são frágeis o apoio e o limite que nos separam das trevas: somos pequenas chamas, mal protegidas por paredes fracas contra a tempestade do desmoronamento e da insensatez em que vacilamos e, às vezes, quase nos extinguimos... Cada dia e cada hora, cada granada e cada morte corroem um pouco mais este frágil apoio...” ⁶⁴⁸. “O mundo todo está circunscrito a esta margem suspensa sobre a morte, onde passamos e repassamos na inconsciência do tempo. De todos estes meses não permanece no meu cérebro senão um espetáculo de demolição num cenário branco de chumbo. O inverno nos comprime o coração como uma pressão de gelo. Aguardamos friamente, tristemente, como uma libertação daqueles pobres homens que somos”⁶⁴⁹.

⁶⁴⁶ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front...* op. cit., pp. 23-24.

⁶⁴⁷ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p. 226. (Apêndice I).

⁶⁴⁸ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front...* op. cit., p. 208.

⁶⁴⁹ SALSA, Carlo. *Trincee...* op. cit., p.199. (Apêndice I).

6.3. O Passado Desdobrado

Todo ser humano é um abismo, e a gente tem vertigens quando se debruça sobre um deles.

Woyzeck. Georg Büchner

Em uma manhã fria, chuvosa e cinzenta do início do inverno paulistano de 1915, Americo Orlando deixou a sua casa, na Rua Amaral Gurgel, a poucos quarteirões da Estação da Luz. Saiu em silêncio, sem se despedir dos seus pais e dos seus irmãos mais novos, que ainda dormiam. Movido pelo contraditório, mas intenso e vital sentimento identitário, ele deixava furtivamente tudo e todos, para ir ao encontro do seu sonho... E do seu pesadelo.

Partia para a guerra, que naquele momento significava, acima de tudo, a porta de entrada da sua amada Itália, que agora se abria de par em par, para receber de volta os deserdados do reino, incitados pelo recorrente e incisivo apelo ao patriotismo e ao dever dos italianos:

A pátria chamou os seus filhos às armas porque está ameaçada por um grave perigo. Trata-se de uma luta de vida ou de morte. Se os eventos da guerra não forem favoráveis, o nosso país poderá vir a ser uma província do Império austríaco, um Vice-Reino em mãos de um Príncipe de Habsburgo [...]. Todo o extraordinário esforço, que é a glória e a dignidade da Itália restaurada, será destruído. Voltaremos ao que éramos antes de 1859, e a dominação estrangeira será mais implacável, porque nunca como agora o ódio austríaco e alemão contra nós foi tão grande. Todo cidadão italiano, portanto, tem uma ação patriótica a cumprir, e deve cumprir sem hesitar, com boa vontade e com ímpeto⁶⁵⁰.

Trabalhando nas oficinas do jornal *Fanfulla* como tipógrafo, era inevitável que Americo estivesse envolvido na tarefa de paginação e composição dos textos de guerra, que a partir da eclosão do conflito ítalo-austríaco, inundavam diariamente as páginas do jornal. Letra a letra, palavra por palavra, a guerra se desenrolava diante dos seus olhos, enredando-o inexoravelmente ao seu destino.

Na véspera da sua partida, despedindo-se silenciosamente da terra onde nascera, ele caminhou ao lado de seu irmão Luigi pelos lugares que costumavam frequentar, naquela São Paulo de poucas atrações para a juventude, que estava prestes a abandonar. As lembranças desse dia, depois de um ano de guerra, iriam aflorar:

⁶⁵⁰ *Fanfulla*, 18 jul.1915, p. 2. (Apêndice I).

Querida adorada mãe. Não podes imaginar que grande alegria receber a tua cara e adorada carta com a data de 24 de junho do mês passado [...]. A fotografia de corpo inteiro de Luigino, a grande alegria de vê-lo tão elegante e belo, de ver o seu rosto depois de um ano, cada momento não faço mais que ficar olhando-o. Recordo-me da véspera da minha partida (quando) o vi pela última vez no jardim do teatro Municipal e ele sem saber o que aconteceria no dia seguinte, de ter um irmão que partia, sem saber se voltaria. A sua pose na fotografia no Jardim da Luz [...], me faz lembrar as muitas vezes que estivemos lá, especialmente quando íamos beber a água fresca que corria da fonte da Cascatão. [...] Ao menos se eu morrer o seu olhar me acompanhará ao túmulo sagrado dos heróis da pátria⁶⁵¹.

As primeiras luzes da manhã de 22 de julho começavam a clarear o dia quando Americo chegou à Estação da Luz, já repleta de jovens, que aguardavam ansiosamente a hora da partida, acompanhados por amigos e familiares. Talvez ele fosse o único ou um dos únicos, que estivesse só.

Na plataforma inferior só era permitida a presença dos membros do Comitê Pró-Pátria, autoridades e representantes da imprensa. A coletividade italiana, impossibilitada de ingressar na estação, desde o trágico acidente que ocorrera no início de julho, aglomerava-se na ampla Praça da Luz debaixo de uma fina garoa, que embaçava ainda mais o dia. Embora ainda abalada pelos episódios funestos de semanas atrás, a colônia italiana não deixou de receber entusiasticamente os jovens que partiam. Como de costume, o cônsul italiano Angelo Dall'Aste Brandolin dirigiu ao grupo de reservistas palavras de estímulo: “Coragem, rapazes, coragem. Sejam valorosos. Honrem a Itália e ao vosso Rei. Boa viagem e retornem vitoriosos” ⁶⁵².

Na chegada a Santos, os reservistas foram saudados efusivamente pela multidão. Ao som da Marcha Real, executada pela banda da Sociedade União Portuguesa, formou-se um cortejo que, precedido pela música, atravessou a via principal, improvisando calorosas manifestações em frente à sede vice-consular da Itália e das principais nações aliadas: França e Inglaterra. No momento do embarque no *Tomaso di Savoia*, que chegou ao porto de Santos às nove horas, um grande número de presentes nas docas saudava com simpatia os futuros soldados, não obstante a chuva que caía. Na parte da tarde o navio deixou o porto de Santos

⁶⁵¹ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada a sua mãe. Zona de Guerra, 2 ago.1916. (Apêndice I).

⁶⁵² *Fanfulla*, 21 jul.1915, p. 2. [Texto original: *Coraggio, ragazzi, coraggio. Siate valorosi. Fate onore all'Italia ed al vostro Re. Buon viaggio e tornate vittoriosi.*]

em direção ao Rio de Janeiro, levando a bordo, junto com os trezentos reservistas de São Paulo – entre eles, cento e vinte oriundos de Polignano a Mare – um grupo de novecentos e cinquenta recrutas provenientes de Buenos Aires⁶⁵³.

Ao cair da tarde, o *Tomaso di Savoia* deixou o porto do Rio de Janeiro e após dezessete dias de uma travessia sem sobressaltos, aportou em Genova. Cinco dias depois, em 13 de agosto, Americo já estava em Guardiagrele e se apresentou ao Distrito Militar de Chieti, para iniciar o seu treinamento. Menos de dois meses depois foi enviado para o front italiano ao longo do Isonzo, onde seria mais uma peça anônima no perigoso tabuleiro da guerra. Em 9 de outubro foi incorporado ao 14º Regimento de Infantaria, e menos de um ano depois, em 16 de julho de 1916, foi promovido a cabo. A sua Folha Militar, além de registrar a filiação, data de nascimento, naturalidade e profissão, assim o descreve: estatura 1 metro e 62,5 centímetros; cabelos louros e lisos; nariz grego; olhos azuis; tez rosada. Os anos de guerra e os efeitos debilitantes da malária, contraída no front, fariam com que os cabelos louros esmaecessem, os olhos azuis perdessem o brilho, e a tez rosada, a cor. No cartão ao lado, enviado de Aieta, onde Americo passou várias de suas licenças na casa de Vito Di

Aieta, 19-3-1917
Envio-lhe este meu perfil de fotografia.
Não vai desprezar este pobre soldadinho negrinho porque elle e seu irmão guerreiro que se acha esta data em licença.
Mil beijos e abraços deste soldado negro com um cigarro paulista na boca.

27. Cartão enviado a Giuseppe Orlando. Aieta 19 de Março de 1917. Acervo Scioli Orlando/SP

Cunto, sogro de Giovanni, ele escreveu a seu irmão Giuseppe: “Envio-lhe este meu perfil (perfil) de fotografia. Não vai desprezar este pobre soldadinho negrinho porque ele é seu irmão guerreiro que se acha nesta data em licença. Mil beijos e abraços deste soldado negro com um cigarro paulista na boca” ⁶⁵⁴.

⁶⁵³ *Fanfulla*, 22 jul.1915, pp. 1-2.

⁶⁵⁴ Acervo Scioli Orlando/SP.

Pouco antes de o *Tomaso di Savoia* deixar definitivamente as águas brasileiras, Americo postou a primeira das quase cem cartas que escreveu, cujas linhas iniciais encerram questões que provavelmente nunca poderemos responder:

Rio de Janeiro, 22 de julho, 1915

Querida cognada. Screvo estas poucas linhas para informavos do estado perfeito di minha saude, no qual o meu pensamento foi sempre o de ir à Itália. Assim peço perdão a minha mãe e aos meus irmãos, e dizes à minha mãe não chorar por mim que eu o mais depressa possível voltarei (para) junto della, e dizes que eu tenho feito esta malvadeza para me salvar de alguma eventualidade no futuro. Parti com o “Tomaso di Savoia”, o qual me conduzirá feliz para a Itália. [...]. Tantos beijos a minha querida mãe, a meu pai, meus irmãos, sobrinhos e cognadas, assim como à senhora e a todos os que perguntarem de mim⁶⁵⁵.

A “querida cognada”, a quem a carta é dirigida, era Antonia Lopez, a imigrante espanhola que o seu irmão mais velho, Giuseppe, esposara. Pela forma afetiva pela qual é tratada e pelas palavras de conforto que assinalam as cartas enviadas para Americo no decorrer da guerra, Antonia demonstrava ser uma amiga, uma espécie de irmã mais velha, a quem ele confidenciava os seus pensamentos. A ela coube a difícil missão de transmitir aos demais membros da família a sua partida.

A “malvadeza” que ele fazia não era fruto, unicamente, do seu desejo imanente de ir para a Itália. Ele partia para se “salvar de alguma eventualidade no futuro”. O que temia? O que poderia acontecer no futuro que pudesse culpá-lo ou condená-lo se não partisse? Punições espirituais? Seria um ato de remissão? Oferecia à Itália a vida que de lá fora arrancada precocemente? Ou simplesmente receava ser julgado e apontado como traidor da pátria pelos seus iguais, como sugere a nota convocatória de 12 de julho de 1915?

Americo pede perdão à mãe e aos irmãos, mas não ao pai. Para o pai, mais do que palavras, era o ato que contava. Era a mãe que choraria por ele. A dor da separação materna rompe simbolicamente com os laços simbióticos entre mãe e filho, provocando a verdadeira maturação da individualidade. A atração pela longínqua terra de seus antepassados, condicionada a um tempo que há de vir, soa como um obscuro pressentimento de carregar o ato sacrílego do abandono da terra, que alcança a dimensão do mito.

O mito é o nada que é tudo. / O mesmo sol que abre os céus / É um mito brilhante e mudo – O corpo morto de Deus, / Vivo e desnudo. / Este, que aqui aportou, / Foi por não ser existindo. / Sem existir nos bastou. / Por não ter vindo foi vindo / E nos criou. / Assim a lenda se escorre / A entrar na

⁶⁵⁵ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada a sua cunhada Antonia Lopez. Rio de Janeiro, 22 jul.1915.

realidade, / E a fecundá-la decorre. / Em baixo, a vida, metade / De nada,
morre⁶⁵⁶.

Convencionou-se chamar “mito”, em sentido estrito, “a narrativa que se refere a uma ordem do mundo, anterior à ordem atual, destinada não a explicar uma particularidade local e limitada, mas uma lei orgânica da natureza das coisas” ⁶⁵⁷.

Na definição de Grinberg, os mitos são estruturas de sentido, e por terem uma dimensão imaterial e uma função puramente simbólica, proporcionam enunciados que permitem descobrir e verificar as relações conceituais fundamentais. O esforço para decodificar a sua riqueza singular é análogo aos esforços cognitivos despendidos na análise dos significados do que se quer descrever, que vão além do conteúdo manifesto⁶⁵⁸.

Baliza os propósitos aqui enunciados o mito do Éden, conforme descrito por Grinberg. Representando a primeira migração da história individual e símbolo do nascimento, esse mito define as experiências pelas quais o homem passa durante o seu desenvolvimento. Esse percurso compreende o distanciamento progressivo do objeto original materno, com a dissociação consecutiva do ser, o aumento das ansiedades mais primitivas – determinadas pela perda do objeto ideal –, a ruptura do cordão umbilical e a luta pela própria sobrevivência ⁶⁵⁹.

Intimamente associada a esse processo, e a ele sobrepondo-se, está a guerra, que requer submissão e total obediência, sinalizando uma rígida separação das atribuições especificamente masculinas. Ao evocar ritos de passagem, iniciações e rupturas sucessivas, a guerra é, para o jovem, o limiar da travessia entre dois mundos, a imersão em uma experiência coletiva e dramática, a chance de superar os seus medos, de vencer a morte, de se tornar homem.

Uma vez nascido, o homem ainda não está acabado; deve nascer uma segunda vez, espiritualmente; torna-se homem completo passando de um estado imperfeito, embrionário, a um estado perfeito, de adulto. Numa palavra, pode dizer-se que a existência humana chega à plenitude ao longo de uma série de ritos de passagem, em suma, por iniciações sucessivas⁶⁶⁰.

⁶⁵⁶ PESSOA, Fernando. Ulisses (1934). *Mensagens*. In: BERARDINELLI, Cleonice (org.). *Poemas: Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 151.

⁶⁵⁷ GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Tradução Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, p. XXXVI.

⁶⁵⁸ GRINBERG, L. & GRINBERG, R.. *Psicoanálisis de la Migración y del Exílio...* op. cit..

⁶⁵⁹ Ibidem, pp. 15-16.

⁶⁶⁰ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil., 1999, p. 140.

Na experiência da Grande Guerra, para além do seu gigantesco potencial destrutível e da descontinuidade existencial e histórica, algo mais aflora, e cresce, logo após a ruptura imposta pela partida para o front. A imersão na violenta realidade da guerra abalou o entusiasmo e o desejo de independência e aventura, que moveu grande parte dos jovens, dando lugar ao abatimento, ao anseio pela volta da vida civil e à grande dependência afetiva. A volumosa troca de correspondência, de que é exemplo o epistolário de Américo, é testemunha da profunda necessidade de comunicação e sintonia com a família. O intenso diálogo entre mãe e filho, que não encontra precedente, e a prevalência da instância materna no conflito, frente às contínuas e reais ameaças contra a integralidade física e psicológica, representavam, sobretudo, o último refúgio afetivo, o abrigo da impotência, o asilo da dor.

Ignazio Lanza di Trabia, jovem aviador, morto em novembro de 1917 durante a trágica batalha de Caporetto, escreveu em seu diário: “a mais perversa tarefa em tempo de guerra não é aquela do combatente, mas aquela da mãe” ⁶⁶¹.

As palavras do jovem aviador atestam o profundo sofrimento das mulheres, diante do perigo constante a que estavam expostos os homens da família. A centralidade assumida por elas na ausência do marido e dos filhos, durante os anos de guerra, dá voz a um modo de pensar a maternidade italiana, que “atravessa a sociedade desde o *Risorgimento* e invade sucessivamente, até mesmo, o discurso público da nova nação” ⁶⁶². Lembra Meneses, que “a memória nacional é o caldo de cultura, por excelência, para a formulação e desenvolvimento da identidade nacional, das ideologias da cultura nacional e, portanto, para o conhecimento histórico desses fenômenos” ⁶⁶³.

Alicerçado em tradições culturais, particularmente do campesinato, o discurso nacional construiu uma imagem materna que se consolidou na ideia do *mammismo* ⁶⁶⁴, circunscrevendo a estreita comunhão entre mãe e filho, o amor exclusivo, corajoso, pródigo de sentimento e de sacrifício. A celebração da maternidade como símbolo nacional e unificante instava as mães a darem provas da sua capacidade de anular os seus sentimentos, de superar o medo, de suportar a dor e, serenamente, aceitar o sacrifício de entregar o seu filho à guerra, para a “glória da Pátria”.

⁶⁶¹ Apud D’AMELIA, Marina. *La Mamma*. Bologna: Mulino, 2005, p. 169. [Texto original: *il più brutto mestiere in tempo di guerra non è quello del combattente, ma quello della madre*.]

⁶⁶² Ibidem, p. 8.

⁶⁶³ MENESSES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, Cativeiro da Memória... op. cit, p. 15.

⁶⁶⁴ O termo *mammismo* surge em 1952, em uma conjuntura psicológico-política particular, como um novo mito capaz de reconstruir uma identidade coletiva em uma Itália dividida e traumatizada pelas guerras.

Nos anos da guerra italiana a figura materna povoou o pensamento dos soldados, cristalizou-se no imaginário coletivo e deu forma à representação oficial como a imagem edificante da mãe *risorgimentale*, evocando o momento em que se forjou a nação. A ênfase do materno atravessa a sociedade italiana e invade sucessivamente a própria Itália, tida como um “país materno” ⁶⁶⁵.

O constante apelo do soldado à sua mãe, materialmente ausente, mas ao mesmo tempo tão vitalmente presente, tem em *Colloquii coi personaggi*, de Pirandello, uma tocante reflexão sobre a relação entre eternidade e temporalidade, vida e morte, mãe e filho, que emerge diante do pensamento da morte de sua mãe, em 1915, e dos seus questionamentos existenciais sobre o amor e a memória além da vida:

— Por acaso eu não estou sempre viva para você? — Oh, *mamma*, sim! — eu lhe digo. — Viva, viva, sim..., mas não é isto! Eu poderia agora [...] ignorar o fato da sua morte, e imaginar, como lhe imagino, viva ainda, sentada lá na mesma cadeira de espaldar alto, no seu canto de costume, pequena, com os netos ao seu redor [...]. Mas eu choro por outra coisa, *mamma*! Eu choro porque você, *mamma*, [...] você não pode mais pensar em mim como eu penso em você, você não pode mais me sentir como eu lhe sinto! Você estará sempre, sempre, no meu sentimento: eu, *mamma*, ao contrário, não estarei mais em você. Você está aqui [...] vejo a sua frente, os seus olhos, a sua boca, as suas mãos; vejo o enrugamento da sua frente, o abrir e fechar dos seus olhos, o sorriso da sua boca, o gesto das suas pobres e pequenas mãos feridas; [...] você está aqui diante de mim como uma realidade absoluta; mas o que sou eu, o que sou eu agora, para você? Nada. Você é e será para sempre a minha *mamma*; mas e eu? Eu, filho, fui e não sou mais, e não serei jamais... ⁶⁶⁶.

As palavras de Pirandello, nesse comovente diálogo com a sua mãe morta, poderiam ser as mesmas de uma mãe ao seu filho morto, talvez até, mais carregada de dor:

— Por acaso eu não estou sempre vivo para você? — Oh, filho, sim! — eu lhe digo. — Vivo, vivo, sim... Você está aqui diante de mim como uma realidade absoluta; mas o que sou eu, o que sou eu agora, para você? Nada. Você é e será para sempre o meu filho; mas e eu? Eu, mãe, fui e não sou mais, e não serei jamais...

22 de julho de 1915 abriu para Eleonora um doloroso parêntese, que interromperia o fluxo da sua vida para dar lugar à angustiante espera de notícias, à fatigante leitura dos boletins de guerra, à tentativa de expressar com palavras, através das cartas, a saudade, o amor

⁶⁶⁵ GAMBINO, Antonio. *Inventario Italiano: Costumi e Mentalità di un Paese Materno*. Torino: Einaudi, 1998.

⁶⁶⁶ PIRANDELLO, Luigi. *Novelle per un Anno*, vol. 3, tomo II. Milano: Mondadori, 1990, pp.1152-1153. *Colloquii coi Personaggi* foi publicado pela primeira vez no *Giornale di Sicilia*, 17-18 ago.1915. Acervo Scioli orlando/SP.

incondicional, o calor do beijo e do abraço maternos, ocultando o medo, dissimulando a dor, suplicando para que ele voltasse.

Como tantas outras mães, que não conseguiram apaziguar os seus corações, Eleonora buscou incansavelmente documentos, alternativas e mecanismos que permitissem a repatriação de Americo, mas no seu íntimo sabia que isso não se concretizaria, não só por conta das rígidas regras do exército italiano, mas porque Americo dificilmente renunciaria aos valores que ela sempre procurou lhe transmitir: responsabilidade, lealdade, dignidade, retidão.

Querida *mamma* [...] me dizes que muitos soldados retornam de repente, mas eu não posso entender como eles fizeram (para) retornar; creio que desertaram. Eu, querida mãe, não posso voltar se a guerra não acabar. Esperemos em Deus que acabe logo, assim poderei voltar ao teu seio para poder te abraçar depois de tantos meses longe de ti, porque eu jamais irei desertar. Trair a Itália seria uma covardia como fizeram vários soldados. Eu, ao contrário, não; melhor morrer do que trair as três cores⁶⁶⁷.

Querida e amada *mamma* [...] desculpe-me por dizer-te, o certificado do cônsul que me mandaste é tudo inútil para me fazer deixar (o exército) se primeiro a guerra não acabar. [...] Para voltar a te abraçar, como fazer: desertar? Isto nunca e depois se me viesse a ideia de desertar por onde eu passaria e se me pegassem então, eu não poderia te rever nunca mais, porque há uma rígida condenação para os desertores [...]: “o fuzilamento”. Portanto querida mãe, tenha coragem, tenha fé em Deus, me sacrificarei até o fim para um dia ter a cabeça erguida, depois de longos meses de sofrimento⁶⁶⁸.

A experiência da guerra, pelo seu caráter extremamente violento, especialmente para os soldados de primeira linha, em constante contato com a morte, espoliava tudo: o corpo, a mente, a alma, a moral, a razão. A fé parecia ser a última tábua de salvação ainda não corroída. Ao lado da figura materna, ela surge como a força protetora capaz de defender o soldado do perigo. O fervor religioso foi, para muitos combatentes, o ponto de equilíbrio entre a vida e a morte: o fiel da balança da sobrevivência psíquica.

Logo após a entrada da Itália na guerra, em maio de 1915, foram chamados às armas cerca de dez mil clérigos, dos quais, mais de dois mil assumiram o posto de capelães militares. A esse número somou-se mais quinze mil religiosos, arrolados no curso da guerra ⁶⁶⁹.

Embora as autoridades militares e eclesiásticas se esforçassem para que as práticas de devoção convergissem para a doutrina católica, as formas de religiosidade, de grande parte

⁶⁶⁷ Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando enviada a sua mãe. Dal fronte, 31 abr.1916. (Apêndice I).

⁶⁶⁸ Ibidem, 1 jun.1917. (Apêndice I).

⁶⁶⁹ STIACCINI, Carlo. *L'Anima Religiosa della Grande Guerra. Testimonianze Popolari tra Fede e Superstizione*. Roma: Aracne Editrice, 2009, p. 50.

dos soldados, católicos ou não, impregnavam-se das tradições culturais e religiosas próprias do seu ambiente de origem, como certas regiões rurais perpassadas ainda por crenças, lendas e superstições, recuperadas como um elemento divino e salvador capaz de amenizar e de superar os eventos traumáticos do conflito. Mesmo no âmbito do cristianismo, o catolicismo não era unânime entre os soldados, dividindo espaço com o evangelismo.

No dia 1 de julho de manhã, missa, confissão e comunhão para os católicos, para os evangélicos, absolvição. É de se notar que entre nós havia muitos evangélicos, e até aos domingos fazíamos dois grupos, porque eles iam para a sua igreja que era belíssima; eu mesmo tinha estado (lá) muitas vezes⁶⁷⁰.

Essa inter-religiosidade foi um dos aspectos que fizeram com que essa guerra fosse considerada, aos olhos dos observadores, um “laboratório antropológico”. A experiência traumática da guerra acentuou as práticas religiosas, e entre os católicos, a evocação da “figura do santo padroeiro da própria cidade ou do próprio vilarejo” ⁶⁷¹.

Nesse aspecto, merece atenção a relação de Americo com a sua amada Itália. No âmbito da religiosidade, esperava-se que o santo de devoção da família fosse um dos padroeiros de Guardiagrele (San Donato d’Arezzo, Sant’ Emidio, San Nicola Greco) ou os da Itália (São Francisco de Assis, Santa Catarina de Siena, Santo Estêvão) ou mesmo, San Genaro, Nossa Senhora Achiropita, Nossa Senhora de Casaluce, santos de devoção dos imigrantes da Itália do Sul que vieram para o Brasil, homenageados nas festas mais tradicionais da cidade de São Paulo.

Curiosamente, não era nenhum deles. Tanto Eleonora, quanto Américo eram devotos de Nossa Senhora da Penha ou Nossa Senhora da Penha de França, assim chamada, segundo diz a lenda, por ter aparecido ao monge Simão Vela, na serra Penha de França, ao sul da província de Salamanca na Espanha, nos idos de 1434. O culto a essa santa, contam as crônicas, foi trazido ao Brasil pelos colonizadores portugueses e chegou à cidade de São Paulo por volta de 1667, quando foi erguida uma pequena capela no alto de uma colina. No seu entorno se desenvolveu um dos bairros mais antigos, populosos e tradicionais da capital paulista, que recebeu o nome de Penha de França ou simplesmente, Penha.

Nenhum desses elementos parece encontrar um ponto de conciliação, capaz de estabelecer uma ligação com os fatos da vida de Americo e de Eleonora. Do que nos foi possível conhecer, não correspondem à sua origem italiana ou ao bairro no qual se

⁶⁷⁰ DABERTO, Valentino. *Le mie Guerre 1915-1918, 1940-1945*. A cura di Luciana Palla. Collana di Studi e Ricerche "Ladins da Souramont. Istitut Cultural Ladin “Cesa de Jan.” Vigo di Fazza (Trento): Cierre Edizioni, 2009, p. 26.

⁶⁷¹ STIACCINI, Carlo. *L’Anima Religiosa della Grande Guerra...* op. cit., pp. 12 e 23.

estabeleceram. Nem mesmo a data litúrgica dedicada à santa, celebrada em 8 de setembro, permite uma correlação com algum evento significativo na família, que pudesse ser motivo de homenagem.

Por que então Nossa Senhora da Penha? Qualquer hipótese que formulemos, jamais poderia ser comprovada. Independente disso há espaço para algumas considerações, sustentadas por questões aqui já enunciadas. Uma delas diz respeito ao processo de aculturação que, de um modo geral, se mostrou positivo entre os imigrantes italianos. No caso de Eleonora, é possível que a necessidade de restabelecer vínculos, recompor funções, elaborar perdas e adaptar-se rapidamente ao novo ambiente, tenha sido acelerada por uma conjunção de fatores, que a distanciavam da pátria de origem e a aproximavam do novo país, entre os quais, e possivelmente o maior deles, o nascimento de Americo. Outro aspecto que pode ser lembrado é a experiência do retorno temporário a Guardiagrele e a forma como Eleonora foi recebida por parte dos seus familiares. O rompimento dos elos que a unia ao seu passado pode ter fortalecido os vínculos com a terra de adoção, particularmente com a cidade de São Paulo que tinha, entre seus padroeiros, Nossa Senhora da Penha, evocada em quase todas as cartas de Americo à sua mãe:

Querida *mamma* [...] espero que Deus junto com Nossa Senhora da Penha me protegerá de qualquer desgraça do perigo em que me encontro, e espero sempre de te rever o mais cedo possível para te abraçar e beijar...⁶⁷².

Não duvides querida mãe que Nossa Senhora da Penha me protegerá de qualquer mau destino. Te agradeço muito de ir rezar por mim⁶⁷³.

Querida mãe [...] Nossa Senhora da Penha já me fez tantos milagres; espero que ela me ajude sempre no campo de batalha⁶⁷⁴.

Estimadíssima mãe. Não podes imaginar que outra alegria eu tive ontem ao receber a tua afetuosíssima carta contendo as (imagens) de Nossa Senhora da Penha e do coração de Nosso Senhor Jesus Cristo⁶⁷⁵.

⁶⁷² Acervo Scioli Orlando/SP. Carta de A. Orlando para sua mãe. Zona di Guerra, 18 dez.1915. [Texto original: *Carissima mamma (...) Spero che Iddio assieme colla madonna della Penha mi provvederà di qualche disgrazia al pericolo che mi trovo, e spero sempre di rivederti al più presto possibile per abbracciarti e baciarti...*]

⁶⁷³ Ibidem, 8 jan.1916. [Texto original: *Non dubitate cara madre che la madonna della Penha mi provvederà di qualquesia a male destino. Ti ringrazio tanto di andare a pregare per me.*]

⁶⁷⁴ Ibidem, 3 abr.1916. [Texto original: *Carissima madre (...) La madonna della Pegna già mi há fatto tanti miracoli e spero che mi aiuterà sempre in campo de bataglia.*]

⁶⁷⁵ Ibidem, 5 abr.1916. [Texto original: *Estimatissima madre. Non puoi figurare che altre gioia ho avuto ieri di ricevere la tua affezionatissima lettera contenendo la Madonna della Penha e il cuore di nostro Signore Gesù Christo.*]

Com o culto à santa forma-se uma tríade de natureza análoga: Nossa Senhora da Penha, a mãe divina; Eleonora, a mãe terrena; Itália, a mãe-pátria. Pode-se dizer que essas três figuras maternas habitavam as instâncias de devoção de Américo. À Eleonora, a mãe adorada, ele dedicou um amor incondicional. À Nossa Senhora da Penha, que o amparou em momentos cruciais, ele consagrou a sua fé. À amada Itália, dedicou uma afeição profunda, quase visceral.

Essas três mães viveram sempre no seu pensamento e no seu coração, cada uma a seu modo. A primeira lhe deu a vida, a segunda o protegeu, a terceira o sepultou.

6.4. A Última Batalha

Tanto é o sangue / que os rios desistem de seu ritmo / e o oceano delira / e rejeita as espumas vermelhas. / Tanto é o sangue / que até a lua se levanta horrível, / e erra nos lugares serenos. / Sonâmbula de auréolas rubras, com o fogo do inferno em suas madeixas. / Tanta é a morte / que nem os rostos se conhecem, lado a lado, / e os pedaços de corpos estão por ali como tábuas sem uso....⁶⁷⁶.

Guerra. Cecília Meireles

As primeiras luzes do final da primavera do dia 12 de maio de 1917 descobriam a paisagem rochosa do Carso, e deixavam entrever, contra a limpidez do céu, a interminável fileira de arame farpado. Um clima de suspense estava no ar, e em pouco tempo, próximo das linhas italianas, teve início um impressionante estrondo de canhões, que se aplacou durante a noite, retornou com mais intensidade na manhã seguinte, e irrompeu com uma força ensurdecadora na manhã de 14 de maio. Em minutos a terra estremeceu, o céu escureceu e o ar se impregnou de uma densa e sufocante nuvem.

Iniciava-se a décima batalha do Isonzo.

Os longos meses de inverno, de pouca atividade, permitiram que se reforçassem as linhas defensivas italianas, mudando totalmente a situação para os dois exércitos, em relação aos conflitos precedentes. Os infantess, que haviam visto com os seus próprios olhos os massacres do Isonzo, abandonavam os seus postos e às centenas desertavam. A décima Batalha do Isonzo, segundo os planos de Cadorna, permitiria à Itália lançar as bases para a conquista de Trieste, atravessando o árido altiplano da Bainsizza, uma zona de terreno inóspito, desprovida de vias de comunicação que, até aquele momento, não havia sido tocada pela guerra. Por mais de um mês, essa região sofreu um intenso bombardeamento. Em 25 de junho, depois de duas semanas de combates duríssimos, os austríacos rechaçaram definitivamente a investida do exército italiano, com o auxílio de lança-chamas e gás. As tropas italianas de primeira linha, instigadas a avançar, encontraram-se diante de uma verdadeira cortina de fogo, e desapareceram às centenas na fumaça mortal.

Pela enésima vez a ação se concluiu com a perda de milhares de homens. Nos 43 dias dessa ofensiva, as baixas italianas chegaram a 54.000 mortos, 129.000 feridos e 27.000

⁶⁷⁶ MEIRELES, Cecília. *Guerra*. In: *Mar Absoluto...* op. cit., p. 156.

prisioneiros, num total de 210.000 homens. No mesmo período os austríacos perderam não muito mais de 100.000 homens, dos quais, 25.000 foram feitos prisioneiros⁶⁷⁷.

Com o fantasma desse verdadeiro massacre e a moral dos combatentes italianos abalada, teve início, em 18 de agosto de 1917, a décima primeira tentativa de romper definitivamente a linha do Isonzo. Em termos numéricos, materiais e humanos, esta prometia ser a maior ofensiva jamais vista, concentrada em uma única zona do front: o planalto da Bainsizza. Todo o front italiano contava, naquele momento, com mais de meio milhão de soldados, prontos a atacar.

No alvorecer do dia seguinte, sob o comando do general Luigi Capello, a armada italiana empreendeu a primeira ação para deter definitivamente o avanço dos austríacos no Isonzo: isolar a cabeça de ponte de Tolmino e conquistar os áridos planaltos da Bainsizza e de Lom, em mais uma tentativa de chegar às portas de Trieste. O comando da armada italiana traçou novas estradas em direção ao vale do Isonzo, nas quais podiam trafegar apenas veículos dotados de pneus. Desse modo, todo o material chegou às posições de partida quase em silêncio, sem que os adversários notassem a consistência dos preparativos⁶⁷⁸.

A batalha começou com um violento e ininterrupto ataque contra as forças austríacas ao norte e a leste de Gorizia que, reduzido ao anoitecer, durou 24 horas. Cada avanço, cada sucesso, foi conquistado com imensos sacrifícios e perdas assustadoras. Jamais se vira um combate tão violento no breve ciclo de uma ação. A despeito disso, a décima primeira batalha do Isonzo não conseguiu alcançar o sucesso esperado. As tropas italianas tiveram notáveis conquistas territoriais, mas as mesmas foram fortemente obscurecidas pelas centenas de milhares de homens, de ambos os exércitos, que deixaram a vida em um deserto de pedras. Este número só fez crescer mais ainda as já elevadas cifras das estatísticas desta guerra que, sob vários aspectos, transformou-se no maior conflito que o mundo jamais havia conhecido.

Em 19 de agosto, no mesmo dia em que se pôs em marcha essa delicada operação, planejada com a máxima precisão, um jovem idealista, comprometido com a vida e com a liberdade, que atravessara um oceano para lutar pela pátria italiana, “para um dia todo o mundo viver bem”, encontrou por fim o seu destino. A semente plantada na Itália e florescida no Brasil voltava à terra, semeando campos de horror.

Dele restaram pouco mais do que cartas lidas e relidas, as sombras das lágrimas que choraram sobre elas e as últimas palavras escritas às vésperas do início da décima primeira

⁶⁷⁷ SILVESTRE, Mario. *Isonzo 1917*. Milano: BUR Storia, 2007, pp. 182-183.

⁶⁷⁸ SHAUMANN, Walter e SCHUBERT, Peter. *Isonzo: là dove morirono...* op. cit., pp. 184-185.

batalha do Isonzo: “A guerra logo acabará com a nossa vitória. Saudações do metralheiro Americo Orlando”.

29. Carta de A. Orlando enviada para a sua mãe. Zona de Guerra, Itália
13 de Agosto de 1917. Acervo Scioli Orlando/SP

Essas palavras confiantes foram escritas na última das quatro pequenas páginas da derradeira carta de Americo, endereçada à sua mãe. Nela ele relata o sucesso das investidas dos regimentos italianos no combate aos austríacos e o avanço que haviam feito no Monte San Michele e no Carso, durante a décima batalha do Isonzo, que abriu caminho para conquistar o planalto da Bainsizza. Nas linhas finais escreveu: “no caso de não receber com frequência notícias minhas fique tranquila não tenho muito tempo de escrever nestes dias” ⁶⁷⁹.

30. Carta de A. Orlando enviada para a sua mãe. Zona de Guerra.
Itália, 13 Agosto de 1917. Acervo Scioli Orlando/SP

⁶⁷⁹ Acervo Scioli Orlando/SP [Texto original: *Se in caso non ricevete spesso mie notizie state tranquilla non ho molto tempo di scrivere in questi giorni.*]

Quis o destino que o seu tempo de escrever chegasse ao fim. A sua última carta simboliza o prelúdio do fim da esperança e da vida e a certeza de que quem escrevia fora perdido para sempre e não voltaria mais. Mãos, que inúmeras vezes se uniram em prece a Nossa Senhora da Penha, ameaçaram destruí-la, como se com isso pudessem apagar o que ela significava. As chamas queimaram as bordas laterais, consumindo silenciosamente algumas palavras, até que morreram também as chamas. Mutilada assim, esta última carta juntou-se às anteriores, fechando o ciclo de uma tragédia que começara em 22 de julho de 1915.

Para resistir à angústia da morte, escreve Pierre Fédida, o homem preserva, daquilo que irremediavelmente se perdeu, o que resta possível de ser conservado para além da separação: a relíquia⁶⁸⁰.

A relíquia é aquilo que, do morto, é conservado para garantir, em nome da *realidade*, que ele não voltará. [...] Pelo fato de recolher, na materialidade de um resto tão familiar quanto insignificante, a estranha virtude do corpo ausente, a relíquia reconhece, à realidade, seu direito de necessidade e, pelo ritual do culto privado que instaura, desafia, no trabalho de luto, as aparências da morte⁶⁸¹.

Entretanto, por mais que a relíquia material possa ser objeto de apreço, por trazer a lembrança de alguém querido, não é totalmente capaz de mistificar, no trabalho de luto, as aparências da morte. O luto, como escreve Freud, tem como missão psíquica específica “desligar dos mortos as lembranças e as esperanças dos sobreviventes”⁶⁸². Mas quando a morte invisível, sem corpo, sem caixão, sem sepultura, irremediavelmente perdida nos campos de guerra, instaura o luto que nunca termina, a relíquia material, por si só, não ampara, não consola, não ameniza o sofrimento da perda.

O desaparecimento absoluto requer também, para aqueles que do morto se separaram, a relíquia psíquica – a saudade – que dá permissão àquele que não existe mais, mas que jamais deixará de existir, de “habitar entre seus hábitos”⁶⁸³, na imaterialidade e invisibilidade da sua morada: no pensamento e no coração.

⁶⁸⁰ FÉDIDA, Pierre. A Relíquia e o Trabalho do Luto. In: *Depressão*. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Editora Escuta, 1999, p. 51.

⁶⁸¹ Ibidem. pp. 51-52.

⁶⁸² FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu e outros Trabalhos*. Vol. 13 (1913-1914), p. 46. Disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000164.pdf>. Acesso em 22 dez.2014.

⁶⁸³ FÉDIDA, Pierre. A Relíquia e o Trabalho do luto... op. cit., p. 52.

Há um tempo em que a realidade da vida paralisa-se em todos os anos, e todas as estações se resumem a um longo e interminável dia, em que não fazemos outra coisa senão esperar a morte. Assim viveu Eleonora até o seu último dia de vida, fazendo dos seus fragmentos escoras para a sua ruína.

6.5. O Ramo Perdido

E voamos ao sol, / alma minha! / Tenhamos coragem / e, com a voz
trêmula / de paixão, cantemos / os irmãos de campo: / aqueles que
viveram, / aqueles que morreram, / aqueles que entre a morte / e a
vida / esvaem-se nos leitos / longínquos, e em sonho deliram, /
pensando estar ainda no Carso / e no Isonzo, / no Calvario / e no
San Michele, / no barro vermelho / e nas pedras / semeadas de
mortos / que olham o céu, / sob a chuva, / sob o vento...⁶⁸⁴

Vittorio Locchi

Friuli Venezia Giulia, Março de 2014.

Acompanhando o rochoso planalto carsico, que se estende ao longo da fronteira oriental do Friuli Venezia Giulia, entre os Alpes Giulianos e o mar Adriático, atravessando a Eslovênia ocidental e a Istria setentrional, somos surpreendidos pela mistura de culturas e influências diversas que marcou a história desse lugar através dos séculos. Nessa pequena região de paisagem única, moldada pelo vento e pela chuva e caracterizada por um grande número de dolinas, grutas, caminhos esculpidos entre as pedras, falésias que se debruçam com ímpeto sobre as águas do Mar Adriático, se encontraram as civilizações, romana, longobarda, veneziana, austríaca e eslava. Em poucos quilômetros se passa da romana Aquileia à longobarda Cividale del Friuli, às influências venezianas de Udine e às marcas deixadas pela dinastia dos Habsburgo em Trieste.

Observando o jogo cromático das águas claras e cristalinas do Isonzo, que domina a planície friulana e as encostas do Carso, é difícil imaginar que esta região, de particular beleza, rica em história, arte e cultura, tenha sido palco de violentos combates que transformaram o mundo. Nas entranhas das montanhas, às margens dos rios, nos cumes dos montes, nos invernos mais rigorosos, lutou-se uma guerra que a humanidade jamais vira. Italianos e austro-húngaros se enfrentaram em solo rude, em lugares impossíveis, em condições climáticas extremas, em lutas violentas entre si e, frequentemente, contra a natureza.

As marcas da destruição deixadas pela Grande Guerra sobrevivem ainda como eternos vigilantes a nos alertar. Quilômetros e quilômetros de ruínas, que insistem em permanecer nos antigos campos de batalha, recordando uma tragédia que não se apaga facilmente. Pétreas

⁶⁸⁴ LOCCHI, Vittorio. *La Sagra di Santa Gorizia*, 1916. publicado por Ettore Cozzani na coleção *I Gioielli dell'Eroica*.

fortificações, velhas trincheiras, cavernas, túneis e galerias cavados por milhares de soldados austríacos e italianos, sinalizam os percursos-testemunhos de mais de três anos de uma mísera vida.

31. Trincheiras. Fotos de Mirian Rossi. Redipuglia, 2005

Embora nos comovam e nos levem à reflexão sobre uma das faces mais cruéis da história recente do ocidente, os vestígios materiais que se veem ao longo do caminho, ainda que contundentes, não são capazes de nos dar a total dimensão do doloroso e sofrido cotidiano que a guerra impôs a milhares de pessoas, que tiveram que deixar as suas casas, os seus sonhos, as suas famílias, os seus amigos, a sua própria vida. O que não se vê ao longo do caminho, contudo, é a dor que se entranhou na vida de todos aqueles que viveram direta ou indiretamente aqueles dias sombrios. Uma dor que só sabe chorar quem perdeu um filho, um irmão, um marido, um amigo, uma parte de si. Porque essa dor, a Pátria que chama não chora.

Andando hoje por esses caminhos, a percepção que se tem é de se estar penetrando em um espaço inatingível, imenso, intenso, indefinível, que nos inspira um profundo respeito. Por todo o Friuli Venezia Giulia: na planície carsica, nas trincheiras escavadas na nudez da rocha, nas encostas dos Alpes Giulianos, entre os elevados picos dos Alpes Cárnicos, em Caporetto, em Gorizia, nos montes Ermada, San Michele, Calvário e Sabotino, as reminiscências da guerra estão fortemente presentes.

As ruínas alimentam o senso da história da humanidade e se tornam parte integrante da paisagem, dos lugares, da percepção das pessoas. De tão enraizadas parecem quase naturais, como se ali tivessem nascido, instaurando uma espécie de “estética das ruínas”.⁶⁸⁵

⁶⁸⁵ Expressão que Vito Teti atribuiu aos lugares abandonados da sua Calábria natal. TETI, Vito. *Il Senso dei Luoghi...* op. cit., p. 8.

Nesses lugares de abandono, de ruínas, de devastação, de silêncio, é preciso indagar, escutar e decifrar os ecos tortuosos do passado.

Os museus a céu aberto e os itinerários da Grande Guerra, seguem as pegadas remanescentes e nos conduzem pelos campos de batalha, pelas trincheiras, pelas fortificações militares, pelas grutas usadas como refúgio e depósito de munição, pelas crateras abertas pelas granadas, pelos monumentos, sacrários, ossários e cemitérios de guerra.

As cidades ou os pequenos burgos, que estiveram intimamente envolvidos nesse nefasto acontecimento, abrigam museus que simulam o ambiente de guerra e nos levam para mais perto do cotidiano dos soldados, através de um labirinto de túneis, galerias e passagens. As instalações multimídias criam efeitos cênicos, trilhas sonoras, jogos de luzes, que nos acompanham ao longo do percurso. Somos esmagados pelos sons de uma guerra imaginária: soldados correndo, metralhadoras disparando, bombas explodindo, alarmes tocando alucinadamente, o ruído abafado dos aviões de guerra passando sobre nossas cabeças, os gritos, o desespero...

Os momentos tensos são intercalados por um silêncio quase religioso à vista dos objetos cotidianos que resumiam a vida do soldado nas trincheiras – diários, cartas escritas para a família, fotografias, documentos, armas, projéteis, uniformes, restos de arames farpados, artefatos de guerra de toda espécie – como a primitiva máscara contra gases venenosos – testemunhando a dramática realidade do front e perpetuando as dolorosas memórias de uma imensa tragédia.

32. Resto de trincheira. Fotos de Mirian Rossi Redipuglia, 2005. Museo all'aperto della Dolina del XV Bersaglieri

33. Máscara contra gás. Fotos de Mirian Rossi Rovereto, 2005. Museo Storico Italiano della Guerra

Nos dias ainda frios do começo de março, em meio à áspera paisagem carsica e o verde vale friulano, procurei incansavelmente o que há tempos estava perdido: um pequeno ramo que foi arrancado de seu tronco ainda imaturo, que se chamava Americo.

De Trieste a Caporetto, ao longo do curso do Isonzo, refiz caminhos, percorri lugares, e encontrei por fim a sua última morada: o *Sacrario Militare di Redipuglia*. A visão do maior e mais imponente sacrário militar italiano da Primeira Guerra Mundial, situado na vertente ocidental do Monte Sei Busi, na província de Gorizia, impressiona⁶⁸⁶. Logo ao seu ingresso, simbolicamente vedado pela grossa corrente da âncora que pertenceu ao torpedeiro *Grado*, ergue-se majestosa a escadaria que acolhe em seus 22 degraus, os restos mortais de 39.857 soldados identificados, cujos nomes foram cinzelados em uma simples lápide de bronze.

Ao pé dessa monumental escadaria e dela destacada, surge a última morada do Duque D'Aosta – comandante da Terceira Armada, morto em 1931 – entre as tumbas dos seus generais, mortos em combate. Sobre o patamar mais elevado, duas grandes urnas, que ladeiam uma Capela Votiva, guardam os despojos de 60.330 soldados desconhecidos⁶⁸⁷.

Entre fragmentos de identidades perdidas, de corpos sem nomes, de nomes sem corpos, repousam os restos mortais de Americo Orlando, ao lado de seus companheiros de luta, *ignoti a noi, noti a Dio*⁶⁸⁸.

Como perderam a vida essas “almas febris, exaustas, fatigadas”⁶⁸⁹ ? Dilaceradas pela explosão de uma bomba? Consumidas por um gás letal? Desaparecidas? Abandonadas? Não se sabe... Jamais se saberá. Perderam-se na fria eternidade... Sem ninguém que pudesse ouvi-las gemer, sem ninguém que pudesse ouvi-las chorar, sem ninguém que as tomassem nos braços e as embalassem até acalmar a dor, até secarem as lágrimas, até o último suspiro...

Naquela pequena Capela fiz uma prece muda a Nossa Senhora da Penha. Ali derramei lágrimas silenciosas, por seus pais, por seus irmãos, por todos os pais, por todos os irmãos, por mim mesma. “A alma precisa de silêncio e prece”⁶⁹⁰.

Ali reverenciei todas as famílias, que por mais que procurassem jamais encontraram o paradeiro de seus maridos, a sepultura de seus filhos, a lápide de seus irmãos.

A guerra roubou as suas vidas e apagou as suas mortes.

⁶⁸⁶ O *Sacrario Militare di Redipuglia* foi implantado exatamente em frente ao cemitério de guerra precedente, situado na colina de Sant'Elia, de onde os restos mortais, que se encontram atualmente no sacrário, foram trasladados nos anos trinta.

⁶⁸⁷ Para maiores detalhes sobre este monumento ver: *Sacrari Militari della I^a Guerra Mondiale*. A Cura del Ministero della Difesa, Commissariato Generale Onoranze Caduti in Guerra: Roma, 1999.

⁶⁸⁸ “*Desconhecidos por nós, conhecidos por Deus*”, conforme se lê nas paredes do interior da capela.

⁶⁸⁹ CRUZ E SOUSA, João da. *Alma Fatigada...* op. cit..

⁶⁹⁰ Ibidem. *Perante a Morte*.

NOTAS CONCLUSIVAS

A verdadeira razão está em minha convicção de que corremos o risco de repetir o passado, se o ignorarmos. Não é o passado, como tal, que me preocupa, mas sim o fato de eu acreditar que há nele uma lição para nós, contemporâneos. Mas... qual ? Por si mesmos, os acontecimentos nunca revelam seus sentidos: os fatos não são transparentes; para nos ensinar alguma coisa, precisam ser interpretados⁶⁹¹.

Tzvetan Todorov

Imigração e guerra, não raro, costumam andar juntas. Assim foi no passado, assim é no presente. Enfrentá-las significa não só entendê-las melhor, mas entender a história do nosso tempo.

Os constantes deslocamentos humanos, que não se encerram desde os primórdios da humanidade, induzem milhões de indivíduos a deixarem a sua pátria em busca de outros caminhos, em direção a lugares desconhecidos, a terras jamais vistas. Movidos pela fome, pelas injustiças, pelas arbitrariedades de governos autoritários, por guerras infelizes, por genocídios incompreensíveis, despojados de quase tudo, uma massa humana encontrou na emigração uma forma de sobrevivência. As causas, as razões e os impactos desses deslocamentos refletem, quase sempre, uma conjuntura desfavorável e os seus resultados são os mais diversos possíveis.

Inserindo-se em um campo amplo e complexo, em constante movimento e transformação, as múltiplas faces das migrações e das guerras encontram-se no cruzamento das ciências sociais e a sua análise admite inúmeras abordagens. Contudo, por qualquer viés que se estude esse duplo objeto, a sua essência é sempre a mesma: o incessante movimento que conduz a humanidade e que é comum a milhares de indivíduos, de todos os tempos, de todos os êxodos, de todas as nações, de todas as guerras.

Esse tema dual nos coloca, cada vez mais, diante de intrincadas questões que emergem do encontro e do desencontro entre governos, povos e culturas, apoiadas em uma lógica disjuntiva e perversa, que evidencia a violência, o preconceito, a dominação, a segregação, o matar e morrer pela pátria, motores universais do sofrimento e da servidão humana.

O que não é fácil compreender, contudo, é que todas as dores excruciantes, todas as calamidades que se alastram no rastro das guerras e dos êxodos descomunais, que atingiram

⁶⁹¹ TODOROV, Tzvetan. *Em Face do Extremo*. Trad. Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránsky. Campinas: Papirus, 1995, p. 37.

grande parte da humanidade ao longo dos anos, não foi suficiente para evitar que retornem. Antes, como agora, troca-se facilmente o bem pelo mal e a vida pela morte. Os conflitos continuam, as liberdades individuais são tolhidas, cidades e memórias são destruídas, vidas são ceifadas, outras afogadas, milhões de pessoas procuram refúgio, que quase sempre lhes é negado, e o século XXI revive de forma superlativa as iniquidades do século XX.

A vida muda todos nós, ou mudaria, se o passado deixasse.

Para que o passado nos permita mudar, é necessário conhecê-lo melhor. Preservar a memória do tempo que se escoou é não dar lugar ao esquecimento, é alargar as fronteiras do nosso presente, é ter a percepção da nossa finitude, é buscar caminhos de paz que levem à reconciliação de mentes divididas. A paz, dizia Spinoza, “não consiste na ausência de guerra, mas na união das almas” ⁶⁹².

Nem sempre o passado se dá a conhecer assim, de repente, totalmente. Muitas vezes é preciso acordar o silêncio, clarear o caminho, atentar aos mais ínfimos sinais. Não poucas vezes nos defrontamos com encruzilhadas, passagens fechadas, margens intransponíveis, nos forçando a recuar e a recomeçar. Nesse vai e vem, o acontecimento, que nunca revela os seus sentidos, se transforma, e nos transforma também.

Iniciei esta pesquisa seguindo o andar do caminhante, pelo caminho que ele nunca mais voltaria a pisar⁶⁹³. Nos vestígios das suas pálidas pegadas encontrei passagens estreitas, desvios tortuosos, lugares escuros, tenebrosos... Recuei, recomecei, tive dúvidas, inquietações, descobertas. Dúvidas que afloraram ao desdobrar o passado, que ressoava uma voz que emudeceu. Inquietações quando temi invadir os mais íntimos sentimentos, confidenciados a outras pessoas. Descobertas que me instigaram a ir em frente, mesmo palmilhando muitas vezes terreno minado, e que me deram a certeza de estar indo ao encontro de um vasto campo de significados... Ao “encontro secreto, marcado entre as gerações” ⁶⁹⁴.

Tão logo dei os primeiros passos, constatei quão certo estava Todorov ao dizer que os fatos não são transparentes. No contexto do *Risorgimento*, os acontecimentos, alicerçados no esquecimento e na amnésia de uma memória soterrada, foram os principais pilares do discurso do novo reino. Cristalizado em uma visão deliberadamente distorcida, o movimento de unificação da Itália disseminou-se em conceitos como: “a unificação da Itália salvou o

⁶⁹² SPINOZA, Benedictus. *Pensamentos Metafísicos; Tratado da Correção do Intelecto; Ética; Tratado Político; Correspondência*. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores), p. 321.

⁶⁹³ MACHADO, Antonio. Versos de *Proverbios y Cantares XXIX*. Incluído em *Poesías Completas*. Antonio Machado. Colección Austral A33. Madrid: Espasa Libros, 1999.

⁶⁹⁴ BENJAMIN, Walter, Sobre o Conceito de História... op. cit., p. 223.

Mezzogiorno do seu atraso econômico e cultural”⁶⁹⁵. Denis Mack Smith, tido como um dos maiores estudiosos da história italiana, dos “dois últimos séculos”, afirma em sua *Storia d'Italia dal 1861 al 1958*, que a “diferença entre Norte e Sul era radical”, e que as “duas metades do país se encontravam em níveis muito diversos de civilização”. Atribui a isso, o autor, o “caráter dos habitantes” do sul, acrescentando: “naquele *annus mirabilis* que foi 1860 essa região atrasada foi conquistada por Garibaldi e anexada mediante plebiscito ao Norte”⁶⁹⁶. Reforçando esses argumentos, temos ainda as teorias de Cesare Lombroso, difundidas de forma capilar pelos propagandistas da burguesia e do proletariado setentrional, conforme descreve Gramsci: “O *Mezzogiorno* é a bala de chumbo que impede rápidos avanços para o desenvolvimento social da Itália; os meridionais são seres biologicamente inferiores de semibárbaros ou de bárbaros completos, por destino natural”⁶⁹⁷.

Quanto mais a pesquisa avançava, mais se fortalecia o pressuposto de que para estudar a emigração meridional, alcançar o significado dos fatos e tornar o presente compreensível, seria preciso buscar o referencial do passado. Somente conhecendo o antes, foi possível entender o depois.

O capítulo que abre este estudo, *Sementes de uma Diáspora*, procurou trazer à luz questões e argumentos que não respaldam o discurso oficial ou de outros agentes. Questões que, a curto e médio prazo, desembocaram na miséria, no mecanismo de desenvolvimento-subdesenvolvimento que se instalou entre o Norte e o Sul, no *brigantaggio*, na grande emigração, culminando com a Grande Guerra, o último capítulo do *Risorgimento*. No longo prazo, a unificação da Itália deixou para a posteridade a insolúvel *questione meridionale*, cujo debate crítico, sobre a sua importância hodierna, é retomado por alguns dos maiores historiadores contemporâneos, no mais recente livro organizado por Sabino Cassese, acadêmico e juiz emérito do Tribunal Constitucional da República Italiana⁶⁹⁸.

As ações, as consequências e os desdobramentos da unificação italiana afetaram como se sabe, todas as regiões do país, mas mais agudamente o sul.

⁶⁹⁵ PAPPALARDO, Francesco. *Civiltà del Sud*, Jul. 2003. Apud RESSA, Giuseppe. Il Sud e l'Unità d'Italia... op. cit., p. 12. [Texto original: *l'unità d'Italia ha salvato il Mezzogiorno dalla sua arretratezza economica e cultural.*]

⁶⁹⁶ SMITH, Denis Mack. *Storia d'Italia dal 1861 al 1958 con Documenti e Testimonianze*. Milano: Edizioni Labor, 1967, p. 18 et seq.

⁶⁹⁷ GRAMSCI, Antonio. Alcuni Temi della Questione Meridionale. In _____. *La Costruzione del Partito Comunista: 1923-1926*. Torino: Einaudi, 1971, p. 140. [Texto original: *Il Mezzogiorno è la palla di piombo che impedisce più rapidi progressi allo sviluppo civile dell'Italia; i meridionali sono biologicamente degli esseri inferiori, dei semibarbati o dei barbari completi, per destino naturale.*]

⁶⁹⁸ CASSESE, Sabino. *Lezioni sul Meridionalismo. Nord e Sud nella Storia d'Italia*. Bologna: Il Mulino, 2016.

No *Mezzogiorno*, o movimento centralizador e arbitrário do novo Estado gerou uma instabilidade social, econômica e política sem precedentes e de grandes proporções, como procurei demonstrar. Nem mesmo o enorme tributo de sangue e de sacrifício dado pela região meridional, durante a Grande Guerra, trouxe para essa região os mesmos benefícios que as demais regiões obtiveram.

No início de fevereiro de 1918, o *Fanfulla* já chamava a atenção da opinião pública para essa questão⁶⁹⁹. De lá para cá, muito se escreveu, muito se falou, mas pouco ou nada se fez. Algumas ideias foram lançadas, muitos discursos forem feitos, algumas interpelações foram apresentadas à Câmara, mas não passaram das palavras às ações.

Enquanto na Itália setentrional o conflito mundial dera lugar a uma febril e vigorosa atividade industrial, no Sul se verificou o êxodo de capitais, que no passado fora uma das principais causas que impediram o crescimento econômico do Sul, evidenciando, mais uma vez, que à riqueza do Norte, correspondia a pobreza do Sul. A isso, deve-se acrescentar a brutal depressão da agricultura meridional pela rigorosa política de guerra; pelo aumento dos preços dos produtos agrícolas; pela péssima colheita, que acarretou enormes perdas aos produtores; pela suspensão do movimento emigratório nos anos de guerra, com a drástica diminuição das remessas dos emigrados que, sabidamente, eram uma fonte substancial de recursos para a população meridional e, sobretudo, pela crítica falta de mão de obra, derivada da convocação dos camponeses, que constituíam a maioria da população do *Mezzogiorno* e formaram a mortal linha de frente do exército italiano.

A Itália abordou essas questões de modo a torná-las pior. Segundo dados colhidos pelo *Fanfulla*, do início da neutralidade italiana até 31 de agosto de 1917, o Governo italiano, entre lucros de guerra, aumentos de capitais, provisões, reservas, depreciações e amortizações de equipamentos industriais, assim distribuiu o capital líquido: Genova, 25%; Milão, 20%, Turim, 18%; Nápoles 3%; Bari, Lecce, Palermo, entre 0,02% e 1%; Cosenza, Teramo, Catanzaro, menos de 0,0002% ⁷⁰⁰.

O que tristemente se constata, por tudo o que vimos, é que os acontecimentos que precederam e sucederam a unificação da Itália, amortecidos e encobertos por um reino que sepultou uma parte da sua verdadeira história, mancharam para sempre a sua própria causa. Nem mesmo a Grande Guerra, chamada pelos nacionalistas de a “quarta guerra de independência”, que concluía a libertação das *terre irredente* do domínio estrangeiro, foi capaz de unir definitivamente o Norte e o Sul.

⁶⁹⁹ Il Mezzogiorno e la guerra: *Fanfulla*, 1 fev.1918, p. 3.

⁷⁰⁰ Idem.

Para o *Mezzogiorno*, a longa luta combatida pela integralidade do território italiano e pelo direito, tantas vezes reiterado, de uma vida melhor no futuro, não foi mais do que sofrimento, dor, sacrifício e morte, que resultaria na dispersão pelo mundo de milhões de italianos. Essa história escondida, que procurei em parte desvelar, se mantém viva na eterna *questione meridionale*. Qualquer esforço para ocultá-la, qualquer pretexto para evitá-la, é vão.

A trajetória dos imigrantes que chegaram ao Novo Mundo, como acompanhamos, foi pontuada por relações esvaziadas, vozes que se calaram, afetos que se perderam, raízes que se partiram. Imersos em outro contexto, outra realidade social, outros códigos, outros padrões, perdidos em línguas que não podiam entender, esses imigrantes puseram à prova a sua estabilidade emocional e psíquica, e o seu próprio sentimento de identidade.

Deles, a pátria que os deserdera só quis a sua ausência e as suas altas remessas de dinheiro, que sempre tiveram impacto significativo na economia italiana.

Lembrou-se deles no momento em que precisou engrossar as fileiras do seu exército na primeira experiência de “guerra total” da história militar de todos os tempos, quando a grande maioria já vencera as condições mínimas de existência, reconstruíra o sentido da vida, conquistara novos espaços na sociedade que os acolhera e recuperara o direito à plena cidadania. Lembrou-se deles quando o que estava em jogo era lutar e morrer em nome de uma pátria que os abandonara na hora mais triste das suas vidas, na hora em que partiram, na hora em que morreram um pouco.

REFERÊNCIAS

Fontes

Arquivos, Bibliotecas e Museus

Brasil

Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

Arquivo Histórico Municipal de Bento Gonçalves.

Eslovênia

Kobariski-Muzej. Kobarid. (Museo di Caporetto).

Itália

Archivio Storico della Camera dei Deputati. Parlamento Italiano. Disponível em: <<http://archivio.camera.it/>>.

Biblioteca Nazionale di Napoli. Napoli. Disponível em: <<http://www.bnnonline.it/index.php?it/321/il-settecento-borbonico-nel-regno-di-napoli>> .

Fondazione Paolo Cresci: per la Storia dell'Emigrazione Italiana. Disponível em: <<http://www.fondazionepaolocresci.it/archivio>>.

La Nave della Sila. Museo Narrante dell'Emigrazione. Calábria.

MEI – Museo Nazionale dell'Emigrazione Italiana. Roma.

Mu.MA – Istituzione Musei del Mare e della Navigazione. Genova.

Museo della Battaglia di Vittorio Veneto. Vittorio Veneto.

Museo della Grande Guerra “Casa III Armata”. Fogliano Redipuglia.

Museo della Grande Guerra. Gorizia.

Museo della Grande Guerra in Marmolada. Belluno.

Museo Storico della Guerra 1915 – 1918. Monte Grappa.

Museo Difuso del Grappa, dal Brenta al Piave. Bassano del Grappa.

Museo Nazionale Ferroviario di Pietrarsa. Nápoles.

Museo Nazionale Storico degli Alpini. Trento.

Museo Storico Italiano della Guerra. Rovereto.

Museo Storico la Grande Guerra. Maserada sul Piave.

Biografias, Diários e Livros de Memórias

- ARTHUR, Max (org.); em associação com o Museu Imperial de Guerra. *Vozes Esquecidas da Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BULTRINI, Nicola. *L'Ultimo Fante: La Grande Guerra sul Carso nelle Memorie di Carlo Orelli*. Contemporanea (Collana diretta da Marino Manielli). Brescia: Nordpress, 2004.
- BUTTÀ, Giuseppe. *Un viaggio da Boccadifalco a Gaeta: Memorie della Rivoluzione 1860-1861*. Brindisi: Edizioni Trabant, 2010. E-Book.
- CARANDINI, Nicolò. *Il Lungo Ritorno: Lettere della Grande Guerra*. A cura di Oddone Longo ed Elisa Majnoni. Udine: Paolo Gaspari Editore, 2005.
- CATI, Italo. *Cara Mamma ti scrivo: Le Cartoline dei Soldati della Grande Guerra*. Udine: Paolo Gaspari Editore, 2006.
- CORRESPONDANCE de Napoléon I^{er} Publiée par Ordre de l'Empereur Napoléon III. Tome 12. Paris: Henri Plon/J. Dumaine, 1863.
- CROCCO, Carmine. *Biografia di um Briganti*. 2005. Disponível em: <<http://www.ilportaledelsud.org>>.
- D'ANGELO, Pascal. *Son of Italy*. L'Aquila: Qualevita, 2003.
- D'AZEGLIO, Massimo. *I miei Ricordi*. Due vol.. Firenze: G. Barbèra Editore, 1891. Disponível em: <http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_8/t207.pdf>.
- DABERTO, Valentino. *Le mie Guerre: 1915-1918, 1940-1945*. A cura di Luciana Palla. Collana di Studi e Ricerche "Ladins da Souramont. Istitut Cultural Ladin "Cesa de Jan". Vigo di Fazza (Trento): Cierre Edizioni, 2009.
- FOSSATI, Felice. *Diario di Guerra: Dalla Libia al'Isonzo 1913 – 1919*. A cura di Massimiliano Magli. Contemporanea (Collana diretta da Marino Manielli). Brescia: Nordpress, 2003.
- FRESCURA, Attilio. *Diario di um Imboscato*. 3^a ed., Maggio 1921. Brindisi: Edizioni Trabant, 2015. E-Book.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Viagem à Itália. 1786-1788*. São Paulo: Companhia. das Letras, 1999.
- GOTTARDI, Fioravante. *Memorias*. Museo Storico Italiano della Grande Guerra, Rovereto, Italia.
- LAICH, Francesco. *Memoria Autobiografica*. Museo Storico Italiano della Grande Guerra, Rovereto, Italia.
- LEVI, Primo. *É isto um Homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LUSSU, Emilio. *Un Anno sull'Altipiano*. Introduzione di Mario Rigoni Stern. Torino: Einaudi, 2014. (1^a ed., Saggi, 1945).
- MONTI, Augusto. *Lettere dalla Grande Guerra*. A cura di Emanuela Coppa. Boves (CN): Araba Fenice, 2007.
- OPERA Parlamentaria del Conte di Cavour, vol. 1. Livorno: Enrico Razzauti editore, 1862.
- OPERA Parlamentaria del Conte di Cavour, vol. 2. Livorno: Enrico Razzauti editore, 1863.
- PERSANO, Carlo Pellion di. *La Presa di Ancona: Diario Privato Politico – Militare*. Pordenone: Edizioni Studio Tesi, 1990.
- PROTO, Mario (a cura di). *Carmine Crocco: Come divenni Brigante*. (Autobiografia). Disponível em: <<http://www.brigantaggio.net/Brigantaggio/Briganti/Crocco.pdf>>.
- REMARQUE, Erich Maria. *Nada de Novo no Front*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- RIGILLO, Michele. *La mia Guerra in Vallarsa e sul Pasubio*. Museo Storico Italiano della Grande Guerra, Rovereto, Itália.

- SALSA, Carlo. *Trincee: Confidenze di un Fante*: Prefazione di Luigi Santucci. Milano: Mursia, 2013 (5° ed.).
- SCHNEEBERGER, Hans, et al. *La Montagna che Esplode*. A cura di Paolo Pozzato. Monfalcone: Paolo Gaspari Editore, 2003.

Censos, Relatórios e Atos Governamentais

- 17 MARZO 1861: Il Primo Giorno dell'Italia. Disponibile em: <<http://cinquantamila.corriere.it/>>.
- ATTI DEL CONSIGLIO Comunale di Messina, 1905. In: PASQUALE, Dario de: *L'Italia delle Due Velocità o l'Unità Imperfetta*. Disponibile em: <<http://dariodepasquale.wordpress.com/2011/04/06/litalia-delle-due-velocita-o-lunita-imperfetta/>>.
- BALHANA, Altiva Pilatti e WESTPHALEN, Cecília Maria. O Censo dos Alemães do Paraná em 1917. In: *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas (Anuário de História da América Latina)*, vol. 13, Issue 1, Pages 404–419, December 1976. Disponibile em: <<http://www.degruyter.com/view/j/jbla.1976.13.issue-1/issue-files/jbla.1976.13.issue-1.xml>>.
- BRANCA, Ascanio. Atti della Giunta per l'Inchiesta Agraria e sulla Condizione della Classe Agricola, vol. 9, Fascicolo 1. In: *Relazione sulla Seconda Circostrizione (Provincia di Potenza, Cosenza, Catanzaro e Reggio Calabria)*. Roma, 1883.
- CAVOUR, Camillo Benso; MASSARI, Giuseppe; BIFFOLI Raffaello. *Discorsi Parlamentari del Conte Camillo di Cavour*, vol. 1. Torino: Parlamento Italiano. Camera dei Deputati, 1863.
- CENSIMENTI Italiani. Disponibile em: <<http://cinquantamila.corriere.it/>>
- CENSIMENTI Popolazione d'Italia. Disponibile em: <<http://www.tuttitalia.it/statistiche/censimenti-popolazione/>>.
- COMMISSIONE d'Inchiesta sul Brigantaggio, 29 nov.1862 – 23 jul.1863, faldoni-buste 2 – 42. Archivio Storico della Camera dei Deputati: Parlamento Italiano. Disponibile em: <<http://archivio.camera.it/>>.
- CRONACA degli Avvenimenti di Sicilia da Aprile 1860 a Marzo 1861: Estrata da Documenti, Italia, 1963.
- GIORDANO, Felice. *Industria del Ferro in Italia: Relazione dell'Ingegnere Felice Giordano per la Commissione delle Ferriere Istituita dal Ministero di Marina*. Torino: Tipografia Cotta e Capellino, 1864.
- IL PRIMO Giorno del Parlamento. Disponibile em: <<http://cinquantamila.corriere.it/>>.
- IMMIGRATION ACT. Sess. II Chap. 551; 26 Stat. 1084. 51st Congress. United States of America, March 3, 1891.
- JACINI, Stefano. *Atti della Giunta per la Inchiesta Agraria e sulle Condizioni della Classe Agricola*. vol. 15. Roma: Forzani e C. Tipografi del Senato, 1877-1884.
- MASSARI, Giuseppe (Relatore). *Il Brigantaggio nelle Province Napoletane. Commissione d'Inchiesta Parlamentare sul Brigantaggio*. Milano: Fratelli Ferrario, 1863.
- NIGRA *Scrive a Cavour "Attento ai Meridionali", 17 marzo 1861*. Disponibile em: <<http://cinquantamila.corriere.it/>>.

- O BRASIL, suas Riquezas Naturais, suas Indústrias. In: *Séries Estatísticas Retrospectivas*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Confederação Nacional da Indústria (CNI), vol. 2. 1909.
- RACCOLTA degli Atti del Governo Dittatoriale e Prodittatoriale in Sicilia, 1860. (Ed. Officiale). Palermo: Stabilimento Tipografico di Francesco Lao, 1861.
- RECENSEAMENTO do Brasil de 1920. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio: Diretoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro: Tip. da Estatística, 1927.
- RELATÓRIOS da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo (SACOP) – 1892 a 1923. São Paulo: Arquivo Público do Estado. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao/secretaria.php>>.
- SAN POL, Stefano. *Quaresimale del Contemporaneo dinanzi la Corte di Torino*. 5ª Edizione. Prato: Tip. Giachetti Figlio E.C., 1868.

Correspondências

- Carta enviada por A. Orlando para a sua cunhada Antonia Lopez. Rio de Janeiro, 22 jul.1915. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Guardiagrele, 13 ago.1915. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Zona de Guerra, 18 dez.1915. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Zona de Guerra, 20 dez.1915. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Zona di Guerra, 2 jan. 1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por Eleonora Scioli a A. Orlando. 4 jan. 1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Zona di Guerra, 8 jan.1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Zona di Guerra, 30 jan.1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Zona di Guerra, 8 fev.1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a seu irmão Giuseppe. Zona de Guerra, 2 abr.1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Zona di Guerra, 3 abr.1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Zona de Guerra, 5 abr.1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Dal fronte, 31 abr.1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a seu irmão Luigino. Do front, 12 maio 1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua irmã Almerinda. Do campo de Batalha, 15 maio 1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Cartão postal ilustrado enviado por A. Orlando a sua mãe. Zona de Guerra, 7 jul.1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Zona di Guerra, 12 jul. 1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Zona de Guerra, 2 ago.1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Mira, 5 set. 1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Cartão enviado por A. Orlando a Giuseppe Orlando. Aieta, Província de Cosenza, Calábria, 19 mar.1917. Acervo Scioli Orlando/SP.
- Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Dal fronte, 1 jun.1917. Acervo Scioli Orlando/SP.

Carta enviada por A. Orlando a sua irmã Almerinda. Zona de Guerra, 3 jun.1917. Acervo Scioli Orlando/SP.

Carta enviada por A. Orlando a sua mãe. Zona di Guerra, 13 ago.1917. Acervo Scioli Orlando/SP.

Carta enviada por Giuseppe La Farina a Giuseppe Clementi. Turim, s.d. (c. 10 jan.1859).

Carta enviada por Giuseppe La Farina a Giuseppe Vergara. Turim, 4 abr.1860.

Carta enviada por Giuseppe La Farina a Lilippo Bartolomeo. Turim, 16 jun.1859.

Carta enviada por Giuseppe La Farina a Filippo Bartolomeo. Turim, 28 jun.1859.

Carta enviada por Giuseppe La Farina a Cavour. Palermo, Sicília, 10 jun.1860.

Carta enviada por Giuseppe Natoli a Giuseppe La Farina, expedida de Palermo, Sicília, em 2 ago.1860.

Carta nº 9936. Au Prince Joseph, Paris, 6 mar.1806. In: *Correspondance de Napoléon I^{er} Publiée par Ordre de l'Empereur Napoléon III*. Tome 12. Paris: Henri Plon/J. Dumaine, 1863

Carta enviada por Constantino Nigra a Cavour. Nápoles, 17 mar.1861.

Epistolários

FRANCHI, Ausonio (a cura di). *Epistolario di Giuseppe La Farina*. Tomo II. Milano: E. Treves & C. Editori, 1869.

ORLANDO, Américo. Epistolário Primeira Guerra Mundial, 1915-1917. Acervo Scioli Orlando/SP.

Legislação Brasileira

Leis Provinciais

Lei nº 36, de 21 fev.1881: Autoriza verba para construção de alojamento, transporte e hospedagem de imigrantes.

Lei nº 40, de 21 fev.1881: Concessão de prêmio para melhor tratado descritivo sobre São Paulo, com vistas à propaganda imigratória.

Lei nº 123, de 16 jul.1881: Organiza os serviços criados pelas leis nº 108, de 25 abr.1880, e nº 36, de 21 fev.1881.

Lei nº 64, de 02 abr.1883: Autoriza verba para melhoramentos no alojamento provincial.

Lei nº 28, de 29 mar.1884: Institui benefícios para os imigrantes.

Lei nº 14, de 11 fev.1885: Revoga § Único do Artigo 1º da Lei nº 28, de 29 mar.1884 e o substitui por outras disposições.

Lei nº 56, de 21 mar.1885: Autoriza a construção da Hospedaria dos Imigrantes.

Lei nº 83, de 06 abr.1887: Concessão dos benefícios das leis provinciais ao imigrante que se estabelecer na província, independentemente de entrarem na hospedaria da capital.

Lei nº 1, de 13 fev.1888: Contratação da Sociedade Promotora de Imigração para a introdução de imigrantes.

Lei nº 12, de 17 fev.1888: Concessão para o Barão de Jaceguay organizar a Companhia Nacional de Navegação a Vapor entre o Brasil e a Europa.

Lei nº 101, de 08 abr.1889: auxílio às Câmaras Municipais para organização de Núcleos Coloniais, e estabelecimento de imigrantes pelo regime de propriedade.

Leis Estaduais e Federais

Lei nº 673, de 09 set.1899: Regula o serviço de introdução de imigrantes, mediante subvenção pelo Estado, a armadores e companhias de navegação.

Lei nº 8, de 19 out.1891: Autoriza o presidente do Estado a estabelecer, nas localidades onde mais convier, hospedarias para imigrantes.

Lei nº 94, de 14 set.1892: Autoriza o governo a contratar a introdução de 40.000 imigrantes.

Lei nº 173, de 08 ago.1893: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 2.500:000\$000, para despesas com a introdução de imigrantes.

Lei nº 194, de 28 ago.1893: Autoriza o governo a contratar a introdução de 50.000 imigrantes, destinados exclusivamente aos serviços da lavoura procedentes da Itália, Portugal, Bélgica, Holanda, Alemanha, Suíça, Suécia, Dinamarca, Escócia, Irlanda, França, Áustria, Espanha e Ilhas Canárias.

Lei nº 341, de 12 ago.1895: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 3.000:000\$000, para despesas com introdução de imigrantes.

Lei nº 356, de 29 ago.1895: Autoriza o governo a contratar a introdução de 60.000 imigrantes, destinados exclusivamente aos serviços da lavoura, procedentes dos continentes europeus, americano e africano.

Lei nº 485, de 29 dez.1896: Autoriza o governo a contratar a introdução de 60.000 imigrantes.

Lei nº 494, de 30 abr.1897: Autoriza o governo a repatriar imigrantes à custa do Estado.

Lei nº 699, de 15 maio 1900: Aprova o Decreto nº 738, de 16/02/1900.

Lei nº 710, de 28 ago.1900: Autoriza o governo a contratar a introdução de 50.000 imigrantes para a lavoura, em caráter de urgência.

Lei nº 943, de 11 ago.1905: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 500:000\$000, para despesas com a introdução de imigrantes.

Lei nº 984, de 29 dez.1905. Fixa despesa e orça a receita para o ano de 1906.

Lei nº 1.045-C, de 27 dez.1906: Dispõe sobre a imigração e colonização no Estado.

Lei nº 3.393, de 16 nov.1917: Autoriza o Governo a declarar o estado de sítio nas partes do território da União onde o exigirem as necessidades e os deveres da situação e dá outras providencias.

Decretos Estaduais e Federais

Decreto nº 4, de 09 dez.1889: Dá regulamento à Hospedaria dos Imigrantes.

Decreto nº 97, de 22 nov.1890: Eleva os vencimentos dos funcionários da Hospedaria dos Imigrantes, e altera o Regulamento Provisório de 09 dez.1889.

Decreto nº 194, de 6 jun.1891: Eleva os vencimentos dos funcionários da Hospedaria dos Imigrantes.

Decreto nº 37, de 16 mar.1892: Autoriza a repatriação de viúvas e órfãos, filhos de imigrantes introduzidos no território estadual por contratos com os governos estadual ou federal, falecidos no Estado, dentro de dezoito meses aos da chegada.

Decreto nº 63, de 20 maio 1892: Aprova a nova tabela de vencimentos para o pessoal da Hospedaria dos Imigrantes.

Decreto nº 152, de 31 jan. 893: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito especial de 200:000\$000, para pagamento de passagens a imigrantes.

Decreto nº 163, de 14 mar.1893: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito especial de 1.000:000\$000, em acréscimo aos abertos pelos decretos nº 152, de 31 jan.1893 e nº 160, de 02 mar.1893, para o serviço de introdução de imigrantes.

Decreto nº 192, de 09 ago.1893: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito especial de 2.500:000\$000, para despesas com o serviço de introdução de imigrantes.

Decreto nº 299, de 14 ago.1895: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 3.000:000\$000, para despesas com o serviço de introdução de imigrantes.

Decreto nº 299-A, de 16 ago.1895: Instruções para o serviço de fiscalização dos contratos de introdução de imigrantes.

Decreto nº 325, de 16 dez.1895: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 1.500:000\$000, para despesas com o serviço de introdução de imigrantes.

Decreto nº 349-B, de 06 abr.1896: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 1.500:000\$000, para despesas com o serviço de introdução de imigrantes.

Decreto nº 376, de 21 jul.1896: Dá regulamento à Hospedaria de Imigrantes da capital.

Decreto nº 380, de 1 ago.1896: Eleva a seis, o número de agentes oficiais.

Decreto nº 381, de 24 ago.1896: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 4.800:000\$000, para despesas com o serviço de introdução de imigrantes.

Decreto nº 463, de 19 jul.1897: Dá instruções para execução da lei que autoriza a repatriação de imigrantes à custa do Estado.

Decreto nº 464, de 20 jul.1897: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 2.000:000\$000, para despesas com o serviço de introdução de imigrantes.

Decreto nº 472, de 21 ago.897: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 20:000\$000, para despesas com repatriação de imigrantes.

Decreto nº 496, de 05 nov.1897: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 2.000:000\$000, para despesas com o serviço de introdução de imigrantes.

Decreto nº 628, de 26 dez.1898: Passa para a Hospedaria de Imigrantes de São Paulo os serviços e cargos da extinta Agência Oficial de Imigração em Santos,

Decreto nº 738, de 16 fev.1900: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 166:000\$000, ao § 12 artigo 14º do orçamento de 1899, para o serviço de introdução de imigrantes.

Decreto nº 823, de 20 set.1900: Dá regulamento para o serviço de introdução de imigrantes.

Decreto nº 827, de 29 set.1900: Fixa o número de imigrantes a introduzir, no regime da Lei nº 673, de 09 set.1899, das seguintes nacionalidades: italianos (de qualquer procedência da Itália, exceto da Sicília e da Calábria), austríacos, espanhóis (províncias da Galícia, Navarra, Vascongadas, Málaga, Cáceres e das Ilhas Canárias), portugueses (do continente e das ilhas portuguesas), alemães, belgas, suecos e dinamarqueses.

Decreto nº 834, de 15 out.1900: alterações de contrato para introdução de imigrantes. Passam a ser aceitos imigrantes solteiros e colaterais, até primos, para juntarem-se às famílias, e imigrantes que já tiverem estado no Brasil.

Decreto nº 855, de 07 dez.1900: Fixa o número de imigrantes a serem introduzidos no exercício de 1901, no regime da lei n. 673, de 9 set.1899, e marca a respectiva subvenção: número de imigrantes: 20.000, sendo 19.000 italianos, austríacos, espanhóis, portugueses, alemães, belgas, suecos e dinamarqueses, e 1.000 japoneses.

Decreto nº 881, de 28 fev.1901: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 100:000\$000, para despesas com repatriação de imigrantes.

Decreto nº 885, de 30 mar.1901: redução da subvenção de que trata o Decreto nº 855, de 07 dez.1900.

Decreto nº 922, de 15 jul.1901: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 2.000:000\$000, para despesas com a introdução de imigrantes.

Decreto nº 928, de 27 jul.1901: Introdução de 25.000 imigrantes e redução da subvenção de que trata o Decreto nº 855, de 07 dez.1900, para imigrantes que embarcaram nos portos de Genova e Nápoles.

Decreto nº 935, de 26 ago.1901: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 2.000:000\$000, para despesas com repatriação de imigrantes.

Decreto nº 1.025, de 02 maio 1902: Fixa o número de imigrantes a serem introduzidos (10.000).

Decreto nº 1.033, de 30 maio 1902: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 750:000\$000, para despesas com a introdução de imigrantes.

Decreto nº 1.227, de 26 jul.1904: fixa o número de imigrantes a serem introduzidos (5.0000).

Decreto nº 1.247, de 19 out.1904: Disposições ao regulamento do Decreto nº 823, de 20 set.1900, sobre o serviço de introdução de imigrantes.

Decreto nº 1.255, de 17 dez.1904: Fixa o número de imigrantes a serem introduzidos (10.000).

Decreto nº 1.263, de 31 jan.1905: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 500:000\$000, para despesas com a introdução de imigrantes.

Decreto nº 1.277, de 15 mar.1905: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 1.000:000\$000, para despesas com a introdução de imigrantes e de colonização.

Decreto nº 1.297, de 10 ago.1905: Eleva a 20.000 o número de imigrantes a serem introduzidos, mediante subvenção.

Decreto nº 1.321, de 13 ot.1905: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 1.000:000\$000, para despesas com a introdução de imigrantes e de colonização.

Decreto nº 1.332, de 29 nov.1905: Providências sobre a continuação de introdução de imigrantes.

Decreto nº 1.340, de 17 jan.1906: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 500:000\$000, para despesas com a introdução de imigrantes e de colonização.

Decreto nº 1.353, de 11 abr.1906: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 500:000\$000, para despesas com a introdução de imigrantes e de colonização.

Decreto nº 1.355, de 10 abr.1906: Cria a Agência Oficial de Colonização e Trabalho.

Decreto nº 1.398, de 18 set.1906: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 150:000\$000, para despesas com alimentação de imigrantes.

Decreto nº 1.400, de 20 set.1906: Providências sobre o serviço de introdução de imigrantes por chamada.

Decreto nº 1.458, de 10 abr.1907: Dá regulamento para a execução da lei nº 1.045-C, de 27 dez.1906, que dispõe sobre a imigração e colonização no território do Estado de São Paulo.

Decreto nº 1.482, de 15 jun.1907: Aprova regulamento para o funcionamento da Agência de Câmbio, anexa à Agência oficial de Colonização e Trabalho.

Decreto nº 1.508, de 14 set.1907: Fixa o número de imigrantes a serem introduzidos (10.000).

Decreto nº 1.520, de 31 out.1907: Abre à Secretaria da Agricultura um crédito suplementar de 650:000\$000, para despesas com a introdução de imigrantes.

Decreto nº 1.542, de 17 dez.1907: Fixa o número de imigrantes a serem introduzidos (10.000).

Decreto nº 1.598, de 30 abr.1908: Cria a *Creche-Asilo Anna Tibiriçá*, junto à Hospedaria de Imigrantes da capital.

Decreto nº 1.613, de 19 maio 1908: Prorroga o prazo estabelecido no Decreto nº 1.542, de 17 dez.1907, para introdução de imigrantes.

Decreto nº 1.627, de 17 jun.1908: Prorroga o prazo para a vigência dos bilhetes de chamada de imigrantes.

Decreto nº 1.664, de 19 set.1908: Estipula multa para irregularidades em listas e em documentos referentes aos certificados das famílias de imigrantes recolhidos na Hospedaria dos Imigrantes.

Decreto nº 1.699, de 23 jan.1909: Fixa o número de imigrantes a serem introduzidos (10.000).

Decreto nº 1.722, de 07 abr.1909: anexa a Agência Oficial de Colonização e Trabalho à Hospedaria dos Imigrantes.

Decreto nº 1.728, de 27 abr.1909: Abre crédito especial de 217:590\$000 para despesas com a Hospedaria de Imigrantes e a Agência Oficial de Colonização e Trabalho, reunindo em uma só consignação o orçamento de ambas.

Decreto nº 1.734, de 04 maio 1909: Suspende pelo prazo de um ano, as disposições do art. 19 e seu §, do Decreto nº 1.458, de 10 abr.1907.

Decreto nº 1.802, de 15 dez.1909: Fixa o número de imigrantes (100.000), mediante subvenção.

Decreto nº 1.844, de 16 mar.1910: Abre crédito especial de 40.000\$000 para liquidação de despesas da Agência oficial de Colonização e Trabalho e Hospedaria dos Imigrantes.

Decreto nº 2.071, de 05 jul.1911: Cria o Departamento Estadual do Trabalho e reorganiza os serviços da Hospedaria de Imigrantes e da Agência Oficial de Colonização e Trabalho.

Decreto Federal nº 9.081, de 3 nov.1911. Dá novo regulamento ao Serviço de Povoamento.

Decreto Estadual nº 2.216, de 23 mar.1912: Altera algumas disposições do regulamento aprovado pelo Decreto nº 1.458, de 10 abr.1907, na parte relativa ao serviço de introdução de imigrantes com subvenção do Estado.

Decreto Estadual nº 2.214, de 14 mar.1912: Aprova o regulamento para a execução da Lei 1.299-A de 27 dez.1911, que criou o Patronato Agrícola.

Decreto nº 11.037 de 4 ago.1914: Estabelece regras gerais de neutralidade do Brasil no caso de guerra entre as potências estrangeiras.

Decreto nº 11.093 de 24 ago.1914: Descarga, em portos brasileiros, de mercadorias destinadas ao Brasil e existentes a bordo de navios apresados.

Decreto nº 11.141 de 9 set.1914: Completa, a respeito de navios mercantes, as regras de nacionalidade aprovadas pelo Decreto n. 11.037, 4 ago.1914, e revoga a última parte do artigo 22 do mesmo Decreto.

Decreto Estadual nº 2.533, de 16 set.1914: Suspende a restituição da importância das passagens aos imigrantes espontâneos.

Decreto nº 12.458, de 25 abr.1917. Manda que sejam observadas as regras constantes do Decreto nº 11.037 de 4 ago.1914, no atual estado de guerra entre os Estados Unidos da América e o governo do Império Alemão.

Decreto nº 3.361 de 26 out.1917: Reconhece e proclama o estado de guerra iniciado pelo Império Alemão contra o Brasil.

Decreto nº 13.092 de 10 jul.1918: Cria uma missão médica especial à França, em caráter militar, e dá outras providências.

Decreto nº 18.372, de 28 ago.1928: Abre, ao Ministério das Relações Exteriores, o credito especial de 200:000\$, papel, para atender às despesas com o repatriamento dos restos mortais dos membros da Divisão Naval em Operações de Guerra em 1917 e 1918 e com a construção de um mausoléu para abrigo do ossuário destinado à guarda dos mesmos despojos.

Decreto nº 20.007, de 18 maio1931: Manda revigorar o decreto n. 18.372, 28 jan.1928, que abriu ao ministério das relações exteriores o crédito especial 200:000\$0, papel, para atender às despesas com a repatriação dos restos mortais dos membros da Divisão Naval em Operações de Guerra em 1917 e 1918 e com a construção de um mausoléu para abrigo do ossuário destinado à guarda dos mesmos despojos.

Projetos de Lei

Projeto nº 78, de 10 fev.1885. *Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo*: Autoriza para a venda do edifício do bairro do Bom Retiro (antiga hospedaria de imigrantes) e a compra de outro nas proximidades das estradas de ferro do Norte e Inglesa.

Legislação Italiana

COLLEZIONE DELLE LEGGI e de decreti emanati nelle provincie continentali dell'Italia meridionale durante il periodo della luogotenenza, vol. 1. Da' 7 nov.1860 a 30 apr. 1861. Napoli: Tipografia Nazionale, 1861.

FERDINANDO IV. Re delle Sicilie. *Origine della Popolazione di S. Leucio: suoi Progressi fino al Giorno d'Oggi*. Napoli: Stamperia Reale, 1789.

FRANCESCO II *delle Due Sicilie. Collezione delle Leggi e de Decreti Reali del Regno delle Due Sicilie*. Napoli: Stamperia Reale, 1858.

LEGGE Casati, nº 3725, 13 novembre 1859. Regulamentou uma extensa reforma do sistema escolástico.

LEGGE nº 5866, 30 dez. 1888. Estabelece a plena liberdade de emigrar. Disponível em: <<http://www.terzaclasse.it/documenti/doc016.htm>>

LEGGE nº 351, 8 jul.1904: § 95.2.1. *Provvedimenti per il risorgimento economico della città di Napoli*. Disponível em: <http://www.edizionieuropee.it/data/html/56/zn95_02_001.html#_ftn1>

LEGGE nº 130, 2 ago.1806. Joseph Bonaparte. Abolição do feudalismo no Reino de Nápoles.

Literatura Histórica

- BANANÉRE, Juó. *La Divina Incrensa* (reprodução integral da primeira ed. de 1915). São Paulo: Ed. 34, 2001.
- BOCCACCIO, Giovanni. Calandrino e l'Elitropia. In: *Decameron*, 1348 – 1353.
- CRUZ E SOUSA, João da. *Obra Completa*, 2 vol., JUNKES, Lauro (org). Jaraguá do Sul: Avenida, 2008.
- D'ANNUNZIO, Gabriele. *Il Trionfo della Morte*. Dal Convento di S. M. Maggiore, Aprile del 1894. Libro Secondo. La Casa Paterna II. Booklassic, 2015.
- DE LOLLIS, Cesare. Taccuino di Guerra (Cadernos de Guerra). Museo Storico Italiano della Guerra, Rovereto, Itália. 1914-1918.
- FAULKNER, William. *Uma Fábula*. Tradução de Olívia Krühenbühl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- GAETA, Ermete Giovanni. *La canzone del Piave*, 1918.
- HEMINGWAY, Ernest. *Adeus às Armas*. 8ª ed.. Tradução Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. E-Book.
- LOCCHI, Vittorio. *La sagra di Santa Gorizia*, 1916. Publicada em Milão em 1918.
- MACHADO, Antonio. Versos de *Proverbios y Cantares XXIX*. Incluído em *Poesías Completas*. Antonio Machado. Colección Austral A33. Madrid: Espasa Libros, 1999.
- MACHADO, Antonio de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda: Notícias de São Paulo*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995. (Aventura Clássicos).
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*, Ulisses. In: BERARDINELLI, Cleonice (org.). *Poemas: Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- PIRANDELLO, Luigi. *Novelle per un Anno*, vol. 3, tomo II. Milano: Mondadori, 1990.
- POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Rio de Janeiro, 1888, Disponível em: <http://objdigitalbn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/o_ateneu.pdf>.
- PROUST, Marcel. *Em Busca do Tempo Perdido*, vol. 1. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- UNGARETTI, Giuseppe. *Il Dolore*. Milano: Mondadori, 2000.
- _____. *L'Allegria*. Edizione di riferimento: PICCIONI, Leone (a cura di) *Vita d'un Uomo, tutte le Poesie*. Milano: Mondadori, 1969.

Publicações

Periódicos

BBC Brasil. Brasil

Correio da Manhã: 1910 a 1919. Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Correio Paulistano. São Paulo, SP, Brasil

Corriere della Sera. Itália

Fanfulla, 1910 a 1920. São Paulo, SP, Brasil

Giornale di Roma, nº 67, 22 de março de 1851. Itália

Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_02&PagFis=32386>. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

La Padania. Milão, Itália

National Geographic Italia, marzo 2014.

O Estado de S. Paulo. São Paulo, SP, Brasil

The Independent. United Kingdom

Artigos

BANDEIRA, Moscoso. Os progressos de S. Paulo. In: *Correio Paulistano*, 02 fev.1916, p. 3.

CAPUA, Vincenzo. Lettere italiane. In: *Fanfulla*, 15 mar.1915, p. 3.

CORPO DE SOLDADO da Primeira Guerra é encontrado em montanha na Itália. In: *BBC Brasil*, 25/8/2010. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/08/100824_soldado_primeiraguerrafn.shtml>.

CURZEL, Elisabetta. Case antisismiche: i sistemi dei Borbone sono validi ancora oggi. In: *Corriere della Sera*, 9 settembre 2013. Disponível em: <http://www.corriere.it/scienze/13_settembre_09/terremoto-case-antisismiche_6b8cff0a-1923-11e3-965e-853ac612ccd.shtml>.

ECHI. In: *Fanfulla*, 11 jun.1915, p. 2.

FOMENTI, Carlo. Siamo una Nazione, ma chi ha fatto l'Italia? In: *Corriere della Sera Archivio Storico*. 17 jul.1993.

I DOLORI e le Ansie di Trieste: una lettera sfuggita alla censura austriaca. In: *Fanfulla*, 3 abr.1915.

I PREPARATIVI di Difesa Austriaca nel Trentino, nell'Istria e nella Dalmazia. In: *Fanfulla*, 1 abr.1915, p. 1.

IL MEZZOGIORNO e la Guerra: *Fanfulla*, 1 fev.1918, p. 3.

IL TESTO del “Libro Verde” italiano: I documenti diplomatici dei negoziati austro-italiani. In: *Fanfulla*, 15 jun.1915, p. 3.

IL TONO aggressivo della Nota dell'Austria alla Serbia. In: *Fanfulla*, 25 jul.1914, p. 1.

L'ARRIVO a Santos. In: *Fanfulla*, 27 maio 1915, p. 5.

LA ENTUSIASTICA dimostrazione di ieri ai riservisti in partenza. In: *Fanfulla*, 27 maio 1915, p. 4.

LA GUERRA Bianca: Vivere e Morire sul Fronte Alpino della Prima Guerra Mondiale. In: *National Geographic Italia*, mar. 2014. Disponível em: <http://www.nationalgeographic.it/dalgiornale/sommari/2014/03/04/foto/national_geographic_italia_marzo_2014-2035194/1/>.

LA PARTENZA dei riservisti da Rio. In: *Fanfulla*, 28 maio 1915, p. 2.

L'ESODO degli italiani. La partenza dei richiamati e la sua ripercussione in Brasile. In: *Fanfulla*, 28 maio 1915, p. 5.

L'EMOZIONANTE delitto. In: *Fanfulla*, 4 out.1917, p. 4.

LE MISURE interne adottate dal governo. In: *Fanfulla*, 25 maio 1915, p. 3.

LEÃO, Carneiro. São Paulo em 1920. In: *Correio Paulistano*, 10 mar.1920, p. 2 e 11 mar.1920, p. 2.

LOBATO, José B. R. Monteiro. A Criação do Estilo. In: *O Estado de S. Paulo*, 6 jan.1917.

LOBATO Monteiro. A propósito de Wasth Rodrigues. *O Estado de S. Paulo*, 9 jan.1916.

MOBILITAZIONE Generale: come la Nazione si Muove per la Guerra. In: *Fanfulla*, 2 maio 1915, pp. 3-4.

O PROFESSOR Bertarelli e suas Impressões sobre São Paulo. In: *O Estado de S. Paulo*, 07 out.1910.

P. P.. A capital Paulista. In: *O Estado de S. Paulo*, 25/1/1911.

_____. A Capital Paulista. In: *O Estado de S. Paulo*, 25/1/1916.

_____. A Metrópole Paulista. In: *O Estado de S. Paulo*, 25/1/1919.

POPHAM, Peter. Melting Snow prompts Border Change between Switzerland and Italy. In: *The Independent*, United Kingdom, 24 March 2009. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/europe/melting-snow-prompts-border-change-between-switzerland-and-italy-1653181.html>>.

PREPARATIVI austriaci contro l'Italia, In: *Fanfulla*, 9 abr.1915, p. 2.

SÃO PAULO. In: *Fanfulla*, 18 jul.1915, p. 3.

SCHENA, Roberto. I Padri del Risorgimento così Antimeridionali. In: *La Padania*, 14 nov.2000.

SERVA, Mario Pinto. A Metrópole Paulista. In: *O Estado de S. Paulo*, 04/07/1919.

SOBRINHO, Cesar. A Grandeza de São Paulo I, II e III. In: *Correio Paulistano*, 27/04 e 08/05/1920.

_____. A Riqueza de S. Paulo. In: *Correio Paulistano*, 25/09/1920.

Registros: Imigração

DIÁRIO DE BORDO do Vapor *Alacrità*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

LISTA DE PASSAGEIROS do Vapor *Alacrità*. Hospedaria de Imigrantes. São Paulo: Memorial do Imigrante do Estado de São Paulo.

LIVRO DE REGISTRO da Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

TABELLA DEI VIVERI secondo Il Regolamento della Marina Mercantile, 1888. Acervo Vecchia/SP.

Bibliografia

OBRAS

- ADORNO, Theodor W.. *Prismas: La crítica de la Cultura y la Sociedad*. Tradução de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Ariel, 1962, p.14. Colección Zetein-Estudios y Ensaïos 4.
- AGNOLI, Francesco Mario. *La Conquista del Sud e il Generale Spagnolo José Borges*. San Giuliano Milanese, Milano: Di Giovanni, 1993.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões: De Magistro (Do mestre)*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os Pensadores).
- AGULHON, Maurice et all. *Ensaïos de Ego-História*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- ALBERTI, Franco. *Il Nuovo Regno di Napoli*. Napoli: Guida Editori, 1996.
- ALBONICO, Aldo. *La Mobilitazione Legittimista contro il Regno d'Italia: la Spagna e il Brigantaggio Meridionale Postunitario*. Milano: Giuffrè, 1979.
- ALIANELLO, Carlo. *La Conquista del Sud: Il Risorgimento nell'Italia Meridionale*. Milano: Rusconi, 1994.
- ALVIM, Zuleika M. F.. *Brava Gente! Os Italianos em São Paulo 1870 - 1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele Tempo (1895-1915)*. São Paulo: Carrenho Editorial / Narrativa Um / Carbono 14, 2004.
- _____. *São Paulo nesse Tempo (1915-1935)*. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- ARCOMANO, Arturo. *Scuola e Società nel Mezzogiorno*. Bologna: Clueb Edizioni, 2013.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- _____. *As Origens do Totalitarismo: Totalitarismo, o Paroxismo do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1979.
- ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges. *História da Vida Privada*, vol. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Organizado por Michelle Perrot. Tradução Denise Bottmann, partes 1 e 2; Bernardo Joffily, partes 3 e 4; vol. 5: *Da Primeira Guerra aos nossos dias*. Organizado por Antoine Prost e Gérard Vincent; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BADOLATO, Antonio; RATI, Armando. *1918 La Fine della Grande Guerra. Altipiani, Grappa, Piave, Vitorio Veneto*. Mantova: Editoriale Sometti, 2008.
- BANTI, Anna. *Noi Credevamo*. Milano: Mondadori, 2010.
- BARBUY, Heloísa. *A Cidade Exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: Edusp, 2006.
- BARROS, Maria Paes de. *No Tempo de Dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- BATTISTELLO, Silvana. *Profughi nella Grande Guerra*. Valdagno (Vicenza): Edizioni Gino Rossato, 2007.
- BEIGUELMAN, Paula. *A Formação do Povo no Complexo Cafeeiro: Aspectos Políticos*. 3ª ed.. São Paulo: Edusp, 2005.

- BALINT, Michael. *Thrills and Regressions*. London, The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1959.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios Literatura sobre e História da Cultura*. Obras Escolhidas, vol. 1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERRY, J.; POORTINGA, Y.; SEGAL, M. & DASEN, P.. *Cross-cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (a cura di). *Storia dell'emigrazione italiana*. Roma: Donzelli, 2001.
- BIANCHI, Bruna. *La Follia e la Fuga: Nevrosi di Guerra, Diserzione e Disobbedienza nell'Esercito Italiano (1915-1918)*, Roma: Bulzoni, 2001
- BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ª ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno: Ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. *A Economia das Trocas Linguísticas: O que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996b. (Clássicos; 4).
- _____. *Razões Práticas. Sobre a Teoria da Ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996a.
- _____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 3ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. *Le Sens Pratique*. Paris: Ed. de Minuit, 1980.
- _____. *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*. Paris: Minuit, 1979.
- _____. *Campo del Potere e Campo Intelletuale*. Cosinza: Leirici, 1978.
- _____. *Esquisse d'une Théorie de la Pratique*. Genève: Liv. Droz, 1972.
- _____ & WACQUANT, Loïc J. D.. *An Invitation to Reflexive Sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- _____ & PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução*, Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves Ed., 1975.
- BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*, vol. 1. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- _____. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*, vol. 2. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- BRUNO, Ernani Silva. *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. Coleção Documentos Brasileiros, vol. 2 e 3. São Paulo: Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953/1954.
- _____. *Imagens da Formação do Brasil*. São Paulo: Editora Cultrix, 1962.
- _____. *Memória da Cidade de São Paulo: Depoimentos de Moradores e Visitantes – 1553-1958*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1981.
- CADEDU, Lorenzo. *La Leggenda del Soldato Sconosciuto all'Altare de Pátria*. Udine: Paolo Gaspari Editore, 2005.
- CADORNA, Luigi. *La Guerra alla Fronte Italiana: Fino all'Arresto sulla linea della Piave e del Grappa (24 Maggio 1915 – 9 Novembre 1917)*. Milano: Fratelli Treves, vol. 1, 1921. Disponível em: <http://openlibrary.org/works/OL15362310W/La_Guerra_alla_frente_Italiana>.

- CAMPORESI, Piero. *Il Paese della Fame*. Bologna: Il Mulino, 1985.
- CARELLI, Mario. *Carcamano e Comendadores: os Italianos de São Paulo: da Realidade à Ficção* (1919-1930). São Paulo: Ática, 1985.
- CARONE, Edgard. *A República Velha: Instituições e Classes Sociais*. 2ª ed.. São Paulo: Difel, 1972.
- CARTER, B & MCGOLDRICK, M. (Eds.). *The Changing Family Life Cycle*. Boston: Allyn and Bacon, 1989.
- CASSESE, Sabino (a cura di). *Lezioni sul Meridionalismo. Nord e Sud nella Storia d'Italia*. Bologna: Mulino, 2016.
- CASTELNUOVO, Delia Frigessi; RISSO, Michele. *A Mezza Parete. Emigrazione, Nostalgia, Mollitia Mentale*. Torino: Einaudi, 1982.
- CENACCHI Giovanni; VIANELLI, Mario. *Teatri di Guerra sulle Dolomiti: 1915-1917, Guida ai Campi di Battaglia*. Milano: Mondadori, 2006.
- CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Liv. Martins Editora; Edusp – Edusp, 1975.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHALLENGER, Melanie e FILIPOVIC, Zlata, *Vozes Roubadas: Diários de guerra*. Tradução Augusto Pacheco Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*; tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, s.d., coleção Memória e Sociedade.
- CHODOROW, N.. *Feminism and Psychoanalytic Theory*. New Haven: Yale University Press, 1989.
- CLARK, Christopher. *Sleepwalkers: How Europe Went to War in 1914*. Great Britain: Penguin Books, 2012.
- CLEMENTE, Giuseppe (org). *Il Brigantaggio in Capitanata, Fonti Documentarie e Anagrafe, (1801-1864)*. Istituto per la Storia del Risorgimento Italiano, Archivio Guido Izzi s. r. l. Roma, 1999.
- COCCHIARA, Giuseppe. *Il Paese di Cucagna e altri Studi di Folklore*. Torino: Editore Boringhieri, 1980.
- COLLETTA, Piero. *Storia del Reame di Napoli*, , vol. 1. Bruxelles: Società Libreria Hauman e C., 1847.
- COMPAGNON, Olivier. *O Adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*, Tradução de Carlos Nougué. 1ª ed.. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- COSTA, Enrico. *Giovanni Tolu. Storia di un Bandito narrata da lui medesimo preceduta da Cenni Storici sui Banditi del Logudoro*, vol. 1 e 2. Sassari: Giuseppe Dessi Editore, 1897.
- COSTA, Gley (org.). *Guerra e Morte*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1988.
- CROCI, Federico e BONFIGLIO, Giovanni. *El Baúl de la Memoria*. Lima: Fondo Editorial del Congreso de la República del Perú, 2002.
- CUCHE, Dennys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Tradução Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 1999.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões. (Companhia de Canudos)*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- D'AMELIA, Marina. *La Mamma*. Bologna: Mulino, 2005.
- DANTAS, Sylvia Duarte, (Org). *Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012.
- _____ & PAIVA, Geraldo José de. *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (eds.) São Paulo: Casa do Psicólogo Liv. e Editora Ltda., 2004.
- DE AMICIS, Edmondo. *Sull'Oceano*. A cura di Giorgio Bertone. Prefazione di Antonio Gibelli. Reggio Emilia: Diabasis, 2005.

- _____. *Dagli Appennini alle Ande. Racconto Tratto da Cuore*. Perugia: Edizione Guerra, 1997.
- DEBIAGGI, Sylvia D. Dantas. *Changing Gender Roles Changing Gender Roles: Brazilian Immigrant Families in the U.S.*, N.Y.: LFB Scholarly Publishing LLC. 2002.
- DE CESARE, Raffaele. *La Fine di un Regno*. Milano: Longanesi, 1969.
- DE LUCCHI, Gianluca. *La Prima Guerra Mondiale*. Firenze - Italia: Giunti Editore, 2008.
- DE MARCO, Carmine. *Revisione della Storia dell'Unità d'Italia*. Milano: MAY- C Publishing, 2011. E-Book.
- DE MAURO, Tullio. *Storia Linguistica dell'Italia Unita*. Roma-Bari: Laterza, 1963.
- DE' SIVO, Giacinto. *Storia delle Due Sicilie: dal 1847 al 1861*, vol. 1. Roma: Tipografia Salviucci, 1863. E-Book.
- _____. *Storia delle Due Sicilie: dal 1847 al 1861*, vol. 2. Roma: Tipografia Salviucci, 1864, E-Book.
- DEDIER, Vladimir. *The Road to Sarajevo*. New York: Simon & Schuster, 1966.
- DOAK, Robin S.. *Assassination at Sarajevo: the Spark that Started World War I*. (Snapshots in History). Minneapolis, United States: Compass Point Books, 2008.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 1956.
- ENGLUND, Peter. *A Beleza e a Dor. Uma História Íntima da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FABI, Lucio. *Gente di Trincea. La Grande Guerra sul Carso e sull'Isonzo*. Milano: Mursia, 2009.
- FAUSTO, Boris. *Historiografia da Imigração para São Paulo*. São Paulo: Editora Sumaré: Fapesp, 1991.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. 11^a ed.. Campinas: Papirus, 2003.
- _____. *Práticas Interdisciplinares na Escola*, 2^a ed., São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou Ideologia?* São Paulo: Cortez, 2^a ed., 1993.
- _____. *Interdisciplinaridade: um Projeto em Parceria*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*; tradução Leonor Martinho Simões e Gisela Monis. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- FELICE, Costantino; PEPE, Adolfo; PONZIANI, Luigi. *Storia dell'Abruzzo 5: Il Novecento*. Roma-Bari: Gius. Laterza, 1999.
- FELICE, R. De (a cura di). *L'Emigrazione Italiana in Brasile, 1800-1978*. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1980.
- FRANZINA, Emilio. *La Storia (quase vera) del Milite Ignoto. Raccontata come un'Autobiografia*. Roma: Donzelli Editore, 2014. (Saggin, n° 242).
- _____. *A Grande Emigração. O Êxodo dos Italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.
- _____. *Traversate: Le Grandi Migrazioni transatlantiche e i racconti italiani del viaggio per mare*. Foligno: Editoriale Umbra, 2003.
- FREITAS, Affonso A. de. *Tradições e Reminiscências Paulistas*. 3^a ed.. São Paulo: Governo do Estado, 1978. (Coleção Paulística, vol. 9).
- GAMBINO, Antonio. *Inventario Italiano: Costumi e Mentalità di un Paese Materno*. Torino: Einaudi, 1998.

- GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2003.
- GAYDA, Virginio. *L'Austria di Francesco Giuseppe: (La Crisi di un Impero)*. Torino: Fratelli Bocca Editori, 1915.
- GEMELLI, Agostino. *Il nostro Soldato. Saggi di Psicologia Militare*. Milano: Treves, 1917.
- GIBELLI, Antonio. *La Guerra Grande. Storie di Gente Comune*. Roma-Bari: Laterza, 2016.
- _____. *L'Officina della Guerra: La Grande Guerra e le Trasformazioni del Mondo Mentale*. Torino: Bollati Boringhieri Editore, 2007.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o Cotidiano e as Ideias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GRAMSCI, Antonio. *La Questione Meridionale*. L'Aquila: REA Edizioni, 2011. E-Book.
- GRANDI, Guilherme. *Café e Expansão Ferroviária: a Companhia E.F. Rio Claro, 1880-1903*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.
- GRASSO, Alfonso. *I "Lumi" Napoletani: Antonio Genovesi: la Vita, le Opere, il Pensiero*. Disponível em: <<http://www.ilportaledelsud.org/genovesi.htm>>.
- GREGG, Vernon. *Memória Humana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. (Unidade A: Psicologia Experimental, vol. A6, org. Peter Herriot)
- GRINBERG, León & GRINBERG, Rebeca. *Psicoanálisis de la Migración y del Exilio*. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1984.
- GRYNSZPAN, Mario. *Ciência, Política e Trajetórias Sociais: Uma Sociologia Histórica da Teoria das Elites*. Rio de Janeiro: FGV, s.d. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/84.pdf>.
- GROSSI, Vincenzo. *Storia della Colonizzazione Europea al Brasile e della Emigrazione Italiana nello Stato di S. Paulo*. Roma: Tipografia Nazionale, 1914.
- GUZZARDI, Giancarlo di. *Montagne e Briganti*, s.d. Disponível em: <gguzzardi.interfree.it/briganti.htm>.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2003.
- _____. *Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais*. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HOBBSBAWM, Eric J.. *Bandidos*. Barcelona: Crítica, 2001.
- _____. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. *A Era do Capital 1848-1875*. 3ª ed., tradução de Luciano Costa Neto, p. 208. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B46vjiRI8hGuVzIEanBQNm9TNzg/edit>>
- _____. *Era dos Extremos: o Breve Século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 23ª ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- HOLLOWAY, Thomas H.. *Imigrantes para o Café: Café e Sociedade em São Paulo (1886-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração Italiana em São Paulo (1880-1889); os Primeiros Contatos do Imigrante com o Brasil*. 1972.
- _____. *Imigração Italiana em São Paulo de 1902 a 1914: O Processo Imigratório*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) - USP, 1986.

- IANNANTUONI, Domenico & CEFALI, Francesco Antonio. *Perché Briganti? La Vera Storia del "Brigante" Giuseppe Vilella di Motta S. Lucia* (CZ). Milano: MAY-C Publishing, 2014. E-Book.
- IGNATIEV, Noel. *How the Irish became White*. New York: Routledge Kegan Paul, 1995.
- ISNENGHI, Mario; ROCHAT Giorgio. *La Grande Guerra: 1914-1918*. Firenze: La Nuova Italia, 2000.
- JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e a Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins: Edusp, 1972.
- KLEIN, J. T. *Interdisciplinarity: History, Theory, and Practice*. Detroit: Wayne State University Press, 1990.
- KLÜGER, Ruth. *Paisagens da Memória: Autobiografia de uma Sobrevivente do Holocausto*. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- LABANCA, Nicola. *Caporetto: Storia di una Disfatta*. Firenze: Giunti, 1997.
- LASCH, Christopher. *O Mínimo Eu: Sobrevivência Psíquica em Tempos Difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LAZARI, Vincenzo. *Zecche e Monete degli Abruzzi nei Bassi Tempi*. Venezia: Tip. del Commercio, S. Benedetto, Palazzo Pesaro, 1858. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/zeccheemonete00laza>>.
- LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves. 1988.
- LEED, Eric J. *Terra di Nessuno: Esperienza Bellica e Identità Personale nella Prima Guerra Mondiale*. Bologna: Il Mulino, 1985. (ed. or. *No Man's Land: Combat and Identity in World*. New York: Cambridge University Press, 1979).
- LEOPARDI, Giacomo. *Zibaldonei: Pensieri di Varia Filosofia e di Bella Letteratura*. L'Aquila: REA Edizioni, 2011.
- LOVE, Joseph L. *A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira – 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MACK SMITH, Denis. *Storia d'Italia dal 1861 ao 1958 con Documenti e Testimonianze*. Milano: Edizioni Labor, 1967.
- _____. *Cavour and Garibaldi, 1860: a Study in Political Conflict*. New York: Cambridge University Press, 1954.
- MAFFEI, Count. *Brigand Life in Italy: A History of Bourbonist Reaction*, vol. 2. London: Hurst and Blackett, Publishers, 1865.
- MANGONE Angelo. *L'Industria del Regno de Napoli: 1859-60*. Napoli: Fausto Fiorentino, 1976.
- MANNO, Brunello De Stefano; MATA CENA, Gennaro, *Le Reali Ferreriere ed Officine di Mongiana*. Napoli: Società Editrice Storia di Napoli e della Sicilia, 1979.
- MARESCA, Giuseppe. *Era di Maggio. La Storia Stracciata*. Milano: Lampi di stampa, 2012.
- MARTUCCI, Roberto. *L'Invenzione dell'Italia Unita: 1855-1864*. Firenze: Sansoni, 1999.
- MATTEO, Giovanni de. *Brigantaggio e Risorgimento - Legittimisti e Briganti tra i Borbone e i Savoia*. Napoli: Alfredo Guida Editore. 2000.
- MESQUITA, Julio, *A Guerra (1914-1918)*, São Paulo: O Estado de S. Paulo; Ed. Terceiro Nome, 2002. 4 vols.
- MEYER, G. J. *A World Undone: The Story of the Great War, 1914 to 1918*. New York: Random House Publishing, 2006.
- MISURACA, Fara e GRASSO, Alfonso. *Il Banditismo Sociale nell'ex Reame Siculo-Partenopeo*. In: *Brigantino – Il Portale del Sud*. Disponível em: <<http://www.ilportaledelsud.org/banditismo.htm>>.

- _____. *Il Benessere nel Regno delle Due Sicilie*. In: Brigantino – Il Portale del Sud Disponível em: <http://www.ilportaledelsud.org/benessere_due_sicilie.htm>.
- MOLFESE, Franco. *Storia del Brigantaggio dopo l'Unità*. Milano: Feltrinelli, 1979.
- MONNIER, Marco. *Garibaldi; Rivoluzione delle Due Sicilie*. Napoli: Editora Alberto Detken, 1861.
- MORENO, Barry. *Ellis Island*. Charleston, SC: Arcadia Publishing, 2003.
- MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 11ª ed.. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2006.
- MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo. De Comunidade à Metrópole*. São Paulo: Difel, 1970.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX: Memórias, Depoimentos, Evocações*. São Paulo: Ateliê Editorial/Unesp/Imprensa Oficial, 1998.
- MUSUMECI, Giuseppe. *La Grande Guerra nelle Retrovie*. Valdagno (Vicenza): Edizioni Gino Rossato, 2007.
- MITT, Francesco Saverio (1903); DE MASI, Domenico (2005). *Napoli e la Questione Meridionale*. Napoli: Alfredo Guida Editore, 2004.
- _____. *Scritti sulla Questione Meridionale: Il Bilancio dello Stato dal 1862 al 1896-97. Nord e Sud*. Roma-Bari: Laterza, 1958.
- _____. *L'Italia all'Alba del Secolo XX. Discorsi ai Giovani d'Italia*. Torino-Roma: Casa Editrice Nazionale Roux e Viarengo, 1901. Disponível em: <<https://archive.org/stream/litaliaallalba/d00nittgoog#page/n11/mode/2up>>.
- _____. *Nord e Sud*. Torino-Roma: Casa Editrice Nazionale Roux Roux e Viarengo, 1900.
- NOGUEIRA, J. L. de Almeida. *A Academia de São Paulo. Tradições e Reminiscências*. São Paulo: Saraiva, 1977.
- ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. Tradução de Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. (Grandes Cientistas Sociais; 39).
- OWINGS, William A. Dolph. *The Sarajevo Trial*. Chapel Hill, NC, U.S.A: Documentary Publications, 1984.
- NOVAES, Adauto (org.) *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- PAIVA, Geraldo José de. *Introdução à Psicologia Intercultural*. São Paulo: Pioneira, 1978.
- PASCOLLI, Marco; VAZZAZ, Andrea. *I Forti e il Sistema Difensivo del Friuli*. Udine: Paolo Gaspari Editore, 2005.
- PEIXOTO, Afrânio. *Castro Alves: O Poeta e o Poema*. São Paulo - Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942. Disponível em: <www.brasiliana.com.br/>.
- PETRUCCI, Armando. *Scrivere Lettere: una Storia Plurimillennaria*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2008.
- PIERI, Piero. *L'Italia nella Prima Guerra Mondiale (1915-1918)*. Torino: Einaudi, 1968.
- PIEROTTI, Pietro. *Imparare l'Ecostoria*. Milano: Franco Angeli, 1999.
- PINTO, Alfredo Moreira. *A Cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado 1979.
- PORTES, Alejandro & RUMBAUT, Rubén G.. *Immigrant America: A Portrait*. California: Berkeley; Univ. Ca Press, 1990.
- RAATMA, Lucia. *Ellis Island*. Minneapolis (MN): Compass Point Books, 2002.
- RANIERI, Francesco Paolo. *Guardiagrele: Memorie e Monumenti Paesani*. Prima edizione raccolta ed ordinata da Ranuccio Ranieri. Lanciano, Chieti: Tipografia di Francesco Masciangelo, 1927.

- RAUZINO, Teresa Maria (org). *La Memoria Dimenticata*. Disponível em: <<http://www.mondimedievali.net/Microstorie/briganti.htm>>.
- REGGIO, Isidoro. *Storia della Grande Guerra d'Italia. Il Mare Nostro*, vol. 9. Milano: Istituto Editoriale Italiano. Disponível em:<<http://archive.org/details/storiadella grand09regguoft>>.
- RESSA, Giuseppe. *Il Sud e l'Unità d'Italia*. In: Brigantino – Il Portale del Sud. Napoli e Palermo. Ottobre 2011. Disponível em: <<http://www.ilportaledelsud.org>>.
- RILKE, Rainer Maria. *Wartime Letters* (1914-1921). Translated by M. D. Herter Norton. New York: W. W. Norton & Company, 1964.
- ROBSON Stuart. *La Prima Guerra Mondiale*. Bologna: Il Mulino, 2002.
- ROCCA, Gianni, *Cadorna: il Generalissimo di Caporetto*. Milano: Mondadori, 2004.
- ROSSI, Mirian Silva. *Mia Cara Mamma: Lettere dal Fronte*, vol. 1 della Collana Guardiagrele: La Memoria. Pescara, Itália: Linea Blu, 2007.
- ROSSI, Paolo. *O Passado, a Memoria, o Esquecimento. Seis Ensaio da História das Ideias*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- RUGGERI, Maria. *Genti e Culture dell'Abruzzo in Epoca Preromana – La Necropoli di Comino a Guardiagrele*. Roma: École Française de Rome, 2003.
- SACCHI, Vittorio. *Il Segretariato Generale delle Finanze di Napoli dal 1 Aprile al 31 Ottobre 1861*. Napoli: Stabilimento Tipografico delle Belle Arti, 1861.
- SALA, Umberto. *A Emigração Italiana no Brasil (1925)*. Tradução e apresentação de João Fábio Bertonha. Maringá, Paraná: Eduem, 2005. (Coleção Documentos e História).
- SAINT HILAIRE, Auguste. *Segunda Viagem ao Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo (1822)*. SP: Cia. Editora Nacional, 1932. Disponível em: <www.brasiliana.com.br>.
- SAINT-JORIOZ, Conde Alessandro Bianco di. *Il Brigantaggio alla Frontiera Pontificia dal 1860 al 1863: Studio Storico – Politico – Statistico – Morale – Militare*. Milano: G. Daelli e C. Editori, 1864.
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem Tudo era Italiano. São Paulo e Pobreza, 1890-1915*. São Paulo: Annablume, 1998.
- SAVARESE, Giacomo. *Le Finanze Napoletane e le Finanze Piemontesi dal 1848 a 1860*. Seconda Edizione. Napoli: Tipografia Cardamone, 1862.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. Prefácio Pierre Bourdieu. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.
- SCHAUMANN, Walter; SCHUBERT, Peter. *Isonzo: là Dove Morirono*. Bassano del Grappa: Ghedina & Tassotti Editori, 1990.
- SEGAL, Hanna. *Psicanálise, Literatura e Guerra: Artigos 1972-1995*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998.
- SILVESTRI, Mario. *Caporetto: una Battaglia e un Enigma*. Milano: Edizione BUR Storia, 2006.
- _____. *Isonzo 1917*. Milano: BUR Storia, 2007.
- SLUZKI, Carlos E.. *A Rede Social na Prática Sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- SPINOZA, Benedictus. *Pensamentos Metafísicos; Tratado da Correção do Intelecto; Ética; Tratado Político; Correspondência*. Seleção de textos de Marilena de Souza Chaui. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).
- SPITZER, Leo. *Lettere di Prigionieri di Guerra Italiani, 1915-1918*. Torino: P. Boringhieri, 1976.
- STELLA, Gian Antonio. *L'Orda: Quando gli Albanesi Eravamo Noi*. Milano: BUR Saggi, 2007.

- _____. *Odissee: Italiani sulle Rotte del Sogno e del Dolore*. Rizzoli, 2004.
- STIACCINI, Carlo. *L'Anima Religiosa della Grande Guerra. Testimonianze Popolari tra Fede e Superstizione*. Roma: Aracne Editrice, 2009.
- STOK, Marco Mantini Silvo. *I Tracciati delle Trincee sul Fronte dell'Isonzo*. Udine: Paolo Gaspari Editore, 2007.
- STRINATI, Eleonora. *La Madre: Mito e Psicologia*. (Collana diretta da Bruno Callieri e Vezio Ruggieri). Roma: Edizioni Universitarie Romane, 1996.
- SUÁREZ-OROZCO, Carola & SUÁREZ-OROZCO, Marcello. *Trans-formations: Immigration, Family Life and Achievement Motivation among Latino Adolescents*. Stanford: Stanford University Press, 1995.
- TERRAINE, J. *The Smoke and the Fire. Myths and Anti-Myths of War: 1861-1945*, London: Sidgwick and Jackson, 1980.
- TETI, Vito. *Il Senso dei Luoghi: Memória e Storia dei Paesi Abbandonati*. Roma: Donzelli Editore, 2004.
- THOMPSON, Mark. *La Guerra Bianca. Vita e Morte sul Fronte Italiano 1915-1919*. Milano: Il Saggiatore, 2009.
- TIRAPELI, Percival; SILVA, Manoel Nunes da. *São Paulo, Artes e Etnias*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. *O Homem Desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. *Em Face do Extremo*. Trad. Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránsky. Campinas: Papirus, 1995.
- TRENTO, Angelo. *La Costruzione di un'Identità Collettiva: Storia del Giornalismo in Língua Italiana in Brasile*. Viterbo: Sette Città, 2011. (Archivio storico dell'emigrazione italiana. Quaderni 06).
- _____. *Do outro Lado do Atlântico: um Século de Imigração Italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel; Istituto Italiano di Cultura di S. Paolo; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988.
- TREVILYAN, Raleigh. *Principi sotto il Vulcano. Storia e Leggenda di una Dinastia di Gattopardi Anglosiciliani dai Borboni a Mussolini*. Milano: BUR Biblioteca Univ. Rizzoli, 2001. (Collana Superbur Saggi).
- VENTURINI, Giuseppe. *Mogliano nel Tempo: da Borgo a Città*. Mogliano Veneto: Grafiche Piesse, 1989.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos: Estudos de Psicologia Histórica*. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.
- WACHTLER, Michael. *Uomini in Guerra. La Grande Guerra tra i Monti*. Bolzano: Editore Athesia Spectrum - Ferrari-Auer Srl, 2006.
- WERNECK SODRÉ, Nelson. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 16^a ed.. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.
- ZANOTTI-BIANCO, Umberto. *La Basilicata: Inchiesta sulle condizioni dell'infanzia in Italia promossa dalla Unione Italiana di Assistenza all'infanzia*. Roma: Collezione Meridionale, 1926.
- ZINI, Luigi. *Storia d'Italia dal 1850 al 1866 Continuata da quella di Giuseppe Farina*, vol. 2. Milano: Casa Editrice Italiana di M. Guigoni, 1869.
- ZITARA, Nicola. *L'Unità d'Italia: Nascita di una Colonia*. Milano: Editoriale Jaca Book, 1976.

ARTIGOS E ENSAIOS

- ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. Desventuras em Série. In: *Revista de História.com.br*, ed. n° 37, out. 2008. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/desventuras-em-serie>>.
- ARAÚJO, Johny Santana. A Guerra que vai Acabar com todas as Guerras: o Brasil na Primeira Grande Guerra – a Mobilização da Sociedade e o Engajamento da Marinha – 1917-1918. In: *História: Debates e Tendências*, vol. 14, n° 2, jul/dez/, 318-333.
- BEIGUELMAN, Paula. A Grande Imigração em São Paulo I. In: *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, n° 3, 1968.
- _____. A Grande Imigração em São Paulo II. In: *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, n° 4, 1968.
- BEVILAQUA, Piero. Società Rurale e Emigrazione. In: BEVILAQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (a cura di). *Storia dell'Emigrazione Italiana*. Roma: Donzelli, 2001.
- BOCHNER, S. Training Inter-cultural skills. In: *International Series in Experimental Social Psychology*. New York: Ed. Hollin, C & Trower, P., vol. 12, 155-184, 1985.
- BÓGUS, I. M. Migrantes Brasileiros na Europa Ocidental: Uma Abordagem Preliminar. In: PATARRA, N. (org.). *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Fnuap, 1995.
- BOSI, Alfredo. O Tempo e os Tempos. In: *Tempo e História*. NOVAES, Adauto (org.). São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. Um Analista do Inconsciente (Prefácio). In: SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- _____. Anatomie du Goût. In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 5, oct., 1976.
- BRUBAKER, Rogers. The Return of Assimilation? Changing Perspectives on Immigration and its Sequels in France, Germany and the United States. In: *Ethnic and Racial Studies*, vol. XXIV, n° 4, 531-548, 2001.
- BRITO DE OLIVEIRA, Aline. Antonio Genovesi na Bibliografia Oficial do Marquês de Pombal. In: *Usos do Passado. XII Encontro Regional de História, Anpuh*, Rio de Janeiro, 2006.
- CARAMANICO, Delia. Il Canto nella Tradizione Popolare della nostra Gente. In: MARTELLI, Lorena. *Guardiagrele*. Pescara: Multimedia Editore, 1998.
- CASTELANI, Arrigo. Quanti erano gl'Italofoni nel 1861?. In: *Studi Linguistici Italiani*. Friburgo (Switzerland): Edizioni Universitarie, 1960.
- COZZA, Dio Willy, A Participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, vol. 157, n° 390, jan-março de 1996, 97-110.
- CROCI, Federico. O Chamado das Cartas: Migrações, Cultura e Identidade nas Cartas de Chamada dos Italianos no Brasil. Out. 2008. In: *Locus: Revista de História*. Juiz de Fora, vol. 14, n° 2, 13-39, 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/art-01-o-chamado-das-cartas.pdf>>.
- CUNDARI, Cesare e BAGORDO Giovanni Maria. L'acquedotto Carolino, vol. 1. In: *Documenti Grafici Architettura e Ambiente*. Ariccia, Roma: Aracne Editrice, 2012.
- DANIELE, Vittorio; MALANIMA, Paolo. Il Prodotto delle Regioni e il Divario Nord-Sud in Italia (1861-2004). In: *Rivista di Politica Economica*, Mar.-Apr. 2007. Disponível em: <http://www.paolomalanima.it/default_file/Articles/Daniele_%20Malanima.pdf>

- DANTAS, Sylvia Duarte. An Intercultural Psychodynamic Counselling Model: A Preventive Work Proposition for Plural Societies. In: *Counselling Psychology Quarterly*, 24: 1, 1 — 14, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/09515070.010.529653>>.
- EINSTEIN, Albert; FREUD Sigmund. Por que a Guerra? In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imao, 1976, vol. 22. (Diálogo entre Einstein e Freud).
- ESPÍRITO SANTO, Arnaldo do; BEATO, João; PIMENTEL, Maria Cristina. Se os Corações se Puderam Traduzir...: as Confissões de Santo Agostinho, uma Experiência de Tradução. In: BORGES-DUARTE, Irene; HENRIQUES, Fernanda & DIAS, Isabel Matos (org.). *Heidegger, Linguagem e Tradução - Colóquio Internacional*. Março de 2002. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004, 189-194.
- FÉDIDA, Pierre. A Relíquia e o Trabalho do Luto. In: *Depressão*. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Editora Escuta, 1999.
- FIORENTINO, Gaetano. Cominciò con Garibaldi lo Sfascio della nostra Economia. Disponível em: <http://www.brigantaggio.net/Brigantaggio/Storia/DEFINIZIONI/0001_Sfascio_due_Sicilie.PDF>.
- FRANZINA, Emilio. Un Fronte Oltreoceano: Italiani del Brasile e Italobrasiliani durante il Primo Conflitto Mondiale. In: CORÀ, Vittorio e POZZATO, Paolo (a cura di). *1916, la Strafexpedition: gli Altipiani Vicentini nella Tragedia della Grande Guerra*. Udine: Gaspari, 2003, vol. 26 de Collezione Storica, 226-247.
- GENTILE, Francesca. Memorie Borboniche in Terra di Calabria: le Reali Ferriere ed Officine di Mongiana. In: *Espacio, Tempo y Forma*, Serie VII, Hª del Arte, t. 20-21, 2007-2008.
- GIBELLI, Antonio. Dal Porto al Mondo con De Amicis. In: DE AMICIS, Edmondo. *Sull'Oceano*. Reggio Emilia, Italia: Diabasis, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. Alcuni Temi della Questione Meridionale. In _____. *La Costruzione del Partito Comunista: 1923-1926*. Torino: Einaudi, 1971.
- GRASSO, Alfonso. Il Demanio e gli Usi Civici. In: Brigantino – Il Portale del Sud. Napoli e Palermo. Ottobre 2011. Disponível em: <<http://www.ilportaledelsud.org/usicivici>>.
- GUSDORF, G. Passé, Present, Avenir de la Recherche Interdisciplinaire. In: *Revue Internationale de Sciences Sociales*, Paris, vol. 29, nº 4, 627-648, 1977.
- HUTTER, Lucy Maffei. Imigração Italiana: Aspectos Gerais do Processo Imigratório. In: *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 27: 59-73, 1987.
- LIBERATORE, Matteo. Del Brigantaggio nel Regno di Napoli. In: *La Civiltà Cattolica*, vol. 11 della Serie Quinta. Roma: Tip. della Civiltà Cattolica, 1864.
- MACHADO, Orlando Marcondes. *A nossa Hecatombe em Dacar*. Apud BENTO, Cel. Claudio Moreira. O centenário da 1ª Guerra Mundial e a participação do Brasil com o seu Exército e Marinha. In: *O Guararapes – Federação das Academias de História Militar terrestre do Brasil*, ano 2014, nº 31 – FAHIMTB/Resende, Jul.. Disponível em: <[http://www.ahimtb.org.br/O GUARARAPES_31_2014.pdf](http://www.ahimtb.org.br/O_GUARARAPES_31_2014.pdf)>.
- MARTELLINI, Amoreno. Il Commercio dell'Emigrazione: Intermediari e Agenti. In: BEVILAQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (a cura di). *Storia dell'Emigrazione Italiana*. Roma: Donzelli, 2001.
- MARX, Karl. Speech at the Anniversary of the People's Paper. Londres, 14/04/1856. In: *The Marx-Engels Selected Works*, vol. 1. Moscou, URRS, 1969.

- MASSULLO, Gino. Economia delle Rimesse. In: BEVILAQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (a cura di). *Storia dell'Emigrazione Italiana*. Roma: Donzelli, 2001.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 34: 9-24, 1992.
- NITTI, Francesco Saverio. Scuola e Cultura a Matera dall'800 ad Oggi. In: *Società*, nº IV, ago. 1956.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares. In: *Revista Projeto História*, PUC/SP, nº 10, 7-28, 1993.
- PARIS, Robert. L'Italia Fuori d'Italia. Gli Italiane in Brasile. In: *Storia d' Italia. D'all'Unità a Oggi*. Torino, Einaudi, 1975.
- PHINNEY, J. Ethnic Identity in Adolescents and Adults: Review of Research. In: *Psychological Bulletin*, vol. 108 nº 3, 499-514, 1990.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.
- PORTES, Alejandro. For the Second Generation, one Step at a Time. In: JACOBY Tamar (org.) *Reinventing the Melting Pot. The New Immigrants and what it Means to be American*. New York: Basic Books, 155-166, 2004.
- RAO, Anna Maria. The Feudal Question in the Kingdom of Naples. In: BROERS, Michel; HICKS, Peter; GUIMERA, Agustin (eds.). In: *The Napoleonic Empire and the New European Political Culture*. Houndmills, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012 (Series War, Culture in Society, 1750-1850).
- RESSA, Giuseppe. Le Conseguenze dell'Annessione: Il Nuovo Sistema Bancario e il Bilancio Iniziale del Neo Stato Italiano. In: Brigantino – Il Portale del Sud. Disponível em: <<http://www.ilportaledelsud.org/mr50.htm>>.
- SANTOS, Ivison Poletto dos. A Sociedade Promotora de Imigração: Formação e Influência, 1886-1895. In: *Histórica: Revista Online do Arquivo Público de São Paulo*, nº 25, Setembro 2007. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/antecedentes/edicao25>> .
- SEGAWA, Hugo. Arquiteturas de Hospedarias de Imigrantes. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 30: 23-42, 1989.
- SILVA, Carlos Edson Martins da, A Missão Médica Especial Brasileira de Caráter Militar na Primeira Guerra Mundial. In: *Revista Navigator*. vol. 10, nº 20, 2014. Disponível em: <http://revistanavigator.com.br/navig20/art/N20_art2.pdf>.
- SLUZKI, Carlos E.. Migration and Family Conflict. In: *Family Process*, vol. 18, Issue 4, 379-390, December, 1979.
- SOUZA, Ismara Isepe. O Brasil e a Grande Guerra nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo. In: *Revista Brasileira de Estudos Estratégicos*, vol. 1, 259-274, 2015.
- TETI, Vito. Emigrazione, Alimentazione, Culture Popolari. In: BEVILAQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (a cura di). *Storia dell'Emigrazione Italiana*. Roma: Donzelli, 2001.
- THOMSON, Alistair. Histórias (Co) Moveras: História Oral e Estudos de Migração. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 22, nº 44. São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-1882002000200005&lng=pt&nrm=iso>.
- TRENTO, Angelo. In Brasile. In: BEVILAQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (a cura di). *Storia dell'Emigrazione Italiana*. Roma: Donzelli, 2001.

- TRENTO, Angelo. Il 'Fanfulla' di São Paulo e la Stampa Italiana in Brasile dal Nazionalismo al Fascismo. In: *Revista da Imigração Italiana em Minas Gerais*. Disponível em: <http://www.ponteentreculturas.com.br/revista/textos_01.html>.
- VALLA, Victor V.. Subsídios para uma melhor Compreensão do Brasil na Primeira Guerra Mundial. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, XV, 29-45, 1976.
- VECCHI, Giovanni. Il Benessere dell'Italia Liberale (1861-1913). In: *Dipartimento di Economia e Istituzioni. Università di Roma 'Tor Vergata'*. Disponível em: <<http://docplayer.it/14703109-II-benessere-dell-italia-liberale-1861-1913.html>>.
- VILLARI, Pasquale. Il Brigantaggio. In: *Le Lettere Meridionali*. Disponível em: <bepi1949.altervista.org/villari/brigantaggio.html>.
- WACHTEL, Nathan. A Aculturação, 113-129. In: LE GOFF, Jacques, e NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*. 3ª ed.. Rio de Janeiro: F. Alves. 1988.
- ZOLBERG, Aristide R. e WOON, Long Litt. Why Islam is like Spanish: Cultural Incorporation in Europe and the United States. In: *Politics & Society*, vol. XXVII, nº 1, 5-38, 1999.

CATÁLOGOS

Exposições

- A IMPRENSA Imigrante em São Paulo. Catálogo de Exposição. 14 nov. a 20 dez.2009. Memorial do Imigrante.
- BRIGANTAGGIO, *Lealismo, Repressione nel Mezzogiorno (1860-1870)*. Catalogo della Mostra. Museo Diego Aragona Pignatelli Cortes. Napoli: Gaetano Macchiaroli Editore, 1984.
- DONNE *nella Grande Guerra*. Catalogo della Mostra. Gorizia: Musei Provinciali Borgo Castello: Libreria Editrice Goriziana, 2012.
- ITALIANI *nel Mondo*. Catalogo della Mostra. STOLFI, Emanuele (a cura di). Milano: Mondadori, 2003.
- L'ARMA *della Persuasione: Parole ed Immagini di Propaganda nella Grande Guerra*. Catalogo della Mostra. DAN, Maria Masau e PORCEDA, Donatella (a cura di). Gorizia: Edizioni della Laguna & Cooperativa Mitt, 1991.
- LA MERICA! *Da Genova a Ellis Island: il Viaggio per Mare negli Anni dell'Emigrazione Italiana*. Catalogo della Mostra. Mu.Ma – Istituzione Musei del Mare e della Navigazione. Genova: SAGEP, 2008
- LA VIA *delle Americhe: l'Emigrazione Ligure tra Evento e Racconto*. Catalogo della Mostra. Genova: SAGEP, 1989.
- MONDINI, Marco (org.). *Parole come Armi: la Propaganda Verso il Nemico nell'Italia della Grande Guerra*. Catalogo della Mostra. Rovereto: Museo Storico Italiano della Guerra, 2009.

Artigos

- BUONASORTE, Nicla. La Società Italiana e l'Emigrazione all'Epoca di Ellis Island. In: *La Merica! Da Genova a Ellis Island: il Viaggio per Mare negli Anni dell'Emigrazione Italiana*. Catalogo della Mostra. Mu.Ma – Istituzione Musei del Mare e della Navigazione. Genova: SAGEP, 2008.
- CAMPODONICO, Pierangelo. Percorso della Mostra. In: *La Merica! Da Genova a Ellis Island: il Viaggio per Mare negli Anni dell'Emigrazione Italiana*. Catalogo della Mostra. Mu.Ma – Istituzione Musei del Mare e della Navigazione. Genova: SAGEP, 2008.
- CAROSIO, Giani. Navi da Emigranti. In: *La Merica! Da Genova a Ellis Island: il Viaggio per Mare negli Anni dell'Emigrazione Italiana*. Catalogo della Mostra. Mu.Ma – Istituzione Musei del Mare e della Navigazione. Genova: SAGEP, 2008.
- GIBELLI, Antonio. Storie Migranti. In: *La Merica! Da Genova a Ellis Island: il Viaggio per Mare negli Anni dell'Emigrazione Italiana*. Catalogo della Mostra. Mu.Ma – Istituzione Musei del Mare e della Navigazione. Genova: SAGEP, 2008.
- ROCCHI, Giovanna. The Inspection Process: La Selezione degli Emigranti a Ellis Island. In: *La Merica! Da Genova a Ellis Island: il Viaggio per Mare negli Anni dell'Emigrazione Italiana*. Catalogo della Mostra. Mu.Ma – Istituzione Musei del Mare e della Navigazione. Genova: SAGEP, 2008, 108-121.

Matérias Online

- 1914 – PRIMA GUERRA Mondiale. *Cinquantamila Giorni. La storia Raccontata da Giorgio Dell'Arti*. 28 giugno 1914. Disponível em: <<http://cinquantamila.corriere.it/storyTellerThread.php?threadId=GG191406>>.
- DELAVERRE, P.. *L'Hôpital de Vaugirard: des Origines à nos Jours*. Disponível em: <<http://www.biusante.parisdescartes.fr/sfhm/hsm/HSMx1978x012x002/HSMx1978x012x002x0153.pdf>>.
- HISTÓRIA Militar Online. Disponível em: <<http://historiamilitaronline.com.br/2015/07/08/geleiras-derretem-no-norte-da-italia-e-revelam-corpos-de-soldados-da-primeira-guerra-mundial/>>.
- I MILITARI Italiani. *Itinerari della Grande Guerra*. Disponível em: <<http://www.itinerarigrandeguerra.it/code/28750/Aurelio-Baruzzi>>.
- ISTITUTO Nazionale di Geofisica e Vulcanologia. Disponível em: <<http://www.ov.ingv.it/ov/it/storia-dellosservatorio/luigi-palmieri.html>>.
- ITINERARI della Grande Guerra. Disponível em: <<http://www.itinerarigrandeguerra.it/>>.

Literatura

- AMARAL, Edmundo. *Rótulas e Mantilhas*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1932. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0354.htm>>.
- ANDRADE, Carlos Drumond de. Procura da Poesia. In: *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: Record. 10ª ed., 1991.
- BARKER, Pat. *Regeneration*. New York: Plume, 1991. E-Book.

- BENEDETTI, Mario. *Eso dicen*, 1995. Disponível em: <<https://www.poeticous.com/mario-benedetti/eso-dicen?locale=es>>.
- BUENO, Francisco Assis. Pauliceia. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX: Memórias, Depoimentos, Evocações*. São Paulo: Ateliê Editorial/Unesp/Imprensa Oficial, 1998, p. 151.
- CAMPOS, Álvaro de. (heterônimo de Fernando Pessoa). *A Passagem das Horas*. 1916. Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/Passagem_das_Horas. Acesso em: 27 jul.2016.
- LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. *Il Gattopardo*. (ed. revista). Milano: Le Comete / Feltrinelli Editore, 2002.
- LLEWELLYN, Richard. *Como era verde o meu vale*. São Paulo: Círculo do Livro, 1967.
- MEIRELES, Cecília. *Mar Absoluto e outros Poemas*. Porto Alegre: Liv. do Globo, 1945.
- RODARI, Gianni. *Il Treno dell'Emigrante. I Cinque Libri: Storie Fantastiche, Favole, Filastrocche*. Torino: Einaud, 2007.
- SILONE, Ignazio. *Fontamara*. Milano: Mondadori / Medusa, 1949.

Dissertações e Teses

- BIANCO, Maria Eliana Basile. *A Sociedade Promotora de Imigração (1886-1895)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH, USP. 1982.
- CONSOLMAGNO, Marina. *Fanfulla: Perfil de um Jornal de Colônia, 1893-1915*. Dissertação de Mestrado. FFLCH, USP. São Paulo, 1993.
- FROCHTENGARTEN, F. *Memórias de Vida, Memórias de Guerra: uma Investigação Psicológica sobre o Desenraizamento Social*. São Paulo, 2002. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, USP.
- GONÇALVES, Paulo Cesar. *Mercadores de Braços: Riqueza e Acumulação na Organização da Emigração Europeia para o Novo Mundo*. Tese de Doutorado. FFLCH, USP, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br>>.
- GRIFA, Massimo. *Il Brigantaggio Meridionale nella Stampa Clericale e Moderata (1861-1865)*. Corso di Laurea in Storia. Dipartimento di Storia. Facoltà di Lettere e Filosofia, Università degli Studi di Padova, 2009.
- ROCHA, Ilana Peliciari. *Imigração Internacional em São Paulo: Retorno e Reemigração, 1890-1920*. Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP, 2007.
- ROSSI, Mirian Silva. *Organização do Campo Artístico Paulistano: 1890-1920*. Dissertação de Mestrado, FFLC, USP, 2001.

Obras de Referência

- ESTATÍSTICAS do Século XX. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.
- ESTATÍSTICAS Históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. In: *Séries Estatísticas Retrospectivas*, 2ª ed., revista e ampliada do vol. 3. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

- GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Tradução Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. (ed. or. *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951)
- MINISTERO della Difesa. Republica Italiana. *Scuola Militare Nunziatella*. Napoli. Disponível em: <http://spazioweb.esercito.difesa.it/siti_scuole/nunziatella/>
- REPERTÓRIO Estatístico do Brasil: Quadros Retrospectivos, nº 1 (Separata do Anuário Estatístico do Brasil, Ano V, 1939/1940). In: *Séries Estatísticas Retrospectivas*. Rio de Janeiro: IBGE / CNI, vol. 1. 1986.
- SACRARI Militari della 1ª Guerra Mondiale. Redipuglia - Oslavia. Roma: Franco Ricci, 1999. (Documentazione storico-statistica. A cura del Ministero della Difesa, Commissariato Generale Onoranze Caduti in Guerra).
- STORIA Postale Italiana - 1861-1961. 100 anni di “Posta e Società”. Disponível em: <<http://www.postaesocieta.it/index.asp>>.
- TRECCANI.IT l'Enciclopedia Italiana. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/>>.

Iconografia

1. L'Ástico, giornale delle trincee. Zona di Guerra, Itália, 1918. Museo Storico della Guerra 1915 – 1918. Monte Grappa
2. Cartão Postal Ilustrado. 14 x 9 cm. Zona de Guerra, Itália, 1916. Acervo Scioli Orlando/SP.
3. Brasões Scioli. Igreja Santa Maria Maggiore. Guardiagrele. Fotos de Mirian Rossi, 2005.
4. In América. Folheto de Propaganda. Itália, s.d.. Arquivo Histórico Municipal de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul.
5. Angelo Tommasi. *Gli Emigranti*. O.S.T. 4,33 x 2,62 cm. Roma, 1896. Galleria Nazionale di Arte Moderna.
6. 6. Filo di Lana. Fotografia não identificado. Roma, 2003. Complesso del Vittoriano. STOLFI, Emanuele (a cura di). Tante Patrie una Patria. L'Identità Italiana nel Mondo attraverso l'Emigrazione. In: *Italiani nel Mondo*, Catalogo della Mostra. Milano: Mondadori, 2003.
7. Immigrants being inspected. USA, 1904. Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D.C. 20540.
8. Hospedaria de Imigrantes. Fotografia não identificado. São Paulo, s.d.. Museu da Imigração do Estado de São Paulo.
9. Estação da Hospedaria de Imigrantes. Fotografia não identificado. São Paulo, 1910. Relatório da Secretaria da Agricultura.
10. Refeitório e Dormitório de Casal. Hospedaria de Imigrantes. Fotografia não identificado. São Paulo, 1906. Relatório da Secretaria da Agricultura.
11. Agência Oficial de Colonização e Trabalho. Fotografia não identificado. São Paulo, 1910. Relatório da Secretaria da Agricultura.
12. Sede das Agências Telegráfica, Cambial e Postal. Fotografia não identificado. São Paulo, s. d.. Museu da Imigração do Estado de São Paulo.
13. Degelo em Adamello Ortles-Cevedale. Fotos de Stefano Torrione. Itália, 2014. La Guerra Bianca: vivere e morire sul fronte alpino della Prima Guerra Mondiale. In: *National Geographic Italia*, Marzo 2014. Disponível em: <http://www.nationalgeographic.it/dalgiornale/sommari/2014/03/04/foto/national_geographic_italia_marzo_2014-2035194/1/>.
14. Restos de soldados austríacos encontrados em alta cota. Itália. História Militar Online. Disponível em: <<http://historiamilitaronline.com.br/2015/07/08/geleiras-derretem-no-norte-da-italia-e-revelam-corpos-de-soldados-da-primeira-guerra-mundial/>>.
15. Rio Isonzo. Itália. Fotos de Mirian Rossi, 2010.
16. 16. *Soldato*. Folheto. Propaganda de Guerra. Rovereto, s.d.. Museo Storico Italiano della Guerra. MONDINI, Marco (org.) *Parole come Armi: la Propaganda verso il Nemico nell'Italia della Grande Guerra*. Catalogo della Mostra, MSIdGG, Rovereto, Italia, 2009.
17. *Soldati!* Folheto. Propaganda de Guerra. Rovereto, s.d.. Museo Storico Italiano della Guerra. MONDINI, Marco (org.) *Parole come Armi: la Propaganda verso il Nemico nell'Italia della Grande Guerra*. Catalogo della Mostra, MSIdGG, Rovereto, Italia, 2009.

18. *Soldati Austro-Ungarici!* Folheto. Propaganda de Guerra. Rovereto, 1916. Museo Storico Italiano della Guerra. MONDINI, Marco (org.) *Parole come Armi: la Propaganda verso il Nemico nell'Italia della Grande Guerra*. Catalogo della Mostra, MSIdGG, Rovereto, Italia, 2009.
19. Refugiados em fuga durante a batalha de Caporetto. Fotógrafo não identificado. Arredores de Caporetto, 1917. BATTISTELLO, Silvana. *Profughi nella Grande Guerra*. Valdagno (Vicenza): Edizioni Gino Rossato, 2007.
20. Boletim Semanal da Guerra. São Paulo, 24 de Agosto de 1914. *O Estado de S. Paulo*.
21. Il Re ha decretato la mobilitazione generale. São Paulo, 23 Maggio 1915 *Fanfulla*.
22. Reservistas diante da Casa Martineli. São Paulo, 13 Giugno 1915. *Fanfulla*.
23. Manifestação popular na partida dos reservistas. Estação da Luz. São Paulo, 2 Giugno 1915. *Fanfulla*.
24. Um momento grave para o Brasil. Rio de Janeiro, 8 de Abril de 1917. *Correio da Manhã*. Anno XVI, nº 6.618.
25. Missão Médica Brasileira. [ao centro o Presidente Wenceslau Braz]. Rio de Janeiro, 1918. Bibliex. O Exército na História do Brasil.
26. Placa comemorativa. *Hôpital Vaugirard*. Paris, 1998. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plaque_Jardin_de_l%27H%C3%B4pital_de_Vaugirard_Paris_15.jpg>.
27. Cartão enviado a Giuseppe Orlando. Aieta, 19 de Março de 1917. Acervo Scioli Orlando/SP.
28. Folha Militar de Americo Orlando. Chieti, 1895. Archivio di Stato di Chieti.
29. Carta de A. Orlando enviada para a sua mãe. Zona de Guerra, Itália. 13 de Agosto de 1917. Acervo Scioli Orlando/SP.
30. Carta de A. Orlando enviada para a sua mãe. Zona de Guerra. Itália, 13 Agosto de 1917. Acervo Scioli Orlando/SP.
31. Trincheiras. Fotos de Mirian Rossi. Redipuglia, 2005.
32. Resto de trincheira. Fotos de Mirian Rossi. Redipuglia, 2005. Museo all'aperto della Dolina del XV Bersaglieri.
33. Máscara contra gás. Fotos de Mirian Rossi. Rovereto, 2005. Museo Storico Italiano della Guerra.

Filmografia

- COLETI, Duilio (Direção). *Il Passatore*. Longa-metragem. Itália, 1947.
- CRIALESE, Emanuele (Direção). *Nuovomondo*. Longa-metragem. Itália/França: Studio Punto e Vírgula / 01 Ufficio Stampa, 2006.

APÊNDICE I

Textos Originais e Traduções

I. SEMENTES DE UMA DIÁSPORA

1.1. A Guardiã da Majella

Nota 50. Gabriele D'Annunzio, *Il Trionfo della Morte...*

“Guardiagrele, la città di pietra, risplendeva al sereno di maggio. Un vento fresco agitava le erbe su le grondaie. Santa Maria Maggiore aveva per tutte le fenditure, dalla base al fastigio, certe pianticelle delicate, fiorite di fiori violetti, innumerevoli cosicché l'antichissimo Duomo sorgeva nell'aria cerulea tutto coperto di fiori marmorei e di fiori vivi.”

1.2. Biografia de um Reino

Nota 68. Antonio Gramsci. *La Questione Meridionale...*

“[...] Nel Settentrione i Comuni avevano dato un impulso speciale alla storia, mentre nel Mezzogiorno il regno degli Svevi, degli Angiò, di Spagna e dei Borboni ne avevano dato un altro. Da una parte la tradizione di una certa autonomia aveva creato una borghesia audace e piena de iniziativa, ed esisteva una organizzazione economica simile a quella degli altri Stati d'Europa, propizia allo svolgersi ulteriore de capitalismo e dell'industria. Nell'altra le paterne amministrazioni di Spagna e dei Borboni nulla avevano creato: la borghesia non esisteva, l'agricoltura era primitiva e non bastava neppure a soddisfare il mercato locale; non strade, non porti, non utilizzazione delle poche acque che la regione, per la sua speciale conformazione geologica, possedeva [...]”

Nota 73. Francesco Saverio Nitti. *Scritti sulla Questione...*

“[...] Il Regno di Napoli era nel 1859 non solo il più reputato in Italia per la sua solidità finanziaria – e ne fan prova i corsi della rendita – ma anche quello che, fra i maggiori Stati, si trovava in migliori condizioni. Scarso il debito; le imposte non gravose e bene armonizzate; semplicità grande in tutti i servizi fiscali e nella tesoreria dello Stato.”

Nota 75. Vittorio Sacchi. *Il Segretariato Generale delle Finanze...*

“Il sistema di percezione della fondiaria, la prima e la più importante delle risorse dello Stato, era incontestabilmente il più spedito, semplice e sicuro che si avesse forse in Italia. [...]. Alla Tesoreria Generale affluiscono tutte le contabilità con un ordine ammirabile. [...]. Molte belle intelligenze vi si facevano rimarcare. E che voglia dirsi in contrario vi si trovavano uomini di grande istruzione. Le scienze economiche, altrove generalmente sconosciute alla classe degli Impiegati, erano qui generalmente professate. Facilli e pronti i concetti, purgata ed elegante la língua, si scostavano le scritture degli Uffici da quello amalgama di parole convenzionali che altrove rimpinzano le corrispondenze ufficiali, In una parola, ne'diversi rami dell'Amministrazione delle Finanze Napolitane

si trovavano tali capacità di cui sarebbe onorato ogni più illuminato Governo. [...] I rami finanziari dovevano perciò lasciarsi funzionare come erano.”

Nota 78. Francesco II. *Collezione delle Leggi e de Decreti Reali...*

“Essendo nostro volere che una rete di ferrovie copra le più fertili e le più industriose contrade de' reali dominii al di qua e al di là del Faro, onde immegliare sempre più le condizioni economiche delle nostre popolazioni, favorire lo sviluppo progressivo della loro prosperità, e sollevarle a livello delle esigenze del cresciuto movimento commerciale [...].

Nota 97. Carta de Giuseppe La Farina a Lilippo Bartolomeo...

“[...] L'imperatore dei Francesi l'ha detto: il voto dei popoli sarà rispettato, ma bisogna profittare del momento. Guai e vituperi a noi, se lasciano trascorrere e fuggire questa stupenda opportunità! [...] Una lega tra Napoli e Piemonte non è possibile, e non è nè anco desiderabile. [...] Bisogna finirla colla dinastia dei Borboni. [...] La Francia non può fare la guerra a Napoli, ma può benissimo aiutarci [...].”

Nota 98. Despacho do embaixador piemontês...

“Francesco è giovane, senza esperienza, non è un idiota, come ne hanno spesso detto, parla molto bene di tutto con un certo possesso e con molto buon senso; di carattere molto debole e molto timido, costantemente circondato da una camarilla furiosamente retrograda e reazionaria, la quale impedisce che la verità arrivi fino a lui.”

Nota 99. Carta de Giuseppe La Farina a Filippo Bartolomeo...

“Io ripeto quindi ciò che sempre ho detto: essere l'insurrezzione popolare indispensabile alla salute d'Italia. [...] Il programma accettato da tutti consiste nella dittatura del re Vittorio Emanuele durante la guerra, salvo alla Sicilia di proclamare la fusione o la federazione, secondo meglio crederà. Io credo che queste ultime vittorie delle armi italo-franche, e la sollevazione delle Romagne e delle Marche debbano tanto invilire il governo borboniano da rendere possibile l'insurrezzione in Sicilia e in Calabria [...].”

Nota 100. Carta de Giuseppe La Farina a Giuseppe Vergara...

“Le mercanzie, delle quali si parlava, sono fucili e munizioni. Vedi se v'è qualcuno che se ne volesse incaricare di portarli. Agisci colla massima segretezza, e senza fretta: ancora attendo risposta per il luogo, in cui si dovrebbero sbarcare; perchè dalle lettere che venivano dalla Sicilia, si diceva che non volevano altro che armi per fare un movimento.”

Nota 102. Carta de Giuseppe La Farina a Giuseppe Clementi...

“È vero che Garibaldi è stato qui; è vero che agisce tutto d'accordo con noi, e che avrà una parte principale nella grande impresa alla quale ci apparecchiamo. Le cose de resto vanno benissimo; [...] Altri due o tre mesi, e l'Europa vedrà se siamo buoni a qualche cosa.[...]”

Nota 104. Stefano San Pol. *Quaresimale del Contemporaneo...*

“Maestà mio carissimo cugino!

Noi tocchiamo ad un'epoca, in cui l'Italia deve dividersi in due stati potenti, uno settentrionale e l'altro meridionale; i quali coll'adottare *una politica conforme*, avranno per compito di dare il loro concorso alla grande idea, che predomina oggi nella Penisola, *l'idea unitaria*. Uniamo, caro Cugino, i nostri sforzi per una nobile impresa; uniamo i nostri rispettivi stati con vincoli di *amicizia reale*, dai quali per certo nascerà la grandezza della nostra patria. [...] Dissipate i sospetti del vostro popolo, ed *una alleanza eterna si cementi* fra i due più potenti stati della Penisola, a far sì che la patria nostra possa essere. Aspetto con ansietà una risposta soddisfacente col mezzo del corriere medesimo confidenziale, che è incaricato di rimettervi la presente.”

Nota 110. Carta de Giuseppe La Farina a Cavour...

“Più di un quarto della città (di Palermo) è convertito in un mucchio di rovine: i conventi e le chiese di Santa Caterina, degli Angelli, della Martorana, e delle Grazie, i magnifici e splendidi pallazzi Carini, De Riso ecc., l'intero quartiere di Porta di Castro non sono più che sassi e cenere. [...], In alcuni punti non v'è più traccia delle antiche vie; e da quelle macerie informi esala un puzzo cadaverico che ammorba.”

Nota 117. Luigi Zini, *Storia d'Italia dal 1850 al 1866...*

“[...] Ho lasciato cadere nel disprezzo le calunnie, ho guardato con disdegno i tradimenti [...]. Ma quando vedo i sudditi miei, che tanto amo, in preda a'mali dell'anarchia, e della dominazione straniera[...] il mio cuore napoletano mi batte indignato nel petto [...]. Io sono napoletano, nato tra voi, non ho respirato un'altra aria, non ho veduto altri paesi, non conosco altro suolo che il suolo natale. Tutti gli affetti miei sono nel Regno; i vostri costumi sono i miei costumi, la vostra lingua è la mia lingua, le vostre nobili brame sono le mie brame. [...] Il mondo ha veduto; per non versare vostro sangue, ho preferito rischiare la corona mia. I traditori, pagati dal nemico straniero, sedevano a fianco dei miei fedeli nel mio consiglio; nella sincerità del mio cuore non potevo credere al tradimento. [...]. Fra continue cospirazioni, non ho fatto versare una goccia di sangue, e mi hanno accusato di debolezza. [...] Ho creduto in buona fede che il re di Piemonte, che si diceva mio fratello, mio amico, che protestava contro Garibaldi, che negoziava com me un'alleanza, per i veri interessi dell'Italia, non avrebbe rotto tutti i patti e violato tutte leggi per invadere i miei Stati, in piena pace, senza motivo, senza dichiarazioni di guerra. Se questi sono i miei falli, preferisco le mie sventure a trionfi dei miei avversari. [...].”

Nota 118. *Il primo giorno del Parlamento...*

“Tutte le strade sono ingombre di rottami e di macerie delle case percosse e rovinate dalle palle di cannone e dallo scoppio delle bombe, in guisa che difficilmente vi si può camminare. Si vedono qua e là abbandonate le barelle che portavano testè cadaveri sfracellati o, per meglio dire, brani di corpi umani raccolti in mezzo a tante rovine.”

1.3. O Nascimento de uma Nação

Nota 119. Nitti e De Masi. *Napoli e la questione meridionale...*

“Io non so persuadermi come nello stesso regno, sotto le stesse leggi, vi devano essere la città di Milano e la città di Napoli; la provincia di Como e la Basilicata. Ho cercato invano in altri paesi civili contrasti così profondi: non sono riuscito a trovarne. E perchè devono ancora durare? Non parliamo la stessa lingua? Non siamo forse la stessa gente?”

Nota 124. Camillo Benso di Cavour et al. *Discorsi Parlamentari...*

“Io so quant’altri che, continuando nella via che abbiamo seguito da due anni, noi andremo difilati al fallimento, e che continuando ad aumentare le gravezze, dopo pochissimi anni saremmo nell’impossibilità di contrarre nuovi prestiti e di soddisfare agli antichi [...].”

Nota 132. Francesco Saverio Nitti. *Nord e Sud...*

“La Lombardia, ora così fiera delle sue industrie, non aveva quasi che l’agricoltura; il Piemonte era un paese agricolo e parsimonioso, almeno nelle abitudini dei suoi cittadini. L’Italia centrale, l’Italia meridionale e la Sicilia erano in condizioni di sviluppo economico modesto, Intere provincie, intere regioni eran quasi chiuse ad ogni civiltà.”

Nota 151. Nigra scrive a Cavour “Attento ai Meridionali.”...

“[...] Quando venimmo qui, trovammo il paese irritato e malcontento. [...] Se ci fossimo messi subito in urto colle popolazioni, avremmo naufragato subito, inevitabilmente. [...] Non potete farvi un’idea esatta delle veramente straordinarie difficoltà contro cui abbiamo a lottare. [...] m’ha dato una dura croce a portare [...] lascerò Napoli diventata davvero provincia italiana, non nello spirito della popolazione (per questo ci vorrà un po’ di tempo), ma nella forma dell’amministrazione. I pericoli però non sono affatto passati. Pensi che abbiamo infiniti soldati borbonici sbandati, senza occupazione, senza vitto. Abbiamo i briganti che in primavera occuperanno i monti. Abbiamo il clero nemico; i garibaldini malcontenti, irritati, affamati. [...] Gli ufficiali napoletani di terra e di mare irritati, malcontenti, mal ricevuti dai nostri. [...] Gli operai dell’arsenale e delle ferrovie inquieti. L’immenso numero dei municipali offesi nei loro interessi. [...] Lei mi chiede miracoli. E sarà miracolo davvero se non naufrago.”

Nota 166. Dario Pasquale. *L’Italia delle due velocità...*

“Ricchezza e miseria sono due concetti essenzialmente relativi. Saremmo in errore se noi oggi volessimo affermare che siamo più poveri del 1860, ma evidentemente siamo più miseri, assai più miseri messi in confronto dei nostri fratelli del settentrione. Questa dolorosa constatazione acuisce le nostre sofferenze psicologiche e rende intollerabile lo attuale stato di cose, Infatti, è inconcepibile come con lo stesso regime, con lo stesso governo, da una parte siano i ricchi, i poveri dall’altra; e se così è noi non possiamo fare a meno dallo esclamare: *Così non può andare*, perché mentre gli uni arricchiscono gli altri impoveriscono.”

1.4. Os Deserdados do Reino

Nota 178. Pascal D' Angelo. *Son of Italy...*

“[...] è il grido di un'anima arenata su piagge di oscurità, alla ricerca di luce... No! Non cerco rifugio! Sono un bracciante, un uomo che maneggia piccone e pala – ciò che voglio è una via di uscita per sprimere ciò che so dire, al di fuori del lavoro... Non ci sono parole che possono adeguatamente descrivere le sofferenze della mia vita. No, nessuna parola! Liberatemi! Liberatemi! [...]”

Nota 192. Conde Alessandro Bianco di Saint-Jorioz. *Il Brigantaggio...*

“Il 1860 trovò questo popolo del 1859 vestito, calzato, indure, con riserve economiche. Il contadino possedeva una moneta. Egli comprava e vendeva animali; corrispondeva esattamente gli affitti; con poco alimentava la famiglia, tutti, in propria condizione, vivevano contenti de proprio stato materiale. Adesso è opposto.”

Nota 198. Giuseppe Massari. *Il Brigantaggio...*

“Là dove le leggi non sono fatte nell'interesse di tutti, e non sono imparzialmente eseguite per e contro tutti, l'infrazione alle leggi diventa consuetudine ed argomento non di disdoro, ma di vanità e di gloria. Là dove il manto della legge non si stende ugualmente su tutti, chi sorge a lacerarlo invece dell'infamia consegue agli occhi dele moltitudini prestigio ed ammirazione.”

II. TRAVESSIA

2.1. Tempo de Renascer

Nota 225. Apud Gian Antonio Stella, *Odissee...*

“Nelle valli delle Alpi e degli Appennini, ed anche nelle pianure, specialmente dell'Italia meridionale; e perfino in alcune province fra le meglio coltivate dell'Alta Italia, sorgono tuguri ove in un'unica camera affumicata e priva di aria e di luce vivono insieme uomini, capre, maiali e aves. E tali catapecchie si contano forse a centinaia de migliaia.”

Nota 226. Apud Carmine De Marco, *Revisione della Storia...*

“Torino, 19 gennaio 1859. Io non son di quegli che credono a questa rivoluzione generale, immediata dell'Italia. Sette anni di cattive vendemmie, di cattive raccolte di grani e di seta, di enormi tasse, hanno ridoto gl'italiani del nord a non aver più se non la pelle sulle ossa. Tutti i viaggiatori hanno dovuto notare le miserie del contadino, i cavalli estenuati, i campi devastati [...]”

Nota 230. Karl Marx. Speech at the Anniversary...

“[...] small fractures and fissures in the dry crust of European society. However, they denounced the abyss. Beneath the apparently solid surface, they betrayed oceans of liquid matter, only needing expansion to rend into fragments continents of hard rock. [...] In our days, everything seems pregnant with its contrary.”

2.2. Terra em Fuga

Nota 233. Gianni Rodari. *Il treno dell'emigrante...*

“Non è grossa, non è pesante la valigia dell'emigrante... C'è un po' di terra del mio villaggio per non restare solo in viaggio... Un vestito, un pane, un frutto, e questo è tutto. Ma il cuore no, non l'ho portato: nella valigia non c'è entrato. Troppa pena aveva a partire, oltre il mare non vuol venire. Lui resta, fedele come un cane, nella terra che non mi dà pane: un piccolo campo, proprio lassù... ma il treno corre: non si vede più.”

Nota 242. Pascal D'Angelo, *Son of Italy...*

“[...] all'improvviso, un'opprimente sensazione di sconforto e di angoscia si impadronì di me, non appena pensai di essere in procinto di lasciare mia madre. 'Dio ti benedica' lei stava dicendo, sforzandosi di sorridere attraverso le lacrime che stillavano giù dalle guance. Io singhiozzai. Gli altri che dovevano imbarcarsi sulla stessa nave partirono alla medesima ora e alla stazione ci fu una scena di confusione, lamenti e grida indescrivibili... Sentii mio padre che mi sollecitava a salire a bordo. Un ultimo baci da mia madre. Ogni cosa svanì tra la bruma delle lacrime [...].”

2.3. Abraços Partidos

Nota 244. Pascal D'Angelo. *Son of Italy...*

“Mi gettò le braccia al collo singhiozzando e mi strinse a sé. Serrato nel buio di quell'abbraccio stretto, chiusi gli occhi e piansi. Piangevamo entrambi, fermi sui gradini, ed ella mi baciava e ribaciava le labbra. Sentivo le sue lacrime calde irrigarmi il volto. 'Tornerò presto', le dicevo singhiozzando. 'Tornerò presto.' Ma non fu così. I timori della mamma presagivano la verità. Non ritornai più. Mi strinse ancora fra le braccia, quasi volesse farmi addormentare sul suo petto. E tornò a baciarmi. Così rimanemmo a lungo finché su di noi discese una gran pace.”

Nota 248. Pierangelo Campodonico, *Percorso della Mostra...*

“Un giorno [...] mi diedi davvero a cercare emigranti e mi fermai precisamente sul piazzale della stazione ferroviaria di piazza Principe, invasa da oltre duemila di quei poveretti. Lo spettacolo era commovente, e, per molte ragioni, raccapricciante. Una turba di gente sospetta – fattorini d'alberghi, subagenti di emigrazione veri o improvvisati – si agitava tra quell'esercito della miseria, trascinando a viva forza le famiglie di quei disgraziati dietro di sé per destinazioni ignota. Io non ci capivo nulla, ma so bene che lo spettacolo non mi divertiva.”

Nota 250. Edmondo De Amicis, *Sull'Oceano...*

“[...] affacciandosi nel dormitorio si vedevano nella mezza oscurità corpi su corpi... e veniva su di là un concerto di lamenti, di rantoli e di tossi, da metter la tentazione di sbarcare [...]”
“[...] saliva su a zaffate fin sul cassero, un lezzume da metter pietà a considerare che veniva da creature umane, e da far spavento a pensare che cosa sarebbe seguito se fosse scoppiata a bordo una malattia contagiosa.”

2.4. Mar Aberto

Nota 257. Edmondo De Amicis. *Sull'Oceano...*

“[...] S’immaginino due piani sotto coperta, come due vastissimi mezzanini, rischiarati da una luce di cantina, e in ciascuno di essi tre ordini di cuccette posti l’un sull’altro, tutto intorno alle pareti e nel mezzo, e lì circa a quattrocento tra donne e bambini poppanti e spoppati, e trentadue gradi di calore. Qui, nella cuccetta più bassa, dormiva una donna incinta con un bimbo di due anni, sopra di lei una vecchia settantenne, sopra di questa una giovinetta sul primo fiore [...]. A scender là di notte, si vedevano [...] un cenciume di scialle, di vestiti e di sottane di tutti i colori [...], come bandiere dell’esercito infinito dela miseria: e sul tavolato dei mucchi confusi di stivaletti, di zoccoli, di ciabatte, di legacci, di scarpettine, di calze [...]”

Nota 259. Gian Antonio Stella. *Odissee...*

“Durante il viaggio in nave la bimba mi prese la febbre, una febbre sempre più alta, la vegliavo giorno e notte, non sapevo cosa fare. Una notte la sentii gemere, sudava freddo, tremava; cercai di scaldarla e tenermela vicino, ma all’improvviso smise di tremare. Era morta. Morta. [...] Me la strapparono dalle braccia, la fasciarono stretta stretta da capo a piede e le legarono una grossa pietra al collo; di notte, alle due di notte, con quelle onde così nere, la calarono giù, in mare. Io urlavo, urlavo, non volevo staccarmi da lei, volevo annegare con la mia piccola. [...] Io non volevo che la mia bambina così piccola finisse in quel mare così freddo, così scuro, certamente divorata dai pesci. Volevo essere sepolta con lei, mi pareva di proteggerla, difenderla, perché non la divorassero. Non volevo lasciarla sola, povera bambina, invece mi tennero indietro mentre la buttavano giù. Quel tonfo in acqua, non posso dimenticarlo.”

Nota 262. Edmondo De Amicis. *Sull'Oceano...*

“Delle donne pallide e scarmigliate si dirigevano verso le porte del dormitorio, barcollando e aggrappandosi qua e là. [...] era una pietà veder quelle donne scendere stentatamente per le scalette ripide, e avanzarsi tentoni per quei dormitori vasti e bassi [...] e molte andar e venire a caso, guardando con inquietudine tutte quelle compagne di viaggio sconosciute, inquiete come loro, confuse abch’esse da quell’affollamento e da quel disordine.[...]”

Nota 263. Pascal D’Angelo. *Son of Italy...*

“Tutti noi ci precipitavamo verso il lato indicato, per fissare in basso, divertiti, le giocose evoluzioni di scintillanti delfini che nuotavano intorno al piroscapo. Ci seguirono per moltissimo tratti e, grazie allo spettacolo offerto da quelle magnifiche creature, per molte ore dimenticammo la paura di quell’immenso oceano.”

Nota 265. Edmondo De Amicis. *Sull'Oceano...*

“Uscivan dalle cucine con le gamelle colme di minestra tra le mani, per andarsela a mangiare in pace ai loro posti: alcuni, facendo prodigi di equilibrio, ci riuscivano; altri, messo un piede in fallo, cadevano col muso nella gamella, spandendo brodo e paste da tutte le parti [...]”

Nota 271. Edmondo De Amicis. *Sull'Oceano...*

“E riandando rapidamente quel viaggio di ventidue giorni, mi pareva davvero d'essere vissuto in un mondo a parte, il quale, riproducendo in piccolo gli avvenimenti e le passioni dell'universo, m'avesse agevolato e chiarito il giudizio intorno agli uomini e alla vita. Molta tristezza, molte brutture, molte colpe; ma assai più miserie e dolori.”

III. ESPAÇOS CRUZADOS

3.1. Nas Antessalas do Novo Mundo

Nota 327. Edmondo De Amicis. *Sull'Oceano...*

“E più che altro mi attiravano i sacchi della posta, accumulati in un canto [...]. Perché v'eran là dentro i frammenti del dialogo di due mondi: chi sa quante lettere di donne che per la terza o quarta volta chiedevano dolorosamente notizie del figliuolo o del marito, che non si facevan vivi da anni; e supplicazioni perché tornassero o le chiamassero a raggiungerli; domande di soccorso, annunci di malattie e di morti; e ritratti di ragazzi che i padri non avrebbero più riconosciuti, e richiami desolati di fidanzate e menzogne impudente di mogli infedeli [...].”

3.4. De Imigrante a Cidadão

Nota 395. Vito Teti, Emigrazione, alimentazione...

“Nel movimento emigratorio continuità e mutamento, tradizione e innovazione, conservazione e trasformazione convivono, coesistono, s'incontrano e concorrono alla costruzione di un 'ordine nuovo' rispetto a quello di origine, che comunque, reale o immaginario, vero o inventato, resta un ineludibile punto di riferimento e di 'ritorno'.”

Nota 408. Mario Benedetti, *Eso dicen...*

“Eso dicen / que al cabo de diez años / todo ha cambiado allá / dicen / que la avenida está sin árboles / y yo no soy quién para ponerlo en duda / Acaso yo non estoy sin árboles / y sin memoria de esos árboles / que según dicen / ya no están? “

Nota 410. Epistolário Orlando/SP... 13 ago.1915.

“Carissima madre... ti fo sapere che tua madre Maria Luigia è morta a Miglianico, un anno fà, e gli altri tue sorelle sono pure morti... A Guardiagrele sono venuti tutti i miei fratelli cogini per andare in guerra e così, a Guardiagrele no c'è nessuno dei uomini soli donne. I fratelli di papà stano tutti beni. Ti manda tanti saluti Fiolomena Marone, Carmena Santi, Carmena Baptista e tanti altri... Tutti i compagni di Luigino, mio fratello, li manda tanti saluti e anche saluti Almerinda le sue compagne.”

IV. À BEIRA DO ABISMO

4.2. Quando o Piave Murmurou

Nota 425. Ermete Giovanni Gaeta, *La canzone del Piave*.

“Il Piave mormorava calmo e placido al passaggio/ dei primi fanti il ventiquattro Maggio./ L’esercito marciava per raggiunger la frontiera,/ per far contro il nemico una barriera./ Muti passarono quella notte i fanti:/ tacere bisognava e andare avanti. S’udiva intanto dalle amate sponde / sommesso e lieve il tripudiar dell’onde. / Era un presagio dolce e lusinghiero / il Piave mormorò: “Non passa lo straniero.”

Nota 426. Walter Shaumann; Peter Schubert. *Isonzo...*

“[...] Il Governo Del Re, fermamente deciso di assicurare con tutti i mezzi a sua disposizione la difesa dei diritti e degli interessi italiani, non trascurerà il suo dovere di prendere contro qualunque minaccia presente e futura quelle misure che vengono imposte dagli avvenimenti per realizzare aspirazioni nazionali. S. M. il Re dichiara che l’Italia si considera in stato di guerra con l’Austria-Ungheria da domani [...].”

Nota 431. *I dolori e le ansie di Trieste...*

“Che dirti di questa mia disgraziata Trieste? Amico mio, se tu l’avessi visto sei mesi fa nella sua larga opulenza, se tu la vedessi ora con la miseria, la carestia, il terrore, anche tu piangeresti come noi piangiamo... Essa è muta, triste, accasciata. [...] Disoccupati da tutte le parti, gente che chiede l’elemosina ad ogni angolo. Mancano i viveri, niente farina, pane nero orribile, immangiabile; e tutto caro, carissimo [...]. Tutte queste sono cose che si sopporterebbero con coraggio e con forza per la patria, ma per una patria imposta è un pò troppo, e non c’è che una cosa che ci conforti... La speranza.”

Nota 444. Mons. Antonio Toldo. *Valdastico, ieri e oggi...*

“Quel fatale 24 maggio col drammatico sgombro del paese fu un’ora di grande costernazione per la nostra popolazione. Caricate poche masserizie sui carrettini di famiglia, si partì verso l’ignoto, nella fiducia di poter tornare, secondo le promesse, dopo qualche settimana. Invece furono altri tre lunghi anni di esilio... si dispersero un po’ dappertutto, anche fuori di Provincia; accolti generalmente con benevolenza, ma talvolta guardati con diffidenza, come gente sospetta e austrofila.”

Nota 445. *Mobilitazione generale...*

“[...] In tutto ciò che riguarda l’organizzazione militare, è necessario far grande assegnamento della natura humana; nell’esercito attivo corre un elemento giovane, poichè è esso che assicura la vittoria. Il soldato giovane sopporta meglio e con maggior volontà tutto ciò che la guerra há di sé di terribile e di penoso; quando uno è giovane rinuncia facilmente alla vita: inconscio del presente, senza troppi ricordi del passato, egli più facilmente accende l’animo a quel generoso entusiasmo che nel momento del pericolo è indispensabile per resistere all’azione dissolvente delle armi moderne [...].”

Nota 450. 17. *Soldati!* Folheto. Propaganda de Guerra...

“Soldados! Vocês querem honra e algum dinheiro? Peçam para ir em patrulha. Para cada soldado inimigo que vocês aprisionarem o seu Capitão pagará vinte liras, para cada graduado trinta liras e para cada oficial sessenta liras. Mas avancem com prudência como a caça, rastejando pela terra, procurando cercar as patrulhas inimigas, matando aqueles que as comandam. Verás que todos os outros se renderão. E vocês perderão as trinta e as sessenta liras do comandante, mas ganharão com pouco esforço muitas vezes vinte libras pelos soldados que você prendeu. Além disso você terá o prazer de mostrar aos seus companheiros a sua rapidez e ousadia, e todos o admirarão! E ainda outra vantagem: contra os poucos homens que marcham bem na artilharia inimiga não conclua nada, nem mesmo dispare. À caça dos austríacos então!

Nota 452. Epistolário Orlando/SP... 2 abr.1916

“Carissimo amato fratello... abbiamo avuto una grandiosa vittoria dal nemico di occupare (occupando) due fortissime trinceramento verso Selz e Monte Cosich. Il nemico è stato completamente distrutto da noi, abbiamo preso circa trecento prigionieri, due metragliatrici, una lancia bombe e grande quantità de munizione. Durante tre giorni consecutivo (consecutivi) il nemico è dato il contrattacco, ma è stato sempre fallito, gli (lo) abbiamo sempre ricacciato. Il primo giorno che abbiamo occupato la famosa trincerone sopra la colina di Selz, il nemico ci è dato un grande contrattacco con poderose truppe, ma noi italiani non abbiamo avuto paura, gli (lo) abbiamo fatto fuoco con i nostri fucili, e con la nostra famosa artiglieria gli (lo) abbiamo ricacciato con grande perdite circa migliaia di austriaci morti e feriti. Io con sangue freddo sotto i tiri della artiglieria nemica non ho mai abbandonato il mio posto della feritoia e ho fatto circa 8 hora di fuoco contra gli austriaci e forse ho ucciso una cinquantina di austriaci questa volta, col mio fucile. Mi dispiace molto che non ho potuto uccidere nemmeno uno austriaco colla baionetta questa volta, perchè quando abbiamo dato l’assalto loro hanno fugito tutti dal posizione che abbiamo conquistado.”

Nota 456. 18. *Soldati Austro-Ungarici!* Folheto. Propaganda de Guerra

“Soldados Austro-Húngaro! Os seus 200.000 companheiros que morreram nas montanhas do Trentino sacrificaram as suas vidas em vão. Os italianos tomaram energicamente a ofensiva, reconquistaram Asiago e, avançando vitoriosamente, instaram os exércitos do Príncipe Herdeiro que fugindo abandonaram as armas, víveres, munições. O exército russo, grande como o mar, ocupou toda a Bucovina, penetrou 25 quilómetros nos Cárpatos penetrou, capturou 190.000 prisioneiros austro-húngaros e está às portas da fértil Hungria, onde as culturas estão amadurecendo. Soldados romenos, soldados tchecos, soldados eslavos alegrai-vos! Está por soar também para vocês a grande hora da libertação! Vocês serão finalmente separados dos Magiares e dos Alemães que os oprimem há séculos. Nós não queremos as suas terras e as suas casas; só queremos dar-lhes paz e liberdade. Soldados romenos, soldados tchecos soldados eslavos não sacrifiquem as suas vidas por quem os oprime. Venha, venha para nós, que somos os seus irmãos, os seus libertadores. 26 de junho de 1916”.

4.3. Cicatrizes Incanceláveis

Nota 459. Giovanni Gaeta, *La canzone del Piave...*

“Ma in una notte triste / si parlò di tradimento, / e il Piave udiva l'ira e lo sgomento... / Ahi, quanta gente ha vista venir giù, / lasciare il tetto, / poi che il nemico irruppe a Caporetto! / Profughi ovunque! / Dai lontani monti venivan a gremir tutti i suoi ponti! / S'udiva allor, dalle violate sponde, / sommerso e triste il mormorio de l'onde: / come un singhiozzo, in quell'autunno nero, / il Piave mormorò: / ‘Ritorna lo straniero!’ ”

Nota 466. Nicola, Bultrini. *L'Ultimo Fante...*

“A noi soldati dicevano sempre che la guerra andava fatta perchè dovevamo riprenderci Trento e Trieste, non per conquistare altro. Ci veniva detto infatti che erano terra italiana. Ma noi non sapevamo niente di più e quindi non discutevamo. Ci limitavamo a obbedire agli ordini.”

Nota 467. Carlo Salsa, *Trincee...*

“E si ammazza così, a freddo, perché tutto ciò che non giunge nella sfera della nostra vita pare che non esista, perché il cervello si rifiuta di immaginare e di costruire se non vi è indotto da qualche cosa che giunga dal di fuori fino a lui. Se io sapessi qualcosa di quel poveraccio, se lo sentissi parlare una volta, se gli leggersi le lettere che tiene accartocciate sul cuore, solo allora mi parrebbe di compiere un delitto uccidendolo così.”

Nota 471. Carlo Salsa, *Trincee...* p. 229.

“I nostri soldati vengono lasciati morire di fame come per una distruzione sistematica: nessun aiuto giunge dalla patria che sembra aver rinnegato questi combattenti sfortunati, caduti in prigionia dopo le prime eroiche offensive sul Carso per quella fatalità che solo chi non ha vissuto la guerra può rifiutarsi di comprendere. Molti sono stati catturati feriti sul campo; tutti sono vittime del dovere compiuto o della mentalità antelucana di certi generali.”

Nota 473. Carlo Salsa, *Trincee...* p. 62 e 63

“Ma quello che avvilisce, che demoralizza, che abbatte, è di veder morire così, inutilmente, senza escopo. Oh, non si muore per la patria, così; si muore per l'imbecillità di certi ordini e per la vigliaccheria di certi comandanti.”

“Qualche colonello, sgomentato dalla strage, cominciò ad opporsi agli ordini che ripetevano come un ritornello: Avanti ad ogni costo! Fu silurato, col motivo che, non nutrendo fiducia nell'esito dell'attacco, non poteva infonderla nei dipendenti.”

Nota 475. Emilio Lussu, *Un anno sull'altipiano...*

“La strada, ora, si faceva ingombra di profughi [...] trascinando sui carri a buoi e sui muli, vecchi, donne e bambini, e quel poco di masserizie che aveva potuto salvare dalle case affrettatamente abbandonate al nemico. I contadini allontanati dalla loro terra, erano come naufraghi. Nessuno piangeva, ma i loro occhi guardavano assenti. Era il convoglio del dolore. I carri, lenti, sembravano un accompagnamento funebre.”

V. ECOS DA GUERRA

5.2. Laços de Sangue

Nota 496. *Fanfulla*, São Paulo, 18/7/1915, p. 3.

“Ogni italiano faccia il suo dovere in questo momento solenne in cui ci decide il destino della Patria, in cui si deve combattere per la sua grandezza, e avrà il premio dei valorosi. Ai renitenti, ai disertori, dopo questa chiamata toccheranno le pene stabilite dalla legge, a loro ai rivolgerà il biasimo dei connazionali, e dalle autorità sarà negata ogni assistenza in futuro. S. Paolo, 12 luglio 1915. Il R. Console Generale, A. Dalla Aste Brandolin.

Nota 508. *Fanfulla*, 26/5/1916, p. 4.

“Sorellina lontana. I miei soldati hanno ieri ricevuto un pacco di doni dal Comitato Pro Patria; ad ogni dono era unito un bigliettino di gentile augurio che le tue piccole mani, o quelle altrettanto piccole delle tue amiche hanno scritto per loro. Ad un pacchetto era unito il tuo nome ed il tuo indirizzo ed io penso di scriverti per ringraziarti direttamente. Ti dispiace, sorellina lontana? Ti dispiace ch'io ti scriva col tu? Non ti conosco; forse non ti conoscerò giammai, e l'atto tuo gentilissimo verso i miei soldati, che io amo come fratelli, fa sì ch'io senta per te tanto affetto e tanta gratitudine. Sono buoni tanto i miei soldati, se tu sapessi! Sono sporchi ora che hanno fatto un anno di guerra, hanno la barba lunga, il viso nero, i vestiti terrosi; ma negli occhi hanno l'ingenuità buona del fanciullo e dei forte. Essi non sanno odiare, combattono per giornate intere, curvi sul loro cannone, cogli occhi ardenti, uccidono e si fanno uccidere, ma a sera poi, quando è tardi, pensano ai compagni morti, alle loro famiglie ed a quelle del nemico! E che coraggio hanno! Si senta orgogliosa, tu che pur così lontana, conservi nel tuo cuore l'immagine della nostra bellissima e Santa Italia e l'affetto per i suoi figli, tuoi fratelli, che per essa sanno superare le montagne, i cannoni, le nevi, che per essa sanno offrire sorridendo la vita giovanissima! Se tornerai un giorno in Italia, recati a visitare il terreno della nostra guerra! Solo allora comprenderai come essi furono degni della loro gloria! Sorellina lontana, se non ti dispiace che io t'abbia scritto, sappimelo dire ed io te ne sarò gratissimo. Se tu sapessi che piacere fa ai nostri cuori induriti da tanti dolorosi spettacoli il pensare a ciò che è lontano, che è buono, che è sogno. Ciao sorellina, rispondimi se credi, ma quando il tuo saluto giungerà di nuovo quassù, chissà se sarò in grado di riceverlo. Ogni giorno la morte ci sfiora...”

Nota 510. *Fanfulla*, 19/6/1916, p. 4.

“Signor Angiolo Dendi – Avenida Tiradentes nº156 – S. Paolo. Con vivo dolore Le partecipo che, secondo mi comunica il Sindaco di Livorno con sua nota del 6 maggio u. s. il di, Lei figlio Dendi Aurelio è deceduto in seguito a ferite riportate nel combattimento del 28 ottobre a San Michele. Le sai di conforto il pensiero che il bravo soldato ha dato la sua vita per una più grande Pátria. Voglia gradire le espressioni della una vivissima simpatia. p.p. R. Console Generale, Il R. Vice Console Ugo Sola.”

5.4. Relações em Conflito

Nota 548. Placa comemorativa, Hospital de Vaugirard...

“Ici s'élevait l'hôpital franco-brésilien des blessés de guerre, créé et entretenu par la colonie brésilienne de Paris comme contribution à la cause alliée 1914-1918. Plaque inaugurée à l'occasion du LXXX^e anniversaire de la présence en France de la Mission médicale spéciale brésilienne. Plaque commémorative dans le jardin de l'Hôpital de Vaugirard, Paris.”

VI. HOMENS À DERIVA

6.1. O Mergulho entre dois Mundos

Nota 556. Memórias de Fioravanti Gottardi...

“Il terrificante spettacolo della battaglia si presenta davanti ai nostri occhi! Il tuono dei cannoni, lo scoppio delle bombe, si confonde col le grida strazianti dei feriti, cogli ultimi gemiti arrantolati dei moribondi! La mia mente è come un molino, non son capace di pensare né di formare un'idea.”

Nota 560. Gertrude Bäumer (Original em inglês)

“The plunge from out of the existing world into a completely different one cannot be described. For that feeling of having broken out of a channel buttressed by decades, of having been catapulted into an incalculable destiny, there are simply no adequate words or representations. There are no expressions suitable to the reality of this pause between two world orders – the fading of everything that was important yesterday and the summoning up of novel historical forces. In those clear sleepless nights of high summer we became a ‘battleground of two epochs’.”

Nota 560. Gertrude Bäumer (versão em Italiano)

“Il tuffo da un mondo noto in uno completamente diverso non può essere descritto. Semplicemente non esistono parole o immagini adeguate a rappresentare la sensazione di avere debordato dal canale solcato per decenni, la coscienza di essere catapultati verso un destino imponderabile. Non esistono espressioni idonee a significare questa pausa fra due ordinamenti diversi – lo sfumare di qualsiasi cosa importante fino a ieri, e l'imporsi di nuove forze storiche. In quelle chiare notti d'estate divenimmo ‘terreno di battaglia fra due epoche’.”

Nota 579. Epistolário Orlando/SP...

“Adorata mamma. Devi figurarti che grande gioia e contentezza ho avuto di ricevere una tua lettera e sempre quando la leggo mi pare che parlo con te, È vero che ho pianto durante 4 mesi per non aver tue notizie, ora è diferente sono sempre allegro per sapere che tu stai bene di salute assieme con i miei cari fratelli e padre, così ti assicuro che io sto bene di salute con tutto il cuore e spero che Iddio mi farà la grazia di ritornare vittorioso fra le tue cari braccia il più presto possibile.”

Nota 580. Epistolário Orlando/SP. Carta de Eleonora Scioli... 4 jan.1916.

“Mio amatissimo figlio. Non so con quale parole debbo manifestarti il dispiacere che ho avuto nel sentire che da chi (quando) tu sei partito non ai (hai) ancora ricevuto una nostra notizia figlio benedetto. Io ti ho scritto chissà quante lettere... Non riposo ne notte e ne giorno pensando sempre a te, figlio mio caro. Come dice che noi ne siamo dimenticati di te, vorrei farti essere di nascosto per farti sentire che il tuo nome è sempre nelle miei labbre come pure i tuoi fratelli e la (della) tua cara sorella. Notte giorno noi parliamo sempre di te e prego la Madonna della Pegna che presto mi deve fare la grazie di farti venire un'altra volta nei miei bracci. Caro figlio... spero che questa lettera la ricevesti presto presto per consolarte. Anche tu come noi ne consoliamo qui quando riceviamo le tue care lettere. Caro figlio però l'ultima tua (lettera) mi a (ha) fatto piangere e ho pianto il giorno di capo d'anno, per noi è stato un giorno triste. Tutti piangevamo, perchè le tue parole hanno afflitto troppo... Figlio caro ti strinco e ti bacio forte forte dantoti la S.B. e abbracciandotiti nuovamente al mio seno...”

6.2. O Preço da Honra

Nota 581. Padre Agostino Gemelli. *Il nostro soldato...*

“Per studiare il nostro soldato, l'ho seguito da vicino: l'ho cercato nei vari settori del nostro fronte; ho procurato di passare, accanto a lui, nella prima linea, e le ore snervanti di attesa e quelle epiche della prova; ho segnato nei miei taccuini anche le più semplici frasi che coglievo sul suo labbro; ho cercato insomma di vivere la sua vita, meglio la sua anima, le sue sofferenze, le sue prove, le sue lacrime, i suoi spasimi.”

Nota 582. Carlo Salsa. *Trincee...* p. 21.

“Passano senza tregua camions rombanti la loro precipitazione... come carrozzoni di cimitero: accorrono tutti verso la stessa mèta, tutti sulla medesima strada incisa come una vena esangue sulla pianura giallastra.”

Nota 583. Attilio Frescura. *Diario di um imboscato...* p. 23, pos. 158.

“Lo Stato Maggiore della Divisione, in automobile e a cavallo, si mosse... Si videro ufficiali fasciati di cinghie lucide ed armati speroni, carichi di carte topografiche e di binocoli, correre con aria preoccupata, seguiti da coppie di carabinieri a cavallo. Qua e là, persino, qualche elmo lucente di cavalleria.”

Nota 585. Attilio Frescura. *Diario di um imboscato...* p. 23, pos. 167.

“La mina, qualche fucilata, qualche reticolato in embrione, quei feriti e quel morto turbarono lo Stato Maggiore, che credette di aver sostenuto una grande battaglia. Il Comando, esausto, diede l'ordine di sospendere l'“avanzata.” I soldati, nuovi alla guerra, storditi, sbalorditi, tornarono alle trincee in cerca degli ufficiali e gli ufficiali, corsero affannosamente in cerca di reparti, nei quali era avvenuto un frammischiamento fantastico.”

Nota 586. Carlo Salsa. *Trincee...* p. 26.

“Non abbiamo ancora, um senso netto di ciò che ci attende: abbiamo vissuto fin qui la vita mediocre di tutti, tra un impeto e uno sbadiglio, tra una illusione e una fiaba, tra un desiderio in gestazione e una

impennata subito ripresa da un gran pugno sul tavolo vibrato dall'autorità paterna. Abbiamo ancora l'anima ingombra di romantiche e di letterature, dai cose dei buoni tempi, raccontate dai nonni o frugate nei libri polverosi del solaio.”

Nota 587. Attilio Frescura. *Diario di um imboscato...* p. 25, pos. 184 e 193.

“Noi siamo il partito bianco e dobbiamo puntare su quella colineta dove si sa che deve arrivare il partito nero... Fare atensione! Quando io suonerò il fischietto voi vi meterete in ordine sparso, avanzando per uno di fronte... Caminare curvi per evitare di scoprirsi... Dunque, atenti al fischio e caminare adagio, perchè io devo sempre precedere la trupa... Quando sentirete due fischi fermarsi e butarsi per tera e aprire il fuoco! Siamo pronti? Allora avanti!... Ogni colpo deve essere un uomo morto! Adesso, fare atensione: faremo un piccolo asalto, alla baionetta! Andare adagio perchè io devo sempre precedere la trupa!... Al mio grido di: ala baioneta! rispondere con un forte urlo: Savoia!... .”

Nota 588. Carlo Salsa. *Trincee...* p. 27.

“L'inerzia ci fa pensare, ci avviluppa in una atmosfera tediosa di scoramento. Il cielo invernale gronda incessantemente i suoi fili di pioggia, e rovescia sulla pianura fitte massate nebbiose”. “Pare che una rapina di barbari abbia cacciato gli abitanti e saccheggiato ogni cosa”. “Passano senza sollevare lo sguardo, come buoi da lavoro stremati dal giogo.”

Nota 589. Attilio Frescura. *Diario di um imboscato...* p. 110, pos. 1259.

“I nomi paurosi del Podgora, del Sabotino, del Monte San Michele, del Sei Busi, di tutto il Carso pietroso, rosso di fango e di sangue, ci martellano nell'anima... e l'istinto già fiuta il pericolo e vi si avventa con la furia disperata della paura. Isonzo o Salonicco o all'Inferno... Il dubbio è risolto: è l'inferno...”

Nota 590. Michele Rigillo. *La mia guerra...*

“Curvi per l'ardua salita... Coperti di sudore, di polvere, stanchi, assonnati, i più deboli, i meno resistenti, i più vecchi, cadevano pesantemente al suolo o facevano il rituale passo laterale e si accasciavano sui margini della via. Invano i comandanti di compagnia e i capi plotone eccitavano, persuadevano, minacciavano. I poveretti, estenuati, non avevano neanche la forza di rispondere, di protestare. Si fermavano, cadevano, rimanevano sul suolo, mentre il battaglione lentamente passava e scompariva nell'orizzonte breve, oscuro, deserto.”

Nota 591. Emilio Lussu. *Un Anno sull'Altipiano...* p. 13.

“Ogni palmo de terra ci recordava um combattimento o la tomba di um compagno caduto. Non avevano fato altro che conquistare trincee, trincee e trincee.”

Nota 592. Carlo Salsa. *Trincee...* p. 50.

“La sensazione dell'ignoto, dello smarrimento, della solitudine, accecata ed esasperata dall'oscurità implacabile, mi prende il cuore... Il terreno è seminato di morti che si sfanno a poco a poco nella melma.”

Nota 593. Carlo Salsa. *Trincee...* p. 48, 57 e 65.

“Nel camminamento basso i soldati devono rimanere accocciati nel fango per non offrire bersaglio... Non ci si può muovere. Questa fossa in cui siamo è ingombra di corpi pigiati, di gambe rattratte, di fucili, di cassette di munizioni che s’affastellano, di immondizie dilaganti”.

“La mia mano s’abbatte su qualche cosa di freddo stanare la selvaggina dal luogo in cui si è rifugiata dopo essere stata levata o, di viscido, dai rilievi mollicci: la ritraggo subitaneamente, con un brivido che mi agghiaccia le reni, che mi torce la bocca”...

“Bisogna farci lo stomaco, ai morti: vedrai, domani, alla luce del sole. [...] Sotto questi sacchetti, c’è una carcassa di ungherese, conficcata nel fango. Che devo fare? Toglierla? Impossibile. Ci dormo su.”

Nota 594. Nicolò Carandini. *Il Lungo Ritorno...* p. 33.

“Giorno per giorno mi vado abituando a questa promiscuità, ma sento che per non soffrire, per resistere devo farmi una pelle nuova.”

Nota 595. Carlo Salsa. *Trincee...* p. 65.

“morti che si mescolano in un viluppo confuso: rintraccio faticosamente le figure umane ad una ad una. Sono quasi tutti cadaveri di soldati austriaci: molti – inamidati da una patina untuosa – sono riversi nella fanghiglia nello stesso senso, nella stessa positura, come sardine: si scorgono alcune teste allineate lungo l’orlo, altre che penzolano, altre non segnalate se non da ciuffi di capelli impeciati. Sono stati forse colti da una raffica di mitragliatrice mentre fuggivano allo scoperto, e sono crollati così, simultaneamente, come i pali di uno steccato abbattuto da un colpo di vento. Delle mani, logore e spolpate come guanti smessi, s’artigiano in un gesto estremo, protese in un inutile tentativo di aggrapparsi alla vita. [...] un’ondata fetida mi ributta... ho potuto intrevvedere cinque o sei morti che fissavano attoniti il fondo di una buca aperta in mezzo a loro: solo uno alzava la faccia livida, levando verso il cielo... le mascelle denudate.”

Nota 596. Hans Schneeberger, *La Montagna che Esplode...* p. 15.

“come se la morte stia battendo i denti dal freddo.”

Nota 598. Francesco Guadagnini, *Memórias...*

“Il rombo dei cannoni, i colpi delle mitragliatrici e dei fucili, tolgono ogni pensiero. Più non si pensa solo si ode.”

Nota 599. Carlo Salsa. *Trincee...* p. 177.

“Nell’urto di un’ esplosione una meteora di sangue è proiettata nell’aria. Un tronco umano è ricaduto pesantemente sui sacchetti della nostra trincea ed è rimasto inalberato sul parapetto come un monumento macabro. Tutta la terra sembra beccheggiare, squassata dalle lacerazioni.”

Nota 600. Attilio Frescura. *Diario di un imboscato...* p. 142, pos. 1677.

“Ho pensato a quelli che, poco discosto, nelle trincee, sotto la pioggia diretta nella notte fredda e nerissima, morivano. A quelli che vivi, sepolti nella terra grassa ed umida, tutta rossa, con i piedi nel fango... senza potersi cambiare i panni inzuppati, tormentati dai pidocchi.”

Nota 601. Epistolário Orlando/SP. Zona di Guerra... 12/7/1916.

“Terribile, che ci abbruciano vivi e ci acciecano.”

Nota 604. Wilfred Owen. *Dulce et Decorum est...*

“Bent double, like old beggars under sacks, / Knock-kneed, coughing like hags, we cursed through sludge, / Till on the haunting flares we turned our backs / And towards our distant rest began to trudge. / Men marched asleep. Many had lost their boots, / But limped on, blood-shod. All went lame; all blind; / Drunk with fatigue; deaf even to the hoots / Of tired, outstripped Five-Nines that dropped behind. // Gas! Gas! Quick, boys! – An ecstasy fumbling / Fitting the clumsy helmets just in time, / But someone still was yelling out and stumbling, / And flound’ring like a man in fire or lime... / Dim through the misty panes and thick green light, / As under a green sea, I saw him drowning. // In all my dreams before my helpless sight, / He plunges at me, guttering, choking, drowning. // If in some smothering dreams, you too could pace / Behind the wagon that we flung him in, / And watch the white eyes writhing in his face, / His hanging face, like a devil's sick of sin; / If you could hear, at every jolt, the blood / Come gargling from the froth-corrupted lungs, / Obscene as cancer, bitter as the cud / Of vile, incurable sores on innocent tongues, / My friend, you would not tell with such high zest / To children ardent for some desperate glory, / The old Lie; *Dulce et Decorum est* // *Pro patria mori.*”

Nota 606. P. Mareconi. *Il battaglione Monte Berico...*

“Balzano sui reticolati fitti, cadendo, rialzandosi, appaiano sulla vetta, scompaiono; gli altri seguono ansando, urtandosi, scivolando... Restiamo così, tanti uomini ammonticchiati, a guatarci da una parte e dall'altra sul dosso conteso, di cui ciascuno ha un tratto e lo tiene coi denti, ferocemente contendendolo all'avversario, incapaci di realizzare qualunque progresso, ma cupamente intestarditi ad impedirne all'avversario.”

Nota 607. Carlo Salsa. *Trincee...* p. 177.

“Gli alpini hanno iniziato l'azione dal fronte superiore, ma, appena hanno tentato di uscire, in fila, per il varco praticato tra i sacchetti, dal bastione di roccia che orla la cima come una corona titanica, sono partite delle fucilate solitarie, quasi di una vedetta sperduta tra i sassi. Ad ogni colpo, un alpino stramazza fra i nostri reticolari. Sono caduti tutti, uno sull'altro, in quella strettoia che, in breve, venne barricata dalla catasta umana.”

Nota 608. Angelo Paoli. *Memorie...*

“Le palle venivano come la tempesta, fischiavano attorno agli orecchi. I miei compagni della compagnia uno ferito da una parte uno dall'altra cadevano a terra gridavano piangevano sospiravano domandavano soccorso e non si poteva aiutarli. Facevano spezzare il cuore di compassione vederli penare così e non poterli aiutare... I morti e i feriti erano uno vicino all'altro chi senza gamba chi senza braccio chi spaccata la testa chi nel ventre che perdevano per fino le budelle. Era una roba che non si può nemmeno descrivere.”

Nota 609. Nicolò Carandini. *Il Lungo Ritorno...*, p. 56.

“E in quel cataclisma un povero tenente corre, cade, si rialza, si ripara nelle buche appena aperte, salta in un camminamento, ne esce a forza di braccia, progredisce a carponi terrorizzato non dalla paura...

non dal pensiero di trovar ricovero, ma unicamente e imperiosamente dall'ansia di avanzare, di raggiungere a qualunque costo quel luogo di pace dell'anima che è il suo posto in trincea, vicino alla sua arma, gomito a gomito coi suoi uomini, aggrappato al suo modesto e imperioso compito.”

Nota 610. Epistolário Orlando/SP, 5 set.1916...

“Vivo in trincera alle montagne di pietra, dormo all'aria libera e nelle caverne, per materasso tengo la paglia oppure la terra fresca.”

Nota 612. Carlo Salsa. *Trincee...* p. 73 e 202.

“come una moltitudine tacita dai mille volti sparenti. La tormenta s'è placata d'un tratto, ma nella calma fluente, dapprima rado, poi fitto come uno scroscio, riprende il gocciolío micidiale di tutte le ore notturne. Dalla marea di fango e di desolazione qualche sopravvissuto ha cominciato a sbucare, a brancolare”.

“Signor tenente, se riuscirà a andare in licenza, vada a dare questo bacio per me, alla mia mamma. Mi restò tra le braccia con gli occhi ancora vivi che mi ripetevano quel'ultima preghiera.”

Nota 614. Carlo Salsa. *Trincee...*, p. 67 e 68.

“metà vivo e metà liquefatto,”

“nelle buche imbottite di fanti: minuscole ampolle di vita in quel cimitero senza nome.”

Nota 616. Michele Rigillo. *La mia guerra...*

“Quale triste pietà fanno i morti! Ne ho visti ieri 26 allineati in un breve spiazzo, innanzi al posto di medicazione. Rimasero esposti per circa una giornata. Venne una pioggia torrenziale, e lavò quei visi, quelle mani rattrappite, dal sangue, dalla polvere, da tutti i detriti di tanti mesi in trincea. Erano come rimessi a nuovo. Si seppellirono nella notte in due grandi fosse, su cui sorgono ora delle bianche croci. Quando passo di là, il cuore mi dà un balzo. Ah! Io non dimenticherò mai quei 26 volti bianchi, quei corpi rigidi, inondati dalla pioggia. E soprattutto non dimenticherò una cassa da gallette, insanguinata, ove erano stati pietosamente raccolti i resti di un povero soldato fatto letteralmente a pezzi da una granata che lo investì in pieno.”

Nota 619. Carlo Salsa. *Trincee...* p. 41 e 42.

“Pare che i fermenti della giovinezza siano stati flagellati e dispersi da una raffica d'inverno in questi uomini tristi che sanno, che attendono, senza speranza.”

“Cose che fanno piangere.”

Nota 621. Carlo Salsa. *Trincee...*, p. 95.

“Non c'è nulla più triste della pioggia in trincea. Nulla più triste di questo grondare infinito nella solitudine e nel silenzio infiniti. Nulla che assomigli ai lividi di questi crepuscoli, al freddo di queste lontananze, al colore di questa malinconia. Il fossato in cui siamo sembra una piroga arenata in un oceano di fango. I soldati curvi sotto i tabernacoli dei teli da tenda e delle coperte inzuppate, si sono costruiti come delle zattere di sacchetti o di rottami, flagellati dalla pioggia, addossati gli uni agli altri, con i piedi immersi nella fanghiglia, come statue di creta non ancora dissepolti. Il maltempo allenta il ritmo della guerra, ma ci fa morire ugualmente di crepacuore.”

Nota 623. Carlo Salsa. *Trincee...* p. p. 80, 81 e 187.

“tronco decapitado, che è rimasto un attimo immobile prima di crollare.”

“Tutti sentono che c'è nell'aria qualcosa, e in tutti è un presagio che li fa tristi come condannati... in questa attesa di morire.”

Note 624. Nicolò Carandini. *Il Lungo Ritorno...* p. 55.

“Si sussurra, si attende quello che deve avvenire per rompere questo logorio senza fine.”

Nota 625. Felice Fossati. *Diario di Guerra...* p. 49 e 50.

“Per la prima volta, in quella tristissima situazione, provai un senso di stanchezza profonda, non soltanto fisica; di scoramento. Le urla dei feriti, il rantolo dei moribundos, il sangue che scorreva nel fango... Ricordo quel soldato austriaco che si premeva le mani sul ventre squarciato per contenere le viscere: uno spettacolo penoso e orrendo.”

Nota 626. Carlo Salsa. *Trincee...*, p. 91 e 103.

“Siamo soli in un imenso cimitero devastato dal cataclisma. C'è nell'aria un sentore di umidità e di decomposizione, di muffa e d'inverno. Vagolo tra questi sopravvissuti; mi pare che il cranio mi scricchioli tra le mani se chiudo gli occhi”.

“Questa sofferenza, [...] è uno dei tormenti intollerabili della nostra miseria; come la sete che ci avvampa il cervello, come il fetore dei cadaveri, come la bruttura del fango, come l'afflizione del sonno che ci fa talvolta, durante la notte, ciondolare d'improvviso la testa sul petto. La sera appende le sue nappi funeree alla malinconia che si prende il cuore in quest'ora immensa”.

Nota 627. Ernst Wisshaupt. *Memorie...*

“Accanto ad essi stava accovacciato quanto restava della schiera di eroi che in 15 giorni di lotta avevano continuato a ricacciare il nemico irrompente:... uomini modesti, angustati e silenziosi, con facce incorniciate dalla barba, pallide e corruciate. Una crosta di terreno grigiastro era attaccato alla pelle e alla divisa. Cupi ed incapaci ormai di emozioni, quegli uomini stanchi tenevano gli occhi fissi al suolo.”

Nota 629. Epistolário Orlando/SP... 30/1/1916.

“Zona de Guerra, 30 gennaio 1916. Carissima mamma. Ai ragione cara madre che alla prima fotografia ero sempre col viso contento. Piango sempre di essere lontano e di paura che non dovesse ritornare mai più a rivederte. Oramai già sono 7 mesi che Dio mi ha dato la grazia di essere ancora vivo, sotto migliaia di pericolo che già o passato, e ai quali non so quanto deverò passare ancora se non finirà la guerra. Figuratevi come sono scontento. Mi dispiace cara madre di andarti a dire che io sto scontento perchè non saprei se te la faranno ricevere questa lettera. Il governo non permette che io scrivo che mi trovo scontento, e poi non vorrei che vi penserete molto che io sto a soffrire...”

Nota 631. Carlo Salsa. *Trincee...* p. 113-114.

“Sono le ore in cui l'inverno del cuore si popola di gente che vien di lontano: le ore dei ricevimenti e delle visite. E c'è la mamma che arriva con gli occhi lustri, poveretta, perchè lei ha quell'eterna mania di credere che sia sempre capitata qualche disgrazia e che si soffra in trincea, mentre lui è lì che non è

mai stato tanto bene. E c'è il papà che l'ha finita di brontolare, finalmente, e pare che sia un pó imbarazzato di dover trattare con quel figlio che gli è cresciuto dinanzi d'un tratto, e gli è diventato umo."

Nota 632. Carlo Salsa. *Trincee...*, p. 216.

"Stamane è cominciato il diluvio. Le quote, dietro di noi, si son messe a ruggire come serragli. Per tutto Carso si elevò questo clamore sgomentevole, che si ripercuote cupamente come in un'enorme cavità della terra. Dinanzi a noi, il deserto cominciò ad emettere lunghe filastrocche di fumo, quasi che dalle feriti aperte filtrasse, vaporando l'anima di questa terra maledetta. A poco a poco le colonne bianchicce si sono attorcigliate, si sono fuse, si sono gonfiate in valanghe, insaponando il cielo. Oltre la linea austriaca non c'è che questo sipario che turbina, spiegato contro tutto l'orizzonte." "gli scavi che cesellano il terreno e che fanno pensare alla città abbandonata di una dinastia di trogloditi."

Nota 634. Hans Schneeberger. *La Montagna che Esplode...*, p. 53.

"Guardo di fronte a noi, verso sud... più in alto rispetto a noi, compare una banda luminosa. Come la punta di un ferro rovente scintilla attraverso la notte. Si accende, scompare e si accende di nuovo, per tre volte: il lanciafiamme. Non si scorgono sagome umane e nessun suono arriva fino a noi. Il pezzo al nostro fianco spara il suo quarto colpo. Un urlo straziante."

Nota 636. Francesco Laich. *Memoria autobiografica*

"Dalla Borcola a Vallarsa era un ininterrotto succedersi di bagliori e scoppi, e fiamme nel cielo, per i Schrappnels. Poi un fumo bigio coprì lentamente tutta la catena che di tanto in tanto un bagliore squarciava. Sembrava che tutta la montagna ardesse. Alle 22 (ore) l'inferno si calmò, e solo qualche razzo continuò di una luce intensa quella zona martoriata."

Nota 637. Hans Schneeberger. *La Montagna che Esplode...*, p. 86.

"come povere anime in pena."

Nota 638. Nicolò Carandini. *Il Lungo Ritorno...*, p. 58.

"Dopo la prima angoscia mi è entrato in cuore uno strano senso di ebbrezza, il sogno della fine della guerra di posizione e l'apertura della battaglia manovrata in pianura. È questa illusione che tiene alti gli spiriti."

Nota 641. Attilio Frescura. *Diario di un imboscato...* p. 114, pos.1322.

"Nell'aria è un odore grave e atroce di cadavere che afferra alla gola e mozza il respiro. I sepolti e gli insepolti mandano la vampata della loro putredine, che germina nella terra su cui mi inginocchio."

Nota 642. Carlo Salsa. *Trincee...*, p. 43.

"seminio di croci, alcune anonime, altre con nomi ignoti scarabocchiati a matita sui legni fradici, altre compiante da semplici parole d'affetto, altre vigilate da un bossolo di granata colmo d'acqua piovana ove qualche fiore gualcito si dondola in un'agonia infinita."

Nota 643. Felice Fossati. *Diario di Guerra: dalla Libia all'Isonzo...* p. 66.

“con il solito magro rancio. Ci concedono mezza gavetta di birra amara. Una giornata molto triste, col pensiero rivolto a casa, ai miei cari lontani e certo in pena per la mia sorte.”

Nota 644. Ernst Wisshaupt. *Memorie...*

“In pochi istanti trincee e camminamenti di collegamento vennero livellati sui ricoveri appoggiati alle rocce. La neve raggiunse in breve tempo l'altezza di metri, soffocava il fuoco nelle stufe ed ostruiva in continuazione la porta dei ricoveri stessi... Una compagnia zappatori che, doveva dare il cambio ad una di pionieri, dislocata sul Dente del Pasubio, si perse in mezzo alla bufera.”

Nota 645. Francesco Laich. *Memoria autobiografica...*

“Non si scorgevano che travi, pezzi di carta catramata e macerie varie che uscivano da blocchi di neve infangata che somigliava ad un mare in burrasca improvvisamente agghiacciato... L'opera di salvataggio fù penosa e quasi infruttuosa. Una lunga baracca, ricovero di giovanetti e vecchi, non ancora o più obbligati alle armi, ma militarizzati che conducevano i cavalli da soma, era sparita e scoperta in fondo alla valle troppo tardo per salvare i duecento disgraziati... I morti a centinaia, vennero sepolti nella stessa neve che poc'anzi era stata loro carnefice.”

Nota 647 . Carlo Salsa. *Trincee...*, p. 226.

“Guardiamo il cielo lontano, le case lontane che si stellano di lumi a sera, con una angoscia indicibile. La fame ci artiglia le viscere, ma non è forse la fame che ci fa più soffrire: è questa esclusione dal mondo, questa clausura indeterminata, questo enorme bisogno di vivere che si dibatte ciecamente in noi, e che ci sembra debba un giorno spalancarci nel cranio un vuoto di pazzia.”

Nota 649. Carlo Salsa. *Trincee...* p. 199.

“Tutto il mondo è circoscritto a questa proda sospesa sulla morte, su cui passiamo e ripassiamo da tempo inconsapevole. Di tutti questi mesi, non rimane nel mio cervello se non uno spettacolo di demolizione su uno sfondo di biacca. L'inverno ci comprime il cuore come una pressione di ghiacci. Attendiamo freddamente, tristemente, come una liberazione da quei poveri uomini che siamo.”

6.3. O Passado Desdobrado

Nota 650. *Fanfulla*, 18.7.1915, p. 2.

“La patria há chiamato sotto le armi i suoi figli perché è minacciata da un grave pericolo. Si tratta d'una lotta di vita o di morte per l'Italia. Se le vicende della guerra non ci fossero favorevoli, il nostro paese diverrebbe una provincia dell'Impero austriaco, un Vice-Reame in mano di un Principe d'Absburgo... Tutto lo sforzo stupendo che è la gloria e la dignità dell'Italia rinnovata, resterebbe distrutto. Torneremmo ciò che eravamo prima del 1859, e la dominazione straniera sarebbe più dura, perché mai come ora è stato grande l'odio austriaco e tedesco contro di noi. ... Ogni cittadino italiano ha dunque una azione patriottica da compiere e deve compierla senza esitare con buona volontà e con slancio.”

Nota 651. Epistolário Orlando/SP... 2/8/1916.

“Carissima adorata madre. Non puoi immaginare che grande allegria di ricevere la tua cara adorata lettera colla data del 24 del mese scorso... La fotografia di garrafa intera (corpo intero) di Luigino, la grande gioia di vederlo così elegante e bello ho pianto di contentezza di vederlo (vedere) il suo viso dopo un anno, ogni momento non faccio altro di stare a guardarlo. Mi ricordo la vigilia della mia partenza (quando) lo visto l’ultima volta al giardino del teatro Municipale e lui senza sapere che (cosa) doveva succedere il giorno appresso di avere un fratello che partia (partiva), senza sapere se ritorna (ritornava). La sua bella posizione nella fotografia al Giardino della Luce, alla bella cascata dove mi ricordo che ci sono (siamo) stato molte volte, specialmente andavo sempre bere la bella acqua fresca che correva della sorgente della Cascatão... Almeno se muoio avrò il suo sguardo che mi accompagna (accompagnerà) al tumulo sacro degli eroi della patria.”

Nota 666. Luigi Pirandello. *Novelle per un anno...*

“[...] — Non sono io forse viva sempre per te? — Oh, Mamma, sì! — io le dico. — Viva, viva, sì... ma non è questo! Io potrei ancora [...] ignorare il fatto della tua morte, e immaginarti, come t’immagino, viva ancora laggiù, seduta su codesto seggiolone nel tuo solito cantuccio, piccola, coi nipotini attorno [...] Ma io piango per altro, Mamma! Io piango perché tu, Mamma, [...] tu non puoi più pensarmi com’io ti penso, tu non puoi più sentirmi com’io ti sento! Tu l’avrai sempre, sempre, nel sentimento mio: io, Mamma, invece, non l’avrò più in te. Tu sei qui [...] vedo la tua fronte, i tuoi occhi, la tua bocca, le tue mani; vedo il corrugarsi della tua fronte, il battere dei tuoi occhi, il sorriso della tua bocca, il gesto delle tue povere piccole mani offese; [...] sei qui davanti a me una realtà vera; ma che sono io, che sono più io, ora, per te? Nulla. Tu sei e sarai per sempre la Mamma mia; ma io? Io, figlio, fui e non sono più, non sarò più.”

Nota 667. Epistolário Orlando/SP... 31/4/1916.

“Carissima mamma [...] mi dici che ritorna molti soldati all’improvviso, ma io non mi posso fare capire come hanno fatto ritornare oppure credo che hanno disertato. Io cara madre non posso ritornare se la guerra non finisce, speriamo a Dio che finirà presto, così potrei ritornare al tuo seno per poterti riabbracciarti dopo tanti mesi lontano da te, perché io disertare mai lo farò. Tradire l’Italia sarà un vigliacco come hanno fatto vari soldati. Io invece no, meglio morire e non tradire i tre collori.”

Nota 668. Epistolário Orlando/SP... 1/6/1917.

“Cara amata mamma, [...] mi dispiaci a dirtelo, col certificato del console che mi hai mandato è tutto inutile per farmi congedare se prima la guerra non finisce. [...] Per ritornare a abbracciarti, come fare; disertare? Questo mai e poi se mi venissi la idea di disertare da dove passerò e se me pescassero allora non te potrei rivedere mai più, perché c’è uma brutta condanna ai disertori [...] ‘la fucilazione’. Dunque cara madre datti coraggio, abbia fede a Dio, mi sacrificherò fino all’ultimo per un giorno avere la fronte in alto, dopo lunghi mesi di sofferimenti.”

Nota 670. Valentino Daberto. *Le mie Guerra...* p. 26;

“Il 1 luglio mattina messa e confessione e comunione per i cattolici, per gli evangelici assoluzione. Da notare che fra noi vi erano tanti evangelici, e anche le domeniche facevano due gruppi, perche loro andavano nella sua chiesa che era bellissima essendovi stato anchio piu volte.”

6.5. O Ramo Perdido

Nota 684. Vittorio Locchi. *La Sagra di Santa Gorizia...*

“E voliamo nel sole, / anima mia! / Facciamoci coraggio / e, colla voce tremante / della passione,
cantiamo / i fratelli di campo: / quelli che vissero, / quelli che morirono, / quelli che fra la morte / e la
vita / sbiancano nei letti / lontani, e in sogno delirano, / credendosi ancora sul Carso / e sull’Isonzo, /
sul Calvario / e sul San Michelle, / nella mota rossa / e nelle pietraie / seminati di morti / che
guardano il cielo / sotto la pioggia, / sotto la bora, / mentre sventolano i ventagli / delle mitragliatrici.

APÊNDICE II

Principais ações e realizações do Reino das Duas Sicílias 1735-1860

Reinado de Carlo de Bourbon. 1735 - 1759

- 1735: Reordenamento do sistema fiscal.
- 1735: Primeiro código de comércio.
- 1735: Criação da primeira cátedra de Astronomia e Náutica, sob a direção de Pietro De Martino⁷⁰¹, na Universidade de Nápoles⁷⁰².
- 1735: Criação da mais antiga Academia Naval da Itália, a *Real Accademia di Marina* sob o nome de *Accademia de los Guardia Estendardes de las Galeras*.
- 1737: Fundação de diversas escolas para a produção de manufaturas artísticas, entre as quais a famosa *Real Fabbrica della Porcellana di Capodimonte*.
- 1737: Inauguração do mais antigo teatro lírico da Europa, ainda ativo, o *Real Teatro di San Carlo*. (O *Teatro La Scala*, de Milão foi inaugurado em 1778 e o *Gran Teatro La Fenice*, em Veneza, em 1792 e reconstruído em 1836 e 2003).
- 1738 a 1748: Período de grandes pesquisas arqueológicas, com a redescoberta das antigas cidades de Herculano (1738:) e Pompéia (1748), e o início das primeiras escavações.
- 1751: Início da construção de diversos palácios, como a *Reggia di Portici*, a *Reggia di Capodimonte*, a *Reggia di Caserta* (Patrimônio da Humanidade), o *Real Albergo dei Poveri*, o maior palácio monumental de Nápoles e uma das mais grandiosas edificações setecentista da Europa.
- 1753: Construção do *Acquedotto Carolino*, também conhecido como *Acquedotto di Vanvitelli*⁷⁰³ do qual se destaca, particularmente, a *Ponti della Valle* que atravessa todo o vale de *Maddaloni* unindo o monte *Longano* ao monte *Garzano*. Este aqueduto foi reconhecido em toda a Europa como uma das obras de maior interesse arquitetônico e de engenharia hidráulica do século XVIII⁷⁰⁴.
- 1754: Criação da primeira cátedra de Economia Política do ocidente, sob a orientação de Antonio Genovesi⁷⁰⁵, cujas ideias influíram muito no desenvolvimento do Iluminismo na Itália meridional.

⁷⁰¹ Pietro De Martino (Benevento, 31/5/1707-Napoli, 1746).

⁷⁰² A *Università degli Studi di Napoli Federico II*, foi fundada em 1224 por Federico II de Hohenstaufen, da Dinastia Suábia, rei das Duas Sicílias entre 1197 e 1250 e do Sacro Império Romano. Entre seus célebres alunos figuram os nomes de São Thomas Aquino (filósofo e teólogo), que também foi professor na universidade, e Giordano Bruno (filósofo, frade Dominicano, matemático e astrônomo). O reino das Duas Sicílias possuía ainda a Universidade de Catania (1434), de Messina (1548), e de Palermo (1806).

⁷⁰³ Luigi Vanvitelli (Nápoles, 1700-Caserta, 1773). Autor do projeto do *Acquedotto Carolino*, construído para abastecer o complexo de *San Leucio* e a *Reggia di Caserta*, projetada também por Vanvitelli.

⁷⁰⁴ CUNDARI, Cesare e BAGORDO, Giovanni Maria. L' *acquedotto Carolino*, vol. 1. *Documenti grafici architettura e ambiente*. Ariccia, Roma: Aracne Editrice, 2012.

⁷⁰⁵ Antonio Genovesi (Castiglione, 1713 - Nápoles, 1769): escritor, filósofo e economista italiano, autor de três grandes obras: *Metafísica Elementar* (1743), *A Instituição da Lógica* (1746) e *Lições de Comércio ou Economia Civil* (1765). OLIVEIRA, Aline Brito de. Antonio Genovesi na Bibliografia oficial do Marquês

- 1758: Fundação da maior fábrica de armas do Reino das Duas Sicílias, considerada uma das melhores da Europa na produção de armas portáteis e de luxo: a *Reale Fabbrica d'Armi di Torre Annunziata*, executada por Francesco Sabatini a partir do desenho de Luigi Vanvitelli, que permitiu a autonomia do reino em relação à produção estrangeira.

Reinado de Ferdinando I de Bourbon. 1759 – 1825

- 1762: Fundação da Academia de Arquitetura, uma das primeiras e mais prestigiadas da Europa.
- 1762: Construção do primeiro cemitério para as classes menos favorecidas, na colina de Poggioreale, em Nápoles: *Cimitero Monumenale Santa Maria del Popolo* ou *Cimitero delle 366 Fosse*.
- 1771: Fundação do *Polo Siderurgico di Mongiana* ou *Reali Ferriere ed Officine di Mongiana*, considerado um extraordinário exemplo de arqueologia industrial.
- 1778: Criação de um serviço de tutela monumental na Sicília, com duas “Custódias Reais” sob a responsabilidade do Príncipe Ignazio di Biscari e do Príncipe de Torremuzza. Biscari foi autor de numerosas descobertas arqueológicas em Catania, promovendo escavações em Camarina, Siracusa, Lentini e Taormina. O Príncipe de Torremuzza dedicava-se à numismática.
- 1779: Criação, em Caserta, da *Manufatura Têxtil de San Leucio*, que recuperava a antiga tradição local da arte da seda.
- 1781: Primeiro código marítimo do mundo (*Codice Ferdinando* ou *Codice marittimo compilato per ordine di S. M. Ferdinando IV*), redigido por Michele De Jorio.
- 1781: Primeiro mapa cartográfico das Duas Sicílias (*Atlante Marittimo delle Due Sicilie*), obra de Antonio Rizzi Zannoni, considerada pelos seus contemporâneos como uma das melhores da Europa.
- 1782: Primeira intervenção na Itália de profilaxia anti-tuberculose.
- 1783: Elaboração da primeira norma antissísmica da Europa, válida até hoje, segundo sustentam cientistas do CNR-Ivalsa, de San Michele all'Adige⁷⁰⁶.
- 1783: Fundação do *Cantiere Navale di Castellammare di Stabia*, o maior do Mediterrâneo, com condições de serviço que nenhum outro arsenal italiano igualava⁷⁰⁷.
- 1787: Fundação em Nápoles, na colina de Pizzofalcone, de uma das mais antigas escolas de formação militar da Itália e do mundo, atualmente conhecida como *Scuola Militare Nunziatella*, que uniu diversos institutos de formação militar já existentes,

de Pombal. In: *Usos do Passado*. XII Encontro Regional de História, Anpuh, Rio de Janeiro, 2006; GRASSO, Alfonso. *I “Lumi” Napoletani: Antonio Genovesi: la Vita, le Opere, il Pensiero*. Disponível em: <<http://www.ilportaledelsud.org/genovesi.htm>> Acesso em: 5/9/13>.

⁷⁰⁶ CURZEL, Elisabetta. Case antisismiche: i sistemi dei Borbone sono validi ancora oggi. *Corriere della Sera*, 9 settembre 2013. Disponível em: <http://www.corriere.it/scienze/13_settembre_09/terremoto-case-antisismiche_6b8cff0a-1923-11e3-965e-2853ac612ccd.shtml>. Acesso em 22 set.2013.

⁷⁰⁷ Até a anexação do Reino das Duas Sicílias, entre 1734 a 1860, foram construídas em *Castellammare di Stabia* 135 embarcações entre fragatas, corvetas e navas a vapor, além de 300 unidades de peças menores como canhoneiras, bombardeiros e outros.

como a *Real Academia de los Guardia Estandares de las Galeras* (1745), a *Accademia del Corpo degli ingegneri militari* (1754), a *Reale Accademia Militare* (1769), além do *Battaglione Real Ferdinando* (1771)⁷⁰⁸.

- 1788: Construção do segundo instituto de surdos-mudos da Itália, o *Istituto Governativo di rieducazione per i sordomuti di Napoli*.
- 1788: Fundação da Academia de Belas Artes e Ciências, em Nápoles, e da Biblioteca de Palermo.
- 1799: Criação de escolas gratuitas em cada cidade, e transformação da Casa dos Jesuítas de Nápoles em orfanato.
- 1799: Organização e construção do Horto Botânico em Palermo, do porto de Nápoles e da Igreja de São Francisco de Paula.
- 1801: Fundação do primeiro museu mineralógico da Itália (*Real Museo Mineralogico*).
- 1812: Primeira escola de dança da Itália, anexa ao Teatro San Carlo.
- 1813: Construção do primeiro hospital psiquiátrico - *Reale Morotrofio di Aversa*.
- 1818: Primeiro navio a vapor do Mediterrâneo e o primeiro do mundo a navegar no mar e não em águas internas, batizado de *Ferdinando I*, e construído no *Cantiere di Stanislao Filosa al Ponte di Vigliena*, próximo a Nápoles.
- 1819: Primeiro observatório astronômico projetado exclusivamente para essa função, que se estabeleceu em *Capodimonte*.
- 1821: Vacinação obrigatória contra a varíola. Os pais que não vacinassem os seus filhos eram excluídos, por lei, de qualquer emprego (no reino da Sardenha a vacinação tornou-se obrigatória só em 1859).

Reinado de Ferdinando II de Bourbon – 1830 - 1859

- 1832: Primeira ponte suspensa da Itália e da Europa continental, e segunda da Europa (a primeira foi construída na Grã Bretanha em 1824). Construída sobre o rio Garigliano, a *Ponte Real Ferdinando* foi dedicada a Ferdinando I, avô de Ferdinando II. Idealizada por Carminantonio Lippi e realizada por Luigi Giura, era considerada, do ponto de vista construtivo, a vanguarda da Europa, e um dos exemplos de arquitetura industrial do Reino das Duas Sicílias.
- 1836: Primeira companhia de navegação a vapor do Mediterrâneo.
- 1837: Fundação da *Società Industriale Partenopea*, que se dedicava particularmente à tecelagem do algodão e do linho, estabelecida ao longo do rio Palazzo, pequeno afluente do rio Sarno.
- 1839: Nomeação de uma Comissão de Antiguidade e Belas Artes para tutela e conservação dos bens artísticos.

⁷⁰⁸ Com a ocupação francesa, depois de 1799, e a subsequente proclamação da República Napolitana, a escola teve seu nome mudado por várias vezes, até assumir a denominação de *Reale Accademia Militare*, em 1819. Com a unificação política a academia passou a ser um instituto secundário, dedicado à preparação de alunos para as academias de Turim e de Modena, assumindo a denominação de *Collegio Militar di Napoli*. A partir de 1953 passou a se chamar *Scuola Militare Nunziatella*, constituindo um dos complexos arquitetônicos monumental da cidade.

- 1839: Instalação da primeira iluminação pública a gás da Itália, e terceira da Europa (depois de Londres e Paris).
- 1839: Primeira estrada de ferro da Itália, a *Napoli-Portici*, inaugurada em três de outubro. A ferrovia se estendeu para Torre del Greco (1840), Castellamare di Stabia (1842), Nocera (1844). Outro ramo seguiu para o norte, alcançando Caserta (1843) e Capua (1844).
- 1840: Fundação do *Real Opificio Borbonico di Pietrarsa*, complexo de natureza socioeconômica, o primeiro do gênero em toda a Itália a se ocupar da construção de locomotivas.
- 1841: Primeiro observatório vulcanológico (*Osservatorio Vesuviano*) em Ercolano.
- 1843: Primeiro navio de guerra (fragata a vapor), projetado e construído inteiramente no Reino, em *Castellammare di Stabia*.
- 1845: Primeira locomotiva a vapor da Itália, construída em Pietrarsa.
- 1845: Inaugurado o *Osservatorio Metereologico*, aos pés do Vesúvio.
- 1847: Construção de 22 hospitais.
- 1848: Primeiro experimento de iluminação elétrica da Itália, na praça principal de Lecce, por obra do mons. Giuseppe Candido, por ocasião da festa ao patrono da cidade.
- 1852: Primeiro telégrafo elétrico da Itália, inaugurado em 31 de julho..
- 1853: Primeiro transatlântico a vapor, o *Sicília*, que chegou em New York, após 26 dias de navegação.
- 1856: Primeiro sismógrafo eletromagnético no mundo, construído por Luigi Palmieri⁷⁰⁹ e as primeiras conexões telegráficas, estabelecidas entre Capua e Caserta e entre Nápoles e Palermo, na Sicília.
- 1856: Primeiro prêmio internacional pela produção de massas alimentícias (Exposição Internacional de Paris: terceiro país do mundo em desenvolvimento industrial); primeiro prêmio internacional pelo processamento de corais (Mostra Industrial de Paris).
- 1859: Primeiro Estado Italiano na produção de luvas (700.000 dúzias de pares ao ano).
- 1859: Construída em *Castellammare di Stabia* o primeiro navio militar à hélice, a fragata *Borbone*, última nave construída pela Marinha napolitana.
- No momento da unificação, em 1860, o reino meridional contava com:
- A primeira frota mercantil da Itália (segunda da Europa) e a primeira frota militar (terceira da Europa, depois da britânica e francesa)
- O primeiro navio a hélice (*Monarca*) da Itália, construído em *Castellammare*.
- A maior indústria naval da Itália em número de operários (*Castellammare di Stabia*: 2.000 operários)
- Era o primeiro entre os Estados italianos em número de orfanatos, instituições de acolhimento, colégios, conservatórios e estruturas de assistência e formação.
- Instituições de colégios militares, como a *Scuola Militare Nunziatella*, o instituto de formação militar mais antigo da Itália, e um dos mais antigos do mundo.

⁷⁰⁹ Istituto Nazionale di Geofisica e Vulcanologia. Disponível em: <<http://www.ov.ingv.it/ov/it/storia-dellosservatorio/luigi-palmieri.html>>. Acesso em: 23 set.2014.

- As primeiras agências turísticas italianas.
- O percentual mais baixo de mortalidade infantil da Itália.
- O mais alto percentual de médicos por habitantes da Itália⁷¹⁰.
- O maior número de teatros da Itália e o mais antigo teatro operante na Europa, inaugurado em 1737 (*Teatro San Carlo*).
- O primeiro “Plano Regulador” da Itália, para a cidade de Nápoles.
- O maior número de tipografias italianas (113 em Napoli).
- O maior número de publicações de jornais e revistas.
- Os primeiros cheques bancários da história econômica (título nominativo com garantia fiduciária)
- A mais alta cotação de renda dos títulos do Estado (120% na Bolsa de Paris).
- O menor encargo tributário do erário na Europa.
- A maior quantidade de liras-ouro nos Bancos Nacionais (de 668 milhões de liras-ouro, patrimônio de todos os Estados italianos juntos, 443 milhões eram do reino das Duas Sicílias).
- O monopólio mundial do enxofre, com mais de 400 minas, que cobria cerca de 80% da produção mundial de enxofre e afins.

⁷¹⁰ O Reino Das Duas Sicílias tinha a mais alta percentagem de médicos por habitante de toda a Itália: 9.390 para um total de 9.058.190 habitantes.